

ALPHA WOLF

CAROLINE PECKHAM

SUSANNE VALENTI



2025

SINOPSE

Vim aqui com um único objetivo em mente.

Uma meta.

Um propósito.

Escapar da Penitenciária Darkmore.

Mas fui tola em pensar que seria tão simples.

E agora, com cada vez mais Fae dependendo de mim para tirá-los deste pedaço do inferno, me vejo incapaz de fazer absolutamente nada.

Mason Cain me apunhalou pelas costas e me deixou apodrecendo no escuro. Então, agora tenho outro objetivo em mente antes de escapar deste lugar, porque ninguém se mete com a Rainha do Clã Oscura e vive para contar a história. No momento em que eu sair daqui, meus olhos estarão voltados para ele.

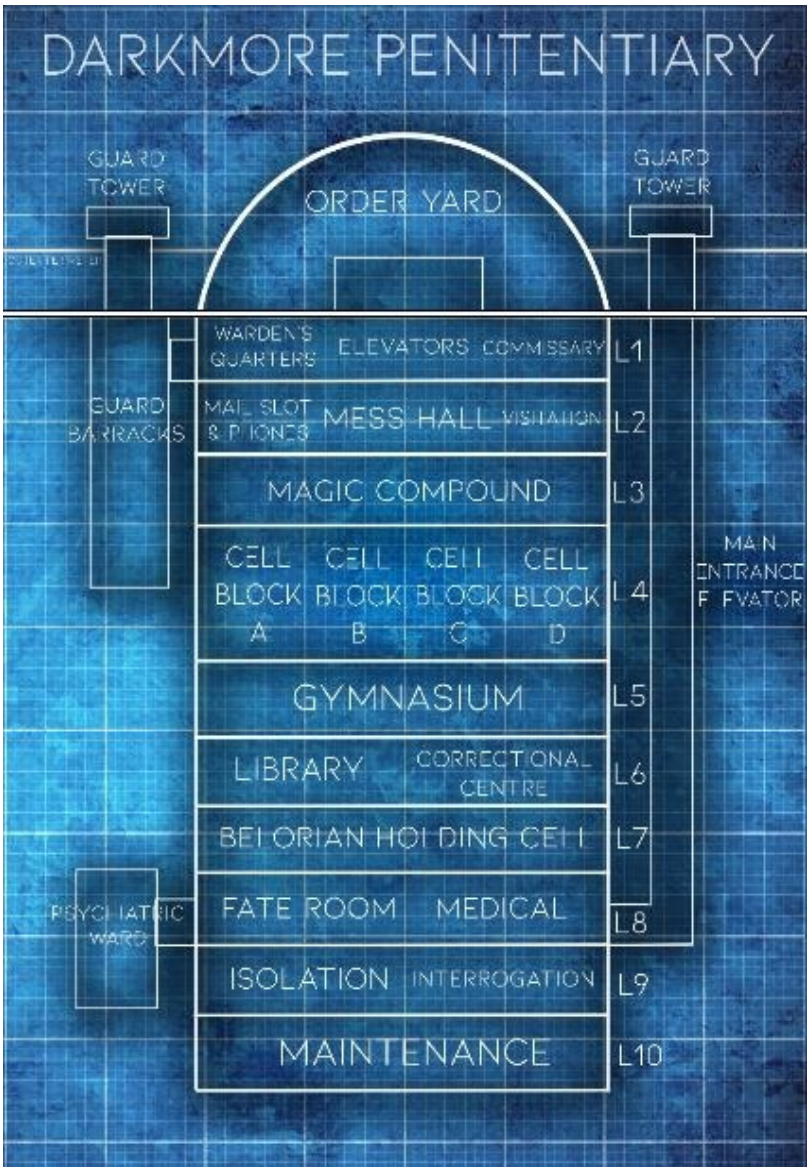
Entre os quatro machos alfa me atraindo, os psicopatas tentando me matar e o monstro vagando pelos corredores à noite, estou com as mãos ocupadas aqui.

Mas uma coisa é certa.

Não vou jogar minha vida fora neste lugar. Então, farei o que for preciso para escapar.

AQUI ESTÁ SEU MAPA DA PENITENCIÁRIA DARKMORE.

Seus direitos foram revogados, sua punição foi decidida, sua sentença está prestes a começar. Lute por seu lugar como Fae, ou morra e seja esquecido. Esta é sua única chance de redenção. Que as estrelas estejam com você.





Eu estava trancado na minha cela, com o peito arfando e os ouvidos zumbindo. Senti a dor por Rosalie, capturado pela agonia de perdê-la, pela possibilidade de que ela fosse morrer. Se o Beloriano a tivesse atingido, a culpa era minha. Eu o havia mandado para lá. Mas então, tão rapidamente quanto começou, a dor diminuiu e eu senti a conexão com ela ainda pulsando intensamente em minhas veias. Onde quer que ela estivesse, ela estava viva. E eu tinha que agradecer às estrelas por aquela pequena misericórdia esta noite.

Pendurei um lençol sobre as grades e andei de um lado para o outro na cela. Ninguém podia me ver. O que significava que ninguém podia ver a chave da algema na minha mão também. Eu a havia tirado do bolso de um dos ladrões mais notórios de Solaria enquanto ele era arrastado escada acima ao meu lado. Quase sucumbi à tentação de usá-la, sair daquele bloco de celas e caçar minha companheira. Mas consegui manter um pouco de sanidade. Os guardas estavam escalando as paredes esta noite. Só no meu bloco, estava lotado deles. Magia ou não, eu não teria dado dois passos além da minha cela antes que eles me desarmassem.

Porra. E agora? Como eu lidaria com esse furacão furioso dentro de mim? Eu precisava de uma válvula de escape. Eu precisava lutar contra alguém ou alguma coisa. Não...

Parei de andar de um lado para o outro, um pensamento se apoderando da minha mente. Eu precisava ver Rosalie. Precisava segurá-la nos braços e beijá-la até que ela não conseguisse respirar. Não conseguir ver se ela estava bem com meus próprios olhos estava me deixando louco. E com o caos que se instalou nos corredores, ninguém iria checar minha cela tão cedo. Pelo menos, eu tinha que torcer para que não.

Dane-se.

Corri para a parede dos fundos, desbloqueei minha magia e conjurei uma bolha silenciadora antes de criar ferramentas de gelo para esculpir os tijolos. Um por um, eles se soltaram e eu os empilhei cuidadosamente, com o coração batendo desafinado. Eu sabia que não estava fazendo o melhor trabalho, mas minha mente estava presa nela. Minha garota. Minha inimiga. Minha companheira. Não importava todo o ódio que existia entre nossos povos, nada neste mundo poderia me impedir de estar com ela esta noite.

Quando finalmente consegui um buraco grande o suficiente para passar, lancei cuidadosamente um feitiço de ilusão atrás de mim, fazendo a parede parecer intacta e criando um volume em forma de corpo na minha cama que enganaria qualquer guarda à primeira vista. Mas qualquer um que olhasse mais de perto veria através dela bem rápido.

Havia tanto caos em Darkmore agora que eu teria que rezar para que tivesse uma oportunidade aqui.

Atravessei o espaço atrás das celas, contando os blocos enquanto me aproximava da garota por quem eu ansiava. Eu a observava há um tempão e sabia exatamente em qual cela ela estava. Eu conseguia imaginá-la ali, deitada em seu beliche, do jeito que ela provavelmente me faria cara feia por ter vindo sem ser convidado, mas então ela cederia ao perceber que eu não estava na ofensiva naquela noite. Eu só precisava segurá-la em meus braços e sentir seu coração bater contra o meu. *Pelo sol, o que está acontecendo comigo?*

Eu tentaria lutar contra esse sentimento normalmente, mas o vínculo de companheiro não se acalmaria naquele momento, como se a própria lua estivesse encorajando minhas ações. Eu precisava sentir o peso dela em meus braços, seus lábios macios contra os meus, sua boceta pulsante em volta do meu... *tudo bem, seu babaca, não vamos nos empolgar.*

Finalmente cheguei à cela dela e encostei o ouvido na parede. Ouviam-se gritos vindos do bloco de celas, mas eu não conseguia distinguir se eram os guardas ou os colegas de cela, então lancei um feitiço de amplificação para ouvir melhor. Então fechei os olhos enquanto me concentrava e reconheci Plunger cantando as cores do arco-íris, como se aquilo não fosse assustador pra caramba. Tirando isso, eu não conseguia ouvir nenhum guarda dando ordens por perto. E isso teria que ser o suficiente.

Imaginei-a lá dentro, desejando ardentemente que um Lobo forte viesse e beijasse seus lábios solitários.

Shadowbrook ao resgate.

Usei um picador de gelo afiado na mão e comecei a retirar um dos tijolos da parede até conseguir enxergar dentro da cela. Meu

coração se partiu no peito ao perceber que o espaço estava vazio e todo o oxigênio parou de fluir para os meus pulmões.

"Rosalie?" Sibilei, só para o caso dela estar em um dos meus pontos cegos perto da parede. Mas não recebi resposta. "*Amor?*" Rosnei, o medo começando a me cortar o peito.

"Shadowbrook?" A voz de Roary veio da abertura à minha direita, com raiva impregnando seu tom. "Seu merda. Vou quebrar suas pernas por roubar essa chave."

"Onde está Rosalie?" Rosnei, ignorando a ameaça. Se Roary quisesse lutar comigo, Fae contra Fae, eu ficaria mais do que feliz em aceitar o desafio, mas agora tudo o que me importava era encontrar minha companheira.

Houve uma pausa tensa, então Roary finalmente respondeu. "Ouvi dizer que ela está no buraco," murmurou. "Alguns guardas estavam discutindo isso no nosso bloco."

"Porra," sibilei. "Por quanto tempo?"

"Não sei," disse ele, amargamente. "Você vai me devolver essa chave, Shadowbrook. Ela a deixou aos meus cuidados. Ela *confia* em mim."

Ignorei a pontada no peito ao perceber que ela *não* confiava em mim. Não era de se surpreender; eu também não confiava nela. Mas o fato dela ser minha companheira significava que eu ainda esperava coisas dela que nunca conseguiria. Poderia ser irracional, mas eu culparia a lua por isso e me concentraria apenas na minha garota por enquanto. Se eu começasse a questionar minha sanidade mental por causa disso, seria uma noite e tanto, porque, por mais que eu quisesse negar, Rosalie Oscura havia se infiltrado em mim e eu tinha quase certeza de

que não havia como tirá-la de lá agora.

“Eu mesmo vou proteger para ela,” rosnei. “E tenho certeza de que ela vai chupar meu pau, obrigado.” Melhor esfregar na cara dele, já que o Roary Night estava sempre farejando a minha garota. Ele sabia que ela era minha companheira agora, então podia se afastar se soubesse o que era melhor para ele.

“Aviso final,” rosnou Roary, um rosnado baixo de Leão vindo de sua cela. Senti um arrepio na espinha e arreganhei os dentes diante do desafio.

“Vai se foder,” eu disse calmamente, em seguida empurrei o tijolo de volta no lugar, selando-o com gelo antes de me virar na direção da minha cela.

Meu coração batia forte e furioso enquanto eu voltava para lá, me esgueirando para a segurança da minha jaula particular e consertando a parede, fazendo uma pasta com a argamassa esfarelada e selando tudo de volta. Quando terminei, levantei-me e tirei a chave do bolso, virando-me para encarar as grades no momento em que o lençol foi repentinamente puxado. Eu estava com a chave pronta para trancar minhas algemas quando meu olhar se chocou com o do Oficial Rind, seus olhos redondos se estreitando como se eu estivesse brandindo um pano vermelho para um touro... ou Minotauro, como talvez fosse o caso. Meu estômago se apertou e meu coração disparou para a garganta pouco antes dele gritar em alarme e entrar em ação.

“Precisamos de reforços! Código cinquenta e dois!” Ele atirou cipós em mim através das grades, que agarraram meus pulsos no momento em que eu ergui as mãos em sinal de rendição.

Já havia quatro guardas correndo atrás dele, magia

rodopiando em suas palmas e o medo fez meu coração disparar. Se eu lhes desse a mínima desculpa para me matar, eles o fariam. Então, deixei a chave cair da minha mão, o pequeno triângulo de metal tilintando pelo chão enquanto eu me ajoelhava e deixava Rind me amarrar com mais videiras. Meu mundo se estilhaçou em um milhão de pedaços quando a porta da cela foi aberta e eu fui arrastado para fora de lá, forçado de cara no chão enquanto um oficial se ajoelhava nas minhas costas e se certificava de que minhas algemas estavam reativadas, bloqueando minha magia. Conforme a sensação do meu poder desaparecia do meu alcance, eu nunca me senti tão impotente. Rosalie precisava de mim onde quer que estivesse, eu podia sentir isso em meu coração e alma. E em vez de ir até ela e ser o Lobo de que ela precisava, eu estava de volta à mercê de nossos captores, eu havia perdido a chave e só as estrelas sabiam quais punições eu teria que suportar agora.

Meus Lobos uivavam, mas eu não conseguia uivar de volta quando o choque tomou conta de mim. Eu tinha sido pego de posse de uma chave de algema. Eles acrescentariam no mínimo dez anos à minha sentença quando eu estava prestes a sair. Só me restavam algumas semanas naquele inferno, o gosto da liberdade cobria minha língua e soprava meu nome no vento. E agora ela havia sido arrancada de mim.

Tudo porque não consegui resistir à vontade de ficar longe da minha companheira.

Porra.

Porra.

PORRA!

“Leve-o para interrogatório,” a voz rouca do Oficial Nixon me

alcançou e meu sangue gelou. “Precisamos descobrir todos os feitiços que ele lançou. Quaisquer vestígios que ele possa ter deixado pela prisão. E, pelo amor de Deus, revirem a cela dele fora.” Passos marcharam para dentro da minha cela enquanto eu era arrastado. A pasta que eu usei para consertar as paredes não deixaria uma assinatura mágica, apenas as ferramentas que eu criei. Mas elas já tinham sumido há muito tempo, então não havia nada para encontrar lá. E eu com certeza não contaria meus segredos para o Sr. Quentin. Mas isso não significava que não fosse doer pra caramba.



Fiquei com o psicopata assustador do Quentin por três dias inteiros antes do interrogatório terminar. Não contei uma palavra da verdade, nada sobre Rosalie ou Roary, ou quaisquer planos que eles estivessem escondendo com aquela chave. Mordi a língua, fazendo o que qualquer Fae que se preze faria, e me recusei a contar uma palavra da verdade enquanto era cortado e submetido a todo tipo de veneno antes de ser curado da beira da morte. Não foi bonito. E com certeza deixaria uma marca em mim, mas eu já havia enfrentado interrogatórios com Quentin antes. Seus dons eram fortes, mas não tão fortes. E eu sabia como esconder informações quando tinha tempo para me preparar. Era tudo uma questão de cobrir memórias com novas, pensando em cada uma que eu queria esconder e reconstruindo-as para encobrir os segredos que elas continham. Contanto que eu estivesse pronto para enfrentá-lo, nada do que ele fizesse jamais me quebraria. Ele tentou usar tortura física para me enfraquecer

primeiro, mas eu tinha sido treinado pelo maior e mais malvado Lunar que já conheci para lidar com a dor. Então não havia chance disso funcionar comigo. A verdadeira ferida que nunca cicatrizaria era a sentença que me foi imposta no dia em que voltei para a população geral.

O Oficial Nixon caminhou ao meu lado com um sorriso presunçoso nos lábios finos; ele era um babaca alto, careca e brilhante, com sobrancelhas grossas e pretas. “Então, ouvi dizer que você vai ficar aqui por mais quinze anos. Dez por roubar uma chave de algema e mais cinco pela intenção de usar sua magia para fins tortuosos. Você pode pegar mais cinco se provarem que você libertou o Beloriano.” Ele me olhou como se procurasse sinais de culpa em meu rosto. “*E* como os boatos se espalham rápido por aqui. Metade dos presos já acha que você é culpado. E muitos deles estão realmente putos desde que seus amiguinhos foram comidos pelo monstro que você soltou.”

“Eu não o soltei,” rosnei, com um tom de advertência no tom, embora o que eu pudesse realmente fazer com aquele filho da mãe fosse bem limitado. E provavelmente me daria mais alguns anos neste lugar. *Merda, como vou explicar isso para as minhas irmãs?*

Culpa misturada com medo se agitava dentro de mim. Eu estive tão perto da libertação. Tão perto. Eu estava contando as semanas, os dias. Houve momentos em que quase pude sentir o gosto do ar fresco me esperando lá em cima, acima do solo.

Engoli um gemido, mantendo minha expressão dura e impenetrável enquanto o braço de Nixon roçava no meu.

“Claro, eu sempre posso cuidar de você aqui, Um,” murmurou ele. “Você coça minhas bolas e eu coço as suas, que tal?” Ele me

lançou um olhar sugestivo, a língua molhando os lábios num movimento lento e assustador pra caralho, e meu lábio superior se curvou para trás.

"Se você colocar suas bolas em qualquer lugar perto de mim, eu vou arrancá-las e enfiá-las na sua garganta," rosnei e sua mão se moveu para descansar em seu bastão de choque.

"Diga isso de novo. Eu te desafio," sibilou ele enquanto chegávamos ao segundo andar e nos aproximávamos do refeitório.

Eu não queria ser mandado para o buraco, ou de volta para o fodido do Quentin, aliás, então engoli a língua e Nixon ergueu o queixo como se tivesse ganhado um ponto. No mundo real, eu já teria arrancado os intestinos do estômago dele e o estrangulado com eles. Mas, ei, a vida em Darkmore era uma merda. *E agora tenho mais quinze anos pela frente.*

Os olhares caíram sobre mim e a conversa começou quando Nixon me deixou para se juntar aos internos no refeitório e meus Lobos uivaram animadamente, levantando-se de seus assentos.

Tentei não entrar em pânico ou me transformar em uma concha sem esperança, mas não era fácil. Eu tinha planos. Uma vida para a qual retornar. Uma gangue para liderar. Mas agora... eu não tinha nada. Nada além de mais tempo para desperdiçar, mais da minha vida para jogar no ralo.

Um Shifter Cervo Experiano vinha em minha direção com a bandeja na mão, e tive vontade de jogá-la na cara dele enquanto a fúria tomava conta de mim e meus músculos tremiam de adrenalina. Cerrei os punhos e contive à vontade enquanto ele passava correndo por mim, desviando o olhar. *Não fazia sentido ganhar mais punições agora.*

Harper chegou até mim primeiro e eu a envolvi em meus braços, aninhando-se em minha Beta enquanto mais pessoas da minha matilha me cercavam, passando as mãos em qualquer parte de mim que pudessem alcançar enquanto tentavam me confortar.

“Sinto muito, Alfa,” disse Harper, com as palavras engasgadas, enquanto eu passava os dedos pelos seus dreadlocks.

“Não é culpa sua,” eu disse em um tom sombrio.

“Quanto tempo te deram?” Ela perguntou, inclinando-se para trás para analisar minha expressão.

“Quinze anos,” eu disse um pouco roucamente e seus olhos se arregalaram de horror antes que ela se enrolasse em mim novamente com um uivo triste.

Meu olhar se fixou em Roary Night, do outro lado da sala, onde ele estava sentado sozinho, mas havia muitos de seus Shadow espreitando por perto. Ele me observou friamente e eu o encarei com uma careta. Ele ia lutar comigo por roubar aquela chave e depois perdê-la. Eu sabia. Só não sabia quando.

Afastei-me dele, instintivamente procurando Rosalie pelo cômodo. Era demais esperar que ela já tivesse saído do buraco, mas meu estômago ainda se afundava em decepção. Tive sorte de não ter acabado lá embaixo. Mas, como tinham acabado de me dizer que minha juventude seria completamente roubada de mim naquele lugar, eu não ficaria muito grato por isso.

“Alguma notícia sobre o retorno da líder Oscura?” Murmurei para Harper, com um tom afiado na voz, escondendo minha preocupação com Rosalie.

“Ouvi dizer que Cain há deixou por um mês no buraco,” disse Harper animadamente, olhando para mim com alegria no olhar, e eu esbocei um sorriso que combinava com o dela.

“Perfeito.” *Foda-se. Minha. Vida.*

Eu era uma bola de testosterona, pronta para ser liberada. O Supressor da Ordem podia manter meu Lobo enterrado em mim, mas não conseguiu manter meus instintos sob controle. E o vínculo de companheiro era um poder por si só, me levando a estar com ela, encontrá-la, libertá-la. Eu não sabia onde terminava e onde eu começava. Mas eu era um escravo disso. Um escravo dela. Um mês neste lugar sem ela parecia quase tão ruim quanto os anos extras na minha sentença agora.

Meus olhos se voltaram para Cain do outro lado da sala, seus braços musculosos cruzados sobre o peito enquanto ele encarava a todos como se fosse nos encharcar de Faesine e incendiar a todos. Era um milagre que não fizessem isso às vezes. Mas execuções oficiais naquele lugar não eram tão comuns quanto costumavam ser. Não desde que novas leis foram criadas para proteger a escória da Terra. Tudo por causa de um detento chique que alguém com poder queria proteger, mas eu não ia zombar daquele uso descarado de influência se isso me ajudasse. Não faz muito tempo, eu poderia ter recebido uma sentença de morte por roubar aquela chave.

Era tudo uma piada. Eu era inocente até a medula... pelo menos dos crimes pelos quais fui condenado. E eu tinha tentado manter as mãos limpas para garantir que cumpriria minha pena e nem mais um dia. Meu bando era escolhido a dedo por mim, a maioria deles aqui por crimes relacionados à gangue contra os

Oscura. Não se escapava impune dessas merdas em Alestria hoje em dia. Mas alguns deles eram pessoas más, pura e simplesmente. Não havia como evitar isso em um lugar como este.

Passei a mão pelos cabelos, me afastei da matilha e fui me sentar em um banco enquanto meus Lobos me traziam as melhores opções de café da manhã disponíveis hoje. Deliciei-me com uma tigela de mingau de aveia com mel e frutas, mal-humorado ao pensar na minha garota presa no buraco novamente. Ela provavelmente estava perdendo a cabeça de saudade, se tocando dez vezes por dia enquanto sonhava com meu pau.

Agora que minha sentença é maior, temos todo o tempo do mundo para ficarmos juntos.

Estremeci com o pensamento, rejeitando-o com todo o meu ser. Eu podia ser um cara positivo, mas não encontraria motivos para ficar feliz em ficar aqui por mais quinze anos. *Ergh.* Enquanto eu processava, a realidade se aprofundou um pouco mais e deixei cair minha colher na tigela, meu maxilar cerrado enquanto tentava pensar em uma maneira de sair daquilo. Eu precisava apelar. O que significava que eu precisava de advogados. Mas eu estava praticamente quebrado no mundo exterior, já que gastei cada centavo que tinha com advogados para o primeiro recurso que perdi. O resto era para manter minha família com um teto sobre suas cabeças e eu com certeza não iria tirar isso deles.

Harper começou a massagear meus ombros e minha pele se arrepiou com o toque. Teria sido natural antes, ela me tocando daquele jeito. Mas desde que eu tinha sido acasalado, rejeitei

todas as outras Lobas. Todas as outras mulheres, aliás. Era um destino cruel. Eu estava apostando em sair dali e me distanciar o máximo possível de Rosalie. Agora eu estava preso em Darkmore, ainda ansiando por ela, ainda rejeitando minha própria matilha.

"C*hega*," rosnei forte o suficiente para fazer Harper pular para longe.

Ela choramingou e olhei para ela com uma careta de desculpas. "Desculpe, amor, eu..." eu não tinha um final para aquela frase, então apenas suspirei e desviei o olhar. Eu tinha perdido tudo. E tudo o que eu tinha para me agarrar aqui era que meu tempo naquele lugar logo acabaria. Eu tinha estado tão perto da liberdade. Como eu pude ter estragado tudo por uma garota Oscura? Era vergonhoso. E o pior de tudo, era que uma pequena parte de mim estava feliz. Porque agora eu não tinha que deixá-la. Agora eu podia ficar e vê-la, abraçá-la e devorá-la. Eu teria que suportar esse inferno por muito mais tempo do que o planejado, mas enquanto isso significasse que eu poderia tê-la, eu não estava tão chateado quanto deveria com a ideia. E eu tinha que pensar que as estrelas estavam rindo muito às minhas custas.



Já fazia quase três meses desde que Rosalie foi colocada no buraco e eu estava em um estado deplorável. Não dormia, não comia. Minha matilha achava que eu estava perdendo a cabeça. Às vezes, eu também achava. Eu colocava missões no Muro Velado todos os dias para descobrir o máximo de informações possível sobre o que estava acontecendo com ela. Mas ninguém

sabia quando ela seria libertada. Ninguém além de Cain. O babaca que a colocou ali e que tinha o destino dela em suas mãos.

Eu estava farto de fingir que ela não significava nada para mim. Tinha que arriscar. Não podia mais fazer isso sozinho. Esse segredo estava me consumindo por dentro. E ia me matar se eu não o revelasse logo. Então, bolei um plano que mataria dois coelhos com uma cajadada só e chamei Harper para a minha cela.

"Ei, Alfa," disse ela com aquele olhar preocupado que todos me lançavam há semanas. Meses, na verdade. Desde que Rosalie chegou e estragou tudo. Me deixou extremamente feliz e insuportavelmente *infeliz* ao mesmo tempo.

Eu estava de macacão, com as mangas amarradas na cintura, o peito nu. Harper inclinou a cabeça para mim quando passei por ela e puxei o lençol sobre as barras para nos dar privacidade.

"Preciso te contar uma coisa que você não pode contar a mais ninguém. E preciso que você faça algo por mim que é um pedido e tanto... mas não tenho mais ninguém a quem recorrer e confio em você, Harper."

Ela franziu as sobrancelhas. "Qualquer coisa."

Suspirei, pegando a mão dela e puxando-a para longe da porta, baixando a voz para um murmúrio. Nossa, como eu sentia falta de bolhas silenciadoras. Este lugar tinha ouvidos mesmo sem os dons das Ordens das pessoas.

"Eu tenho um segredo terrível," eu disse, engolindo em seco. "Algo que poderia destruir os alicerces da nossa matilha, que poderia fazer com que todos perdessem a fé em mim. Poderia fazer *você* perder a fé em mim." Eu sabia o que estava arriscando ali,

mas isso não podia mais continuar. E talvez, só talvez, Harper superasse isso por mim. Ela tinha sido uma Beta leal, mas isso levaria os limites dessa lealdade ao limite. Possivelmente os destruiria de vez.

“O que foi, Alfa?” Ela perguntou um pouco assustada.

“Você jura não contar aos outros?” Perguntei, anotando mentalmente que faria um acordo com ela na próxima vez que estivéssemos no Complexo Mágico.

Ela assentiu com firmeza, sem nenhuma dúvida nos olhos. “Eu prometo.”

“Eu... porra, como é que eu digo isso?” Eu ri, parecendo um pouco perturbado, e sua carranca se aprofundou. “Eu fui... acasalado com uma Oscura. A lua nos escolheu. Eu não queria isso, lutei contra. Ainda estou lutando, mas está fora do meu controle...”

“Quem?” Ela engasgou, parecendo horrorizada enquanto balançava a cabeça em negação.

“Rosalie Oscura,” eu grasnei e ela estremeceu, seu rosto se contorcendo em repulsa, recusa. Uma energia possessiva me preencheu e me fez querer gritar com ela por estar daquele jeito, bater nela por ousar sugerir que Rosalie era tudo menos perfeita. Mas isso estava errado. Tudo tão errado. “Já faz meses. Eu escondi a marca.” Eu me virei, apontando para onde eu tinha feito à nova tatuagem de rosas espinhosas ao redor dela - praticamente a mesma tatuagem que ela tinha espalhada pelo corpo, o que eu percebi depois de fazer a maldita coisa. Por que tudo o que eu faço hoje em dia gira em torno dela, intencionalmente ou não?

“Ai, meu Deus,” ela ofegou, seus dedos roçando a marca

prateada da lua crescente enquanto a encontrava entre a tatuagem. “Alfa, isso é... isso é terrível!”

“Shhh,” eu a silenciei, girando e empurrando-a contra a parede enquanto colocava a mão em concha em sua boca. “Você não vai contar a ninguém,” exigi, e ela assentiu sob minha mão. A ameaça era clara. Se ela quebrasse a promessa, eu a mataria. Simples assim. Abaixei a mão, deixando-a falar enquanto meu próximo pedido queimava minha garganta, minha língua. “É por isso que não suporto mais dormir com vocês todos, por isso que não consigo foder nenhum de vocês. Sou dela, queira eu ou não. Sou *dela*, Harper. De corpo e alma, porra.”

Seus olhos praticamente saltaram das órbitas enquanto ela assentia novamente, continuando a assentir enquanto tentava processar aquilo.

“Então eu preciso... de alguém para me proteger,” eu disse lentamente. “Para que a matilha entenda por que estou evitando eles. E eu sei que é pedir muito de você, Harper, mas preciso que você seja esse alguém. Que finja ser minha companheira.”

Ela ficou de queixo caído enquanto me olhava boquiaberta. “Mas Alfa...”

“Eu sei o que estou pedindo que você sacrifique. Mas sua sentença termina em seis meses. Aí você estará livre para ir e ficar com quantos Lobos quiser. Não é assim...”

“Ethan,” ela rosnou, usando meu nome completo pela primeira vez, e eu rosnei em resposta, sentindo o desafio em suas palavras. “Não consigo ficar sem o contato da matilha. Não consigo... vou enlouquecer.”

Assenti enquanto aceitava aquilo, respirando fundo. Ela tinha

razão. Era demais. Eu não podia fazê-la ir contra os próprios instintos por tanto tempo, seria insuportável. Como eu sabia muito bem. “Bem... talvez eu possa arranjar um jeito de você ficar com outro Lobo ou dois sob minha supervisão. Alguns companheiros gostam disso. Não é inédito.”

Ela assentiu, parecendo reagir melhor à ideia. “E você também vai estar lá?” Perguntou esperançosa. Eu já tinha estado com Harper no passado, mas estava acostumado com os Lobos competindo pela minha atenção. Eu já tinha me deitado com vários da minha matilha e com outros também. Mas ser um Alfa significava que eu não sentia a mesma falta deles que eles sentiam por mim. A maioria deles queria me agradar, isso os satisfazia. E ela sentia falta disso, assim como os outros.

“Sim, estarei lá,” eu disse firmemente e um pequeno sorriso surgiu em seus lábios.

“Guardarei seu segredo.”

“Você vai precisar de uma marca.” Levantei a mão para traçar o local atrás da orelha dela, onde Rosalie tinha a dela. Meu estômago se revirou ao pensar em outra pessoa no lugar dela, mesmo que fosse apenas uma farsa. Mas assim eu poderia ter uma explicação sólida para minha matilha sobre por que eu não queria a atenção deles. Eu não precisava deixá-los saber a verdade, o que levaria à minha queda como Alfa da Irmandade Lunar em Darkmore. Afinal, como alguém poderia me seguir depois disso?

“Você vai fazer isso?” Ela perguntou.

“Não, eu ofereci proteção a Alvin Zion para manter esse segredo. Ele fez isso.” Apontei para a tatuagem que cobria minha

marca e ela assentiu, parecendo um pouco magoada por eu ter contado a alguém antes dela.

“Eu estava com medo do que aconteceria se eu te contasse, querida,” eu disse gentilmente e ela assentiu com um suspiro.

“Eu entendo... mas como você vai lidar com isso?” Ela perguntou. “Ryder Drac...”

“Não quero discutir o destino do meu antigo líder,” avisei. “Não será assim.”

“Prometa-me,” ela implorou.

“Eu juro,” eu disse com firmeza. “Vou dar um jeito de consertar isso.”

“Nunca ouvi falar de um vínculo de companheiro ter sido quebrado, mas... vou investigar para você,” disse ela, me abraçando forte. “Sinto muito que isso tenha acontecido.”

Eu queria dizer ‘Eu também’, mas isso seria mentira. Eu queria me desculpar, queria *voltar* atrás. Mas agora que eu estava acasalado com Rosalie, tudo o que eu realmente queria era mantê-la como minha. Para sempre. Era um conflito danado.

“Obrigado, Harper.” Abracei-a com força por um momento, aliviando um pouco do peso sobre meus ombros.

Eu não estava acostumado a viver uma vida difícil. Eu governava de cima. Ninguém jamais havia afetado meu status de líder até Rosalie aparecer e foder tudo. Mas, pelas estrelas, eu estava ficando louco sem ela. Eu precisava descobrir um jeito de tirá-la do buraco. E eu sabia que não era por motivos puramente egoístas. Três meses naquele lugar sozinho era o suficiente para quebrar as nozes mais duras. E por mais forte que minha

companheira pudesse ser, ninguém era imune àquela merda. Principalmente quando eu podia sentir a dor de estar naquele lugar corroendo-a como se estivesse me corroendo. Juro que Sin Wilder estava tão são quanto uma freira sóbria quando entrou lá. Tudo bem, talvez tão são quanto uma freira bêbada que passou uma temporada no Asilo Starfall. Mas ainda assim. Ele estava definitivamente cinquenta por cento mais louco ultimamente do que costumava ser.

"Podemos anunciar quando a tatuagem estiver pronta," eu disse, e ela assentiu, sorrindo para mim, feliz por estar me ajudando. Mas ela não conseguia esconder a tristeza em seus olhos sobre o motivo daquela ajuda.

O sinal tocou para anunciar que era hora de ir para o Complexo Mágico, e um suspiro de alívio me deixou com a ideia. Eu precisava definir mais tarefas no Muro Velado para ver se havia mais informações sobre a libertação de Rosalie. Quem quer que estivesse coletando informações sobre o assunto para mim provavelmente pensou que o Fae que definia as tarefas estava entrando em território de perseguição quando se tratava de Rosalie. Mas, graças ao fato da parede ser anônima, eu não dava à mínima.

Saí da minha cela com Harper e meus Lobos uivaram quando me aproximei deles, passando as mãos em suas cabeças antes de liderar o caminho para fora do bloco de celas. Atravessei a ponte e fomos levados ao Complexo Mágico. Nosso bloco foi o primeiro a chegar, mas franzi a testa com a segurança adicional no portão que levava para dentro. Quatorze malditos guardas estavam de sentinela ao redor e o Oficial Cain estava lá para me conduzir.

“Entre,” ele ordenou, abrindo a porta e eu sorri ameaçadoramente em seu rosto enquanto passava, entrando pela porta que se fechou bruscamente atrás de mim.

O Oficial Lyle parecia suado e mais pálido do que o normal atrás da barreira de vidro que nos separava enquanto passava a mão pelos seus cabelos ruivos.

“Ei, lindo, você parece um pouco corado hoje,” eu ativei o charme, mas ele não parecia estar com vontade de morder.

“Mãos,” ele instruiu.

Coloquei-as nos buracos com a testa franzida e ele colocou uma chave de algema na fechadura. Em vez de girá-la até a metade para liberar minha magia, ele a girou completamente e as algemas caíram dos meus pulsos com um estrondo.

“Mas que...” comecei, mas antes que pudesse terminar a frase, ele colocou duas argolas de prata novas e brilhantes nos meus pulsos e gesticulou para que eu entrasse no complexo. “O que são essas algemas novas?”

“Atualização de segurança,” disse ele simplesmente, dando-me um leve sorriso enquanto se acalmava por um instante. “Agora vá.”

A porta do complexo estava aberta, mas demorei mais um instante, olhando para os guardas que me encaravam, com os ombros rígidos. Imaginei que eles queriam que a transição ocorresse sem problemas, e a expressão em alguns deles indicava que estavam sedentos por sangue hoje, então boa sorte a quem tentasse causar problemas.

Entrei no complexo e fui em direção aos nossos bancos de

sempre, sentando-me na frente e no centro antes de apoiar os cotovelos nos joelhos e flexionar os dedos. Criei um cálice de gelo e o enchi com a água mais pura antes de tomar um gole enquanto observava o restante dos internos serem lentamente algemados e liberados para entrar no complexo. Examinei as novas pulseiras em meus pulsos, o metal brilhando um pouco ao refletir a luz. Não consegui ver o buraco da fechadura em nenhuma delas e me perguntei como diabos elas tinham saído.

Terminei minha bebida, derreti o gelo e coloquei meu dedo sob uma das algemas, puxando para verificar sua resistência.

“Eles são tão fortes quanto o cu de um leiteiro.”

Olhei para a voz grave e vi Sin Wilder sorrindo para mim como um filho da puta enlouquecido, e imaginei que era isso que ele era, então combinava com o perfil. Seus músculos volumosos preenchiam o macacão e as mangas estavam arregaçadas, revelando tatuagens infinitas em seus braços escuros.

“Como você entrou aqui antes da minha alcateia?” Rosnei. “E o que te faz pensar que um leiteiro tem um cu forte?” Não sei por que eu queria saber a resposta para a segunda pergunta, mas me chame de Clive Curioso.

“Eu não entro na fila a menos que a ideia me leve. E não me levou hoje,” ele comentou, dando de ombros, brincando com as chamas entre os dedos. Eu me endireitei, erguendo o queixo, caso o psicopata quisesse me dar um tiro. Nunca parecia haver um motivo específico para ele se voltar contra as pessoas, então sempre valia a pena estar preparado. “E para responder à sua segunda pergunta, eu teria que te matar se contasse, então tem certeza de que quer saber?”

“Passo,” eu disse lentamente, dando de ombros, mas agora eu estava falando sério sobre o Clive Curioso.

Sin pegou a bola e a jogou contra a parede, e voltei minha atenção para o portão enquanto o Roary Night, o desgraçado, passava por ali antes da minha matilha. Será que todos os babacas de Darkmore estavam bancando os chefões hoje? Porque eu era o único número um por ali. Mas, desde que Sin tinha me visto com Rosalie juntos, ele ainda estava mexendo com a minha cabeça fingindo ser meu dono. Era claro que eu tinha que entrar nessa até conseguir alguma vantagem sobre ele em troca. E eu estava trabalhando nisso diariamente.

“Alguém está muito curioso para saber quando a pequena Rosalie Oscura vai sair do buraco,” disse Sin, pensativo, enquanto quicava a bola na parede novamente e olhava para a mão, onde uma escrita mágica se revelaria sobre as vagas em aberto. “Você por acaso não sabe nada sobre isso, né, gatinho?”

“Vai se foder,” rosnei e Roary olhou em nossa direção enquanto caminhava em direção à parede.

“A primeira coisa que você já disse com a qual concordo,” ele rosnou, venenoso, encarando Sin, o que despertou meu interesse. Ele tentou me dar uma surra por causa da chave há pouco tempo, mas nunca me olhou com tanto ódio quanto *agora*.

Roary me pegou de péssimo humor no dia seguinte ao meu retorno de Quentin e me deu uns bons socos quando me pegou na biblioteca. Por algum motivo, ele decidiu não me desafiar com magia nem me atacar em sua forma de Ordem no pátio. Não, Roary Night quis derramar meu sangue com as próprias mãos, e seu desejo foi atendido. Mas eu também deixei muitas marcas

nele. Roary quebrou meu nariz antes que os guardas interviessem. E talvez eu tenha saboreado um pouco daquela dor como penitência por ter sido estúpido o suficiente para perder aquela chave. Parecia que eles estavam planejando trocar as algemas, então teríamos perdido o acesso à nossa magia de qualquer maneira.

Quando minha matilha se espalhou pelo complexo, levantei-me para aproveitar a oportunidade antes que eles chegassem, caminhando em direção a Sin e Roary, estalando os dedos enquanto lançava uma bolha silenciadora. “Ah, é? E por que isso, babaca?”

Roary me olhou como se estivesse avaliando se se daria ao trabalho de me contar. Mas, com outro olhar para Sin, que tinha um brilho mortal de bunda nos olhos, ele o fez. “Sin soltou o Beloriano. Rosa poderia ter morrido. Todos nós poderíamos ter morrido.”

“É verdade?” Virei-me para Sin com ácido nas veias. Minhas informações sobre os trabalhos na Parede sugeriam que Rosalie havia sido capturada porque foi encurralada pelo Beloriano no oitavo andar. Cain a encontrou antes que ele a matasse e a prendeu por atacá-lo. Mas por que ela teria feito isso, eu não conseguia entender.

Sin deu de ombros. “Ela me pediu.”

“Ela disse explicitamente para você *não* fazer isso,” Roary sibilou, dando um passo em direção a ele e endireitando seus ombros enormes.

“Por que ela pediria isso a você?” Questionei Sin.

“Isso não é problema seu,” Roary rosnou e estreitei meu olhar

para ele.

Sin franziu a testa como se estivesse tentando compreender algo enquanto olhava para Roary. “Então, você está dizendo... que eu sou o responsável?”

“Sim, seu babaca, é claro que é isso que ele está dizendo,” respondi rispidamente. “Mas por que vocês discutiriam algo assim?” Definitivamente, havia algo que eu estava perdendo.

Sin jogou a cabeça para trás, rindo freneticamente, e chamas dançaram ao seu redor em uma brisa criada pelo seu Elemento Ar. Seu babaca maluco.

“Bem, isso é uma grande novidade,” disse Sin, parando de rir abruptamente e mostrando os dentes para Roary. “Então, como eu a tiro?”

“Não sei, pergunte com jeitinho ao Cain, foi ele quem a colocou lá dentro,” disse Roary sarcasticamente e então se afastou para além da Parede sem olhar para trás.

Sin voltou seu olhar para a cerca externa, onde Cain ainda guardava a entrada, com uma expressão pensativa, porém mortal, estampada em seu rosto.

“Por que você o soltou, Sin?” Perguntei, mas ele simplesmente me ignorou, indo embora como se eu não estivesse ali, e minha espinha se arrepiou de irritação.

Larguei a bolha silenciadora e voltei para o meu banco, com um rosnado na garganta. Por mais que eu quisesse arrancar o rosto do Sin e servi-lo numa torta, eu ainda tinha o meu segredo e o da Rosalie para proteger. Então, quando se tratava dele, eu estava com a coleira e a guia na mão. Mas eu tinha um bando de

membros da minha matilha e membros anônimos da Parede Velada correndo em círculos ao redor dele, vasculhando suas coisas para encontrar qualquer coisa que eu pudesse usar contra ele. E, mais cedo ou mais tarde, algo surgiria e eu o colocaria de volta no seu maldito lugar.

Encontrei-me com minha matilha e levantei Harper do seu assento, pegando sua mão e afastando-a dos outros. Lancei uma bolha silenciadora ao nosso redor e uma ilusão que obscureceu os movimentos da minha boca, só por segurança, antes de fazê-la me fazer uma promessa estelar de não contar meu segredo. Quando ela terminou e a magia nos prendia a sete anos de azar se a quebrássemos, procurei o cara de que precisava para a próxima etapa do meu plano.

Avistei o baixinho, Alvin, no momento em que ele gritou e foi derrubado de bunda a cem metros de distância. Um Pegasus com um corpo de merda era o responsável, olhando-o de soslaio com seus músculos enormes à mostra em sua regata branca, as mangas do macacão amarradas na cintura. Seus bíceps estavam pintados com tinta colorida, assim como a maioria dele e de sua gangue. A líder estava um passo atrás dele, com o cabelo curto e pintado como um arco-íris com glitter. Ela tinha o apelido de Sparkle e o cara enorme à sua direita era Glitterpuff, juro.

Sparkle estava me perseguindo desde que se espalhou a notícia de que eu tinha sido encontrado com a chave da algema. Um membro do seu rebanho havia sido morto pelo Beloriano e eu aparentemente estava sendo responsabilizado. Mas se um bando de pôneis achava que podia desafiar a matilha de Lobos mais forte de Darkmore, eles seriam ridicularizados e voltariam para seus pequenos pastos verdes.

Caminhei até lá e Harper continuou atrás de mim enquanto eu me inclinava, erguendo Alvin pelo pescoço. Ele era tão leve que seus pés deixaram o chão por um instante antes que eu o colocasse de volta neles e ele me agradecesse com um aceno de cabeça antes de se mover furtivamente para trás de mim e da minha Beta.

"Tire as mãos, Sparkle. O rato é meu." Não era um insulto; Alvin era um Shifter Rato Tiberiano. Pelo que ele me contou, o motivo de estar ali era porque tinha sido pego bisbilhotando pessoas muito poderosas e vinha vazando histórias sobre elas para a imprensa há meses. Embora eu tivesse a sensação de que essa não era a história completa. Ninguém acabava em Darkmore por uma merda dessas. Mas todos ali tinham seus segredos e a história era dele para guardar. Era uma das poucas coisas sobre as quais tínhamos controle ali.

"Então por que ele estava vindo para cá, para *o nosso* território?" Sparkle rosnou e o resto do rebanho veio atrás dela, relinchando em aprovação.

Observei a variedade de tatuagens coloridas em seus braços e pescoços e o símbolo que todos ostentavam, que representava sua gangue. Os Chifres Torcidos. O Pegasus colorido marcado neles parecia estar saltando em minha direção através de uma nuvem. Seu pelo era branco e suas asas estavam bem abertas, mas em vez de um chifre, tinha uma faca prateada brilhante coberta de sangue. Arqueando sobre ele, havia um arco-íris cintilante com o nome de sua gangue. Entre as outras tatuagens, havia mais arco-íris, nuvens, asas e chifres, alguns cercados por palavras como *este é o seu único chifre, você foi chifrado, glitter é mais adequado, fale com a asa (ou eu vou te esfaquear*). Na clavícula de Sparkle

estavam às palavras *arco-íris é o novo preto.*

Teria sido hilário se eu não tivesse visto em primeira mão o quão implacável essa gangue podia ser com qualquer um mais fraco que eles. Eles realmente te esfaqueariam no peito com os chifres de fora no Pátio da Ordem, e eu já vi mais de uma das pequenas Ordens serem pisoteadas até a morte por eles lá.

"Todo esse lado da Parede é território Lunar," rosnei. "Você pode tentar a sorte conquistando seu próprio território com os Oscura se quiser, Sparkle. Mas tudo aqui é *meu* domínio. Então me desafie ou saia da minha frente."

Ela se irritou e alguns de seu rebanho bateram os pés com raiva. "Por que o rato é tão especial para você, Shadowbrook?" Ela estreitou os olhos azul-claros para mim.

"Isso não é da sua conta, querida," rosnei, com os pelos arrepiados.

"Me entretenha," ela insistiu, com um tom de voz áspero, como se realmente estivesse pensando em me desafiar hoje. E com o meu humor, eu teria adorado a briga.

"Ele é um tatuador decente. Não tem muita gente assim por aí, a julgar pela arte do seu rebanho," eu ri baixinho e Glitterpuff bufou agressivamente ao meu lado. Como se eu fosse me intimidar por um pequeno pônei gigante. "Agora pegue sua turminha do glitter e vá se foder."

"Minha gangue está crescendo a cada dia," rosnou Sparkle, com um tom de advertência. "Lembre-se disso, Shadowbrook."

"Anotado." Mostrei o dedo do meio para ela e me virei, dando um tapinha no ombro do Alvin e quase o derrubando de bunda de

novo com a força que usei. “Fique longe de problemas.”

“Eu vou,” ele disse rapidamente, curvando a cabeça para mim, prestes a sair correndo quando o puxei para mais perto.

“Preciso de outro favor,” murmurei para ele e lancei uma bolha silenciadora ao nosso redor antes de explicar sobre a marca que eu precisava que ele tatuasse em Harper. Quando ele concordou em fazer isso naquela noite, eu o fiz jurar que ficaria em silêncio, depois o soltei e mandei Harper de volta para nossa matilha.

Persegui Cain além da cerca e caminhei até ele em um ritmo tranquilo, embora meu coração estivesse batendo a mil por hora enquanto eu me aproximava, a raiva me consumindo. Engoli as palavras que eu realmente queria dizer a ele “*solte minha companheira, seu sanguessuga de merda”* e estapeei um sorriso vitorioso de Shadowbrook.

“Oficial,” eu disse educadamente. “Acho que devo lhe agradecer por prender minha arqui-inimiga.”

Os olhos cinzentos e tempestuosos de Cain me percorreram, sua boca se contraiu numa linha reta e eu me perguntei se já tinha visto aquele sorriso desgraçado. Era como se ele tivesse tido o sorriso removido permanentemente ao nascer.

Ele não disse nada, então continuei.

“Mas já faz um tempo. Será que eu deveria me preparar para ela voltar aqui em breve, como a rainha das putas que ela pensa que é?”

Cain passou a língua pelos dentes e meu olhar se voltou para um dispositivo novo e brilhante pendurado em seu pescoço. Que

porra era essa?

“Ela vai ficar apodrecendo lá por mais um tempo,” ele disse em tom vazio.

Um rosnado ficou preso na minha garganta e tentei o meu melhor para controlar minha expressão enquanto a raiva subia pela minha espinha. “Não conte a ninguém, mas estou meio que sentindo falta do desafio de derrotá-la. Faça um favor a um cara e me mande de volta uma oponente à altura. Eu prometo que você vai se divertir me vendo derramar o sangue dela. Eu já vi como ela te irrita.” Balancei a cenoura suculenta na frente dele, mas não obtive a reação que esperava. Ele tirou o taser elétrico do quadril e apontou para mim, suas presas se alongando enquanto ele me encarava. “Saia da minha frente, Um.”

“Ah, vamos lá,” implorei, mas saiu como um rosnado, minha raiva transbordando.

“Último aviso,” ele sibilou e cerrei o maxilar, recuando, com os músculos tensos.

Passei o resto do meu tempo no complexo andando de um lado para o outro, furioso, desistindo de postar missões no mural sobre minha companheira. Eu tinha a minha resposta. Cain ia mantê-la trancada pelo tempo que quisesse. E parecia que era um tempo enorme.

Quando nosso tempo no Complexo Mágico acabou, eu estava pronto para derramar sangue e ir à guerra para ter Rosalie de volta em meus braços. Mas tive que enterrar esses sentimentos e deixá-los apodrecer no meu estômago enquanto a dor do vínculo de companheiro me chamava com tanta força que fazia meus ossos doerem.

Antes que alguém saísse do complexo, Cain ergueu o novo e estranho controle remoto em volta do pescoço e pressionou algo nele. As algemas em meus pulsos bloquearam minha magia e ofeguei com a repentina perda, enquanto todos ao meu redor faziam o mesmo. Um suave brilho azul emanava das algemas e o metal cintilava como poeira estelar.

Com uma sensação de aperto no estômago, percebi que nunca mais sairia daquela situação a menos que um guarda permitisse. E eu teria mais quinze anos para lamentar minha liberdade, sem nem mesmo as vantagens de uma chave de algema roubada para tornar minha vida um pouco mais suportável. Mas havia uma coisa pela qual eu ansiava mais do que a doce felicidade da magia correndo em minhas veias o tempo todo. Rosalie Oscura. E eu estava começando a achar que pagaria qualquer preço para tê-la de volta.



Eu mantive os olhos fechados numa tentativa tola e patética de me convencer de que nada daquilo era real. De que meu mundo não havia se condensado naquele pequeno retângulo. De que eu não conseguia andar mais de seis passos antes de encontrar uma parede. De que não era verdade que eu não respirava ar fresco nem via a lua havia tanto tempo que havia perdido a conta dos dias.

Se meus olhos estivessem fechados, eu quase poderia me convencer de que sentia a suave carícia do luar na minha pele. Que minha carne tremia de desejo de me transformar, em vez do frio entorpecente que acabara de se enraizar em mim tão profundamente que eu não sabia mais como não tremer.

Eu poderia tentar me forçar a acreditar que o cheiro de mofo e bolor vinha do musgo da floresta que me cercava ou de um riacho como aquele na base dos vinhedos da minha tia Bianca.

Eu quase conseguia acreditar que estava ali, naquele vale tranquilo que pertencia à minha família, com minha matilha correndo ao meu encontro por entre as árvores. Eu conseguia imaginar minha tia gritando conosco por estarmos atrasados para o jantar e, se eu tentasse muito, muito mesmo, juro que quase

conseguia sentir o cheiro delicioso da comida dela no vento, nos convidando para voltar para casa.

Porra. *Casa*. Eu sentia uma saudade imensa daquele lugar. Meu coração doía de saudade da sensação do vento no cabelo, do gosto do vinho da família na língua, do som de risadas, brigas e uivos no ar vindos de centenas de Oscura e mais.

E quando mergulhei fundo em mim mesma assim, não parecia mais tão distante. Como se talvez aquela pequena cela fosse apenas um pesadelo. Meu cérebro distorcendo as memórias das coisas que meu pai me fez passar, transformando-as em um novo inferno. Talvez eu pudesse acreditar que estava dormindo e prestes a acordar segura e quentinha na minha cama.

Ou pelo menos eu poderia até que o cara na cela em frente à minha começou a gritar novamente.

Estremeci por um instante ao ser arrastada à força para longe da visão que eu tanto me esforçava para criar. A floresta perfeita na qual eu tanto lutara para me fazer acreditar se desvaneceu em nada mais do que quatro paredes com tijolos sujos, vermelhos/marrons, e arranhões na argamassa causados pelos vários Fae que existiram ali ao longo dos anos. Eu chamava de existir porque sabia com certeza que não se vivia ali.

A bile subiu pela minha garganta enquanto eu abria os olhos e encarava a minha própria realidade. Eu deveria ter previsto que isso aconteceria de verdade. O destino sempre gostou de me beijar numa bochecha e me dar um tapa na outra. Eu tinha conseguido sobreviver ao Beloriano, descobrir algumas coisas realmente ruins sobre o que acontecia na Psiquiatria e agora estava pagando por essa boa sorte vivendo o meu pesadelo.

Tudo graças a um homem que escolheu assumir o controle da minha vida e me jogar fora como o lixo que ele claramente pensava que eu era. *Mi vendicherei. Eu me vingaria.* Mason Cain logo descobriria o que acontece quando se cuspia na cara de uma Alfa do Clã Oscura. Não que eu o tivesse visto desde o dia em que ele me jogou ali. *Vigliacco*. *Covarde*. Mas ele teria que me enfrentar mais cedo ou mais tarde, e as coisas mudariam quando isso acontecesse.

Era claro que meus planos de vingança e retribuição ficaram em segundo plano nos últimos meses, em favor do inferno em que eu vivia. Cain jurou me deixar ali por um mês. Da última vez que vi Hastings, perguntei a ele quanto tempo fazia, rezando para que meu tempo estivesse quase acabando e que essa eternidade sem fim finalmente me libertasse de suas garras, porque eu tinha certeza de que já havia cumprido minha pena. E cumpri. Já fazia quase três meses que eu estava ali e não havia sinal de que eu seria libertada. Nenhum sinal de Cain. Nenhum sinal de esperança.

Será que eu tinha sido uma completa idiota por acreditar que conseguiria fazer isso? Vim aqui pensando que conseguiria me libertar e levar Sin e Roary comigo, mas lá estava eu, sentada em uma pequena caixa de escuridão, sozinha e esquecida pelo mundo.

O que Dante estaria pensando? Meu primo não queria que eu assumisse a insanidade daquela tarefa, mas ele entendia por que eu sentia que precisava fazê-lo. Mas já fazia meses que ele não tinha notícias minhas e eu sabia que ele e o resto da minha família estariam enlouquecidos de preocupação. Eles deveriam ter sido informados de que eu estava na unidade de isolamento, mas

eu não tinha certeza disso.

A única certeza que eu tinha ultimamente era que estava presa ali. Com nada além das lembranças da voz do meu pai para me fazer companhia.

"Sua mãe era uma prostituta, só servia para uma coisa, e estou começando a acreditar que você não é melhor. Talvez eu devesse parar de tentar te transformar em algo que você claramente não é capaz de se tornar e deixar os membros da minha matilha te colocarem para trabalhar da única maneira que você é boa?"

"Vou melhorar, papa," implorei, a dor dos meus dedos quebrados era insuportável e tornava quase impossível me concentrar o suficiente para falar.

Felix me encarou enquanto eu lutava para não tremer sob ele e olhei de volta. Uma pequena e tola parte de mim ansiava por encará-lo de frente e sustentá-lo, encará-lo e desafiá-lo, investir contra sua garganta com dentes e garras. Mas não o fiz. Talvez fosse assim que tudo aquilo iria acabar. Com o gosto do sangue dele na minha língua. Mas eu não pensava assim. O mais provável era que eu fosse sangrar no carpete se isso acontecesse.

Seus lábios se curvaram naquele sorriso de escárnio que ele guardava especialmente para mim e ele se lançou para frente de repente, agarrando meu pulso e me fazendo gritar enquanto meus dedos quebrados eram sacudidos.

"Vamos ver então, pirralha?" Ele perguntou, me arrastando pela casa até a varanda.

Quase caí quando ele me puxou escada abaixo antes de me arrastar pelo quintal, em direção à fogueira que parecia estar

sempre acesa e aos três homens que estavam sentados ao redor dela bebendo cerveja.

A matilha do papa sempre ficava por perto. Não me lembro de uma única vez em que não houvesse pelo menos cinco deles dentro ou ao redor do quintal. Aliás, esse grupo de três era o menor que eu já tinha encontrado ali.

"Minha querida filha não está progredindo muito bem nas aulas de controle da dor," anunciou papa enquanto os três enormes shifters Lobos voltavam sua atenção para mim. Eles nem sequer eram Oscura de sangue. Ninguém da matilha de Felix era, além dos outros filhos, e com o jeito como ele sempre falava da força da família, eu sempre me perguntei o porquê, mas nunca ousei questionar.

"Você precisa de ajuda com ela de novo?" Perguntou Bert, me olhando como um coelho gostoso que acabou de cruzar seu caminho.

Alguns meses antes, papa me fez correr para a floresta e me avisou para não deixar ninguém da matilha dele me pegar por um dia inteiro, ou ele me puniria pior do que nunca. Esses três estavam entre os Fae que foram me perseguir pela escuridão sob as árvores.

Mas eu era rápida. Minha forma de Loba era grande, veloz e construída para a velocidade de um jeito que nenhum dos outros Lobos que eu já conheci parecia ser.

Eu corri para a floresta com as montanhas firmemente na minha mira e consegui escapar de cada um deles. Eu queria continuar correndo, nunca olhar para trás e nunca mais sentir o peso sólido dos punhos do meu papa atingindo minha carne. Mas o destino também se voltou contra mim. Uma nevasca se formou e a

neve caiu espessa e rápida. Mesmo na minha forma de Loba, eu não consegui sentir o cheiro de nada para comer e o caminho através das montanhas se tornou mais do que traiçoeiro. Quase morri de frio, apesar do meu pelo grosso, e eventualmente fui forçada a voltar. Eu estava fora há uma semana e temia meu retorno mais do que tudo, certa de que seria punida por desaparecer por tanto tempo.

Em vez disso, ao retornar, papa me elogiou por ter permanecido despercebida por uma semana inteira e me abraçou, depositando beijos em minhas bochechas. Durante uma noite inteira, eu acreditei que tudo iria mudar. Ele se certificou de que eu estava bem alimentada, me deu um cobertor novo para o quarto, me elogiou e me chamou de 'figlia' na frente de toda a sua matilha.

Mas era claro que, no dia seguinte, ele deixou claro que esperava mais de mim do que nunca. Ele insistiu e insistiu enquanto me submetia ao que ele gostava de chamar de treinamento de controle da dor, o que significava que ele me machucaria e esperaria que eu realizasse tarefas para ele, enquanto me obrigava a ignorar a dor.

"Talvez," disse papa em resposta à pergunta de Bert. "Só estou tentando decidir se ela vale o esforço que estou fazendo para treiná-la. Ocorreu-me que ela poderia ser mais útil como prostituta de matilha."

Ralph riu baixinho, seu olhar castanho-escuro percorrendo meu corpo magro, e eu enrijeci com o olhar que ele me lançou. Eu podia ter apenas onze anos, mas sabia muito bem o que era sexo. A matilha do papa participava de orgias regularmente e em público. Eu já tinha visto esses três homens transando com várias Lobas

naquele gramado, mas até aquele momento, nunca houve qualquer indício de que eu participasse disso.

"Ela nem tem peito ainda," brincou Ralph.

"Tire a roupa, pirralha, e mostre a eles o que você tem a oferecer," disse papa casualmente e, pela primeira vez na minha vida, a ideia de ficar nua na frente de outras pessoas me perturbou. Eu me transformava desde os três anos de idade, então me despir ou até mesmo simplesmente tirar as roupas era uma prática bastante comum para mim. Mais pessoas já tinham me visto nua do que eu conseguia contar, mas aquilo era diferente e eu sabia disso.

"Acho que não importa os peitos dela se você fizer isso de quatro," interrompeu Curt, e os três riram, embora eu tivesse quase certeza de que nenhum deles estava realmente interessado em fazer o que diziam. Eu já tinha visto o jeito como olhavam para outras Fae quando as queriam para sexo, e não parecia haver nada daquela escuridão predatória em seus olhares enquanto me fitavam.

"Tire a roupa, Rosalie," sugeriu papa. "Deixe-os ver com o que a nova prostituta da matilha está trabalhando."

"Não," rosnei, me afastando dele e segurando minha mão machucada contra o peito. "Eu não sou uma prostituta de matilha."

Eu sabia o que ele queria dizer com aquele termo. Havia muitas delas por ali à noite e nos fins de semana. Eram Fae de baixa patente, Lobas com pouca força mágica ou física que compravam seu caminho para as bordas da matilha oferecendo-se como servas da matilha principal. Corriam atrás deles como vadias e faziam sexo com eles sempre que tinham vontade, mas eu não era assim.

Eu não nasci para servir. Era a única coisa da qual eu tinha certeza sobre mim mesma e eu nunca fingiria o contrário.

"Bem," disse Felix. "Acho melhor você provar então."

Ele me encarou com um olhar sombrio e faminto, que prometia que eu pagaria caro se não conseguisse fazer o que ele exigia, mas eu o conhecia bem o suficiente para entender que não era uma ameaça vazia. Ele me forçaria a me ajoelhar por aqueles homens ou outros de sua matilha se eu não pudesse ser o que ele queria que eu fosse. E mesmo que eles não me quisessem assim agora, eu sabia que não demoraria muito para que o fizessem. Mais alguns anos e eu seria uma mulher em vez de uma menina, e eles tirariam o que quisessem de mim, a menos que eu conseguisse mostrar exatamente do que eu era feita, para que eles não ousassem tentar.

Um gemido suave ficou preso na minha garganta quando olhei para os três dedos quebrados na minha mão direita, mas lutei contra ele antes que alguém pudesse ouvir.

Respirei fundo, concentrando-me em tudo, exceto na dor, até que consegui bloqueá-la quase completamente e então me transformei.

A mudança que percorreu meus ossos quebrados foi uma agonia como eu nunca tinha sentido antes, e não consegui evitar manter minha pata dianteira longe do chão enquanto me acomodava na minha forma de loba entre todos eles.

"Porra, ela é grande," murmurou Curt enquanto minha forma de Loba me colocava no mesmo nível do meu pai pela primeira vez. Eu já era maior do que alguns dos shifters Lobos adultos da matilha e estava ficando claro para mim e para todos os outros que eu me

tornaria um dos maiores e mais poderosos lobos entre nós com o tempo. Eu só não tinha certeza de como o papa se sentia em relação a isso.

"Ótimo," ronronou papa, com os olhos brilhando ao perceber o quanto aquilo devia ter me machucado. Todas as outras vezes que tentei me transformar desde que ele me bateu com um martelo esta manhã, a dor me forçou a voltar à minha forma Fae. "Agora, faça um circuito pela propriedade. Se você conseguir voltar para mim em cinco minutos, eu curo sua mão e não precisaremos interromper o treinamento. Se não, você pode dormir no celeiro com os dedos quebrados para se lembrar dos seus próprios fracassos."

Virei-me e corri sem tentar protestar. Eu sabia que eles seriam ignorados de qualquer maneira. Mas eu levava quase cinco minutos para dar a volta na propriedade quando estava em plena forma; fazer isso com a pata gritando de agonia parecia impossível. Mas me recusei a recuar. Eu queria que ele me curasse. Então, eu ia correr como o vento e voltar para lá em cinco minutos, mesmo que isso me matasse.

Flexionei os dedos da mão direita enquanto lutava contra essas lembranças, tentando me concentrar no presente e me amaldiçoando por ter adormecido. Felix sempre me assombrava nos meus sonhos. Mas ali embaixo, no escuro, era mais difícil do que nunca impedi-lo de fazer o mesmo durante o dia. Não que eu soubesse que era dia. Pelo que eu sabia, o céu podia estar escuro lá em cima, lá no alto. Às vezes, eu sentia um leve formigamento na pele, o que me dava quase certeza de que a lua brilhava em algum lugar lá em cima, chamando meu nome e sentindo minha falta como eu sentia.

Eu daria tudo o que tinha só para correr sob a lua mais uma vez. Não que eu tivesse alguma coisa agora. Lá embaixo eu não era nada nem ninguém. Eu estava esquecida e sozinha. Eu era tudo o que meu pai tinha ameaçado que eu me tornaria.

Puxei meus braços para dentro das mangas do suéter preto que fazia parte do meu uniforme da unidade de isolamento até que eu estivesse abraçando meu peito dentro dos limites do material largo e áspero. Meus dedos traçaram as curvas da minha tatuagem ali, seguindo as linhas das cicatrizes que eu havia escondido dentro dela. Um homem que deveria ser meu inimigo tinha me dado aquela tatuagem. Ele tinha me mostrado que eu podia pegar a dor do meu passado e transformá-la em algo lindo, poderoso, imparável. Minha tatuagem simbolizava minha família, meu Elemento, minha força e perseverança inegáveis. Mas também escondia minhas fraquezas. Eu disfarçava minhas cicatrizes porque não conseguia suportar a dor das memórias que as acompanhavam. Eu poderia ter sido capaz de usar essa dor a meu favor, mas isso não tirava a dor delas. Às vezes eu me sentia como aquela garotinha que tinha sido espancada, quebrada e forçada a se curvar à vontade do meu pai. Mesmo depois de eu achar que tinha escapado dele e ido morar com minha tia Bianca, ele conseguiu vir me buscar novamente, uma última vez. E era difícil acreditar que eu estava totalmente a salvo dele, mesmo agora que sabia que ele nunca mais poderia vir me buscar. Principalmente porque ele ainda me assombrava nos meus sonhos.

Por um breve instante, enquanto a ponta do meu dedo deslizava sobre uma cicatriz ao longo das minhas costelas, foi como se eu pudesse sentir a dor branca, quente e ofuscante

daquela lâmina cravando-se em minha carne. Aço solar. A arma mais mortal conhecida pelos Fae. O dano que causava era impossível de curar completamente. Eu quase conseguia sentir as videiras que me prendiam àquela mesa fria de metal, quase sentir o cheiro forte de álcool velho no hálito do meu pai. Quase ouvir meus gritos.

Saltei da minha cama desconfortável no canto do quarto e me joguei sobre o vaso sanitário enquanto começava a vomitar, enfiando os braços nas mangas do suéter. Mas não havia nada no meu estômago vazio para vomitar. Apenas vomitei até cair de bunda no chão, ofegante, e o terror e a dor daquelas lembranças finalmente desapareceram o suficiente para que eu pudesse respirar novamente.

Quase me senti assim novamente, aquela pequena gaiola trazendo de volta todas as memórias que eu guardava dentro de mim, de todas às vezes em que estive presa à mercê daquele homem. Trancada no escuro e abandonada para sofrer por ele. E agora eu sofria à vontade de outro.

Cain talvez me odiasse pelo que eu tinha feito, ou pelo que ele acreditava que eu tinha feito, e embora a princípio a ideia disso me partisse por dentro, percebi que não importava. Eu podia ter feito algumas coisas sem motivo algum além do meu desejo por ele, mas eu também o tinha usado. Ainda o faria, se tivesse a mínima chance. Ele me mostrou quem realmente era, e eu não era tola o suficiente para duvidar disso novamente.

Então, no lugar de quaisquer sentimentos equivocados que eu pudesse ter começado a acreditar que sentia por ele, coloquei dois fatos concretos que eu poderia afirmar com verdade e veneno.

Eu salvei a vida dele.

Ele me deixou apodrecer.

E se eu algum dia saísse desse inferno fedorento e ainda restasse uma mínima parte de mim capaz de lutar, então eu direcionaria todo o meu ódio para ele pelo que ele fez comigo.

Mason Cain era um homem morto ambulante.

Ele simplesmente não sabia ainda.



Doze deveria estar fora de vista, fora do coração. Então por que ela estava fora de vista, mas tão profundamente na minha mente que eu não conseguia pensar em mais nada? Era como se eu a tivesse acorrentado dentro da minha própria cabeça e ela estivesse arranhando as paredes, arrancando pedaços do meu maldito cérebro. *Puta*...

Eu a odiava. Eu a *detestava pra caralho*. Mas eu também era obcecado por ela. Não, eu estava *possuído* por ela. Aquela garota tinha uma espécie de magia que conseguia contornar as algemas e se infiltrar na minha carne. Ela me usou. Manipulou. Fez eu pensar que eu... ela... nós...

"Porra," eu disse entre dentes.

Eu estava na academia dos guardas, levando meu corpo ao limite, com as veias saltando nos meus braços e o suor escorrendo pelo meu peito nu. Não importava o quanto eu me esforçasse, nada funcionava para forçá-la a sair. Mesmo depois de todo esse tempo.

Eu tinha considerado deixar aquele lugar maldito e

abandonado, mas então eu estaria diante da verdade patética que eu tentava ignorar o máximo que um Fae podia. Eu não tinha para onde ir. Fora daquelas paredes, eu não tinha nada nem ninguém. Aqui dentro, eu tinha uma coisa que me mantinha são. Um propósito. Manter os monstros do mundo contidos enquanto me certificava de não acabar me juntando a eles. Porque se eu saísse daqui em busca de outra vida, eu sabia como seria. A criatura sanguinária dentro de mim não descansaria. Eu encontraria maneiras de alimentá-la. Eu iria longe demais. E de uma forma ou de outra, eu seria arrastado de volta para cá algemado. Eu sabia disso em algum nível básico.

Eu já havia ultrapassado os limites da legalidade em muitas ocasiões. Participar de caçadas clandestinas era o de menos. E agora Doze tinha aparecido com sua hipnose de vagina e olhos inocentes. Ela tinha me conquistado. Me feito arriscar a única coisa que eu reivindicava como minha. Um emprego pelo qual trabalhei incansavelmente para garantir. Pelo qual eu tinha dado tudo porque a alternativa era me tornar o que sempre se esperou de mim. E eu pensei por meio milissegundo que o que tínhamos era real. Que eu tinha encontrado uma garota que não só buscava aquele monstro em mim, mas o arrancava da escuridão e o aceitava como parte de mim. Mas o que ela realmente estava fazendo era me fazer de idiota. Era claro que ela não tinha realmente *gostado* de mim. Eu era o filho da puta mais antipático de Solaria. Eu não tinha nada a oferecer a uma garota, nada além de vantagens em um inferno como Darkmore. E era ofuscantemente óbvio agora que era isso que ela queria de mim. *Então por que ela não me deixou morrer?*

Joguei o haltere de 22 quilos que eu segurava do outro lado

da sala com um rugido de raiva, ofegando pesadamente enquanto o calor me percorria a pele. Era sábado. Os funcionários que não estavam trabalhando estavam em casa com suas famílias, visitando os amigos. Este lugar era uma cidade fantasma. E era assim que eu gostava. Mas por que minha vida parecia ainda mais vazia, já que a Doze não era mais uma constante no meu dia a dia? E isso era significativo, considerando o tamanho do vazio que vivia em mim.

Por que eu remoía sem parar o momento em que ela me salvara do veneno do Beloriano? Relembrando minha reação, o alívio que senti ao acordar com ela, o calor de sua boca contra a minha, e então a pontada gélida da traição ao perceber há quanto tempo ela estava me usando. Ela estava aprontando alguma. Ela *sempre* estava aprontando alguma. E embora eu soubesse disso o tempo todo, ainda a deixei me usar, a deixei me manipular com minha luxúria pela caça. Eu entreguei minhas bolas à garota e trancá-la parecia ser minha única opção.

Nos primeiros dias, esperei que ela falasse. Que a Diretora me chamasse à sua sala e não só me retirasse o cargo, mas também me entregasse ao FIB por abuso de detentas. Eu estava caçando a Lobinha bonitinha. Ela poderia facilmente ter arregalado os olhos e derramado algumas lágrimas enquanto contava como eu a havia abusado. Mas ela nunca falou. E eu não sabia o porquê.

Engoli o nó latejante que se formava na minha garganta, ignorando a torção no estômago que sempre me ocorria quando eu pensava nela. Sozinha no buraco. Apalpando as paredes. E eu estava *constantemente* pensando nela.

Não desci até lá, não cheguei perto do lugar. Estava

trabalhando em turnos dobrados novamente, contente em passar longas horas supervisionando os internos em vez de passar um tempo sozinho com meus pensamentos por muito tempo. Não que isso ajudasse muito. Mas era melhor do que estar ali, assim, com o silêncio pulsando alto em meus ouvidos e meus pensamentos descontrolados. Mas a Diretora Pike insistira que eu tirasse uma folga neste fim de semana, então agora eu estava preso comigo mesmo e com mil pensamentos sobre ela.

Saí da academia, seguindo pelo corredor cinza e para os meus aposentos. Atravessei o quarto vazio com sua cama de solteiro e paredes brancas, marchando para o banheiro e chutando meus sapatos, abaixando minhas calças e entrando no chuveiro. Liguei a água tão quente que queimava e fechei meus olhos para tentar me concentrar no calor, deixando-o queimar minha carne e chamar toda a minha atenção. Só que não aconteceu. Porque quando fechei meus olhos, *ela* estava lá me encarando, aquelas grandes íris cor de avelã brilhando, me atraindo, prometendo coisas que eu havia aceitado que nunca seriam minhas há muito tempo. Sua magia era tão forte que talvez ela pudesse encantar Fae mesmo com aquelas algemas no lugar. Ela era uma sedutora como nenhuma que eu já conheci. Eu me vi obcecado por tudo, desde o gosto de seu sangue até os segredos em seus olhos. Eu queria tudo. Eu queria cruzar cada limite e barreira que me mantinha longe dela e agarrá-la como *minha*. Era mais do que uma necessidade, era um instinto básico. Um com a qual eu lutava todos os dias porque era exatamente isso que ela nunca poderia ser.

Meu pau endureceu quando ela se instalou na minha cabeça e rosnei de fúria com aquela reação a ela. Meu corpo era um

traidor do caralho. Eu sabia a verdade agora. Eu sabia o que ela queria de mim o tempo todo. A magia dela tinha sido liberada; aquela vagabunda tinha conseguido uma chave de algema e, de alguma forma, Shadowbrook tinha acabado com ela. Será que ele estava trabalhando com ela? Não fazia sentido. E então ele veio me perguntar quando ela sairia do buraco, e se isso não era uma coisa suspeita pra caramba, então eu não sabia o que era.

Rosnei. Fosse o que fosse, ela estava aprontando algo. E estava me manipulando como se eu fosse um violino.

E, no entanto, por mais furioso que eu estivesse, por mais que eu quisesse esmagá-la por me manipular, eu não disse uma palavra sobre a chave da algema para a Diretora Pike. Podem me chamar de idiota, de um imbecil desmiolado, mas eu, por razões além da minha compreensão, guardei o segredinho obscuro dela. Talvez fosse porque ela guardava o meu segredo, ou talvez eu nunca tivesse pretendido contar a diretora.

De qualquer forma, eu já tinha garantido que a situação fosse neutralizada, incentivando Pike a atualizar todas as algemas da prisão, então não era como se a chave fosse lhe servir de alguma coisa agora, mesmo que ela ainda a tivesse guardada em algum lugar. Mas isso não explicava por que eu não a havia exposto. Ela teria dez anos de prisão por isso. E eu continuava me dizendo que esse era mais um motivo para eu ter me calado. Eu não a queria por perto por mais tempo do que eu já teria que aturar. *Claro, babaca, foi por isso que você fez isso.*

Envolvi meu pau com a mão e mostrei os dentes enquanto a raiva crescia dentro de mim como se as chamas do sol vivessem em minha carne. Eu me masturbava sobre ela quase com a

mesma frequência com que sangrava por dentro por ela. Eu me desprezava por isso. Mas eu a desprezava ainda mais.

Soltei minha ereção e, em vez disso, soquei os azulejos brancos, repetidamente, até que eles racharam e se estilhaçaram sob meus golpes. Com minha força de vampiro, logo abri um buraco considerável na parede, com os restos dos azulejos cobertos de sangue dos meus dedos partidos. Deixei a dor dos ossos esmagados naquela mão me levar embora enquanto cerrava os dentes em meio à agonia. Mas *nada* a tiraria da minha mente. Não importava o que eu fizesse, ou o que eu suportasse para livrá-la da minha alma, nada funcionava.

Finalmente tive que aceitar que Rosalie Oscura estava aqui para ficar. E eu poderia enlouquecer e acabar na Psiquiatria por causa dela um dia desses. Então, talvez as drogas injetadas em minhas veias para me silenciar fossem algum tipo de misericórdia.



Sentei-me no escritório da diretora enquanto Pike colocava uma pasta branca na mesa entre nós.

“As novas algemas fizeram um sucesso e tanto, você não concorda?” Ela perguntou, endireitando uma caneta ao lado do fichário para que ficassem perfeitamente alinhadas.

“Sim, senhora.” Toquei no controle remoto pendurado no pescoço. Eu podia digitar as algemas de um detento específico a qualquer momento e verificar o status da magia dele, ligando-as ou desligando-as com o toque de um botão. Eu também podia

desligar ou ligar a magia de toda a prisão. Mas havia um código e um scanner de assinatura mágica para isso, então, mesmo que algum babaca suspeito o pegasse, não conseguiria usá-lo.

“Tenho mais algumas melhorias em andamento, mas a mais importante é esta.” Ela abriu a pasta, empurrando-a em minha direção, e eu observei a planta da prisão e a barreira mágica recém-destacada que se aprofundava na terra, circundando todo o complexo subterrâneo.

“O que é isso?” Perguntei curiosamente.

“A empresa de biotecnologia que criou o Beloriano está trabalhando nele há algum tempo. Vai cobrir alguns pontos cegos que me preocupavam há algum tempo.” Ela bateu na planta, apontando as lacunas entre os detectores na terra ao redor de Darkmore.

“As chances de alguém cavar um túnel ali são mínimas,” apontei. “E os detectores são colocados aleatoriamente. Seria preciso um milagre para passar por eles.”

“Sim, mas preciso prestar contas dos milagres,” disse ela, maliciosamente. “A nova barreira garantirá que absolutamente nenhum milagre aconteça na Penitenciária de Darkmore.”

Assenti, satisfeito com a resposta. Qualquer camada de proteção que mantivesse os psicopatas onde pertenciam era suficiente para mim. “Quando será implementada?”

“Seis semanas,” anunciou ela, radiante de orgulho. “Está passando pelos testes finais e os técnicos do laboratório disseram que podem colocá-la em funcionamento em uma semana, quando vierem instalá-la. Você pode avisar os outros guardas?”

“Claro,” concordei.

“Ótimo.” Ela se recostou na cadeira. “O Beloriano está bem curado desde a fuga, mas pedi ao laboratório para ter mais alguns em estoque, caso algo aconteça com ele. Não podemos nos dar ao luxo de ter falhas em nosso sistema. Temos uma reputação a zelar, mas, melhor do que isso, vamos aprimorá-la.”

“Que bom ouvir isso, senhora,” eu disse.

“Como está indo o seu relatório sobre a detenta Doze? Ela já deveria ter começado as aulas correcionais, o tempo dela em isolamento está chegando ao fim?” Ela arqueou uma sobrancelha e lutei contra a vontade de me mexer na cadeira. Eu não tinha começado o maldito relatório que deveria entregar sobre ela. Precisava sugerir aulas com base no comportamento dela. Mas toda vez que eu ia fazer isso, acabava tendo um acesso de raiva de novo.

“Está... chegando. Mas estou ansioso para garantir que ela aprenda a lição desde o ataque que me fez antes de ser libertada.” Eu precisava inventar alguma desculpa para encobrir o motivo de tê-la trancado lá. E essa era a mais simples, que justificava o tempo que ela havia ficado isolada. Minha garganta se apertou ao pensar nela sozinha ali por todo esse tempo, mas afastei qualquer sentimento desconfortável e levantei o queixo. “Mais algumas semanas, pelo menos. Os novos presos precisam entender a mensagem.”

“Bem, você é o melhor no que faz, então tenho certeza de que sabe o que está fazendo.”

“Sim,” concordei. Mas não concordava. Eu a estava mantendo lá por motivos egoístas, mais do que qualquer outra coisa,

naquele momento. Porque eu sabia que, no segundo em que ela saísse, eu tinha que estar pronto para retomar o controle sobre ela, resistir à sua manipulação, descobrir o que diabos ela queria de mim e garantir que eu nunca cruzasse a linha com ela novamente. Mesmo pensando nos meus percalços passados, brincando de gato e rato com ela lá na Manutenção, minha boca salivava por seu sangue e meu pau se contraía com a lembrança de seu corpo pressionado contra o meu.

Porra. Preciso me controlar.

"Certo, mas certifique-se de que o relatório seja enviado para mim antes que ela seja liberada. Quero que o comportamento dela seja corrigido assim que ela voltar à população geral."

"Sim, senhora," concordei, levantando-me da cadeira ao sentir que a conversa havia terminado.

"Ah, e Oficial Cain..." Pike juntou os dedos, me olhando com uma expressão severa. "Sei que você tem se esquecido de visitar a Doze. Mas ela ainda está sob sua supervisão. Não se esqueça dos seus deveres."

Parei por um instante, torcendo para não detectar qualquer suspeita em seu tom, mas concluí que ela estava apenas me lembrando de andar na linha, já que não deu mais detalhes. "Sim, senhora."

Caminhei em direção à porta, com as pernas pesadas como chumbo enquanto girava a maçaneta e saía. O ar estava muito denso quando o inalei.

Meu destino estava escrito para mim. Eu estava ficando sem tempo para tentar controlar esses sentimentos desenfreados sobre a garota Lobo. Eu tinha que enfrentá-la. E eu esperava, porra, ser

forte o suficiente para não cair nas garras dela novamente.



Eu nunca deveria ter deixado minhas lágrimas caírem. Essa era a verdadeira lição que eu estava aprendendo ali. Não se tratava de uma total falta de emoção. Eu não achava que algum dia seria capaz de me impedir de sentir raiva, saudade ou medo. Assim como eu não conseguiria me impedir de sentir a dor dos ferimentos que ele me causou e me forçou a lutar. Não se tratava de me tornar um monstro sem emoção que não sentia dor. Tratava-se de fazer o mundo acreditar que era assim.

Minhas lágrimas me denunciaram como um gemido de dor. O que eu estava aprendendo na casa do meu papa era como construir uma máscara para mim e como nunca tirá-la. Pelo menos não onde ninguém mais pudesse ver.

Eu deveria ter sido mais esperta do que chorar. Eu estava ali há tempo suficiente para saber que isso só o deixava com raiva, e ele sempre adorava uma desculpa para me punir. Eu não sabia se tinha mais medo das surras ou da tortura persistente desse tipo de punição. Trancada no escuro.

Eu me perguntei se ele tinha mandado cavar aquele lugar só para mim. Era pouco mais que um espaço apertado sob os degraus da frente da casa. A terra estava seca e fria embaixo de mim. Tão

seca que me fazia tossir se eu respirasse fundo demais.

Havia pequenas rachaduras entre as tábuas de madeira que formavam a escada, então durante o dia eu tinha um pouco de luz, mas era quando era mais provável que papa também viesse.

Ele sentou-se naqueles degraus e usou sua Magia da Água para formar pequenas gotas que espirravam na minha pele e faziam meu coração pular e bater forte de medo. Às vezes, eram geladas, às vezes escaldantes, de modo que me queimavam onde caíam. Eu não conseguia nem me mover para evitá-las. O espaço ali embaixo era grande o suficiente para eu me deitar. Eu não conseguia me sentar, muito menos ficar de pé, e mal conseguia me virar. Ele me fazia rastejar para dentro quando queria me punir assim e, se eu não fizesse isso, ele me dava ferimentos para cuidar durante minha prisão também.

Cada vez que um conjunto de passos pesados passava por cima de mim, eu me encolhia e me retraía como um cachorrinho, gemidos de medo e pânico subindo pela minha garganta como bile que eu era forçada a engolir. Porque se ele me ouvisse, só pioraria. Às vezes, os passos que passavam por cima não eram dele. Apenas mais um membro da matilha indo e vindo. E eu nem sabia se isso era pior, porque o medo da sua chegada era ainda mais paralisante do que o pequeno espaço em que eu estava espremida. Eu estava desesperada para que ele não viesse, embora soubesse com toda a certeza que ele viria.

Mas desta vez, enquanto eu estava deitada no escuro e esperava por sua chegada, recusei-me a deixar o medo me dominar. Mantive a respiração calma e os olhos fechados enquanto me permitia sonhar acordada com as crianças que eu costumava

ver brincando no parque perto do antigo apartamento da minha mãe antes de Felix Oscura me encontrar e me levar embora. Eu costumava vê-las rindo e brincando e me imaginar entre elas. Eu já tinha visto o suficiente da vida fora da minha para entender que estava perdendo algo vital. E se havia uma única coisa neste mundo que eu estava determinada a reivindicar para mim, era isso. Normalidade. Liberdade. Felicidade. Então, se eu tivesse que aprender a desempenhar esse papel para que meu papa me concedesse, que assim fosse.

Passos pesados soaram acima de mim e soltei um suspiro lento quando eles pararam. Pequenos tufos de poeira se soltaram dos degraus acima de mim e caíram sobre meu rosto, mas eu não vacilei. Apenas esperei.

Quando o silêncio se arrastava e meu coração batia tão rápido que eu mal conseguia respirar, meus lábios se separavam e as palavras saíam da minha língua sem que eu sequer lhes desse permissão.

"Podemos acabar logo com isso? Eu esperava fazer algo melhor com o meu dia do que ficar aqui sentada como um stronzo."

A pausa que se seguiu ao meu desabafo fez o medo percorrer minhas veias por vários segundos dolorosamente longos, antes que a risada rouca do papa ecoasse. Suas botas ecoaram escada abaixo com um baque surdo, e a portinha que ele instalara ao lado delas para me trancar ali se abriu quando ele a destrancou.

Sua mão agarrou meu tornozelo e eu abafei um grito enquanto ele me arrastava para fora dos degraus até que eu estivesse deitada de costas sob ele, sob o luar fraco que brilhava através das nuvens.

“O que você sugere que façamos hoje à noite, pirralha?” Perguntou papa, com os olhos brilhando de advertência, mas havia algo mais ali também. Como uma fome, uma necessidade. Havia algo que ele queria de mim e, mesmo com o coração disparado e eu tendo que lutar para não deixar minhas mãos tremerem de medo, levantei o queixo e me forcei a falar novamente.

“Quero dormir na minha própria cama esta noite,” disse eu com firmeza. “Então me diga o que preciso fazer para que isso aconteça.”

Um sorriso lento e mortal se espalhou pelo rosto do meu papa, o que realmente deveria ter me enchido de medo, mas eu estava além disso. Não me importava com o que ele fizesse comigo ou com o que ele exigisse de mim. Eu só queria retomar um pouco do controle sobre o meu próprio destino. Então, eu faria o que fosse preciso para conseguir o que queria.

“Parece que alguém finalmente descobriu como se defender. Talvez você não seja uma nanica, afinal. Vamos lá, tem uma coisa que eu quero te mostrar. Se você conseguir assistir sem deixar transparecer essas suas delicadas emoções, eu te dou a sua cama e também te dou um jantar. Então, o que você me diz, Rosalie? Acha que consegue lidar com isso?”

“Sim,” rosnei, porque não me importava com o que acontecesse. Ninguém mais naquele lugar imundo e fedorento iria aparecer de repente e começar a cuidar de mim, então isso significava que eu teria que fazer isso sozinha. Eu pintaria a máscara que ele queria que eu usasse com tanta perfeição que ninguém jamais conseguiria dizer o que eu realmente estava sentindo. Se meu pai quisesse me transformar em um monstro à sua imagem, era isso que ele ia

conseguir. Eu só esperava não esquecer a garota que enterrei sob a máscara, porque tinha a sensação de que ela não teria muito tempo para ver a luz novamente tão cedo.

Papa se afastou de mim pelo pátio e eu o segui, tirando minhas roupas sujas enquanto ele fazia isso e assumindo minha forma prateada de Lobisomem. Inspirei fundo, tentando ignorar o fedor do meu papa e sua matilha que enchia o ar por ali e me concentrar na brisa fresca que soprava das montanhas com um aroma mais doce. Havia uma promessa de liberdade naquele vento. Algo que eu ansiava nas profundezas da minha alma.

Papa juntou as roupas entre os dentes, então eu copiei e, quando ele saiu correndo pelo quintal, fiz questão de acompanhá-lo.

Ele correu a toda velocidade e eu corri para acompanhar seu ritmo, tremendo de prazer quando o luar rompeu as nuvens por um instante e percorreu minha espinha. Desejei poder uivar para lua, mas as roupas na minha boca tornavam isso impossível, então, em vez disso, apenas agradeci silenciosamente pela companhia.

A lua era a única amiga verdadeira que eu já conhecera. E por mais triste que fosse, pelo menos eu sabia que ela era confiável. Chova ou faça sol, noite após noite ela estava lá em cima, nas nuvens, me esperando.

Felix correu muito além do seu quintal e pelos campos que cercavam sua propriedade. Ele possuía tudo ali por quilômetros, e a escuridão da noite parecia guardar todos os seus segredos em suas sombras.

Enquanto corríamos em direção a um enorme armazém na orla das árvores, o cheiro enjoativo de sangue atingiu minha garganta e

tive que me esforçar para não diminuir o ritmo ao perceber para onde ele estava me levando. Eu nunca tinha estado naquele prédio antes, mas aquele fedor de sangue e morte sempre pairava ao redor, então era fácil adivinhar o que acontecia ali.

Felix correu direto para as portas e um dos seus companheiros de matilha as abriu para nos deixar entrar.

Quando chegamos ao espaço árido, papa soltou as roupas e voltou à sua forma Fae. Ele rapidamente as vestiu novamente e eu me apressei em fazer o mesmo.

"Venha, Rosalie," ele rosnou. "Você pode observar e aprender. Supondo que consiga controlar essas suas emoções, você estará de barriga cheia antes de descansar a cabeça em travesseiros macios esta noite."

Meu estômago roncou esperançoso com a perspectiva disso e corri atrás dele enquanto ele me guiava pelo armazém até o centro dele.

Meu olhar estava estoicamente fixo nas costas do papa, então, quando ele parou, eu me detive. Ele se afastou, o olhar fixo no meu rosto enquanto eu avistava a mulher que ele havia amarrado à mesa de metal no centro do armazém frio.

Seu rosto estava machucado e inchado, seu nariz parecia quebrado e havia sangue manchando seu queixo.

"Me ajude, criança," ela implorou enquanto seus olhos castanhos pousavam em mim. "Me tire daqui, ele vai me matar. Eu tenho uma família. Eu..."

Felix deu um soco forte o suficiente para que um dente caísse no chão de concreto e eu lutei com todas as minhas forças para não

recuar enquanto ela chorava.

"Fique à vontade, pirralha," disse papa enquanto pegava um rolo de couro de uma pequena prateleira ao pé da mesa e o desenrolava lentamente. "Eu gosto de levar o meu tempo livrando o mundo da escória Lunar."

A mulher começou a soluçar enquanto papa puxava uma lâmina dourada deslumbrante de dentro das dobras do couro e a segurava para que eu a visse. Mesmo sob a luz bruxuleante das lâmpadas antigas acesas no alto, a lâmina de alguma forma conseguia refletir a luz.

Fiquei sem fôlego enquanto olhava para aquilo, imaginando como alguém sequer começou a criar algo com tanto poder e beleza.

"Esta é uma lâmina de aço solar," explicou papa ao ver onde minha atenção se fixara. "O único material conhecido pelas estrelas que pode deixar cicatrizes em um Fae além do poder da magia de cura. Ela queima como se a própria luz do sol vivesse dentro do metal quando corta. Você não tem ideia da arte que posso criar com esta beleza, filhote, mas seria bom prestar bastante atenção e aprender. Porque este lugar aqui é onde toda a escória e traidores acabam. Então, se você tem alguma grande ideia de transformar esse ódio que sente por mim em algo violento, saiba que não hesitarei em te deitar aqui e te retalhar também. Com sangue meu ou não, uma vez que você se torna parte da minha matilha, a única saída é a morte."

Estremeci quando as lembranças se aproximaram, o alívio me invadiu quando o cara na cela em frente à minha começou a gritar de novo e me arrancou de lá, me forçando a acordar antes

da pior parte. Porra, eu odiava aquele homem. Mesmo agora, depois de todos esses anos, eu ainda o odiava com a fúria de tudo o que eu era. Às vezes eu desejava poder forçá-lo a me encarar como eu estava agora, com toda a extensão dos meus poderes despertados e minha Loba crescida. Aquele desgraçado teria tremido nas próprias botas se esse dia tivesse chegado.

O sujeito começou a bater com os punhos na porta, gritando para que um guarda viesse e o deixasse sair. Ele tentava essa merda pelo menos seis vezes por dia, chorando, implorando e gritando até meus ouvidos começarem a sangrar. Isso também não lhe ajudou em nada. Os guardas provavelmente estavam se excitando com a dor dele.

Meu peito doía com uma dor forte enquanto eu olhava ao redor da minha cela escura e me levantava da minha cama desconfortável. Não havia a mínima chance de eu dormir de novo com aquele pesadelo persistindo e seus gritos ecoando por toda a unidade de isolamento. Alguns dos outros internos começavam a gritar para ele calar a boca logo, mas eu não sabia por que se davam ao trabalho. Nunca fazia a mínima diferença. E às vezes eu aceitava o barulho dele só para quebrar o silêncio. Porque às vezes o silêncio era alto demais ali embaixo.

A única vez que ele parava era se o Vampiro na cela no fundo do quarteirão gritasse para ele parar, embora isso não acontecesse com frequência. Todo filho da mãe ali ficava em silêncio se ele ordenasse. No começo, eu não entendi o porquê, mas consegui fazer com que Hastings me contasse um pouco sobre ele quando me levou para tomar banho um dia. Aparentemente, ele era um grande *stronzo*, mais poderoso do que qualquer outro Fae em Darkmore, e um dia, alguns anos atrás,

ele surtou e matou mais de vinte Fae no Complexo Mágico antes que os guardas pudessem incapacitá-lo, depois de perder um apelo para sair dali. Pelo que Hastings havia contado, o pobre coitado estava trancado no buraco desde então. Ele era forte demais para que arriscassem soltá-lo com a população novamente.

Comecei uma série de flexões e tentei limpar a mente das lembranças dos gritos daquela mulher e do jeito como meu pai sorrira enquanto a desmembrava com uma precisão mortal que garantiu que ela levasse horas para morrer. Eu não me movi um centímetro durante todo o processo. Não desviei o olhar. Nem pisquei, pelo que me lembro. E agora cada momento daquele horror e todos os outros que aconteceram naquele armazém amaldiçoado viviam para sempre em minhas memórias.

Tentei ao máximo não pensar nas minhas próprias cicatrizes e no que tinha sido necessário para causá-las. Eu me esforcei para malhar, fazendo meu corpo arder e doer, da única maneira que encontrei para bloquear aquelas memórias ali embaixo.

Meu estômago roncou em protesto quando terminei minha série e comecei a correr de uma parede para a outra. Seis passos para cada lado, com uma curva fechada, enquanto batia a mão na parede do fundo e depois na porta. Era tudo o que eu tinha para me manter sã ali embaixo e a única maneira que eu conseguia pensar para passar o tempo, além de contar carneirinhos e me afogar na escuridão da minha infância.

Um dia eu poderia ter uma matilha inteira de Lobos com meus próprios filhotes e poderia cobri-los de amor e beijos para compensar toda a merda que me foi negada. Mas era difícil

imaginar isso enquanto eu estava presa aqui. Era difícil imaginar qualquer coisa além dessas quatro paredes, se eu fosse totalmente honesta comigo mesma. Embora houvesse uma coisa que me vinha à mente com mais frequência do que eu esperava. Ou melhor, um Fae. Embora pensar nele invariavelmente me levasse a pensar nos outros Alfas que chamaram minha atenção neste buraco do inferno e eu não sabia se atribuía isso ao fato de que eu não tinha nenhum há muito tempo ou se era o maldito vínculo de companheiros.

Mas isso era só eu me enganando, na verdade. Porque eu sabia que era o vínculo de companheiros. Eu não era tão insaciável em sexo a ponto de realmente acreditar que estaria fantasiando tanto com ele, tirando isso. *Fodido Shadowbrook.*

Dei um tapa na marca em forma de lua crescente atrás da minha orelha, frustrada, enquanto ela formigava, e fui tomada pela vontade de correr com ele sob a lua cheia. Queria que ele me pegasse nos braços, me abraçasse forte e me beijasse até eu perder a visão. Queria que ele fizesse toda essa dor e preocupação desaparecerem e simplesmente me prendesse em seus braços e nunca mais me soltasse.

Terminei minha sequência, virei à cabeça para o teto e uivei, colocando as mãos em concha ao redor da boca para fazer o som viajar o mais longe possível, embora soubesse que não alcançaria o homem que a lua havia escolhido para meu companheiro. Mas talvez, no fundo do seu coração, ele pudesse me sentir chamando por ele do jeito que eu às vezes imaginava que também podia senti-lo. Não que eu realmente devesse me importar se ele estava com saudades de mim ou não. Ele se esforçou para esconder nosso vínculo com tinta só para tentar escapar da vergonha de

estar ligado a alguém como eu. Ele me odiava profundamente, com base em nada além do sangue que corria em minhas veias e na família que me gerou. Era patético. E eu o odiava por isso. Mesmo que eu também sentisse muita falta dele.

Foda-se minha vida.

Tirei o suéter preto horrível de mim, de modo que fiquei só com a regata e comecei a fazer abdominais.

Eu estava finalmente começando a me aquecer, e o exercício era praticamente a única coisa que me permitia isso ali embaixo. O cobertor fino e áspero que me deram certamente não ajudava muito a me aquecer. Nas raras ocasiões em que os pesadelos do meu passado não me acordavam, os tremores sempre o faziam.

Quando terminei isso, a coceira na minha marca de companheiro estava começando a parecer mais uma queimadura e eu caí de volta no chão frio de concreto, colocando as mãos em volta da boca e uivando novamente.

Um instante depois, eu poderia jurar que ouvi um uivo em resposta. Não, não era isso, eu não tinha ouvido. Eu tinha *sentido*.

Prendi a respiração quando uma onda de dor e desejo me percorreu e coloquei as mãos em concha ao redor da boca enquanto uivava novamente, longo e baixo, o som ecoando no pequeno espaço que tinha sido minha prisão por tanto tempo.

Quando aquele aperto no peito voltou, ofeguei, certa de que, de alguma forma, em algum lugar, Ethan estava me respondendo. Pensar nisso me encheu de tantas emoções que eu não sabia o que fazer com elas. Raiva, frustração, mágoa, inveja e um desejo infernal. Eu ansiava pela sensação das mãos dele no meu corpo,

dos lábios dele contra os meus, da alma dele perto e do coração batendo forte por mim.

Um soluço escapou de mim enquanto uma lágrima deslizava pela minha bochecha, rolando pela minha orelha e afundando no meu cabelo. Tentei contê-la, mas não chorei desde aquela primeira noite aqui, pelo menos não enquanto estava acordada. Eu havia lutado contra esse sentimento desesperador e doloroso com todas as minhas forças, e agora as represas estavam se rompendo e eu sabia que era incapaz de pará-lo.

Virei-me de lado e encolhi-me, mantendo a mente fixa em Ethan por um longo momento antes de me concentrar em Roary. Prometi tirá-lo dali e tudo o que consegui fazer até agora foi estragar tudo e me trancar numa caixa nos abismos do inferno. Eu era tão inútil. Não era de se admirar que ele não me quisesse. Talvez eu fosse mesmo o filhote idiota que ele pensava que eu era. Peitos maiores e uma atitude mais arrogante não me tornavam nada especial. Talvez eu só estivesse mentindo e tão desesperada para cumprir a promessa que fiz de resgatá-lo desse inferno dez anos atrás que até consegui me iludir e acreditar que conseguiria.

Porra, eu sentia falta dele. Eu estava com saudades dele há tanto tempo que não deveria ser possível sentir mais saudades dele do que eu sentia antes de vir para cá, mas eu sentia. Tudo era diferente aqui. Antes ele era uma fantasia inalcançável e agora ele era mais como o guardião do meu coração torturado. Podia estar ensanguentado e destruído, mas ainda batia por ele. Eu tinha quase certeza disso desde a primeira vez que o vi, quando ele nem sabia que eu existia. Merda, às vezes ainda parecia que ele não sabia que eu existia. Eu era apenas uma filhotinha idiota que vinha aqui jorrando promessas que eu provavelmente nunca

cumpriria agora. Cain tinha se esquecido de mim aqui embaixo. Ele queria me provar o quão pouco eu significava para ele e para o mundo, e ele tinha feito um ótimo trabalho nisso.

Aquele aperto no peito ecoou por mim novamente e eu tive certeza de que em algum lugar Ethan estava sofrendo tanto quanto eu. E até mesmo pensar nisso me cortava ainda mais, sabendo que minha dor o estava machucando e que eu não podia ir até ele.

Enterrei o rosto nas palmas das mãos e solucei enquanto a total desesperança da minha situação me sufocava e eu era forçada a considerar o fato de que eu poderia simplesmente morrer ali embaixo. Sozinha e esquecida no escuro. Tão inútil e patética quanto meu pai sempre disse que eu era.

"Merda."

Quase não registrei o palavrão suave que veio de trás de mim, mas a lufada de ar quente vinda do corredor além da minha cela atingiu minha pele e me forçou a aceitar que era real.

Uma mão roçou meu ombro meio segundo antes de eu rolar e recuar até bater na parede no fundo da minha cela, de onde pude encarar o guarda que me encontrou no meu momento de maior fraqueza com todo o veneno que consegui reunir.

E era claro que não era qualquer guarda. Mason Cain estava parado na porta, iluminado pelas luzes fluorescentes do corredor, enquanto me encarava como se eu devesse ser a única a quebrar o silêncio entre nós.

"Doze," ele começou hesitante.

"*Vaffanculo*," cuspi venenosamente, com mais sinceridade do

que jamais pensei ter dito em toda a minha vida. *Vá se foder.*

Ele deu um passo na minha direção e eu me levantei o mais rápido que pude, recusando-me a me encolher aos seus pés, mesmo depois dele ter me encontrado daquele jeito. Quase apaguei de tão rápido que levantei, graças ao fato de não ter comido por... bem, eu não fazia a mínima ideia, porque não tinha relógio para me basear, mas eu tinha percebido que a comida só vinha duas vezes por dia e tinha um gosto horrível. Vantagens de estar no buraco e tudo.

Cain disparou para frente e segurou meu braço para me firmar, e eu o empurrei com um rosnado profundo, mostrando os dentes para ele, todo fodida loba, lembrando-o de que ele estava encurralando um predador selvagem naquele momento, mesmo que ele tivesse me encontrado chorando.

Cain me soltou e deu um passo para trás, como se tivesse percebido que eu estava a três segundos de arrancar sua garganta com meus malditos dentes, mesmo que meus caninos não fossem tão afiados quanto eu gostaria para o trabalho.

Respirei fundo enquanto afastava meu cabelo preto, emaranhado e sujo, do rosto e ergui o queixo, recusando-me a enxugar as lágrimas. Eu não ia ter vergonha delas.

"Eu..."

"Está na hora do meu banho semanal?" Zombei. "Você veio me ver congelar os peitos quando ligam a água fria para você ter algo fresquinho para se masturbar depois? Porque, lamento informar, *stronzo*, que eles não estão tão grandes quanto antes. Duas refeições pequenas por dia, além de uma porrada de exercícios, me fizeram perder peso durante o tempo que passei

aqui.”

“Eu ainda sou seu agente penitenciário, Doze, você não pode falar comigo desse jeito e esperar se safar,” rosnou Cain.

“E o que diabos você vai fazer a respeito, seu desgraçado?” Provoquei. “Prolongar meu prazo de um mês para três... espera, você já fez isso, não fez? Ou já são seis? Talvez um ano inteiro? Talvez você esteja só esperando eu perder o juízo completamente para poder me mandar para a Psiquiatria para um dos seus experimentos?”

“O que você quer dizer com isso?” Ele perguntou, parecendo que ia tentar me agarrar de novo, e rosnei ainda mais alto do que da primeira vez.

“Coloque um dedo em mim e juro pelas estrelas que vou arrancar seu pau com a minha mão nua e jogá-lo no vaso sanitário antes mesmo que você pare de gritar.”

“Cuidado com o que diz,” ele alertou, o babaca raivoso dentro dele vindo à tona rápido o suficiente.

“O que você vai fazer comigo então, chefinho?” Rosnei, provocando-o, mesmo sabendo que poderia me arrepender. Mas ele já tinha me visto quebrada, já sabia exatamente o que ficar presa ali estava fazendo comigo, então não fazia sentido eu tentar esconder.

O olhar de Cain se estreitou antes dele disparar contra mim num movimento brusco. Fui arremessada para cima do ombro dele antes mesmo de ter a chance de me preparar para isso, e o mundo ao meu redor se tornou um borrão enquanto ele me carregava para fora da cela a toda velocidade.

Quando paramos, me vi no único chuveiro que tinha sido meu único descanso da cela nas últimas semanas.

“Tire a roupa,” ordenou Cain, dando um passo para trás.

Cuspi em seus pés e o xinguei. “Me obrigue, stronzo.”

Seus olhos escureceram com o desrespeito no meu tom, mas eu apenas zombei dele. Ele tinha me tornado uma inimiga e eu nunca iria esquecer isso.

Com um estalo de língua, ele se atirou em mim novamente, me empurrando contra os azulejos bege da parede antes de enfiar os dedos na minha calça de moletom e empurrá-la para baixo.

Minha regata foi a próxima, arrancada do meu corpo com tanta selvageria que o material se rasgou em dois em vez de passar pela minha cabeça.

“É isso que você quer?” Rosnou Cain para mim enquanto eu estava embaixo dele, com a minha horrível e disforme calcinha de prisão. “Você quer que eu continue?”

“Eu não quero nada de você, *figlio di puttana*.” *Filho da puta.* Abaixei a calcinha e tirei o sutiã enquanto ele ficava ali parado me encarando como se tivesse o direito de ficar bravo comigo.

Quando ele não saiu do meu espaço pessoal, dei um passo à frente, batendo nele com toda a força que pude para forçar seu ombro para o lado e entrar no único box do chuveiro.

Fiquei de costas para ele enquanto esperava a água sair do chuveiro acima de mim e tentei não ofegar muito alto quando a água fria caiu sobre mim.

Permaneci o mais imóvel possível enquanto a água me encharcava, lavando o suor e a sujeira mais intensa do meu corpo

enquanto eu começava a tremer. Eu não estava mentindo para Cain quando disse que havia perdido peso, e os músculos tensos do meu corpo haviam roubado muitas das curvas femininas da minha pele, o que também não ajudava na hora de me manter aquecida. Provavelmente ficaria tremendo o resto do dia na cela. Não teria energia para outro treino até a comida chegar, e eu não fazia ideia de quando isso aconteceria.

Peguei a barra de sabão áspera, que eu tinha certeza que eles compraram com a intenção de nos deixar os mais desconfortáveis possíveis, e comecei a raspar minha pele.

Quanto mais eu ficava ali, mais os calafrios me sacudiam o corpo, mas me recusei a sair até estar completamente limpa. Deixar-nos imundos metade do tempo era apenas mais uma forma de tortura que ofereciam aos moradores do buraco, e eu me recusava a facilitar ainda mais para eles. Eu já tinha sobrevivido a coisas muito piores do que um banho frio em toda a minha vida.

“Por que as rosas?” Perguntou Cain atrás de mim, e cerrei os dentes enquanto esfregava o sabonete no cabelo. Meu lindo cabelo preto, na altura da cintura, estava agora tão cheio de nós e emaranhados que eu temia que tivesse que cortá-lo todo se eu voltasse para as celas. Eles nem me deixavam escová-lo, muito menos usar xampu e condicionador, e eu nunca tinha percebido até então o quanto esses pequenos luxos eram importantes para mim.

Preferi ignorar o *stronzo* que me observava enquanto eu tomava banho e continuei esfregando meu cabelo, mas era claro que ele não deixaria isso passar, insistindo no assunto das minhas tatuagens como se realmente se importasse.

“É só porque seu nome é Rosalie e você achou que seria fofo tatuar algo no corpo?” Ele provocou.

Olhei por cima do ombro para ele, sabendo que ele estava olhando para as videiras que se curvavam sobre minha bunda e costas, a partir da tatuagem que percorria todo o lado esquerdo do meu corpo.

“Cada flor na videira representa alguém por quem eu morreria de bom grado,” rosnei. “*A morte e ritorno*.” O lema da minha família saiu da minha boca como um velho amigo. *Até a morte e de volta.*

“Então é só uma besteira de gangue?” Ele perguntou e estalei a língua enquanto os calafrios no meu corpo tornavam difícil até mesmo formar uma resposta coerente.

“Quando eu tinha quatorze anos, algo aconteceu comigo que me deixou marcada por todas as cicatrizes que um Fae pode ter, por dentro e por fora. Eu não queria passar o resto da minha vida olhando para as evidências do que havia acontecido comigo e revivendo tudo repetidamente. Então, um homem que havia passado por tanta agonia quanto eu me ensinou a transformar minha dor em força.”

Eu nunca falei sobre isso. Nunca. Mas havia algo naquele *stronzo* presunçoso que me fazia querer provar que ele estava errado em tudo. E por mais que eu não devesse me importar com o que ele pensava de mim, eu não ia deixar que ele menosprezasse a minha escuridão. Que se foda. Além disso, não era uma conversa profunda e significativa, apenas eu informando ao desgraçado que eu nunca teria medo dele porque eu já tinha conhecido o verdadeiro medo na minha vida e nada que ele fizesse

comigo chegaria perto disso. “Então, não me importo se algum safado mimado como você quiser me desprezar e falar de mim como se me conhecesse. Porque você não tem a mínima ideia do que é viver a minha vida ou se colocar no meu lugar. Tornar-se um dos Alfas do Clã Oscura exigiu mais sacrifícios e dor do que você jamais poderia compreender com seu cérebro idiota. Então, por que não volta a me dominar e aproveita a forma como esse seu suposto poder te deixa de pau duro, porque não tenho nada a dizer a você?”

Comecei a lavar o sabão do meu cabelo arruinado da melhor maneira que pude, considerando os nós, e levei um susto quando a água que caía sobre mim esquentou de repente.

A espuma escorreu pelo meu corpo e, por um longo e glorioso momento, me banhei na sensação absolutamente incrível da água morna acariciando minha pele. Era uma pena não poder aproveitar.

Soltei um suspiro de frustração e me virei para encarar Cain, saindo do chuveiro em direção a ele e mostrando os dentes.

“Não quero sua pena, *stronzo*. Não quero porra nenhuma de você,” rosnei, pegando a toalha áspera do gancho na parede e esfregando minha pele agora rosada.

“É minha responsabilidade garantir que você não fique doente e morra, Doze,” respondeu Cain em tom sombrio. “Não foi pena, fui eu garantindo que você não tivesse hipotermia e me obrigasse a arrastar sua bunda linda para o pronto-socorro.”

“Vá se foder.”

“E só para constar, eu não cresci num devaneio suburbano como você parece acreditar. Você não é a única pessoa no mundo

que já passou por essa situação.”

Levantei o olhar para ele e, por um instante, poderia jurar que o que encontrei ali não era ódio algum. Mas não me importei. Ele já havia perdido qualquer chance de eu sentir algo além disso por ele há muito tempo.

Minha pele formigava de raiva e, por um momento, nem percebi que era mais do que isso. Eu não estava apenas com raiva, eu vibrava com uma energia crua e potente, e um brilho fraco e pálido começava a se formar na minha pele.

As sobrancelhas de Cain se ergueram quando ele também percebeu isso e um sorriso sombrio se formou em meus lábios enquanto eu o encarava.

“Eu te amaldiçoo, Mason Cain,” sibilei, cada vestígio de veneno que eu guardava em minha alma por ele subindo à superfície da minha pele. “Em nome da lua que me governa, eu te amaldiçoo e te desejo nada além de dor e miséria.” O brilho na minha pele ficou mais intenso até que eu sentisse meu corpo inteiro vibrar com o poder da minha magia da lua. Eu não tinha a mínima ideia de como funcionava, mas sempre que a usava antes, era tão fácil quanto respirar, e era exatamente assim que eu me sentia agora.

“Como você está fazendo isso?” Perguntou Cain, seu olhar se voltando para as algemas iluminadas em meus pulsos, que me impediam de usar minha magia. Mas não se tratava de magia Elemental. Era algo intrínseco a quem eu era, algo profundo na alma e ligado à minha Ordem e a minha Loba, e mesmo com o Supressor da Ordem prendendo essa parte de mim, eu ainda conseguia acessar essa fonte de poder que corria fundo em

minhas veias como o luar quando eu mais precisava.

"*Ti maledico*," repeti na minha língua materna. *Eu te amaldiçoo*.

Cain disparou para a frente e me empurrou contra a parede, apertando minha garganta com força enquanto usava seu corpo para me esmagar. "Pare com o que está fazendo," exigiu ele com aquela voz de alfa babaca, e eu apenas sorri como uma psicopata enquanto o contato entre nós fazia o brilho prateado se espalhar e envolvê-lo também.

Agarrei seu pulso enquanto meu sorriso se alargava, sussurrando as palavras que a magia me pedia. "*La luna maledetto*." A *lua te amaldiçoou*.

No momento em que as palavras saíram dos meus lábios, foi como se todo aquele poder sobrenatural tivesse se deslocado pelo meu corpo, aquecendo minha pele e correndo para o ponto de contato onde eu segurava seu pulso antes de inundá-lo.

Ele xingou enquanto me soltava e o brilho prateado deixou o cômodo enquanto eu ofegava pelo esforço de usar meus dons da Ordem, mesmo sem ter muita certeza do que tinha feito com eles.

Cain rasgou o botão que prendia o punho da camisa preta e arregaçou a manga enquanto olhava para o local onde eu o segurava. Uma marca prateada adornava sua pele na parte interna do pulso, no formato de uma única rosa em uma videira fina.

"Que porra é essa?" Ele perguntou, estendendo-o para que eu visse, e eu apenas olhei para ele, impassível.

"É isso que a lua acha que você merece, *stronzo*. Não adianta

me pedir. Sou apenas um recipiente para a vontade dela."

"Besteira. Você sabia o que estava fazendo quando lançou aquele feitiço," rosnou ele, esfregando o pulso como se achasse que a marca pudesse sair. *Que azar, querido.*

"Prove," provoquei, e não era nem uma besteira completa, porque eu não entendia completamente o que tinha acabado de acontecer, mas para mim o uso da palavra maldição tinha sido frequente o suficiente para me dar uma pista.

Cain rosnou com raiva, avançando e me arrancando do chão antes de sair correndo do cômodo e atravessar o longo corredor da unidade de isolamento até chegar à minha cela. Entramos correndo e ele me jogou no chão, arrancando do meu corpo a toalha áspera em que eu estava enrolada antes de me jogar uma pilha de roupas limpas nos braços.

"Temos assuntos inacabados, você e eu," ele avisou enquanto recuava e eu apenas sorri meu sorriso de torta de cereja ao vê-lo abalado.

"Não. Não temos," respondi. "Não tenho nada a lhe dizer. Você é menos que nada para mim. Apenas um babaca com complexo de superioridade e vingança. Espero que durma bem à noite, sabendo o quão grande e durão você é, mandando em garotas e trancando-as em gaiolas quando você tem a magia e a Ordem delas trancadas e elas não conseguem revidar. É melhor você torcer para nunca me encontrar fora deste lugar, *Mason,* porque eu teria o maior prazer em arrancar sua cabeça do seu corpo com meus dentes e usar minha Magia da Terra para enterrá-lo bem fundo, onde nem os vermes o encontrariam."

A porta bateu na minha cara e mergulhei na escuridão

novamente, tendo que me vestir apenas com a luz emitida pelo brilho dos meus punhos. Afundei na minha cama, sentindo-me insanamente exausta pelo uso dos meus dons, mas, antes que eu pudesse recostar a cabeça na cama dura, meus dedos encontraram um chumaço de tecido na cama e um sorriso surgiu em minhas bochechas. O Oficial babaca tinha esquecido de pegar meu suéter velho quando saiu correndo. Talvez eu conseguisse dormir esta noite sem tremer.

Graças às estrelas pelos pequenos milagres.

Mas, ao vesti-lo e me deitar novamente, soltei um longo suspiro e o sorriso desapareceu do meu rosto. Posso ter vencido algumas pequenas batalhas hoje, mas ainda assim estava perdendo a guerra. E, enquanto as quatro paredes ao meu redor pareciam se fechar mais uma vez, eu sabia que os pesadelos viriam atrás de mim no momento em que fechasse os olhos.



Bolas azuis era meu nome. E ereções intensas era o jogo.

Pelo sol e por aquela lua idiota, por que eu decidi esperar para transar com alguém especial depois do meu tempo de isolamento? Por que eu não podia enfiar no buraco mais próximo e acabar com essa agonia? O velho eu teria feito isso. O velho eu era solto e não tinha padrões. Mas, droga, eu tinha me prometido Rosalie Oscura e agora ela tinha sido enfiada em um buraco que nem Plunger queria foder. Eu tinha que aguentar essa dor. Mas eu estava cansado de esperar que minha garota selvagem fosse libertada. Principalmente porque eu sentia falta de olhar para ela. E quando ela dizia coisas. E fazia aquela coisa de bater os cílios.

Eu era apegado à minha garotinha selvagem e estava cansado do Roary me encarando como se eu tivesse montado em todas as mães dele e dado um tapa no pai dele enquanto fazia isso. Será que era *tão* errado eu ter deixado o Beloriano sair? Alguém estava realmente *tão* chateado com isso? Qualquer um que tivesse morrido estava morto, e qualquer um que não tivesse morrido não estava morto. Então por que as pessoas ainda estavam com raiva? E por que eu me sentia... desconfortável com isso? Sentia um nó no estômago e um nó ainda mais forte na garganta sempre que

pensava em Rosalie. E eu sempre pensava em Rosalie. Não apenas nos seus peitos empinados, o que já dizia alguma coisa. *Mas esses peitos são extra empinados...*

Jantei na minha própria mesa, com duas porções de molho e quatro potes de pudim empilhados ao meu lado. Roary Night estava me encarando de novo e eu deixei meu queixo cair para mostrar a ele meu bocado de comida meio mastigada, fazendo-o fazer uma careta e se virar. Ignorar os costumes sociais era uma das maiores armas contra a sociedade que eu já aprendi a manejar. Se as pessoas achavam que você era louco, elas ficavam longe. Ser imprevisível me tornava assustador, até mesmo para caras maiores e mais fortes do que eu. Não que houvesse muitos por aí. Mas havia algo em romper a norma que perturbava as pessoas completamente. O que elas não percebiam era que eu não era louco. Eu era livre como um pássaro. Um pássaro engaiolado, mas ainda assim. Esses filhos da puta nem tinham o potencial de abrir as asas. Considerando que, no segundo em que eu fugisse daquele lugar, eu voltaria para minha vida sem lei e ninguém nunca mais me pegaria. Feliz, selvagem e assustando as pessoas pra caramba.

A hora da recreação era minha parte favorita do dia, e eu devorei minha comida e quatro pudins, sem nem parar para saborear o recheio cremoso enquanto os devorava antes de abandonar minha bandeja na mesa e sair da sala. Olhei para trás e vi o grandalhão Shifter Urso, Pudding, recolhendo os potes. Ele sempre fazia coisas estranhas assim. Imaginei que o lixo de um Fae era o tesouro de outro. Mas não fazia ideia do que ele queria. Se eu tivesse que chutar, diria que ele estava construindo um pote de pudim cuidadosamente construído. É o que eu teria feito

com centenas de potes de pudim.

Desci as escadas, passando pelos guardas furiosos postados ao redor do local. Entrei na academia e o ar-condicionado gelado me envolveu, aguçando meus sentidos. O gosto do pudim de chocolate ainda estava na minha língua e me lembrou de Rosalie novamente. De quando ela me trouxe um pote no isolamento. Um rosnado ficou preso na minha garganta enquanto eu pensava nela lá embaixo, onde eu estivera. Isso me deixava com raiva. Me mantinha acordado à noite. Me fazia bater a cabeça diariamente só para obter algum alívio das emoções furiosas que atormentavam meu corpo. Ela era minha marca especial de pudim, feita das minhas fantasias mais sombrias e da tentação pessoal do meu pau. Ela tinha gosto de arco-íris e da melhor foda que eu já tive. Ela era doce, pura, sombria e selvagem. E eu a faria pecar por mim tão bem que ela nunca seria capaz de me esquecer. Mesmo quando eu era apenas um Incubus com quem ela transou, eu ainda seria o melhor Incubus com quem ela já transou. Assim que conseguisse entender seus desejos.

Passei por outro guarda e entrei no vestiário, pegando um short do meu tamanho no dispensador na parede antes de me despir e jogar meu uniforme em um armário. Ele não trancava de verdade, então meio que ia contra o propósito do nome. O que era o oposto de mim e do meu nome. Acho que eles não podiam ter presos escondendo coisas aqui. Mas havia lugares muito menos visíveis para isso em Darkmore, de qualquer forma. Se os guardas achavam que nos tinham sob controle, estavam vivendo uma bela ilusão. E eu estava bem com isso, contanto que pudesse continuar a desafiá-los em silêncio, e em voz alta também quando a ocasião exigisse. Com o calor ardente da raiva martelando meus

membros agora, eu estava começando a achar que era hora de enviar convites para o meu desafio iminente.

Vesti o short preto de ginástica e calcei os tênis de volta antes de sair para a academia. Meu ombro bateu em alguém que entrava e Roary Night rosnou para mim enquanto esperava que eu saísse do seu caminho.

“Anda, Wilder,” ele exigiu.

“Ou o quê, gatinho?” Eu o empurrei para passar e o Oficial Hastings olhou para nós dois, incerto, levando a mão ao cassetete.

Dei um sorriso largo para o garoto e caminhei até o ringue de boxe, que estava vazio. Coloquei as luvas e entrei, faminto por uma luta hoje para libertar a fera que rugia constantemente dentro de mim desde que minha garota selvagem havia sido levada. Eu costumava desafiar as pessoas no Complexo Mágico, mas hoje eu queria sentir carne com carne. Contato real com um Fae. Porque a última vez que eu tinha sentido algo assim havia sido há muitos meses para meu cérebro compreender.

Os Incubus precisavam do toque de outros Fae, especialmente toques sexuais. Eu tinha que ficar em meio aos arbustos como um esquisito no Pátio da Ordem e me alimentar da energia sexual de qualquer um que fodesse. As alcateias de Lobos eram bons locais de alimentação para isso, com suas orgias. O Clã Oscura fazia uma toda vez que ia ao pátio, enquanto se consolavam pela perda de sua Alfa. E juro que também chorei e me masturbei junto com eles algumas vezes. Mas eu tinha feito uma promessa a mim mesmo, que eu estava cumprindo. Muitos Fae tinham me feito propostas desde que voltei para a pop-gen, mas só havia

uma pessoa em quem eu queria me enterrar. A linda lobinha que me trouxe pudim.

“Ei,” gritei para um cara que estava treinando seus bíceps. Ele olhou por cima do ombro com a testa franzida, arregalando os olhos ao perceber quem tinha falado com ele. “Venha aqui e lute comigo.”

Ele abriu os lábios, depois balançou a cabeça, jogando o peso para baixo e indo embora num ritmo decidido. *Covarde.*

Fiz uma proposta para mais alguns detentos e, de alguma forma, consegui esvaziar toda aquela parte da academia. Rosnei de irritação e doí de frustração. *Por que ninguém quer brincar comigo?*

Roary era o único que restava naquela ponta da academia, levantando 100 quilos. Enquanto ele terminava uma série e enxugava a testa com uma toalha, observei os músculos ondulantes de seu torso e o suor encharcando sua pele dourada com um sorriso irônico.

“Ei, Night!” Chamei, e ele me olhou com uma carranca sombria. Eu queria sentir a fúria daquela raiva com força total. Eu estava pronto para isso. “Venha lutar comigo.”

“Ninguém quer lutar com você, seu babaca,” ele respondeu, impassível.

“Mas por quê?” Perguntei, pendurando os braços na borda do ringue enquanto franzia a testa, curioso e confuso.

“Você não joga pelas regras, para começo de conversa. Você é um filho da mãe maluco, em segundo lugar.” Ele deu de ombros, indo até um bebedouro e tomando alguns goles.

“Lutas de verdade são imprevisíveis,” raciocinei. “Se eu arranco uma ou duas orelhas é só porque estou lutando como lutaria no mundo real.” Eu *talvez* tivesse feito isso da última vez que lutei no ringue, mas buááá. Era só uma orelha. E três dedos. “Qual é, Night, você está sempre me encarando. Você quer essa luta. Eu sei que quer.”

Roary se virou para mim, limpando a boca com as costas da mão. Seu cabelo estava preso em um coque alto e uma espessa camada de barba por fazer no queixo me dizia que aquele Leão estava ficando preguiçoso com sua rotina de higiene. Seu lábio superior se contraiu e seus olhos se tornaram venenosos. “É, eu quero lutar com você, Wilder. Mas sabe por que não vou? Porque você quer. E eu não vou dar nada para o cara que mandou a Rosa para o buraco. Você a machucou, então eu vou te machucar. Não do jeito que você espera. Mas do jeito que você merece,” ele rosnou e minha garganta se fechou e meu peito sentiu aquele nó de novo.

Andei de um lado para o outro no ringue, arrancando as luvas e jogando-as no chão. “Lute comigo!” Exigi, batendo no peito.

Ele me deu as costas, o maior insulto que um Fae poderia fazer a outro Fae, e algo estalou dentro de mim. Não havia muito mais na minha cabeça para estalar, mas algo com certeza estalou. E tinha tudo a ver com Rosalie Oscura.

“Eu não queria isso!” Gritei, chamando a atenção de todos na academia.

O Oficial Cain empurrou a porta naquele momento e eu vi vermelho, violeta, magenta, enquanto aquele babaca se movia para dentro da sala. Sugando o ar daquele espaço, ousando

respirar tão perto de mim quando me sentia assim. Como se eu fosse um monstro puro e simples, e precisasse da morte para sobreviver.

Não era minha culpa que Rosalie estivesse naquele buraco, era *dele*. Foi *ele* quem a pegou. Foi *ele* quem detinha o poder naquele lugar. Foi *ele* quem a manteve trancada por meses e meses, no escuro.

Soltei um rugido de raiva e mergulhei para fora do ringue, meus pés batendo no chão enquanto pegava dois halteres e lançava um pela sala na direção de Cain. Ele bateu nas costas de um cara que fazia agachamento e ele gritou ao cair sob o peso da barra nas costas. Continuei jogando halteres um após o outro, e as pessoas gritaram e começaram a correr.

O Oficial Hastings estava mais perto de mim enquanto os guardas gritavam ordens que eu não conseguia ouvir, e ele começou a correr em minha direção com seu cassetete erguido.

Roary Night me encarou com os olhos arregalados enquanto eu o empurrava, saltando sobre um banco com o peso de um halter nas mãos, mantendo o olhar fixo em Cain. Eu o mataria ou seria mandado para o buraco para ver minha garota. De qualquer forma, valeria a pena.

“Morra, dentes do diabo!” Gritei, pulando em um banco e saltando dele novamente enquanto levantava o halter acima da minha cabeça, voando em direção a ele como as asas da morte.

Seus olhos estavam arregalados enquanto ele me encarava, e eu bati o halter em seu crânio, mas em vez do estalo satisfatório de osso sendo esmagado, minha mão atravessou seu rosto e eu tropecei ao cair. Uma ilusão. *Merda.*

Uma mão agarrou meu pescoço por trás e fui jogado no chão com uma força incrível, com o peso de um rinoceronte furioso caindo sobre minha bunda. Finalmente consegui o contato que ansiava há meses e, apesar da minha sede de sangue, ainda me arqueei em direção ao meu inimigo enquanto ele lutava para prender minhas mãos atrás das costas. Ri loucamente enquanto ele murmurava sobre eu ser um lunático delirante e, *porra,* suas mãos eram ásperas contra minha pele.

"Você tocou nela assim?" Ofeguei, me divertindo com a ideia. "Você prendeu a garota Lobo assim, oficial?"

"Cale a boca!" Ele bateu minha cabeça no chão, mas minha risada só aumentou.

Ele tinha, com certeza.

Minha raiva se transformou em luxúria até que me perdi nos desejos da minha Ordem e na vontade de ver minha garota. Minhas emoções colidiram e dispararam fogos de artifício na minha cabeça. Talvez eu estivesse louco, afinal, mas era tudo por ela agora e eu não me importava com as consequências. Pessoas morriam por todos os tipos de motivos naquele lugar, mas para mim seriam minhas bolas queimando e meu pau caindo por falta de uso. Teria sido engraçado se não fosse tão triste. E tudo por causa de uma garota.

Cain me puxou para me levantar, minhas algemas agora presas atrás das costas, enquanto ele me conduzia em direção a um mar de guardas furiosos. Dois deles estavam ajudando o sujeito que havia sido esmagado sob o halter, curando-o da melhor maneira possível, mas aquele ferimento precisaria de um médico, examinando o ângulo do pescoço adjacente à coluna. *Que*

horror! Uma pena.

"Limpem este lugar!" Ordenou Cain. "Vou levar o Oitenta e Oito para o buraco."

Tentei não sorrir... tudo bem, não me esforcei tanto. Sorri como o Gato de Cheshire e, quando passei pela matilha do Shadowbrook, pisquei para aquele bonitinho, o Lobo. Porque eu ia ver a nossa garota. E ele não ia. *Que pena ser você, gatinho.*



“Oh I do like to be beside the seaside[1]!”

O som de canto me tirou da minha última onda de auto piedade e memórias de horror, e me forcei a sentar ereta enquanto ele se aproximava lentamente.

“Você nunca fica quieto?” A voz exasperada do Oficial Lyle soou por cima da cantoria e meu coração se aliviou com a risada rouca que seguiu suas palavras.

“Nunca. Nunca. Vou cantar até meu pau ficar roxo e eu ficar transando no chão para aliviar,” Sin riu baixinho. “Oh I do like to be beside the blah, blah, blah, diddly dee da, da, da...”

Encostei o ouvido na porta enquanto ele era levado para mais perto e não pude deixar de sorrir ao som da porta da cela ao lado da minha se abrindo para deixá-lo entrar. Eu realmente esperava que ele não estivesse de volta aqui por ter assassinado alguém de novo, mas tinha que admitir que estava mais do que bem com a ideia de tê-lo como vizinho. Meu último não fez nada além de soluçar intermitentemente durante toda a sentença e nunca falou comigo.

“Você sabe como é, Oitenta e Oito,” disse Lyle. “Tire a roupa e

vista o uniforme de isolamento. Depois, podemos deixá-lo aproveitar um tempo sozinho."

"Você não está me enganando, gatinho," Sin ronronou roucamente. "Você só quer dar uma olhada longa e profunda no meu pau de Incubus. Se você realmente quer algo para escrever, pode me dar um pouco daquele antídoto de Supressor de Ordem e eu te garanto que você vai se divertir pra valer."

"Talvez seja melhor você se trocar por enquanto," sugeriu Lyle secamente, e esperei enquanto Sin fazia o que lhe era pedido e a pesada porta finalmente se fechava novamente.

Sin imediatamente recomeçou sua música e um sorriso sincero surgiu em meus lábios diante de seu espírito inquebrável. Quando a pesada porta que protegia a unidade de isolamento se fechou ao longe, corri até a pequena abertura na base da parede que conectava minha cela à dele e bati minha algema nova e brilhante contra ela para chamar sua atenção.

"Quem é esse que está tentando arrombar minha porta dos fundos?" Perguntou Sin, curioso, e um movimento através da grade de metal chamou minha atenção quando ele se deitou e olhou também. Estava tão escuro ali embaixo que eu não tinha como vê-lo só com a luz das nossas algemas, mas, de alguma forma, só de saber que ele estava tão perto fez a dor no meu peito se dissipar um pouco.

"Ei," sussurrei, estendendo a mão para passar os dedos na grade que nos separava, como se eu pudesse imaginar que era ele quem eu estava tocando.

"Ei sexy? É você mesmo, docinho? Ah, gatinha, estou com uma saudade crônica sua. Quando jurei não transar com

ninguém até te ter, não esperava que você sumisse da minha frente por três meses. Tenho me masturbado mais do que quando fiquei trancado aqui sozinho por meses, e isso já diz muita coisa. Aliás, queria que me colocassem de volta na minha antiga cela, porque tinha uma fresta naquela parede que parecia uma boceta áspera e granulada se eu esfregasse meu pau nela direitinho, e vou sentir mais falta daquela vagabunda do que você imagina esta semana."

O riso escapou dos meus lábios, surpreendendo-o e silenciando-o, mas isso não foi nada comparado ao meu choque. Eu não tinha me sentido nem perto de rir durante todo o tempo em que estive presa ali embaixo, e mesmo assim, em poucos minutos, Sin me fez sorrir como uma idiota.

"Puta merda, docinho, faz esse barulho de novo. Você tem uma risada tão safada que eu acabei de gozar, me dá um segundo para eu segurar meu pau e talvez a gente tenha uma festa pronta para começar."

"Pelo amor de Deus, Sin, você nunca pensa em nada além de sexo?" Provoquei, embora não pudesse negar que a voz grave e rouca dele, chamando-me no escuro, despertava mais do que um pouco de desejo em meu corpo. Ele tinha um jeito de falar que ignorava a loucura das suas palavras e pingava sexo por todo o meu corpo em tons profundos e sensuais, o que realmente me deixou curiosa sobre suas habilidades de Incubus.

"Quando estou tão perto da sua bunda gostosa? Improvável," ele ronronou, e houve um som definido de material se movendo após suas palavras.

"O que você está fazendo?" Perguntei, franzindo a testa.

“Presumi que estávamos fazendo isso,” ele disse, com uma leve hesitação no tom de voz.

“Isso o quê?”

“Toda essa coisa de sexo por telefone sem telefone. Eu juro, gatinha, eu falo sacanagem como ninguém que você já conheceu, você vai gozar mesmo que não molhe os dedos nessa sua boceta doce e apertada.”

Ri de novo e, para ser sincera, dessa vez percebi um toque de sensualidade no som. Mas definitivamente não era intencional. Provavelmente.

“Acho que ainda não chegamos a esse ponto no nosso relacionamento,” provoquei, embora tivesse que admitir que estava seriamente tentada a aceitar a oferta. Meu corpo estava tão tenso que eu ansiava por algum tipo de alívio, e tinha certeza de que Sin seria um homem de palavra quando se tratasse de conversa suja.

“Certo,” ele suspirou. “Porque você está brava comigo por libertar o Beloriano... a menos que não esteja? Porque Roary parecia achar que você estava, mas eu disse a ele que foi você quem me mandou fazer isso e então ele disse que não, mas eu tinha quase certeza de que estávamos falando em código quando você disse isso, então ajude um cara e me conte a verdade, docinho, porque se você precisar acabar com essa raiva que existe entre nós, eu aceito umas engasgadas e umas palmadas fortes, só quero que você guarde a palavra de segurança primeiro...”

“Espera aí,” gaguejei, tentando extrair as partes importantes daquilo. “Você acredita mesmo que eu *queria* que você soltasse aquela porra? Você sabe que ele quase me comeu, né?”

"Quase sendo a palavra-chave, tetas doce. Aposto que fez sua adrenalina subir muito, né? Quer saber o que mais pode subir muito bem?" Sin perguntou e eu tive que lutar contra a vontade de corar porque, caramba, aquele homem era frustrante pra caramba, mas eu estava com uma baita carência de orgasmos recentes e ele era uma baita distração. Pelo menos eu não conseguia vê-lo, porque se eu estivesse olhando para aquele rosto lindo dele, tinha quase certeza de que minha resistência estaria cedendo ainda mais rápido do que estava.

"Sin," rosnei e, droga, aquele rosnado era meio sexual, mas eu ia ignorar. "Estou trancada aqui há três meses por causa dessa coisa."

"Como assim?" Ele perguntou curioso.

"Porque ele me encurralou perto de Psiquiatria e eu tive que deixar Cain me ver usando magia."

"Tinha que fazer isso? Era vida ou morte?" Ele perguntou, curioso.

"Sim," rosnei. "E então a maldita coisa o esfaqueou com um daqueles espinhos venenosos na ponta da cauda e ele quase morreu."

"Quase? Droga. Você devia ter acabado com ele, minha chapa, e podia ter se poupado de todo esse tempo aqui embaixo," sugeriu Sin, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, e claro, *agora* parecia. Mas, na época, eu estava presa na ideia ridícula de que a morte de Cain era intolerável para mim, que ele significava algo para mim, que tínhamos algo pelo qual valia a pena arriscar tudo. *Que idiota eu sou.*

"Eu percebi isso agora," bufei. "Mas na época eu estava

obviamente iludida pra caramba, porque optei por curá-lo."

"Puta merda, você acabou de matar meu tesão. Por que diabos você salvaria a vida daquele filho da puta?" Sin xingou. "Eu também estava bem perto de gozar."

"O quê?" Perguntei. "Você não está se masturbando aí dentro, né?"

"Não. Agora não, obviamente," respondeu ele, irritado. "Toda aquela conversa de salvar babacas me broxou completamente."

"Que porra é essa, Sin? Achei que a gente estava tendo uma discussão séria," retruquei. *Nossa, ele era tão frustrante às vezes.*

"Bem, eu só pensei que você fosse péssima em sacanagem e estava tentando poupar seus sentimentos," resmungou ele. "Mas agora que sei que você é uma amante de guardas, não sei o que fazer com o meu pau."

"Talvez seja melhor guardá-lo de volta?" Rosnei.

"Guardar o quê?"

"Seu pau, *stronzo*," eu retruquei.

"Nós temos que decolar! Diz o quanto você me odeia por deixar o Beloriano sair, querida, e vamos ver o quão rápido eu consigo gozar," ele ronronou, e o som característico de sua mão deslizando para cima e para baixo em seu pau me fez corar, morder o lábio e pensar em coisas que eu não queria estar considerando agora, porque eu deveria estar furiosa com ele. Mas eu também estava tão sozinha ali embaixo por tanto tempo que era difícil não simplesmente aproveitar a companhia dele, apesar de todos os meus motivos para estar furiosa.

"Não," sibilei antes de fechar os lábios. Ele não ia se safar

dessa merda tão facilmente e eu certamente não ia deixar que ele se masturbasse por minha causa. Será que isso era mesmo uma realidade? O maldito *stronzo* parecia querer transformar isso em realidade. Então eu ia dar a ele a única coisa que ele não conseguia usar para nenhum tipo de gratificação sexual: Silêncio.

"Por favor, *carina*, estou tão duro e te desejo há tanto tempo," ele gemeu e, tudo bem, talvez eu estivesse um pouco lisonjeada com a ideia desse Incubus sexy pra caralho se guardando para mim, mas eu nunca admitiria e com certeza não ia responder. Além disso, ele tinha acabado de me chamar de *carina*? Como em Faetaliano para carinho? Porque eu sabia com certeza que ele não era Faetaliano. Eu tinha lido o arquivo dele de cabo a rabo e era tão curto quanto fofo. Sin Wilder - ou Whitney Northfield, como foi batizado - era um garoto de rua dos arredores da Iperia e não compartilhava nenhuma herança comigo. Então, talvez ele tivesse se esforçado para aprender isso para o meu benefício, o que eu, irritantemente, também não conseguia odiar, porque era fofo pra caramba. Mesmo que fosse só para falar sacanagem.

"Tem que ter algo que eu possa fazer para você me perdoar. Algo que você precise..." ele insistiu, e para ser justa, eu ainda precisava dos ingredientes para neutralizar o Supressor de Ordem.

"Talvez eu pudesse te perdoar, se você me desse um cristal de Pedra do Sol e uma ameixa Nevercot," eu disse lentamente, me perguntando se ele conseguiria fazer isso.

"Talvez? Vamos lá, *bella*, pare de me provocar. Vou te dar aquele cristal de Pedra do Sol que você precisa para a sua mágica com o plano de fuga. E a ameixa Nevercot também. Vou te dar um

presente tão bom que você vai querer me recompensar com uma noite entre essas suas coxas bronzeadas. Poxa, eu posso simplesmente enterrar meu rosto aí e ver de quantas maneiras posso usar minha língua para te fazer gozar. A estimativa que eu vou dar é dezesseis... eu já te contei que uma vez conheci um cara cuja fantasia suprema era um Shifter Brasílico que só tinha transformado a língua em cobra? Eu posso transformá-la e fazer você sentir coisas que você nunca imaginou, gatinha."

"Você às vezes fala sério?" Perguntei, erguendo uma sobrancelha, mesmo que ele não pudesse me ver.

Sin gemeu e soltou um suspiro de frustração. "Tudo bem. Eu guardo meu pau se você realmente quiser algo sério," disse ele. "Mas você seria a primeira mulher a querer isso de mim na minha vida adulta."

"Sério?" Perguntei.

"Sim," disse ele, com uma amargura no tom que me fez revirar o estômago. "Quando as pessoas descobrem a minha Ordem, tendem a querer uma coisa só. Aliás, nunca ninguém me fez trabalhar duro para consegui-la como você. Nunca ninguém me fez trabalhar duro para consegui-la, de jeito nenhum."

"Sin," eu disse baixinho, desejando poder estender a mão e tocá-lo. "Que pena."

"É, bem, o que me importa? Posso ser a fantasia mais safada de qualquer filho da puta e ter certeza de que serei a melhor transa que eles já tiveram. O que mais eu preciso?" Disse ele, com desdém, mas havia um toque de raiva naquela afirmação também.

Um longo momento de silêncio se passou entre nós e eu

suspirei. “Me conta algo sobre você,” eu disse. “Algo real. Nada sexual. Algo com que você se importe.”

Ele resmungou como se não acreditasse que eu realmente me importasse com aquilo, mas eu apenas esperei que ele continuasse.

“Eu gosto de consertar carros antigos,” disse ele por fim. “Tipo, consertar de verdade, com toda a estrutura. Reconstrução completa do motor, revisão do interior, pintura, tudo. Eu tinha um Minostang antigo e deslumbrante que pintei de vermelho-cereja. Era o carro perfeito para sexo sobre rodas... quer dizer, esqueça a parte do sexo, mas você entendeu.”

Sorri para o teto enquanto imaginava Sin acampado sob o capô de um motor velho, com os braços sujos de graxa e as tatuagens sujas. Definitivamente não era uma imagem ruim.

“Meu nonno tinha uma Faevette velha, comprou ela nova nos anos 60 e ela era uma lindeza,” eu disse.

“Aposto,” ronronou Sin. “Talvez se você me tirar daqui, eu possa te levar para dar uma volta pela costa um dia desses? O Mar Cerúleo atinge a temperatura ideal para nadar pelado no meio do verão, e a praia de Ammabond se estende por quilômetros e quilômetros com nada além de areia branca e pura. Eu ia comprar uma casa bem na beira do mar um dia desses.”

“Ah, é?” Perguntei, fechando os olhos enquanto imaginava aquele pedaço do paraíso. “Quase nunca saí de Alestria. Minha família está lá, minha gangue, meu mundo inteiro, na verdade. Mas acho que gostaria de ver isso.”

“Quer namorar comigo, gatinha? Prometo que te faço ronronar se quiser.”

Eu ri e ele gemeu novamente.

“Achei que você tivesse dito nada de sexo,” acusou ele. “Você não pode soltar essa risada safada e esperar que eu não fique duro por você, docinho.”

“Não consigo controlar o quanto você gosta da minha risada,” protestei, e não me passou despercebido que eu tinha rido mais na última hora da companhia dele do que em todos os três meses em que estive presa ali. Quer dizer, eu só teria que ter rido uma vez para que isso fosse verdade, mas, ainda assim, eu não estava me sentindo um lixo naquele momento, e isso tinha que significar alguma coisa.

“E eu não consigo controlar o quanto eu gosto de te fazer rir, linda,” disse ele sedutoramente, e um arrepio percorreu minha espinha com suas palavras. Porra, uma noite com Sin Wilder definitivamente seria algo para se lembrar. Talvez eu devesse ter considerado a oferta dele mais a sério. Namorá-lo seria uma aventura e tanto.

“Quanto tempo você ficou aqui embaixo antes que eu o tirasse?” Perguntei baixinho e ele soltou um suspiro.

“Muito tempo, gatinha,” ele suspirou. “Muito tempo, porra.”

Um estrondo alto vindo do corredor lá fora me fez estremecer e o som de passos de vários guardas batendo na passarela chamou minha atenção para a porta.

Um momento depois, minha porta se abriu e a luz forte vinda de trás iluminou Hastings parado na porta com os policiais Rind e Nichols atrás dele, como duas estátuas grandes e desajeitadas, estranhamente posicionadas. Juro que aqueles caras nem piscaram. Eu não conhecia muitos Minotauros, então talvez todos

fossem assim... ou talvez aqueles dois fossem só músculos e nenhum cérebro.

“Boas notícias, Doze,” disse Hastings, abrindo um sorriso radiante enquanto me olhava, deitada no chão. “Seu tempo no buraco acabou oficialmente. Você está prestes a voltar para sua cela.”

Meu coração disparou quando olhei para Sin, cujo rosto eu conseguia ver iluminado através da grade agora que a luz do corredor estava entrando.

“Dessa vez, só me deram uma semana, lindinha. Mas se quiser me ajudar a passar o tempo, pode me mostrar o que tem.” Ele piscou como um babaca convencido e eu soltei uma risada enquanto me virava para me levantar.

“Venha me encontrar em uma semana e veremos,” eu disse, piscando de volta e ele gemeu.

“É uma promessa, gatinha sexy.”

Hastings se moveu para segurar meu braço enquanto eu me levantava e me ofereceu um pequeno sorriso enquanto me guiava em direção à porta.

Rind e Nichols nos seguiram enquanto caminhávamos pelo corredor em direção à saída, e esperei pacientemente enquanto Hastings mostrava seu crachá de segurança no scanner antes de pressionar a palma da mão no dispositivo para que ele pudesse confirmar sua assinatura mágica.

Resisti à vontade de gemer de prazer quando saímos da unidade de isolamento e Hastings me levou direto para o elevador.

“Ah, merda, é vergonhoso o quanto senti falta da minha

antiga cela no bloco D," murmurei enquanto ele apertava um botão e começamos a subir.

Ele ainda segurava meu braço e eu o encarei com um piscar de olhos, apesar de saber que estava com uma aparência horrível naquele momento. Pelos céus, só meu cabelo já era o suficiente para afastar qualquer um, mas eu era paqueradora por natureza e preferia disfarçar meu alívio absoluto por escapar daquele inferno e meu desejo de chorar por isso com uma tentativa de agir naturalmente do que me envergonhar com a verdade.

"Melhor ainda," disse Hastings, sorrindo para mim daquele jeito fofo de menino do coro que fazia as boas meninas desmaiarem enquanto ele se aproximava como se estivéssemos compartilhando um segredo. "Acabamos de deixar as pessoas no Pátio da Ordem. Imaginei que você quisesse libertar sua loba interior depois de todo esse tempo."

Pisquei estupidamente e então o abracei com um grito de excitação. "Obrigada, *ragazzo del coro*," eu disse emocionada, apertando-o mesmo sabendo que não era exatamente obra dele e sim uma questão de timing perfeito, mas eu não estava nem aí. Eu não tinha um abraço há um tempão e estava tão excitada que poderia explodir. Lobos precisam de abraços, droga, e tudo bem, ele não ia retribuir meu abraço nem nada, mas isso era mais do que eu tinha recebido em meses, então talvez eu estivesse ficando um pouco molenga com ele.

"Afaste-se, detenta," alertou Hastings, empurrando-me gentilmente, mas com firmeza, e eu o soltei com um pedido de desculpas, mordendo o lábio como se estivesse envergonhada enquanto piscava novamente. Graças a Deus que eles eram tão

longos naturalmente, porque eu definitivamente não tinha o luxo de usar rímel aqui.

O elevador parou no primeiro andar e Hastings me guiou para fora dele e pelo corredor até os elevadores que levavam ao Pátio da Ordem, enquanto eu tentava não pular de excitação e falhava miseravelmente.

Hastings apertou o botão de chamada e apertei de novo. E de novo, apertando meus dedos repetidamente enquanto eu tentava forçá-lo a se apressar, e Hastings tentava esconder um sorriso divertido enquanto me observava.

Quando as portas finalmente se abriram, corri para dentro, sorrindo abertamente quando Hastings cruzou meu olhar com o meu no espelho e não pude deixar de sorrir de volta. Aconcheguei-me nele antes que pudesse me conter. Mas ele era como um cachorrinho de lobo fofo com aqueles olhos grandes, e acho que ser um Cerberus significava pelo menos que tínhamos a coisa canina em comum, então eu tinha quase certeza de que ele compreendia minha necessidade de contato depois de tanto tempo sozinha.

Rind e Nichols estavam me encarando e eu obedientemente coloquei algum espaço entre mim e meu pequeno menino do coro enquanto o elevador começou a subir e o doce, doce aroma do antídoto tomou conta de mim, libertando minha loba interior da prisão dentro de mim.

Finalmente chegamos ao último andar e as portas se abriram, me oferecendo uma visão dos armários no local que dava para o pátio, onde eu poderia ser mais livre do que nunca em meses.

“Cuidado aí fora. Deixaremos seu macacão e uniforme padrão

esperando aqui para quando você voltar," gritou Hastings, mas eu já tinha ido embora, correndo e tirando o uniforme horrível da unidade de isolamento e jogando coisas para todo lado, sem me importar se algum dia as veria novamente.

Corri para as árvores e coloquei as mãos em concha em volta da boca ao avistar a lua iluminando o céu escuro acima de mim como se estivesse me esperando o tempo todo. Soltei um uivo longo e baixo em saudação, certa de que minha bunda nua estava tão pálida quanto a própria lua depois de todas aquelas horas no escuro. Da próxima vez que eu estivesse ali no sol, precisaria passar um tempo me bronzeando, pelada. Talvez eu pudesse me juntar a Roary em sua pedra favorita, embora ele provavelmente ficaria todo Leão por isso e não me deixasse.

Ao longe, ouvi o som da minha matilha uivando em resposta, e uma alegria feroz se espalhou pelo meu peito ao pensar em me juntar a eles novamente. Mas, antes que eu pudesse me transformar, outro uivo perfurou o céu noturno vindo da direção oposta e meu coração deu um pulo.

Virei-me na direção do som, com o pulso acelerado e a respiração ofegante. Ele estava ali. Esperando por mim. E eu precisava vê-lo mais do que qualquer coisa no mundo naquele momento.

"Ethan," sussurrei, saltando para frente e mudando num piscar de olhos, quatro enormes patas prateadas batendo na terra e minhas garras cravando-se profundamente nela.

Uivei novamente, o som ficou muito melhor na minha forma de loba enquanto eu deixava todos os animais correndo no domo naquela noite saberem que Rosalie Oscura estava de volta.

Saí correndo instantaneamente, mergulhando entre as árvores e correndo em sua direção. Nem precisei pensar onde ele estava, eu simplesmente sabia. Eu conseguia senti-lo no ar, saboreá-lo na brisa, e cada centímetro da minha carne ardia de desejo de me reunir com ele enquanto o vínculo de companheiro me impulsionava em sua direção com um desejo insaciável.

Atravessei a floresta de pinheiros com um estrondo, emergi em um deserto arenoso e corri para a tundra nevada. Mais à frente, avistei um rio descendo uma longa encosta e, quando meus pés mergulharam nele, um lobo negro e sólido, do meu tamanho, emergiu da selva que começava na outra margem.

Meu nariz estava impregnado do aroma puro e masculino dele, e meu coração disparou de alegria ao avistar aquela minha fera, meu igual, meu *companheiro*. Esse desejo em mim era algo selvagem, desesperado, tão inegável quanto irresistível. Ele era meu e eu era dele, e não havia absolutamente como negar isso naquele momento.

Nós pulamos um em cima do outro, colidindo e rolando pela água rasa do rio em um emaranhado de membros enquanto latíamos e uivávamos como um par de filhotes excitados, nos aconchegando e dando lambidas molhadas nos focinhos um do outro.

Ethan rolou para cima de mim e tentou me prender, e eu soltei uma risada enquanto lutava para sair de baixo dele antes de descer o rio.

Ele latiu para mim enquanto me perseguia e uivei para a lua novamente enquanto corria, amando a sensação da minha magia se renovando enquanto o vento chicoteava meu pelo e a água do

rio espirrava em minhas pernas.

Corremos por colinas rochosas e um lago escuro e profundo antes de contornar a beira da água e correr em direção a uma alta cachoeira que ficava ali.

Mergulhei na água em cascata, deslizando para dentro da caverna abaixo dela com as patas molhadas um momento antes de Ethan pular atrás de mim. Ele rosnou brincalhão e nós dois nos envolvemos em uma briga mais uma vez.

Consegui prendê-lo embaixo de mim e ele voltou à sua forma Fae de repente, com o riso saindo de seus lábios enquanto sorria largamente e seu corpo musculoso brilhava com a umidade da cachoeira. Eu também me transformei, caindo sobre ele como uma garota mais uma vez, minha carne instantaneamente se aquecendo de necessidade e desejo por toda parte ao encontrar a dele.

“Senti tanto a sua falta,” murmurou Ethan, e havia algo puro e potente naquelas palavras que me fez admitir meus verdadeiros sentimentos também.

“Eu também senti sua falta, Ethan,” sussurrei, e quando ele se inclinou para capturar meus lábios com os dele, eu cedi instantaneamente.

Não havia como negar esse vínculo entre nós, essa necessidade. Era urgente, faminta e irresistível.

Ele me beijou lentamente, sua boca provocando a minha, e o gosto de algo muito mais puro do que qualquer palavra que já havíamos trocado em seus lábios. Aquele beijo me iluminou de dentro para fora, me fez sentir venerada, adorada, querida, desejada. Como se eu realmente fosse sua verdadeira

companheira, sua única e exclusiva, o começo e o fim de tudo o que ele precisava e sempre precisaria.

“Eu não aguentava saber que você estava sofrendo tanto lá embaixo,” ele rosnou. “Eu queria destruir essa prisão inteira para te tirar de lá. Doeu na minha alma saber que você estava trancada no escuro.”

“Já estou fora,” eu disse, beijando-o novamente e provando sua língua, sem querer pensar naquele lugar. Eu só precisava aproveitar essa liberdade. Aproveitá-la. “Agora me faça esquecer que eu já estive lá.”

Ethan rosnou faminto, a fera dentro dele aparecendo enquanto ele puxava meu lábio inferior entre os dentes e eu gemia de desejo.

Sua mão deslizou entre nós e ele rosnou profundamente enquanto abaixava os dedos direto no centro de mim, e eu ofeguei. Porra, eu precisava disso. Eu precisava mais do que eu imaginava. Meu corpo inteiro era uma bola de tensão que precisava desesperadamente ser liberada. E quem melhor do que meu próprio Lobo Alfa para me libertar disso?

“Porra, você está tão molhada,” ele engasgou enquanto deslizava dois dedos dentro de mim, me fazendo gemer seu nome necessitadamente.

O polegar dele encontrou meu clitóris e eu juro que já estava perdida. Arqueei as costas e gemi por ele, e ou ele estava lançando magia entre minhas coxas ou eu estava tão excitada que já era uma conclusão precipitada.

Encontrei o comprimento sólido do seu pênis e envolvi meus dedos ao redor dele, gemendo com a sensação suave e sedosa dele

na minha mão, a gota de umidade coroando a ponta só para mim, que esfreguei em seu comprimento enquanto comecei a acariciá-lo.

Eu não sabia se já tinha ficado tão excitada antes. Eu precisava disso pra caralho. Meu corpo ansiava por isso e eu já estava ofegante e gemendo à beira do abismo.

Ele chupou meu mamilo em sua boca e bombeou seus dedos algumas vezes, enfiando seu polegar sobre meu clitóris da maneira perfeita para fazer minha boceta apertar forte e um gemido de puro êxtase sair da minha garganta.

“Essa é a minha garota,” Ethan ronronou como um gato satisfeito enquanto me observava gozar em sua direção com os olhos brilhando de desejo. “Você vai me deixar viver minhas fantasias agora?”

“Que fantasias?” Perguntei, ofegante, enquanto ele continuava a bombear os dedos para dentro e para fora, sugando-me cada gota de prazer que conseguia obter.

“Eu tenho sonhado em te submeter à minha vontade há um tempão, amor,” ele rosnou, sua mão livre agarrando minha bunda com força enquanto enfiava os dedos novamente. “Prometo que farei valer a pena se você se submeter a mim um pouquinho.”

Ele me beijou novamente, sua língua invadindo minha boca e interrompendo meus protestos enquanto me levantava, retirando os dedos do meu centro dolorido e me deixando ofegante de desejo. Eu ainda não tinha terminado com ele e ele sabia disso.

Ethan me moveu até que eu estivesse ajoelhada sobre ele, então saiu de baixo de mim, me fazendo rosnar enquanto ele se levantava e andava atrás de mim.

Eu também me levantei, virando-me para encará-lo e me recusando a deixá-lo fazer o que ele claramente esperava.

“Eu não sou sua prostituta de matilha, Ethan,” rosnei.

“Eu sei disso, querida,” ele respondeu, sorrindo para mim de um jeito que me deixou ainda mais dolorida enquanto meu olhar se desviava para seu pau duro, que implorava por mais atenção. “Mas você parece precisar de uma boa transa, e aposto que nunca deixou nenhum babaca te dobrar antes. Você nem sabe o que está perdendo.”

Rosnei, mas tinha que admitir que já tinha pensado nisso uma ou duas vezes, mas nunca imaginei que permitiria que alguém fizesse isso. Eu era uma Alfa, não me curvava para ninguém, mas estava me sentindo muito fraca naquele momento e precisava senti-lo dentro de mim o mais rápido possível. Talvez não fosse a pior coisa do mundo tentar...

Ethan não me deu mais tempo para pensar, investindo contra mim e me envolvendo com seus braços fortes enquanto me puxava para perto e me beijava como se estivesse louco por isso. Sua mão agarrou meu cabelo e eu gemi enquanto ele puxava até que inclinei a cabeça para trás e ele pôde levar a boca ao meu mamilo, mordendo com força suficiente para me fazer ofegar.

No momento em que fechei os olhos, ele colocou a mão na minha bunda e me girou.

“*Ethan*,” rosnei em protesto, mas ele usou sua mão em meu cabelo para me manter de costas para ele antes de me forçar a me curvar.

Minhas mãos bateram na parede rochosa da caverna em que estávamos escondidos um segundo antes dele enfiar seu pau em

mim com força suficiente para me fazer gritar.

Eu queria me virar e rasgar a garganta dele para esse movimento, mas quando ele começou a empurrar os quadris com força e rapidez, fiquei incapaz de fazer qualquer coisa além de gemer de prazer e lutar contra a vontade de implorar por mais, porque foda-se ele, mas ah, *foda-se ele.*

A mão dele bateu na minha bunda e eu gemi de novo, amando o jeito que suas bolas batiam no meu clitóris toda vez que ele me penetrava, a cabeça do seu pau penetrando naquele lugar perfeito e tão fundo dentro de mim que eu nem tinha certeza se já tinha sentido aquilo antes.

Os dedos de Ethan cravaram-se em meu quadril, agarrando-me pelo osso enquanto eu lutava para encontrá-lo em cada impulso, me segurando na parede enquanto cada investida de seu corpo contra o meu quase me fazia ver estrelas.

Porra, o pau dele era tão grande e tão perfeito, e eu nunca iria deixá-lo saber o quão incrível isso era, mas eu definitivamente iria deixá-lo acreditar que ele tinha me dominado novamente em um futuro próximo.

Ele gemia e murmurava meu nome como uma prece enquanto me penetrava com a selvageria bestial da nossa espécie, me mostrando que ele era o Alfa em cada centímetro. Cada. Fodido. Centímetro. E por mais que eu quisesse odiar aquilo, eu adorava.

Eu ofegava, gemia e implorava, e não demorou muito para que um orgasmo me atingisse, diferente de tudo que eu já havia sentido. Minha boceta se apertou em volta do seu eixo grosso, e ele rosnou enquanto lutava contra a vontade de me seguir até o esquecimento, parando em vez disso enquanto seu aperto no meu

cabelo se tornava doloroso.

No instante em que a maior onda de êxtase passou por mim, ele se moveu novamente, de alguma forma mais rápido, mais profundo, com uma energia fervorosa em seus movimentos que exigia cada vez mais de mim. E eu estava mais do que disposta a ceder, meus quadris se contraindo para encontrar os dele até que ele gozou com um rosnado profundo e animalesco que quase me fez gozar de novo também.

Ethan se afastou e me penetrou mais uma vez, batendo forte na minha bunda e me forçando a gozar, gostasse ou não. E, porra, eu gostava. Ser dominada por ele entraria para o meu hall da fama, para ser repetida nas minhas fantasias toda vez que eu fosse deixada sozinha na minha cela e precisasse de ajuda para me masturbar.

Ele demorou um pouco antes de sair de dentro de mim e, enquanto eu me endireitava, ele relaxou o aperto em meus cabelos emaranhados antes de me virar e me beijar novamente.

“Porra, você é tão...” ele disse, enquanto adorava minha boca, seus toques suaves e gentis agora que ele já tinha se fartado de mim, como se estivesse tentando acariciar as dores da minha pele e eu tivesse certeza de que, se ele conseguisse, estaria me curando agora mesmo. Mas eu estava meio feliz por ele não conseguir. Aquela dor delicada entre minhas coxas era como a sombra de onde ele havia estado enterrado dentro de mim, e eu não podia dizer que odiava. Ele era meu e era só mais uma coisa para me provar isso.

“Você sentiu minha falta, então?” Provoquei, enfiando minhas mãos em seus cabelos loiros e sedosos e amando o jeito como sua

língua deslizou sobre a minha antes que ele me desse uma resposta.

“Você não tem ideia, querida. Minha matilha achou que eu estava perdendo o controle. Você é um segredo impossível de guardar.”

“Por que ficar com ele então?” Murmurei, porque naquele momento eu não queria ter que voltar a fingir com ele. Eu queria poder tocá-lo e segurá-lo sempre que sentisse vontade, e não entendia por que uma velha guerra de gangues que se arrastava dentro daquela prisão tinha que ditar o que fazíamos ou não. “Nós dois somos Alfas. Poderíamos unir nossas matilhas e ser os líderes de gangue mais fortes daqui.”

Ethan riu sem humor, mas claramente não achou que eu estava falando sério.

“Você é louca, querida. E talvez eu goste disso um pouco demais.”

“Vamos lá, Ethan, como você vai continuar escondendo isso? Se você estava com saudades de mim do mesmo jeito que eu estava com saudades de você, então...”

“Tudo bem. Eu inventei o disfarce perfeito. Minha matilha acha que Harper é minha companheira. Ela tem uma marca falsa e tudo...”

“O quê?” Eu me afastei como se ele tivesse me batido, e ele franziu a testa enquanto eu o encarava com uma indignação evidente no rosto. “Então você só está fingindo que outra vagabunda inferior é sua companheira? Como diabos você os convenceu de que ela é sua igual? *Harper?* Você está brincando comigo?”

“Ela é minha Beta de qualquer jeito. Não é tão difícil de acreditar,” ele disparou e rosnei para ele.

“Ela não é *nada,* e você sabe disso. Ela não chega nem perto do que você sente entre nós, e eu não acredito nem por um segundo que você consiga fingir como ela.”

“Você não sabe nada sobre a minha matilha. Eles acreditam no que eu digo por que eu sou o Alfa deles. Se não é assim que a sua matilha te vê, talvez você devesse considerar me deixar te dominar por sexo. Talvez você tenha se submetido porque sabe que seu lugar é abaixo de mim de qualquer maneira, querida.”

Dei um soco tão forte nele que ele cambaleou um passo para trás e seu nariz perfeito definitivamente quebrou, mas me forcei a não avançar, mesmo que meu corpo doesse de desejo de despedaçá-lo pelo que ele tinha acabado de dizer.

“Vai se foder, Ethan Shadowbrook. Se você acredita mesmo que pode me desrespeitar desse jeito e se safar, então vai se dar mal. Eu não sou e nunca serei inferior a você de forma alguma. Sou uma Alfa diferente de qualquer um que você já conheceu. E você vai se arrepender de ter me desrespeitado assim.”

Eu me transformei antes que ele pudesse responder e saltei de volta para fora da cachoeira, uivando para a lua e procurando minha matilha. Meu companheiro poderia pular correndo do penhasco mais próximo, eu não me importava. Ele era uma coceira que o vínculo entre nós me forçara a coçar, mas era tudo o que ele sempre seria. E um dia ele se arrependeria de ter feito aquela escolha.

Eu já estaria longe, vivendo minha melhor vida fora deste inferno enquanto ele definhava aqui dentro e eu esquecia que ele

existia.

Uivei longo e baixinho, procurando minha matilha e deixando aquele filho da puta para trás enquanto tentava esquecê-lo, mas a raiva ardente dentro de mim parecia magma percorrendo minhas veias. Precisava de uma válvula de escape. Precisava de algo para satisfazê-la.

Rosnei enquanto corria pela margem do rio e mergulhava nas árvores de uma floresta de pinheiros, ouvindo os uivos da minha matilha enquanto eu corria em direção a eles, ansiando pela sensação de tê-los ao meu redor.

Fiquei tão irritada que nem percebi que não estava ouvindo o bando inteiro até que saí em uma clareira e fui recebida por dez Lobos em vez de cem.

Sonny latiu de excitação e pulou em mim, sua forma de Lobo marrom-avermelhada era a maior do grupo. Os outros também correram para mim, aninhando-se e lambendo, abanando o rabo com tanta força que eu acertei um deles e estremeci um pouco.

Voltei para a forma Fae e ri enquanto eles se aproximavam, me lambendo e me babando por todo o corpo até que eu os afastei e eles voltaram para suas formas Fae.

“Merda, sentimos sua falta, Alfa,” Sonny ofegou enquanto me envolvia em seus braços e me abraçava forte, seu pau batendo contra minha coxa enquanto simplesmente ignorávamos toda a questão da falta de roupas.

“Eu chorei até dormir todas as noites desde que você foi embora,” Esme soluçou enquanto se juntava ao nosso abraço por trás e seus seios enormes pressionados contra minhas costas.

“Senti saudades de vocês também,” ri. “Mas vamos dar um tempo enquanto estivermos nus, tá?”

Eles recuaram relutantemente e eu me vi olhando para dez pares de olhinhos de cachorrinho nos rostos de um bando de criminosos adultos e endurecidos, com suas tralhas de fora. Eu me senti em casa.

“Alguém quer me dizer onde estão os outros?” Perguntei, olhando para as árvores enquanto todas começavam a choramingar.

Esme lançou um olhar preocupado para Sonny e então caiu de joelhos em uma posição submissa.

“Diga a ela para aliviar a dor enquanto eu faço sexo oral nela, Beta,” ela sussurrou, avançando e beijando a parte interna da minha coxa antes de começar a trabalhar seu caminho para o norte, mas a ideia de um pouco de cunilíngua submisso realmente não estava funcionando para mim, então peguei um punhado de seus cachos e virei sua cabeça para longe de mim com um rosnado para dizer a ela para recuar.

Esse movimento a colocou de frente para Banjo, o que ela pareceu achar que foi intencional, já que começou a chupá-lo. Sério. Lobos são tão ridículos às vezes, e isso vinha de mim.

“Fale,” ordenei, cansada do olhar nervoso que Sonny me lançava, e ele assentiu, abaixando a cabeça em sinal de deferência.

“Cerca de uma semana depois de você ter sido mandada para o buraco, Amira tomou a matilha de volta à força. Eu lutei muito, Alfa, mas...” Eee abaixou a cabeça e gemeu, e um rosnado baixo me escapou. “Ela alegou que eu não tinha o direito de comandar a

matilha na sua ausência porque eu não era o mais forte. Então ela..."

"Ela nos expulsou," Brett respondeu com um gemido, pegando a mão de Sonny. "Nós dez éramos os que a rechaçavam mais veementemente, então ela nos separou do grupo e ameaçou os outros para correrem com ela. Nenhum deles queria, mas estavam com medo."

Um rosnado profundo escapou dos meus lábios e mostrei os dentes ao ouvir um uivo no vento que eu sabia que vinha da minha matilha roubada.

"Ela não pode expulsar vocês," eu disse em um tom mortal, a raiva que Ethan havia me deixado crescendo dez vezes mais agora que eu tinha alguém para direcioná-la. "Só o Alfa pode fazer isso. Então vamos lembrar aquela vagabunda quem comanda a matilha Oscura."

Eu me transformei enquanto todos uivavam e gritavam de excitação e me virei, correndo para longe deles em direção à escuridão entre as árvores. Coloquei o focinho no chão e voltei minha atenção para a caçada.

Eu me apressei e meus dez leais companheiros de matilha logo foram abandonados, tentando desesperadamente me alcançar, enquanto eu me esforçava ao máximo, com o luar fazendo meu pelo prateado brilhar no escuro toda vez que o tocava.

Uivei, um grito longo, baixo e cheio de raiva por um momento antes de irromper das árvores em uma planície aberta de grama alta e encontrar minha matilha lá, com uma cadela assustada tentando ficar de pé no meio deles.

Não perdi um segundo sequer e pulei em Amira com um rosnado feroz, e os lobos mais próximos dela se dispersaram com gemidos de medo.

Eu bati forte nela, derrubando-a na grama abaixo de mim e cravando minhas presas em sua garganta antes que ela tivesse a chance de se defender.

Meu maxilar travou e Amira gritou de agonia enquanto eu a sacudia com força quase suficiente para quebrar seu pescoço magro e traiçoeiro. Joguei-a no chão enquanto o gosto do seu sangue inundava minha boca e a prendia debaixo de mim, rosnando com sangue e baba escorrendo das minhas presas e a promessa de sua morte em meus olhos, a menos que ela se rendesse naquele exato segundo.

A cadela claramente tinha algum bom senso, porque ela mudou rápido, expondo sua garganta para mim em sinal de rendição e choramingando como uma cachorrinha enquanto se encolhia embaixo de mim.

Fiquei ali tempo suficiente para que ela visse que eu tinha a vida dela em minhas mãos antes de me transformar de volta e ficar de pé sobre ela.

“Mudem!” Ordenei em meu tom Alfa e, ao meu redor, todos os lobos voltaram à forma Fae, fechando-se em um círculo fechado. “Essa vadia acabou de provar o quanto é indigna do nome Oscura!” Gritei, colocando meu pé descalço no pescoço de Amira enquanto a empurrava para a terra abaixo de mim. “Somos uma família, não apenas uma gangue, não apenas uma matilha. *Família. A morte e ritorno*.”

“*A morte e ritorno*!” Gritaram todos os Lobos ao nosso redor,

com seus olhares leais fixos em mim.

“Alguém aqui vai falar por essa vadia conivente e UnFae?” Perguntei, e deixei vários segundos passarem para que Amira pudesse ver que ninguém falava por ela. Ninguém se importava.

“Por favor,” ela sussurrou. “Eu não sabia quanto tempo você ficaria fora. Eu só estava...”

Dei um chute nela para calá-la e dei um passo para trás, permitindo que ela se ajoelhasse. Eu estava esperando o momento perfeito para atacar aquela vagabunda desde que percebi que ela tinha me entregado para o Gustard. Ela estava com os dias contados há tempo demais e o tempo simplesmente acabou.

“Você não é nada nem ninguém. Você não é uma Oscura e não é membro da nossa matilha nem de nenhuma outra,” eu disse no meu tom de Alfa, que nenhum Lobo poderia negar ou contestar. “Eu a expulso. Eu a despojo do seu lugar. E a nomeio Loba Solitária.”

Amira engasgou em choque, balançando a cabeça em negação enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

“Você não pode,” ela implorou, mas eu apenas rosnei para ela.

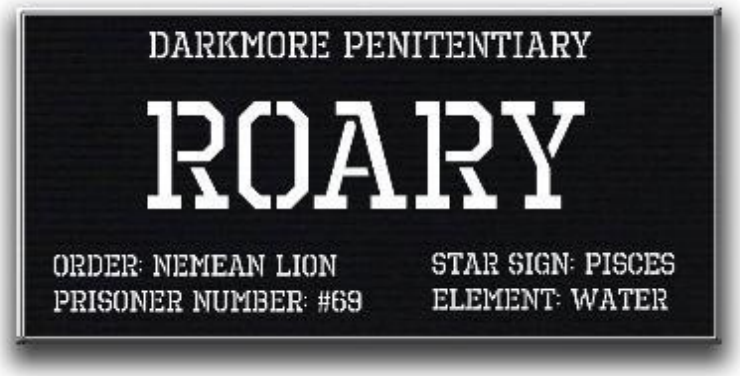
“Eu já fiz isso.” Cuspi no chão diante dela e, um por um, todos os Lobos da matilha viraram as costas para ela no maior insulto que se poderia fazer a um Fae, antes de retornarem às suas formas de lobo e correrem para as árvores até que só restamos eu e ela.

“Corra de volta para Gustard e implore para que ele a acolha e a proteja.” Zombei, embora tivesse certeza de que ele não o faria. De que ela lhe serviria agora? Seus dias de espionagem e espreita

nas sombras haviam acabado. Ela estava acabada. Ninguém naquela prisão gostaria de se associar a ela agora, e não havia nada mais perigoso em Darkmore do que estar sozinha.

“Alfa, por favor,” ela soluçou, mas eu a ignorei, virando as costas e caminhando em direção às árvores.

Só havia uma Alfa Oscura naquele lugar. E ninguém jamais a esqueceria novamente.



Eu estava de volta ao meu bloco de celas esperando por Rosa, depois de passar o tempo todo no Pátio da Ordem procurando por ela. Meu líder Shadow, Claud, me avisou assim que a avistou, mas, porra. Por que ela não veio até mim? Ela estava brava comigo? Ela me culpava por ela ter sido pega? Eu estava tentando chegar até ela naquela noite, mas acabei estragando tudo me machucando e… *merda, eu tenho que consertar isso.*

"Ela está vindo!" Claud apareceu no topo da escada, correndo em minha direção e me dando um tapinha no braço.

Ele coçou a tatuagem de Leão no pescoço, sorrindo para mim, parecendo tão ansioso quanto eu para que eu e Rosa nos reencontrássemos. Ele era o único homem naquela prisão em quem eu confiava, mesmo o resto dos meus Shadow jamais conquistariam o respeito que eu tinha por ele. Ele me disse uma vez que fora forçado a assumir a culpa por um assassinato cometido por outro Leão fora de Darkmore, usado como nada mais do que um escravo pelo babaca. Eu odiava Leões que abusavam de seu status daquele jeito. Que usavam seu Carisma para menosprezar aqueles que os serviam. Era a marca de um verdadeiro Leão exercer seu poder com responsabilidade,

influenciando apenas aqueles que desejavam servir ou mereciam. Sempre segui os ensinamentos do meu pai nisso e tinha orgulho de dizer que nunca vacilei.

Claud sorria como uma adolescente e eu lhe dei uma cotovelada nas costelas para impedi-lo, mas ele não o fez. Apesar de todos os meus esforços para não me apegar demais a ninguém naquele lugar, eu fracassei no que dizia respeito ao Claud. Ele era um bom homem, uma constante na minha vida e uma das poucas pessoas que eu realmente suportava naquele lugar.

“Onde ela está?” Perguntei entre dentes, trocando o peso do corpo de um pé para o outro.

“Tenha paciência, Roary,” ele zombou. “Você comprou uma rosa para ela, como eu sugeri?”

Cerrei os punhos e balancei a cabeça. “Ela é só uma amiga.”

Ele riu alto e eu lhe lancei um olhar que o fez engolir o som e soltar uma tosse falsa. Ninguém poderia saber os sentimentos secretos que eu nutria por Rosa. Ela era da família. E ela continuaria assim, não importa o que meu pau pensasse sobre o assunto.

“Tudo bem, eu só não sei por que você fica olhando para ela com cara de lua o tempo todo se vocês são só *amigos*,” ele murmurou e eu cerrei o maxilar.

“Eu não dou a ela...” as palavras caíram mortas na minha garganta quando ela apareceu no topo da escada.

Passei os dedos pelos cabelos, sem saber o que fazer com as mãos. Meu estômago se contraiu e eu me senti enjoado. Enjoado até a medula com o peso que ela havia perdido, as olheiras, o

vazio nas bochechas. O cabelo dela também estava emaranhado, o que era uma farsa para a minha espécie.

"*Rosa*," eu disse roucamente, dando um passo em sua direção antes de pensar melhor.

Ela ainda estava se aproximando de mim e eu não ia ficar dando uma desculpa esfarrapada para não ter chegado a tempo de salvá-la daquele destino. Se ela estivesse com raiva de mim, eu aceitaria sua fúria como um verdadeiro Fae.

Ela continuou se aproximando de mim e meus dedos se flexionaram com a necessidade desesperada de puxá-la para os meus braços. Mesmo assim, não me mexi. Deixei que ela se aproximasse, esperando que me atacasse, mas, em vez disso, ela envolveu meus braços em volta da cintura e se aninhou em meu peito. Um enorme suspiro de alívio me deixou enquanto eu a apertava contra meu corpo, apertando-a com força.

"Sinto muito," rosnei.

"Você não tem nada do que se desculpar," ela disse firmemente e um nó se desfez no meu peito.

"Lutei pela sua cela todos os dias," murmurei. "De jeito nenhum eu deixaria alguém tomá-la."

"Com certeza," acrescentou Claud. "Ele chutou a bunda de um Grifo muito mal-humorado, Srta. Rosa."

Ela deu um largo sorriso. "Obrigada, Roar," suspirou, parecendo cansada.

"Você quer descansar?" Perguntei.

"Não sozinha." Ela se agarrou a mim e eu rosnei furiosamente ao vê-la daquele jeito. Eu não ia tolerar isso. Eu ia melhorar.

Faria qualquer coisa que pudesse para amenizar um pouco a escuridão das feições da minha filhote.

Olhei para Claud, que me lançou um *olhar de lua*, piscou e saiu correndo antes que eu pudesse repreendê-lo. Mas eu só queria ficar sozinho com Rosa de qualquer maneira, então não ia correr atrás dele.

Levei-a para a minha cela, deitando-a na minha cama antes de pendurar um lençol para nos dar um pouco de privacidade. Ela se deitou no meu colchão e suspirou, deixando os olhos se fecharem, e a visão aliviou um pouco a raiva em mim. Ela estava ali agora, eu só precisava fazer o que pudesse para que ela se sentisse melhor.

Caminhei até a parede oposta e me ajoelhei, puxando o tijolo solto na parte inferior para revelar meu estoque de barras de chocolate e produtos para cabelo que meu irmão me ajudou a esconder na prisão.

Juntei tudo e coloquei no pé da cama como oferenda.

“Deixe-me cuidar de você,” ordenei. Eu não ia deixá-la recusar, não podia. Minha natureza leonina me implorava para cuidar dela, e eu não ousava deixar meus pensamentos se fixarem no que isso significava. Eu simplesmente tinha que fazer isso. Não seria mais fácil impedir o sol de nascer do que me impedir de ajudá-la.

Ela abriu os olhos, apoiando-se nos cotovelos enquanto observava a pilha aos seus pés. Seus lábios se entreabriram. “É um Faero?” Ela engasgou, e eu o arranquei da pilha, entregando-o imediatamente a ela, sabendo que era o seu favorito. “Você estava me escondendo alguma coisa, Roar.”

Ela deu um sorrisinho antes de rasgar a embalagem e cravar os dentes nela. O gemido que ela soltou foi quase sexual, e meu pau se contraiu com o barulho. Tentei ignorar, mas ela continuou com aqueles sons enquanto devorava a barra de chocolate, e eu me virei para pegar minha escova de cabelo enquanto sutilmente reorganizava meu pau. *Rosa voltou, e acho que minha fome por ela também.*

Aproximei-me da cama e fiquei de pé sobre ela, segurando a escova. “Fica de frente,” instruí, pegando os frasquinhos de produto para cabelo da pilha de contrabando.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas não discutiu enquanto se movia para o lado oposto da cama, e eu me sentei atrás dela, colocando os produtos entre as pernas. Agarrei seus quadris e a puxei alguns centímetros para trás, rosnando novamente ao sentir seus ossos se destacando mais do que deveriam através da pele.

“Cain vai pagar por isso,” eu disse em um tom mortal.

“Ele já está,” ela disse sombriamente.

“O que você quer dizer?” Perguntei.

“Bem, a lua me deixou toda radiante e o marcou com uma maldição. Não sei o que isso vai fazer com ele, mas espero que doa.” Ela deu um sorriso sombrio e uma doce satisfação me invadiu.

“Você é incrível, Rosa,” eu disse, com um ronronar ecoando no meu peito.

Fiquei fascinado pelos poderes dela e um sorriso me veio aos lábios ao saber que a própria lua havia punido Cain pelo que ele

fizera com ela. Eu também tinha que concordar com a Rosa, esperava que aquela maldição doesse pra caramba.

Borrifei o cabelo dela com creme e comecei a escová-lo delicadamente. Ela gemeu um pouco enquanto eu desfazia os nós maiores, mas não se afastou nem me pediu para parar. Fazer isso aliviou a dor profunda no meu peito por vê-la daquele jeito. Mas não foi o suficiente. Eu precisava fazer mais. Tudo o que pudesse para garantir que ela estivesse bem.

Quando ela terminou sua primeira barra de chocolate, apontei para a pilha novamente. “Coma,” rosnei, e ela pareceu feliz em obedecer, pegando uma barra de Fairy Milk dessa vez e devorando-a.

“Você não quer um pouco?” Ela perguntou.

“Não. É tudo seu. *Tudo*. E vou ganhar mais na próxima vez que vir o Leon.”

“Ele traz essas coisas para a prisão?” Perguntou ela, surpresa. “Como?”

“Nos bolsos dos guardas,” abaixei o tom de voz, para o caso de alguém estar ouvindo além do lençol. “Aí eu roubo de volta quando ele me dá a minha dica. Infelizmente, não consigo colocar nada mágico, senão acionaria os sensores. Mas sempre posso conseguir doces e produtos para cabelo.” Dei um sorriso malicioso.

“Confie nos melhores ladrões de Solaria para inventar isso,” ela disse com orgulho no tom de voz, mas essas palavras só me feriram no peito.

“Não sou mais um deles,” murmurei.

“Roary…”

“Não quero falar de mim,” disse eu com firmeza, puxando outra mecha de cabelo para trás, por cima do ombro dela, e começando a trabalhar nela. “Quero falar de você. Você está bem? Eles te puniram? Esconderam comida de você?” Resmunguei, passando o dedo por suas costas, através do macacão.

“Não. Mas só comíamos duas pequenas refeições por dia e eu me exercitava bastante, pois não havia muito mais o que fazer.” Ela desabotoou a parte de cima do macacão e, de repente, o tirou, revelando sua regata branca. “Me toca,” pediu ela, e isso me doeu. Lobos precisavam de contato com outros Fae, era fundamental. E ela estava privada disso há tanto tempo que eu só conseguia imaginar a dor que sentia, mesmo depois de correr com sua matilha no pátio.

Peguei um elástico do meu pulso e prendi delicadamente o cabelo dela no alto da cabeça. Prendi a respiração ao avistar a marca do parceiro atrás da orelha, a lua crescente prateada brilhando levemente contra sua pele. Passei o dedo sobre ela e ela se enrijeceu.

“Ah, merda,” ela começou, mas eu a interrompi.

“Ethan me contou,” rosnei, com o peito apertado. “Acho que eu não queria acreditar até ver a marca em você também…”

Ela olhou por cima do ombro para mim e notei uma marca em seu lábio que parecia ter sido mordidinha uma centena de vezes. Passei o polegar por cima e ela nem se encolheu com o contato. Meu coração batia incontrolavelmente enquanto eu me afogava em seus olhos castanhos. Sua força desafiava todas as forças da Terra, mas eu ainda queria protegê-la como se ela não passasse

de um filhote que eu conhecera dez anos atrás. Mesmo assim, ela tinha mais fogo na alma do que quase todos os Fae que eu conhecia. Tirei a mão de sua boca e as pontas dos meus dedos formigaram com o contato daqueles lábios carnudos.

“Quando ele te contou?” Ela perguntou, sua voz um ronronar rouco que fez meu sangue ferver.

“Ele me encontrou depois que o Beloriano me atacou,” eu disse e seus olhos se arregalaram.

“O quê?” Ela ofegou, e eu expliquei como um dos espinhos dele tinha me envenenado e que, se não fosse o Cain nos encontrar, eu estaria ferrado.

“Ethan ia atrás de você, e quando eu disse que não confiava nele, ele me mostrou a marca de companheiro.”

Ela engoliu em seco, sua garganta se contraiu enquanto ela me olhava sem piscar, enquanto o ciúme me arranhava por dentro.

“Então vocês dois estão...” eu não queria completar a frase, mas sabia que precisava ouvir da boca dela. Que ela e Ethan, um Lunar de merda, eram companheiros da Lua.

“Acasalados, mas não juntos,” disse ela com firmeza. “Não sei como explicar melhor do que isso.”

“Então você não o quer?” Rosnei. “Ou ele não te quer?” Dependendo da resposta dela, eu queria beijá-la ou arrancar a cabeça do Shadowbrook por ousar recusar essa garota que era o próprio luar. *Pense bem, babaca. Não tenho o direito de fazer nenhuma das duas coisas.*

“É complicado,” ela suspirou, virando-se e senti o ciúmes

subir pela minha carne e gritar assassinato em meu ouvido.

“Certo,” eu disse rigidamente.

“O que te importa, afinal?” Ela perguntou despreocupadamente.

“Eu não,” respondi com mais dureza do que pretendia. “Quer dizer, eu sim. Obviamente. Mas só porque Shadowbrook é uma má notícia.”

Ela estalou a língua. “Todo mundo aqui é uma má notícia. E ele é uma notícia melhor do que a maioria.”

Lutei contra a vontade de resmungar como uma vadiazinha e peguei um frasco de Óleo de Argan, despejando um pouco nas palmas das mãos. Empurrei delicadamente as alças da regata para o lado e arrepios percorreram seu pescoço pouco antes de eu colocar as palmas das mãos em seus ombros e começar a massagear o óleo em sua pele macia. Ela inclinou a cabeça para a frente enquanto eu aliviava a tensão de seus músculos com movimentos e círculos firmes.

Molhei os lábios enquanto me aproximava de seus ombros e lutei contra a vontade de me inclinar e complementar meus toques com beijos. Atribuí isso à minha necessidade instintiva de cuidar dela, mas quem eu estava realmente enganando? Eu a desejava como nunca desejara nenhuma garota. Estar longe dela por tanto tempo só confirmou isso. Eu ansiava por ela dia e noite. Eu não conseguia negar isso a mim mesmo, mas isso ainda não significava que eu cruzaria essa linha. Principalmente porque ela era aparentemente a companheira de outra pessoa.

Eu só precisava protegê-la. E isso teria que ser o suficiente para saciar essa necessidade primordial em mim.

“Senti sua falta, Roar,” ela disse com um suspiro e minha garganta fechou.

“Eu também senti sua falta, Rosa,” eu disse rispidamente, sem chamá-la de filhote pela primeira vez, porque naquele momento ela parecia tudo menos um filhote. Ela era uma mulher linda que havia sido machucada e danificada naquele lugar cruel. E eu jurei protegê-la. Eu a decepcionei tão ferozmente que isso me matou.

Quando ela estava quase derretendo sob meu toque, soltei seu cabelo do elástico e continuei desfazendo os nós.

“Nunca mais vou deixar que eles levem você embora,” prometi a ela, passando os dedos por uma mecha emaranhada do cabelo e usando o óleo de Argan para soltá-la.

“Você não pode prometer isso,” disse ela. “Além disso, eu sabia dos riscos.”

“Você não sabia que Sin libertaria a porra do Beloriano,” rosnei, e seus ombros se tensionaram, provavelmente contraindo alguns daqueles músculos que eu tinha acabado de relaxar. Resmunguei, pensando em trabalhar neles novamente assim que terminasse o cabelo dela.

“Acho que ele estava tentando ajudar,” disse ela. “Embora com certeza ele vá me ouvir da próxima vez. E eu meio que entrei na Psiquiatria...”

“O que você encontrou?” Perguntei imediatamente. Eu tinha me esquecido de me importar com a porra da Psiquiatria depois de perder a Rosa e quase morrer por causa daquele monstro nos corredores. Mas ela tinha ido lá para encontrar a Sook Min. E nosso plano dependia daquele Shifter Toupeira Polethius.

“Roary, foi horrível,” ela sussurrou, seu tom fazendo meu pulso disparar.

“Você encontrou Sook?” Perguntei preocupado.

“É, ela... porra, não sei o que eles estão fazendo lá embaixo, mas não é nada bom. Eu vi eles tirando algo dela.”

“O que você quer dizer?” Perguntei ansiosamente.

“Ela estava nesta sala de cirurgia e fizeram algo que tirou esta... luz dela.”

“Luz?” Franzi a testa.

“Não sei o que era, mas colocaram num pote. E aí a Sook começou a ter convulsões e... ela não resistiu.”

Coloquei a mão em suas costas e engoli em seco para tentar desfazer o nó na garganta.

“Foi horrível lá embaixo, Roary. Eles estão fazendo algo terrível, eu pude sentir. Vi outros Fae e havia algo faltando neles também. Aquela luz... é como se fosse a alma deles ou...”

“Ah, tá ficando oleoso aqui. Você está ajeitando ela direitinho, Leão. Quer usar essas mãos grandes e fortes no meu bumbum durinho quando terminar?”

Virei-me ao som da voz de Plunger e o vi puxando o lençol da minha cela. Arreganhei os dentes, rosnando ferozmente enquanto seus olhos percorriam Rosa à minha frente. Ele vestia apenas uma cueca branca e justa, e algum tipo de molho vermelho escorria pelo tecido.

“Ah, não se incomode com o meu vazamento, garoto,” disse ele, balançando os quadris de um lado para o outro, fazendo um barulho molhado de dentro do tecido. “Molho de tomate é ótimo

para amaciar meu jhonson. Deixa ele bem *macio*."

"Saia da minha cela ou eu vou arrancar seu *jhonson*," eu gritei enquanto Rosa rosnava seu próprio aviso.

"Como quiser," Plunger riu baixinho. "Mas sua mão escorregaria do meu eixo liso e brilhante, então você teria que continuar tentando puxar e puxar meu pau diabólico com essa sua mão grande."

"Saia daqui, porra!" Gritei, prestes a me levantar para forçá-lo a sair, quando ele deixou cair o lençol e riu baixinho enquanto saía.

Estremeci ao me virar para Rosa, percebendo que a havia abraçado e a arrastado contra o meu peito, por cima dos produtos entre as pernas. O cheiro do óleo de Argan em sua pele e o aroma tentador e pecaminoso que era inteiramente dela por baixo me deram vontade de me inclinar e passar a língua em seu pescoço. Ela era a única coisa no mundo capaz de tirar aquela imagem de Plunger da minha cabeça tão rápido.

Ela virou a cabeça para trás para me olhar e meu pau inchou contra sua bunda enquanto eu respirava irregularmente.

Pigarreei, lembrando-me de mim mesmo enquanto a empurrava para longe de mim antes de ficar duro como uma rocha.

"Então, Sook Min está morta," eu disse, sabendo que meu tom era frio, mas eu precisava fazer com que ela parasse de pensar no meu pau latejante e voltasse para a questão real ali.

Ela se virou novamente e eu comecei a escovar a última mecha do seu cabelo, passando a escova delicadamente por ela.

“É,” disse ela, triste. “E que ela descanse em paz, mas agora não temos nenhum Shifter Toupeira Polethius para o meu plano e... porra, precisamos mesmo de um. Eles são a única Ordem capaz de sentir os detectores enterrados no chão ao redor da prisão e não podemos arriscar cavar túneis a menos que tenhamos certeza de que não atingiremos nenhum deles. Se atingirmos, seremos explodidos em pedaços antes mesmo de perceber o que aconteceu.”

Cerrei o maxilar, tentando conter as próximas palavras, mas não tínhamos escolha. “Plunger é nossa única opção.”

“De jeito nenhum,” ela rosnou ferozmente.

“Não tem mais ninguém,” suspirei. “E acredite, se tivesse, eu diria que sim. Quer dizer, sempre podemos esperar para ver se um novato aparece, mas esses Shifters já são raros. Podemos ficar aqui por anos até que outro chegue.”

“Por que Plunger?” Ela gemeu. “Juro que as estrelas não querem que eu saia daqui.”

“Elas desistem,” resmunguei. “E mesmo que desistam de você, eu não vou desistir. Eu te tiro daqui nem que tenha que demolir a prisão inteira, Rosa. Você não vai ficar aqui.”

“Não sou eu quem deveria estar resgatando *você*?” Ela provocou, mas choramingou enquanto eu puxava o último grande nó em seu cabelo.

“Desculpe,” murmurei. “E sim, você vai. Só estou me certificando de que você cumpra a sua palavra.”

Ela riu baixinho e o som me deixou ainda mais duro. Meu pau não estava entendendo a mensagem de “proibido” e a falta de

sangue na minha cabeça estava me fazendo reconsiderar o caso.

“Então, o que vamos fazer com isso?” Ela estendeu a mão para pegar a minha, passando o polegar pela nova algema de bloqueio mágico. Seu toque aqueceu minha pele e me lembrei de compartilhar poder com ela ali mesmo. Era tão bom estar conectado a ela daquele jeito e eu ansiava por fazer isso de novo algum dia.

“Você acha que seria muito difícil conseguir um desses controles remotos quando chegasse a hora de fugir?” Ela perguntou, e eu balancei a cabeça.

“Tenho prestado bastante atenção e essas coisas têm detectores de assinatura mágicos. A menos que consigamos um novinha em folha e registremos em nome de um de nós, não vejo como tirar essas algemas. Não sem pedir para um guarda fazer isso por nós,” ri, mas ela não riu, como se estivesse considerando tudo o que eu disse.

“Eu dou um jeito,” ela respondeu finalmente, enquanto eu penteava o resto do seu cabelo e me recostava para admirar seu brilho intenso. Ela gemeu em agradecimento enquanto eu passava os dedos por ele.

“Eu sei que você vai,” eu disse, com total fé nela, embora as coisas não parecessem muito boas.

“Também vamos precisar de um novo lugar para cavar o túnel,” disse ela. “Agora não podemos entrar nas paredes, vamos ter que encontrar um lugar onde possamos cavar. Um lugar onde não sejamos encontrados.”

“Você está mesmo esperando que o Plunger nos tire daqui?” Não zombei, embora talvez devesse ter feito isso. A quantidade de

obstáculos que eu conseguia enxergar só com essa ideia era infinita. Ele não tinha acesso à sua Ordem, por exemplo. E não dava para sair do Pátio da Ordem, o domo mágico ficava tão fundo no subsolo quanto lá em cima, nos contendo em uma bolha inquebrável.

"É," ela disse. "É exatamente isso que eu esperava."

Ela pareceu tensa novamente, então comecei a massagear seus ombros mais uma vez e ela me lançou um olhar travesso por cima do ombro.

"Você tem alguma chance de fazer isso as minhas costas inteiras?" Os olhos dela brilharam esperançosos e eu já estava concordando como um filhote de leão ansioso quando ela levantou a blusa e a tirou.

Ela se virou, ajoelhando-se diante de mim e gesticulando para que eu me levantasse, mas eu apenas a encarei com o coração disparado e o queixo ligeiramente caído. Ela era mais do que linda, ela era deslumbrante. Como se tivesse congelado meus membros no lugar com a força de um bastão de choque.

"Anda logo, Roar." Ela me cutucou de brincadeira e eu me levantei, peguei os produtos de cabelo e atravessei o quarto para guardá-los de volta no esconderijo. Quando me virei para encará-la novamente, Rosa tinha tirado o sutiã e estava deitada de bruços na minha cama, parecendo a personificação da tentação. *Porra.*

Reorganizei meu pau novamente, para o bem de todos, tentando ao máximo ignorar a forma como ele se contraía exigentemente ao vê-la daquele jeito.

Ajoelhei-me sobre suas pernas e apliquei mais óleo nas

palmas das mãos antes de colocá-las em suas costas. Minhas mãos eram tão grandes que cobriam a maior parte da pele, e ela gemeu enquanto eu a massageava com movimentos firmes, tentando me concentrar em todos os motivos que eu tinha para não tentar nada com ela.

Sou dez anos mais velho que ela.

Eu sou um fracasso.

Sou amigo do primo dela.

Ela é da família.

Eu deveria protegê-la.

Ela já passou por muita coisa, eu seria um babaca se me aproveitasse dela agora. E eu não faria isso de jeito nenhum, porque não sinto isso por ela.

Apertei os olhos por um momento para me concentrar enquanto ela gemia novamente e eu concentrava toda a minha energia nela. Tornou-se mais fácil então, enquanto eu trabalhava em cada centímetro de sua carne nua, querendo limpar um pouco do tormento da unidade de isolamento de seu corpo e substituí-lo por algo dolorosamente bom. Eu iria fazê-la recuperar a saúde perfeita em pouco tempo e assistir Cain sofrer sob sua maldição. E se eu não considerasse aquela punição boa o suficiente, eu encontraria uma maneira de derramar seu sangue e vê-lo implorar por misericórdia aos meus pés. Eu não era um assassino nato, mas por ela, eu cometeria qualquer pecado. *Você vai pagar, Oficial Cain, eu juro pelas estrelas.*

Enquanto eu continuava a relaxar os músculos dela, meu pau começou a criar argumentos sólidos para eu me inclinar e roçar

meus lábios em seu ombro.

Ela já está toda crescida agora.

Ela precisa ser abraçada, está no instinto de ambas as Ordens confortar uma à outra com sexo.

Ela está a fim de você há muito tempo, por que continuar negando a ela o que ela quer?

Você não transou com ninguém desde que ela foi para a prisão e está correndo o risco de ter o pau apodrecido.

A podridão peniana é uma coisa genuína, você não precisa pesquisar.

Ela é tãão linda.

Ninguém vai saber mesmo, é só entre vocês dois. É realmente tão errado assim?

Lembra quando você a beijou antes e teve que se masturbar discretamente na cela por causa disso no dia seguinte, e no outro, e no outro? E quando você gozou, teve que fingir que tinha caído da cama quando ela ouviu você gemendo, e até bateu o joelho na parede antes que ela te visse de manhã, então ficou com um hematoma para provar. Você não quer ser esse cara de novo, né?

Rosa gemeu enquanto eu massageava suas omoplatas e eu engoli um palavrão, odiando meu pau, principalmente porque ele tinha alguns pontos válidos.

Me vi inclinando, seguindo um impulso desesperado e instintivo de beijá-la, e rocei meus lábios delicadamente sobre seu ombro. Ela respirou fundo, ficando imóvel embaixo de mim, e percebi que, naquela posição, meu pau agora estava roçando em sua bunda e ela sentia tudo. Tudo.

“Não pare,” ela respirou pesadamente e eu não parei.

Beijei-a ao longo dos ombros, empurrando seus cabelos para o lado para poder beijar seu pescoço, e então subi até sua orelha, mordiscando enquanto roçava meus dedos na lateral de seu corpo. Ela estremeceu embaixo de mim, empurrando a bunda de volta para minha ereção, e eu rosnei profundamente, mordendo sua garganta e sentindo o gosto do óleo doce em sua carne.

“Roary,” ela implorou, e eu ergui os quadris, rolando-a para baixo de mim, percebendo um segundo tarde demais que seus seios estavam nus. Meu olhar mergulhou neles antes que eu pudesse me conter, e um nó se formou na minha garganta ao ver seus mamilos endurecidos. Ela agarrou um punhado do meu cabelo, puxando para que eu a olhasse nos olhos e sorrindo para mim. Mas eu não sorri de volta. Eu estava prestes a me afastar novamente, minha consciência despertando, mas quando ela inclinou a cabeça em minha direção, joguei a cautela ao vento e me abaixei para encontrar sua boca com a minha. Ela ganhou vida embaixo de mim, envolvendo as pernas em volta da minha cintura, e eu rolei meus quadris involuntariamente, o Leão em mim assumindo o controle enquanto eu arrastava minha língua pela dela, beijando-a lenta e torturantemente.

Seus lábios eram macios como veludo, encaixando-se perfeitamente nos meus. Gemi, aprofundando o beijo, sem nunca querer respirar, porque tinha certeza de que, no segundo em que o fizesse, eu voltaria a ter juízo. E eu não queria voltar a ter juízo nunca mais. Por que eu não podia ser imprudente e despreocupado com isso? Por que não podíamos ter um ao outro assim se era isso que nossos corpos queriam?

Porque você não pode oferecer nada a ela. Porque você jogou sua vida fora e todos fora deste lugar te conhecem como o Night que trouxe vergonha para sua família. Porque você é apenas um fracassado, alguém que poderia ter sido alguém e agora não é ninguém. E essa garota merece um cara que ainda tenha sua dignidade e seu orgulho intactos.

Interrompi o beijo e me odiei por isso quase tanto quanto ela me odiaria em um segundo. Afastei-me dela, sentando-me na beira da cama e enterrando o rosto nas mãos.

"Vista suas roupas de volta," exigi, e o silêncio veio em resposta.

Ouvi-a se levantando da cama e, de repente, sua mão estava no meu cabelo novamente, puxando com força para me fazer olhar para ela. Ela estava de regata, mas tinha tirado o sutiã, então seus mamilos apareceram, e quase engoli a língua enquanto ela estava parada ali, em cima de mim, com um brilho de uma verdadeira Alfa nos olhos.

"Ou você me quer ou não. Eu não sou seu brinquedo. Não sou brinquedo de ninguém," ela sibilou.

"Eu sei," eu disse rapidamente, me sentindo um babaca.

Ela balançou a cabeça para mim. "Reivindique-me aqui e agora, Roary. Ou vou fechar a porta para essa possibilidade para sempre. Chega de papo furado. Somos amigos ou somos mais do que isso. Qual é?"

Tantas palavras ficaram presas na minha garganta e eu tive que lutar contra o Leão Alfa dentro de mim que rugia na minha cabeça, implorando para que eu aproveitasse a oportunidade e a reivindicasse de uma vez por todas. Mas aquele Leão não

governava mais o mundo. Assim que saíssemos dali, eu não tinha mais nada para oferecer a ela. E eu não seria o motivo pelo qual ela acabaria morando com um perdedor que ela acabaria descobrindo que foi o pior erro da vida dela.

Abaixei a cabeça, como uma faca cravada no coração, enquanto lhe dava a resposta que eu não queria dar. Sabendo o quanto eu estava sacrificando por ela. Mas eu daria qualquer coisa para garantir que um dia ela tivesse a vida que merecia. “Somos amigos.”

Ela soltou um gemido baixo de dor na garganta, depois se virou e saiu da minha cela sem dizer mais nada.

Eu não conseguia respirar sem ela. Eu sabia que abrir mão dela também era abrir mão da minha única chance de felicidade nesta vida. Eu nunca encontraria uma garota que me fizesse sentir como ela. Mas eu também nunca me perdoaria se eu a roubasse egoisticamente para mim.

Rosalie Oscura não era para mim. E estava na hora de eu começar a me conformar com isso.



Eu deitei no meu beliche depois da primeira noite de sono semidecente que tive em meses, finalmente parando de sonhar com o papa e as coisas malucas que ele costumava fazer, enquanto sentia um tipo diferente de dor.

Eu não tinha me permitido pensar muito nisso enquanto estava no buraco, porque havia questões mais urgentes na minha cabeça, mas eu estava literalmente tendo uma crise pessoal por causa disso agora. Desde que cheguei a este lugar esquecido pelas estrelas, quatro babacas alfa chamaram minha atenção, e eu, a boba de mim mesma, achei que conseguiria dar a volta por cima neles como fazia com todos os outros caras que já conheci. Mas com eles não foi nada assim.

Droga, Cain tinha me jogado numa cela e me trancado por meses sem pensar duas vezes. Eu tinha me convencido estupidamente de que ele se importava comigo por algo mais do que o gosto do meu sangue, mas, além do fato de que ele estava meio tentado a me comer, tinha ficado dolorosamente claro que ele nunca me veria como nada além de uma delinquente desprezível como todos os outros ali. Eu só esperava que a minha maldição da Lua estivesse lhe causando problemas, porque, do

jeito que estava, era a única arma que eu podia usar contra ele e, mesmo que eu não entendesse completamente, tinha certeza de que a lua me protegia. Aquela vadia era minha companheira e eu sabia que ela tinha um plano.

Embora... eu realmente devesse estar brava com ela também, porque eu tinha que agradecer a ela pelo fato de eu estar agora acasalada com um homem que me odiava, desprezava minha família por causa de uma velha briga patética que deveria ter sido esquecida anos atrás e preferia desfilar uma companheira falsa por aí e tatuar sua marca de companheiro do que deixar alguém descobrir sobre nós. Além de me foder, ele não parecia ter nenhum interesse real em mim e não era assim que eu seria tratada. Eu precisava de um plano para Ethan Shadowbrook, algo para colocá-lo em sua caixa e mantê-lo lá. Eu não queria um companheiro que me tratasse do jeito que ele me tratava, então eu tiraria vantagem do fato de que ele não poderia me machucar enquanto esse vínculo nos conectasse e então eu o deixaria aqui quando eu escapasse e faria um acordo com a lua para cortá-lo. Eu era uma Loba da Lua, eu tinha que acreditar que isso me dava vantagens quando se tratava de coisas assim.

Quer dizer, claro, todo mundo sabia a história do que aconteceu com a última pessoa que tentou forçar as estrelas a mudarem de ideia sobre o destino, e eu *não* queria seguir o caminho de Darius Acrux. Estremeci só de pensar no que tinha acontecido com ele e me perguntei se ele estaria lá em cima, em algum lugar, achando que o sacrifício que fez valeu a pena. De qualquer forma, porra, não. Ethan Shadowbrook *não* valia a pena. Ele era um merda que tinha tanta vergonha de mim que estava literalmente fingindo estar acasalado com uma *Beta* em vez de

possuir seu vínculo com sua verdadeira companheira. Então, que se foda ele.

De qualquer forma, eu estava querendo fazer um acordo para *quebrar* um vínculo, então talvez minha situação fosse completamente diferente do que Darius Acrux estava tentando. Eu certamente não ia morrer para conseguir isso. Eu e a lua só precisávamos ter uma conversinha e eu tinha certeza de que ela veria a razão. Companheiros não deveriam ser iguais a você de qualquer maneira? Ethan podia ser tão forte quanto eu fisicamente, mas ele não era meu igual no tipo de força que contava. Desde que escapei das garras do meu pai, eu me certifiquei de que cada decisão que tomei na minha vida beneficiasse meus próprios objetivos. Eu certamente não deixaria a vergonha ou o medo me forçarem a esconder algo tão monumental. Um verdadeiro Alfa não temia sua matilha. E daí se eles ficarem chateados com isso quando ele contasse a eles? Tudo o que ele precisava fazer era forçá-los a voltar à linha e dizer que não dava a mínima. Alfas definem o status quo, eles não o seguem. *Pfft, besteira.*

Cocei a marca idiota de companheiro e deixei minha mente se mover para Sin. Ele era, na verdade, o único cara em quem eu estava interessada que estava mais do que disposto a me aceitar como eu era e adoraria nada mais do que gritar aos quatro ventos que nós dois estávamos juntos se tivesse a chance. Claro, conhecendo-o, ele estaria literalmente balançando nas luminárias enquanto fazia isso, e eu ainda tinha aquela sensação incômoda de que, assim que ele conseguisse o que queria de mim, seguiria em frente. Mas talvez fosse apenas meu próprio preconceito falando. Estava claro que ele não tinha encontrado muitas

pessoas nesta vida que o tivessem visto como mais do que apenas um objeto de gratificação sexual e, visto que seu dom o deixava entrar na pele das fantasias mais selvagens das pessoas, eu podia entender perfeitamente por que ele acreditava que isso era tudo o que alguém poderia querer dele.

Os idiotas que queriam que ele se transformasse para poderem transar com ele não *o* queriam, queriam o objeto do desejo deles, então não queriam saber nada sobre quem ele realmente era. Mas eu estava começando a perceber que sim. Eu adorava o seu tipo de insano - exceto quando isso levava a monstros psicóticos serem soltos - mas havia uma liberdade real nele e o fato dele ser totalmente desinibido me fazia querer pular do próximo penhasco com ele e descobrir onde pousávamos. Claro, ele ficaria preso no buraco a semana toda, então não haveria muita chance disso, mas talvez eu desse mais atenção para quando ele fosse solto, supondo que nenhum dos guardas idiotas decidisse aumentar o tempo dele como fizeram com o meu.

E Roary... ergh, doía pensar no Roary. Merda, sempre doeu um pouco pensar no Roary, mas agora ele estava perto e continuava me fisgando, apesar de jurar que não me queria. Então talvez eu fosse apenas uma pequena lembrança de casa para ele. Um plano de fuga, uma passagem fácil para fora dali e nada mais. Mas, porra, quando pensei no jeito que ele me beijou antes de se afastar, eu me iluminei como uma maldita Árvore de Natal de dentro para fora. Meus lábios ainda formigavam com a mera lembrança daquele beijo e meu coração batia forte como quando eu era adolescente e ele costumava vir ao vinhedo da minha tia. Merda, desejá-lo doía tanto às vezes que eu ficava tentada a jurar nunca mais querer homens. Ou talvez eu devesse

simplesmente participar de uma orgia de matilha e deixá-los trabalhar para me satisfazer. Com certeza, se todos estivessem se esforçando o suficiente, seria bom... tirando o fato de que a ideia de todos aqueles Lobos de escalão inferior me arranhando e ofegando por mim me deixava tão seca quanto o Deserto da Iloria. *Ótimo. Alfas babacas para o resto da vida, então.*

Um zumbido baixo finalmente soou lá embaixo quando os guardas chegaram e eu gemi em apreciação enquanto me sentava na minha cama.

"Abra a cela doze no três," a voz de Cain surgiu de repente de trás do lençol que eu tinha pendurado sobre as grades da frente da minha cela, e eu amaldiçoei seus modos rápidos de Vampiro por um momento antes dele puxá-lo para baixo e a porta da minha cela se abrir com um estrondo.

"Bom dia, Doze," disse ele secamente, olhando para mim como se não me conhecesse, antes de voltar sua atenção para um Atlas em sua mão. "Precisamos ter uma reunião esta manhã sobre os programas correcionais para os quais você será designada e, como você terá visitas após o café da manhã, acho que agora é o melhor momento para isso."

"Claro," respondi, sorrindo docemente enquanto pulava do beliche e ia pegar um macacão limpo na prateleira. "Não é como se eu precisasse comer nem nada. Estou adorando brincar de contar costelas desde que você me deixou morrendo de fome no buraco."

Cain franziu a testa, mas não disse nada enquanto eu vestia meu macacão e adicionava meias e botas à minha roupa. Nossa, como eu sentia falta de me vestir do jeito que eu gostava. Eu não

tinha pensado muito no uniforme quando entrei aqui e nunca fui uma garota feminina desfilando por aí com vestidos fofos, mas sentia falta da sensação de jeans apertando minha bunda e camisas que não fossem laranja. Eu precisava mesmo ir às compras depois de escapar desse buraco. Droga, a essa altura eu escolheria de bom grado um dos vestidos floridos horríveis da tia Bianca em vez desse maldito uniforme.

Quando eu estava pronta, Cain me chamou como um cachorro e se virou para sair pela passarela. Eu o segui obedientemente, olhando para Roary ao passar pela cela dele, onde ele havia se movido para ficar com os braços estendidos por entre as grades. Ele estendeu a mão para mim quando eu passei, mas eu me esquivei, nem me importando quando uma carranca surgiu em sua testa. Ele tinha deixado claro que não queria a filhote idiota, então eu tinha parado de suspirar por ele. Se ele não queria me tocar de todas as maneiras certas, então não precisava me tocar de jeito nenhum.

“Rosa,” ele gritou quando me afastei e, apesar das minhas melhores intenções, parei e olhei para ele para ouvir o que ele tinha a me dizer. “Estamos... bem?”

“Estamos perfeitos, Roar,” assegurei-lhe com um sorriso de torta de cereja que normalmente reservava para pessoas que odiava, mas que também funcionava bem para vender mentiras. “Ouvi você alto e claro ontem à noite. Não precisa se preocupar com a filhote. Estou bem cuidando de mim mesma.”

“Rosa, eu...”

“Este não é o momento para o sonho de amor jovem ter uma conversa profunda e significativa,” Cain falou alto, batendo seu

cassetete contra o corrimão de metal no topo da escada, de modo que um ruído abafado ecoou por todo o bloco de celas.

“Ah, por favor,” zombei, lançando um olhar de desprezo para Roary, o que me machucou profundamente, mas eu tinha que fazer isso. Eu tinha que acabar com aquilo porque precisar dele, sentir saudades e ansiar por ele era doloroso pra caramba. Ele tinha se deixado claro e aquilo tinha que parar. Eu não continuaria me envergonhando. “Ele é tão velho que as bolas provavelmente batem nos joelhos quando anda.”

“Você está confundindo minhas bolas com meu pau, filhote,” brincou Roary e eu revirei os olhos.

“Bem, não é como se eu soubesse,” respondi antes de ir atrás de Cain.

Ele permaneceu em silêncio enquanto me guiava pelo bloco de celas, passando por todos os outros guardas que estavam fazendo a contagem.

“Preciso contar você, Doze,” gritou um Oficial que trabalhava perto do galinheiro enquanto eu me movia para seguir Cain pelas portas, e parei quando ele se aproximou com o scanner.

Ele era alto e careca, com o nome Nixon estampado na camisa e, ao me olhar, molhou o indicador e o polegar e alisou as espessas sobrancelhas pretas. *Bem-vindo à cidade dos esquisitos.*

Eu o tinha visto por aí algumas vezes e sabia, pelas minhas pesquisas, que ele era corrupto, mas decidi não usá-lo em meus planos. Nixon aceitava propina na forma de favores sexuais e eu não tinha a mínima vontade de me ajoelhar para um bastardo nojento como ele.

“Olhe bem no scanner,” ele disse, lambendo os lábios de um jeito que me deu nojo, mas talvez fosse só porque eu sabia que ele era um pervertido.

Virei meu olhar para o scanner e esperei até que um número doze brilhante aparecesse para confirmar que eu havia sido contada, então me afastei dele e corri atrás de Cain.

Ele me conduziu e eu não disse nada. Entramos no elevador e eu não disse nada. Chegamos ao primeiro andar, onde ficava o quartel da guarda, e ainda nem um pio. Eu não tinha nada a dizer a ele. Então, a menos que eu realmente precisasse responder a algo, meus lábios estavam bem fechados.

Cain segurou meu cotovelo e lutei contra a vontade de lutar com ele e o deixei me puxar pelo corredor sem nem mesmo rosnar.

“Nada de perguntas espertinhas hoje, Doze?” Ele perguntou quando o silêncio ficou tão ensurdecedor que era possível ouvir um alfinete cair.

Não respondi e ele estalou a língua, irritado. Ele me levou por uma área de jantar aberta, onde alguns guardas de folga estavam sentados tomando café da manhã, e eu lutei contra a vontade de gemer com o cheiro de pãezinhos de canela e café fresco e bem passado. Que se foda. Ele provavelmente me trouxe aqui só para me torturar com aquele cheiro.

Cain me levou a um pequeno escritório com uma mesa no centro e duas cadeiras de escritório aparentemente confortáveis, uma de cada lado. Ele me indicou uma e eu me joguei nela com toda a atitude de uma adolescente mal-humorada, empurrando a cadeira para trás e abrindo bem as pernas como aqueles caras

que agem como se suas bolas fossem grandes demais para seus corpos.

Em vez de se mover para a outra cadeira, Cain saiu da sala e fiquei me perguntando por quanto tempo aquilo iria durar. Pelo menos eu tinha uma visita para aguardar e precisava ver alguém de casa mais do que qualquer coisa no mundo hoje. Aposto que minha tia Bianca estava tendo gatinhos enquanto eu estava trancada e meu primo Dante estaria amaldiçoando o fato de ter concordado com essa minha trama maluca.

Quando Cain voltou, ele carregava uma bandeja com dois pratos de pãezinhos de canela e duas canecas de café, que ele colocou na mesa entre nós antes de se sentar à minha frente.

“Então,” ele começou, olhando para o seu Atlas como se ele contivesse todas as respostas para todas as perguntas que ele já pensou em me fazer. “Já passou da hora de você se adaptar a algumas das suas aulas correcionais, e eu tive tempo de preparar um programa para você seguir.”

Ele olhou para o meu prato de pãezinhos de canela intocados e fiquei quase tentada a cuspir nele e jogá-lo no colo dele. Mas isso meio que parecia cortar o próprio nariz para me irritar, então, em vez disso, estendi a mão e peguei o pão, empurrando-o entre os lábios e gemendo alto enquanto mordia. E, apesar de estar dando um show só para irritá-lo, não podia negar que aquela porcaria tinha um gosto incrível. A gente não comia muita coisa com açúcar no refeitório, e nunca no buraco. Então, essa belezinha ia morrer uma doce e velha morte na minha barriga.

Cain cerrou os dentes enquanto eu comia os dois pãezinhos de canela com toda a sexualidade que consegui, antes de terminar

lambendo o açúcar dos meus lábios, devagar e com prazer.

“Você já terminou?” Ele rosnou e eu sorri para ele.

“Depende do que você está se referindo, chefinho,” eu disse docemente, mas não havia nada de doce no jeito como eu estava olhando para ele.

“Bem, pelo menos agora você não tem motivo para reclamar que eu estou te deixando passar fome,” ele respondeu secamente.

“Ah, sim,” concordei. “Dois pãezinhos de canela e eu já esqueci completamente os três meses no escuro com a barriga roncando sem parar. Então, você quer que eu chupe seu pau agora ou quer me perseguir um pouco e me morder primeiro?”

Cain rosnou, saltando do assento e fechando a porta com um pulo antes de trancá-la e lançar uma bolha silenciadora ao nosso redor. Ele agarrou o encosto da minha cadeira e a inclinou sobre dois pés enquanto rosnava para mim, e lutei para não reagir nem um pouco à sua demonstração de domínio.

“E agora?” Murmurei, e seu peito subia e descia rapidamente de raiva. “Você vai mentir e contar para todo mundo que eu te ataquei de novo? Vai me jogar de volta no buraco? Vai me mostrar que guarda malvado você realmente é?”

“Por que você salvou minha vida?” Ele sibilou, chegando tão perto que nossas respirações se misturaram, mas eu me recusei a hesitar.

“Acredite, tenho me perguntado isso muitas vezes ultimamente. Posso dizer com certeza que não é um erro que eu repetiria uma segunda vez.” Meu coração bateu mais forte com essas palavras, mas me recusei a voltar atrás. Ele tinha me

mostrado o quão pouco eu significava para ele e eu nunca iria esquecer o que ele tinha feito comigo.

“Eu quero a verdade,” ele insistiu.

“É, bom, eu quero muitas coisas que não posso ter, *stronzo*.”

Ele me encarou por um longo momento, seus olhos percorrendo meu rosto e o ódio que ele sem dúvida podia ver ali era claro como o dia antes de cair sobre meu corpo.

“Se você realmente acha que eu te foderia de bom grado agora, seu desgraçado, você é ainda mais burro do que parece,” sibilei enquanto seu olhar se fixava em meus seios, que estavam um pouco à mostra, visto que meu macacão estava meio aberto e eu não estava usando sutiã por baixo da regata branca. Mas eu não queria que ele visse meu corpo quando ele veio me tirar da cela, então simplesmente vesti o macacão por cima da roupa que eu tinha usado para dormir.

Ele jogou minha cadeira de volta sobre os quatro pés com um rosnado raivoso e se posicionou atrás de mim, onde eu não podia vê-lo. Resisti à vontade de olhar para ele, recusando-me a ceder às suas táticas de intimidação e, em vez disso, peguei meu café.

Gemi novamente enquanto bebia, sabendo que ele odiava que eu me divertisse com a luxúria dele daquele jeito, e a explorasse o máximo que pudesse. Se o pior que eu pudesse dar a ele naquele momento fosse um caso sério de bolas azuis, eu aceitaria. Deixaria que ele sofresse pela garota que não podia ter. Eu esperava que isso o queimasse de desejo e necessidade e o torturasse o máximo possível.

“Você não vai sair daqui até eu ter algumas respostas,” disse ele em uma voz baixa e sombria que fez os pelos da minha nuca

se arrepiarem, mas mesmo assim me recusei a me virar. Não era como se poder encará-lo fizesse alguma diferença real nas minhas chances contra ele, caso ele me atacasse de qualquer maneira. Eu não tinha acesso à minha magia ou à minha Ordem, então já era uma garota morta-viva, se era isso que ele queria.

"Chore um rio, *stronzo*. Não te devo nada," eu disse, inspecionando minhas unhas, que estavam roídas depois do meu tempo no buraco e me irritaram tanto que as deixei cair no colo de novo, bem rápido.

Cain rosnou em advertência, o que pareceu o momento perfeito para eu estender a mão sobre a mesa e agarrar um de seus pãezinhos de canela. No instante em que mordi, ele voltou à mesa, batendo na madeira com o bastão, numa tentativa de me assustar, mas eu apenas arqueei uma sobrancelha enquanto continuava a comer... e a gemer... e a chupar açúcar dos dedos sugestivamente.

"Algum problema?" Perguntei docemente.

"Vou te dar a opção de escolher qual assunto você quer abordar primeiro e depois vou buscar algumas respostas, Doze," disse Cain, optando por ignorar o roubo de comida e eu tive que me perguntar o porquê. Ele nunca me deixaria escapar de uma merda dessas antes. Que droga, ele nunca me deu nada parecido antes. Será que o Vampiro assustador estava se sentindo um babaca? Ou talvez fosse tudo só uma manobra para me fazer abrir o jogo. Um pequeno suborno para me fazer sentir generosa. *Boa sorte com isso,* stronzo.

"Olho por olho, chefinho," ronronei. "Se você espera algo de mim, então eu vou querer algo em troca."

Cain se jogou na cadeira novamente, me encarando com uma expressão tão fechada que fiquei surpresa por ele conseguir me ver. Pisquei os cílios e tomei um longo gole de café em resposta. Ele realmente teria gostado de algumas lições do meu pai sobre como esconder as emoções... não que eu recomendaria isso a alguém, mas se houvesse um babaca neste mundo que eu pudesse ser persuadida a mandar buscar, seria ele.

“Quero saber o que você estava fazendo lá na Psiquiatria quando o Beloriano foi solto,” ele começou, e eu não consegui conter a pontada de curiosidade com a pergunta, porque, em vez de parecer que ele estava preocupado por eu ter descoberto algum segredo que ele estava escondendo, soou como se ele não tivesse a mínima ideia do que acontecia naquele inferno. “Quero saber que porra é essa maldição que você me lançou e como eu vou me livrar dela. Quero saber por que você estava no nível de manutenção naquele dia em que te peguei lá. E por que você está perdendo seu tempo confraternizando com Sin Wilder.”

“Então, só para deixar claro, você não quer discutir o assunto de você enfiar seu pau em mim a cada oportunidade ou como a simples ideia de me morder te deixa duro?” Perguntei inocentemente, e seu lábio superior se curvou para trás, revelando suas presas alongadas.

“Não vou deixar você ficar aqui me desrespeitando desse jeito, Doze. Se eu tiver que te avisar de novo, você vai se arrepender.”

“Então o que você está dizendo é que se eu tirasse esse macacão e me curvasse sobre a mesa para você, isso iria contra a sua vontade?” Toquei um dos botões do meu macacão laranja como se eu realmente pudesse fazer isso e ele engoliu em seco.

“Pare de tentar me distrair. Não sou um idiota de olhos arregalados pronto para você deslumbrar com seus lábios carnudos e peitos empinados,” ele rosnou, mas a aspereza em sua voz era o suficiente para me fazer perceber que ele tinha gostado daquela pequena cena. O olhar frio, duro e carnívoro em seus olhos, somado a esse tom, fez meus mamilos endurecerem também, mas eu jamais admitiria isso para ele. Além disso, eu o odiava demais para sequer considerar transar com ele com ódio para que meus peitos pudessem esquecer essa ideia. “Vamos começar com uma fácil. Por que você está se aproximando do Oitenta e Oito?”

“Você está falando sério sobre por que estou tão ansiosa para passar um tempo com o grande e pecaminoso Incubus?” Zombei. “Você pode ser certinho, chefinho, mas não pode ter deixado de notar o quão gostoso ele é. E o pau dele é *enorme*, sem falar que ele sabe exatamente como usá-lo.” Uma veia começou a pulsar na têmpora de Cain e só ficava mais violenta quanto mais eu falava. “E ele sabe *mesmo* usar a língua dele também. Quer dizer, merda, fico toda molhada só de pensar nele e em como o pau dele pode...”

“Chega,” retrucou Cain, a veia em sua têmpora pulsando com uma raiva mal contida. “Então me conte sobre *isso*.” Ele desabotoou o punho da camisa para me mostrar a marca de maldição na parte interna do pulso. As videiras pareciam mais longas agora, curvando-se para longe da rosa em seu antebraço, com um segundo pequeno botão ao lado da primeira flor.

“*Maledizione della luna*,” ronronei, meus lábios se curvando num sorriso delicioso. “Você está amaldiçoado pela lua, chefinho. Discuta isso com ela.”

Seus lábios se separaram no que eu tinha certeza que seria uma repreensão muito firme, mas seu rádio ligou estrondosamente, me salvando do sermão.

“Cain?” A voz da Diretora Pike ecoou. “Preciso falar com você rapidamente no meu escritório.”

Cain cerrou os dentes e eu sorri para ele. “Vai andando, chefinho... mas se você tem uma chefe, acho que isso significa que você não é um chefe, certo? Então, o que isso faz de você?”

“Não vou demorar,” murmurou Cain, inclinando-se sobre a mesa e lançando uma corrente mágica para prender minha algema esquerda à mesa, garantindo que eu não pudesse sair. “Tente não fazer nada enquanto eu estiver fora.”

“Aye, aye, Capitão *Stronzo*,” concordei, saudando-o com a mão direita, e ele estreitou os olhos antes de sair correndo da sala. “E respondendo à minha pergunta, acho que isso faz de você a putinha,” acrescentei, sabendo que ele conseguiria me ouvir com suas orelhas de morcego e rindo baixinho. Parecia que eu tinha encontrado um novo hobby favorito. Provocar babacas.

Eu estava prestes a começar a xingá-lo por me deixar acorrentada a uma mesa como uma idiota, quando vi seu último pãozinho de canela e sua caneca de café.

Não desperdice, não passe necessidade, stronzo. Pelo menos essa tortura tinha algumas vantagens.



Desci o corredor enquanto a marca amaldiçoada no meu pulso começava a latejar e a dor invadia minhas veias, fazendo meus dedos se fecharem em punho enquanto eu tentava lutar contra ela. A dor estava aumentando, porém, e isso já tinha acontecido antes. Então, me abaixei para entrar no banheiro masculino, pressionando as costas contra a porta pouco antes da onda de agonia que me consumia e cegava me tomar.

Apertei o braço contra o peito, sufocando um grito enquanto a dor se aprofundava em meu corpo.

Eu estava meio consciente de que havia caído de joelhos quando as visões me encontraram, arrancadas das fendas mais sombrias da minha mente. De onde eu tentava mantê-las longe. Mas essa maldição me fez encarar meu passado de frente e me ver me tornando um monstro repetidamente.

De repente, fiquei olhando para o garoto que jurei proteger, seus olhos arregalados e esperançosos, cheios de toda a confiança que eu havia traído.

"*Não*," resmunguei, tentando afastar a imagem, mas a maldita

maldição tinha outros planos enquanto me puxava de volta para o lugar onde passei a maior parte da minha juventude. As vigas do antigo teatro estavam cheias de meninos e meninas, e uma sombra espreitava no canto onde *ele* dormia. Essa sombra pareceu crescer e o medo tomou conta de mim quando percebi que noite era aquela. O luar parecia escapar pela janela enquanto ele escolhia suas vítimas para os jogos daquela noite. E eu era uma delas.

A maldição se dissipou antes que eu tivesse que reviver aquela noite novamente e me vi ofegante no chão do banheiro, sentindo o medo que senti naquela época tão intensamente quanto se estivesse acontecendo agora.

Eu me endireitei, piscando com força para clarear a mente e depois puxando a manga para verificar a marca. A rosa prateada havia crescido novamente, com as videiras espinhosas se enrolando em sua base e subindo um pouco mais pelo meu braço.

O que ela fez comigo?

Fui até a pia, joguei água fria no rosto e afastei aquelas velhas memórias, forçando-as para o fundo da minha cabeça e desejando poder expulsá-las completamente. Essa maldição me punia com as piores lembranças da minha vida. Eu já tinha tido pesadelos antes de Doze me marcar, mas agora eles eram tão nítidos como se eu fosse realmente aquela criança de novo, revivendo aqueles horrores mais uma vez.

Tive a sensação de que minha raiva com Doze tinha causado esse episódio e me xinguei por ter me deixado levar por ela. Quem se importava se ela fode Sin Wilder?

Minhas presas se alongaram e a fúria cresceu em minhas

entranhas como ácido. *Eu* me importava. Claramente. Mas eu precisava encontrar um jeito de impedi-la de me irritar, ou nunca conseguiria entendê-la.

Passei a mão pelo cabelo curto e suspirei, olhando-me no espelho. Eu não fazia isso com frequência. Não gostava que o homem me olhasse de volta. Tudo o que eu conseguia ver em seus olhos era sede de sangue, caos e escuridão. A escuridão era o que eu tinha que me esforçar para esconder o tempo todo. Eu nunca poderia ceder a ela. Meus instintos básicos não eram confiáveis. Eu tinha que lutar para parecer respeitável, confiável. Para a Diretora Pike, eu era o melhor oficial que ela tinha em serviço. Mal sabia ela que eu havia quebrado muitas de suas regras. E, principalmente, eu as havia quebrado com Doze.

Empurrei a porta do banheiro e ergui o queixo enquanto rezava para as estrelas para que a maldição não me subjugasse na frente de Pike. Aquela marca no meu braço era como uma chave para todos os meus segredos. Ela me ligava à Doze. Se ela fosse interrogada, forçada a passar pelo interrogatório dos Ciclopes, eles descobririam que eu a estava caçando, desejando-a. Na melhor das hipóteses, eu perderia meu emprego. Na pior, eu também acabaria preso.

Caminhei pelo corredor, bati na porta do escritório da diretora e respirei fundo para me acalmar.

“Entre,” Pike chamou e eu entrei na sala.

Ela me cumprimentou brevemente de trás da mesa. “Bom dia, oficial, como está se saindo com a Doze?”

“Estou prestes a colocá-la no programa correcional.” Meus nervos estavam à flor da pele quando ela me encarou e comecei a

temer que ela soubesse de alguma coisa, que estivesse prestes a me expor. Mas eu devia estar paranoico pra caramba. Eu tinha apagado meus rastros. Fazia meses desde meu último encontro com Doze.

“Ótimo. Desculpe tirá-lo da reunião, mas acabei de falar com o Capitão do FIB em Tucana e parece que temos um fio desencapado sendo transferido para cá esta tarde.” Ela gesticulou para que eu me sentasse, e eu o fiz antes que ela me entregasse um dossiê.

“Laura Metz foi repreendida no passado por várias condutas inadequadas relacionadas a um lobisomem particularmente famoso.”

“Quem?” Eu franzi a testa.

“Não tenho permissão para dizer, mas as informações foram retiradas do arquivo dela. Ela foi presa por perseguição diversas vezes, mas desta vez com intenção de sequestro. Acusações foram feitas e o juiz considerou necessária uma passagem em Darkmore para que a mensagem fosse transmitida.”

“Isso parece extremo, considerando que ela não foi a responsável pelo sequestro,” apontei. Darkmore era para monstros, não para Fae com planos precipitados de sequestrar celebridades.

“Sim, bem, o juiz levou em consideração o fato de que o agente do FIB que a trouxe perdeu um braço ao subjugá-la.”

“Puta merda,” eu xinguei.

“É exatamente o que sinto,” disse ela, franzindo o nariz. “O braço foi completamente destruído, então não havia chance de

recolocação.”

Minha garganta apertou. Perder uma mão era o pior tipo de destino para um Fae. Nada era pior do que isso, exceto perder as *duas* mãos. Não poderíamos usar nossa magia sem elas, e aqueles Fae que eram conhecidos por perder as duas ou perdiam a razão ou ficavam tão doentes que morriam.

“Ela alega que foi um acidente, mas é claro que isso não fez diferença no final, mesmo que seja verdade. O estrago já estava feito,” disse Pike com um suspiro. “De qualquer forma, eu queria ter certeza de que você estaria por perto para interrogá-la às quatro da tarde. Quero meu melhor oficial presente.”

Ela sempre me deixava com os loucos e selvagens. Talvez eu não tivesse criado minha obsessão pela Doze tão rápido se não tivesse tido que processar a bunda dela pelada. Eu poderia tê-la ignorado se não fosse por aquela interação em que meu pau ficou tão duro que juro que tive que me masturbar três vezes para dar uma baixada ereção mais tarde naquele dia.

“Estarei lá,” concordei.

“Ótimo. Vou inscrever o Oficial Lucius como agente penitenciário dela. Ela tem experiência com esse tipo de personalidade e sei que você está ocupado com Doze atualmente.” Ela ajeitou a camisa já sem graça e sorriu para mim. “Não vou te afastar mais dela. Quero um relatório de duas semanas sobre o progresso dela quando ela começar as aulas.”

“Sim, senhora.” Levantei-me e caminhei até a porta, saindo para o corredor e voltando na direção do escritório onde havia deixado Doze.

Meu peito apertava à medida que eu me aproximava dela, e a

marca na parte interna do meu braço formigava desconfortavelmente, como se estivesse me avisando para me comportar. Rosnei irritado, destranquei a porta e entrei na sala.

Ela ainda estava no mesmo lugar, na cadeira, mas olhei ao redor da sala em busca de evidências de que ela havia se movido, mesmo estando acorrentada à maldita mesa.

"Você parece suspeito, oficial. O que diabos eu poderia ter feito aqui?" Ela piscou inocentemente e eu empurrei a porta, trancando-a com força enquanto tentava conter meu temperamento. Ela tinha tomado meu café com pãozinho de canela para começar. Não que eu estivesse reclamando. Havia um motivo para eu ter pegado quatro deles, mesmo eu nem gostando de canela. Mas não era um motivo que eu fosse admitir.

"Pare com essa farsa inocente," eu disse, mortalmente calmo. Pelo menos, foi o que soou, e eu tive que me dar um crédito mental por manter a calma com ela externamente, por uma vez.

"Mas não é uma encenação. Eu *sou* inocente," disse ela, parecendo ofendida, e eu a encarei, avançando e espalmando as palmas das mãos sobre a mesa, enquanto me elevava sobre ela.

"Essa besteira não me agrada, Doze. Eu te conheço."

"Ah, você me *conhece*, não é?" Disse ela, provocante, recostando-se na cadeira. "Ou será que você *quer* me conhecer? Que simplesmente não suporta como eu te irrito, como você anseia pelo meu sangue, meu corpo, minha boceta..."

"*Chega*," sibilei, inclinando-me para a frente para soltar a algema dela da mesa e ganhar um momento para pensar. "Eu sei que você estava aprontando alguma coisa na Psiquiatria, sei que estava me usando para chegar ao nível de manutenção, então o

que você quer?”

Ela apenas deu de ombros e eu mostrei minhas presas. “Não faço ideia do que o senhor está falando. O senhor deveria mesmo tirar uns dias de folga, acho que está ficando esgotado. Esse seu rostinho bonito não vai ficar bonito por muito tempo se você não dormir direito. Minha tia Bianca sempre dizia...”

“Pare de desperdiçar meu tempo,” eu retruquei.

“Rotinas de beleza não são perda de tempo. Olha como eu fiquei quando me tiraram a minha?” Ela cutucou as costelas, apontando sua magreza desde o tempo em que esteve isolada, e a culpa me consumiu profundamente.

Lutei para manter a expressão neutra, pegando a pasta da beirada da mesa e jogando-a com força na frente dela, precisando mudar de assunto. Eu já estava perdendo o controle da minha cabeça e isso era irritante pra caramba. Por que ela me afetava tão profundamente? Como ela conseguia se infiltrar na minha carne como uma unha afiada determinada a perfurar meu coração negro? “Eu escolhi suas atribuições a dedo para corrigir seu comportamento.”

“Será que fui uma menina má, chefinho?” Ela enrolou uma mecha de cabelo no dedo, piscando os cílios, e eu tive certeza de que ela estava exagerando na mentira só para me irritar.

Ignorei-a, abrindo a pasta na primeira aula que ela faria. “Terapia de grupo,” anunciei com um sorriso malicioso enquanto apontava para a imagem de um círculo de detentos de aparência serena de mãos dadas. “Você será incentivada a falar sobre seus segredos obscuros e sujos na frente dos seus colegas. E lembre-se de que farei relatórios sobre o seu progresso, conversando com

seu conselheiro para garantir que você esteja se esforçando. E se não estiver, vou denunciá-la a diretora."

"*Figlio di puttana*," ela me amaldiçoou e meu sorriso cresceu.

Virei algumas páginas e apontei para o próximo curso. "Guiado pelas Estrelas," li o título do programa. "Você aprenderá a identificar a atração das estrelas e a se render à vontade delas, fazendo escolhas melhores."

"E se as estrelas quiserem que eu te dê uma surra, *stronzo*?" Ela provocou, mas eu não mordi a isca. Sempre achei esse curso uma besteira.

"A diretora acredita que as estrelas só nos atraem para o bem," eu disse, e ela zombou quase tanto quanto eu quando li o novo programa criado por Pike. "Parece-me que mandar um bando de criminosos seguirem seus instintos é pedir por uma revolta, mas acho que sou só os músculos por aqui."

Seus olhos baixaram para observar o dito músculo por um instante, e eu pigarreei enquanto ela, casualmente, voltava a olhar para mim. Suas bochechas não coraram, mas eu podia ouvir seu coração batendo mais forte e, por um momento insano, me perguntei se ela ainda me queria de alguma forma.

Concentre-se, idiota.

Virei as páginas, procurando seu próximo curso.

"Por que você me matriculou em um curso que me incentiva a seguir meus instintos, Mason?" Ela perguntou com um ronronar sedutor, pensado para provocar a mim e ao meu pau, que ainda estava claramente à sua disposição. *Seu canalha traiçoeiro.*

"Porque o material do curso destrói a alma," respondi. O que

era a mais pura verdade. Eu sabia que esses cursos não iriam corrigir o comportamento de alguém como ela. Eram projetados para delinquentes e psicopatas, e ela não era nenhuma dessas coisas. O que era outro motivo pelo qual eu desconfiava dela. Que tipo de Oscura se prende em Darkmore por roubo? A gangue era notoriamente rica. Para que diabos ela poderia querer o dinheiro?

"Tem certeza de que não está só torcendo para que eu siga meus instintos e seja má com você de novo? Porque eu garanto que meus instintos estão indo na direção oposta. A propósito, quanto tempo faz que você não caça alguém? Você parece estar com *sede*." Ela estava tentando me irritar de novo, e a marca no meu pulso estava começando a arder enquanto eu caía na armadilha dela. Eu queria arrastá-la para fora daquela cadeira e mordê-la, forçá-la à submissão. Minhas mãos estavam começando a tremer de necessidade pelo sangue dela, mas eu *não me deixaria* tentar.

"Não sei o que você quer dizer," eu a dispensei e ela riu de mim. Zombou de mim, porra.

Folheei as páginas até encontrar o curso final que ela faria. Aquele que eu desejaria que ela não tivesse que frequentar. Porque, como seu supervisor, eu precisava ter sessões individuais com ela sobre um assunto de minha escolha. Um comportamento que eu considerava importante corrigir. E o que eu havia escolhido não era adequado apenas para ela.

"Controle de impulsos," anunciei. "Comigo. Duas vezes por semana. Você vai aprender a..."

"Espera aí.... o quê? Preciso ter aula com *você*?" Ela disparou, parecendo horrorizada, e eu odiei que aquilo doesse. Aquilo

atingiu uma parte carnuda do meu peito e me deu vontade de virar a mesa inteira, jogá-la contra a parede e ver o sangue sumir do rosto dela.

A ideia de fazer isso desencadeou a dor no meu braço, a maldição serpenteando pelos meus ossos, e eu sibilei entre os dentes enquanto lutava para fazê-la parar. Mas não parou, a dor continuou vindo até invadir minha cabeça e eu estava vagamente ciente de que estava me apoiando na mesa quando uma explosão de agonia irrompeu pelo meu crânio como um fogo de artifício explodindo no meu cérebro. Gemi, minhas forças quase se esgotando quando ela me tomou, me atacando das profundezas do meu ser.

“Mason?” Sua voz preocupada cortou a agonia lancinante da minha mente e eu abri meus olhos quando ela finalmente começou a aliviar.

“Você fez isso comigo,” gritei entre dentes. “Me amaldiçoou, porra. Como eu quebro isso?” Havia um toque de desespero na minha voz e eu detestei isso.

Encontrei-a de pé na cadeira à minha frente, observando meus joelhos cederem e eu me agarrar à mesa para me apoiar.

Ela estendeu a mão, puxou minha manga com cuidado e virou meu pulso para olhar a marca. Ela passou os dedos sobre ela e a dor diminuiu, o calor se espalhando onde sua pele se conectava com a minha, e era tão bom, como se ela a estivesse banhando com o puro luar.

“Não sei,” ela suspirou. “Nunca fiz isso antes. Não sei o que fiz.”

Eu queria mordê-la, exigir que ela me desse uma resposta

melhor do que aquela, mas eu podia ver a verdade em seus olhos.

“Eu apenas sigo a magia da lua, ela nunca me enganou antes,” ela disse, com uma ruga se formando entre seus olhos enquanto ela olhava para a marca que havia deixado em mim.

Eu me levantei, cambaleando para longe dela e agarrando meu braço enquanto minha respiração saía ofegante.

“Você precisa voltar para o seu bloco de celas,” eu disse asperamente.

Apoiei as costas na porta enquanto atravessava a sala, tentando engolir o desconforto que sentia por ela me ver daquele jeito. “Vamos,” respondi bruscamente, tentando ignorar o que ela tinha presenciado, mas o olhar dela dizia que ela não ia deixar passar.

Ela avançou, estendendo a mão para o meu braço, e por algum motivo eu a deixei, enquanto ela puxava minha manga novamente e continuava a examinar a marca prateada em minha pele. Seu toque era quente e mexia com alguma parte inata de mim, implorando para que eu a puxasse para mais perto. A rosa havia crescido novamente, as pequenas videiras se enrolando ao longo da minha pele em direção à curva do meu cotovelo.

Soltei a mão e puxei a manga para baixo, com o queixo tremendo enquanto a observava. Quando ela estava tão perto, era difícil lembrar por que eu precisava tão desesperadamente ficar longe dela. Mas o ódio em seus olhos era um lembrete por si só. Ela não me queria. Nunca quis.

“Espero que você esteja sofrendo como eu sofri,” ela sussurrou e meu coração se apertou.

Rosnei baixinho, agarrando seu pulso e me virando para abrir a porta. Acompanhei-a de volta ao elevador e a soltei enquanto entrávamos juntos.

Meu pulso batia forte na base do crânio e prendi a respiração enquanto descíamos. Em um espaço tão pequeno, era tentador demais pensar no sangue pulsando em seu corpo. As lembranças de mim bebendo dela eram nítidas demais, e juro que a maldição se agarrou aos meus pensamentos e incitou mais dessas lembranças à minha mente. Das minhas presas em seu pescoço, dos seus gemidos urgentes, da minha boca encontrando a dela no escuro e de nossos corpos se tornando uma confusão de membros enquanto nos agarrávamos como dois Fae possuídos. Pisquei com força para tentar forçá-las a recuar e fiquei feliz quando as portas se abriram.

Empurrei-a na minha frente e ela pareceu feliz em permanecer em silêncio enquanto eu a acompanhava de volta ao seu bloco.

“Você receberá um horário para suas aulas,” murmurei, e ela assentiu rigidamente quando chegamos ao Bloco de Celas D.

Abaixei a ponte para ela e ela se virou para mim em vez de atravessá-la imediatamente.

“Tenha um dia de merda, oficial.” Ela zombou de mim com uma reverência e atravessou a ponte enquanto eu fervia de raiva com suas palavras.

Tranquei o bloco de celas mais uma vez e voltei para o elevador. Eu tinha algumas horas livres agora e sabia exatamente como as aproveitaria. Eu vinha pesquisando sobre maldições da lua online desde que ela me lançou aquela maldita coisa e

encontrei um livro que parecia promissor. Ele havia chegado pelo correio esta manhã e eu estava ansioso para começar a estudá-lo.

Entrei nos aposentos dos guardas, mas antes de chegar ao meu quarto, Jack Hastings entrou no corredor vestido com seu uniforme, parecendo pronto para começar seu turno.

“Ei, Mason,” ele disse alegremente e eu lhe lancei um olhar fulminante.

“Olá,” eu disse, indo passar por ele, mas ele pulou no meu caminho.

“Isto estava na sala de recreação para você. Eu estava prestes a te encontrar.” Ele acenou com um pacote fino em suas mãos e meu coração disparou ao ver o emblema do Midnight Hospital nele.

Eu estava prestes a arrancá-lo dele quando imaginei que ele estava prestes a trazê-lo para mim, então murmurei um agradecimento e estendi a mão.

Ele colocou o envelope lá dentro com outro sorriso. “Está tudo bem? Faz um tempo que não te vejo fora dos turnos. Preciso de ajuda para terminar uma caixa de cervejas que minha avó me mandou hoje à noite.” Ele pareceu esperançoso e, pela primeira vez, quase me senti tentado a concordar. Com a maldição me fazendo reviver o passado toda vez que eu estava sozinho e Pike não me deixando assumir turnos intermináveis para me ocupar, eu estava começando a temer as horas de solidão no meu quarto, sem nada além da tortura da maldição para me fazer companhia.

“Sim. Certo, ok,” eu disse, parecendo tão surpreso quanto Jack, que olhou para minha resposta.

“Ah, merda, sério?” Ele perguntou.

Dei de ombros e ele sorriu, começando a se mover de um pé para o outro como um labrador muito animado.

“Que ótimo. Te vejo às sete?” Ele confirmou, e eu assenti rigidamente.

Ele passou por mim e eu olhei para ele com a testa franzida enquanto ele corria para o seu turno como se estivesse tendo o melhor dia da vida. Eu não sabia por que o garoto se importava em passar tempo comigo. Ele já tinha feito muitas amizades com os outros guardas. Não era como se eu fosse uma boa companhia. Eu nem gostava de sair comigo mesmo, então por que outra pessoa gostaria?

Balancei a cabeça, continuei andando e me dirigi para o meu quarto. Chutei a porta, fechando-a atrás de mim, sentando-me na escrivaninha aos pés da cama e depositando o pacote do hospital. Eu havia enviado o pedido para eles há mais de um mês e parte de mim imaginara que não responderiam. Mas agora que tinham respondido, fiquei meio apreensivo em revelar os segredos que estavam dentro daquele pacote.

Empurrei-o para o lado e peguei o livro que havia recebido naquela manhã, observando a capa dura com a imagem da lua gravada na superfície prateada. Virei a primeira página e comecei a ler. Era tudo sobre a lua e seus poderes, então eu teria que vasculhar tudo para encontrar a parte sobre maldições.

Demorei mais de uma hora para encontrar alguma informação útil, e meu coração disparou ao descobrir a imagem de uma marca semelhante à minha, desenhada na parte interna do braço de alguém. Embora fosse de um lírio.

Uma maldição da lua só pode ser proferida por um Fae intrinsecamente ligado à lua. Todas as Ordens da Noite possuem raças raras que possuem laços mais profundos com este corpo celeste. Mas seus poderes variam muito entre elas.

Maldições Lunares são documentadas há centenas de anos, apesar de sua raridade. Elas possuem alguns atributos comuns. O portador da maldição será marcado por uma flor – cujo simbolismo provavelmente está relacionado ao crime do portador – e sofrerá com pesadelos e visões de suas memórias mais sombrias. Com essas visões, vem uma dor intensa, descrita como uma queimadura aguda e agonizante que percorre as veias e pode causar perda de visão e força. Não se sabe exatamente o que faz a flor crescer, mas em todos os casos registrados em que a marca cobre todo o corpo do portador da maldição, ocorre uma morte excruciante, com sangramento por todos os orifícios do corpo. Um sangramento que nenhum curandeiro consegue estancar.*

**Veja a página 156 para interpretações de flores.*

Não vou morrer sangrando pelos meus olhos amaldiçoados e pelo meu cu, muito obrigado.

Comecei a folhear as páginas, procurando por qualquer referência a uma cura, uma maneira de parar essa porcaria antes que fosse tarde demais. Quanto tempo eu tinha? Não havia um prazo definido que eu pudesse encontrar. *Porra. Porra. Porra, porra.*

Cheguei à página marcando cada flor e meu olhar caiu naquela da rosa.

A marca dos amantes.

Um nó se formou na minha garganta enquanto eu lia as palavras abaixo da imagem da rosa que era tão parecida com a que estava no meu braço que não tinha como errar.

Um Fae dotado pela Lua pode amaldiçoar seu amante por seus erros e fazê-lo enfrentar a ira da Lua como penitência pelos crimes cometidos contra ele. Existem poucos casos registrados da marca do amante, e todos resultaram em morte. Não se sabe o que quebra essa maldição, mas duas teorias opostas surgiram entre os cientistas. A primeira, que a maldição poderia ser quebrada corrigindo os erros do relacionamento dos amantes, semelhante à maldição familiar da Lua, enquanto outros sustentam que as questões do coração são tão intensas que a marca do amante sempre resultará em morte, não importa o que o portador da maldição faça para neutralizar seus crimes.

Minha respiração ficou pesada e fechei o livro com força, pressionando os dedos nos olhos enquanto a marca começava a doer novamente.

Não, isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo, porra.

Por que eu tive que me misturar com aquela garota? Por que eu não consegui resistir a ela? Por que eu tive que ser tão escravo dela?

Eu era fraco, patético. Um merda inútil que não conseguia nem ficar longe de uma garota que ele era pago para controlar.

Empurrei o livro para longe e peguei o pacote do Midnight

Hospital, rasgando-o e tirando os arquivos de dentro. A dor no meu braço diminuiu quando me vi olhando para a foto de uma jovem Rosalie Oscura, que devia ter quatorze ou quinze anos. Ela estava de calcinha, com os braços abertos, os olhos duros e vazios enquanto encarava a câmera. Seu lado esquerdo estava coberto de cicatrizes prateadas, exatamente onde ela tinha sua tatuagem de roseira agora.

Fiquei enjoado ao ver aquilo, furioso até a medula. Minhas mãos tremiam com a fúria incendiária que percorria meus membros enquanto eu lia o arquivo que acompanhava a fotografia. Ele detalhava como ela havia sido internada no hospital após ser torturada com uma lâmina de aço solar. Ela fez várias consultas, consultou os melhores especialistas de Solaria para tentar curar as cicatrizes e reabilitar os danos nervosos causados ao tecido. Houve alguma melhora, mas as cicatrizes permaneceram.

Quase esmaguei o arquivo na minha mão enquanto olhava para o que o pai dela tinha feito com ela. E não consegui conter minha fúria.

Eu precisava de uma válvula de escape. Precisava saber onde o pai dela estava agora e, se ele ainda respirasse em algum lugar deste mundo, eu o encontraria e o *destruiria*. Eu não deveria ter me importado, mas me importava. Eu me importava tanto que me possuía como um demônio.

A marca no meu braço pulsava com um calor vibrante, diferente da dor que eu já havia sentido antes. Mas não consegui prestar atenção nela por muito tempo, pois minha raiva tomou conta e fogo explodiu das minhas mãos enquanto eu andava de

um lado para o outro.

Quando consegui pensar um pouco mais claramente, apaguei o fogo, saí pela porta e fui para a sala de treinamento.

Quem quer que estivesse lá levaria a surra da vida. E fiquei feliz quando entrei e encontrei o Oficial Nixon praticando Magia do Ar em uma das unidades de vidro à prova de magia. Eu nunca gostei do cara desde que ele exibiu um filme pornô vulgar na sala de recreação. Ele era um filho da puta depravado e eu estava mais do que feliz em lhe ensinar o que acontecia com sua brisa quando encontrava a ferocidade do fogo do inferno. Principalmente quando aquele fogo queimava em mim por Rosalie Oscura.



Quando cheguei à fila para a visita, os outros internos já estavam enfileirados esperando, e eu fiquei presa no fundo. Não que isso significasse alguma coisa para mim, pois simplesmente passei direto pela fila que havia se formado e ofereci sorrisos arrogantes para quem não gostasse.

Sem surpresa, na frente da fila, Roary, Ethan e Gustard estavam em uma fila vaga do outro lado do corredor, em vez de se engajarem em algum tipo de esforço para impor o domínio. Os guardas permitiram porque sabiam que não valia a pena a reação negativa se dessem qualquer tipo de preferência a qualquer um dos líderes da gangue.

Pouco antes que eu pudesse me aproximar para reivindicar meu lugar entre os três, uma mulher corpulenta saiu da fila e se moveu para bloquear meu caminho, colocando as mãos na cintura e me lançando um olhar de escárnio. Ela tinha tatuagens de cores vibrantes por toda a pele exposta, eu podia ver onde seu macacão estava amarrado na cintura, e um olhar maldoso em seus olhos dizia que ela pretendia levar adiante aquela pequena demonstração de poder.

“Se você quer estar na frente da fila, então deveria ter chegado

na hora," ela disse, batendo o pé de um jeito que era hipócrita demais para ser coincidência.

Levantei uma sobrancelha para ela enquanto os outros líderes de gangue e os guardas olhavam para mim. Era um teste no qual eu não podia falhar na frente deles, senão diriam que eu era fraca, mas se eu derrubasse essa vagabunda na frente de todos os guardas, poderia acabar de volta na porra do buraco. No mínimo, eu ia perder minha visita e não tinha a mínima chance de perder a oportunidade de ver meu primo depois de todo esse tempo.

"Entre na fila do fundo, onde é o seu lugar, ou vamos ter um problema, vira-lata," a garota rosnou e vários dos presos que estavam na fila com ela bufaram e relincharam em aprovação.

"Fala pra ela, Sparkle!" Gritou um dos caras, entusiasmado, e o nome me era quase três por cento familiar. Meus Lobos tinham mencionado algo sobre uma Pegasus metida tentando se aproveitar da falta de uma das líderes de gangues rivais naquele lugar enquanto eu estava no buraco. Imaginei que ela tivesse conseguido se convencer de que estava perto de tomar o meu lugar. Mas era só uma brincadeira.

Estalei a língua como se ela fosse uma criança insolente e continuei andando. Não em volta dela, mas direto para ela. Ela tinha a opção de se afastar ou me deixar esbarrar nela. Eu nem ia passar por ela. Ela não era nada para mim, e as formigas corriam para o lado quando os Lobos caminhavam em sua direção ou se viam esmagadas sob os pés.

As narinas de Sparkle se dilataram de uma forma que parecia bonitinha em um rosto de cavalo, mas deixava muito a desejar em sua forma Fae.

Suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo e eu vi o golpe chegando pelo menos cinco segundos antes dela desferir o soco. Eu nem precisei dos meus sentidos de Loba da Lua para antecipar os movimentos daquela herbívora idiota.

Virei-me no último instante, recusando-me a deixá-la atingir meu rosto, mas o soco passou raspando no meu ombro e foi tudo o que precisei. Agora, tudo o que eu fazia era apenas em legítima defesa. E, para ser justa com a garota, ela tinha poder por trás daquele soco. Imaginei que, como uma Pegasus, ela daria um chute bem forte, mas não estava muito preocupada com isso – eu só precisava ir direto na jugular e tudo acabaria num piscar de olhos.

Meu punho acertou o lado da cabeça dela, jogando-a em direção ao seu pequeno rebanho de seguidores e eu agarrei um punhado de seu cabelo curto e colorido com a outra mão antes que ela pudesse se endireitar.

Usei a propulsão de seu corpo já desequilibrado para jogá-la de cara na parede e houve um estalo alto quando seu nariz encontrou os tijolos ásperos.

Meus Lobos começaram a uivar animadamente, gritando meu nome e gritando insultos como *"vadia de casco"*, *"puta selada"* e *"vagabunda brilhante"* para a idiota que ousou tentar me enfrentar.

Sparkle caiu no chão e eu chutei sua barriga o mais forte que pude antes de bater minha bota em sua bunda.

Sparkle gritou de agonia e seu rebanho se fechou ao nosso redor, mas não me dei ao trabalho de ir mais longe. Os guardas gritavam para que parássemos e, embora não conseguissem ver o

que estava acontecendo agora que os outros presos haviam formado uma parede de carne bloqueando sua visão, eu não tinha intenção de perder mais tempo com aquela desculpa esfarrapada de Fae.

Eu me afastei dela e os outros Pegasus se abriram para me deixar passar enquanto os guardas entravam correndo.

Com um assobio agudo, ordenei aos meus Lobos que recuassem antes que se metessem em encrenca e, quando os guardas terminaram de gritar e atacar o rebanho com seus cassetetes para que o corredor voltasse à ordem, eu estava em meu lugar de direito, na frente da fila.

O Oficial Rind agarrou Sparkle e a arrastou para longe enquanto ela gritava protestos em meio ao sangue escorrendo pelo seu rosto, onde seu nariz havia batido na parede.

Hastings correu até mim antes que eu pudesse dar atenção aos outros líderes de gangue e mordi meu lábio inferior enquanto arregalava os olhos para ele inocentemente.

“O que foi aquilo sobre Ros... Doze?” Ele perguntou, suas bochechas ficando adoravelmente rosadas ao perceber seu erro em quase me chamar pelo nome na frente dos outros presos.

“Sinceramente, não tenho a mínima ideia, ragazzo del coro,” eu disse, piscando.

Ele olhou por cima do meu ombro, onde o som de Sparkle me xingando intensamente era acompanhado pelos guardas dizendo para ela calar a boca enquanto a levavam para longe.

“Só... fique longe de encrenca, Doze,” disse Hastings por fim, me oferecendo um sorriso forçado. “Você não quer acabar de volta

no buraco."

"Não, senhor," concordei, com a voz um pouco rouca enquanto continuava a lançar-lhe meu olhar de quem quer ir para a cama.

Era uma pena que o cara não tivesse a coragem de ser um verdadeiro Alfa, porque ele era realmente bonito e tinha um corpo definido, mas enquanto eu o observava, senti todos os movimentos de um peixe molhado deixado para secar na praia. *Niente, nothing, nada*. Ele poderia passar uma hora fazendo mágica entre minhas coxas e eu tinha certeza de que tudo o que sentiria seria uma mistura de leve irritação e tédio. Era uma pena que minha obsessão por alfa tivesse chegado a esse ponto, mas até mesmo a sensação dos olhos de Ethan em mim agora estava fazendo minha pele formigar de desejo. E ele era um completo idiota que eu odiava. Pobre Hastings. Por que eu não podia simplesmente fazer a escolha fácil e seguir em frente com o que eu estava fazendo ele acreditar que eu queria? Ah, bem, ele parecia feliz o suficiente no escuro, então eu não iria esclarecê-lo.

"Então está bem... falei com o Oficial Cain sobre suas atribuições na classe correcional," acrescentou. "Vou procurá-la quando for a hora da terapia em grupo. Como estou ajudando seu agente penitenciário, ele achou que seria bom eu assumir mais algumas dessas responsabilidades."

"Perfeito," concordei com um sorriso sedutor. Dei um passo à frente e baixei a voz só para ele, embora sem dúvida os idiotas ao meu redor ainda pudessem ouvir. "Eu gosto muito mais de você do que dele, de qualquer forma, ele é um bastardo rabugento e você é tão..." meu olhar o percorreu sugestivamente antes de

encontrar seus olhos novamente. “Legal.”

Hastings pigarreou, fazendo um esforço para conter um sorriso arrogante e eu dei um passo para trás.

“Vou só ver como estamos indo com as salas de visitas,” ele disse, limpando a garganta pela segunda vez e evitando cuidadosamente o assunto da minha preferência por guardas antes de se virar e ir embora.

“Que porra foi essa?” Perguntou Ethan enquanto Roary soltava uma risada e eu revirava os olhos sem olhar para ele.

“Por que você se importa?” Perguntei no tom mais desinteressado que consegui.

“Só estava me perguntando se você está abrindo as coxas para o guarda,” disse Ethan sarcasticamente, e quando lancei um olhar em sua direção, o sorriso arrogante em seu rosto disse que ele achava que não havia chance alguma disso acontecer.

“E se eu estiver?” Perguntei, inclinando a cabeça para ele, curiosa. “O último cara com quem transei me deixou seriamente insatisfeita, então faz sentido eu experimentar alguém melhor. E quem não gosta de um homem em posição de poder?”

Ethan rosnou daquele jeito, que o deixou realmente irritado, e eu sorri ainda mais enquanto o provocava.

“E quem era esse amante insatisfatório?” Gustard ronronou, passando o dedo pela tatuagem de besouro em sua bochecha enquanto nos observava com os olhos brilhando como se o Natal tivesse chegado mais cedo.

“Só um Beta babaca tentando bancar o chefão,” respondi, com desdém. “Achei que ele fosse um Alfa, mas quando chegamos ao

fundo da questão, ficou bem claro que lhe faltava o... *poder necessário* para fazer o trabalho."

Roary soltou uma risada, sorrindo para Ethan como se soubesse exatamente a quem eu estava me referindo, e Ethan rosnou para ele também.

"Bem, bem, espero que você não seja tão descuidada com todos os seus segredos," disse Gustard, zombeteiro. "Porque se eu ouvir você fazendo insinuações sobre o seu outro, posso ficar preocupado."

"Do que diabos você está falando?" Perguntei, mesmo com uma sombra de alerta percorrendo minha espinha. Eu ainda não tinha certeza de qual informação ele havia roubado da minha mente quando conseguiu me capturar com seus poderes de Ciclope naquela vez no Pátio da Ordem, e isso parecia seriamente um aviso. Porra, por que eu me deixei acreditar que ele ficaria satisfeito em descobrir sobre mim e o Ethan? Conhecendo aquele bastardo conivente, ele teria vasculhado meu cérebro em busca de cada segredo que eu tivesse.

"Acho que todos nós sabemos a resposta para isso," murmurou Gustard, olhando de mim para Roary e, finalmente, para Ethan, que parecia confuso pra caramba. Merda, ele realmente precisava se esforçar mais para disfarçar a cara de pôquer, se era o máximo que conseguia. *Idiota*. "Ou talvez nem todos nós. Você é mesmo uma vadiazinha cruel, não é mesmo, deixando o próprio companheiro no escuro?"

"Que porra você acabou de me chamar?" Ethan rosnou, estufando o peito e avançando como se pretendesse acabar com Gustard ali mesmo, mas aquele não era o momento.

Entrei entre eles e coloquei a mão no peito do Ethan. “Ele está te provocando, seu babaca. Quer ser mandado para o buraco?”

Ethan rosnou, mas deixou-me pará-lo enquanto Gustard sorria.

“Eu sei o seu segredo, cachorrinho,” ele sussurrou. “E estou ansioso para ver tudo se desenrolar.”

“Quatro-zero-seis, vá para a sala nove,” gritou o Oficial Nixon e Gustard foi embora, sorrindo como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

“O que foi isso?” Perguntou Ethan, segurando meu braço enquanto eu mostrava os dentes para as costas de Gustard e me forçando a me virar e encará-lo.

“Não é da sua conta, *stronzo*,” rosnei, voltando minha raiva para ele, feliz da vida. “Agora tira a porra da sua mão de mim antes que eu a quebre.”

“Quero saber por que ele estava te ameaçando,” insistiu Ethan, apertando-a com mais força.

“Ela mandou você soltá-la,” disse Roary com um rosnado baixo que indicava que ele estava querendo intervir e me defender. Mas que se dane, eu não era uma pobre vítima precisando de um cavaleiro de armadura brilhante.

“Por que você não conta para a prisão inteira que estamos acasalados? Aí eu te conto todos os meus segredos profundos e obscuros,” ofereci, aproximando-me de Ethan para que estivéssemos quase perto o suficiente para nos beijarmos, mas, apesar do calor que crescia entre nós devido à proximidade, eu não tinha intenção de fazer isso.

“Você sabe que eu não posso fazer isso,” ele rosnou de volta.

“Não pode ou não quer?” Perguntei. “Qualquer um pensaria que você foi castrado, porque você está agindo como uma vadiazinha assustada.”

Ethan mostrou os dentes e eu lhe dei meu sorriso de torta de cereja.

Roary o empurrou para longe de mim e eu sorri ainda mais quando Ethan se virou para ele. “Não me diga que ela te deixou deslumbrado também? Parece que metade dos homens aqui estão farejando ela como uma matilha de abutres desesperados.”

“O que houve, Shadowbrook?” Perguntou Roary, aproximando-se para pressionar o peito contra o de Ethan. “Tem algum motivo para você não gostar da ideia de eu e Rosa dividirmos um beliche à noite?”

O olhar de Ethan encontrou o meu e a expressão de traição em seu rosto me fez rir.

“Qual é o problema, *stronzo*?” Perguntei. “Tem algum motivo para você não me querer aquecendo a cama de outro Fae?”

“Você não pode esperar que eu acredite que você realmente quer esse babaca?” Ele perguntou, apontando um dedo acusador para Roary. “Você não deveria conseguir pensar em ninguém além de...”

“Além de quem?” Perguntei, sorrindo abertamente enquanto ele cerrava os punhos de raiva, porque mesmo agora parecia prestes a explodir. “Existe algum motivo para eu não dividir meu corpo com todo Alfa gostoso que eu conseguir pegar?”

Ethan apenas rosnou enquanto lançava um olhar para o resto

dos Fae alinhados no corredor, mas a maioria dos Lobos e da manada de Pegasus ainda estavam discutindo e prestes a começar outra briga, então nenhum deles estava prestando muita atenção em nós.

“Você não pode,” ordenou Ethan, com aquele tom de Alfa na voz que forçava todos abaixo dele a se curvarem e obedecerem aos seus comandos. Senti o poder disso me atingir como uma tempestade, mas minha vontade era inabalável e não havia a mínima chance de eu me curvar a qualquer comando dele.

“Observe-me,” ronronei, piscando para ele e me virando para me afastar.

“Rosalie!” Ele gritou, mas o Oficial Nixon estava me chamando para a sala três e eu não tinha nenhum interesse nas besteiras do meu suposto companheiro naquele momento.

Levantei a mão por cima do ombro e mostrei o dedo médio para ele, enquanto balançava os quadris mais do que o normal e o deixava ver minha bunda se afastar. De qualquer forma, aquela era uma visão com a qual ele precisava se acostumar.

A risada de Roary me seguiu pelo corredor e eu sorri de canto antes de lembrar que ele também estava me rejeitando. O que era aquela coisa toda de *stronzos* naquele lugar? Eu ia ficar com um complexo se não tomasse cuidado.

“Você já foi bem revistada, Doze?” Perguntou o Oficial Nixon em voz baixa enquanto eu me aproximava da porta. “Porque eu não me importo de te dar uma boa revistada se não tiver sido? Aí talvez você consiga uma impulso um pouco maior esta semana por bom comportamento.”

“Que porra você acabou de me dizer?” Perguntei, virando-me

para encará-lo, e ele apenas sorriu sem graça.

“Se você quiser um impulso realmente grande, podemos ir até o fim e fazer uma busca completa,” ele disse, inclinando-se para mais perto de mim.

Eu estava prestes a dar um soco na cara dele quando ele abriu a porta para mim e vi Dante sentado dentro da sala me esperando.

Todos os pensamentos sobre guardas pervertidos, Leões idiotas e companheiros indesejados me abandonaram enquanto um grito de excitação escapou dos meus lábios e eu corri para a sala a toda velocidade.

Pulei sobre a mesa e caí em seu colo, com força suficiente para derrubar sua cadeira e nos jogar no chão enquanto eu o abraçava.

“Ah! Calma, sua *lupa* maluca, ou vou ter que contar para a mamãe que você perdeu a cabeça aqui dentro,” brincou Dante enquanto conseguia se levantar e me puxar para cima, me abraçando direito enquanto eu me aconchegava em seu peito e sentia o toque familiar da eletricidade estática em sua pele, proveniente dos seus dons do Dragão da Tempestade.

“Tentem não se animar muito, vocês dois,” disse Nixon da porta, piscando sugestivamente, e eu zombei de desgosto. Que porra era essa dele e por que diabos ele acharia que eu poderia estar aberta ao seu tipo de perversões repugnantes? Eu teria que fazer algo a respeito se ele não percebesse que precisava se afastar de mim o mais rápido possível.

“Ele é meu primo, *stronzo*,” cuspi.

“Ooo, ainda mais travesso,” ele disse, balançando as sobrancelhas enquanto fechava a porta entre nós.

“Que porra é essa?” Perguntou Dante, mas eu apenas revirei os olhos.

“Esqueça o safado assustador,” eu disse. “Preciso saber como estão todos em casa e depois quero que você me conte tudo sobre seus planos de aniversário. Sei que você queria comemorar mais cedo este ano, mas, por favor, me diga que eu não perdi toda a emoção enquanto estava presa no buraco?”

Dante sorriu para mim enquanto nos movíamos para voltar às nossas cadeiras. Os planos de aniversário dele eram apenas um código para a data que eu escolhi para a fuga e, obviamente, depois de perder três meses da minha vida enquanto o Oficial Babaca me deixava apodrecendo no buraco, isso me atrasou um pouco, mas tudo bem. Porque eu estava de volta agora e pronta para dar o fora dali.

“Você recebeu todas as minhas cartas antes de te mandarem para o isolamento?” Ele me perguntou, claramente precisando saber se eu tinha obtido todas as informações necessárias sobre a Ipump 500.

“Sim,” respondi com um sorriso. “Elas foram ótimas, obrigada. Era exatamente o que eu precisava para me distrair dos meus problemas.”

Dante riu e lançou um olhar ao redor da sala para as câmeras. Eu tinha certeza de que elas também estariam ouvindo nossas conversas, então tínhamos que tomar cuidado.

“Ótimo. E sua amiga conseguiu sair da psiquiatria?” Perguntou ele casualmente.

“Não,” admiti, soltando o ar e deixando-o ver que havia muito mais naquela história, pelo meu olhar, mas não havia como explicar tudo o que acontecera com Sook Min para ele ali. “E aparentemente ninguém nunca explica, então...”

“Acho que você vai ter que fazer outros amigos então?” Ele perguntou, franzindo a testa de preocupação, e eu estava disposta a apostar que ele não gostou de como muitos dos meus planos já tinham dado errado, mas eu também não estava exatamente animada com isso.

“Sim.” Eu não achei que Dante fosse gostar tanto assim do som de Plunger, então simplesmente voltei a conversa para nossa família, sua esposa, as crianças, eu queria ouvir sobre tudo e fingir que não tinha perdido nada por um tempo.

O tempo passou muito rápido e, antes que eu percebesse, o Oficial Nixon estava abrindo a porta novamente e me dizendo para me despedir.

“Na verdade, encontrei um velho amigo outro dia,” disse Dante, enquanto meu coração afundava com a ideia dele ir embora tão cedo, e eu podia dizer pela maneira como sua boca se contraía em diversão que se tratava de algo importante que precisávamos passar despercebido pelos guardas.

“Ah, é? Quem era?” Perguntei, ignorando a sensação do olhar de Nixon em mim.

“Você se lembra daquele velho Shifter Urso que morava ao lado da nossa casa?” Perguntou Dante, e eu franzi a testa, confusa, porque as únicas pessoas que moravam perto da casa da família Oscura eram outros Oscuras, mas ele continuou sem me deixar questioná-lo.

“Bem, ele estava me contando sobre um projeto no qual estava trabalhando com o irmão, que era muito legal, e ele me deu tudo o que eu precisava para participar também.” Dante arqueou uma sobrancelha para mim como se eu estivesse sendo lenta ou algo assim, e meus lábios se abriram quando meu cérebro de repente entendeu o que ele estava falando.

Pudding disse que seu irmão poderia fazer um receptor para dar a Dante, para que eu pudesse contatá-lo com os transmissores que ele fez com as lascas dos potes de pudim antigos.

“Sério?” Perguntei, meus olhos brilhando de esperança, e Dante sorriu para mim enquanto assentia.

Tive que lutar para não começar a gritar de excitação e pular, porque isso significava que eu poderia ligar para ele e falar abertamente sobre meus planos sempre que precisasse, o que tornaria tudo cem vezes mais fácil.

“Vamos lá, Doze. Não posso te dar tratamento preferencial a menos que você queira merecê-lo,” Nixon falou arrastado atrás de mim, com a mais leve sugestão em seu tom.

Mas Dante estava lá e se levantou tão rápido que a cadeira em que estava sentado caiu no chão atrás dele.

“E como exatamente você pretende que ela *mereça isso, stronzo*?” Ele perguntou, erguendo-se em toda a sua altura e parecendo em cada centímetro o Dragão da Tempestade que ele era enquanto a eletricidade crepitava no ar.

“Não sei o que você está sugerindo, filho, mas se você espera poder comparecer às visitas novamente, você vai me tratar com o respeito que me é devido,” respondeu Nixon, umedecendo os

lábios com a língua e parecendo muito com o Shifter Sapo Heptiano que ele era.

"Esquece, Dante," rosnei enquanto colocava a mão em seu peito, me perguntando o que diabos teria levado Nixon a tentar menosprezar o Rei do Clã Oscura. "Você sabe que não precisa se preocupar comigo. Esse filho da puta nem aparece no meu radar."

Dante lançou um olhar mortal para Nixon por cima da minha cabeça e então me puxou para seus braços, me apertando contra ele.

"*Sei la Fae più forte che conosca, Rosalie. Ci vediamo presto*," ele rosnou em meu ouvido. *Você é o Fae mais forte que conheço, Rosalie. Vejo você em breve.*

"*Ti amo, Dante*." Apertei-o com força, desejando não ter que soltá-lo, mas logo ele me soltou e foi embora, enquanto eu voltava para a minha cela. Mas fui com um passo firme, porque agora tudo parecia estar se encaixando novamente.



Eu tinha perdido a porra da minha designação de trabalho desde que fui encontrado com a chave da algema. Todos os privilégios foram retirados, então agora eu não conseguia nem ganhar fichas para o refeitório. Meus Lobos me traziam tudo o que eu queria, mas não era esse o ponto. A Diretora Pike estava com as bolas na mão e estava dando umas boas apertadas nelas para passar a mensagem. Mas eu estava farto de ser espancado como um cachorrinho travesso. Eu queria meu emprego na cozinha de volta, droga.

Enquanto todos saíam do refeitório após o café da manhã e os guardas os separavam para serem enviados aos seus trabalhos ou de volta aos seus blocos de celas, fiquei parado na porta com o olhar fixo no meu alvo. Passei a mão pelos meus cabelos loiros e dei um sorriso de lado que me serviu de bastante atenção enquanto os internos passavam por mim. Garotas mordiam os lábios e riam, reduzidas a poças de manteiga derretida aos meus pés. Eu poderia ter tido qualquer uma delas. Eu *costumava* ter qualquer uma delas. Mas então o destino decidiu me foder na bunda e me acasalar com uma garota que eu nunca poderia realmente ter.

Às vezes eu me perguntava o que eu tinha feito para irritar as estrelas. Ser Lunar significava que eu tinha feito muita coisa ruim na minha vida, mas nada injustificado. E sendo criado em uma cidade dominada por gangues, o que eu deveria fazer? Abrir as pernas como uma prostituta e transar? Não era da minha natureza. Eu busquei glória a vida toda. Eu nasci para liderar, nasci para governar. Mas aparentemente as estrelas não concordavam, porque elas ficavam me lançando bolas curvas que me tiravam o fôlego.

O Oficial Lyle se aproximou e eu lhe dei olhos ardentes que poderia ter transformado o mais hétero dos homens em gay. E Lyle definitivamente não era o mais hétero dos homens.

“Oficial,” ronronei. “Uma palavrinha.”

Um leve rubor surgiu em suas bochechas sardentas quando ele se aproximou de mim e me deixou caminhar com ele até o corredor.

“Você fez algo com seu cabelo,” comentei, inclinando-me para trás para avaliar seus cachos ruivos.

Ele fez um gesto de desdém. “Não, não fiz.”

“Fez sim. Está mais... fofinho ou algo assim.” Bati meu ombro no dele e ele riu baixinho.

“Não está fofo.” Ele deu um tapinha no local, mas um sorriso surgiu em seus lábios, e ele estava se esforçando muito para contê-lo.

“Bom, de qualquer forma, eu gosto,” eu disse, me aproximando dele novamente, e ele me olhou com uma expressão confusa. “Continue fazendo o que quer que esteja fazendo com

ele, oficial."

"É melhor você ir andando, Ethan," ele encorajou.

Suspirei dramaticamente. "Posso me juntar à minha turma para limpar a cozinha hoje de manhã?" Perguntei, inclinando a cabeça para o lado daquele jeito fofo de merda que as garotas não conseguem resistir. Eu estava adorável. Fato.

"Ah..." ele olhou na direção do Oficial Cain, que estava reunindo a equipe que ia trabalhar na reforma do Bloco E. Rosalie também não tinha mais trabalho desde que ficou no buraco. Não que eu prestasse atenção no que ela estava ou não fazendo. "Desculpe, Ethan, acho que seus privilégios de trabalho ainda estão revogados."

"Mas já faz algumas semanas. Esqueça a cozinha, eu aceito algo mais simples. O senhor deve ter algo que eu possa fazer, oficial?" Lancei-lhe um olhar suplicante, flexionando os músculos enquanto o fazia, e seu olhar desceu para a tatuagem que aparecia por baixo do meu macacão. "Eu faço qualquer coisa," eu disse, sério. Eu estava farto de perder horas e horas na minha cela, perdendo a cabeça por causa da Rosalie. E, francamente, meu pau ia cair se eu continuasse me masturbando dez vezes por dia por causa dela também. "Me coloque na construção. Sou bom em levantar coisas pesadas." Arqueei uma sobrancelha e ele pigarreou, balançando a cabeça.

"Construção é um trabalho de Nível Três. Além disso, a força-tarefa já está lotada." Lyle continuou balançando a cabeça, olhando para Cain novamente como se fosse chamá-lo a qualquer momento. E se aquele vampiro bastardo e pavão ouvisse o que eu estava pedindo, eu poderia me destituir dos meus direitos

trabalhistas por mais algumas semanas.

“Vamos lá, deve haver algo que eu possa fazer. Se eu ficar deitado na minha cela o dia todo, quem sabe que ideias malucas eu possa ter? Sou um menino mau, oficial, preciso de estabilidade para me manter no caminho certo.”

Lyle suspirou frustrado, passando a mão pelos cabelos. “Certo... tem uma vaga. Mas só vamos abrir na semana que vem e...”

“Eu aceito,” eu disse imediatamente. “O que eu vou fazer? Trabalhar na cantina? Reabastecer as prateleiras? Ou você vai me mandar lavar o chuveiro de cueca branca?”

“Não,” ele gaguejou. “A biblioteca está sendo reformada. Temos um estoque de livros novos chegando na semana que vem para atualizar o catálogo, e a diretora decidiu redecorar e reorganizar tudo também. Há danos em uma das paredes dos fundos, onde um incêndio começou, e o carpete está tão gasto que praticamente dá para ver o assoalho por baixo. Serão várias semanas de trabalho e, em vez de uma força-tarefa mágica, a Diretora Pike imaginou que seria um bom trabalho de formação de caráter para os internos.”

“Perfeito.” Lancei meu sorriso branco perolado para ele, feliz como uma mosca na merda. “Obrigado, oficial. Te devo uma.” Pisquei para ele, deixando-o corado enquanto me afastava em direção ao fluxo de corpos sendo encurralados de volta aos blocos de celas.

Meu olhar se fixou em Rosalie à minha frente e minha garganta se apertou bruscamente. Desde que transamos, ela mal falava comigo. Eu não conseguia acreditar que ela estava me

achando um babaca por inventar um plano genial para encobrir nossa questão de companheiro. Ela poderia marcar uma marca de companheiro em seu Beta se quisesse, e eu não...

Rosnei ferozmente de ciúmes com esse pensamento e vários Fae saíram correndo do meu caminho. Um deles até mergulhou direto na parede à minha esquerda, quase caindo no chão.

Rosalie olhou por cima do ombro ao ouvir o barulho, seus olhos se fixando nos meus. Porra, o ciúmes que eu sentia só de pensar nisso era de outro nível. *Que se dane.*

Abri caminho pela multidão até estar bem atrás dela, minha respiração fazendo seus cabelos esvoaçarem.

"Vá se foder, Shadowbrook," ela disse calmamente, mas havia uma corrente elétrica naquelas palavras que fez os pelos do meu corpo se arrepiarem.

"Não tem muito mais o que fazer aqui, querida," pensei. "Sou eu ou outra pessoa, então o que você prefere?"

Ela estava diminuindo o passo e eu também, permitindo que a multidão nos ultrapassasse, mesmo que a maioria estivesse nos dando ampla passagem. De repente, estávamos andando sozinhos no final da fila, e eu me movi para andar meio passo atrás dela, à sua direita, dando uma olhada rápida para o lado do seu lindo rosto. Embora a palavra 'lindo' quando dirigida a Rosalie Oscura fosse um insulto. Ela era a epítome da beleza. As estrelas não poderiam ter moldado uma garota mais perfeita para mim. Ela era o meu tipo, até o tamanho do sutiã.

Ela não respondeu minha pergunta, agindo como se eu não estivesse ali, mas essa merda não ia funcionar para mim.

“Eu sei por que você está brava,” murmurei.

“Nossa, Ethan. Quer um parabéns por me entender quando eu te disse por que eu estava com raiva, de forma tão simples e direta? E você só levou, o quê, uma semana?” Ela me deu uma palmada devagar, e eu rosnei, encarando-a. Tudo bem, então ela tinha me dito que estava chateada com Harper. Mas talvez eu não tivesse entendido realmente até agora. Seu tom debochado significava que eu era repentinamente incapaz de dar uma resposta madura, meu orgulho ferido demais para isso. Então, que se foda ela.

Eu conseguia sentir a dor dela tão intensamente quanto se fosse a minha por causa daquela situação, mas fiquei feliz em nos machucar em retaliação. Porque eu era exatamente esse tipo de babaca mesquinho. “Bem, eu ia tentar resolver isso, mas agora acho que vou voltar para a minha cela e esperar minha companheira voltar. Harper realmente mantém a cama quentinha à noite. É bom acordar com meu pau encostado numa bunda redonda de novo. E ela aprecia meu carinho, ao contrário de algumas pessoas.” Comecei a me afastar dela e senti seu coração se contorcer como se estivesse batendo forte dentro do meu próprio peito.

“Aproveite a companhia de segunda categoria,” ela gritou. “Embora eu ache que eu e ela temos algo em comum agora, já que ambas acordamos com nossas bundas pressionadas contra o pau de um Alfa.”

Fiquei imóvel e ela quase esbarrou em mim, mas acabou me empurrando e eu fiquei olhando novamente para a parte de trás da cabeça dela.

“Você está mesmo transando com ele?” Gritei, perseguindo-a, odiando a rapidez com que perdi a vantagem. Nem precisei perguntar. Só havia um Alfa de merda farejando por perto com frequência suficiente e que dividia o mesmo bloco de celas. “O babaca cabeludo de um *Leão*?”

Ela jogou o cabelo e me mostrou o dedo do meio, de repente abrindo caminho pela multidão e desaparecendo entre eles.

Roary Night era um filho da puta morto. Eu ia arrancar a medula espinhal dele e estrangulá-lo com ela se ela realmente estivesse transando com ele. O vínculo de companheiro significava que eu não queria ninguém além dela. Então por que com ela era diferente? Ela não podia ser. Mas e se fosse? *Porra. Porra!*



Minha raiva não diminuiu com o passar do dia e, quando voltei para a cela depois do almoço, eu estava fervendo de ódio. Rosalie tinha dado em cima de Roary no refeitório, rindo e brincando com ele, os dois agindo como os melhores amigos que também gostavam de transar um com o outro. Eu já tinha percebido isso antes, mas agora que ela continuava insinuando que eles estavam dividindo a cama, meu cérebro estava prestes a implodir. Tudo o que eu conseguia pensar era nas mãos dele no corpo dela. Um corpo que me pertencia. *Minha*.

Eu queria brigar com ele, mas não ia fazer isso em algum lugar onde os guardas pudessem ver, em algum lugar onde pudessem aumentar minha pena se eu fosse longe demais. Não,

eu ia esperar até a próxima vez que estivéssemos juntos no Pátio da Ordem e eu o pegasse desprevenido. Aí eu cravaria meus dentes em sua garganta e drenaria o sangue do meu inimigo antes de quebrar o pescoço dele.

“Você está bem, Alfa?” Perguntou Harper enquanto me seguia até minha cela e chutei minha cama com tanta força que amassei a estrutura.

“Não,” rosnei, andando de um lado para o outro na frente dela.

Ela olhou para onde minha matilha estava reunida, olhando para nós com preocupação, e caminhei para frente, puxando o lençol para baixo para bloquear a visão deles. Então, empurrei Harper contra a parede, achatando meu corpo contra o dela e inclinando a cabeça em direção à sua boca. Se Rosalie estava transando com o Leão, por que eu não deveria transar com Harper?

Ela ergueu o queixo, os lábios úmidos e famintos pelos meus. Eu conseguiria. Podia simplesmente beijá-la e transar com ela, e ela me agradeceria por isso também, porque eu era um puto em uma transa. Eu definitivamente não estava só com a bunda machucada tentando provar um ponto.

Cheguei a poucos centímetros de sua boca ofegante antes de puxar minha cabeça para trás com tanta força que quase levei uma chicotada.

Bati minha mão na parede acima da cabeça de Harper e sibilei: “Finja que estou te fodendo.”

Ela começou a gemer, seu corpo roçando no meu na esperança de que eu cedesse, e eu me afastei enquanto ela se

jogava contra a parede, batendo com força enquanto gemia e batia nos tijolos sem parar. Suspirei. Ela era uma Beta muito boa, Deus a abençoe. Mas meu pau estava tão mole agora que eu poderia usá-lo como cobertor.

Joguei-me na cama, pegando um jornal na mesinha enquanto Harper continuava a gritar e a fazer efeitos sonoros tão realistas que parecia que ela os tinha praticado mil vezes. *Parabéns, menina.*

Folheei os artigos do Daily Solaria, ignorando a merda chata da política. Só me interessei de verdade por isso alguns anos atrás, quando as princesas Vega estavam competindo para tomar o trono dos Herdeiros Celestiais. Uma merda total, mas a imprensa absorveu tudo e as histórias que saíram foram mais fascinantes do que o horário nobre da televisão. Ninguém poderia ter previsto o resultado. Que bom que eu estava aqui quando todo mundo começou a morrer. Juro que Darkmore tinha sido um porto seguro por um tempo, comparado à guerra além destes muros. Seria um mundo totalmente novo lá fora quando eu finalmente me libertasse. O que não aconteceria pelos próximos quinze anos. Poderia haver mais guerras, mais revoltas, mais mortes políticas quando eu estivesse livre. Quem sabia quem estaria sentado no trono até lá?

O sino tocou para anunciar a chegada dos guardas e franzi a testa por um segundo antes de entender por que eles estavam ali. Pulei da cama e estalei os dedos para Harper para que ela parasse de emitir os sons sexuais antes de empurrar o lençol para o lado e sair a passos largos.

“Número Três-Zero-Sete,” gritou o Oficial Nixon. “Noventa e

Quatro, Dois-Cinquenta e Dois, Três-Oitenta e Nove, Um, Dois-Trinta e Oito," continuou ele lendo os números dos presos enquanto eu sorria faminto. Porra. Sim. Talvez o destino não estivesse contra mim, afinal. Talvez o mundo fosse só um babaca e aquelas estrelinhas bonitas lá em cima estivessem mesmo torcendo por mim, suspirando meu nome e se tocando em cima do seu Lobo Alfa favorito.

Desci as escadas correndo, dois degraus de cada vez, enquanto minha matilha uivava animadamente para mim e eu retribuía o som conforme descia.

Havia mais guardas se agrupando atrás de Nixon, alguns deles trocando olhares por eu ter ganhado uma vaga na loteria da Sala do Destino. *É isso mesmo, seus babacas, vou dar uma olhada no futuro e usar isso a meu favor. E não há nada que seus distintivos brilhantes possam fazer a respeito.*

Os guardas conduziram nós dez pela ponte e eu os segui correndo, ansioso para entrar na Sala do Destino e ler meu horóscopo, rolar os dados, ler as cartas e receber uma notícia muito boa pela primeira vez.

Rosnei quando chegamos do lado de fora das enormes portas metálicas da Sala do Destino, com o restante dos grupos de celas já lá esperando para entrar. Comecei a abrir caminho pela multidão no momento em que o Oficial Cain abriu as portas à minha frente e fui arrastado pela onda que seguia para dentro. Rosnei e gritei com qualquer idiota que se metesse no meu caminho e, quando entrei no espaço escuro, já estava quase na frente.

Cheguei à escada prateada que subia em espiral até o enorme

Horômetro, que girava lentamente no teto, com os planetas girando em torno do grande orbe que representava o sol no centro. Abri caminho e ninguém me desafiou até chegar à última pessoa na frente da fila. O desgraçado do Wilder.

“Então você saiu do buraco,” eu disse irritado.

“É. Na verdade, agora mesmo. Você estava com saudades de mim, docinho?” Ele ronronou, sorrindo, e eu nem me dei ao trabalho de responder.

Ele se aproximou do painel para ler seu horóscopo e eu cruzei os braços, encarando-o com impaciência. Ele era um dos poucos babacas que poderiam me desafiar de verdade em Darkmore, então não valia a pena lutar com ele, principalmente quando ele ainda estava me segurando pelas bolas. Eu poderia esperar alguns minutos, suponho. Embora ele estivesse demorando o tempo que queria, cantarolando uma música baixinho que, juro, era a música tema de Jurassic Park.

“Não tenha pressa,” eu disse, sarcasticamente, e ele olhou na minha direção, seus olhos escuros se estreitando, mas havia um sorriso louco em seus lábios também.

“Ah, eu não vou, gatinho.” Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto lia as palavras na tela e eu cerrei o maxilar enquanto ele esfregava o queixo, pensativo, fingindo só para me irritar.

“Estamos em um buraco subterrâneo, fundo, fundo, fundo nas profundezas da terra,” cantou uma garota em algum lugar atrás de mim e eu lancei um olhar para a linha, avistando Bullseye com seu cabelo rosa e feições delicadas. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, continuando sua canção inventada, e uma carranca franziu minha testa. “Eles nos

colocaram na terra como se estivéssemos mortos, mortos, mortos. Bang, puf, whop, chop!" Ela riu, inclinando-se para lamber a nuca de uma garota que deu um passo à frente para colocar alguma distância entre elas.

"Ei," gritei para a Bullseye. Eu não tinha tido muitos trabalhos para lhe oferecer ultimamente, mas ela ainda era leal a mim. Não gostei da sensação no estômago ao vê-la daquele jeito. Ela não estava agindo direito.

"Nossa, é o Senhor Lobo, o grande queijo Lunar. Auau!" Ela colocou as mãos em concha em volta da boca e inclinou a cabeça para trás. "Como a lua te ouve aqui embaixo? Ela deve ter orelhinhas enormes e de abano, ouvindo o tempo todo todos os pequenos lobisomens correndo pela Terra." Ela saiu da fila, correu para a Sala do Destino e se escondeu debaixo de uma mesa de cartas de tarô, sumindo de vista.

Xinguei baixinho, passando os dedos pelos cabelos. Isso não era bom. A Mercenária era uma ótima aliada, mas se ela tivesse pegado a loucura ali, não me servia de nada. Eu queria fazer algo a respeito, mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la. Era apenas um fato triste em Darkmore. Quando alguém perdia o juízo, era só questão de tempo até ser arrastado para a Psiquiatria.

Voltei meu olhar para um idiota maluco que, de alguma forma, andava no limite da sanidade mental para permanecer na prisão principal. Não fazia sentido para mim. Se alguém precisava de pílulas para a loucura, era esse cara.

Sin olhou para mim, gesticulando para que eu me aproximasse da tela sem me mexer um centímetro. "Pode ir, já

terminei.”

Eu me aproximei, mas ele não recuou e eu rosnei em advertência: “Isso é particular, saia daqui.”

Todos os outros na escada estavam se mantendo bem distantes, mas Sin estava se aproximando e de repente passou o braço em volta dos meus ombros, apertando com firmeza como se estivesse me lembrando que eu era seu dono.

“Não, vou ficar aqui, gatinho. Estamos no mesmo time hoje, então preciso ter certeza de que as estrelas não vão nos ferrar.”

“Do que você está falando? Eu não estou no seu time.” Eu o empurrei, mas ele se aproximou, me empurrando em direção à tela e sorrindo como se fôssemos melhores amigos brincando. Mas não éramos nem um pouco assim.

“Você é hoje,” disse ele. “Eu sou o capitão e você é minha vadiazinha. Diga ‘aye aye, capitão’.” Ele agarrou minhas bochechas, apertando para fazer minha boca se mover no ritmo daquelas palavras e eu rosnei, enfiando as palmas das mãos em seu peito enquanto meus pelos se eriçavam.

“Toque-me novamente e eu vou rasgar sua garganta,” avisei.

“Você é um lobisomemzinho muito bravo,” ele provocou, ainda sorrindo pra caralho. “E você sabe o que eu vou fazer se você não entrar na brincadeira.” Ele arqueou uma sobrancelha e meu maxilar travou. Eu tinha me esforçado tanto para manter o meu segredo e o da Rosalie ainda um segredo, e esse filho da puta estava testando os limites da minha sanidade enquanto balançava isso na minha cabeça.

Sin inclinou a cabeça para trás, colocando as mãos em

concha em volta da boca. “Atenção, internos da Penitenciária Darkmore...”

Dei uma cotovelada tão forte no estômago dele que ele tossiu.

“*Tudo bem*,” respondi, furioso, enquanto me aproximava da tela e colocava a palma da mão sobre ela. Sin apoiou o queixo no meu ombro enquanto olhava para baixo para ler minhas informações privadas.

Número de prisioneiros: #1

Nome: Ethan Shadowbrook

Crime: Sequestro

Ordem: Lobisomem

Signo: Câncer

Elemento: Água

Pena restante: Quatorze anos, onze meses e dez dias.

Eu já teria saído daqui e a lembrança disso fez meu estômago afundar como uma pedra.

“Sequestro, hummm?” Sin murmurou no meu ouvido. “Seu cachorro imundo.”

Levantei o ombro bruscamente para tentar tirar a cabeça dele do lugar, mas ele pressionou o queixo com mais força para permanecer ali. Eu não contava a ninguém o motivo de estar ali, era da minha conta, e eu detestava Sin bisbilhotando minha vida. Minha irmãzinha tinha tentado resolver nossos problemas financeiros sozinha, e esse tinha sido um erro e tanto que me fez vir parar ali. Eu estava furioso até o momento em que ela me

contou que estava grávida, e aí o que um cara podia fazer?

“Uma vez sequestrei um mendigo,” refletiu ele. “Péssima ideia. Ninguém percebeu que ele tinha sumido. Por fim, dei a ele um par de sapatos e o coloquei de volta onde o encontrei.”

“Pelos céus,” murmurei. “Por que diabos você faria isso?”

“Ele não tinha sapatos.”

“Quer dizer, por que você o sequestraria em primeiro lugar?” Rosnei, balançando a cabeça para ele, que fez uma pausa.

“Eu era uma criança burra e só tinha três auras para me dar comida durante uma semana,” disse ele pensativo.

“E você achou que sequestrar um mendigo para pedir resgate era a solução?” Perguntei, irritado.

“Não foi meu melhor momento. Mas ainda conversamos às vezes. O Alf agora tem uma sapataria em Iperia, um cara muito legal, um pouco irônico que ele tenha aberto a sapataria depois…”

“Que você deu uns sapatos para ele, eu entendo. Mas eu estou cagando pro Alf e a sapataria dele.”

“Deveria, eu ganho cinquenta por cento de desconto lá e ele lança feitiços nos guardiões dos pés que os tornam os mais confortáveis que já usei.”

Guardiões dos pés??

Meu horóscopo estava na tela e eu me recusei a entrar nessa conversa sem sentido, então eu o li antes que ele desaparecesse.

Olá, presidiário de câncer.

As estrelas falaram sobre sua sorte.

Você anda se sentindo desequilibrado ultimamente, como se a balança do destino estivesse pendendo contra você. E com um sagitariano pisando no seu calo, você pode se sentir sufocado. No entanto, você pode descobrir que seguir esse caminho desconfortável o levará direto para onde deseja estar. Com a entrada de Marte em seu mapa, você pode achar mais difícil conter a raiva diante das dificuldades, mas anime-se: o caminho da resistência às vezes pode terminar em um oásis.

"Sou de Sagitário," Sin falou no meu ouvido novamente, seu hálito quente na minha pele. "Com certeza está falando de mim. Meu horóscopo mencionou você também, gatinho." Ele agarrou minha mão e eu a soltei com um puxão enquanto ele tentava me guiar para longe.

"Que diabos você está fazendo?" Sibilei, olhando para a fila de pessoas esperando para subir e que agora cochichavam entre si.

"Só entre na brincadeira, querido," ele encorajou. "Temos mais uma pequena tarefa para fazer para a nossa Loba favorita."

Meus olhos se arregalaram e eu rosnei. "Não," recusei, lembrando-me da Erva Nepula que eu tive que tirar do Pátio da Ordem e enfiar no meu cu. "Se ela precisa de algo, ela pode fazer sozinha."

Desci as escadas e ouvi os passos pesados de Sin me seguindo de perto. Consegui me esquivar dele por um tempo, fazendo algumas leituras de tarô e recebendo o mesmo tipo de mensagem do meu horóscopo. Parecia que eu teria que andar por um caminho pedregoso por um tempo. Mas tinha que haver um jeito de mudar isso.

Fui até os dados para obter alguma orientação mais específica, mas antes que eu chegasse lá, Sin apareceu novamente, passando o braço em volta dos meus ombros e me direcionando para a seção de cristais no fundo da sala.

“Afaste-se e eu grito o seu segredo a plenos pulmões,” ele sussurrou para mim e eu fiquei tenso de fúria, mas não resisti. Eu simplesmente não podia arriscar.

Os cristais eram mantidos ali em formato gigante, embutidos na parede do fundo para evitar que fossem roubados, cada um deles da altura de um homem.

Sin me guiou para um canto mais escuro, iluminado apenas pelo brilho amarelo do cristal de Pedra do Sol na parede.

“Rosa precisa disso,” sussurrou Sin, olhando para a câmera apontada para nós na parede. Não havia som na transmissão, mas roubar daquele lugar era praticamente impossível com os olhos sempre atentos dos guardas. Então, qualquer plano que ele pudesse ter bolado não ia funcionar.

Eu zombei. “Boa sorte com isso. Não vou para o buraco por tentar tirar alguma coisa daqui. Eles revistam todo mundo assim que saem.”

“É,” concordou Sin. “Com certeza.” Ele estendeu a mão, roçando-a no cristal na parede. De repente, ele me jogou contra ele e sua boca pousou na minha enquanto ele me esmagava no lugar. Fiquei tão chocado que levei alguns segundos para reagir antes de empurrá-lo para trás e dar um soco em sua barriga.

“Que porra é essa?!” Rosnei enquanto ele sorria e meu olhar foi atraído para o pedaço de cristal que ele havia quebrado na mão, girando-o entre os dedos ao lado da perna, fora do campo de

visão da câmera.

“Ótimo,” eu disse, com voz rouca. “Aproveite para tirar isso daqui.”

“Você precisa enfiar isso no seu cu,” ele disse em um tom baixo e sério.

“*Não,*” eu hesitei, mas ele apenas assentiu firmemente.

“Eles vão me revistar, sempre fazem isso. Tem que ser você, gatinho,” disse ele simplesmente.

“Eu não vou fazer isso,” rosnei.

“Rosalie precisa da nossa ajuda, você não quer ajudar sua *companheira*?” Ele sussurrou, e eu olhei ao redor, embora, felizmente, não houvesse mais ninguém naquela seção da Sala do Destino. Mas isso não significava que ele pudesse se arriscar a dizer aquela merda em voz alta.

“Cale a boca,” rosnei.

“Ela precisa da gente, docinho,” disse ele. “Eu te ajudo, vou ser *bem* gentil. Tenho muita experiência com assuntos de bunda.”

“Não,” respondi bruscamente. “Além de tudo, tem uma câmera apontada para nós.”

“Eu sei.” Sin deu um largo sorriso, mostrando os dentes para mim, e eu fiz uma careta. “Você realmente não vai ajudá-la?”

Cerrei o maxilar, odiando a mim mesmo pela tentação de provocar um sorriso nos lábios de Rosalie. Com certeza ajudaria a diminuir a tensão entre nós também. Talvez ela até me perdoasse por Harper...

Eu ainda estava bravo com os comentários dela sobre dormir

com o Leão, mas eu poderia resolver essa merda. Além disso, meu vínculo de companheiro não me deixava transar com mais ninguém, ela com certeza não transaria com o Roary Night, mesmo que *estivesse* dividindo a cama com ele. A lógica me dizia isso, e talvez fosse hora de eu começar a acreditar.

Bolas, eu realmente vou fazer isso, não é?

"Tudo bem, me dá aqui." Cheguei mais perto para tentar sutilmente pegar o objeto dele, mas ele balançou a cabeça.

"Só tem um jeito disso passar despercebido." Ele estendeu a mão para passar os dedos pelo meu queixo e eu franzi a testa antes que ele agarrasse um punhado do meu cabelo e voltasse a beijar a minha boca. Dei um soco nele, tentando me defender, mas ele conseguiu me virar e me empurrar contra a parede, agarrando meu macacão amarrado na cintura.

"Filho da puta!" Rosnei.

"Conte até dez e fantasie sobre sua companheira, isso vai acabar rapidinho," Sin riu e eu me virei, lutando contra ele com socos furiosos que ele recebeu tranquilamente, rindo ainda mais alto quando seu lábio começou a sangrar.

Ele começou a lutar comigo e eu rosnei quando ele derrubou minhas pernas e caiu sobre mim no chão, sua boca pousando em minha garganta.

"Diga meu nome, baby," ele provocou enquanto eu me debatia de costas, mas ele pesava uma tonelada. Ele ergueu os quadris e eu dei outro soco forte em seu rim, fazendo-o gemer de dor enquanto eu me virava de quatro para me soltar. *Péssima jogada. Deveria ter imaginado.*

Ele jogou o peso do seu corpo em mim de novo, fazendo minha barriga bater no chão, e então ele fez o impensável. Começou a me *fazer cócegas*. E eu era um babaca cheio de cócegas. Eu ri, sem conseguir me conter, enquanto ele me fazia cócegas até minhas costelas doerem.

"Para, filho da puta," sibilei, dando um chute nele e então percebendo que ele estava tentando fazer parecer uma pegação divertida para as câmeras. *Idiota*. "Você *não vai* enfiar isso no meu cu!"

"Você sempre diz isso até eu estar dentro de você," disse ele em voz alta, dando um show para quem quisesse ouvir. *Nossa!*

Ele rasgou meu macacão e colocou a mão entre minhas nádegas, me fazendo cerrar os punhos.

"Não assim," rosnei e ele se inclinou sobre mim, sua respiração em meu ouvido.

"É o único jeito, Shadowbrook. Relaxa. Deita e pensa na lua," ele me encorajou, e eu soube, eu simplesmente *soube* que ele estava certo. Se eu quisesse fazer isso pela Rosalie, esse era o único jeito de tirar aquele cristal dali. Principalmente se eles realmente revistassem Sin quando fôssemos embora. O ar escapou dos meus pulmões quando eu cedi e Sin me deu um tapa na bunda, me fazendo rosnar de raiva.

"Vamos, gostosa, me mostre o quanto você ama seu garotão," ele encorajou.

Eu vou matá-lo.

Eu cedi e deixei que ele me virasse, fingindo um gemido enquanto lutava contra minha carranca, e Sin soltou uma risada

obscena.

“Como se alguém fosse acreditar que eu deixaria você me dominar,” murmurei antes que Sin colasse seus lábios nos meus. Ele também não se conteve, afundando a língua entre meus lábios enquanto eu me esforçava ao máximo para não mordê-la. Não era como se eu nunca tivesse beijado homens antes, mas aquelas circunstâncias eram inaceitáveis.

Sin levou os dedos às nossas bocas, empurrando o cristal entre nossos lábios para umedecê-lo, mantendo-o escondido com o ângulo de sua cabeça. Então, ele abaixou a mão, empurrando-a para dentro do meu macacão, e eu levantei meus quadris enquanto ele enfiava a mão na minha boxer, mordendo seu lábio com raiva enquanto seus dedos separavam minhas nádegas. Eu me preparei, rosnando enquanto ele deslizava o cristal, e então ele retirou a mão com a mesma rapidez.

“Por que você está duro?” Sibilei enquanto seu pau se apertava contra minha perna.

“Sou um Incubus com bolas azuis e você é gostoso, me dá um tempo, querido,” ele riu novamente.

“Ah, sim, esse é o negócio.” Minha cabeça se ergueu ao ouvir a voz de Plunger, meus olhos se abriram de repente e me vi olhando para ele com o macacão aberto e as mãos nas calças enquanto ele nos observava.

“Mmmm, tem espaço para um pouco mais de salame nesse sanduíche?” Ele ronronou.

“Vai se foder,” gritei quando Sin saiu de cima de mim, puxando minhas calças para cima antes de me colocar de pé.

Ajeitei meu macacão, estremecendo com o desconforto do cristal preso na minha bunda. *Pelo sol, as estrelas realmente me odeiam.*

"A bunda do Shadowbrook é *minha*," rosnou Sin. "Vá encontrar o seu próprio traseiro."

Plunger se afastou frustrado e eu encarei Sin. "Eu não sou passivo. Nunca."

"Bem, de acordo com todos os guardas deste lugar você é, esses boatos já devem estar se espalhando." Sin sorriu e eu dei um soco forte em seu braço, o suficiente para deixá-lo roxo. O cara nem se mexeu, apenas continuou sorrindo para mim como se fôssemos amigos. "Obrigado pelo bom tempo, bochechas doces." Ele piscou e foi embora, e eu fiquei olhando feio para as costas dele. Fiquei ainda mais furioso quando nosso tempo naquele lugar acabou alguns segundos depois, e eu nem tinha jogado os dados.

Eu me enfureci enquanto caminhava em direção à saída com todos os outros, mas minha raiva se transformou em preocupação quando cheguei à porta. Os guardas estavam revistando todo mundo e, quando me aproximei do Oficial Nixon e ele começou a passar as mãos em mim, pensei duas coisas. A primeira, que eu deveria ter escolhido outro guarda porque Nixon era um pervertido e eu já tinha sido molestado o suficiente por um dia. A segunda, que eu tinha acabado de arriscar mais anos da minha pena de prisão por Rosalie Oscura. *Arriscarei minha reputação, minha liberdade e um cristal enfiado no meu rabo por você, querida. Se isso não vale sexo de reconciliação, então eu não sei o que vale.*

Nixon terminou sua revista minuciosa demais, fez um gesto para que eu fosse embora e um suspiro de alívio me escapou. Olhei para Sin enquanto Cain o revistava e o soltava, e eu o encarei com raiva.

Achei que sempre te revistavam nu, seu babaca.



Sentei-me no canto dos fundos do Complexo Mágico com as algemas desligadas e o poder pulsando em minhas veias. Agora que as algemas haviam sido trocadas, eu não precisava economizar nenhum poder para cavar túneis ou fazer qualquer coisa realmente útil para meus planos de fuga, então estava me entregando ao meu lado criativo.

Ao meu redor, cresci uma espessa camada de musgo e grama, repleta de todos os tipos de flores silvestres coloridas. Ao redor do meu pequeno oásis de tranquilidade, criei uma camada de árvores e arbustos tão densa que, além da fina camada de teto que eu conseguia ver aparecendo entre as folhas no topo da minha casa na floresta, eu conseguia acreditar que estava lá fora. Tudo o que eu precisava era do som de um riacho borbulhante e eu estaria no paraíso, transportada para o pequeno bosque perto dos vinhedos da minha tia Bianca, onde eu havia construído um pequeno santuário para me refugiar quando precisasse ficar sozinha por um tempo.

Deitei de costas e respirei o aroma da terra ao redor enquanto permitia que meus olhos se fechassem e me banhasse no momento, tentando escapar da realidade.

Claro, eu não conseguia relaxar de verdade, já que estava presa em uma sala enorme cheia de criminosos cruéis e idiotas que gostariam de me ver morta, mas a ilusão disso era boa o suficiente.

Suspirei enquanto tentava decifrar os muitos novos obstáculos que nos impediam de escapar e amaldiçoei Cain pela milésima vez por me jogar no buraco por tanto tempo. Se eu estivesse na prisão principal durante esse tempo, nosso plano poderia ter progredido, poderíamos ter usado a chave e talvez já estivéssemos desfrutando do doce sabor do ar puro de verdade agora, em vez de ficarmos presos ali.

Seja qual for o caso, não fazia muito sentido eu perder tempo lamentando. Cain estava desfrutando da fúria da lua e eu estava muito grata àquela cadela por me apoiar e amaldiçoa-lo. Enquanto ele coçava a cabeça por causa da minha pequena maldição, parecia estar me evitando ativamente também, o que era ótimo para mim, porque ver a cara dele me fazia sentir como se estivesse sendo esfaqueada. E se eu o atacasse, seria mandada de volta para o buraco, então isso não era o ideal.

Não. Eu não podia perder tempo me preocupando em esfaquear guardas ou reclamando mentalmente sobre como meu plano tinha dado errado. Eu precisava me concentrar. Em frente e para cima. Literalmente. Porque eu realmente precisava nos tirar daquele lixão subterrâneo para os *stronzos* mais criminosamente danificados do mundo.

Com os dedos entrelaçados no musgo de cada lado e a magia conectada à terra na ponta dos dedos, senti o momento em que alguém pisou no meu pequeno santuário. Apertei ainda mais os

dedos no solo, inalando profundamente enquanto me preparava para um ataque e, lentamente, comecei a seguir o intruso com trepadeiras que serpenteavam pelo chão em seu rastro e desciam sutilmente das copas das árvores até que meu hóspede indesejado estivesse sendo perseguido por entre as árvores sem nem perceber.

No momento em que meu intruso entrou na minha clareira e na bolha silenciadora que eu havia criado, estalei meus dedos e ele foi arrancado dos pés e puxado para o céu enquanto uma rede de vinhas se fechava ao redor dele.

“Porra,” Roary xingou e uma gargalhada escapou dos meus lábios enquanto eu olhava para ele balançando acima de mim, mas eu deveria ter pensado melhor antes de perder tempo rindo.

Roary sacudiu o braço em minha direção e uma bola de neve grossa caiu no meu rosto um segundo depois, um grito escapou dos meus lábios quando não consegui evitá-la.

Usei meu controle sobre as videiras para pendurá-lo pelos tornozelos, de modo que ele ficasse completamente de cabeça para baixo, e então consegui prender uma delas na bainha da camisa dele e puxá-la para baixo para cobrir seu rosto, para que ele não pudesse me ver.

Tive a oportunidade de ver seu abdômen dourado se flexionando enquanto ele lutava para se libertar, mas enquanto eu estava distraída com meu desejo de babar nele, ele estendeu a mão e uma onda de água explodiu de sua palma e veio em minha direção.

Consegui erguer uma parede de terra entre nós antes que ela me atingisse, agachando-me atrás dela enquanto a água caía e as

gotas salpicavam minha pele.

Quando a água baixou e eu dispersei a parede de terra, Roary não estava mais pendurado no topo das árvores.

Estiquei o pescoço para procurá-lo e um arrepio de alerta percorreu minha espinha um segundo antes dele saltar das árvores atrás de mim. Meus instintos me deram tempo para me virar e encará-lo, mas quando seus braços me envolveram, fui arrastada para o chão, sob ele.

Caímos com força no chão, mas o musgo amorteceu nossa queda enquanto cambaleávamos sobre ele.

Rosnei para ele quando ele agarrou meus pulsos e me prendeu embaixo dele, seu peso se acomodando entre minhas coxas de um jeito que parecia certo demais para estar errado.

Ele tirou a camisa, provavelmente ao escapar das minhas vinhas, e seu peito nu estava escorregadio de água enquanto seu cabelo escuro pingava em minhas bochechas.

“Você se rende, filhote?” Ele questionou, com a voz áspera e os olhos dourados brilhando com a nossa caça.

“É isso mesmo que você pensa de mim, Roary?” Ronronei, me contorcendo embaixo dele numa vaga tentativa de me soltar sem fazer nenhum esforço. “Que você pode me molhar com um estalar de dedos e depois me prender embaixo de você e eu me render como um filhote bom e submisso?”

Ele engoliu em seco com as minhas palavras, seu olhar se voltando para a minha boca por um breve instante, enquanto o peso dele entre as minhas coxas me dava vontade de gemer por ele. Mas eu mantive meu desejo bem preso. Eu não ia mais ser

escrava daquela merda, e Roary já tivera oportunidades demais de jogar meus sentimentos por ele na minha cara. Doeu. E eu estava cansada de sofrer por ele. Pelo menos de qualquer forma que ele pudesse ver.

Ele dissera isso de forma clara e direta. Queria que continuássemos “amigos.” Nada mais. E eu engoli aquela rejeição da melhor maneira possível e fechei a porta para nós de uma vez por todas. Pelo menos, era o que eu dizia a mim mesma. Mas sempre que chegávamos tão perto e seus olhos ardiam com algo que era muito mais do que amizade, às vezes eu sentia a porta se abrindo de novo e tinha que fechá-la com força. Eu queria que houvesse uma chave para aquela filha da puta para poder jogá-la fora de vez. Mas talvez uma parte de mim sempre seria apaixonada por Roary Night. Talvez a porta sempre estivesse entreaberta.

Ele se aproximou alguns centímetros de mim, seu pau parecendo muito mais interessado em mim do que ele jamais admitiria em voz alta, e no momento em que seu aperto em meus pulsos afrouxou um pouco, eu empurrei meus quadris sob ele e soltei minha mão direita.

Dei um soco na lateral do corpo dele e, enquanto ele perdia tempo me xingando, criei vinhas grossas que se enrolaram em suas mãos, cortando seu acesso à magia. Joguei meu peso para a frente, nos virando e, no momento em que estava em cima dele, envolvi sua garganta com uma mão e abri um largo sorriso.

Minhas videiras se apertaram em volta das mãos dele, enraizando-as no musgo macio de cada lado de nós, e eu ri enquanto Roary me xingava.

“O que houve, *piccolo leone*?” Ronronei. “Você realmente achou que podia me vencer?”

“Acho que nós dois sabemos que não sou nenhum leãozinho, Rosa,” rosnou Roary, rolando os quadris embaixo de mim como se estivesse provando algo, e eu arqueei uma sobrancelha para ele enquanto lutava para não demonstrar o quanto eu gostava da sensação do seu pau duro se esfregando entre as minhas coxas daquele jeito. Para um cara que deveria ser apenas meu amigo, o pau dele certamente tinha muito a dizer em contrário.

“*Non ne so niente*,” sussurrei. *Não sei nada sobre isso*. “E eu também não quero saber.”

Suas sobrancelhas se franziram antes que ele pudesse disfarçar, e eu me dei um high five mental por colocar aquela bunda presunçosa no devido lugar. Eu amava a sensação do pau dele roçando em mim? Claro que sim. Eu queria que ele simplesmente cedesse a esse calor entre nós e me fodesse até que eu não conseguisse mais pensar direito? É, é, claro. Mas eu ia continuar deixando ele exercer o poder do pau dele sobre mim? Claro que não. Eu estava farta dele me cegando com o pau e me fazendo parecer uma *piccola cagna*. Rosalie Oscura não era vadiazinha de ninguém.

“Parece que nós dois concordamos nisso então,” Roary resmungou e eu apertei sua garganta um pouco mais forte, apreciando a vista daqui de cima, dominando o rei dos animais.

“Bem, pelo menos dois de nós três fazemos isso,” concordei docemente, sentando-me para que meu peso fosse transferido para suas coxas em vez de sua virilha e olhando para seu pau duro como pedra, que estava esticado através do material de seu

macacão.

“Não leve a mal, filhote. Faz tempo que não transo. Meu pau ficou duro por causa de um sabonete outro dia,” disse ele, com desdém.

“Bem, talvez você devesse ir procurar uma Leoa gostosa para foder, então?” Sugeri enquanto soltava seu pescoço e me afastava. Recusei-me a reconhecer a dor que aquela sugestão me causou, porque eu não era uma filhote apaixonada por um cara que nunca me enxergaria de verdade. *Foda-se a minha vida.*

“Você quer dizer, como quando encontrou um Lobo?” Roary perguntou amargamente enquanto eu soltava a magia que prendia as videiras em suas mãos, deixando-as cair e ele se sentou ao meu lado. “Aliás, como está dando certo estar ligada a um cara que adoraria a aniquilação de toda a sua família?”

Franzi os lábios em irritação, mas apenas dei de ombros. “Ethan fode tão bem que quase consigo perdoar o resto das suas falhas de personalidade,” disse eu, casualmente. “Sério, ele consegue me fazer gozar como ninguém que eu já...”

“É uma pena que ele prefira fingir que a Beta dele é sua companheira do que deixar alguém descobrir sobre vocês dois, não é?” Roary interrompeu, irritado.

Eu não queria, mas aquilo doeu como um soco direto no meu coração e desviei o olhar dele enquanto tentava, sem sucesso, afastar o assunto.

“Tenho muita prática em ser indesejada,” murmurei, olhando para um canteiro de flores silvestres enquanto colocava meu cabelo atrás da orelha, meus dedos traçando a crista da marca da lua que recebi quando fui acasalada com Ethan.

Mesmo agora, quando eu estava furiosa de raiva e mágoa por ele, uma parte de mim ainda sentia saudades, me incitando a inclinar a cabeça para o céu e uivar para que ele viesse até mim. Que vínculo de companheiro idiota. Mas eu me recusei a ouvir. Eu já tinha sobrevivido a uma tortura muito pior do que simplesmente lamentar por um babaca que tinha vergonha de mim.

"Ele é um idiota," disse Roary com a voz rouca, agarrando meu queixo e me forçando a encará-lo. Tentei me afastar, mas ele se manteve firme, prendendo-me em seu olhar dourado e certificando-se de que eu ouvisse o que ele tinha a dizer. "Qualquer homem sortudo o suficiente para ser abençoado pelas estrelas e ter você como companheira deveria estar celebrando sua sorte e se agarrando a você o mais forte que pudesse. Você é única em um milhão, Rosa, você brilha mais que qualquer estrela e arde com mais calor também. Se eu fosse abençoado com uma companheira com metade da sua beleza, ferocidade e força, eu a envolveria em meus braços e nunca a soltaria. Eu daria tudo para ter uma garota como você, filhote."

Deixei que ele me puxasse contra o peito e me envolvesse com os braços, mas suas palavras doeram quase tanto quanto o comportamento de Ethan. Ele queria uma garota *igual a mim*. Ele simplesmente não *me queria.* Porque eu era apenas a filhote quebrada que arruinou a vida dele e o prendeu ali. Eu era cheia de cicatrizes, falhas e ansiava infinitamente por ele, e claramente nunca seria quem ele queria.

Respirei fundo, impregnada pelo aroma rico e picante de sua carne nua, então bloqueei todos os meus sentimentos indesejados e não correspondidos e me afastei de seus braços.

“Obrigada, Roar, vou levar isso em consideração,” murmurei, fazendo um trabalho espetacular de soar como uma vadiazinha ferida, mas era isso.

Ele franziu a testa como se não entendesse por que eu estava chateada, e eu soltei um suspiro pesado antes de erguer o queixo e conter minhas emoções. Se havia uma coisa que meu pai havia me ensinado, era como apresentar uma máscara de indiferença ao mundo. Se eu consegui segurar uma cara de cadela descansando enquanto caminhava com um tornozelo fraturado durante o suposto treinamento dele, eu poderia encarar meu coração partido com a mesma facilidade. Certamente deveria doer menos do que isso. Então por que parecia doer mais?

“Precisamos melhorar nossos planos de novo,” eu disse, mudando de assunto e fechando a porta para aquela besteira. “Eu sei tudo o que preciso sobre a Ipump 500 para neutralizar o Supressor de Ordem quando estivermos prontos, e Sin prometeu me dar os ingredientes que preciso.”

“E você realmente confia nele?” Roary perguntou, cético.

“Sin pode ser completamente maluco, mas não é mentiroso,” eu disse, com um pouco de firmeza. “Ele é aberto e honesto sobre o que quer e o que está disposto a fazer para conseguir, e devo dizer que prefiro isso a Fae que falam por enigmas e bobagens. Ele me disse que já tem um plano para conseguir o cristal da Pedra do Sol, então estou só esperando ele conseguir a Ameixa Nevercot e pronto. E consegui recuperar a Erva Nepula que escondi na parede da minha cela porque aquele safado do Ethan deixou um tijolo solto quando veio me procurar depois de roubar a chave. Enfim, nossa questão mais urgente é descobrir de onde

vamos cavar e como vamos trazer Plunger a bordo sem alertar ninguém sobre o fato de que estamos tramando algo. Se começarmos a andar com aquele maldito esquisito, as pessoas vão perceber. Ninguém é amigo dele por escolha própria."

"Na verdade, eu vim aqui para falar com você sobre isso," disse Roary, e quando olhei para ele, vi que ele estava sorrindo como um bastardo presunçoso. "Porque acho que encontrei o lugar perfeito para cavarmos nosso túnel."

"Ah, é?" Perguntei ansiosamente, me virando para ficar de frente para ele e cruzando as pernas.

"Sim. Então, parece que a biblioteca precisa de um reabastecimento..."

"Isso não é surpresa, os livros ali são mais antigos que minha tia Lasita," murmurei.

"Sim, bem, eles querem que todos os livros sejam revisados e muitas das coisas antigas precisarão ser removidas para dar lugar a alguns livros novos e brilhantes, todos dedicados a nos ajudar a melhorar como Fae."

"Você está me perdendo, Roar, o que isso tem a ver com..."

"É uma turma de trabalho. Uma que exigirá que os condenados passem horas e horas sozinhos na biblioteca, empilhando prateleiras empoeiradas. E, como sabemos, há muitos pontos cegos de câmeras de segurança na biblioteca, e tenho certeza de que há uma prateleira que poderíamos mover para esconder o fato de que estamos cavando um buraco..."

Meus lábios se abriram quando percebi que ele estava certo. Era exatamente disso que precisávamos, eu só precisava

descobrir como conseguiria um antídoto para o Supressor da Ordem para que Plunger pudesse usar seus dons da Ordem para cavar o maldito túnel. Depois, era só uma questão de garantir que todos naquela turma de trabalho soubessem como manter a boca fechada.

“Quantas pessoas eles querem no trabalho?” Perguntei.

“Nove. E o Oficial Lyle está a fim de mim, então ele já disse que posso ficar com uma vaga se eu quiser. Ele também é o agente penitenciário do Sin, então, com um pouco de sorte, não vai ser preciso muito esforço para convencê-lo a assumir o cargo também. Ele não teve nenhum trabalho desde que saiu do buraco e tem se comportado razoavelmente bem, ou pelo menos não foi pego fazendo muitas coisas que não devia. Então, tenho certeza de que podemos convencer o Lyle a dar uma vaga para ele.”

“Certo. Então, com Plunger, serão quatro. Não podemos arriscar que os outros lugares fiquem para desconhecidos, então tem alguém aqui que você gostaria de trazer quando a gente correr? Porque acho que, para dar certo, vamos ter que abrir a lista de convidados, senão eles não terão motivo para serem leais e nos ajudar a cobrir o que estamos fazendo. E o risco deles descobrirem e depois espalharem é muito alto se a gente tentar esconder, então precisamos deles desde o começo.”

“Meu segundo em comando, Claud, está aqui há muito tempo por um crime que não cometeu e ainda tem um longo caminho pela frente. Ele está perdendo a oportunidade de ver os filhos crescerem e tem sido um apoio para mim durante toda a minha estadia,” disse Roary, refletindo sobre o assunto. “Podemos confiar nele.”

“Certo,” concordei. “Ele está dentro. Vou levar o Sonny também e completar o restante da contagem com minha matilha. Só preciso de alguns dias para decidir quem trará mais habilidades para o trabalho.”

“E o Ethan?” Roary perguntou e eu sorri com desgosto.

“O que tem ele?” Retruquei, sem conseguir me conter. Era tão natural baixar a guarda perto do Roary que eu não tinha a mínima esperança de esconder dele meus sentimentos por muita coisa. Além disso, se eu não tivesse pelo menos uma pessoa com quem pudesse me abrir enquanto estivesse presa ali embaixo, provavelmente enlouqueceria.

“Ele pode ser um babaca e merecer apodrecer aqui embaixo, mas...”

“Fala logo, Roar,” rosnei. “Não tenho o dia todo.”

“Tudo bem. Ele é seu companheiro,” disse ele, como se fosse uma questão de fato e eu não tivesse voz ativa na situação. “A lua te prendeu e, apesar de você estar brava com ele, imagino que sinta uma atração por ele? Eu sei que se o Leon estiver longe de...”

“A situação do seu irmão não se parece em nada com a minha,” interrompi, recusando-me a deixá-lo comparar a tempestade de merda que é Ethan e eu com aquilo. “Sou um Loba da Lua. A lua está do *meu* lado e, assim que ela perceber que não tenho nenhum interesse em permanecer ligada àquele pedaço de merda, tenho certeza de que ela me fará a gentileza de nos desvincular. *Capisce*?”

“Rosa, eu realmente duvido que seja tão simples assim...”

“Esqueça Ethan Shadowbrook,” retruquei. “Não vou levá-lo comigo. Se ele me quisesse, não estaria desfilando pela prisão com aquela Beta vagabunda pendurada no braço, como se ela tivesse o que é preciso para se igualar a ele. Foda-se ele. E foda-se você se realmente acha que eu o levaria conosco depois que ele me desrespeitou daquele jeito.”

“Tá bom, tá bom,” Roary cedeu. “Só... pense nisso, tá? Eu posso odiar a ideia daquele vira-lata imundo ter direito sobre você, mas odeio a ideia de você sentir saudades dele e nunca mais poder vê-lo. Não quero que você acabe se arrependendo da escolha.”

“Pff.” Acenei para ele. “Não se preocupe. Eu nunca vou querer passar tempo com um babaca que não é homem o suficiente para assumir seus sentimentos por mim. Eu não sou o segredinho sujo de ninguém.”

Os olhos de Roary encontraram os meus e eu franzi os lábios ao perceber que aquela afirmação praticamente se aplicava a ele também. Não que houvesse algo de sujo acontecendo entre nós, porque, claro, ele teve que ser um cavalheiro na forma como esfregou o pau em mim e depois me mandou me foder. *Nossa.*

“Ora, ora, ora, não é aconchegante?”

Minha cabeça se virou de repente e eu fiquei de pé ao som da voz se aproximando, e meu lábio superior se curvou em um rosnado quando Gustard abriu caminho pelos arbustos à nossa direita e entrou direto na minha bolha silenciadora como se tivesse sido convidado.

“Que porra *você* quer?” Rosnei.

“Essa não é uma maneira muito gentil de falar com seu mais

novo cúmplice," ronronou Gustard, passando os dedos pela tatuagem de besouro em sua bochecha como se achasse que ela pudesse ganhar vida e desaparecer por sua pele.

"Vá direto ao ponto antes que eu afogue sua bunda bajuladora," rosnou Roary, a água escorrendo entre os dedos enquanto encarava o homem que tinha me espancado duas vezes. Ou que tinha mandado toda a sua equipe fazer isso no lugar dele.

"Antes disso," disse Gustard, aproximando-se um pouco mais, em seu macacão impecavelmente passado, como se fosse um item de grife chique em vez de um item padrão da prisão. "Quero que você saiba que tive uma reunião com meu advogado em visitação outro dia. Ele foi muito prestativo. Você sabia que tenho permissão para fazer um testamento via cristal Memoriae e preenchê-lo com memórias que eu gostaria de ter visualizadas em caso de minha morte?"

"Você quer dizer jaspe branco?" Perguntei. "Quem se importaria com os pensamentos assustadores na sua cabeça depois que você morresse?"

Gustard deu um sorriso diabólico para mim e ergueu as sobrancelhas como se soubesse de algo tão suculento que o estava fazendo salivar.

Meu coração batia forte e minhas palmas estavam escorregadias porque eu sabia, eu já *sabia* o que ele ia dizer. Mas eu tinha que encarar. Não podia mostrar nenhuma das minhas cartas até ter certeza absoluta.

"Bem, há algumas lembranças em particular que eu realmente extraí da sua mente jovem e flexível quando tivemos aquele pequeno encontro no Pátio da Ordem alguns meses atrás.

Cristais de memória são bem difíceis de encontrar e, como eu queria dois para meus propósitos, demorou um pouco para obtê-los. Mas tenho certeza de que o esforço valerá a pena quando eu estiver respirando ar fresco novamente." Gustard parecia o gato que tinha comido o canário, os sachês gourmet de comida caríssima e, além disso, uma velhinha obcecada.

Roary deu um passo à frente com um rosnado, mas eu estendi a mão e agarrei seu braço, interrompendo seu progresso enquanto olhava feio para Gustard.

"Desembucha, seu sacana estuprador de mentes. Se você tem algo a me dizer, então é só falar, porra."

O sorriso predatório de Gustard se alargou e ele ergueu o queixo como se achasse que tinha ganhado alguma coisa. E tinha mesmo. Era tão claro para mim quanto um pau me dando um tapa na cara. Não tinha como não perceber. Ele nos tinha exatamente onde queria.

"Eu sei que vocês dois estão planejando escapar desta fossa com Sin Wilder a reboque," ronronou ele, absorvendo a forma como Roary e eu lançávamos olhares cheios de ódio em sua direção, como se isso estivesse alegrando o seu dia. "Eu sei que você precisa de um Shifter Toupeira Polethius e que só resta um em toda a prisão. Eu sei o que você planeja fazer com a bomba de Supressor de Ordem no nível de manutenção e como planeja burlar todas as medidas de segurança implementadas para impedi-lo. E acredito que vai funcionar. Então, aqui está a minha oferta. Leve-me com você e eu não direi uma palavra a ninguém." O silêncio se instalou após suas palavras, mas ele apenas esperou que concordássemos, e me doeu admitir para mim mesma que

provavelmente teríamos que concordar.

Por que estrelas? Por que ele? De todos os filhos da puta fodidos e pervertidos aqui, por que tinha que ser esse tipo específico de babaca comedor de bunda?

"E se recusarmos?" Rosnou Roary. "Ou simplesmente te matarmos aqui e agora e deixarmos seu corpo destroçado para os guardas encontrarem?"

"Bem, então nesse caso, o cristal com minhas memórias contendo cada centímetro sujo dos seus planos será entregue às autoridades," disse Gustard, dando de ombros como se qualquer uma das opções fosse igualmente aceitável para ele.

"Besteira," sibilou Roary. "Não acredito que você tenha conseguido uma dessas pedras, quanto mais duas. Elas são raras pra caramba. Até minha família tem dificuldade em encontrá-las, e conhecemos todos os traficantes e ladrões famosos do reino."

"Foi difícil," concordou Gustard. "Mas valeu a pena pelo custo da minha liberdade. E a razão pela qual criei dois foi porque tinha certeza de que vocês não acreditariam em mim. Que fofo! O primo da Rosalie, Dante, deve ter recebido um dos dois pelo correio esta manhã. Bastará um único telefonema para ele confirmar e estaremos todos no mesmo time."

Roary olhou para mim como se estivesse pedindo permissão para arrancar a garganta daquele idiota de qualquer maneira e eu cerrei os dentes de raiva enquanto era forçada a balançar a cabeça.

"Se você estiver mentindo para mim, Gustard, então eu vou arrancar suas bolas e te estrangular com elas antes que você morra," cuspi.

“É melhor você não falar comigo desse jeito de novo, filhote,” sibilou ele. “Mas, por enquanto, vou te dar uma folga enquanto você se acostuma com a sua nova realidade.” Ele sorriu para nós antes de tirar um chapéu imaginário para mim e se afastar em direção às árvores novamente.

“Porra!” Xinguei assim que ele saiu da bolha silenciadora e o fedor da sua alma negra deixou minhas narinas. “Não vou levar esse psicopata com a gente quando formos embora. Você sabe o que ele fez para ganhar o lugar dele aqui?”

“Ouvi dizer que ele matou um monte de mulheres,” murmurou Roary, passando a mão pelo rosto como se estivesse tentando pensar em alguma saída para aquilo.

“Mortes é um termo leve. E elas não eram mulheres. Eram meninas que ainda não tinham sido Despertadas. Ele as manteve vivas por dias enquanto as torturava até a morte. Ele usou seus dons de Ciclope para descobrir seus maiores medos e então os trouxe de volta à vida e os torturou com eles. Eu investiguei todos os líderes de gangues antes de vir para cá e as coisas no arquivo dele teriam dado trabalho ao meu pai.”

“Então o que diabos vamos fazer? Claramente não podemos deixá-lo sair impune,” insistiu Roary.

“Bem, também não podemos matá-lo. Pelo menos não ainda. Vou ter que confirmar a história dele com Dante, mas deve ser verdade, senão ele nem se daria ao trabalho de mentir. Pelos céus, acho que estamos presos a ele.”

“Rosa, não podemos...”

“Só por enquanto,” insisti. “Nós o incluímos nos planos, o mantemos por perto, o colocamos na equipe da biblioteca e

garantimos que ele saiba manter a boca fechada. Aí, quando chegar a hora da fuga, ou o incapacitamos ou o matamos. De qualquer forma, o deixamos para trás quando for preciso."

Roary rosnou baixinho, todo Leão, enquanto seu temperamento transbordava. Era muito difícil fazer um Leão de Nemeia perder a cabeça, mas quando isso acontecia, era explosivo. E não podíamos nos dar ao luxo disso agora.

"Roar," eu disse, tentando chamar sua atenção enquanto ele andava de um lado para o outro, seus músculos se flexionando enquanto seu maxilar estalava.

"Vou despedaçá-lo," jurou ele. "Ninguém te ameaça e sai impune, filhote. Ninguém."

Entrei em seu caminho e peguei sua mão, segurando sua bochecha na outra palma quando ele tentou desviar o olhar e o forcei a encontrar meu olhar.

"Nós conseguimos, Roar," prometi a ele. "Tudo está se encaixando. Gustard não vai atrapalhar. Jurei que tiraria você daqui e vou."

"Não é comigo que estou preocupado," disse ele asperamente, tirando minha mão de sua bochecha e colocando-a em seu peito, acima do coração acelerado. "Não posso ver você desperdiçar sua vida aqui, Rosa. Você veio aqui com a falsa sensação de me dever algo, e se ficar presa aqui, a culpa também é minha. Dez anos neste inferno foram quase o suficiente para me destruir. Ver Darkmore roubar sua vida realmente me destruiria."

"Vamos sair daqui," rosnei. "Você e eu. Vamos encontrar uma ilha no Mar Cerúleo onde o sol brilhe o dia todo e você possa deitar nela até ficar tão cheio de energia que não saiba o que fazer

com ela. Você vai ficar tão bronzeado que só de olhar para o seu abdômen definido eu vou ficar cega. E vamos nos empanturrar de frutas frescas, ficar bêbados e festejar todas as noites pelo resto da eternidade sob a lua. Eu juro."

Roary me encarou por tanto tempo que parecia que ele estava apenas me absorvendo, e eu estava presa no calor de seus olhos dourados, de modo que não conseguia me mover um centímetro, mesmo se quisesse. E eu não queria. Porque, apesar das promessas que fiz a mim mesma e de quanto eu continuava tentando me convencer de que tinha terminado com ele, eu estava começando a perceber que nunca terminaria com Roary Night. Seu nome estava tatuado em meu coração na noite em que o perdi, tantos anos atrás, e mesmo que ele nunca me amasse como eu o amava, eu nunca seria capaz de apagar a marca que ele deixou em minha alma. E em momentos como este, eu nem queria. Eu poderia aceitar mil rejeições de partir o coração em pagamento por ele passar cinco minutos me olhando do jeito que ele estava agora. Como se eu fosse tudo o que ele sempre desejou neste mundo e ele arrancaria uma estrela do céu por mim se eu pedisse.

"Você é especial, Rosa," murmurou ele, a raiva se acalmando enquanto passava os dedos pela lateral da minha bochecha e meu coração disparava. "Nunca conheci uma única alma com metade do fogo no coração que arde no seu. Você é selvagem, cativante e mais livre do que qualquer pessoa neste lugar tem o direito de ser. E prometo tirar você daqui também. Custe o que custar."

"Custe o que custar," concordei e estremeci quando o ponto onde nossas mãos ainda se encontravam brilhou com magia quando, sem querer, fizemos um acordo mágico com aquela

promessa.

Roary soltou uma risada e se afastou de mim com força enquanto soltava minha mão e apertava a dele. Meus dedos ainda formigavam com o poder, mas eu apenas fechei a mão em punho, saboreando o toque de sua magia por um instante.

“Bem, agora *temos* que sair daqui,” provocou Roary. “Ou as estrelas vão nos amaldiçoar com sete anos de azar. E neste inferno, isso provavelmente seria fatal.”

Eu também forcei uma risada, mordendo o lábio inferior enquanto desviava os olhos da perfeição bronzeada do seu peito e pensava no que precisávamos fazer para que isso acontecesse.

“Vou precisar de um guarda no meu bolso,” eu disse lentamente enquanto o resto do plano me vinha à mente. “Precisamos que Plunger tenha acesso aos seus dons da Ordem para podermos fazer o túnel. Isso significa que preciso conseguir algumas das injeções que os guardas se dão antes do início dos turnos. Cada uma concede 24 horas de imunidade, então provavelmente podemos nos safar pegando três ou quatro delas e depois dividindo as doses para uma hora de cada vez. Assim, ainda podemos controlar Plunger e garantir que ele esteja fazendo o que dizemos. Só preciso ir até o dispensador de antídoto nos aposentos dos guardas...”

“Talvez eu devesse ser o responsável por realizar quaisquer roubos que precisem acontecer,” sugeriu Roary com um sorriso arrogante e eu dei de ombros.

“Talvez. Mas de qualquer forma, precisamos daquele guarda do nosso lado, o que significa que vou ter que redobrar meus esforços. De qualquer forma, já tenho o Hastings meio

deslumbrado, então ele é a escolha óbvia. Além disso, com Cain me evitando, ele é praticamente meu agente penitenciário, então eu deveria conseguir convencê-lo a concordar em me designar para o trabalho na biblioteca também."

"Tem certeza?" Perguntou Roary. "Você é uma garota linda, Rosa, e não posso negar que atrai as pessoas como mariposas a uma chama, mas deslumbrar um guarda para te ajudar tanto parece meio extremo..."

"Ah, por favor," eu disse, revirando os olhos como se estivesse ofendida. "Eu poderia *te* deslumbrar se tivesse a ideia. Meu pequeno menino do coro é uma presa fácil."

"Vamos lá, Rosa, acho que nós dois sabemos que você não pode rivalizar com meu carisma com seus cílios brilhantes e sorrisos encantadores."

"Pobre e triste, Roary! Deslumbrar é muito melhor do que Carisma para um trabalho como esse. Se você soltasse essa merda nele, ele sairia por aí dizendo a todos o quão incrível você é e o quanto ele quer chupar seu pau só para te fazer sorrir. Deslumbrar não funciona assim. É um tipo sutil de manipulação que exige muito tempo e esforço."

"Parece muito com Carisma para mim," ele murmurou.

"Ok, pense nisso como se o Carisma oferecesse amor instantâneo a qualquer um que o experimentasse. No momento em que forem puxados para a sua teia, serão seus para brincar. Mas sempre que você os libertar dela, eles praticamente voltarão a ser como eram sem você. O deslumbramento é mais como uma história de amor se desenrolando lentamente. Parece natural e não há trocas ou expectativas envolvidas. O alvo gosta

genuinamente de mim, o que eu poderia obviamente encorajar com uma troca mágica se estivesse fazendo direito, mas como isso não é uma opção aqui, estou apenas fazendo com que ele goste de mim à moda antiga. Não é forçado, apenas uma construção lenta e constante para que ele faça coisas para me agradar porque realmente quer, porque a minha felicidade o faz feliz também. Não preciso dar nada a ele nem fazer nada para mantê-lo, além de ser meu eu natural, charmoso e doce."

"Então você só mostra os peitos até ele ficar tão louco de tesão que fará de tudo para ter um tempinho entre as suas coxas? Além disso, tenho quase certeza de que você não está realmente enfeitiçando ele se não estiver usando magia, então tudo o que está fazendo é flertar com ele," provocou Roary.

Revirei os olhos. "Tanto faz. Fazer isso sem magia só significa que sou ainda melhor. Você não entende porque é tão sutil quanto um porco de tutu. A questão é que Hastings já está caindo nos meus encantos, o que significa que vou ser designada para a biblioteca antes mesmo de você acordar do seu cochilo da tarde."

"Boa sorte com isso, filhote," ele provocou assim que o sinal soou para o fim da nossa sessão no Complexo Mágico, nos avisando que precisávamos sair dali o mais rápido possível.

"Não preciso de sorte. Sou Rosalie Oscura," provoquei antes de me afastar dele e sair das árvores.

Parei na beira da minha pequena floresta e fiz beicinho enquanto olhava para o refúgio mágico perfeitamente esculpido que eu havia construído. Juro que nos fazer destruir tudo o que criamos no final de cada sessão era uma tortura por si só. Eu odiava ter que desfazer a magia que passei a última hora e meia

criando sem nenhum outro motivo além de uma regra idiota. *Idiotas*...

"Alfa! Você tem um minuto?" Chamou Sonny, e eu me virei para ele com um sorriso enquanto ele se aproximava com uma novata ao seu lado.

Meu queixo se ergueu com interesse ao reconhecer outra da minha espécie instantaneamente, e a maneira como ela se portava com uma arrogância confiante me dizia que ela era forte. Supostamente, eu e Ethan deveríamos estar competindo para conseguir os Lobos mais fortes que apareceram em Darkmore para se juntarem às nossas matilhas, mas com toda a minha atenção voltada para a fuga, eu joguei essa tarefa para Sonny. Ele então me apresentaria a qualquer um que valesse a pena.

"Ei," eu disse, meu olhar percorrendo a novata enquanto ela encontrava meu olhar e o segurava.

A loba em mim se animou com o desafio e meu lábio quase se abriu com um rosnado de advertência antes que ela baixasse o olhar em deferência e eu sorrisse. A garota tinha coragem, mas também tinha bom senso.

"Esta é a Laura," disse Sonny. "Ela está procurando uma matilha e, obviamente, a nossa é a única com a qual vale a pena se preocupar aqui, então ela veio ao lugar certo."

"Supostamente, os Oscuras são os melhores, então essa me pareceu a escolha certa," disse Laura, confiante. "Supondo que vocês não sejam todos mentirosos, é claro."

Dei uma risada e arqueei uma sobrancelha. "Com certeza somos os melhores. O que significa que o nível de exigência é alto para a iniciação. Acha que consegue acompanhar se correr com a

gente?”

“Por favor. Sempre que vou à casa do meu bebê, tenho que correr como o vento para escapar do FIB. Nunca conheci um Lobo tão rápido quanto eu,” disse Laura com um sorriso arrogante.

“Por que você tem que escapar do FIB quando vai à casa dele?” Perguntei curiosamente.

“Bem... tecnicamente ele é casado, então nosso amor tem que permanecer em segredo. Tivemos um caso selvagem e sensual num fim de semana, quando minha Academia encontrou a dele para um torneio de Numerologia anos atrás, o que teria terminado em um laço de companheiros se a lua estivesse cheia e estivéssemos lá fora. Mas tivemos que esconder o que tínhamos porque ele tinha *obrigações* devido à sua identidade,” ela baixou a voz e olhou ao redor como se alguém pudesse estar nos ouvindo. “Ele é meio famoso, sabe?”

“Ah, é?” Perguntei curiosamente, mas ela fez mímica de fechar os lábios.

“Eu nunca vou contar. Vou protegê-lo com tudo o que tenho, porque o nosso amor é puro e inquebrável. É por isso que tenho que me manter escondida. Nosso amor está constantemente sendo frustrado por aquela vagabunda com quem ele se casou, que chama a polícia e conta mentiras sobre mim, mas estamos destinados. Companheiros Elysian. Esses são apenas os testes que as estrelas nos prepararam, mas logo ele virá atrás de mim e me tirará daqui, e então teremos nosso momento divino, e se aquela babaca safada, possessiva, chupadora de bundas, manipuladora e bloqueadora de xoxotas com quem ele se casou não se afastar, então estou totalmente pronta para cortar uma

filho da puta...”

“Ela é muito rápida,” interrompeu Sonny, enquanto Laura parecia prestes a surtar e começar a esfaquear alguém. Eu com certeza não gostaria de ser o único a ficar entre ela e seu “bebê,” mas também estava com a sensação de que o cara em questão talvez nem soubesse que estava em um relacionamento com ela. Embora eu já tivesse assassinos e incendiários na minha matilha, dificilmente poderia ser exigente com a possibilidade de uma perseguidora se juntar a mim, e ela parecia bem durona.

“Bem, enquanto você espera que seu amor venha te buscar, não custa nada tentar ser da melhor matilha desse lugar,” eu disse, tomando cuidado para não deixar transparecer nenhuma das minhas dúvidas sobre a realidade do relacionamento dela com seu ‘bebê’.

“Tentar?” Laura perguntou como se esperasse entrar sem todo esse incômodo e, com aquele nível de confiança, eu estava disposta a apostar que ela seria iniciada assim que tivéssemos a chance de correr juntos no Pátio da Ordem, embora se ela achasse que poderia me vencer, então ela teria uma corrida infernal.

Senti o olhar de Ethan em mim como um toque físico e olhei para cima para encontrá-lo olhando carrancudo para mim, então lhe lancei um sorriso provocador.

“É. Não posso arriscar que nenhuma vagabunda comum como os Lobos que Shadowbrook cerca entre na minha matilha, então precisamos garantir que você consiga acompanhar. Mas não se preocupe – tenho a impressão de que uma garota acostumada a correr o FIB em círculos tem tudo para se tornar uma Oscura,” eu

disse a ela.

Laura sorriu como se soubesse que também tinha ganhado, e Sonny passou um braço ao redor dela enquanto a puxava para longe.

Ethan assobiou para chamar a atenção de Laura enquanto passavam por ele, mas ela se virou como se ele fosse irrelevante para ela, e meu sorriso se alargou. A garota sabia o valor da lealdade e não tinha medo do grande e mau Lunar. Tive a sensação de que ela se encaixaria perfeitamente conosco.

Voltei meu olhar para a minha floresta mágica com um suspiro e me preparei para desfazer a magia que usei para criá-la. Era tão frustrante. Como se nada do que eu fizesse ali tivesse qualquer propósito ou longevidade. Como eu poderia me orgulhar da minha magia se sabia que ela teria que ser destruída em poucas horas depois de criá-la o tempo todo?

“Por que tão triste, garota selvagem?” A voz profunda de Sin desviou minha atenção da vista do meu pequeno santuário na floresta, e me virei para olhá-lo por cima do ombro no momento em que ele se aproximou de mim e passou os braços em volta da minha cintura.

“O que você está fazendo?” Rosnei, afastando suas mãos de mim, mas ele apenas aumentou o aperto, seus braços grossos e musculosos me prendendo contra seu peito largo enquanto ele ria.

“Não me faça implorar, gatinha, acabei de passar uma semana no buraco com nada além de uma parede fria e dura para me aconchegar, e você sabe como a minha espécie precisa de contato físico. Podemos fazer uma troca se combinar mais com a

sua personalidade Alfa, mas deixe-me te dar um carinho primeiro."

"Seu pau está esfregando na minha bunda," apontei enquanto cedia. De qualquer forma, havia lugares muito piores no mundo onde uma garota poderia se encontrar do que nos braços de Sin Wilder.

"É. Mas você gosta, então está tudo bem," ele ronronou, rolando os quadris de um jeito que não poderia ser natural para um cara do tamanho dele e me fazendo ofegar quando seu pau duro pressionou bem entre as minhas nádegas.

Roary escolheu aquele momento para sair das árvores e ergueu uma sobrancelha para mim nos braços de Sin antes de se aproximar e estender uma bolha silenciadora sobre nós.

"Sabe, se você quer deixar Ethan com ciúmes, não precisa ser tão óbvio," ele disparou, parecendo meio irritado, mas eu não ia cair na lábia dele. Se ele não me quisesse, não teria a mínima escolha sobre quem eu escolheria em vez dele.

"Ethan?" Perguntei confusa.

"Ele está logo atrás da gente, docinho, e se raiva e ciúme pudessem alimentar meu monstro, eu já estaria bem abastecido," brincou Sin antes de me virar para olhar para Ethan, que estava parado no meio de sua matilha, nos encarando. Eu presumi que ele tinha ido embora depois que Laura o dispensou, mas aparentemente ele ainda estava me observando e eu não sabia como me sentir sobre isso.

Sin levou a boca até meu pescoço, me beijando e fazendo um arrepio percorrer minha espinha enquanto eu arqueava as costas contra ele.

“Pare,” protestei, mas a maneira como eu apertava seus braços com força em volta da minha cintura dizia algo mais como “não pare”. *Ah, tudo bem.*

Por um momento, Ethan pareceu prestes a surtar, se transformar em um Lobo e me arrancar dos braços de Sin. Mas então aquela troll, Harper, se aproximou, pegou sua mão e foi na ponta dos pés para beijá-lo. Ele virou a bochecha no último segundo para que ela não tocasse em sua boca, mas a fúria que aquele pequeno ato despertou em mim foi instantânea e me encheu de intenções assassinas.

Eu me joguei para a frente com um rosnado possessivo saindo da minha garganta, e o aperto de Sin se fechou com mais força enquanto eu tentava me soltar dos seus braços. Ele me girou de volta como se eu não pesasse nada e prontamente me escondeu da vista daquela vadiazinha conivente e do meu companheiro traidor e indesejado.

“Foda-se ele,” cuspi antes de mudar para o idioma Faetaliano enquanto perdia a cabeça e Roary ergueu as sobrancelhas, surpreso, como se não soubesse que eu podia xingar daquele jeito.

“Calma, selvagem,” Sin ordenou enquanto lutava para me segurar, e eu considerei seriamente usar minha magia para escapar de suas garras e ir dar uma surra na cara de uma vagabunda. “Acredite, seu garoto não sente nem um pingo de tesão por aquela garota. Eu consigo sentir. Ele a quer perto do pau dele tanto quanto quer uma horda de vespas furiosas perto dele. Mas se você quer que ele se sinta tão mal quanto está se sentindo agora, então sugiro que volte a me foder sem dó. Ou

podemos tirar as roupas e eu posso fazer você gritar meu nome tão alto que você esqueça o dele? Não sei o que você acha de exibicionismo?"

"Pelo amor da lua," murmurou Roary. "Só tira as mãos dela para a gente poder voltar para dentro antes que os guardas nos punam por perder tempo." Ele estendeu a mão para mim como se esperasse que eu simplesmente me afastasse de Sin e corresse porque ele tinha acenado.

"Vai lá, Roar," eu disse, com a raiva que sentia pela situação com ele dando um tom de 'foda-se'. "Estou bem aqui, obrigada."

O olhar de Roary se estreitou em Sin enquanto ele desabotoava casualmente alguns botões do meu macacão, aninhando-se no meu pescoço, de modo que sua barba por fazer me arrepiou deliciosamente. Parei seu avanço nos botões, mas a coisa do pescoço me fez sentir muito bem, e era tão bom ser abraçada por alguém que me queria e não tinha medo de dizer, então não fiz nenhum movimento para impedir.

"Sério?" Roary perguntou, lançando-me um olhar sarcástico que dizia que eu o estava irritando. Mas o que ele queria de mim?

"Por que você se importa?" Perguntei a ele e Sin riu como se soubesse a resposta.

"Não," respondeu Roary. "Mas duvido seriamente que seu primo queira que eu a deixe aqui com *ele*."

"Como se o Dante tivesse alguma base para andar com pessoas questionáveis," brinquei. "Além disso, eu só preciso desconstruir minha magia. O que você acha que vamos fazer com dois minutos de sobra que são tão preocupantes?"

“Isso é um desafio, gatinha?” Sin perguntou num tom que me fez tremer. “Porque eu prometo que posso fazer com que sejam os dois melhores minutos da sua vida.”

Roary murmurou algo que não ouvi e se afastou em direção à multidão de detentos que voltavam para a prisão. Sin me girou em seus braços, então fiquei olhando para ele.

“Quer ajuda para destruir sua linda floresta, menina selvagem?” Perguntou ele, com o mesmo brilho nos olhos de quando sugeriu libertar o Beloriano. Aquilo deveria ter me aterrorizado, mas também havia algo meio emocionante naquilo.

“Por que sinto que devo dizer não a isso?” Perguntei enquanto ele sorria maliciosamente.

“Porque a sociedade passou anos tentando te fazer se conformar às regras de propriedade social que tornam a vida chata pra caramba. Mas você não quer dizer não porque, no fundo, você é tão selvagem quanto eu e quer ver o mundo queimar ao meu lado.”

“Sinto que vou me arrepender disso,” eu disse, mas também estava sorrindo, pois seu humor pedia companhia.

“Sem chance, garota selvagem, eu te peguei.” Sin virou de costas e deu um tapinha no ombro para que eu pulasse, e eu o fiz rindo, passando os braços em volta do seu pescoço e as pernas em volta da sua cintura. “Não me solte,” ele avisou antes de voltar para as árvores.

No momento em que alcançamos a pequena cavidade no centro delas, Sin ergueu os braços e chamas se acenderam em seus dedos. Com um movimento rápido dos pulsos, elas se afastaram dele, atingindo as árvores mais próximas, que se

incendiaram instantaneamente.

As chamas se espalharam rapidamente, saltando de galho em galho até que estávamos completamente cercados e eu respirei fundo de alegria enquanto ele transformava as chamas em um inferno, direcionando sua Magia do Ar ao nosso redor para atiçar as chamas e nos envolver no centro do fogo violento.

As chamas queimavam intensamente, a cor dançando entre laranja, vermelho e até azul sob seu comando, enquanto devoravam tudo ao nosso redor e destruíam tudo em uma demonstração de magia tão poderosa que fez meu coração disparar.

Sin começou a rir enquanto as chamas se aproximavam cada vez mais de nós e eu sabia que realmente deveria estar com medo, mas de alguma forma eu estava tão envolvida na beleza e no poder bruto de sua magia que a adrenalina correndo em minhas veias me iluminou tão intensamente quanto as próprias chamas.

O som do fogo crepitante era ensurdecedor e mordi o lábio enquanto olhava ao redor para a destruição que Sin causava com tanta facilidade. Era mais do que apenas um elemental de fogo flexionando seus músculos mágicos; aquelas chamas eram a personificação da criatura selvagem e temperamental abaixo de mim. Elas podiam ser tão mortais quanto sedutoras.

Quando o fogo finalmente se apagou, não havia mais nada da pequena floresta que eu havia cultivado com meu poder, as últimas cinzas varridas por uma brisa que ele havia criado. Desci de suas costas e segurei sua mão na minha.

Sin se virou para me olhar com um brilho escuro e perigoso nos olhos que fez meu sorriso aumentar.

“Doze! Oitenta e oito!” Latiu Cain do outro lado da cerca que cercava o Complexo Mágico. “Voltem para as celas ou vou mandar vocês dois de volta para o buraco.”

Texugo de merda.

“Claro, capitão,” gritou Sin, agarrando-me e jogando-me por cima do ombro antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedi-lo.

Eu ri enquanto ele corria de volta para a saída, por onde os últimos presos estavam passando pelas portas, e a Oficial Lucius usou seu controle remoto para reativar nossas algemas, bloqueando nossa magia antes de chegarmos às portas.

Sin me carregou direto para perto de Cain, que latiu uma ordem para me colocar no chão, e eu me contorci em suas mãos para fazê-lo obedecer. Eu não duvidaria que Cain nos jogasse no buraco de novo se ele pudesse inventar uma desculpa boa o suficiente, e eu não pretendia dar uma a ele.

“Você quer voltar para a minha cela e me deixar tirar esse poliéster de você, selvagem?” Sin perguntou em um tom baixo, que na verdade não era tão baixo assim, o que nos rendeu um olhar furioso do Oficial Idiota.

“Isso é muito tentador,” concordei, mesmo sabendo que eu não tinha permissão para entrar no bloco de celas dele. “Mas acho que quero um encontro primeiro. E, infelizmente, não tenho tempo para um com você agora.”

Sin franziu a testa para mim como se eu tivesse acabado de falar uma língua estrangeira. “Um encontro?” Perguntou ele.

“É, sabe, duas pessoas se encontrando e vendo se realmente

gostam uma da outra antes de transar. Ouvi dizer que às vezes pode até ser divertido," provoquei.

"Você... quer namorar comigo?" Sin franziu a testa ainda mais e eu revirei os olhos.

"Por que não?"

"Tudo bem, da próxima vez que estivermos no Pátio da Ordem, usarei meus dons para me tornar seu perfeito..."

"Não," interrompi-o, porque estava começando a ficar curiosa para saber quem era o verdadeiro Sin Wilder, e era muito fácil para ele usar uma máscara quando tinha acesso aos seus dons. "Não no Pátio da Ordem. Vamos ver se conseguimos nos divertir sem que as nossas Ordens tomem conta. Certo?"

"Não sei bem por onde começar a namorar alguém, gatinha," ele provocou, mas havia um olhar em seus olhos que eu quase queria chamar de vulnerabilidade se isso não fosse completamente insano.

"Bem, vamos começar com um jantar e partir daí."

Sin abriu a boca para responder, mas de repente Cain abriu caminho entre nós. "Não estou aqui para supervisionar vocês dois fazendo planos para casos românticos," rosnou ele. "Vamos, Oitenta e Oito, vou garantir que você volte para a sua cela rapidamente." Ele empurrou Sin em direção à escada com tanta força que o Incubus quase caiu dos degraus.

"Ciúmes, oficial?" Ele provocou enquanto se virava e corria para longe do rosto zangado de Cain. O Vampiro disparou atrás dele com um rosnado de raiva e eu sorri para mim mesma enquanto as gargalhadas de Sin ecoavam até mim enquanto ele

continuava correndo.

“Continue andando, Doze,” disse Hastings enquanto se aproximava de mim e eu me virei para ele com um sorriso largo enquanto começava a andar ao seu lado.

“Você veio me levar de volta para a cama, oficial?” Perguntei em tom de provocação, e o canto dos seus lábios se contraiu, divertido, antes que ele controlasse a expressão.

Mas ele estava na retaguarda do grupo e não havia outros oficiais por perto, então eu sabia que conseguiria fazê-lo ceder com a alavanca certa.

“Você tem tarefas de trabalho a seguir,” ele me lembrou.

“Eu não,” discordei com um pequeno suspiro. “Não me deram nada para fazer desde que saí do buraco.”

“Cain não lhe transferiu algumas tarefas?” Ele perguntou curioso.

“Não,” respondi, dando de ombros, aproximando-me um pouco mais dele, de modo que meu braço roçasse no dele. “Acho que ele tem estado sob muita pressão da Diretora Pike ultimamente, então não queria fazer alarde. E não sabia com quem mais conversar sobre isso.”

Diminui o passo para que os outros presos pudessem nos ultrapassar e, depois de alguns lances de escada, estávamos praticamente sozinhos.

“Bem... se o Oficial Cain não teve tempo de lhe designar uma turma de trabalho, eu poderia dar um jeito nisso. Afinal, sou seu Oficial de Apoio e não me importo de assumir algumas tarefas para aliviar a carga dele,” sugeriu Hastings, e eu cantei uma

canção de vitória só na minha cabeça.

“Você faria isso mesmo, *ragazzo del coro*?” Perguntei, colocando a mão em seu braço e piscando por um instante. “Topa qualquer coisa.”

“Err...” Hastings pigarreou e eu retirei a mão enquanto continuava descendo as escadas, seguindo o padrão do flerte sem dar a impressão de que estava fazendo uma proposta. “Tem alguma coisa com a qual você seja particularmente adequada?”

“Ah, não sei... ninguém nunca me perguntou isso antes. Meu pai sempre me obrigava a fazer os trabalhos que ele odiava, e acho que nunca tive muita oportunidade de escolher algo em que eu pudesse ser bom, sabe? A única coisa que eu realmente amava era ler. Mas não acho que isso seja um trabalho,” ri com desdém, e Hastings sorriu para si mesmo.

“Acho que posso ter a ideia perfeita,” disse ele. “Há um novo trabalho começando na semana que vem que pode ser perfeito. Mas vou ter que falar com Cain antes de confirmar.”

Chegamos ao quarto andar, onde ficavam os blocos de celas, e eu lhe dei um sorriso animado. “Tenho certeza de que seja lá o que for, será melhor do que ficar sentada na minha cela contando os tijolos pela centésima vez. Obrigada, ragazzo del coro.”

Um leve rubor coloriu as bochechas de Hastings e eu mordi o lábio antes de desviar o olhar novamente. Enquanto caminhávamos pelo corredor em direção ao Bloco D, conversamos um pouco sobre Pitball e fiz questão de ressaltar como seus ombros largos deviam torná-lo quase imparável na defesa, possivelmente insinuando que ele poderia tentar me atacar se tivéssemos a chance um dia. Totalmente inocente – a menos que

ele quisesse interpretar de forma diferente por algum motivo.

Assim que chegamos às portas do meu bloco de celas, Cain reapareceu num borrão de movimento e me arrastou para longe de Hastings.

“Não se esqueça da sua sessão de terapia em grupo amanhã, Doze,” ele rosnou enquanto me conduzia em direção às portas do bloco de celas. “Estarei lá para observar, então certifique-se de que você esteja se comportando da melhor maneira possível.”

“Por favor, me diga que é só um bando de detentos falando besteira e que não precisamos ler nada,” eu gemi enquanto o deixava me puxar pela ponte até o meu bloco de celas.

“Qual é o seu problema com leitura?” Ele perguntou franzindo a testa e eu dei de ombros como se não quisesse dizer nada, mas respondi do mesmo jeito.

“Nada pior do que revirar um monte de livros velhos e empoeirados,” murmurei. “Tem certeza de que não existe um tratamento correcional mais físico que eu possa fazer?”

“O objetivo de corrigir seu comportamento é que queremos mudar as coisas que você faz. Então, não, não há um caminho mais físico que você possa seguir, e se questionar minha opinião sobre o que é melhor para você novamente, eu vou te dar uma infração. E talvez, se você odeia tanto livros velhos e empoeirados, eu devesse considerar quais caminhos envolvem mais deles? A menos, é claro, que você queira me contar mais sobre o que estava fazendo na noite em que te joguei no buraco?” Perguntou Cain, aquela veia raivosa em sua têmpora voltando à vida só para mim.

“Não, senhor,” respondi docemente.

“Ótimo. Talvez você finalmente esteja aprendendo seu lugar.”

Ele se virou e disparou para longe de mim para garantir que teria a última palavra, e eu observei a ponte ser recolhida e as portas trancadas com um sorriso irônico no rosto.

Se não me engano muito, acabei de conseguir um trabalho reabastecendo a biblioteca. Ponto um para Rosalie e zero para o Oficial *Stronzo*.



A Diretora Pike teve a ideia genial de tornar minha vida ainda mais infernal ao decidir que eu deveria moderar Doze em sessões de terapia em grupo para que eu pudesse entendê-la melhor para o meu relatório. Eu nunca tinha passado tanto tempo perseguindo uma detenta antes. Mas com todas as novas regras que ela estava implementando, os novos detentos estavam recebendo atenção especial para tentar colocá-los no caminho da reabilitação e de volta à sociedade.

Pessoalmente, eu não achava que monstros pudessem ser reabilitados; eles nasciam, eram criados ou feitos exatamente como eu. Eu não conseguia arrancar a escuridão dentro de mim tão facilmente quanto arrancar meu próprio coração e continuar vivendo. Era simplesmente quem eu era. E a maioria dos criminosos estava ali por um bom motivo. Se eu estivesse no comando, estaria inclinado a jogar fora a chave de todos eles também. Mas imaginei que houvesse alguns que valessem a pena salvar e Rosalie Oscura por acaso estava entre eles. Talvez Pike pudesse sentir que ela não era uma criatura sanguinária que deveria ser mantida longe das ruas a todo custo. Talvez ela tenha

visto o que eu vi: uma garota que não pertencia àquele lugar.

Então, sentei-me no fundo da sala de terapia, onde vinte detentos estavam reunidos em cadeiras, em círculo. Rosalie estava entre eles, esperando enquanto todos se revezavam para falar sobre uma experiência difícil do passado. Ela passara a maior parte da aula ouvindo os colegas de cela com interesse, parecendo genuinamente respeitosa com a situação difícil pela qual alguns deles haviam passado.

O detento número Cento e Vinte e Um estava de pé ao lado dela, o enorme Shifter Urso que as pessoas chamavam de Pudding. Embora seu nome, segundo sua ficha, fosse Nigel Moonsythe. Todos na sala estavam morrendo de tédio com a história que ele contava a mil por hora. Era uma tortura.

"... claro, isso foi na época em que eu tinha minha coleção de colheres. Quatrocentas e vinte e oito colheres de prata feitas na época do Rei Selvagem. Ele não tinha apenas colheres com seu emblema. Havia todos os tipos de facas também. Facas de almoço, facas de bife, facas de jantar, facas de manteiga, facas de peixe, facas de sobremesa..."

"E o que foi traumatizante nessa história, Nigel?" Perguntou a Sra. Gambol. Ela era a terapeuta da prisão, uma Shifter Ovelha Rustiana com cabelos brancos cacheados e traços delicados, além dos olhos grandes.

"Bem, como eu ia dizendo," continuou Pudding. "Minha coleção de colheres de prata era meu tesouro mais valioso na época, mas meu irmão Theodore estava de olho nela há muitos anos. Ele estava sempre atrás das minhas colheres. E um dia... ele as conseguiu." Ele suspirou profundamente. "E foi muito,

muito, muito... *muito* traumatizante."

Ele sentou-se novamente e um preso bateu palmas enquanto todos os outros permaneceram em silêncio até ele parar.

"Bem, isso parece béééssimo," disse a Sra. Gambol, com a voz soando como a de uma ovelha na última palavra. "Obrigada por compartilhar." Ela apontou para o próximo cara e senti todos na sala reprimirem um gemido, junto comigo, quando Vinte e Quatro se levantou. Ou Plunger, como todos o chamavam.

"Bem, eu tenho uma história péssima," anunciou Plunger.

"Nossa, é realmente béééssimo?" Perguntou Gambol, arregalando os olhos.

"Totalmente, senhora," concordou Plunger, ajustando o material em volta da virilha. "Veja bem, meu pai era um cara meio malvado. Ele sempre dizia que eu estava errado, costumava me fazer dormir no celeiro. Toupeiras Polethius emergem jovens em sua Ordem e tendem a se dispersar de suas famílias antes mesmo de sua magia ser Despertada. Então, me acostumei a ficar longe da minha família, ficando no celeiro a maior parte do tempo. Enfim, um cara chamado Jimmy, da minha escola, costumava vir e trazer amigos para o celeiro e beber Moonshine. Ele não falava comigo na aula, mas sempre que trazia pessoas, me deixava observá-las dos palheiros, desde que eu ficasse quieto. Uma vez, Jimmy trouxe um pote enorme de sorvete de chocolate para o celeiro que já estava começando a derreter no ar ameno da noite. Eu tenho um carinho par-ti-cu-lar por sorvete de chocolate," ele ronronou, e algo no jeito como ele disse me arrepiou. "Ele colocou o pote no chão enquanto todos começavam a se divertir, e eu imaginei que era um bom momento para finalmente fazer com que

gostassem de mim. Eu estava esperando o horário nobre, pensando em como poderia impressioná-los. E descobri um jeito que definitivamente os conquistaria." Ele sorriu, e a visão me fez me remexer desconfortavelmente na cadeira. "Ninguém nunca me prestou muita atenção, então, quando desci do palheiro e tirei a roupa para mostrar meu truque de festa, eles só perceberam que eu estava atrás deles quando gritei."

"Eles riram de você?" Perguntou Gambol com uma carranca triste.

"Não, senhora," disse Plunger, erguendo o queixo. "Eles observaram em silêncio enquanto eu abria a tampa do pote de sorvete do Jimmy e molhava meu palito naquela delícia gelada. Então me levantei com o sorvete cobrindo meu pau e me inclinei, lambendo cada pedacinho... sou muito flexível, entende?" Ele se inclinou, imitando o que tinha feito naquele dia, acrescentando ruídos de sucção que fizeram a bile subir pela minha garganta.

"Pela lua do caralho," murmurei enquanto Gambol fazia anotações frenéticas em seu Atlas e todos o encaravam com horror e desgosto.

Doze afastou a cadeira da dele, o que já era um feito, pois ela já a havia afastado o máximo possível quando se sentaram, e teve que forçar o cara na cadeira ao lado a se afastar também. A expressão de repulsa absoluta em seu rosto refletia precisamente meus próprios pensamentos sobre aquela história e, por meio momento, enquanto ela encontrava meus olhos, parecia que estávamos compartilhando algo. Claro, seu lábio se curvou um segundo depois, me lembrando de que ela me desprezava tanto quanto Vinte e Quatro, e eu me amaldiçoei pelo pensamento

errante e inútil enquanto ela desviava o olhar como se eu significasse menos que nada para ela. Que era como eu queria. Obviamente.

“Ninguém mais veio ao celeiro depois disso, então acho que fiz errado,” disse Plunger com tristeza enquanto se endireitava. “Aperfeiçoei meu truque de festa desde então, então nunca mais vou errar. Se houver algum pedido, terei o maior prazer em atendê-lo...”

“Obrigada,” disse Gambol rapidamente. “Por compartilhar. Mas vamos falar da Rosalie agora.” Todos pareceram gratos quando Plunger se sentou e eu olhei para Doze, cujo nariz ainda estava franzido de desgosto. Ela me encarou por um instante e minha garganta endureceu quando ela se levantou e se virou para Gambol.

Ela torceu os dedos, parecendo nervosa, e isso chamou minha atenção como se ela tivesse acabado de agarrar um punhado do meu cabelo. Sentei-me mais ereto, franzindo a testa enquanto ela começava a história.

“Bem... quando eu tinha doze anos, tive que morar com minha madrasta por um tempo. Meu pai se casou com ela por impulso e eu nunca a tinha conhecido antes, mas eu estava animada para ter uma figura materna na minha vida. No começo, minha madrasta parecia legal. As coisas estavam bem. Eu costumava ajudá-la com as tarefas. Ela morava em uma fazenda, então sempre havia trabalho para fazer e eu queria ajudar. Mas ela tinha duas filhas um pouco mais velhas que eu, e elas costumavam rir das minhas roupas sujas no fim do dia, embora eu tentasse rir junto, querendo que elas me amassem como eu

tentava amá-las. Depois que meu pai morreu, minha madrasta parou de se esforçar comigo. Ela nunca me deu dinheiro para comprar nada novo e, depois de alguns meses... minhas roupas eram apenas trapos. E quando ela começou a me fazer dormir no sótão... as coisas pioraram."

Meu estômago se revirou bruscamente e a marca de maldição em meu pulso começou a latejar enquanto eu olhava em seus olhos e ela piscou para conter a umidade que os cobria.

"Era tão frio lá em cima," murmurou Doze, observando os dedos enquanto eles se apertavam mais. "E havia ratos morando nas paredes. Eles foram meus únicos amigos por um tempo... eu costumava conversar com eles e fazer roupas para eles com retalhos que encontrava, o que parece tão bobo agora. Quanto mais tempo eu ficava lá, mais malvadas minhas irmãs ficavam, e minha madrasta me fazia trabalhar mais. Eu tinha que acordar antes do amanhecer e limpar os porcos e os cavalos antes de preparar o café da manhã para as três. No inverno, a neve era tão profunda que, embora minha madrasta tivesse Magia do Fogo, ela nunca me emprestou nada para me aquecer. Havia buracos nos meus sapatos e a neve entrava até eu não conseguir mais sentir meus pés."

"Ah, isso é muito triste," disse Gambol e Doze deu de ombros, fazendo meu coração parar na garganta.

Eu queria estrangular as pessoas que tinham feito aquilo com ela, despedaçá-las membro por membro. Meu sangue fervia só de pensar nisso e senti minhas presas picando minha língua.

"Depois de alguns anos, acho que me acostumei," continuou Doze. "Eu estava sempre sozinha... mas às vezes cantava só para

me fazer companhia."

Eu não sabia que ela sabia cantar...

"Às vezes eu juro que os ratos cantavam de volta," ela riu, mas havia uma tristeza nisso que me doeu. "Enfim, um dia recebemos uma carta pelo correio nos convidando para uma festa. Ela mencionava especificamente que todos os membros da casa deveriam comparecer, e sonhei por anos como seria ir a algo assim. Conhecer outras pessoas... fazer amigos. Consegui fazer um vestido usando o tecido que tínhamos na sala de costura e, embora não fosse perfeito, era bom o suficiente para que eu soubesse que passaria por respeitável. Na noite da festa, eu estava tão animada que desci para ir embora com minha madrasta e minhas irmãs, mas elas..." ela começou a chorar e eu juro que prendi a respiração por um minuto inteiro. "Disseram que eu não podia ir. E que eu estava horrível com o vestido que eu tinha feito. Fiquei tão humilhada..." ela enxugou os olhos e a Sra. Gambol fez uma anotação na prancheta, balançando a cabeça tristemente. "Mas depois que eles foram embora, do nada, minha madrinha bateu na porta com uma abóbora nos braços e..."

"Espera aí, porra," eu gritei, a ficha caindo na minha cabeça como se fosse uma maldita máquina caça-níqueis. *Eu sou um idiota do caralho.*

Levantei-me do meu assento, as pernas rangendo ao serem empurradas pelo chão de madeira atrás de mim, atraindo a atenção de todos na sala. "Você está contando a história da Cinderela." Apontei um dedo acusador para Doze e ela abriu os lábios, parecendo ofendida.

"Não estou!" Ela ofegou, virando-se para a Sra. Gambol. "Ele

costuma vir aqui nos acusando de mentir?" Ela levou a mão ao coração como se estivesse horrorizada comigo por eu ter falado daquelas besteiras. Mas eu não ia deixar isso escapar.

"Ah, b-bem, ele normalmente não está presente. É para o relatório dele," gaguejou a Sra. Gambol, encolhendo-se sob meu olhar furioso.

"Ela está te zoando, Barbara," eu disse à terapeuta idiota que estava absorvendo tudo. "É isso que ela faz." Virei-me para Rosalie, mostrando as presas. "Eu vejo através de você, Doze. Se você não cooperar nesta aula, vou te dar uma infração com Pike. Último aviso."

Doze teve a audácia de continuar com uma expressão mortificada, encolhendo-se novamente na cadeira e esticando um pouco o lábio inferior. Então, soltou um soluço que fez até Plunger franzir a testa, solidário.

"… *Sério*, oficial," disse Gambol severamente, erguendo os olhos para mim enquanto tentava não perder a coragem. "Este é um espaço seguro para os internos. Você não pode interrompê-los, acusá-los ou qualquer coisa do tipo. Vou mencionar isso a diretora se você tiver outro ataque de nervos."

Meus dentes estalaram e ela se encolheu quando meu olhar predatório a perfurou. Mas a Sra. Gambol faria isso. Eu podia ver em seus olhos. Então eu tinha que torcer para que Doze tivesse entendido a mensagem.

"Tudo bem," rosnei, voltando para meu assento e me jogando nele com um rosnado.

A marca de maldição no meu pulso coçava e queimava, e o fogo começava a invadir meus membros. Lancei um olhar furtivo

para a marca e o medo me invadiu ao vê-la crescendo mais acima no meu braço. Puxei a manga para baixo e travei o maxilar, tentando me concentrar em qualquer outra coisa. Mas quando a próxima detenta se levantou e Doze interrompeu seu choro falso por tempo suficiente para me lançar um sorriso malicioso, perdi a cabeça.

“Saia!” Gritei, levantando-me do meu assento e conduzindo-a para fora da sala.

“Oficial Cain,” Gambol ofegou. “Você não pode simplesmente... simplesmente...”

“Sou o agente penitenciário dela, então posso fazer o que eu achar melhor para ela.” Marchei em direção a Doze, agarrando seu braço e arrastando-a pela sala, praticamente chutando a porta enquanto a puxava para o corredor. Não parei por aí, arrastando-a por um canto, longe da vista das câmeras, antes de jogá-la contra a parede e bater com as mãos em cada lado da sua cabeça.

Ela riu descontroladamente, jogando a cabeça para trás, e esse som deixou meu pau duro como uma rocha antes mesmo que eu pudesse tentar me controlar.

Levei a mão à garganta dela, minha raiva tão intensa quanto minha luxúria naquele segundo, e a prendi contra a parede, apertando com força suficiente para chamar sua atenção. “Estou farto das suas mentiras,” sibilei. “Estou farto da sua manipulação.”

“Então, o que você vai fazer?” Ela perguntou amargamente. “Vai me estrangular até a morte?”

Soltei sua garganta, meu olhar pousando onde seu pulso

pulsava contra sua carne, minhas presas ansiando por uma mordida. Seu sangue me chamava como nenhum outro. Eu não havia provado nada tão doce desde ela. Todas as outras fontes de sangue tinham gosto de papelão em comparação.

"Ou me morder?" Perguntou ela, com a voz gélida. "Você vai tirar o que quer de mim, Mason? Vai me obrigar a te dar mesmo sem eu poder me defender? Isso é muito impróprio de um Fae..."

Rosnei para ela e a marca no meu pulso começou a arder mais. Eu não ia machucá-la. Era a última coisa que eu queria fazer. Eu só queria... *porra,* eu nem sabia o que queria fazer. Eu estava com tanta raiva dela por me atrair de novo, me fazendo engolir suas mentiras. E o jeito que ela simplesmente sorriu para mim depois, sabendo o quanto ela estava me afetando, trouxe à tona a dor das mentiras anteriores. Como ela me fez pensar que eu significava algo para ela, como ela me usou para o que diabos ela estava procurando.

"O que você estava fazendo na Psiquiatria?" Rosnei. "Se não me contar, talvez eu invente um motivo para te colocar de volta no buraco."

Ela me encarou com um ódio venenoso que me fez ferver. "Tá, quer saber o que eu estava fazendo lá embaixo? Eu estava descobrindo o que seus amiguinhos guardas esquisitos estavam fazendo com os presos que são mandados para lá. O que eles fizeram com a minha *amiga* que foi mandada para lá. E sabe o que eu vi?"

Minha raiva se dissipou enquanto eu a observava, atento às suas palavras. Eu vinha tentando descobrir a sujeira da Psiquiatria há muito tempo. Será que ela realmente tinha entrado

lá e visto o que eles estavam fazendo em primeira mão?

“O quê?” Insisti, com urgência no tom de voz.

“Estão tirando algo deles. Algo vital para caralho, em alguma operação maluca onde cortaram um pedaço deles. Algo feito de luz e energia pura. Como se estivessem cortando a magia deles ou... ou...” ela balançou a cabeça, parecendo enjoada e a emoção brilhando em seus olhos. “E alguns deles morrem. Como minha amiga *morreu*.” Seus olhos se encheram de lágrimas e cada gota de raiva em mim se desfez em nada.

Enxuguei uma lágrima do seu rosto enquanto ela caía e ela olhou para mim surpresa, mas não me empurrou. Então me aproximei, meu peito tocando o dela enquanto a pressionava contra a parede.

“Alguém te viu?” Perguntei com a voz rouca, o medo apertando meu peito. Eu não sabia que porra eles estavam fazendo lá embaixo, mas a imagem que ela pintou me fez temer que ela pudesse ser alvo se soubessem que ela tinha testemunhado o segredo deles.

“Não,” disse ela, com a voz rouca. “Ninguém além de você. A questão é: por que você não avisou a Pike que eu estava lá? Por que está me protegendo?”

A resposta era tão complicada que nem eu sabia como juntar as peças. “Porque eu...”

Ela franziu a testa, levantou o queixo e esperou que eu terminasse a frase.

Porque eu sou um idiota do caralho. Porque eu me importo com você muito mais do que jamais ousarei admitir. Porque não importa

o quanto eu continue dizendo a mim mesmo que você me usou, uma parte de mim ainda espera que tenha sido mais do que isso.

Mas eu não disse nada disso. Engoli em seco e deixei meu olhar se mover para a boca dela. Mas eu não queria mentir. Então contei um pouco da verdade. “Porque eu quero saber o que está acontecendo na Psiquiatria. Pike está encobrindo, tenho certeza. Então, quero que essa informação fique entre nós.”

Ela estreitou os olhos para mim. “Você realmente espera que eu acredite que você não sabe o que está acontecendo lá embaixo?”

“Bem, diferentemente de você, eu não tenho o hábito de mentir na cara das pessoas.”

Ela estalou a língua, me encarando com desdém. “Eu não minto para as pessoas que são importantes para mim.”

Merda. Suas palavras me atingiram como um soco no peito e rosnei sombriamente para ela, o que me rendeu outra onda de dor da marca amaldiçoada. Estar tão perto dela significava que seu sangue estava me chamando em um nível visceral. Eu quase conseguia sentir o gosto doce dele na minha língua enquanto me lembrava de beber dela.

“É isso mesmo, sou só mais um peão no seu jogo,” eu disse em tom áspero. “Mas seja lá o que você quiser de mim, Doze, você não vai conseguir.”

“Mesmo que eu deixe você me caçar?” Ela perguntou com uma voz doce, inclinando a cabeça para um lado como se estivesse me oferecendo seu sangue.

Minha garganta apertou e minhas presas se afiaram enquanto

eu olhava para o pulso na base do seu pescoço delicado.

Meus olhos dispararam pelo corredor e voltaram para ela, minha mente girando e meus pensamentos se turvando enquanto minhas necessidades básicas assumiam o controle. Pelo sol, ela era tentadora. Seria tão ruim tirar sangue dela? Mas mesmo se eu fizesse isso, eu certamente não daria a ela o que quer que ela quisesse. Talvez eu pudesse fazê-la voltar a me deixar caçá-la novamente, deixá-la pensar que eu estava oferecendo qualquer informação que ela quisesse, deixá-la acreditar que eu a ajudaria. Ela já tinha me ferrado o suficiente, eu devia uma pequena revanche. Mas mesmo enquanto minha mente trabalhava na ideia, ela se moveu para o que eu realmente queria, ainda mais do que seu sangue. Eu queria sua boca, seu corpo, seu maldito coração e alma. Eu queria fazê-la minha. Apesar de tudo que eu sabia sobre ela, o quão profundamente ela me cortou. Eu ainda nutria sentimentos por ela que não iriam embora.

“Precisamos ir para outro lugar,” murmurei, então ela deu uma risada fria e cruel, erguendo a cabeça de repente.

“Como se eu fosse deixá-lo beber de mim de novo,” ela cuspiu. “É bom saber o quão forte a sua vontade realmente é, oficial.” Ela se abaixou sob meu braço, dançando para longe de mim na direção de onde tínhamos vindo, e eu me virei, abrindo a boca para berrar com ela, considerando arrastá-la de volta para cá pelos cabelos e puni-la pelo que tinha feito. Minha mão foi até o bastão no meu quadril e meu polegar roçou nele, mas só de pensar em usá-lo nela eu fiz uma careta. A marca da maldição aparentemente concordou quando uma injeção de fogo líquido rasgou meu braço e eu xinguei enquanto dava um passo atrás dela com um rosnado, pretendendo fazer algo para colocá-la na

linha. Mas o quê?

Hastings dobrou a esquina na minha frente e Doze de repente correu em sua direção, jogando os braços em volta do seu pescoço e soluçando alto em seu ombro. Que porra era essa?

“Por favor, você pode me levar de volta para a minha sessão de terapia em grupo?” Implorou Doze. “O Oficial Cain está com muita raiva de mim. Ele me arrastou para fora de lá depois de se recusar a acreditar em uma das experiências que contei à minha terapeuta.”

Ah, lá vamos nós. “Não caia nessa,” avisei a Jack, mas ele teve a coragem de franzir a testa e dar um tapinha nas costas dela.

“Claro, eu te levo para a sua sessão,” ele disse a ela, e ela agradeceu enquanto ele a afastava, mas a deixou agarrar seu braço enquanto ele a conduzia pelo corredor. Ele lançou um olhar severo por cima do ombro para mim e xinguei baixinho. Aquela garota. Aquela *garota do caralho*...

Andei de um lado para o outro no corredor enquanto esperava Hastings mandá-la de volta para a sessão, determinado a consertar as coisas. Eu não tinha feito nada. Não ia ser retratado como um babaca para ele. Como tínhamos tomado algumas cervejas no quarto dele, isso estava se tornando um hábito, e embora eu não o chamasse exatamente de amigo, não queria que ela o virasse contra mim quando ele era o único cara naquele lugar com quem eu falava semi regularmente fora do trabalho.

Quando ela voltou para a sala de terapia, Jack veio até mim, cruzando os braços. “O que foi aquilo?”

“Ah, não me olhe assim, porra. Essa garota é problema,” rosnei.

“Ela me parece meio... fofa,” disse ele, dando de ombros. “Talvez você esteja sendo duro demais com ela.”

Puta merda. Ela também tinha feito uma lavagem cerebral nele. Será que eu tinha ficado daquele jeito quando ela tinha me deixado viciado?

Avancei e bati a mão em seu ombro, fazendo-o me olhar diretamente nos olhos. “Ela está mexendo com a sua cabeça. Não acredite em nada do que ela diz.”

“Por que ela mentiria?” Ele franziu a testa e eu me contive. Eu não podia contar a ele o que sabia, ou estaria admitindo minha própria culpa por tudo o que fiz com Doze.

“Confie em mim,” insisti. “Ela é má ideia.”

Ele suspirou quando me afastei, esfregando seu queixo. “Talvez ela só precise de algo para se ocupar.”

“Como o quê?” Resmunguei.

“Talvez um novo trabalho. Pike precisa de uma equipe para reformar a biblioteca. Pode ser o que ela precisa se você estiver preocupado que ela esteja se comportando mal, chefinho,” disse ele, e meus ouvidos se animaram com isso.

Doze logo voltaria ao trabalho e eu estava preocupado em ter que monitorá-la sozinho de novo no andar de manutenção. E eu com certeza não precisava de mais tempo com ela do que já tinha. Principalmente depois de ter sugerido que poderíamos começar a brincar de caça de novo. Como um idiota de mente fraca. Eu não podia arriscar que isso acontecesse uma segunda vez. Talvez eu quisesse acreditar que era incapaz de me deixar seduzir por ela. Mas eu tinha acabado de provar que isso não era verdade. Nem

um pouco. Além disso, reformar a biblioteca parecia um trabalho tedioso pra caramba que a deixaria louca, principalmente porque ela tinha me contado o quanto odiava livros velhos e empoeirados. Parecia uma situação vantajosa para todos.

“Boa ideia,” eu disse, concordando. “Vou garantir que ela se inscreva.”

“Cervejas hoje à noite?” Hastings perguntou e fiquei feliz por ele ter feito isso.

Assenti, dando-lhe um sorriso forçado, porque aparentemente construir amizades era algo estranho para mim e me transformava em um robô.

“Sim,” forcei a resposta. “Até lá.”

Ele sorriu como se eu tivesse alegrado o dia dele e foi embora, descendo as escadas em sua patrulha. Suspirei ao perceber que era melhor voltar para a sessão de terapia e terminar de tomar notas. Mas jurei pelos céus que, se a Doze começasse com aquela besteira de Cinderela de novo, eu ia pirar.



Cheguei cedo ao refeitório depois da minha emocionante sessão de terapia em grupo e entrei na sala quase vazia com o estômago roncando e sonhando acordada com pizza, hambúrguer e bolo de chocolate. Claro, minha realidade seria algum tipo de coisa processada, barata, rica em carboidratos e de sabor ruim, mas uma garota podia sonhar.

Fui até o balcão pegar minha comida, já que nenhum dos meus Lobos estava lá para fazer isso por mim. Geralmente, eles brigavam para ver quem ia trazer a comida para mim, então eu estava fazendo um favor a eles resolvendo esse problema por um dia. Esse era o tipo de líder altruísta que eu era.

“Espera aí, garota selvagem, pensei que tivéssemos um encontro?”

Virei-me ao som da voz de Sin e o vi caminhando em minha direção, com os braços tatuados à mostra onde ele havia amarrado o macacão na cintura e sua regata branca Darkmore esticada sobre o peito largo.

“Não percebi que tínhamos marcado um horário,” provoquei, esperando que ele se aproximasse enquanto colocava minha

bandeja no início da fila da comida.

“Pensei em te surpreender,” disse ele, aproximando-se de mim e encostando-se na parede. Estávamos efetivamente bloqueando o acesso à fila, mas os poucos Fae que tinham aparecido para comer não eram tolos o suficiente para tentar nos empurrar. “Eu ia te trazer flores, mas você não parece ser do tipo que se deixa levar por clichês, então comprei algo melhor.”

“O quê?” Perguntei, com um sorriso repuxando o canto dos lábios. Só Sin Wilder conseguia me fazer sorrir com tanta facilidade depois de ter que suportar duas horas de terapia em grupo sob o olhar atento de Cain. Felizmente, o turno do Vampiro bastardo já tinha terminado, então não precisávamos nos preocupar com suas orelhas de morcego nos ouvindo.

Sin levou a boca até minha orelha, mordiscando o lóbulo de brincadeira antes de sussurrar minha resposta para que só eu pudesse ouvir. “Ontem, enfiei um cristal de Pedra do Sol na bunda de um Lobisomem para você, lindinha.”

Uma risada escapou dos meus lábios e ele rosnou de brincadeira, como se gostasse disso, suas mãos se fechando em volta da minha cintura enquanto ele me puxava para mais perto.

“Então, ainda está na bunda do Lobisomem ou mudou de casa?” Perguntei, talvez um pouco alegre com a ideia de Ethan andando pela prisão com uma pedra nojenta enfiada na bunda por minha causa. Embora isso só provasse o quanto ele estava disposto a ir para esconder seu envolvimento comigo, o que meio que azedou minha alegria.

“Atualmente, ela está fazendo companhia à minha masculinidade na minha cueca,” respondeu ele. “Sinta-se à

vontade para buscá-lo quando quiser."

"Sério?" Perguntei, imaginando se ele estava apenas tentando me fazer tatear lá embaixo em busca do objeto.

"Bem, não, o Lobisomem em questão parecia querer levar o crédito pelo roubo, embora eu fosse o cérebro por trás da operação. Mas tem outra surpresa escondida lá embaixo que você talvez queira conferir?"

Meu olhar caiu sobre sua virilha e sorri para ele antes de dar de ombros e voltar para minha bandeja.

"Talvez mais tarde," eu disse casualmente enquanto arrastava o plástico marrom pelos pequenos trilhos de metal em direção à escotilha de comida onde os Lobos Lunares tinham disposto as oferendas daquela noite.

Antes que eu pudesse decidir o que queria comer, Sin se inclinou e começou a apontar todas as opções, de modo que o cara que trabalhava atrás do balcão teve que correr para servir tudo. Quando as minhas bandejas e as da Sin estavam empilhadas, fomos até o final da fileira, onde as bebidas e sobremesas estavam esperando para serem pegas.

Peguei um copo e fui enchê-lo de água, mas Sin o arrancou de mim e o colocou em cima do balcão. Ele assobiou bruscamente para chamar a atenção de um dos caras que trabalhavam na cozinha e então ergueu dois dedos para ele.

Franzi a testa para Sin, curiosa, e ele sorriu para mim. "Só o melhor para a minha garota selvagem. Posso não conseguir te levar para passear, mas com certeza vou garantir que você tenha algo bom para beber."

Minha confusão se transformou em excitação quando o cara que Sin tinha chamado apareceu com dois copos de um líquido claro que definitivamente não era água e os entregou.

“Botas para cima, linda,” Sin ordenou, me dando uma piscadela antes de virar o copo inteiro.

O cheiro acre do álcool quase queimou meu nariz quando levei meu copo à boca, mas eu tinha certeza de que não iria desistir do desafio dele.

A vodca queimou completamente antes de se acomodar no meu estômago com peso suficiente para me dar quase certeza de que sentiria seus efeitos em breve.

“Mais um, garçom,” ordenou Sin, e o fornecedor de nossas bebidas resmungou antes de encher novamente nossos copos.

Sin os colocou em nossas bandejas, junto com quatro potes de pudim e quatro potes de frutas para cada um, e então pegou as duas bandejas e nos conduziu até sua mesa de sempre. Se alguém tinha problema com ele pegando muito mais comida do que a quantidade permitida, então definitivamente não ia falar nada sobre isso, e isso já era meio excitante por si só. Quem não gostava de um cara tão assustador que simplesmente fazia o que bem entendia e ninguém ousava reclamar?

“Olha você bancando o Fae gentil,” provoquei enquanto me sentava em frente a ele e ele sorriu para mim.

“Posso te garantir que não fodo como um,” ele rosnou num tom que me convenceu totalmente, mas eu não me importei.

Sorri para ele e abri meu pote de frutas enquanto começava a devorar minhas uvas.

“O que você comeria se não estivéssemos aqui?” Perguntei a ele. “Tipo, uma refeição dos sonhos. A coisa favorita do mundo.”

Sin emitiu um zumbido baixo no fundo da garganta enquanto pensava nisso, enquanto enfiava a comida na boca como se esperasse que acabasse a qualquer momento. “Eu gosto de brownies de chocolate mergulhados em molho apimentado.”

“Sério?” Perguntei, rindo.

“Sim. Não critique antes de experimentar. Quer dizer, eu usaria molho de pimenta em praticamente qualquer coisa agora. É tão difícil para eles colocarem tempero na comida?”

“Talvez seja apenas mais uma forma de tortura. Eles querem nos negar todo pequeno prazer que conseguem.”

“Bem, há uma forma de prazer que eles não podem roubar de nós,” disse Sin, com um sorriso sugestivo. “E podemos nos entregar a ela quando você quiser.”

“Achei que o acordo era que você passaria uma noite comigo depois que a gente escapasse?” Provoquei.

“É sim,” ele concordou. “Mas nunca dissemos que seria a *primeira vez* que ficaríamos…”

Não consegui deixar de rir de como ele era atrevido e, para ser bem sincera, fiquei mais do que um pouco tentada a aceitar a oferta. Havia algo em Sin Wilder que simplesmente me atraía, e eu estava começando a sentir que o vício por ele estava começando a se enraizar em mim.

Eu me forcei a comer um pouco daquela porcaria de macarrão sem gosto que nos deram hoje, sabendo que precisava dos carboidratos para me ajudar a recuperar um pouco do peso que

perdi no buraco, mesmo que o gosto fosse uma merda.

Quando o resto da minha matilha apareceu, eles imediatamente começaram a discutir, quase sem parar, sobre eu ter estragado um sistema que eles tinham para decidir quem ia me trazer a comida e sentar na minha frente para aquela refeição. Eu não tinha percebido que eles tinham criado um cronograma e talvez eu devesse ter me sentido um pouco culpada por ter estragado tudo, mas, honestamente, às vezes, lidar com as coisas deles me fazia sentir mais como a mãe deles do que como a Alfa.

“Sonny?” Chamei, e meu Beta veio até mim com um sorriso irônico por ter sido escolhido. “Que diabos eles estão discutindo agora?”

“Bem,” disse ele dramaticamente. “Esme deveria estar na sua vez de preparar o seu jantar e Brett ia sentar ao seu lado, e agora eles estão dizendo que eles deveriam preparar o café da manhã, mas é claro que Banjo e Laura deveriam estar na sua vez de preparar o café da manhã, então eles estão chateados com a ideia de mudar isso e...”

Coloquei dois dedos na boca e assobiei. “Escutem!” Gritei, e todos os membros da minha matilha correram para cercar a mesa enquanto Sin me observava com interesse.

“Não vamos mexer na agenda de amanhã, tá? Esme, Brett, comam um pudim extra cada um.” Joguei um pudim para cada um e eles sorriram abertamente ao receberem um pouco da minha comida. “E hoje à noite, acho justo que o resto da matilha faça de vocês dois o ponto focal nos planos de sexo grupal. Obviamente depois que o Sonny fizer o dele.”

Sonny deu um sorriso malicioso enquanto Brett lambia os

lábios sugestivamente e eu fiquei me perguntando se os dois estariam pensando em abandonar o bando para passar mais tempo sozinhos em breve, porque eles definitivamente estavam mais interessados um no outro do que em qualquer outra pessoa do bando.

“Você quer se juntar a nós, Alfa?” Esme perguntou esperançosa, como fazia todas as noites.

Ela começou a tirar o macacão, fazendo beicinho enquanto empinava os peitos para me tentar, e eu tive que conter o riso. Sinceramente, a coitada estava tão desesperada para se provar entre as minhas coxas que fiquei meio tentada a deixá-la transar de aniversário. Uma Ômega como ela não ia me agradar muito, mas eu poderia fingir um orgasmo para ela se fosse preciso, e ela realmente tinha peitos lindos. Fiquei com um pouco de inveja. Os meus definitivamente não balançavam como os dela.

“Na verdade, estou num encontro agora,” eu disse, apontando para o Incubus à minha frente e alguns deles estremeceram como se não tivessem notado que Sin estava ali.

“Você queria que *ele* se juntasse a nós?” Perguntou Esme esperançosa quando um mamilo endureceu.

Virei-me para olhar para Sin e levantei uma sobrancelha, esperando que ele aproveitasse a oportunidade de participar de uma orgia de matilha, mas seu olhar estava fixo em mim.

“Acho que prefiro que todos vocês sumam e me deixem com o único prêmio que vale a pena ter nesta mesa,” ele ronronou, sem nem mesmo olhar para Esme quando ela começou a se agarrar com Banjo.

“Você ouviu o homem,” eu disse, estalando os dedos em sinal

de descaso para que minha matilha fugisse.

Metade delas nem se deu ao trabalho de voltar para a mesa para comer, apenas correram em direção aos dormitórios, latindo e uivando de excitação. Pelo canto do olho, vi os peitos da Esme balançando, pois ela nem os guardou, e a Oficial Lucius começou a gritar para ela se cobrir.

“Então...” comecei, sem saber exatamente para onde queria chegar, mas tinha que admitir que estava um pouco surpresa por Sin ter escolhido um encontro comigo em vez de uma orgia. “Você está com energia sexual recarregada ou algo assim? Porque aquela festa me pareceu a sua cara.”

“Não, garota selvagem, acho que não. Já fiz muita coisa ruim, muita coisa boa e muita coisa absurda na minha vida para descobrir que existe uma diferença entre o que é fácil e o que vale a pena. E você, querida, é a Fae mais valiosa que conheci durante toda a minha prisão e talvez até antes disso. Não quero uma festa de sexo com uma matilha de Lobos, quero a atenção exclusiva da Alfa, e enquanto você continuar me olhando assim, não vou tirar o olhar de você.”

“Você é um flertador do caralho,” provoquei.

“Sim. Mas agora, estou falando muito sério,” ele ronronou, e eu gostei. Gostei pra caramba.

Nós terminamos nossa comida e nossa vodca caseira e Sin ficou mais do que feliz em me ajudar a terminar minha refeição enorme enquanto discutíamos todo tipo de merda do mundo real e eu me vi sorrindo o tempo todo.

“Bem, isso foi divertido,” eu disse enquanto lambia o resto do pudim da colher.

“Não pense que esse encontro acabou, gatinha,” disse Sin enquanto eu olhava para a porta.

Ainda tínhamos algumas horas livres antes de voltarmos para nossas celas para passar a noite, mas não havia muita coisa que pudéssemos fazer. Eu costumava passar as noites na academia quando não estava trabalhando em nada relacionado aos meus planos de fuga, e sabia que Sin também, mas isso não me parecia um encontro.

“O que mais há então?” Perguntei, imaginando se ele realmente tinha algum plano ou não.

“Surpresa.” Sin se levantou, estendendo a mão para mim, e eu sorri indulgentemente enquanto o deixava me puxar da cadeira.

Ele me puxou para perto instantaneamente, passando um de seus braços enormes em volta dos meus ombros enquanto me guiava em direção à porta. Olhei para trás e meu olhar se fixou em Ethan, sentado entre sua matilha, com os olhos semicerrados em mim como se eu estivesse fazendo algo errado. Mas que se dane. Eu não era a que ficava com um companheiro falso à noite. E eu não era a com medo de encarar a realidade simplesmente assumindo o que a lua havia decidido que deveríamos ser um para o outro. Além disso, eu ainda planejava conversar com aquele ser celestial sobre isso.

Descemos as escadas e eu segurei minha língua para não fazer nenhuma pergunta enquanto ele me levava até o sétimo andar e me conduzia em direção ao corredor escuro e silencioso que levava à jaula do Beloriano.

“Sin…” comecei, mas ele apenas me apertou mais e me puxou

com mais firmeza.

“Vamos lá, garota selvagem. Eu queria um tempo sozinho com você, e só tem um lugar nesta prisão inteira que não vai estar infestado de Fae. Além disso, a fera gosta de mim. Eu deixo ele correr um pouco e comer todos aqueles lanchinhos gostosos. Ele não vai se importar se a gente for visitá-lo. E não é como se ele pudesse sair da jaula de novo, né?”

Gemi em leve protesto, mas sabia que ele estava certo. O Beloriano podia ser assustador, mas enquanto estivesse trancado, não podia fazer absolutamente nada contra a nossa presença ali. Mas, devido à sensação assustadora que o monstro exalava, além do fato de que, se as portas se abrissem enquanto estivéssemos ali embaixo, seríamos devorados primeiro, ninguém jamais escolhia ficar naquele canto escuro da prisão.

O corredor mal era iluminado para que pudéssemos ver para onde estávamos indo, mas as luzes do teto nunca eram acesas, pois não havia motivo para nenhum detento ou guarda vir até ali.

“Se o Beloriano come qualquer Fae que cruza seu caminho, como alguém cuida dele?” Pensei enquanto nos aproximávamos da enorme porta no final do corredor onde ele vivia.

“Talvez o Oficial Cain o tenha domesticado, matando-o de tédio com sua falta de personalidade, e possa simplesmente entrar lá?” Sugeriu Sin, com uma risada.

“Eu vi ele tentando muito comer Cain, então não é isso.”

“Ah, sim. Mas não vamos falar sobre você salvar a vida daquele filho da puta, gatinha, ou eu vou ter que matar alguém para compensar minha decepção por ele não ter morrido.”

Revirei os olhos, mas mudei de assunto, não falando do Oficial Stronzo. “Acho que alguém precisa alimentar o Beloriano. O que ele come quando não consegue enfiar os dentes nos Fae? E ele faz cocô? Quer dizer, ele precisa fazer cocô, então quem está limpando esse cocô? Tem um coletor automático de cocô que limpa tudo quando a coisa anda solta pela prisão à noite?”

“Talvez eles simplesmente deixem comida para ele no refeitório e ele vá até lá e sente numa mesa, como deve ser? E depois vá cagar no vaso sanitário quando terminar,” sugeriu Sin, e ele parecia tão sério que não tive certeza se ele estava brincando ou não.

À medida que nos aproximávamos da jaula do Beloriano, a mesma sensação de medo e pavor que eu havia sentido por estar perto dele antes começou a invadir meus membros e diminuí o passo.

Um grito de raiva ecoou pelo corredor quando ele nos sentiu também, e eu engasguei quando fiquei imóvel, fazendo Sin parar também.

“Talvez possamos recuar um pouco?” Sugeri. “Sem querer parecer covarde nem nada, mas aquela coisa quase me comeu da última vez que cheguei tão perto dele, e prefiro não me apressar para um reencontro com ele.”

“Eu cuido disso, gatinha, não se preocupe,” disse Sin confiantemente, me soltando e tirando um limão do bolso.

“Você me deu uma dessas na noite em que o soltou,” acusei, me perguntando se ele realmente era tão louco quanto todos diziam e estava prestes a soltar aquela porcaria de novo.

“Claro que sim, garota selvagem. Eu não ia simplesmente

soltá-lo sem te dar algo para se defender.”

“Então você me deu fruta azeda?” Perguntei, olhando por cima do ombro em direção à saída e tentando decidir se eu deveria simplesmente sair correndo antes que ele fizesse alguma loucura.

“Bem, sim,” ele disse, indo direto para a porta antes de rasgar o limão com os dentes.

Observei, confusa, enquanto ele cuspia um pedaço da casca da boca antes de espremer o limão na mão, espirrando suco por toda a porta da jaula do Beloriano. A criatura lá dentro gritou com o que eu poderia jurar ser dor, e o som de suas garras batendo no chão se afastou de nós até que a sensação desagradável que acompanhava sua presença também desapareceu.

“Você acabou de... assustá-lo com um limão?” Perguntei.

“Sim. Por que você achou que eu te dei o limão antes de libertá-lo?” Sin perguntou, olhando para mim como se eu fosse à única que estava com alguns centavos a menos de aura ali.

“Eu não fazia a mínima ideia. Você não mencionou seus motivos,” gaguejei enquanto tentava descobrir se deveria ficar brava por ele não ter deixado isso mais claro ou satisfeita por ele ter pelo menos me dado algo para me proteger antes de soltar um monstro pelos corredores.

“Parecia tão óbvio.” Sin deu de ombros. Mas não era nada óbvio, assim como não tinha sido óbvio para mim que ele realmente pretendia libertar o Beloriano depois que eu lhe disse especificamente para não fazer isso. “Agora feche os olhos por um minuto, docinho, e me dê um segundo para preparar isso.”

“Fechar meus olhos?” Perguntei, avistando uma caixa que

estava ao lado da porta da jaula do Beloriano, pouco antes de Sin colocar a mão sobre meus olhos.

“Por favor, sexy?” Ele ronronou e eu não consegui evitar o sorriso idiota que tomou conta dos meus lábios enquanto eu obedientemente fechava os olhos.

“É melhor que valha a pena,” avisei-o e ele riu baixinho enquanto começava a tirar coisas da sua caixa de mistérios.

“É, merda, acho que eles morreram,” ele murmurou.

“O que morreu?”

“Bem... eu posso ter levado alguns potes de mel velhos para o Pátio da Ordem e capturado um bando de Faeflies para poder deixar tudo fofo e feminino aqui embaixo para você.”

“Sério?” Perguntei, abrindo os olhos para ver se ele estava me zoando ou não e o vi alinhando no chão um monte de potinhos que nos deram no café da manhã, cada um contendo um insetozinho com cara de morto. “Nossa, isso é tão... romântico,” eu disse, caindo na gargalhada enquanto Sin despejava uma Faefly morta na palma da mão e a encarava com uma careta.

Com um palavrão, Sin se abaixou e soprou no pequeno inseto como se estivesse tentando fazer respiração boca a boca ou algo assim, e minha risada ficou mais alta quando esse pensamento me ocorreu.

Sin de repente jogou o inseto e o pote para longe dele, fazendo-os se espatifarem contra a parede. Ele ficou de pé, me olhando feio antes de ir embora como se fosse embora.

“Espere!” Gritei, apressando-me para segurar seu braço e forçando-o a olhar para mim.

“Esquece, garota selvagem, eu não nasci para namorar. Não sei como fazer e nunca tentei antes. Só me avisa quando estiver pronta para me foder e vamos esquecer toda essa besteira até lá.”

“Não vá,” implorei enquanto ele arrancava o braço da minha mão e ia embora. “Eu também não sei namorar!”

Sin hesitou enquanto olhava por cima do ombro para mim como se não acreditasse naquilo, e eu me apressei em continuar.

“Quando eu tinha quatorze anos, algo aconteceu comigo e eu... bem, digamos que não tive nenhum interesse em namorar nem nada do tipo por alguns anos por causa disso. E quando me senti pronta para explorar essa parte da minha vida, eu estava cercada por outros Lobos que participavam de orgias, gang bang e todo tipo de interação física que você possa imaginar há tanto tempo que eu meio que me apaixonei pelo lado físico das coisas sem nunca ter tentado namorar.”

“Você realmente espera que eu acredite que ninguém nunca te chamou para sair, gatinha?” Sin perguntou, incrédulo.

“Bem, Colin Bishop fez isso uma vez, mas quando cheguei ao restaurante, a mãe dele estava lá para nos acompanhar e ela continuou falando sobre filhos e casamento, e foi muito estranho porque eu tinha dezoito anos, tinha acabado de começar a explorar minha própria sexualidade e não tinha nenhum interesse em nada disso, então fingi que ia ao banheiro e pulei de uma janela para escapar.”

Sin deu um sorriso divertido, virando-se para mim de frente enquanto cruzava os braços e refletia sobre minha história. “Uma vez, alguém trouxe a mãe dela para me conhecer também,” disse ele. “Mas ficou muito estranho porque as duas tinham uma queda

pelo Johnny Depp e queriam que eu me revezasse com elas na forma dele."

"O que você fez?" Perguntei, torcendo o nariz.

"Mandei a filha esperar no quarto ao lado, depois mostrei à mãe dela minhas melhores habilidades de capa e espada, imitando o Jack Sparrow, amarrei-a na cama, comi a bunda dela e as roubei sem dó, antes de deixar a filha com vontade de foder. Quer dizer, eu sou totalmente a favor de ganhar dinheiro em dobro se a situação exigir, mas por que perder tempo quando há dinheiro para ganhar?"

Não consegui evitar o riso e a tensão em sua postura diminuiu enquanto sorria para ele.

"Eu realmente aprecio os insetos mortos nos potes," eu disse, abaixando a voz uma oitava enquanto me aproximava dele. "E me desculpe por ter feito você se sentir mal por eles, sabe, *morrendo*."

Os lábios de Sin se curvaram e ele se aproximou. "Eu te perdoo," disse ele lentamente. "*Se...*"

"Se?" Perguntei, erguendo uma sobrancelha.

"Me conta qual é a sua fantasia ideal. Porque eu ainda não consegui entender você, gatinha, e isso está me deixando louco."

Revirei os olhos para ele. "Já disse, para mim não importa a aparência. Gosto de tudo um pouco."

"Besteira," ele rosnou. "Tem que ter alguma coisa que te deixe excitada como nenhuma outra. Simplesmente tem que ter."

Eu queria ignorá-lo, mas percebi que isso não ia funcionar, então parei e me forcei a realmente considerar a pergunta dele. E depois de um tempo, encontrei uma resposta.

“Ok, então me escute. Quando eu estava na Aurora Academy, foi a primeira vez na minha vida que fiquei longe de casa por um período de tempo considerável e uma das primeiras vezes em que tive acesso a vários Fae diferentes com os quais eu não tinha parentesco algum... porque minha família é enorme. Então, finalmente tive todas essas opções de caras e garotas atraentes com quem eu poderia ficar e eu meio que... aceitei isso. Quer dizer, é assim que os Lobos são, então não era exatamente estranho eu ser um pouco promíscua,” eu disse, dando de ombros, e Sin sorriu como se estivesse adorando a história. “De qualquer forma, a questão é que, depois de um tempo, comecei a ter a impressão de que não estava fazendo sexo direito, porque todos os caras e garotas com quem eu tinha ficado não conseguiam me fazer gozar tão bem quanto eu conseguiria sozinha, se é que você me entende. Tipo, eu ficava toda animada para ficar com alguém e, quando a gente começava a transar, eu começava a pensar na minha lição de casa, que horas era o jantar ou simplesmente torcendo para que acabasse logo, sabe?”

“Não, mas continue,” disse Sin com um sorriso malicioso.

“Certo, então uma noite eu e meu bando estávamos festejando na cidade, numa boate, e um cara entrou e, juro, no momento em que o vi, meu coração disparou. Ele tinha uma aura de poder que gritava ‘fique longe’, mas me atraiu. Ele nem era tão atraente assim, como a maioria das pessoas apreciaria, mas tinha aquela garra que poucos Fae têm. Resumindo, mal chegamos ao carro dele quando ele já estava dentro de mim, e eu *nunca* tinha sentido nada parecido na minha vida. Juro que gozei umas seis vezes em uma hora. Quer dizer, descobri que ele era mesmo um babaca e tive que terminar tudo com ele depois de algumas semanas, mas

ele foi a chave para eu perceber o que eu precisava em um parceiro: um Alfa."

"Bem, odeio ter que te dizer isso, gatinha, mas eu não sou um Lobo," disse Sin em voz baixa, enquanto parecia estar refletindo sobre minhas palavras.

"Não é um *Lobo* Alfa, *stronzo*," respondi, aproximando-me dele. "Só um Alfa. Sabe, o tipo de *stronzo* que é maior e mais malvado que todos os outros idiotas na sala e que não dá a mínima para ofender ninguém. O tipo que vê algo que quer e simplesmente pega, porque ninguém é capaz de pará-lo, mesmo que quisesse."

"Parece familiar," Sin respondeu com um sorriso sombrio.

"Sério?" Perguntei inocentemente, meu olhar deslizando lentamente pelo seu corpo antes de voltar para encontrar seus olhos.

Sin riu daquele jeito tão acalorado que me fez morder o lábio e querer arrancar suas roupas.

"Sua vez," eu disse, recuando enquanto ele avançava.

"Minha vez de quê?" Perguntou ele, seguindo-me até que minhas costas bateram na porta da jaula do Beloriano e ele se inclinou sobre mim. Ele pressionou a palma da mão contra a porta de metal, de cada lado da minha cabeça, e olhou para mim enquanto me prendia na jaula de seus braços, sem sequer me tocar.

"Conte-me *sua* fantasia ideal," eu disse, levantando o queixo enquanto esperava sua resposta.

"Ninguém nunca me perguntou isso antes," ele disse,

inclinando a cabeça como se estivesse tentando avaliar se eu realmente queria ouvir a resposta.

"Eu estou perguntando," eu disse.

"Bem... eu tenho uma queda por cabelos longos o suficiente para puxar e escuros o suficiente para combinar com a minha alma," murmurou ele, estendendo a mão e pegando uma mecha do meu cabelo preto entre os dedos antes de enrolá-la entre eles e puxá-la o suficiente para fazer meu couro cabeludo formigar. "Gosto de olhos grandes, cheios de malícia e promessas sujas, que conseguem enxergar através de mentiras e avaliar um homem pelo que ele é na batida de um tambor," acrescentou, olhando-me tão profundamente nos olhos que senti um rubor subindo às minhas bochechas. "Gosto de lábios acostumados a sorrir e adequados para beijar, que possam dizer palavras bonitas em uma língua que eu não entendo." Seu polegar traçou meus lábios e eu os abri para ele, mordendo sua carne apenas o suficiente para lembrá-lo de que eu não era um brinquedo que ele pudesse enrolar em seu dedo mindinho.

Sin riu sombriamente e soltou meu cabelo enquanto retirava o polegar dos meus dentes. Suas mãos pousaram em meus ombros e ele lentamente empurrou meu macacão para baixo, e eu o deixei, meu coração disparado enquanto ele se aproximava, mas ele ainda não pressionou seu corpo contra o meu.

"Eu gosto de uma garota que sabe dar um soco e colocar os filhos da puta malvados no lugar deles," continuou ele, acariciando meus bíceps antes de descer pelos meus braços e me arrepiar até as minhas mãos, que ele fechou em punhos dentro das suas. "E que não tenha medo do diabo dentro de mim."

“Acho que você disse algo parecido na primeira vez que nos conhecemos,” lembrei-o. “E você também mencionou que meus peitos não eram grandes o suficiente.”

“Acho que concordamos que eu precisava olhar mais de perto para ter certeza disso,” protestou ele, sorrindo para mim como se esperasse que eu o mandasse recuar novamente, como fiz todas às outras vezes que flertamos nesse sentido, mas desta vez eu não queria. Eu estava olhando nos olhos de um monstro diferente de tudo que já conheci e queria saber como era ceder ao seu chamado.

“Você falou sério quando disse que eu era a única em quem você estava interessado?” Perguntei a ele, porque por mais insano que parecesse que um Incubus pudesse realmente se sentir assim por uma única pessoa, eu estava começando a acreditar. Ele esperou três meses enquanto eu estava no buraco e poderia ter tido quem quisesse, mas não tinha se arriscado. E a ideia dele me querer daquele jeito me fez sentir um pouco menos sozinha nesse lugar. Um pouco menos dispensável.

“Só você, garota selvagem. Se eu não soubesse, teria dito que você era uma Sereia enviada para me atrair, mas, em vez disso, estou começando a achar que você pode ser algo muito mais perigoso do que isso.”

“Como o quê?” Perguntei, ofegante.

“Minha obsessão pessoal. Minha droga preferida, a resposta para todos os meus desejos reunidos em uma bolinha Fae de perigo. Acho que você pode ser minha ruína, garota selvagem. Mas acho que também gosto da ideia disso.”

Meu coração disparou com suas palavras e com a ideia de que

alguém pudesse realmente sentir aquilo por mim, apesar dos meus muitos defeitos, então fiquei na ponta dos pés e passei os braços em volta do seu pescoço para que minha boca pudesse encontrar a dele.

Sin gemeu quando o beijei, suas mãos descendo até minha bunda para que ele pudesse me levantar em seus braços e eu pudesse beijá-lo mais facilmente.

Meus lábios se abriram para a língua dele e um gemido escapou quando ele a moveu contra a minha de um jeito que me fez ofegar por ele. Juro que pude sentir o calor da sua Magia do Fogo naquele beijo e também senti uma espécie de adoração desesperada nele.

À medida que nosso beijo se aprofundava, o volume do pau grosso de Sin pressionava entre minhas coxas, o que me deixou com vontade de mais. Mas ele não parecia ter pressa para chegar lá; em vez disso, me beijava como se estivesse me marcando, memorizando cada momento em que me segurava em seus braços e absorvendo-o como se estivesse tentando trancá-lo e mantê-lo para sempre.

Segurei a parte de trás da sua blusa com o punho e a puxei para longe dele, interrompendo nosso beijo enquanto ele me prendia na parede para poder levantar os braços e jogá-la para o lado.

“Não me provoque, garota selvagem,” ele rosnou. “Estou doido por você há muito tempo e estamos chegando a um ponto sem volta. Se você não me quer, então me diga para parar agora ou eu vou enlouquecer se você me afastar daqui a pouco.”

“Você me disse que consegue sentir o desejo assim como eu

consigo sentir a luz da lua na minha pele, então você já sabe o que eu quero," eu disse a ele, com a voz rouca de desejo. "Então pare de me fazer esperar, *stronzo*, e me mostre por que todo mundo está desesperado para te foder."

Sin riu com um som profundo e sujo que me prometia todas as coisas ruins e fez meus dedos dos pés se curvarem enquanto sua boca descia até meu pescoço e começava a subir.

Quando seus lábios encontraram os meus novamente, seu beijo era possessivo e exigente, seu corpo enorme me pressionando contra a fria porta de metal, nossa única defesa contra um monstro que nos mataria se pudesse, mas de alguma forma isso parecia certo. Sin era o perigo personificado, essa fera selvagem e imprevisível que não se importava com regras, leis ou qualquer coisa que pudesse tentar contê-lo. E eu queria sentir cada pedacinho disso, queria que ele me lembrasse de que eu não estava em uma gaiola. Eu era tão imparável quanto ele, tão assustadora e tão selvagem.

Cruzei meus tornozelos atrás de suas costas e rolei meus quadris de modo que eu estivesse me esfregando contra seu pau duro enquanto me afogava no gosto de sua língua contra a minha.

Sin se afastou de repente, inclinando-se para trás para poder tirar minha blusa e meu sutiã horrível, liberando meus seios para ele. O ar frio do corredor era o suficiente para fazer meus mamilos endurecerem, mesmo se ainda não estivessem duros para ele, e Sin gemeu em apreciação enquanto abaixava a boca para capturar meu mamilo esquerdo enquanto sua mão encontrava o direito.

Eu engasguei quando ele fez algo com a língua que eu só

poderia descrever como um beijo francês e minha cabeça caiu para trás quando um gemido de puro êxtase escapou de mim.

Minhas mãos se fecharam em volta dos seus ombros enormes e minhas unhas cravaram-se na pele enquanto ele continuava a tocar meus mamilos de um jeito que me deixou tão molhada que não tive certeza se conseguiria esperar muito mais.

“Menos roupas,” rosnei em um comando claro e Sin olhou para mim com fogo nos olhos.

“Seu desejo é uma ordem, gatinha.”

Ele me colocou no chão e deu um passo para trás, olhando-me diretamente nos olhos enquanto desamarrava as mangas do macacão da cintura e tirava as botas.

Encostei-me na porta fria e observei enquanto ele fingia um striptease para mim, enfiando minha mão na calcinha e gemendo enquanto eu mergulhava meus dedos no calor úmido entre minhas coxas.

“Você é um espetáculo para ser visto, garota selvagem,” Sin ronronou enquanto meus olhos percorriam a tinta que cobria sua pele escura. Suas tatuagens se misturavam, mas ainda deixavam bastante pele nua para eu babar também. Ele tinha representações violentas de todos os signos tatuados em seu corpo e eu gemi ao avistar o touro atacando em sua coxa, que era para mim.

“Pare de me provocar, Sin, eu quero ver você todo,” eu gemi enquanto circulava meu clitóris do jeito que eu gostava e meu corpo estremeceu sob meu toque por ele.

Sin chutou seu macacão para o lado junto com suas botas e

meias e então olhou nos meus olhos enquanto tirava sua cueca tão devagar que aquilo só poderia ser uma tortura específica para mim.

Eu gemi enquanto o observava, mergulhando meus dedos mais para baixo e provocando-os dentro de mim antes de devolvê-los ao meu clitóris latejante.

Quando ele finalmente abaixou a cueca boxer preta, fiquei sem fôlego ao ver seu pau longo e duro se soltando. Piercings prateados brilhavam na penumbra e uma espiral de tinta se espalhava entre eles. Eu deveria saber que um Incubus teria um pau para se lembrar, mas aquela coisa era uma obra de arte. Uma obra de arte absolutamente *enorme* que eu queria examinar com muito mais atenção.

Sin deu um passo à frente, mas eu balancei a cabeça para detê-lo, tirando a mão da calcinha enquanto lentamente tirava meu macacão e botas antes de me aproximar dele apenas de calcinha e com os olhos em seu pau.

“Ok, eu esperava que seu pau fosse impressionante, mas isso é tipo algo que você deveria pendurar na parede,” murmurei, lambendo os lábios enquanto olhava para os pinos prateados que adornavam a cabeça. Havia quatro deles à mostra, presumivelmente conectados por barras na parte interna e outro par de pinos bem no topo do seu eixo, onde se encontrava com a base do abdômen. Estendi a mão para tocá-lo e Sin rosnou quando cheguei bem perto do seu pau sem fazer contato.

“Você vai gostar ainda mais dele daqui a pouco, gatinha,” prometeu ele. “Mas se me fizer esperar muito mais, não vou conseguir continuar sendo um cavalheiro.”

“Bom, é bom saber,” respondi com um sorriso malicioso antes de envolver a perfeição macia e tatuada de seu membro com a mão. “Porque eu não sou uma dama.”

Caí de joelhos diante dele e imediatamente levei a cabeça do seu pênis aos meus lábios, passando a língua sobre ele antes de explorar o formato desconhecido dos pinos enquanto a dor entre minhas coxas se tornava insuportável.

As mãos de Sin caíram sobre minha cabeça, mas em vez de enroscar meus cabelos como eu esperava, ele apenas enfiou os dedos nos fios pretos e sedosos e começou a massagear lentamente meu couro cabeludo.

“Olhe para mim,” ele rosnou e levantei meus olhos para ele enquanto deslizava seu pênis entre meus lábios e gemia de excitação por ele.

Sin gemeu, seus dedos circulando meu couro cabeludo de uma forma que me fez sentir fodidamente bem enquanto eu me afastava, explorando aqueles piercings com a língua mais uma vez e então o abocanhei novamente. E desta vez eu o abocanhei direto no fundo da minha garganta, amando a maldição que escapou dele enquanto minha falta de reflexo de engasgo compensava mais uma vez. Eu queria seriamente agradecer à lua por essa habilidade, porque eu já tinha visto muitos paus sendo chupados na minha vida e sabia com certeza que não havia muitos Fae que pudessem aguentar tão fundo quanto eu, então eu tinha que presumir que era um presente do ser celestial mais tarado do céu, que por acaso era aquele com quem eu estava mais ligada.

Quando me afastei, levantei a mão para acariciar as bolas de Sin antes de enfiar a outra mão na calcinha para aliviar um

pouco da necessidade do meu próprio corpo.

“Porra, garota selvagem, você valeu a pena esperar,” Sin praguejou enquanto eu começava a aumentar o ritmo dos meus movimentos, assumindo o controle total dele e amando cada segundo disso.

Suas mãos deslizaram pelos meus cabelos e seus dedos encontraram a marca de companheiro atrás da minha orelha, que parecia formigar ao seu toque. Ele gemeu como se também pudesse senti-la e continuou a acariciá-la, como se realmente gostasse do fato de eu estar marcada para outro homem.

Sin manteve o olhar fixo no meu enquanto eu o chupava e lambia, gemendo de prazer enquanto brincava comigo mesma, e ele xingou ao começar a movimentar os quadris, exigindo mais de mim. E eu não decepcionei.

Eu acompanhei o ritmo dele, chupando com mais força enquanto sentia suas bolas apertando em meu aperto, seu pau duro como aço enquanto ele o enfiava em minha boca e com um gemido de prazer, ele gozou quente e forte no fundo da minha garganta, o gosto salgado de seu esperma inundando meus sentidos por um momento antes de eu engoli-lo.

Eu nem me importava que ele já tivesse terminado, adorando o fato de ter levado uma criatura feita para o sexo para ruína nos meus próprios termos.

Meu próprio orgasmo estava se formando enquanto eu continuava a circular meus dedos em volta do clitóris e inclinei a cabeça para trás ao senti-lo em cada centímetro da minha carne. Mas antes que eu pudesse terminar, Sin me puxou para ficar de pé e puxou minha mão para fora da calcinha.

“Regra número um sobre Incubus, garota selvagem,” murmurou ele enquanto suas mãos se fechavam em volta dos meus quadris com uma firmeza forte e autoritária, e ele me fez andar de costas até que eu estivesse pressionada contra a porta de aço novamente. “Não precisamos de um período de recuperação.”

Meus olhos se arregalaram quando olhei para seu pau, que ainda estava muito duro, e engasguei quando ele agarrou minha calcinha e a empurrou para baixo das minhas coxas.

“Não pegue leve comigo,” insisti, e ele lambeu os lábios diante do tom desafiador.

A mão de Sin mergulhou entre minhas coxas e eu gemi quando ele deslizou dois dedos sobre meu clitóris antes de empurrá-los para dentro de mim. Ele gemeu de apreciação ao posicionar o polegar no meu clitóris e, no momento em que começou a mover a mão, um grito de prazer surpreso escapou dos meus lábios.

Suas mãos eram grandes e seus dedos longos se curvavam dentro de mim enquanto ele os pressionava contra meu ponto G naquele ritmo perfeito e torturante que me fez agarrar seus bíceps com outro gemido, minhas unhas cravando luas crescentes em sua pele.

Sin se inclinou para frente e me beijou, e eu pude sentir o sorriso em seus lábios quando, em vez de movimentar os dedos, ele começou a girar o pulso, fazendo o polegar tocar meu clitóris e os dois dedos profundamente dentro de mim girarem de uma forma totalmente nova e incomum. Engoli em seco enquanto ele continuava o movimento, a pressão dos dedos exigindo e

controlando.

Gozei tão forte e rápido que só consegui me agarrar a ele enquanto minha boceta se fechava firmemente em torno de seus dedos e sua língua empurrava minha boca como se estivesse tentando devorar os sons que eu fazia.

Sin não me deu tempo de me recuperar do prazer que percorreu meus membros antes de agarrar a parte de trás das minhas coxas e me erguer em seus braços.

Apertei meus punhos em seus cabelos enquanto seu pênis parecia encontrar seu próprio caminho até minha abertura e ele enfiou a cabeça para dentro lentamente, certificando-se de que eu sentisse o jeito certo como aqueles quatro garanhões se esfregavam dentro de mim.

"Sin," ofeguei, meus punhos tão apertados em seus cabelos que era de se admirar que ele não estivesse rosnando para mim. Em vez disso, ele se afastou o suficiente para me olhar nos olhos e então enfiou seu pau em mim com tanta força e rapidez que minha respiração ficou presa na garganta e um gemido sobrenatural de prazer escapou.

No momento em que ele estava completamente enfiado dentro de mim, aquele piercings púbico fez todo o sentido, já que as duas bolas de metal se encaixavam perfeitamente em cada lado do meu clitóris, e Sin mexeu os quadris para me mostrar exatamente o que aquilo era capaz de fazer. E, *porra,* eu realmente estava perdendo a chance de ter qualquer metalização nos paus que eu estava cavalgando até aquele momento, porque eu estava no paraíso.

O aperto de Sin na minha bunda aumentou quando ele

começou a se mover, recuando e batendo em mim novamente, me fazendo xingar em Faetaliano pela combinação do seu pau perfurado me preenchendo tão profundamente e aqueles piercings fazendo sua própria mágica no meu clitóris dolorido.

Ele era rude e possessivo, sua boca colada na minha enquanto ele me penetrava cada vez mais forte, e eu me esforcei para encontrá-lo, empurrando a porta às minhas costas.

Antes que eu percebesse, eu estava perto de gozar novamente, minhas unhas cravando-se em suas costas enquanto ele continuava a me foder forte e rápido.

Eu estava chamando seu nome, xingando-o e amando cada segundo disso.

Juro que era como se ele conhecesse meu corpo melhor do que eu. Toda vez que eu sentia vontade de algo mais, ele já estava fazendo, inclinando meus quadris para que seu pau pudesse se encaixar perfeitamente em mim, chupando meu mamilo do jeito perfeito para me fazer gritar, até me beijando com a mistura perfeita de calor e paixão para me deixar ofegante a cada momento.

Sin transformou o sexo em algo mágico. Não como uma besteira romântica em que nossas almas se fundiam ou algo do tipo, mas como se nossos corpos tivessem se tornado recipientes de prazer que só nós dois poderíamos satisfazer. Nós nos encaixávamos como duas peças de um quebra-cabeça, perfeitamente encaixadas, e eu não me cansava da sensação do seu membro grosso e duro entrando e saindo de mim.

Assim que meu corpo se contraiu com a necessidade desesperada de gozar novamente, sua mão deslizou mais para

trás de mim até que ele estava brincando com minha bunda, seu dedo pressionando com mais força a cada impulso.

Eu engasguei quando cada toque de seu dedo naquele ponto sensível me fez apertar mais forte em volta dele, enquanto eu ansiava para que ele fizesse isso ao mesmo tempo.

No momento em que ele empurrou, gozei com tanta força que vi estrelas, minha boceta apertando forte em seu comprimento grosso, de modo que depois de mais três estocadas punitivas, ele estava gemendo seu próprio orgasmo e derramando sua semente bem fundo dentro de mim.

Mesmo assim, ele não se afastou, beijando-me com força enquanto movia os quadris de modo que sua pélvis se esfregasse contra a minha, e seu piercing púbico me fez tremer de desejo onde ele segurava meu clitóris. Seu dedo ainda estava na minha bunda e, enquanto ele o empurrava mais fundo, eu me abri para ele mais uma vez, ofegante, enquanto mordia seu lábio com força suficiente para tirar sangue.

Sin rosnou em aprovação, beijando-me novamente enquanto lentamente retirava a mão e me colocava com as pernas trêmulas diante dele.

“Você é mesmo perfeita, não é, garota selvagem?” Ele perguntou, deslizando a mão pela tatuagem que cobria meu lado esquerdo enquanto falava, e eu me perguntei se ele estava incluindo minhas cicatrizes naquela declaração. Porque, apesar de serem quase impossíveis de ver com a minha tatuagem, era possível senti-las, e as mãos de Sin já estavam por todo o meu corpo.

“Vou te libertar, Sin,” sussurrei em resposta. “Não porque seja

um trabalho para mim. Mas porque você merece. Você merece ser livre novamente."

Beijei os protestos que pude ver se formando em seus olhos e, se o sino nos alertando para retornar aos nossos blocos de celas para passar a noite não tivesse tocado, eu provavelmente teria insistido em tê-lo novamente.

Na verdade, eu não tinha a mínima vontade de estar perto daquela porta quando eles soltassem o Beloriano para passar a noite, então rapidamente peguei minhas roupas do chão e comecei a vesti-las novamente.

Sin seguiu o exemplo com mais relutância e, assim que nos vestimos, peguei sua mão e o fiz correr comigo de volta para a escada. Subimos correndo e atravessamos a multidão de detentos que também voltavam, mas quando chegamos ao bloco de celas de Sin, ele não parou, em vez disso, me guiou em direção à minha.

"Você sabe que não pode entrar na minha cela, né?" Provoquei, enquanto ele segurava minha mão e eu não fazia nenhum esforço para retomá-la. Era gostoso demais na dele para isso.

"Vou te acompanhar até em casa," ele respondeu com um movimento dos lábios que me fez sorrir também. "É o que todos os bons encontros fazem."

"Nunca ninguém me acompanhou até em casa antes," admiti com um sorriso. "Talvez porque sempre há uma boa chance de um Dragão da Tempestade psicótico estar lá para afugentá-los se tentassem, mas mesmo assim."

"Não tenho medo do seu primo, gatinha," provocou Sin.

“Tenho certeza de que ele vai me amar quando me conhecer. Além disso, é assim que encontros são feitos, e eu vou fazer isso até o último momento.”

Chegamos do Bloco D e eu me virei para encará-lo com uma sobrancelha erguida. “É mesmo? Que outras coisas de encontros eu não sei?”

“Bem, se tudo corresse bem, esta é a parte em que eu te beijaria,” ele ronronou, me puxando para mais perto e segurando meu queixo com as mãos. “Mas é melhor sermos rápidos, porque seu pai rabugento está de olho.”

“O quê?” Perguntei, olhando para as portas abertas e encontrando a expressão irritada de Cain meio segundo antes da boca de Sin encontrar a minha e eu me esquecer completamente dele.

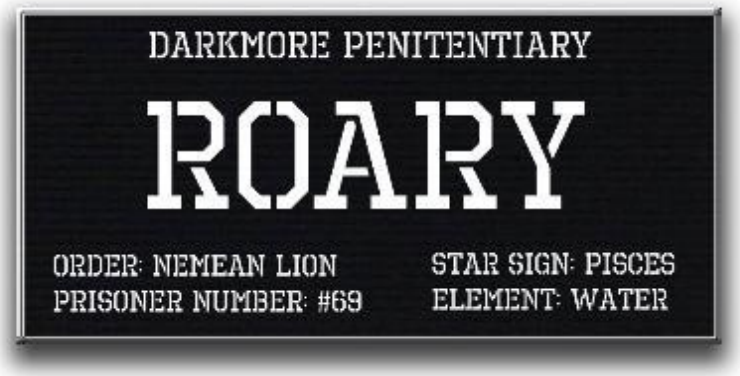
Bem, *praticamente* esqueci de qualquer maneira, porque meu coraçãozinho de puta ainda doía por ele. Mas agora Sin tinha me dado novas dores para focar e as dele eram tão mais deliciosas que eu estava feliz em atender.

Quando meu encontro nada convencional se retirou, eu estava mais do que um pouco sem fôlego e meu corpo carente estava amaldiçoando o fato de que eu não conseguia arrastá-lo de volta para minha cela para mais.

“Boa noite, garota selvagem,” ele ronronou antes de se virar e ir embora, e eu descaradamente olhei para sua bunda enquanto o observava ir embora.

Entrei no meu bloco de celas com um sorriso no rosto e consegui nem olhar na direção do Oficial Stronzo.

E eu tinha certeza de que isso era mais um ponto positivo para mim. Vai time Rosalie.



Eu estava deitado na minha cela quando Rosa entrou saltitante com um folheto na mão, seu sorriso brilhante me aquecendo por dentro.

“Ei, filhote, o que você tem aí?” Eu me sentei, mas ela pulou em mim, afagando meu cabelo e brigando comigo como um Lobo.

Rosnei enquanto a puxava para trás. Ela não percebeu o que esse tipo de merda fazia comigo. Eu deveria ter parado como um Fae decente faria, mas aparentemente eu era um pedaço de merda sórdido porque nos virei e a prendi com os braços acima da cabeça no meu travesseiro, pressionando meus quadris contra os dela enquanto arrancava o folheto de suas mãos. Quando meu olhar caiu sobre ele, ela aproveitou a oportunidade para me jogar de cima dela e eu ofeguei ao cair da cama e minha bunda bater no chão. Ela riu, pulando e pressionando um pé no meu peito com um sorriso, o cabelo selvagem em volta dos ombros.

“Eu ganhei,” ela anunciou, e ela estava muito bonitinha, então eu apenas assenti, tirei o pé dela de cima de mim e levantei o folheto para ler.

A Diretora Pike quer ajudar VOCÊ!

Você está preocupado sobre como vai se adaptar à sociedade após sua libertação?

Você tem preocupações sobre um ou mais de seus programas correcionais e sua eficiência?

Você acha que as oportunidades na Penitenciária de Darkmore poderiam ser ampliadas para atender às suas necessidades?

Você acha que seu comportamento pode ser melhorado ainda mais para ajudá-lo a retornar a uma vida normal quando sua sentença terminar?

Depois, basta solicitar a um dos guardas que venha preencher uma pesquisa de feedback que será lida pela Diretora Pike. Ela levará em consideração todos os seus pedidos de Fae para corrigir e aprimorar sua natureza.

É hora de retornar ao caminho dos Fae e descobrir quem você realmente é.

Fiz uma careta, deixei o folheto cair no peito e olhei para Rosa. “Que besteira é essa?”

“Não é besteira, Roar, é um sonho que se tornou realidade.” Ela o arrancou da minha mão novamente.

Aproveitei um momento para apreciar sua silhueta, suas curvas começando a se destacar novamente desde o tempo em que ela estava no buraco. Meu pau gostava disso por motivos imundos tanto quanto eu gostava por motivos platônicos. Eu definitivamente iria para o inferno.

“O que você quer dizer?” Perguntei enquanto me levantava e

ela se aproximou, sussurrando para mim, sua respiração roçando meu pescoço.

“A pesquisa está sendo realizada nos aposentos dos guardas.” Ela apontou para as letras miúdas no folheto e minhas sobrancelhas se arquearam enquanto eu lia.

“Puta merda,” eu ri, sorrindo para ela. Agarrei sua cintura, a peguei no colo e a girei antes que pudesse me conter. Ela gritou animada, envolvendo as pernas em volta da minha cintura enquanto se agarrava. “Você é uma gênia.”

“Sim,” ela concordou com um sorriso quando a coloquei no chão. “Então vamos lá. A gente resolve isso quando estivermos lá em cima.” Ela agarrou minha mão e eu dei um sorriso bobo para a nuca dela enquanto ela me puxava para fora da cela e começava a descer as escadas.

Tínhamos tentado descobrir um jeito de entrar nos aposentos dos guardas por dias, mas não conseguíamos. Agora, a própria diretora nos dera a resposta. Tudo sobre o plano de fuga de Rosa estava se encaixando e, com a gente começando o trabalho na biblioteca amanhã, eu estava seriamente animado para sair dali. Eu me deixei sonhar pela primeira vez e Rosa se juntou a mim também, nós dois pintando lindos quadros da vida que nos esperava além daqui. A fantasia que mais me empolgava era finalmente conhecer meu sobrinho e minha sobrinha. Eu só esperava que eles gostassem de mim. Eu passei muito tempo perto de crianças enquanto crescia, já que minha família era muito próxima da de Rosa. Os Oscuras pariam bebês como gatinhos. Eu não ficaria surpreso se Dante tivesse uma ninhada de mais crianças que eu pudesse mimar em breve.

Corremos em direção ao vazio em frente à ponte fechada no nível inferior e Rosa acenou para uma das câmeras para chamar a atenção dos guardas. Depois de alguns instantes, a ponte desceu e Hastings a atravessou, olhando para nós dois com curiosidade. Rosa soltou minha mão e correu em sua direção.

"Está tudo bem, Doze?" Perguntou ele, olhando para mim novamente com o que eu juro ser uma ponta de ciúme. O coitado estava tão viciado na Rosa que provavelmente teria uma crise de abstinência quando ela saísse dali. Mas se o coração desse cara fosse à única vítima da nossa explosão, seria um preço pequeno a pagar. *Desculpa, cara.*

"Sim, eu e o Roary só queríamos fazer essa pesquisa com os presos." Ela estendeu o folheto para Hastings e ele arregalou os olhos.

"Sério?" Ele perguntou, parecendo estupefato.

"Sim, temos alguns pedidos," ela ronronou, piscando os cílios. "Algum problema?"

"Sem problemas," disse ele com uma risadinha, inclinando-se um pouco mais para perto dela e abaixando a voz. "É que literalmente ninguém aceitou a oferta desta pesquisa."

"Bem, agora sim," disse Rosa com um sorriso. "Então, podemos ir?"

"É, sim, claro," disse Hastings, ainda parecendo um pouco perplexo, mas se virou e fez um gesto com a cabeça para que o seguíssemos pela ponte. "Então, o que vocês querem para este lugar?" Perguntou ele, curioso, enquanto Rosa se aproximava e eu o seguia, meu coração batendo forte de adrenalina só de pensar em usar minhas habilidades de ladrão novamente. O pequeno

furto que cometi aqui não era nada comparado a isso. Essa merda tinha consequências sérias, e esse era o tipo de trabalho que eu sempre amei no passado. Quanto mais longa a pena de prisão, mais eu queria me dar bem e provar meu valor.

No entanto, uma boa parte da minha confiança foi abalada depois que fui pego pela primeira vez. Rosa estava em apuros e eu a ajudei em vez de fugir do FIB. Eu sabia o que estava fazendo. Sabia o que estava arriscando. Mas, como eu era um babaca convencido, não acreditei que realmente iria para a prisão, mesmo quando me algemaram. Rosa tinha escapado, pelo menos. E era a única coisa que eu tinha para me segurar ali dentro. Agora... ela estava presa ali comigo. E eu pagaria qualquer preço para garantir que ela saísse.

“Só acho que poderia haver mais algumas opções de cursos disponíveis,” disse Rosa a Hastings sem hesitar. A garota sabia mentir profissionalmente, juro. Ela era tão boa mentirosa quanto eu era um ladrão. “Seria útil se houvesse treinamento também, para trabalhos aos quais possamos nos candidatar quando sairmos daqui. Sempre me imaginei paisagista. Adoro manejar a terra, mas um pouco de treinamento em construção seria incrível.”

“Bem, duvido que Pike vá permitir mais tempo mágico para algo assim,” disse Hastings.

“Eu quero tentar de qualquer jeito,” disse ela, animada. “Roary quer fazer um pedido para fazer um curso de identificação de cristais também, não é, Roar?”

“Sim,” concordei facilmente e Hastings olhou para mim.

“Acho que não custa nada perguntar,” disse Hastings dando

de ombros e Rosa assentiu com um sorriso brilhante.

Chegamos ao elevador que levava aos aposentos dos guardas e Hastings pressionou a mão no scanner antes que ele se abrisse e o seguimos para dentro. Meu coração batia descompassado enquanto subíamos pelo complexo e eu flexionei os dedos enquanto me preparava para isso.

Troquei um olhar com Rosa pelas costas de Hastings e mais adrenalina inundou minhas veias, o que não tinha nada a ver com este trabalho e tudo a ver com o sorriso dela. Eu precisava seriamente me recompor. Eu era apenas um ladrãozinho fracassado que não tinha literalmente nada a oferecer a ela fora daquelas paredes. Tudo o que eu já roubei, deixei aos cuidados do meu bando. E não havia a mínima chance de meu pai devolver. Ele me viu indo para a prisão como se eu estivesse abrindo mão de qualquer propriedade que eu tivesse sobre as coisas que roubei, o dinheiro ganho com quaisquer bens roubados também. O que significava que do outro lado daquelas paredes eu estava quebrado e potencialmente ainda mais perdedor do que eu era aqui. Pelo menos em Darkmore, eu era *alguém*. Eu havia conquistado minha posição, lutado por ela com dentes e garras. Mas isso não significava nada fora dali. *Eu* não significava nada.

Afastei os pensamentos sombrios quando as portas à minha frente se abriram e respirei fundo, preparando-me para aquilo. Segui Hastings e Rosa, que se aproximaram de mim, enquanto caminhávamos pelo corredor bem iluminado, com o som de conversas vindo da minha frente. Olhei ao redor, procurando o dispensador de antídoto. Rosa sabia que estava ali, pois já o vira antes.

Logo depois de um conjunto de sofás e cadeiras onde alguns guardas tomavam café, eu o vi. O dispensador estava embutido na parede e um guarda estava parado diante dele, apertando um botão, de modo que uma seringa embrulhada em plástico caiu em sua palma através de um disparo. Ele passou por nós, acenando para Hastings e, enquanto passávamos, lancei um olhar furtivo para a minha direita, verificando o botão. Não parecia haver necessidade de uma assinatura mágica, nenhum scanner, nada. Lá em cima, não havia nem câmeras, porque por que diabos eles se preocupariam com um detento se metendo em encrenca ali quando o lugar estava lotado de guardas? Talvez eles devessem ter se preocupado mais.

Antes de chegarmos ao escritório da Diretora Pike, mais adiante no corredor, Hastings abriu uma porta à sua direita e nos conduziu a uma sala. Algumas mesas estavam dispostas de forma que lembrava uma sala de aula, e havia pôsteres na parede com a mesma marca do folheto.

Torne-se um Fae melhor hoje!

Um futuro mais brilhante espera por você.

Sua sentença é um momento para brilhar, não um momento para se voltar para o crime.

Lutei contra a vontade de revirar os olhos ao ouvir aquelas palavras. Todos sabiam que sair de Darkmore não significava que se pudesse simplesmente voltar para a sociedade como se não fosse nada. Metade dos presos ali havia sido envergonhado pelo poder, o que significava que, por mais poderosos que fossem, não tinham mais permissão para lutar por posição na sociedade. Isso significava que 99,9% dos empregos nem sequer os deixavam se

candidatar. Além disso, havia muitas Ordens como a minha que eram humilhadas por seus semelhantes por lançarem uma sombra sobre eles. Então, não, um futuro melhor não me esperava além da minha sentença. Mas poderia estar me esperando lá fora, com Rosa.

As fantasias que tínhamos sobre reivindicar uma ilha distante e criar um lugar só nosso eram sedutoras pra caramba. Mas eu realmente acreditava que ela ficaria comigo para sempre? Meu irmão Leon poderia visitar com poeira estelar, assim como Dante e o resto da família de Rosa. Não precisávamos exatamente de mais ninguém. Mas Rosa também poderia ser escondida pelo Clã Oscura facilmente se quisesse viver entre seu povo. E por que ela realmente me escolheria em vez deles?

Meu irmão tinha a própria vida, então não era como se eu pudesse ir morar com ele ou estressar a família dele por abrigar um fugitivo. Eu não seria um fardo para ninguém. Mas também não queria acabar sozinho em algum lugar. Eu simplesmente não sabia se um futuro com Rosa era realmente tão provável. Não era como se tivéssemos qualquer tipo de relacionamento romântico nos esperando. Então, por que ela ficaria comigo? E por que eu sofria só de pensar em não tê-la por perto todos os dias, vivendo ao seu lado, rindo com ela, estando com ela? Eu odiava a ideia de perder isso, apesar de querer muito ser livre. Eu não queria que o preço dessa liberdade significasse ter que voltar para uma vida sem ela. Agora que ela estava ali, parecia tão natural tê-la por perto. Como eu iria desistir dela?

Voltei a me concentrar na tarefa em questão, amaldiçoando-me por pensar demais. Não importava o que acontecesse comigo além daquela prisão, contanto que Rosa estivesse livre. Era

simples assim. E eu não ia perder tempo pensando nos ‘e se’ do meu futuro. Qualquer lugar onde eu fosse parar tinha que ser melhor que Darkmore.

Nós nos sentamos lado a lado e olhei para as janelas que davam para o corredor, ocultas pelas persianas abertas.

Hastings colocou duas pesquisas na nossa frente, com várias páginas, e também nos deu algumas canetas de plástico.

“Vou pegar um café,” disse Hastings, e Rosa soltou um gemido de desejo, fazendo-o parar antes de sair. “Quer um pouco?”

“Posso?” Ela perguntou esperançosa, com os olhos tão arregalados e inocentes que eu quase ri.

Eu podia chamá-la de filhotinha e provocá-la por ser criança, mas sabia que ela não era tão inocente assim. E aquela menina nunca tinha sido inocente de nada. Se alguma coisa sumisse, quebrasse ou sujasse na casa da tia Bianca naquela época, era invariavelmente culpa da Rosa. Ela era problema com P maiúsculo. E eu adorava isso.

“Claro.” Hastings deu de ombros como se não fosse grande coisa e saiu pela porta. Assim que ela se fechou, Rosa se virou para mim, baixando a voz.

“Em dez minutos, vou pedir para ele me levar ao banheiro,” ela sussurrou, e eu assenti. “Vou te dar o máximo de tempo que puder.”

“Eu consigo, mesmo que tenha só dez segundos,” eu disse com um sorriso arrogante e ela arqueou uma sobrancelha.

“Bastardinho convencido,” ela provocou, pegando a caneta e chupando a ponta, fazendo uma resposta morrer na minha

língua.

Puta merda, isso era muito excitante. Uma corrente elétrica percorreu meu corpo e fez meu pau acelerar. Eu não conseguia tirar os olhos da boca dela, uma boca que eu tinha provado e desejado desde então. Quando me sentia assim, era difícil lembrar por que eu continuava colocando ela na friendzone. Ela era adulta, eu também. O resto do mundo superaria se eu a reivindicasse. Talvez Dante também aceitasse...

Mas então me lembrei da promessa que fiz a ele de sempre protegê-la, e me lembrei dela me admirando aos quatorze anos, me vendo como o rei das feras. Eu não era mais isso e com certeza não pretendia quebrar a promessa que fiz ao primo dela. Eu também sabia que não podia oferecer nada a ela. Então, por que sequer considerar isso?

Desviei o olhar dela, assentindo firmemente no momento em que Hastings retornava à sala com uma bandeja de cafés. Fiquei surpreso por ele ter me trazido um também e agradeci enquanto ele o colocava na minha frente.

"Estes são feitos com grãos de café moídos da Turembia," disse ele. "Café de verdade. Nada comparado à porcaria que te servem no refeitório." Ele olhava para Rosa, com os olhos brilhando e cheios de merda, enquanto a observava bebericar da xícara.

"*Mhmm*," ela gemeu, o som tão sexual que deu ao meu pau ainda mais munição em seu argumento contra eu não a querer.

O queixo de Hastings caiu um pouco enquanto ele observava a garganta dela se mover enquanto ela engolia. Então ela fez um show lambendo os lábios nos quais nós dois estávamos grudados,

e eu tive uma visão perfeitamente inapropriada dela lambendo a ponta do meu pau com aquela língua, me provando, me desejando. *Porra*. Eu realmente precisava me recompor. Eu estava no meio de um trabalho muito importante. Eu não podia estragar tudo porque estava ficando duro pela priminha do meu amigo. Pelo amor de Deus, eu era patético por ela às vezes.

Desviei o olhar e Hastings pigarreou, corando levemente enquanto erguia sua xícara para nós e se dirigia novamente para a porta. “Vou deixá-los preencherem os formulários.”

Ele fechou a porta atrás de si e Rosa sorriu para mim enquanto eu começava a imaginar a bunda peluda do Plunger no chuveiro esta manhã para amolecer minha ereção. Funcionou como um navio batendo em uma rocha e afundou de vez.

Rosa começou a preencher a pesquisa e eu me virei para olhar para minha, começando pela primeira pergunta.

Você se sente confiante de que seu comportamento está melhorando desde que chegou à Penitenciária de Darkmore?

Rabisquei uma resposta idiota, respondendo às perguntas lentamente para garantir que tivéssemos tempo de sobra. Depois de dez minutos, Rosa se levantou, me lançou um sorriso antes de ir até a porta e abri-la. Hastings imediatamente se colocou no caminho dela, claramente de sentinela do lado de fora.

“Você pode me mostrar o banheiro?” Ela sussurrou.

Hastings olhou para mim e eu baixei os olhos para a página, trabalhando na minha próxima resposta.

“Acho que aquele café me atravessou,” ela riu, e, com a visão periférica, a vi se inclinar na direção dele, a mão roçando na dele.

Engoli um rosnado, a pontada de ciúme que senti por aquilo era totalmente irracional. *Ela está dando em cima dele. E mesmo que não estivesse, ela não é sua, idiota.*

"Tudo bem, vamos lá," ele murmurou e a porta se fechou um segundo depois.

Contei até dez mentalmente, meu coração batendo loucamente enquanto eu lutava contra o sorriso selvagem que surgia em meus lábios.

Hora do jogo.

Levantei-me, fui até as janelas e olhei através das persianas para me certificar de que o corredor estava vazio. Estava mesmo. Então, fui até a porta, girando a maçaneta silenciosamente e abrindo a porta com cuidado. Inclinei a cabeça, atento a qualquer som de guardas se aproximando, mas só ouvi o barulho da televisão vindo do pequeno espaço de recreação mais ao fundo do corredor. Respirei fundo e saí para o corredor, correndo por ele com passos silenciosos.

Ouvi risadas de um escritório do outro lado do corredor e congelei quando a porta se abriu na minha frente e um guarda começou a sair, ainda falando com quem estava lá dentro.

"... juro que se eu tiver que relatar mais uma estatística para Pike, minha cabeça vai explodir," ele riu.

"Você está me dizendo," uma resposta veio de dentro da sala.

Atravessei o corredor em alta velocidade, colando-me à parede ao lado da sala de onde ele estava saindo, apostando em que direção ele se viraria ao sair. Eu estava à sua direita, então precisava que ele fosse para a esquerda.

Minha garganta estava apertada, meus pulmões cheios de ar que eu me recusava a soltar.

Vamos, seu idiota, vá para a esquerda.

Ele se virou, fechou a porta e foi para a esquerda. O alívio me inundou enquanto ele seguia pelo corredor e desviava da parede em direção aos sofás.

Corri de volta para o outro lado do corredor, rastejando ao longo da parede, meu olhar fixo no dispensador que estava a apenas três metros de distância.

Nove, oito, sete, seis, cinco...

Rosa saiu de uma sala mais adiante no corredor e Hastings apareceu na esquina um instante depois, caminhando em sua direção, de costas para mim. Encostei-me na parede, engolindo um palavrão, e os olhos de Rosa se arregalaram levemente ao me avistar por cima do ombro dele, e então se voltou para Hastings quando ele se aproximou dela.

"Tudo bem?" Ele perguntou, virando-se para mim, mas ela agarrou seu braço.

"Na verdade, não," ela ofegou. "Não me sinto muito bem."

Eu andei devagar, meu coração disparado ao som da risada alta de um guarda do outro lado do muro quando cheguei ao dispensador.

"O que houve?" Perguntou Hastings, com preocupação no tom de voz.

"Minha cabeça dói."

"Muito?" Perguntou ele, estendendo a mão para tocar a testa dela. "Eu posso te curar."

Apertei o botão do dispensador com o dedo e coloquei a outra mão sob o gatilho no momento em que um ruído mecânico soou dentro do dispositivo. *Merda. Merda. Merda.*

Hastings se virou para olhar e de repente Rosa engasgou e caiu no chão a seus pés, mole como uma boneca.

"Puta merda," ele xingou, ajoelhando-se e três outros guardas apareceram para ajudá-la.

A seringa com o antídoto caiu na minha mão e apertei o botão mais algumas vezes para garantir que tínhamos o suficiente. Mais duas seringas caíram do cano, então um zumbido soou quando uma mensagem apareceu na tela com um som que Rosa tentou disfarçar com um gemido dramático.

"*Sto morendo, sto morendo e siete tutti assim fottutamente estúpido*[2]!"

Li a mensagem na tela, xingando mentalmente. *Recarga necessária.*

Isso teria que ser suficiente.

Comecei a correr, com o coração na garganta, enquanto voltava para o escritório com três seringas enfiadas no bolso e minha mão pousando na alça.

"Ei!"

Virei à cabeça ao ouvir a voz, o medo me invadindo. Se eu fosse pego, nunca mais teríamos essa chance. Plunger não conseguiria se mover e cavar um túnel para nós. Nunca sairíamos.

Cain saiu do elevador no fundo do corredor, com os olhos fixos em Rosa no chão. "Que porra está acontecendo aqui?"

Ele disparou em direção a ela e eu engoli uma risada maníaca enquanto voltava para a sala, pulei sobre a mesa até meu assento e me joguei nele.

Eu queria gritar e comemorar, mas apenas dei um tapinha no meu bolso onde as seringas estavam escondidas e respirei fundo para que meu coração voltasse ao ritmo normal.

“Ela precisa ir ao médico,” disse Hastings, desesperado. “Eu a curei e ela ainda não acordou.”

Dei uma risada ao ouvir o rosnado de Cain vindo dali. “Tudo bem. Eu levo ela.”

Dei uma risadinha ao terminar minha pesquisa. Rosa tinha me contado como Cain desconfiava dela, mas não era ela quem ele precisava revistar naquele momento. E eu não tinha dúvidas de que ele a revistaria. Mas o contrabando não estava com Rosa. Estava bem no meu bolso. E ele nem sabia que eu estava ali.

Quando terminei minha pesquisa meia hora depois e Hastings me levou de volta ao meu bloco de celas, era quase impossível tirar o sorriso do meu rosto.

Corri para minha cela e Rosa pulou em mim no segundo em que entrei.

“Você conseguiu?” Ela perguntou, com os olhos arregalados e esperançosos.

Envolvi meus braços em volta dela, concordando enquanto finalmente me permitia comemorar, rindo e abraçando-a.

“Porra, sim,” ela sussurrou no meu ouvido enquanto eu a apertava contra mim.

“Vamos sair daqui, querida,” rosnei, sem ter certeza de onde

aquela palavra tinha vindo, mas dane-se.

Ela sorriu radiante, seu sorriso tão lindo que atraiu toda a minha atenção. “Já estou sentindo o gosto do mar, Roar.”



Enquanto meus Shadow buscavam meu café da manhã no refeitório no dia seguinte, encostei as costas na parede e observei a multidão de detentos à minha frente. Mal podia esperar para dar conta daquele trabalho e sair dali. Estava trazendo o meu antigo eu de volta à vida, e era uma sensação muito tentadora. Se eu fizesse isso, realmente fizesse isso, talvez fosse um começo para reconstruir minha dignidade como um Night.

O Oficial Lyle me cumprimentou com um aceno de cabeça enquanto se aproximava e se posicionou ao meu lado, olhando também para os detentos. “Bom dia, Roary. Tem mais alguma piada para mim? Contei a última para o meu parceiro e ele quase morreu de rir.”

Eu sorri, dei de ombros e ele me cutucou com o cotovelo.

“Vá em frente, eu lhe dou algumas fichas de cantina se você fizer uma boa história.”

Sorri ao ouvir isso. “Tudo bem. Mas não é tão imunda quanto a última.”

Lyle riu. “Elas são sempre boas.”

“Então... um Lobisomem bate à porta da casa do seu antigo valentão da escola, notando que o lugar é pequeno e decadente, precisando de muitos reparos. Na varanda frágil, a esposa do

valentão dorme em uma cadeira de balanço e um cachorrinho está encolhido a seus pés. O valentão atende a porta e não reconhece o homem parado à sua frente. Então, o Lobisomem diz: 'Olá, notei que sua casa está em ruínas e pensei em lhe oferecer uma aposta para ganhar algum dinheiro'."

Lyle deu um sorriso largo, já rindo antes mesmo que eu chegasse perto do final.

"O valentão acena com a cabeça, entusiasmado, e o Lobisomem diz: 'Aposto cem dólares que consigo fazer seu cachorro correr até lá e entrar no carro do meu amigo'. O valentão ri e responde: 'Você nunca vai conseguir que ele faça nada. É dinheiro fácil'. Então, o Lobisomem vai até o cachorrinho e usa um comando Alfa nele, e o filhote sai correndo e pula no carro, no colo do amigo. 'Que incrível!', exclamou o valentão, mas depois franze a testa e diz que não tem dinheiro para pagar, mas que vai ficar devendo uma. Então, o Lobisomem diz: 'Tudo bem, vou te dar outra chance de vencer para quitar sua dívida. Aposto duzentos dólares que consigo beijar sua esposa sem acordá-la'. O valentão ri, balançando a cabeça. 'Você nunca vai conseguir isso, é dinheiro fácil!', ele grita."

"O que aconteceu depois?" Perguntou Lyle, atento a cada palavra minha.

"Então o Lobisomem se aproxima da esposa, inclina-se e a beija suave e sedutoramente, passando a língua em sua boca com muita safadeza, e, de fato, ela não acorda. O valentão suspira por perder o jogo novamente e diz: 'Desculpe, não tenho dinheiro para pagar, mas vou te ficar devendo uma.' Então o Lobisomem diz: 'Tudo bem, vou te dar mais uma chance, e desta vez te dou

trezentos dólares se eu falhar.' O valentão concorda e o Lobisomem diz: 'Aposto que consigo mijar naquele penico ao seu lado sem derramar uma gota sequer'. O valentão olha para o penico, que está bem longe do Lobisomem, então parece improvável que ele consiga. Então, ele concorda entusiasticamente e o Lobisomem tira o pinto e começa a mijar. Ele mija nos sapatos e nas pernas do homem, nas paredes da casa, na varanda e até na esposa adormecida, e o valentão ri alto enquanto faz isso."

Lyle bufou e riu, e eu sorri enquanto continuava.

"'Você não acertou uma gota sequer!', ri o valentão, apertando a barriga. 'Pague!', o Lobisomem ria também, entregando o dinheiro. 'Por que você não está chateado?' Pergunta o valentão, continuando a rir. O Lobisomem desce as escadas em direção ao carro do amigo, saltitando. 'Porque meu amigo apostou mil dólares que eu não conseguiria roubar seu cachorro, beijar sua esposa, mijar em você e na sua casa e te deixar rindo disso'.

Lyle deu uma gargalhada e me deu um tapa no ombro. "Boa!" Ele riu alto enquanto Cain passava por nós, nos lançando um olhar furioso.

Claud me chamou até a minha mesa e acenei para Lyle enquanto ele enxugava as lágrimas dos olhos e me sentei diante do banquete preparado para mim. Tudo bem, a palavra 'banquete' era um pouco exagerada, mas eu tinha uma montanha de mingau de aveia, uma tigela de frutas e três potes de mel. E isso era o mais perto que as coisas chegaram de um banquete por aqui.

Claud comeu sua refeição ao meu lado e notei que ele tinha uma foto da esposa e dos filhos pousados ao lado da bandeja.

“Mal posso esperar para vê-los novamente,” ele disse com um suspiro e eu sorri tristemente.

“Você verá um dia,” prometi, e seus olhos brilharam ao me olhar. Não podíamos dizer mais nada, caso Cain virasse seu ouvido de Vampiro em nossa direção, mas eu sentia a ansiedade em Claud tão intensa quanto a minha. Veríamos nossas famílias em breve. Eu mal podia esperar para segurar minha sobrinha e meu sobrinho nos braços. Eu faria alguns trabalhos por fora para conseguir dinheiro suficiente para mimá-los até ficarem grisalhos e velhos. Eu tinha anos para compensar isso e planejava começar o mais rápido possível.

“Ooh, cuidado, a Srta. Rosa está linda hoje,” Claud brincou, apontando o queixo na direção dela.

Olhei para ela, sentada com seus Lobos. Sua nova companheira de matilha, Laura, trançava seu cabelo enquanto ria de algo que Sonny dizia, e todo o seu rosto se iluminou.

“Por que isso é algo que eu preciso ficar de olho?” Murmurei, parecendo desinteressado, mas meus olhos ainda estavam fixos nela. Ele tinha razão. Ela estava bonita hoje. Sempre estava, pelo menos, mas havia um brilho nela esta manhã e eu me perguntei se tinha a ver com esperança. Começaríamos o trabalho na biblioteca hoje e isso significava que estávamos nos aproximando do dia em que sairíamos dali. Eu mal podia esperar para ver o sol além daquela maldita cúpula do Pátio da Ordem, precisava sentí-lo enquanto estivesse livre e esticado na minha forma de Leão, tirando uma soneca em alguma praia distante. Mas, mais do que isso, eu sonhava em ver o sol iluminar a pele de Rosa, vê-la sorrir em algum lugar a quilômetros dali e saber que ela nunca mais

seria enjaulada.

“Porque você a ama,” Claud zombou e eu o empurrei, quase o derrubando do assento com a força que usei.

Ele continuou rindo enquanto se endireitava, ronronando enquanto se aconchegava no meu braço. *Maldito gato doméstico.*

Claud podia ser um Leão, mas não era do tipo Alfa. Era incomum que Leões machos desempenhassem os papéis típicos de Leoas, mas ele era um homem que agradava a todos, e se tornar meu ajudante parecia natural aqui. Ele liderou os Shadow soberbamente e eu não teria sobrevivido aqui sem ele.

“Não, não, não, NÃO!” Uma garota gritando chamou minha atenção e eu me virei, avistando-a na fila do café da manhã. Reconhecia como Bullseye, com seu corpo pequeno e cabelo rosa-choque. Ela estava pegando punhados de mingau de aveia e jogando-os no chão, parecendo possuída enquanto remexia. “Não está aqui! Sumiu. Onde estão meus diamantes? Eu os deixei bem aqui!” Ela se virou para o cara atrás dela, agarrando um punhado do macacão dele. “Você os pegou! Você os pegou da Lady Jasinta, não é? *Não é*?” Ela rosnou e o Oficial Rind correu até ela, puxando-a para longe dele.

“Sai de cima de mim, Coronel Mostarda!” Ela lamentou. “Ah, agora entendi! Você fez isso, não foi? Você a matou na biblioteca com o castiçal e levou os diamantes dela!”

“Parem de lutar,” Rind rosnou, tentando fazer com que ela parasse de se debater.

O outro guarda cabeça-dura, Nichols, correu para ajudá-lo e os dois prenderam as algemas dela nas costas enquanto a escoltavam em direção à saída. Sua voz chegou até nós quando a

arrastaram pela porta e seus olhos selvagens e enlouquecidos pareceram se fixar em mim por um instante. “Ajude-me, Professora Plum!”

Ela desapareceu com eles e minha garganta se fechou, meus olhos se movendo pelo corredor para encontrar os de Rosa, uma carranca puxando sua testa. Agora eu sabia o que Rosa tinha visto na Psiquiatria, eu tinha mais medo de enlouquecer naquele lugar do que de qualquer outra coisa. Era uma merda. E ninguém merecia aquele destino, nem mesmo um bando de criminosos psicóticos.

A conversa recomeçou no refeitório e suspirei enquanto voltava minha atenção para a comida. Não havia nada que pudéssemos fazer pela garota. Foi só azar. Ou talvez...

Olhei para Rosa novamente, sacudindo a cabeça para chamar sua atenção, e ela franziu a testa enquanto se levantava e caminhava para sentar-se à minha frente.

“Te vejo em breve, Claud,” eu disse a ele, e ele assentiu, entendendo a indireta e correndo para se sentar com alguns dos Shadow.

“O que foi?” Ela perguntou, com os olhos brilhando um pouco, e eu, por instinto, estendi a mão e a agarrei. Apertei delicadamente e sua máscara deslizou com força para o lugar antes que ela retirasse a mão e eu retirasse a minha. Ela jamais admitiria que ver a detenta sendo levada embora a perturbara, pelo menos não diante de tantos olhares atentos. Se você demonstrasse fraqueza ali, os abutres a cercariam.

“Acabei de ter uma ideia...” murmurei, lançando um olhar para Cain, mas ele estava ocupado separando uma briga entre

duas Harpias, então eu sabia que podia conversar em particular. “Se estão levando pessoas para a Psiquiatria para algum tipo de experimento, então devem estar orquestrando.”

“Você acha que eles estão escolhendo quem vai enlouquecer?” Ela sussurrou horrorizada e eu assenti.

“Faz sentido, você não acha?”

“Mas como?” Ela sussurrou.

“Não sei.” Olhei para a minha comida, completamente desanimado com a ideia de estar drogada. Mas nossas refeições eram todas feitas em grandes quantidades, como uma pessoa poderia ser o alvo? Verifiquei se Cain ainda estava ocupado e baixei ainda mais a voz. “Mas quanto mais cedo sairmos daqui, melhor.”

Ela assentiu firmemente e minha excitação começou a retornar novamente.

“Em breve,” eu disse, sorrindo, e ela sorriu também, seus olhos brilhando um pouco.

“Céus, você parece que precisa de ajuda com toda essa comida aí, garotão,” a voz de Plunger me fez virar a cabeça e o notei caminhando perto de um Cerberus enorme, de cabeça raspada e uma careta. Eu tinha quase certeza de que se chamava Fred e que estava em Darkmore havia apenas algumas semanas.

“Cai fora, aberração,” Fred rosnou enquanto a mão de Plunger deslizava por suas costas.

A mão de Plunger continuou, descendo para apertar sua bunda. “Você e eu poderíamos ser *bons* amigos.”

“Tire a porra das mãos de mim.” Fred largou a bandeja em

cima da mesa, virou-se bruscamente para Plunger e o empurrou com tanta força no peito que ele cambaleou para trás e caiu de bunda no chão. Ninguém riu. Porque todos que estavam ali há tempo sabiam que Plunger podia parecer um Shifter Toupeira Polethius fraco, mas estava longe disso.

Fred sentou-se em frente à sua comida, devorando-a enquanto Plunger se levantava atrás dele, esfregando sua bunda machucada e então colocando a mão no bolso e circulando a mesa de Fred.

“Nossa, que grosseria da minha parte,” ronronou Plunger, chamando a atenção de Fred novamente. “Eu não lhe ofereci os gentis serviços do meu pote dos desejos.”

“O quê?” Grunhiu Fred, colocando uma colherada de mingau na boca, e um arrepio de apreensão percorreu minha espinha enquanto Plunger se sentava à sua frente. “Cai fora, seu esquisitão assustador.”

“Ah, eu vou, mas não antes de você fazer seu pedido, meu bom senhor.” Plunger abriu o pequeno pote de vidro em sua mão, derramando algo na palma da mão e a bile subiu à minha garganta quando percebi que era um tufo de pelos pubianos cinzentos. Ele os soprou em Fred e eles grudaram em seu rosto e caíram sobre sua refeição.

“Que porra é essa?” Fred limpou o rosto, então Plunger se levantou, agarrou sua cabeça e a jogou no mingau, esfregando-a, depois o soltou e colocou várias colheradas em seus lábios entreabertos, pouco antes dos guardas olharem em sua direção.

Cain disparou quando a bunda de Plunger atingiu seu assento e Fred rugiu de indignação, cuspindo a aveia e limpando

seu rosto para tentar tirar os pelos pubianos de sua pele pegajosa.

“Que porra está acontecendo aqui?” Perguntou Cain, e Plunger sorriu inocentemente.

“Eu só estava fazendo um novo amigo, senhor,” disse ele. “Não é mesmo, Freddy? Estávamos só brincando.”

O nariz de Fred estava sangrando e ele parecia ter percebido o que havia na comida, pois praticamente arranhava a pele para se livrar dos pelos pubianos.

“É verdade, Três-Zero-Dois?” Perguntou Cain a Fred, que olhou para ele e assentiu rapidamente.

“Sim, senhor,” disse Fred num tom muito mais fraco do que antes.

Plunger se levantou, andando de um lado para o outro e sussurrando algo no ouvido de Fred, que empalideceu antes de abaixar a cabeça. Plunger foi embora com um sorriso presunçoso no rosto, e eu me virei para Rosa, que estremeceu.

“Lembre-me de nunca irritar esse cara,” ela murmurou.

“Só se você me lembrar também,” respondi.

O sinal tocou para sinalizar o fim do café da manhã e todos os pensamentos sobre os pelos pubianos do Plunger desapareceram da minha cabeça. Era hora de começar a trabalhar na biblioteca. Todos saíram do salão e Rosa sorriu radiante ao pular da cadeira.

Seguimos os outros presos lado a lado, deixando o fluxo de corpos nos levar em direção à saída. Cain tinha uma expressão presunçosa no rosto enquanto esperava a nova equipe se reunir no corredor além do refeitório, mas eu não fazia ideia do porquê.

“Quer dizer alguma coisa?” Rosa perguntou, jogando o cabelo para trás.

“Espero que você goste do seu novo trabalho, Doze,” ele disse com um sorriso arrogante.

“Bom, qualquer coisa é melhor que o último, certo?” Ela perguntou e ele estreitou os olhos.

Claud, Sonny, Brett e Esme se juntaram a nós e Gustard chegou logo depois deles. Plunger abriu um largo sorriso enquanto nos observava, esfregando as mãos.

“Vocês estão prontos para colocar a bunda para funcionar?” Perguntou ele, observando as tatuagens no pescoço de Gustard, que apareciam acima do uniforme impecavelmente passado. Ele tinha a cara de pau de olhar para um serial killer daquele jeito. Mas nem mesmo Gustard faria nada com ele na frente dos guardas. Principalmente depois que Plunger tinha acabado de nos lembrar do que acontecia com quem o irritava.

Sin chegou em seguida, esticando os braços acima da cabeça e sorrindo para todos nós. “E aí, pessoal.”

“Somos todos nós, certo?” Disse Rosa. “Vamos.”

“Estamos esperando mais dois,” disse Cain secamente.

“O Oficial Hastings disse que era uma equipe de nove,” eu disse abruptamente e Cain desviou o olhar para mim, cheio de desagrado.

“Bem, ele estava errado. Há onze nesta turma de trabalho,” rosnou ele. “Você tem algum problema com isso, Sessenta e Nove?”

“Não, senhor,” murmurei, mas troquei um breve olhar com

Rosa. Quem quer que aparecesse teria que ser confiável para contar o nosso segredo. E quem sabia qual filho da puta estava prestes a sair do refeitório?

Merda, isso não é bom.

Ethan Shadowbrook apareceu, caminhando até Cain e então olhando para Rosa com o maxilar flexionado.

"Ah, porra, não," rosnou Rosa, endireitando a coluna. "Eu não vou trabalhar com *ele*." Medo passou pelos seus olhos porque aquilo era muito mais do que isso. Se ele estava naquele trabalho, ela teria que confiar nele, deixá-lo vir conosco. E embora eu temesse o que significaria para ela deixar seu companheiro para trás naquele lugar, isso não significava que eu queria que a decisão fosse tirada das mãos dela.

"Se você se recusar a trabalhar com ele, então pode voltar a limpar o nível de manutenção, Doze," disse Cain, parecendo muito divertido com o olhar furioso dela para Ethan.

Pelos céus, não é assim que deveria ser. E quem é o último membro?

Olhei para o refeitório, os demais presos já levados para seus trabalhos ou de volta às celas. Quem diabos estávamos esperando então?

"Mal posso esperar para começar a reforma," disse Sin, dando uma piscadela óbvia para Rosa quando Cain não estava olhando. Ela o chutou na canela e ele mordeu o lábio como se gostasse disso. *Idiota...*

A porta finalmente se abriu e Pudding saiu pesadamente, caminhando em nossa direção num ritmo despreocupado, antes

de parar na frente de Cain. “Apresentando-se para o serviço.”

Rosa pareceu surpresa, seus olhos indo de Pudding para Ethan enquanto outro rosnado crescia em sua garganta. Quer dizer, Pudding não era exatamente uma ameaça, mas ele era lento pra caramba e eu não sabia se ele seria de alguma ajuda naquela situação. E se ele não quisesse escapar? Eu não tinha ideia de quanto tempo a pena do cara era ou de qualquer coisa sobre ele além daquela prisão, mas ele era um cara legal. Pelo menos ele não nos deduraria.

“Escolha outro trabalho,” Rosa exigiu de Shadowbrook, que lhe deu um sorriso frio.

“Não,” disse ele simplesmente, cruzando os braços. “Este é o único que me darão, já que meus privilégios foram revogados por roubar uma chave de algema.” Ele disse essas últimas palavras com veneno, seu olhar fixo nela e a acusação por trás dele era clara. Um rosnado surgiu na minha garganta e Ethan me lançou um olhar afiado como uma faca.

“Sigam-me,” gritou Cain, descendo as escadas a passos largos, claramente cansado de assistir ao desenrolar da conversa.

Fiquei ao lado de Rosa enquanto ela dava as costas para Ethan e descemos as escadas correndo juntos, acompanhando o ritmo frenético de Cain. Ela me lançou um olhar que dizia “*que porra vamos fazer?”* eu lhe devolvi um que dizia “*não podemos fazer nada”*. Ela rosnou novamente, mergulhando em fúria quando chegamos ao sexto andar e caminhamos pelo corredor até as portas de vidro fosco da biblioteca.

Cain segurou uma das portas aberta, gesticulando para que entrássemos. “Vocês ficarão trancados até a hora do almoço. Os

olhos estarão em vocês através das câmeras. Qualquer infração e vocês correrão o risco de perder seus privilégios de trabalho por completo. Alguma pergunta? Ótimo. Podem começar." Ele enfiou um pedaço de papel em minhas mãos e esperou que entrássemos.

Olhei para ela enquanto entrávamos, encontrando uma lista de todos os serviços que precisavam ser feitos. Lá dentro, havia pilhas e pilhas de caixas que presumi estarem cheias de livros novos, e ao lado delas, baldes de tinta e pincéis, lençóis, gesso e todo tipo de coisa para a reforma. Cain fechou a porta e um baque soou antes que sua sombra se dissipasse através do vidro fosco.

Todos, menos eu e Rosa, se adiantaram para pegar as ferramentas, e Plunger começou a passar os dedos para cima e para baixo no comprimento peludo de um rolo de pintura.

"Não há nada que possamos fazer," murmurei para Rosa, que parecia prestes a perder o controle.

Peguei a mão dela e ela me encarou, respirando pesadamente. "Ele não pode vir."

"Ele tem que vir," sussurrei com urgência. "Não temos escolha. Todos nesta sala virão, ou não conseguiremos fazer isso."

"Quem vem?" Ronronou Plunger enquanto se aproximava, ainda acariciando aquela maldita escova. Arranquei-a da mão dele com um rosnado e ele ergueu as sobrancelhas grisalhas, surpreso.

"Escutem! Larguem essa merda de reforma e me sigam!" Rosa gritou, chamando a atenção de todos e me surpreendendo enquanto se afastava. Acho que ela já tinha tomado sua decisão.

Seu olhar percorreu todos, exceto Ethan, a quem ela ignorou

intencionalmente. Ela os chamou e rosnei para qualquer um que não se movesse imediatamente, incluindo Shadowbrook, que franzia a testa, confuso. Por fim, ele a seguiu também e entramos em um dos muitos pontos cegos das câmeras de segurança nos fundos da biblioteca cavernosa.

Rosa subiu em uma mesa, colocando as mãos na cintura enquanto olhava para todos nós, e eu me vi de pé ao lado de Ethan enquanto a observávamos.

“Que porra é essa, amor? Você não vai ficar no comando da fodida equipe de reforma da biblioteca,” zombou Ethan, e Sonny e Esme rosnaram perigosamente.

“Está muito bom, gatinho, então ouça o que ela tem a dizer,” disse Sin animadamente, pulando na ponta dos pés.

“Escute ela, Lobo,” interrompeu Gustard. “Você tem sorte de estar aqui. Todos vocês têm.”

“O que exatamente *estamos* fazendo aqui na seção de referências?” Perguntou Pudding em seu tom lento, olhando ao redor dos corredores, segurando uma escada em uma das mãos como se ela não pesasse nada.

“Talvez a garota Lobo queira um tipo diferente de matilha para agradá-la aqui no escuro,” Plunger murmurou faminto atrás de mim e eu fiz uma careta.

“Estamos aqui... porque estamos escapando de Darkmore,” Rosa foi direto ao ponto, com a voz baixa e séria. “Cada um de nós nesta sala e mais ninguém.”

“O quê?” Ethan perguntou abruptamente, dando um passo em direção a ela, mas eu estendi o braço para impedi-lo de

passar.

“Escute-a,” eu disse em tom de advertência. “Ela está te oferecendo sua vida de volta.”

“Estamos fugindo?” Perguntou Plunger, animado, enquanto Esme, Brett e Sonny uivavam e se abraçavam. “E como vamos sair daqui, cachorrinha? Você conhece alguma passagem estreita pela qual possamos nos esgueirar e sair rastejando?”

“Ainda não,” disse Rosa, fazendo uma leve careta ao ouvir a pergunta dele. “Mas você vai fazer uma com sua forma de Ordem, Plunger. Porque você vai conseguir sentir os detectores mágicos no chão e evitá-los.” Ela tirou uma seringa de antídoto para Supressor de Ordem do bolso, mostrando a ele e a todos os outros.

Claud ofegou, olhando para mim com os olhos brilhando, e eu lhe dei um sorriso. Ele ia rever os filhos. Eu tinha feito aquela promessa e planejava cumpri-la. Ele olhou para Rosa com gratidão. “Obrigado, Srta. Rosa.”

Ela acenou para ele, mas sorriu mesmo assim, e eu dei um tapinha nas costas de Claud com um sorriso arrogante.

“Ai, pelas bolas da minha doce e peluda avó,” disse Plunger, animado. “Com certeza vou cavar o seu buraco, senhora. Vou cavá-lo fundo e largo para que todos nós caibamos juntinhos.”

Eu sorri, ignorando o fato de que Plunger era um completo idiota, porque quem se importava quando ele era o idiota que iria nos tirar daquele lugar por um túnel?

“Você escolheu todos nós, cão?” Perguntou Pudding a Rosa, com os olhos brilhantes.

“Hum, sim, mais ou menos,” ela disse sem jeito e Pudding sorriu enquanto Ethan franziu a testa profundamente.

“Bem, eu nunca fui escolhido a dedo para nada antes,” disse Pudding. “E eu gostaria de aceitar seu convite para me levar à superfície e escapar desta prisão. Sim, eu gostaria disso, cão.”

“Ótimo,” disse Rosa com um sorriso forçado. “Então, temos trabalho a fazer. Estão todos dentro?”

Ethan pareceu chocado quando todos concordaram rapidamente e eu me virei para ele com meu olhar mais severo.

“Ou você entra, ou transforma todos nesta sala em inimigos. Se nos entregar, Shadowbrook, eu mesmo te mato. Ninguém vai estragar tudo. Já nos esforçamos demais.”

Ethan olhou para mim, parecendo tão surpreso que nem parecia bravo por eu estar falando com ele daquele jeito.

“Você está dizendo que eu posso ir para casa?” Ele perguntou, o desespero brilhando em seus olhos e, por algum motivo, coloquei a mão em seu ombro.

“Se você nos ajudar a sair daqui, você pode ir para onde quiser, Shadowbrook.”

Olhei para Rosa, encontrando seu olhar agora grudado em Ethan e uma emoção profunda espreitando por trás de seus olhos enquanto ela esperava por sua resposta.

“Estou dentro,” Ethan rosnou com um aceno firme. “O que você quer que eu faça?”



Meu coração batia forte e a adrenalina corria pelos meus membros. Era isso. Sem volta. As pessoas naquela sala eram oficialmente meus novos melhores amigos, mesmo que eu odiasse três delas. Não importava, porque dali em diante até respirarmos o ar fresco da liberdade, nós dez estávamos unidos como cola.

Sonny, Esme e Brett riam animadamente enquanto começavam a retirar os livros das prateleiras designadas para o dia e a usar a lista de verificação que nos deram para encaixotar o estoque excedente. Eu já os havia feito jurar segredo no Complexo Mágico quando decidi que eles viriam conosco, fazendo-os prometer não revelar o segredo que eu havia revelado ali a ninguém, para que eu soubesse se nos traíssem, mas eu não estava nem um pouco preocupada com isso.

Roary planejava fazer um juramento semelhante com Claud na próxima vez que estivessem no Complexo, e os dois conversavam em voz baixa enquanto começavam a retirar as prateleiras recém-esvaziadas das paredes para poderem começar a pintar. Faríamos Plunger, Ethan e Pudding jurarem o mesmo na próxima vez que estivéssemos lá também. E Gustard, se conseguíssemos, embora eu estivesse disposta a apostar que

aquela enguia escorregadia daria um jeito de não obedecer.

Passamos a última meia hora designando tarefas, com a maior parte da equipe assumindo a reforma propriamente dita para cobrir a realidade do que estávamos fazendo. Fiquei seriamente aliviada quando Pudding me disse que presumira estar na lista por causa do seu talento para construir dispositivos de comunicação com as lascas dos potes de pudim antigos, e agora percebia que ele deveria ter entrado de qualquer maneira.

Ele concordou em mandar o irmão entregar receptores aos familiares da nossa equipe para que todos pudessem se organizar para quando saíssem dali sem correr o risco de falar com alguém por telefone ou em uma visita, onde os guardas estariam atentos. Ele também entregaria um para Jerome, o Fae que me pagou para tirar Sin dali e que era vital para os estágios finais do meu plano, para que pudéssemos conter o FIB o máximo possível. Tudo o que eu precisava fazer era garantir que meus Lobos continuassem entregando os chips para ele, e ele conseguiria fabricar transmissores suficientes para que pudéssemos falar com todos do lado de fora com frequência suficiente para garantir que o plano deles também funcionasse. Ethan até concordou em fazer com que seus Lobos coletassem os chips no momento em que Roary disse que colocaria os Shadow para fazer isso, e Gustard, relutantemente, disse que colocaria os Watchers no caso também. Com tantos chips, Pudding estaria pronto para fabricar quantos transmissores precisássemos, contanto que todos fôssemos discretos ao entregá-los a ele.

Selecionamos um canto escuro da biblioteca para começar a cavar nosso túnel, afastando uma estante e dando a Plunger uma pequena dose do antídoto, que seria suficiente para as duas horas

que tínhamos ali embaixo, enquanto guardávamos o resto da seringa para outro dia. Precisávamos racioná-la, mas como a dose era suficiente para cobrir os guardas por 24 horas, teríamos o suficiente com as três que Roary conseguiu roubar.

Sin se voluntariou para ficar com Plunger no túnel e ficar de olho nele, e eu fiquei muito grata por isso, porque Plunger em um dia normal era demais para mim, mas Plunger em sua forma transformada era perturbador em um nível totalmente novo. Eu literalmente nunca tinha sido alguém que fizesse bullying uma Ordem antes, mas, porra, os Shifters Toupeira Polethius eram nojentos de se olhar. Ou talvez fosse só ele. Mas junte essa aparência à personalidade nada saudável de Plunger e você teria um Fae com quem eu não queria ficar presa em um espaço pequeno e escuro por horas a fio. Não, Sin tinha me salvado lá, com certeza.

Quando Plunger se transformou pela primeira vez, eu honestamente pensei que ele estava me enganando e que tinha feito um trabalho pela metade para nos enojar a todos, mas não, eu encontrei um livro de referência e, aparentemente, eles realmente faziam apenas uma transformação pela metade. Em sua forma de Ordem, os pelos grisalhos que cobriam seu corpo encolheram até que ele ficou liso por toda parte, mas então sua pele pareceu esticar até ficar pendurada em dobras soltas como uma daquelas coisas estranhas de rato-toupeira pelado, mas seu corpo permaneceu em sua forma Fae, então ele parecia uma espécie de estátua de cera derretida. Então suas mãos se transformaram em garras de toupeira, seus olhos encolheram e seu nariz cresceu e ficou todo vermelho e brotou o que pareciam tentáculos e *brilhou* - honestamente, eu nunca tinha visto uma

Ordem de aparência tão assustadora em toda a minha vida.

E, claro, como era Plunger ele insistia em se despir enquanto estava transfigurado, embora seu corpo real fosse semelhante o suficiente à sua forma Fae para que ele pudesse facilmente manter as roupas. Ele continuou batendo a bunda contra as laterais do túnel enquanto cavava, repetindo as palavras "é o meu método" tantas vezes que me deixou louca nos cinco minutos que passei com ele enquanto começava a cavar.

Sin estava realmente se prejudicando pelo time ao supervisionar aquele show de horrores, e eu ficaria feliz em retribuí-lo de qualquer forma que ele quisesse para mostrar minha gratidão mais tarde.

Como era de se esperar, Gustard não estava ajudando, sentando-se em uma das mesas ruins e abrindo um livro enquanto se acomodava para ler.

"Você tem que ajudar com o trabalho, *stronzo*," rosnei, ficando em pé sobre ele e pressionando minhas mãos na mesa à sua frente.

"Acho que vocês todos estão no controle," ele respondeu preguiçosamente, virando uma página, e rosnei enquanto estendia a mão e fechava o livro com força.

"Estamos com dois homens a menos neste trabalho enquanto Sin e Plunger estão no túnel," sibilei. "Não podemos deixar transparecer que estamos demorando muito para fazer o trabalho, ou os guardas podem ter perguntas para nós. Ou pior ainda, eles podem decidir realocar os trabalhadores para cá."

"Relaxa, minha querida, os guardas não se importam com o tempo que esse trabalho leva, senão teriam contratado

profissionais mágicos para fazê-lo. Eles só querem ter certeza de que odiaremos cada segundo. Então, tire a sua mão gordurosa do meu material de leitura e vou ficar de guarda perto da porta principal. Sem dúvida, você gostaria de ser avisada se os guardas voltarem para nos ver." Gustard arrancou o livro da minha mão e o puxou de volta, sorrindo perigosamente antes de se afastar vagarosamente em direção às portas no fundo da sala cavernosa.

Para a sorte dele, o circuito interno de TV cobria sua bunda bajuladora lá, ou eu poderia ficar tentada a dar uma surra nele do jeito que os comparsas dele já tinham me dado aqui uma vez. Cerrei os dentes enquanto tentava esconder a raiva que sentia de Gustard numa bola de ódio no fundo da minha mente. A hora dele chegaria. Eu já estava planejando a melhor maneira de me livrar dele antes de sairmos daqui e me vingaria do bando de babacas alegres dele se tivesse a chance. Em breve, todos os meus inimigos sentiriam o punho de ferro da minha ira caindo sobre eles.

Uma mão segurou meu cotovelo enquanto eu estava ali, fervendo de raiva, e me virei para encontrar Ethan me encarando. Ele me arrastou para longe do resto do grupo, para dentro das estantes e pelo labirinto de prateleiras com livros dedicados à criminalidade e à mudança de rumo na vida.

Eu poderia ter lutado contra ele, mas não o fiz. Precisávamos resolver isso agora que eu também estava presa a ele neste time, e fazia sentido fazer isso o mais rápido possível. Além disso, a sensação da mão dele na minha pele era boa demais para negar, mesmo que o aperto dele fosse forte e eu pudesse sentir o gosto da sua raiva no ar. Eu o estava evitando há muito tempo e o vínculo de companheiro ansiava por me ter de volta em seus

braços há dias. Era uma boa desculpa para silenciar as bobagens sem que eu precisasse parecer que tinha cedido.

Quando chegamos ao fim da fileira e estávamos longe o suficiente dos outros para não sermos ouvidos, ele me girou e me empurrou contra a parede com tanta força que a dor ricocheteou na minha espinha por um instante. O que havia com aquele povo todo achando que podia me agarrar o tempo todo? E o que havia comigo que gostava tanto daquilo?

"*Ciao, anima gemella*," ronronei, olhando para ele com um sorriso irônico enquanto ele rosnava na minha cara.

"O que isso significa?" Ele cuspiu.

"Eu chamei você de minha *alma gêmea*," eu disse em um tom que o fez saber exatamente o que eu pensava daquela besteira, embora meu coração estivesse batendo forte por tê-lo tão perto e uma parte de mim só o quisesse mais perto.

"Bem, você claramente não me considera sua alma gêmea se planejou tudo isso e nem me contou," rosnou Ethan. "Você ao menos sabia que eu estaria nesse time? Você sequer planejava me levar com você?"

Lambi meus lábios lentamente enquanto seu olhar penetrava o meu, exigindo aquela resposta como se ele precisasse dela mais do que respirar.

"Não," eu disse lentamente, pronunciando a palavra e observando-a atingir seu peito como uma bala, e eu realmente esperava que doesse pra caramba.

Ethan apenas balançou a cabeça como se não pudesse acreditar, virando-se e afastando-se de mim como se não

suportasse me olhar. Mas antes mesmo de chegar ao fim do corredor, ele se virou e veio em minha direção com fúria nos olhos azuis.

“Diga que você não sente isso,” ele exigiu. “Diga que você não está ardendo de desejo de me ver, me tocar, me beijar, isso está me levando à beira da insanidade, e ainda assim você estava disposta a me abandonar aqui e nos fazer sofrer essa dor pelo resto da vida? Que porra é essa, Rosalie?”

“Sentir o quê?” Perguntei cruelmente, a máscara que meu pai me ensinara a usar firmemente presa sobre minhas feições. “O jeito como você me rejeitou e o presente que a lua nos ofereceu? A rejeição de saber que meu companheiro prefere deixar Sin transformá-lo em uma vadiazinha e permitir que a prisão inteira acreditasse que ele acasalou com uma *Beta do caralho* em vez de se levantar e me reivindicar como sua? A dor no meu peito quando você deixou aquela vadia de baixo escalão te apalpar, te beijar, te foder e...”

“Eu não estou fodendo com ela,” ele rosnou, como se a ideia realmente o enojasse. “Eu não estou fodendo com ninguém além de você.”

Ri amargamente e joguei o cabelo para trás, mesmo com o alívio transbordando ao ouvir suas palavras. A ideia dele escolher alguém tão inferior a ele em vez de mim estava me deixando louca. Se ela fosse uma Alfa, pelo menos eu entenderia, mas aquela vagabunda sorria frouxo perto dele. *Sorriso bajulador*. Se eu soubesse que ele ficou de pau duro por causa daquela vadia mansa depois de me ter, eu nunca teria perdoado.

“Bom, então parece que você não está transando com

ninguém, *amore mio*," zombei. "Porque você definitivamente não está transando comigo."

Ethan rosnou, inclinando a cabeça para o lado enquanto me olhava. "Você não pode lutar contra esse amor eterno. Estamos fadados, você e eu, a lua quer que fiquemos juntos..."

"Mas *você* não," zombei. "E eu não vou ser seu segredo sujo, Ethan. Então, me escolha ou me deixe em paz."

"Não consigo," rosnou ele, o Lobo dentro dele parecendo flamejar em seus olhos por um instante com a angústia que sentia por causa disso. Mas buááá, ele podia chorar um rio de lágrimas. Se ele queria sentir pena de si mesmo por causa dessa situação, então que se entregasse. Isso deveria ser um presente, não uma maldição, e eu não ia tolerar ser apenas um arrependimento que ele guardava.

"Então me deixe em paz. Eu não preciso de você mesmo." Eu o empurrei para o lado enquanto fazia menção de ir embora, mas ele me segurou e me empurrou contra a parede novamente.

Rosnei para ele e um gemido baixo escapou. "Você ia mesmo me deixar aqui, não ia?" Ele sussurrou, e a culpa que senti por aquela acusação subiu pela minha garganta como bile. Porque, sim, essa tinha sido minha intenção. Mas, enquanto eu estava presa em seus olhos azuis brilhantes, me peguei pensando se eu realmente teria feito isso, porque ficar ali com ele era bom demais, mesmo estando com tanta raiva que poderia dar um soco na cara dele.

"Você não me quer mesmo," murmurei.

"Eu quero você," disse ele com ferocidade. "Você é tudo o que eu quero, porra."

“Mentiroso. Você quer mais a sua preciosa gangue.” *Porra*, doeu dizer isso, expor os fatos daquele jeito e esperar que ele negasse, mesmo sabendo que ele não faria isso.

“Quando sairmos daqui, pode ser diferente,” começou ele, embora nem ele próprio parecesse convencido disso. “Eu sei que as gangues não estão em guerra em Alestria como estão aqui. Eu só preciso de tempo, eu preciso...”

“Não vou ficar esperando você decidir que me quer,” sibilei. “Não preciso. Você não é o único Alfa que quer me reivindicar para si e eu não quero alguém que tenha vergonha de mim.”

Um rugido de raiva escapou dos lábios de Ethan e ele se virou, arrancando todo o conteúdo dos livros da prateleira ao nosso lado, fazendo-os cair no chão.

“Quem é?” Ele perguntou, esquecendo-se até de manter a voz baixa enquanto o ciúme brilhava em seus olhos e ele parecia meio tentado a me arrancar a resposta. “É aquele maldito Leão? Vou arrancar a juba dele e fazer um tapete com ela!”

“Não. Não é o Roary. Eu também não sou boa o suficiente para ele,” pronunciei as palavras casualmente, mas elas doeram pra caramba do mesmo jeito. Como foi que eu deixei três alfas se aproximarem o suficiente para me machucar com uma rejeição dessas? Que se fodam todos eles e suas besteiras. Eu estava farta de sentir que não conseguia atender às expectativas deles.

A raiva de Ethan se transformou em angústia quando ele percebeu a dor em mim e gemeu baixinho antes de invadir meu espaço pessoal e se aninhar em mim.

Era tão bom que nem o empurrei. E eu odiava admitir, mas fiquei aliviada por ele vir conosco agora, porque eu não conseguia

nem começar a imaginar a ideia de não poder vê-lo nunca mais.

“Peguei isso para você,” ele murmurou, encontrando minha mão e pressionando algo quente entre meus dedos.

Respirei fundo enquanto ele se aconchegava em mim, tentando não amar a sensação, enquanto doía da forma mais linda e dolorosa para ele. Olhei para baixo e encontrei o cristal de Pedra do Sol amarelo que Sin havia me contado que haviam roubado juntos, em minhas mãos.

“Espero que você tenha lavado isso,” murmurei, embora minha raiva dele estivesse diminuindo um pouco, porque ele tinha feito isso por mim sem nem saber que o beneficiaria também. Ele tinha arriscado ser pego pelos guardas só para trazer para mim, e mesmo que já fizesse dias desde que ele o pegara, ele claramente o carregava por aí, correndo o risco de ser pego toda vez que passava por um guarda. Por mim. Isso tinha que significar alguma coisa, mesmo que eu não quisesse admitir.

“Eu odeio aquele maldito Incubus,” Ethan rosnou, seus lábios subindo pelo meu pescoço e fazendo um gemido subir pela minha garganta junto, mas eu o forcei para trás, não querendo que ele soubesse o quanto eu estava gostando disso.

“Sin é um gosto adquirido,” eu sussurrei.

“Vou acreditar em você, amor.”

As mãos grandes de Ethan envolveram minha cintura e ele virou a cabeça, procurando meus lábios com um gemido de desejo.

Mas eu não ia dar a ele. Eu não podia. Então virei a bochecha e sua boca quente pousou na minha carne em vez dos meus

lábios, fazendo faíscas se acenderem sob minha pele.

Ethan se recusou a desistir, sua boca percorrendo meu queixo e meu pescoço até que um gemido escapou dos meus lábios como uma cadela traidora. Porra, eu precisava sentir a carne dele contra a minha. Eu precisava que ele venerasse meu corpo e saciasse essa dor na minha alma por ele. Porque ele era meu e eu era dele. A lua tinha decidido, mesmo que não quiséssemos concordar.

Ele começou a puxar os botões do meu macacão e eu rosnei enquanto minhas mãos deslizavam por suas costas. “Eu não vou te foder, Ethan,” insisti.

“Deixe-me apenas fazê-la se sentir bem,” ele implorou, suas mãos empurrando para dentro do meu macacão e provocando a parte superior da minha calcinha.

Rosnei novamente, querendo dizer não e morrendo de vontade de dizer sim.

Com um gemido de frustração que eu sabia que não ficaria satisfeita a menos que eu cedesse a ele, agarrei seus cabelos e exerci pressão enquanto o empurrava para mais baixo.

Ethan rosnou um pouco quando eu o incentivei a ceder ao meu controle, mas quando eu rosnei de volta, ele obedientemente caiu de joelhos, parecendo perceber que isso aconteceria do meu jeito ou não aconteceria.

Ele desabotoou meu macacão até que ele ficasse totalmente aberto e se inclinou para beijar meu calor úmido através da barreira da minha calcinha.

Seus dedos se curvaram ao redor das laterais delas e eu gemi

suavemente em incentivo enquanto ele as arrancava de mim, expondo minha boceta para ele enquanto ele enfiava o material destruído no bolso.

Ele moveu a boca para a parte interna da minha coxa enquanto eu abria as pernas para lhe dar acesso, mas não era ali que eu o queria. Apertei seus cabelos com mais força enquanto ele tentava assumir o controle, e forcei sua boca onde eu precisava.

Ethan rosnou quando seus lábios pousaram no meu clitóris e as vibrações daquele som fizeram outro gemido escapar de mim.

Ele podia não ter gostado que eu assumisse o controle, mas sua língua quente começou a me provocar do mesmo jeito e eu movi meus quadris no movimento, esfregando-me contra sua boca enquanto o prazer percorria meu corpo.

Ethan levantou a mão, enfiando dois dedos em mim para aumentar a tortura, e eu montei em sua mão descaradamente enquanto exigia mais.

Ele começou a diminuir o ritmo, brincando comigo enquanto me devorava e eu rosnava de frustração.

"Mais forte," ordenei no meu tom de Alfa, fazendo-o rosnar ainda mais enquanto eu tentava forçá-lo a se curvar à minha vontade.

Aquele rosnado foi tão gostoso contra o meu clitóris que gemi de novo, balançando os quadris ainda mais enquanto cavalgava seu rosto e fodia sua mão, e ele se entregou ao que eu queria, lambendo, mordendo e enfiando os dedos para dentro e para fora até eu gozar forte e engasgar com o nome dele. Porque eu me recusei a elogiá-lo por isso. Não era sobre ele. Era sobre o nosso

vínculo. E mesmo enquanto ele chupava meu clitóris para prolongar meu prazer, eu me recusei a admitir que o queria mais do que isso.

Ele se afastou e comecei a abotoar meu macacão novamente, encontrando seu olhar enquanto ele se ajoelhava diante de mim.

“Desculpe-me por ter machucado você, amor,” ele disse, e eu pude sentir o quanto ele quis dizer aquilo enquanto minha garganta engrossava e meu coração batia forte.

“Como assim?” Sussurrei.

“Não posso contar a todos sobre nós,” disse ele tristemente.

“Então acho que não há mais nada a dizer.” Dei a volta nele e fui embora antes que ele pudesse me ver ceder. O vínculo de companheiro pode ter me deixado com fome dele, mas eu não precisava lhe dar mais do que minha carne, e eu lutaria contra isso sempre que pudesse.

Eu era Rosalie Oscura e ninguém me fazia sua vadia.



Passamos alguns dias aperfeiçoando nossa rotina na biblioteca e, por mais que me custasse adiar o progresso dos nossos planos, eu sabia que era importante acertar. Enquanto Plunger usava cuidadosamente seus dons para criar os dois túneis de que precisávamos, um que levava ao andar de manutenção e o outro que subia em direção à superfície, o resto de nós se dedicou a concluir a tarefa de pintar as paredes e remover os livros antigos das estantes. A catalogação era

realmente chata pra caramba, então eu estava pintando com Roary a maior parte do tempo, dando uma nova camada de branco nas paredes bege nojentas.

“Precisamos descobrir qual é a nossa janela de oportunidade para usar os túneis depois que executarmos o plano,” murmurei, pensativa, enquanto me aproximava tanto de Roary que nossos braços não paravam de se tocar. Era totalmente coisa do Lobo, não um desejo de estar perto *dele* em particular. E eu continuaria repetindo isso até ficar roxa de raiva.

“Você não está planejando começar uma revolta na noite em que escaparmos?” Ele perguntou em voz baixa, olhando ao redor, mesmo sabendo que não havia ninguém por perto o suficiente para nos ouvir.

“Sim. Mas preciso saber quanto tempo os guardas vão gastar tentando conter uma revolta sozinhos antes de desistirem e libertarem o Beloriano. A última coisa que quero é essa porra nos perseguindo pelos túneis e nos devorando.” Estremeci com o pensamento e Roary fez uma careta.

“Não, não vamos deixar isso acontecer. Então, o que precisamos fazer?”

“Precisamos de um teste para que eu pudesse cronometrar. Precisamos fazer os presos se revoltarem e garantir que todos nós consigamos escapar da carnificina e descer aqui rápido o suficiente para escapar pelos túneis. Queremos ter certeza de que estaremos bem longe antes que aquele monstro seja solto para nos perseguir, ou que teremos que pensar em uma maneira de neutralizá-lo.”

“Não acho que haja como neutralizá-lo,” murmurou. “Aquele

monstro foi criado para ser imparável.”

“Então, mais uma razão para fazer um motim de prática.”

“Ouvi alguém dizer festa?” Sin ronronou atrás de nós e eu me virei para ele com um sorriso enquanto ele se aproximava para inspecionar nosso trabalho. Plunger estava se vestindo atrás dele enquanto Sonny e os outros Lobos se certificavam de que as estantes estavam empilhadas contra a parede para esconder o túnel novamente, então devia estar chegando ao fim da nossa sessão. “Você perdeu um ponto, gatinha.”

Virei-me para a parede com uma careta e Sin arrancou o pincel da minha mão enquanto eu estava distraída antes de passá-lo direto na lateral da minha bochecha.

Respirei fundo, surpresa, e me virei para ele com um rosnado brincalhão. “Você *não* fez isso.”

“Fiz o quê?” Ele perguntou, sorrindo enquanto mergulhava lentamente o pincel de volta na lata de tinta.

Gustard assobiou alto de algum lugar perto da porta para nos avisar que os guardas estavam chegando, mas eu não me importei. Era uma guerra.

Avistei Ethan nos observando com os olhos semicerrados do lado da sala, mas o ignorei. Não era como se ele pudesse reclamar de qualquer maneira... a menos que quisesse se transformar em um Fae e admitir que eu era dele para toda a prisão. Mesmo assim, eu não pararia só porque ele mandou.

Peguei outro pincel e o enchi de tinta no momento em que Sin se lançou sobre mim novamente. Ele passou o braço em volta da minha cintura e teria me derrubado se Roary não tivesse me

segurado pelo braço para impedir minha queda.

Sin olhou para ele surpreso e Roary aproveitou a oportunidade para passar a tinta branca bem no centro do rosto de Sin.

Comecei a rir quando Roary se esquivou da retaliação de Sin e consegui bater meu pincel firmemente na bunda do Leão enquanto ele escapava.

“Ei, eu estava do seu lado, filhote! O que houve?” Roary perguntou, rindo.

“Não preciso de ninguém do meu lado,” provoquei, molhando o pincel novamente enquanto me afastava para evitar Sin, que circulava atrás de mim. “Posso derrotar vocês dois sozinha.”

“Ouviu isso, gatinho?” Sin perguntou a Roary naquele tom sensual dele. “A garota acha que consegue lidar com nós dois ao mesmo tempo. Parece a melhor proposta que já recebi em algum tempo, se você estiver a fim.”

“Sim,” respondeu Roary, sorrindo para mim e me fazendo corar, para meu desânimo. “Tô dentro.”

Ele investiu contra mim e gritei de tanto rir enquanto me afastava dele, saltando sobre a lata de tinta e conseguindo correr dois passos antes que Sin me pegasse e batesse o pincel na minha outra bochecha.

Tentei recuar, mas os braços fortes de Roary me envolveram e ele me puxou de volta para seu peito enquanto eu gritava e batia nele com o meu pincel o máximo que podia, cobrindo seus braços, mas sem fazê-lo afrouxar o aperto.

Sin sorriu largamente quando Roary me apresentou a ele e

lutei sem muito entusiasmo enquanto Sin rapidamente pintava peitos gigantes sobre meus seios, completos com mamilos, e então pintava um pau enorme sobre minha virilha, que pendia da minha perna direita até meu joelho.

“Eu sabia que você queria que meus peitos fossem maiores, mas não sabia que você lamentava minha falta de pau,” provoquei enquanto ele ria em triunfo.

“Todo mundo gosta de um pouco de salsicha no sanduíche de vez em quando, garota selvagem,” provocou Sin, e eu mordi o lábio enquanto pensava nisso. Não que eu pudesse criar um pau para ele nem nada, mas pensar que ele gostava da ideia me deixou meio excitada, de todas as formas possíveis.

“Oitenta e Oito, Sessenta e Nove, libertem Doze agora mesmo!” A voz de Cain ecoou, acabando com a diversão como se fosse sua missão pessoal sugar a alegria de cada ocasião. Ele era um Vampiro que sugava a felicidade das pessoas tanto quanto sugava sangue. Um sugador de felicidade, se preferir.

Sin jogou o pincel no chão e Roary me soltou no momento em que Cain pegou minha mão e me puxou para longe deles.

“Se eu pegar vocês dois tentando agredi-la de novo...” ele começou e eu suspirei dramaticamente.

“*Na verdade*, estávamos discutindo o ménage que planejamos ter no Pátio da Ordem na nossa próxima viagem para lá e descobrindo qual posição funcionaria melhor para nós desta vez,” eu disse, puxando minha mão da do Oficial Idiota e me recusando a notar como meus dedos estavam esquentando com seu toque. “Então não precisa fazer nenhuma acusação falsa. Garanto que qualquer coisa que qualquer um deles fizer com o meu corpo é

inteiramente consensual.”

Sin passou o braço em volta do pescoço de Roary e sorriu tão animadamente que tive quase certeza de que ele estava me levando a sério, e Roary o dispensou com um rosnado. Roary certamente acrescentaria um pouco mais de salsicha ao sanduíche se não tivesse aquele pau tão enfiado no cu, mas, como ele tinha, eu não me deixaria levar por essa fantasia em particular, por mais deliciosa que fosse. Mas a ideia de ficar presa entre Sin e Roary definitivamente estava na minha lista de desejos.

Cain estreitou os olhos enquanto nos encarava e então observava o trabalho que estávamos fazendo. “Tem algum motivo para isso estar demorando tanto?” Perguntou. “Porque vocês estão aqui para trabalhar, não para flertar como um bando de adolescentes.”

“É um trabalho duro, senhor,” disse Plunger, lambendo os lábios enquanto se aproximava de nós. “Tão longo e duro. Acho que poderíamos forçar mais, se é isso que o senhor quer? Quer que eu force ainda mais? Cave mais fundo? Me enfie direto no...”

“Você não vai andar pela prisão coberta de tinta, Doze,” rosnou Cain, desviando o olhar de Plunger e suas insinuações grosseiras. Pela primeira vez, fiquei realmente feliz com elas, porque haviam distraído Cain de sua linha de questionamento. “Você pode ir tomar um banho antes do almoço.”

Abri a boca para protestar, mas ele agarrou meu pulso e começou a puxar, me forçando a marchar atrás dele enquanto os outros guardas apareciam para fazer o resto do grupo se mover.

Ethan me olhou com cara feia quando passei por ele e eu lhe

mandei um beijo, piscando só para adicionar um toque de irritação à atitude. Que ele pudesse enfiar seu ciúme onde o sol não brilhasse, eu não me importava.

“O que foi, chefinho?” Perguntei docemente enquanto Cain me puxava pelo corredor em frente à biblioteca. “Você não gosta do meu novo pau? Ou estava esperando dar uma olhada nos meus peitos mais de perto?”

Cain rosnou, mas não disse nada, apenas me puxou mais rápido.

Trotei ao lado dele como uma boa menina e até me esforcei para me aproximar. Ele ainda segurava meu pulso, então torci meu braço em sua mão, fazendo minha mão deslizar para a dele, antes de entrelaçar meus dedos nos dele.

Ele franziu a testa para mim, rosnando e puxando a mão para me soltar, me dando a liberdade que eu tanto desejava.

“Estou começando a achar que o senhor não gosta mais de mim,” eu disse com um beicinho.

“Eu nunca gostei de você, Doze. Não gosto de ninguém. E você, em particular, é extremamente desagradável.”

Eu ri alto enquanto ele me levava até o quarto andar, onde ficavam os blocos de celas, e me levou diretamente para o bloco dos chuveiros.

Cain apontou para os chuveiros e eu lancei a ele um olhar insolente enquanto cruzava os braços.

“Então o objetivo era mesmo me deixar nua e molhada para você, não é?” Perguntei.

O lábio superior de Cain se retraiu num rosnado e meu pulso

disparou quando avistei suas presas se alongando. “Não tenho o menor interesse no seu corpo ou em quão molhada você possa ficar para mim, Doze,” disse ele em um tom mortal que era quase crível. “Só tire a roupa e lave essa porra de tinta do seu rosto e do seu cabelo e eu vou te arrumar um uniforme limpo.”

Ele disparou para longe de mim sem dizer mais nada e eu soltei uma série de palavrões coloridos sobre ele, esperando que ele ainda estivesse escutando com suas orelhas de morcego enquanto eu fazia o que ele havia mandado.

A água estava quente quando liguei o chuveiro, e não consegui evitar suspirar enquanto ela me banhava, percebendo que estava tomando o primeiro banho privativo que eu ganhava em meses. Era uma delícia.

Levei um bom tempo me lavando, certificando-me de tirar toda a tinta do cabelo enquanto aproveitava o pequeno luxo, e *talvez* tenha feito alguns sons abertamente sexuais enquanto fazia isso, como se estivesse em um comercial da Herbal Essences de antigamente. Mas se as pessoas estavam me espionando enquanto eu me lavava, a culpa era só delas mesmas, se não gostassem do que ouviam. Ou se gostassem.

Fechei a torneira com certa relutância e saí do chuveiro, mas como eu não sabia que viria para cá, não tinha toalha, então fiquei ali, toda molhada, esperando.

Quando Cain não voltou e arrepios começaram a percorrer meu corpo, revirei os olhos e olhei ao redor do local. Havia um banco ao lado dos armários, perto dos chuveiros, então caminhei até ele e o chutei, xingando alto enquanto ele caía no chão.

Cain entrou correndo no banheiro num piscar de olhos e

parou bem na minha frente. “O que aconteceu?” Perguntou ele. “Achei que você tivesse se machucado.”

“Estou bem, obrigada, oficial,” respondi docemente. “Só estava tentando encontrar uma toalha.”

Cain cerrou o maxilar enquanto lutava para não desviar o olhar do meu rosto e eu lambi meus lábios lentamente.

“Quer dar uma olhada?” Perguntei, aproximando-me dele enquanto meu olhar percorria seu corpo musculoso e me lembrava de como me senti quando ele me mordeu. Eu o odiava, mas podia admitir para mim mesma que não odiava aquilo. Eu até que gostaria de estar à mercê dele, se fosse totalmente honesta comigo mesma. Era excitante.

“Você precisa se vestir, Doze,” Cain rosnou, mas ele não foi embora, então eu fiquei bem na frente dele e coloquei minhas mãos em seu peito.

“Eu assombro seus sonhos, oficial?” Sussurrei, deslizando os dedos por sua camisa preta enquanto ele me observava como se estivesse esperando que eu atacasse. “Você gosta de pensar em me perseguir? Me caçar? Me morder?”

“Gosto de pensar em colocar você em seu lugar e ver você reformar seu caráter.”

Ri de forma sedutora e me aproximei na ponta dos pés, pressionando meus lábios contra o ouvido dele enquanto sussurrava minha resposta. “Mentiroso, mentiroso.”

Ele rosnou para mim e eu dei um passo para trás, rindo enquanto puxava seu bastão de choque do coldre em seu quadril e o girava em minha mão, provocando-o.

Cain disparou para a frente com um rosnado de raiva, arrancando o bastão de mim e envolvendo minha garganta com a outra mão enquanto me prendia contra os armários. Ele pressionou o bastão de choque contra o meu lado esquerdo e apoiou o polegar sobre o botão para ligá-lo.

Levantei o queixo e o encarei fixamente, sorrindo ironicamente, desafiando-o. “Faça isso, chefinho. Me ensine outra lição.”

Por um longo momento, ele apenas cerrou os dentes e deixou a ameaça pairar entre nós, apertando meu pescoço com mais força enquanto ele procurava algo em minha expressão, mas eu não tinha ideia do que era.

“Você leva alguma coisa a sério?” Ele perguntou. “Ou tudo é só um jogo para você?”

“Como quando você brincou comigo e depois me jogou fora quando ficou entediado?” Desafiei. “Você pode ter o poder de me arruinar, Mason, mas não tem o poder de me fazer me curvar a você.”

“Eu fiz uma pequena pesquisa sobre você,” ele disse em tom baixo.

“Ah, é? Se você encontrou as fotos que tirei para aquele ensaio nu, saiba que me arrependo delas agora. Eu tinha um desenho de raio nos meus pelos pubianos e, pensando bem, acho que devia ser um pouco cafona.”

“Eu sei o que seu pai fez com você para te dar essas cicatrizes,” ele sussurrou, recusando-se a ceder à provocação, e cada músculo do meu corpo se contraiu enquanto o sorriso desaparecia do meu rosto. “O que houve, Doze? Assim que algo

fica real demais, você não quer mais encarar?”

“Então vá em frente,” sibilei. “Diga que eu mereci, que ele deveria ter feito pior, que você gostaria que ele não tivesse ficado sem tempo antes de ter a chance de começar na minha cara.”

A testa de Cain franziu e eu o empurrei para trás, surpresa quando ele finalmente me soltou e se afastou.

“Só quero que você seja franca comigo,” disse ele. “E você não foi, então eu mesmo investiguei. Não é tão surpreendente assim. Se preferir que eu não faça isso de novo, pode parar com essa besteira.”

“Por que eu faria isso, chefinho?” Perguntei inocentemente, indo pegar o uniforme limpo que ele havia deixado cair ao entrar no banheiro e o vestindo. De qualquer forma, eu preferia estar molhada a ficar na companhia dele por mais tempo do que o absolutamente necessário. “Parece que você sabe tudo sobre mim sem que eu precise dizer uma única palavra. Então, por que não continua investigando? Pode se divertir. Infelizmente, você não encontrará nenhum outro laudo médico. O resto das minhas cicatrizes curaram como se nunca tivessem existido, e tenho que admitir que perdi a conta de quantas eu deveria ter. Bonitas, limpas e organizadas.”

“Então me diga,” ele ordenou.

“Não,” respondi simplesmente, e nem sabia como interpretar a maneira como ele me olhava, mas por um momento eu poderia jurar que vi pena em seus olhos... ou pior que isso, compreensão.

Calcei as botas e saí de lá sem esperar permissão. Os outros internos estariam no refeitório para o almoço, então eu sabia para onde ir e, pela expressão no rosto de Cain quando o abandonei,

eu apostava que ele não tinha intenção de me seguir.



Todo bom grupo de condenados tinha um nome que ficaria marcado para sempre na história. E como íamos realizar a maior fuga de todos os tempos, precisávamos de um nome de equipe *fan-porra-tástico.* Eu tinha feito uma lista de todos os tipos de nomes, desde os Bravos Chacais, os Peixes-boi Malvados, os Esquilos Sinistros. Todos eram bons, mas não o suficiente. Só quando me lembrei do animal mais assustador do planeta. E o mais sexy também. Era perfeito. Genial pra caralho. Representava meu pau, o coração da Rosalie, a nudez nojenta do Plunger. Precisava de todo tipo de propaganda para acompanhar quando nossos nomes aparecessem nos noticiários e todos os Fae de Solaria quisessem ser um de nós...

Anacondas Destemidas.

Porra. Sim.

Eu precisava da aprovação da capitã do time Rosalie Oscura e, quando ela passou por mim no refeitório, segurei seu braço com tanta força que ela quase deixou cair a bandeja em suas mãos.

"*Sin,*" ela sibilou. "Agora não." Fazia alguns dias desde que

começamos a trabalhar na biblioteca e toda vez que eu entrava lá, eu ficava excitado pra caralho. Principalmente quando ela me dava tarefas. Isso realmente me dava arrepios até o meu pau. Eu nunca fui muito submisso, mas por ela, eu abaixava minhas calças como um bom menino, enfiava uma mordaça de bola na minha boca e entregava o chicote para ela fazer o seu pior enquanto me curvava sobre um fardo de feno... porque era claro que essa fantasia acontecia em um estábulo onde ela fazia comentários sobre eu ser dotado como um cavalo e eu implorava para ela me montar como uma cowgirl.

"Só preciso de uma palavra, gatinha," eu disse com urgência.

Seus olhos percorreram a sala e depois voltaram para mim. Estávamos prestes a dar início à rebelião em um instante, sabe-se lá quantos segundos, mas isso era importante. Vital pra caralho. Precisávamos de um *nome*. O que éramos sem um nome? Apenas um bando de detentos sem propósito. Isso nos deu *um propósito.*

"Há algo errado?" Ela perguntou, baixando o tom de voz.

"Sim, tem alguma coisa errada, sexy, muito errada mesmo." Sentei-me no meu lugar e a puxei para o meu colo, pegando a bandeja das mãos dela e colocando-a sobre a mesa. Arrumei suas pernas para que ela ficasse montada em mim, me olhando diretamente nos olhos enquanto eu agarrava sua bunda e a balançava sobre meu pau com um sorriso malicioso. Comecei a cantar "Pony," de Ginuwine, me deixando levar pela minha pequena fantasia de estábulo novamente. *Onde posso comprar uma sela quando sair daqui... e o que posso usar para fazer um furo nela para o meu pau?*

Seus olhos se arregalaram e, de repente, ela fechou as mãos

em volta do meu pescoço. “É melhor você não me sacanear agora, Sin Wilder. Não é hora.”

“Mmm, diga meu nome de novo, querida,” eu a incentivei. Eu teria pensado que transar com ela acabaria com a minha miséria de bolas azuis, mas aparentemente minhas bolas azuis estavam começando uma dinastia. E elas ficariam por perto por um bom tempo enquanto minha garotinha selvagem estivesse à vista. Só de olhar para ela eu ansiava por mais. Era tudo o que eu queria desde que tínhamos transado. Mais, mais, mais. Minhas bolas ainda latejavam como se eu nunca a tivesse tido. Mas eu tinha. Ah, eu tinha, porra. Ela parecia a luz das estrelas envolvendo meu pau e eu juro que brilhou depois por uns bons dez minutos, realizando desejos a qualquer um que olhasse em sua direção.

Rosalie não era apenas uma boa transa, nem mesmo uma decente. Ela era uma transa épica pra caralho. Uma que eu queria de novo e de novo e de novo. Eu tinha tantas posições alinhadas na minha mente para tentar com ela, que sabia que seriam necessárias cinquenta transas para sequer começar a fazer diferença na lista.

“Sin,” ela repreendeu, apertando minha garganta enquanto eu endurecia entre suas coxas. “O que você quer? Você tem três segundos para me responder. Três, dois...”

Eu a beijei e suas costas arquearam enquanto eu afundava minha língua em sua boca, murmurando o nome do nosso time enquanto eu estava perdido nela.

“Você acabou de dizer anaconda?” Ela se afastou com a testa franzida e eu assenti com entusiasmo, meu olhar percorrendo seu corpo até o tecido entre suas coxas. *Será que minha faca de*

plástico faria um furo ali? Se sim, talvez eu consiga tirá-la de lá antes que os guardas me puxem para longe dela. Eu teria uns quinze segundos, calculei. Menos se o Oficial Cain nos visse e disparasse para cá com sua velocidade de Vampiro. Será que eu conseguiria fazê-la gozar tão rápido? *Desafio aceito.*

"Preciso ficar com a minha matilha." Ela se levantou, passando a perna por cima de mim, mas eu agarrei seu tornozelo antes que ela escapasse, fazendo-a pular em um pé e tentar me chutar com o que eu segurava.

"Anacondas Destemidas," anunciei orgulhosamente.

"O quê?" Ela hesitou quando soltei seu pé e mesmo assim ela me chutou no peito, fazendo minha cadeira quase cair.

Antes que isso acontecesse, me contive e sorri para ela. "É o nome do nosso time. Você gosta?"

"Ahhhhhhhhhhhhhh!"

Virei-me ao ouvir o grito prolongado e encontrei Pudding com uma cadeira erguida acima da cabeça, elevando-se sobre a líder do rebanho de Pegasus, Sparkle, de modo que ela estava projetada em sua enorme sombra. Ela olhou ao redor no momento em que ele a jogou com força sobre ela e relinchou de dor, caindo de costas entre os pedaços da cadeira estilhaçada, com purpurina se formando ao seu redor em uma nuvem.

Fodidos peitos!!! Começou!!

Pudding olhou para cima, um sorriso lento se espalhando pelo rosto, então o inferno se instalou.

A manada de Pegasus atacou Pudding e os Shadow de Roary surgiram do nada para ajudá-lo. Rosalie fugiu de mim no

momento em que sua matilha começou a brigar com a de Ethan e os dois grupos entraram em choque. Minha garota selvagem pulou em uma mesa, saltando dela para as costas de Ethan e dando um soco na cabeça dele, sem se conter, apesar dele estar por dentro de todo o plano.

Fiquei ali sentado, rindo à gargalhada enquanto o caos se instalava ao meu redor. Esse era o meu tipo de clima favorito. Chovendo carnificina.

Plunger tirou seu pênis para fora, correu e deu tapas no rosto de qualquer um que tivesse o azar de ainda estar sentado, e os guardas voaram para a multidão, gritando e tentando controlar tudo.

Avistei Gustard e seus homens fodendo com um bando de Sereias e fiquei tão hipnotizado pela confusão que não estava nem um pouco preparado quando um braço grosso e musculoso agarrou meu pescoço e me arrancou do assento. Engasguei, agarrando-me a ele enquanto olhava para cima e percebi que Roary Night me segurava, me encarando com veneno nos olhos. Ele parecia muito interessado em me fazer sofrer de verdade e eu tive que rir porque percebi o porquê. Eu já tinha sentido o gosto da luxúria dele mil vezes perto da minha garota selvagem. Ele a queria, e não gostava que ela *me* quisesse. E ele finalmente teve a oportunidade perfeita de me fazer pagar por isso.

“Preciso... falar... com... você,” consegui dizer asperamente enquanto o filho da puta forte aumentava seu aperto e não parecia se importar com a força com que eu jogava meus cotovelos de volta em sua barriga.

Quando eu estava vendo estrelas e me perguntando se valia a

pena me masturbar rapidamente para pelo menos aproveitar a adrenalina da asfixia antes de gozar, Roary me soltou.

Eu bati no chão e ri muito, gritando de alegria por quase morrer.

“Da próxima vez que fizermos isso, vamos garantir que Rosalie esteja chupando meu pau.” Levantei-me, mas o punho de Roary acertou meu queixo e cambaleei de volta para a mesa, rindo de novo enquanto sentia o gosto de sangue.

“Tire as mãos dela,” ele exigiu, e eu me endireitei, meu sorriso se tornando sombrio e distorcido enquanto uma fome de violência crescia em mim. Era uma das minhas coisas favoritas no mundo. A liberdade de derramar sangue era incomparável. E eu estava me afundando no lugar mais sombrio dentro de mim, onde não havia moral.

“Ela também te quer, gatinho,” ronronei, caminhando em sua direção e erguendo os punhos. “Já experimentei a luxúria dela assim como experimentei a boceta dela. E ambas são tão *doces*.”

Ele veio até mim com raiva nos olhos e eu me esquivei do próximo soco, jogando meu ombro em sua barriga enquanto tentava derrubá-lo. Ele cambaleou para trás, prendendo um braço em volta dos meus ombros e socando meu rim com o punho livre. Uma dor torturante e gloriosa floresceu sob minha carne e minhas risadas ficaram mais fortes.

Virei a cabeça e mordi seu abdômen, fazendo-o gritar de surpresa. Continuei mordendo, sentindo o gosto de sangue, e ele rosnou, me jogando para longe. Mas eu o ataquei novamente, com toda a força, lançando meu corpo inteiro contra ele. Consegui derrubá-lo e caímos no chão em um choque de punhos e

rosnados furiosos. Meu pau estava ficando duro porque eu ficava tão excitado por violência, quase tão excitado quanto pela minha garota selvagem.

Agarrei a cabeça do Leão, batendo-a contra o chão de linóleo enquanto ele dava socos que deixavam meus pulmões sem ar.

“Por que você está duro?” Ele perguntou alarmado enquanto eu o esmagava no chão e sorri para ele, meus dentes ainda molhados com seu sangue.

“A violência é uma bela amante, Roary,” rosnei. “Você não gosta do jeito que ela te acaricia por dentro?”

Dei um soco no peito dele e ele rosnou, estendendo a mão e prendendo-a em volta do meu pescoço. Respondi prendendo a minha mão na dele, ainda sorrindo, me divertindo pra caramba.

“Nós dois poderíamos fazer uma bela bagunça com Rosalie,” eu disse asperamente enquanto ele lutava para bloquear meu suprimento de ar. “Imagine como ela ficaria linda entre nós, ofegante, dizendo nossos nomes.”

“Você está mesmo me fazendo uma proposta agora?” Roary engasgou e eu assenti com entusiasmo.

Afrouxei um pouco o aperto em seu pescoço e me sentei em seus quadris. “A propósito, inventei um nome para o nosso time.”

Ele se empinou, dando um soco forte na minha lateral, que me fez voar para longe dele. Caí de costas e coloquei as mãos atrás da cabeça enquanto ele vinha em minha direção. Porra, ele era gostoso. Todo aquele cabelo longo e escuro caía em cascata sobre seus ombros enormes e poderosos enquanto ele se inclinava para me matar. Eu poderia pensar em maneiras piores de morrer.

“O nome tem que ser bom, porque vamos ser famosos.” Sorri radiante pouco antes de seu punho atingir minha barriga e meus músculos se contraírem enquanto eu tossia e a dor me dilacerava. Ele se abaixou sobre mim para aproveitar a vantagem, mas eu levantei o joelho e o acertei bem no saco. Um golpe baixo, mas ele realmente não estava me ouvindo. Ele caiu de joelhos, segurando o membro com um gemido gutural, e fiquei feliz por finalmente ter toda a sua atenção.

Apertei suas bochechas entre as mãos enquanto me inclinava sob ele, fazendo-o me olhar nos olhos. “É Anacondas Destemidas,” eu disse dramaticamente. “O que você acha?”

“Foda-se... você,” ele gemeu, e tentou me dar uma cabeçada, mas eu me joguei para trás antes que ele acertasse o alvo, e então me lancei de volta para ele, dando um beijo molhado em seus lábios antes de rastejar para fora de debaixo dele e sair correndo. *Ele gostou do nome? Ele nem comentou. Não, ele deve ter gostado. É o melhor nome que eu já inventei. De todos os tempos.*

Pudding passou por mim pesadamente, brandindo uma mesa inteira como arma enquanto a manada de Pegasus fugia dele com relinchos assustados. Eram sempre os quietos que eram secretamente psicóticos. E os muito barulhentos. Eu oscilava entre esses dois grupos. Barulhento, quieto, assustador, fofo. Eu era um assassino amigável comum. E isso certamente tornava a vida interessante.

Esfreguei o queixo onde Roary me batera e procurei minha garota selvagem no meio da multidão. Ela ainda estava brigando com Ethan, mas eles lutavam como dois filhotes agora, sem realmente se esforçarem tanto um para o outro, e eu lambi os

lábios enquanto saboreava a luxúria que sentiam um pelo outro. Só havia um outro Fae na sala naquele momento que transbordava luxúria, e esse era Plunger, que ainda dava tapas em qualquer um de quem conseguisse se aproximar. Se eu tentasse isso, arrancaria o olho de alguém. *Espera... aquilo é uma cabeça de tartaruga tatuada no pau dele?*

Alguém colidiu comigo antes que eu pudesse entender, e me virei para encontrar um dos caras do Gustard ali. Era um Minotauro enorme chamado Tim, que lutava com duas garotas Sereias como uma fera enfurecida, apalpando uma delas no processo. Sorri maldosamente e chutei seus joelhos, fazendo-o cair no chão embaixo de mim. Enfiei a mão no bolso, tirei o garfo de plástico que usei para jantar e me abaixei, enfiando-o bem no olho dele. Ele gritou como um bebê e eu soquei sua barriga grande enquanto ele tentava lidar com o garfo que saía do seu rosto com os dedos trêmulos.

Uma merda muito, muito nojenta essa. Olhos bifurcados não eram motivo de riso. Só para mim. Porque eu estava rindo pra caramba.



Ethan me prendeu embaixo dele com um rosnado que não era nem vagamente agressivo enquanto se esfregava contra mim e eu revirei os olhos antes de empurrá-lo no peito para tirá-lo de cima de mim. Quer dizer, claro, todo esse rolar com ele também estava me deixando excitada, mas não era a hora.

“Precisamos ir,” sibilei, e ele rosnou novamente, frustrado dessa vez, antes de me deixar levantar e me afastar dele.

Meu lábio estava sangrando e eu o encostei com a língua enquanto subia na mesa para avaliar a carnificina.

Coloquei as mãos em concha em volta da boca e uivei para encorajar minha matilha a continuar enquanto os guardas corriam ao redor, tentando pegar as pessoas e usando seus cassetetes de choque para tentar impor ordem.

Uma risada escapou dos meus lábios quando avistei Sparkle e sua gangue de Pegasus idiotas amontoados em um canto, tentando defender sua mesa de jantar, mas parecendo que não sabiam se deveriam tentar voltar para a briga ou não.

Pela primeira vez desde que Gustard descobriu nosso plano e chantageou para ser incluído nele, fiquei realmente satisfeita.

Com os quatro principais envolvidos fazendo suas gangues se revoltarem, a prisão inteira estava mergulhada no caos, com quase nenhum trabalho.

A risada profunda de Sin chamou minha atenção e eu sorri para ele enquanto ele pulava entre as mesas, balançando a bunda para qualquer guarda que se aproximasse o suficiente para tentar contê-lo antes de pular para longe novamente.

Mas, apesar de tudo isso poder ter sido muito divertido, precisávamos chegar ao nosso ponto de encontro do lado de fora da Sala do Destino, no oitavo andar. Tínhamos que ver o quão rápido nós dez conseguiríamos chegar lá sem sermos seguidos e, então, descobrir quanto tempo tínhamos até que o Beloriano fosse libertado. Não consegui avistar Roary em lugar nenhum, então imaginei que ele já tivesse ido para lá.

Uivei novamente para agitar minha matilha e então corri para a porta.

Entre os arremessos de comida, as brigas generalizadas e a anarquia geral que tomava conta do refeitório, a maioria dos guardas estava totalmente ocupada tentando conter o máximo de presos possível, então, quando cheguei ao corredor, esperava que o caminho estivesse mais livre.

Uma enorme rede de vinhas foi lançada de repente sobre minha cabeça e eu me joguei para o lado para evitar ficar presa nela, mas em vez disso me vi colidindo com Pudding enquanto ele caminhava pesadamente em direção à porta.

Eu bati nele e seus olhos encontraram os meus no momento em que a rede caiu sobre nós e a magia foi puxada com força.

“Porra!” Gritei enquanto era esmagada contra o enorme

Shifter Urso e o guarda no controle da magia nos arrastou pela sala antes de prender a rede no teto e nos pendurar em uma linha junto com um bando de outros manifestantes capturados.

Amaldiçoei o fato de não ter acesso à minha magia enquanto lutava para encontrar um ponto fraco na rede e, ao mesmo tempo, era esmagada pela bunda de Pudding.

“Puxe com mais força, cão,” ele disse naquele tom totalmente tranquilo e natural, enquanto as videiras que formavam a rede cortavam meus dedos enquanto eu puxava com toda a força que podia.

Pudding suspirou como se eu estivesse sendo dramática ou algo assim e então rolou, achatando meu rosto contra a rede e me esmagando enquanto eu o xingava. Mas então ele ergueu suas mãos enormes para as videiras, agarrou-as e as separou como se fossem feitas de nada.

Mas não tive tempo para ficar impressionada porque, no segundo em que o vi fazer isso, a rede inteira se desfez e nós dois caímos dela no chão duro abaixo de nós.

Por algum milagre, consegui rolar para o lado antes que um urso enorme caísse em cima de mim e me vi embaixo de uma das mesas enquanto outro guarda jogava uma torrente de água em nossa direção.

Xinguei e rolei mais para baixo da mesa, ficando de pé do outro lado e avistando Pudding no momento em que ele saía pela porta como se fosse um dia qualquer.

Uma mão se fechou em volta do meu pulso e eu me virei com um rosnado saindo dos meus lábios, me encontrando cara a cara com ninguém menos que meu agente penitenciário menos

favorito.

Cain deu um sorriso triunfante e me colocou sobre o ombro antes de sair correndo do lugar e descer as escadas, o mundo se turvando ao meu redor até que nos encontramos do lado de fora do meu bloco de celas, onde ele me deixou de pé.

“Vamos ver quanto tempo isso vai durar sem os líderes das gangues em ação,” ele provocou, me dando um empurrão em direção às portas, onde o Oficial Rind gritava para todos os presos retornarem às suas celas ou locais de dormir no galinheiro para o confinamento.

“Obrigada, chefinho,” eu disse docemente enquanto olhava para Cain. “Por me poupar a caminhada escada abaixo.”

Ele rosnou para mim e me deu outro empurrão em direção ao bloco de celas antes de disparar para ajudar o resto dos manifestantes.

“Vá para dentro, Doze!” Gritou o Oficial Rind, mas ele estava sozinho e claramente tinha ordens de vigiar a porta.

Olhei entre ele e o corredor à minha direita e então sorri largamente enquanto disparava para longe. Seus gritos de raiva me perseguiram pelo corredor, mas já havia centenas de detentos correndo naquela direção, querendo voltar para suas celas para o confinamento antes que os guardas intensificassem a pressão para tentar retomar o controle sobre nós.

Corri pelo corredor, passando pelos outros blocos de celas, ignorando os gritos dos guardas quando eles chamavam minha atenção e usando a enxurrada de detentos para esconder minha passagem o máximo que pude.

Quando cheguei à escadaria central, desci direto, gritando de excitação enquanto descia degrau após degrau até chegar ao quinto andar, onde ficava o ginásio. Não havia nenhum outro Fae ali embaixo naquele momento, a maioria correndo de volta para suas celas ou vivendo suas melhores vidas, causando estragos no refeitório, e o silêncio ao meu redor era quase assustador.

Quando virei a esquina e me preparei para pular o próximo lance de escadas, um arrepio de alerta percorreu minha espinha e me virei por meio segundo antes que uma força de Magia do Ar me atingisse e me levantasse do chão.

Fui jogada para dentro do ginásio, rolando pelo chão de ladrilhos entre as máquinas silenciosas antes de parar em frente a um par de botas.

Fiquei de quatro, olhei para cima e vi o Oficial Nixon sorrindo para mim com um brilho sombrio nos olhos que me deixou nervosa.

“Parece que peguei uma fugitiva,” ele ronronou, com um sorriso se alargando em seu rosto, o que fez um arrepio de desgosto percorrer minha pele.

“Desculpe, senhor, eu só estava...” comecei, mas com um estalar de dedos, ele roubou o ar dos meus pulmões e engasguei com as próximas palavras que eu ia dizer.

Meus olhos se arregalaram e fiz menção de me levantar, mas Nixon estendeu a mão e pressionou o topo da minha cabeça para me segurar.

“Acho que você está bem onde está, docinho,” disse ele asperamente, lambendo os lábios daquele jeito bajulador e nojento que eu esperava que fosse por causa da Ordem. “Ajoelhe-

se como uma boa menina. Você é uma boa menina, não é?"

Nixon olhou para mim com uma espécie de triunfo superior no rosto e eu o encarei enquanto meus pulmões começavam a queimar e eu tive que lutar contra a vontade de começar a convulsionar no chão e ofegar.

"Diga 'sim, Nixy'," ele me incentivou antes de me deixar respirar fundo.

"O que você quer?" Rosnei, e seu olhar escureceu enquanto ele me roubava o ar novamente, molhando os lábios lentamente antes de falar.

"Você deve ter ouvido falar de mim por alguns dos outros detentos e ouvido que sou um ótimo amigo para se ter por aqui," disse ele com uma voz arrastada e melosa, o que deixou claro que não tinha intenção de se apressar só para me deixar respirar. "Posso te dar guloseimas e te ajudar a ficar longe de problemas quando necessário. Por exemplo, imagino, você não quer que eu tenha que te arrastar para o buraco por ter atacado um Oficial durante o tumulto hoje à noite?"

Balancei a cabeça, incapaz de falar enquanto ele segurava meu oxigênio como refém, e ele sorriu ainda mais.

"Mmmmm, que legal, então que tal a gente se tornar amigos especiais? Eu gosto de fazer amigos e gosto de fazer coisas para ajudá-los. Então, que tal você coçar minhas costas e eu coço as suas?" Ele levantou a mão para alisar as sobrancelhas com o indicador e o polegar, depois lambeu os lábios novamente enquanto me observava de joelhos diante dele.

Pontos de escuridão estavam se fechando nas bordas da minha visão e quando ele finalmente me devolveu o oxigênio, tive

que passar alguns momentos respirando fundo antes de poder responder.

“Você quer algum tipo de troca?” Perguntei a ele, sem me dar ao trabalho de esconder o sorriso de desgosto no rosto enquanto me recusava a olhar para a protuberância do seu pau, que pressionava contra a braguilha a poucos centímetros do meu rosto. “Diga logo, *sacco di merda*, o que você quer que eu faça para ficar fora do buraco?”

Nixon lambeu os lábios novamente, seu peito arfando com respirações profundas enquanto seus olhos brilhavam de excitação.

“Mmmmm, acho que eu ia adorar esses seus lábios lindos em volta do meu pau, docinho,” ele ronronou com uma confiança tão casual que ficou claro para mim que não era a primeira vez que ele forçava uma detenta a fazer esse acordo. “Só me mostre um momento agradável e eu garanto que você volta para o seu bloco de celas sã e salva. Aí nós dois estaremos felizes, não é?”

“*Pensi di poter costringere la regina dell’Clan Oscura a succhiarti it cazzo come una putana da branco*?” Perguntei com a minha voz mais sedutora, e ele gemeu enquanto lambia os lábios novamente. *Você acha que consegue forçar a Alfa do Clã Oscura a chupar seu pau como uma prostituta de matilha?*

“Mmmmm, acho que você e eu vamos ter uma amizade muito especial,” disse ele, abaixando-se para desabotoar o cinto, de modo que seu rádio e bastão de choque ficassem frouxos nos coldres de cada lado de seus quadris.

“Certo, *stupratore*, vou te dar o que você está pedindo,” concordei, olhando para ele com na frente do meu rosto.

O bastardo lançou Magia do Ar na parte de trás da minha cabeça, me empurrando em sua direção enquanto agarrava minha cabeça com suas mãos gordurosas e me puxava para mais perto de sua virilha.

Mas não havia a mínima chance de eu deixar o pau sujo desse *stronzo* me tocar.

Estendi a mão com um movimento rápido e arranquei seu bastão de choque do coldre, girando-o e acionando o interruptor para ligá-lo. O bastão precisava de sua assinatura mágica para ser ativado, o que significava que precisava se conectar com sua pele enquanto ele lançava o feitiço para lê-lo. Nixon levantou a mão para se defender com magia, então, no momento em que a bati contra seu pau, mil volts de eletricidade irromperam daquilo num piscar de olhos.

Nixon foi jogado de volta para um suporte de pesos, onde sua cabeça bateu contra um dos pesos antes de cair gritando e convulsionando no chão. Aquilo era forte o suficiente para colocá-lo de bunda no chão por vários minutos, e eu não ia perder nenhum minuto esperando que ele acordasse.

Bati minha bota em seu rosto enquanto corria, quebrando algo com um estalo alto enquanto ele se contorcia e gritava enquanto a eletricidade continuava a fluir por ele.

Joguei o bastão no chão e corri. A coisa não funcionaria sem a magia dele para ativá-la de qualquer maneira, e eu definitivamente não queria ser pega com a arma de um guarda.

Saí correndo do ginásio e desci as escadas novamente, descendo lance após lance até chegar ao oitavo andar, onde pulei para o corredor e corri em direção às portas da Sala do Destino.

As portas estavam trancadas, exceto quando permitiam a entrada de detentos para as sessões, então nosso grupo de fugitivos estava reunido no corredor do lado de fora, parecendo um tanto irritados ao me verem.

“Para alguém que deveria estar no comando desse plano, você com certeza demorou para chegar aqui,” Gustard disse lentamente e eu fiz uma careta para ele enquanto fazia uma contagem rápida e percebi que todos nós tínhamos conseguido.

“Encontrei alguns guardas babacas que me atacaram,” rosnei de volta, recusando-me a parecer minimamente abalada com o que tinha acabado de acontecer. E, para ser sincera, eu não estava nem um pouco. Nixon não era o primeiro pervertido canalha que eu encontrava na vida, mas era o primeiro que eu conhecia abusando do seu poder daquele jeito. Eu estava mais preocupada com os Fae que ele conseguiu forçar a entrar naquele nojento arranjo de amizade do que comigo mesmo. “A questão é que estamos todos aqui e eles ainda não recorreram à libertação do Beloriano.”

“Foi divertido,” Sin sorriu largamente, avançando para me agarrar e me içar em seus braços. Ele me girou e eu ri enquanto Sonny, Brett e Esme também uivavam de excitação e eu vi Roary e Claud sorrindo.

“Vou embora antes que a gente seja encontrado aqui embaixo,” disse Gustard friamente, virando-se e indo embora em passo acelerado. “Me avise quanto tempo o monstro vai levar para vir te procurar.”

Sin me colocou de pé novamente e revirei os olhos ao ver Gustard recuando, mas ele tinha razão. “Ele tem razão, todos

devem voltar para suas celas agora. Sabemos que podemos escapar sem sermos detectados e eu posso cronometrar para ver quanto tempo leva para eles libertarem o Beloriano. Não precisamos esperar aqui até que ele apareça."

"Podemos voltar para o tumulto?" Sonny me perguntou esperançoso e eu ri ao concordar. O grupo correu em direção às escadas à minha frente enquanto Sin puxava minha mão para me segurar.

Plunger dançou atrás dos meus Lobos, remexendo os quadris ao som de uma música que ele próprio ouvia na cabeça, e Pudding também saiu com Claud caminhando ao seu lado enquanto os dois começavam a conversar, me deixando com Sin, Roary e Ethan.

"Tem alguma chance de você me dar mais alguma informação em breve, amor?" Perguntou Ethan, seu olhar se movendo para o ponto onde Sin ainda segurava minha mão e seus olhos se estreitaram. "Quem sabe a gente pode conversar enquanto temos um momento a sós aqui embaixo?" Ele lançou um olhar cortante de *'cai fora'* para Roary e Sin e meu maxilar se apertou.

"O que ele quer dizer, gatinha," disse Sin, aproximando-se de mim e puxando meu cabelo para trás, por cima do ombro, para poder falar no meu ouvido. "É que ele quer te foder aqui embaixo, no escuro."

"Claro que sim," respondi, sarcástica. "Ethan só me quer onde ninguém possa ver. Sou a maior vergonha dele."

"Você sabe que não é assim," protestou Ethan enquanto Roary rosnava e se colocava entre nós.

"Então por que você está agindo como se tivesse vergonha

dela?" Ele retrucou. "Rosalie merece um companheiro que se levante e diga ao mundo o quanto a ama, não uma criatura medrosa como *você*."

"Por que você está tão interessado no que eu e minha companheira fazemos?" Ethan rosnou para ele e Roary deu um passo à frente como se fosse enfrentá-lo de bom grado. "É porque você a quer também, por acaso? Porque eu vi o jeito como você anda atrás dela como uma cobrinha desesperada..."

"Sou *amigo* dela," rosnou Roary. "E não vou deixar você tratá-la como lixo."

Não tive certeza se aquilo me magoava ou me comovia, então apenas segurei a língua.

"Um amigo que quer transar com ela," Sin riu, usando minha mão para me girar sob seu braço antes de me puxar para perto novamente, e eu sorri para ele enquanto colocava minha mão em seu peito e olhava em seus olhos travessos.

"Você não sabe do que está falando," Roary retrucou e Sin apenas riu.

"Ah, acho que sim. Minhas reservas mágicas estão sendo bastante restauradas, pelo jeito como vocês dois estão desejando a nossa garota. Por que não param de perder tempo brigando e vamos fazer uma competição para descobrir qual de nós consegue excitá-la mais... o que, aliás, poderei avaliar com precisão."

"Tire as mãos da minha companheira, Incubus," Ethan rosnou, tentando empurrar Roary para o lado para que ele pudesse chegar até Sin, mas Roary o empurrou de volta e os dois mostraram os dentes um para o outro como se estivessem prestes a brigar.

“Eu faria isso se ela quisesse,” Sin provocou, levando minha mão à boca e dando um beijo na parte interna do meu pulso, o que me fez ofegar enquanto o calor se espalhava pela minha pele.

“Você é um grande agitador,” acusei, e ele apenas sorriu para mim como se esse título o agradasse.

“É sério!” Ethan gritou, cambaleando em minha direção novamente, enquanto Sin não conseguia me soltar e eu não fazia nenhum movimento para escapar dele. Ele conseguiu empurrar Roary para o lado para que pudesse me agarrar pelo braço, e eu rosnei para ele em um protesto que ele ignorou completamente.

Ethan me puxou para longe de Sin e me empurrou para trás dele antes de rosnar para os outros caras e mostrar os dentes. Eu não tinha dúvidas de que, se ele pudesse se transformar naquele momento, haveria um Lobo negro enorme parado na minha frente, guardando sua propriedade. E por mais que eu quisesse protestar contra a ideia dele me reivindicar sem o meu consentimento, eu meio que gostava da ideia dos três brigando por mim.

“Espera aí,” eu disse, dando um passo à frente e colocando a mão no braço do Ethan, e os três olharam para mim como se achassem que eu ia escolher entre eles ou algo assim. “Vocês três podem tirar a camisa antes de começarem a brigar? E se alguém tiver óleo de bebê por aí...” mordi o lábio com a ideia e o Sin deu uma risada safada antes de arrancar a regata e jogá-la no chão. Ah, sim, essa ideia tinha um mérito danado.

“Tudo por você, garota selvagem, só me diga que o vencedor ganha a primeira volta entre suas coxas e eu acabo com esses dois desgraçados em cinco minutos.”

“Improvável,” rosnou Roary, flexionando os músculos enquanto olhava feio para Sin, mas, tristemente, continuava com a camisa.

“Fechado,” respondi, puxando a camisa de Ethan na tentativa de tirá-la e sorrindo para ele enquanto ele se virava para me encarar com uma carranca.

“Isso não é uma piada,” ele rosnou, todo macho alfa e irritado, e minhas coxas se contraíram com seu tom.

“Então por que você não vence e mostra a todos quem é meu dono, *anima gemella*?” Ronronei.

“Estou dentro para assistir,” Sin concordou e eu sorri.

“Não estou querendo transar com ela nem assistir ninguém transando com ela,” Roary retrucou e Sin caiu na gargalhada.

“Então você e seu pau estão em sério desacordo. Talvez vocês dois precisem de terapia de casal com aquela velha Shifter Ovelha da terapia de grupo?”

Roary rosnou e eu não pude deixar de olhar em sua direção, me perguntando por que ele estava tão determinado a negar as sugestões de Sin. Juro que às vezes eu sentia o ar queimando entre nós com todas as coisas que eu desejava que ele fizesse comigo, e ele estava claramente sentindo o lado luxurioso daquela atração. Claro, isso só significava que o problema era especificamente *comigo*.

“Parece que isso vai acabar em quatro direções, não importa como olhemos, e já que o Beloriano pode estar a caminho, podemos pular para a parte boa,” sugeriu Sin, piscando para mim.

“Estou bem com isso,” concordei e Ethan rosnou para mim enquanto Roary apenas me encarava como se eu tivesse perdido o juízo.

“O quê?” Perguntei, porque eles me olhavam como se nunca tivessem feito sexo grupal antes, mas eu não estava acreditando. Quer dizer, talvez nenhum deles tivesse tido essa proporção de garota para caras envolvidos, e eu tinha que admitir que eu também não, mas eu estava definitivamente tranquila em descobrir como isso poderia funcionar da melhor forma. Principalmente porque esses três eram exatamente o meu tipo de tentação. Será que eu toparia um Alfa a quatro com toda aquela testosterona em guerra e tratamento rude, competição, rivalidade e luta por dominância? Bem, claro, quem não toparia?

“Pare de enrolar, Rosalie, se você está tentando me irritar, então parabéns! Está funcionando. Mas eu sei que sou o único que você quer. Eu sinto os efeitos desse vínculo da mesma forma que você,” disparou Ethan.

“Err, aparentemente não,” zombei e Ethan se virou para me encarar, esquecendo-se dos outros por um momento.

“Você não está falando sério quando diz que quer, né?” Ele perguntou como se não fizesse sentido para ele, e eu apenas dei de ombros.

“Olha, isso pode te surpreender, *stronzo*, mas eu não sou uma florzinha preciosa sentada chorando porque meu companheiro escolhido pela lua decidiu me rejeitar. Você não me quer? Tudo bem. Mas tem muito mais peixe no mar e eu não te devo nada depois do jeito que você me tratou.”

Ethan abriu a boca como se quisesse argumentar contra isso,

mas Sin chegou primeiro. “O que você achou que ia acontecer? Que ela ia ficar sentada e suspirar por você? Cresça, seu babaca, é como a garota disse. Tem muito mais pica no mar.”

“Ela disse *peixe,*” murmurou Roary, como se toda essa conversa o estivesse irritando.

“Mas ela quis dizer pau, eu sei… sou um Incubus. Além disso, entendi a mensagem em alto e bom som quando ela estava chupando o meu…”

“Que porra vocês quatro estão fazendo aqui embaixo?!” Cain berrou e eu me virei bruscamente quando ele derrapou e parou diante de nós, sacou seu bastão de choque do coldre e rosnou para nós.

“A gente ia ficar pelado,” explicou Sin. “Então, ou tira a roupa ou vai se foder, tá?”

Nossa, o Sin acertou em cheio com as boas ideias hoje. Quer dizer, Cain com certeza ainda poderia dar uma longa caminhada em um píer pequeno, na minha opinião, mas se ele quisesse transformar essa festa em uma festa a cinco com uma boa dose de sexo de ódio incluída, eu poderia me convencer…

Os olhos de Cain brilharam de raiva e ele atingiu Sin no estômago com um golpe violento de seu bastão, mas pelo menos ele não o ativou.

“Eu te levei de volta para o seu bloco de celas, Doze,” ele rosnou, com o olhar fixo em mim. “E agora te encontro aqui embaixo conspirando com dois outros líderes de gangue da prisão e este *delinquente*.” Ele apontou para Sin, que estufou o peito como se aquilo fosse um elogio.

“Como Sin disse, nos encontramos aqui para um encontro casual. Pode ser meio difícil encontrar um lugar apropriado, já que não estamos todos no mesmo bloco de celas,” eu disse, dando de ombros, e seu olhar assassino pousou em mim.

“Voltem para cima agora mesmo,” ordenou ele a nós quatro. “O Beloriano está prestes a ser solto para reunir os retardatários, então, a menos que queiram tentar a sorte com ele, precisam se mexer.”

Ethan rosnou com raiva, olhando feio para mim e para Sin como se não conseguisse decidir se acreditava ou não no que Sin tinha acabado de dizer, e eu lhe dei um sorriso malicioso só para irritá-lo. Por que diabos eu não deveria ficar com Sin? Só porque a lua disse que eu era *dele?* Por favor, se eu passasse a vida deixando o destino decidir por mim, eu estaria morta e enterrada há muito tempo. E certamente não era como se eu amasse Ethan… eu mal o conhecia, então ele teria que engolir o choro se não gostasse. Ou dar um jeito de me prender se quisesse que eu parasse. Ele se afastou sem dizer mais nada e Sin suspirou dramaticamente enquanto o resto de nós se virava para segui-lo.

Cain nos seguiu como um buldogue rosnando, certificando-se de que Ethan e Sin entrassem primeiro em suas celas antes de nos levar, eu e Roary, de volta para as nossas. Mas, quando Roary cruzou a ponte para entrar, Cain segurou meu braço e me puxou de volta.

“Precisamos conversar, Doze,” ele rosnou, apertando os dedos enquanto acenava para o Oficial Rind para garantir que Roary não tentasse nos seguir.

“Eu realmente não tenho interesse em…” Cain me levantou do

chão pela segunda vez naquela noite e xinguei enquanto ele corria para longe pela prisão.

Quando ele chegou à porta da unidade de isolamento, respirei fundo de medo e comecei a chutar e gritar, tentando me livrar de seus braços enquanto ele destrancava a porta pesada e entrava.

Cain disparou pelo espaço entre as celas e seguiu até a escada que levava ao andar de manutenção. Quando ele finalmente me colocou de pé novamente, eu tremia de raiva e medo e recuei um passo antes de cuspir no chão a seus pés.

"*Pezzo di merda*," rosnei. *Pedaço de merda.*

Cain arqueou uma sobrancelha para mim e então tirou o rádio do cinto e chamou a diretora.

"A prisão está livre, libertem o Beloriano," disse ele calmamente, e eu dei uma olhada em seu relógio, visto que não havia nenhum relógio ali embaixo para eu consultar e anotar as horas. Uma hora. Quase exatamente. Era o tempo que teríamos desde o início do motim até que soltassem a fera para caçar os retardatários.

"Você já fez a contagem?" Perguntei enquanto ele pendurava o rádio de volta no cinto e me observava cautelosamente.

"Não. Em caso de tumulto, dispersamos os encrenqueiros e os mandamos de volta para suas celas, depois trancamos as portas e soltamos o Beloriano enquanto fazemos a contagem," disse ele com um sorriso sombrio. "Qualquer um tolo o suficiente para se esconder dos guardas se tornará presa do monstro que vagueia pelos corredores."

"É bom saber que você está tão preocupado com isso,"

respondi bruscamente.

“Não sei quantas vezes isso precisa ficar claro para você, Doze, mas ninguém se importa com vocês aqui embaixo. Não nos importamos se vocês se matam, não nos importamos se o Beloriano os devora, não nos importamos se vocês morrem. Vocês não passam de um fardo para a sociedade e cabe a vocês se levantarem como Fae e sobreviverem neste lugar até o fim da sua pena, não a nós cuidar de vocês. Estamos aqui para garantir que nenhum de vocês escape, não para nos preocuparmos se viverão vidas plenas e felizes. Vocês perderam isso no momento em que foram sentenciados.”

“Tudo bem. Então por que agora tenho o desprazer da sua companhia enquanto o Beloriano vagueia pelos corredores?” Perguntei, cruzando os braços.

“Porque eu sei que você estava aprontando alguma hoje à noite. Não acredito nessa história de vocês quatro se encontrando para transar num corredor. E eu estou ficando de saco cheio das suas mentiras. Então eu quero a verdade. Por que você estava lá embaixo depois que eu mandei você voltar para a sua cela?”

Apertei os lábios, querendo dizer que ele podia enfiar as perguntas no cu, mas ele estava se interessando demais por mim o tempo todo e eu precisava dar algo a ele. Algo real também, porque eu sabia que já tinha passado do limite dele para as minhas besteiras.

“Venha aqui,” eu disse, estendendo minha mão para ele, e ele a olhou como se estivesse envenenada.

“Por quê?”

“Porque eu preciso te mostrar, ou você não vai acreditar em

mim.” Inclinei a cabeça para que meu cabelo caísse sobre meu ombro e ele relutantemente invadiu meu espaço pessoal.

Eu sorri para ele enquanto pegava sua mão e a levava até meu rosto antes de traçar seus dedos sobre a marca da lua atrás da minha orelha.

“O que é isso?” Ele perguntou.

“Se dois Lobos igualmente compatíveis transam sob a lua cheia, então a lua pode escolher acasalá-los,” sussurrei, olhando para ele, que estava tão perto de mim que eu não conseguia ver mais nada além dele. “Alguns meses atrás, cometi um erro com Ethan Shadowbrook...”

“O quê?” Cain puxou a mão de volta como se a marca o tivesse queimado. “Não. Como? Vocês se odeiam.”

“Engraçado como o ódio e a luxúria muitas vezes andam juntos,” ronronei.

“Então você estava se encontrando com o Um?” Perguntou ele, com uma expressão de desgosto no rosto. “Então por que os outros também estavam lá embaixo?”

Suspirei, sem querer arriscar uma mentira, então mudei de assunto. “Se eu te contar algo que aconteceu comigo no caminho para encontrá-lo, posso confiar em você para guardar segredo?” Perguntei.

“Por que você confiaria em mim? Pensei que você me odiasse?” Ele resmungou.

“Ah, sim,” concordei friamente. “Mas não posso pedir ajuda a mais ninguém.”

“Ajudá-la?” Cain deu um passo para trás, balançando a

cabeça. “Não vou cair em nenhum dos seus joguinhos.”

“Tudo bem. Eu mesma cuido disso,” respondi, virando as costas para ele e me afastando em meio às máquinas que preenchiam o espaço ali embaixo.

Ele não me seguiu a princípio e eu fui até a porta que levava ao depósito antes que ele disparasse para o meu lado e segurasse meu braço para me impedir.

“Então fale logo,” ele rosnou, parecendo muito desconfiado.

“Com uma condição,” respondi, levantando o queixo e tentando não sorrir, porque se ele concordasse, eu saberia que ainda o tinha.

“O quê?”

“Você tem que me morder,” eu disse simplesmente.

Cain se encolheu como se eu o tivesse golpeado, balançando a cabeça e dando um passo para trás. “Não.” Mas o olhar faminto em seus olhos denunciava sua vontade de fazer aquilo.

“O que foi, chefinho? Você não me quer mais?” Perguntei em tom de brincadeira.

“Por que você quer que eu te morda agora?” Ele rosnou.

“Talvez eu goste,” respondi, meus lábios se contraindo porque isso era realmente verdade.

“E o que mais?” Ele perguntou, me entendendo. Eu gostava quando ele fazia isso, mesmo que às vezes também fosse irritante pra caramba.

“E... eu não quero que você compartilhe essa lembrança com ninguém. Eu não sou um dedo-duro, então vou te contar isso em

segredo e não quero que você tente oficializar isso nem nada do tipo. Se você quer a verdade dos meus lábios, vai ter que molhar os seus com o meu sangue. Vamos lá, chefinho, seja mau comigo, você sabe que eu não vou contar."

Cain estreitou os olhos para mim e eu lhe lancei um sorriso desafiador antes de me virar e correr.

Corri para o depósito, virei a esquina e ele estava em cima de mim antes que eu pudesse dar mais um passo, agarrando meu pulso e me virando de volta para encará-lo. Ele também agarrou meu outro pulso e o prendeu na parede acima da minha cabeça antes de se inclinar e cravar as presas no meu pescoço.

O gemido que escapou dele enviou uma onda de calor pela minha espinha e meus dedos se fecharam em punhos enquanto seu corpo pressionava o meu e minhas costas se arqueavam contra ele. Devia haver algo em seu veneno que me excitava, porque eu me recusava terminantemente a acreditar que estava a fim daquele babaca. Mas jurei que senti falta da sensação de suas presas cravando-se em minha carne, da adrenalina que sentia ao tentar escapar dele e da euforia de saber que estava à sua mercê quando ele me tivesse. Eu até tive sonhos com isso que me acordavam dolorida e ofegante, mas não que eu jamais fosse admitir isso para ele.

Ele não se conteve, bebendo profundamente até que senti que meus joelhos iriam ceder e um suave gemido escapou de mim quando as forças começaram a deixar meu corpo.

O aperto de Cain em meus pulsos subiu para minhas mãos e seus dedos se entrelaçaram nos meus enquanto ele me segurava ali. Enquanto ele lentamente retirava suas presas do meu

pescoço, suspirei aliviada, como se um peso tivesse acabado de ser tirado de mim.

Sua língua percorreu o ferimento enquanto ele devorava as últimas gotas de sangue, mas quando se afastou, ele não me soltou, em vez disso, olhou nos meus olhos como se estivesse procurando por algo enquanto lentamente puxava nossas mãos entrelaçadas de volta para os meus lados.

Eu segurei seu olhar, todo o ódio e desprezo que eu sentia por ele brilhando claramente para ele ver, mas havia algo mais também, aquela dor que ele havia me deixado quando ele me jogou no escuro e se esqueceu completamente de mim.

Parecia que ele tinha algo a me dizer, mas percebi que não queria ouvir.

“Só por curiosidade, todos os guardas exigem favores sexuais em troca de proteção aqui, ou é só o Nixon?” Perguntei, indo direto ao ponto enquanto puxava minhas mãos das dele para tentar colocar alguma distância entre nós.

“O quê?” Perguntou Cain, dando um passo em minha direção, de modo que ficamos quase pressionados juntos novamente.

“É só que você fala tanta besteira sobre todos de laranja serem uns canalhas inúteis, então me parece um pouco hipócrita se isso é uma prática comum entre os Fae uniformizados.”

“Me conta o que ele fez com você,” rosnou Cain, e havia uma fúria selvagem em seu olhar que fez meu coração disparar enquanto ele me olhava, como se fosse destruir o mundo por mim e matar aquele filho da puta se eu dissesse que ele tinha encostado em mim. Mas isso não fazia sentido. Cain me odiava. Ele tinha provado isso com todas as suas forças. Então por que

eu me senti como se o tivesse dominado naquele momento?

“Nada,” sussurrei. “Mas não por falta de tentativa. Ele me pegou descendo as escadas e usou sua magia para me arrastar para a academia. Aí me forçou a me ajoelhar e me deu a escolha de ir para o buraco ou chupar seu pintinho imundo.”

“Então por que você não está no buraco?” Perguntou Cain furiosamente.

“Porque roubei o bastão de choque dele e apliquei mil volts direto no pau dele em resposta à proposta,” respondi com um sorriso torto. Eu esperava que tivesse frito a coisa tão completamente que não pudesse ser curada, mas duvidava que tivesse tido tanta sorte. “Só estou te contando porque quero saber se você vai garantir que ele não me jogue de volta no escuro em retaliação, e como meu agente penitenciário, imagino que você possa garantir que ele não consiga.”

Cain agarrou meu queixo entre as mãos, olhando-me diretamente nos olhos enquanto falava. “Ele não vai chegar perto de você de novo. Eu juro. Ele não vai nem ousar olhar para você depois que eu terminar com ele.”

Meus lábios se abriram de surpresa com o calor em suas palavras e a fúria absoluta em seus olhos. Eu não sabia o que fazer com aquilo ou como deveria me sentir, mas meu olhar caiu sobre sua boca e, por um momento de completa e absoluta insanidade, quase quis...

“O Beloriano voltou para sua jaula. Todos os oficiais, por favor, completem a contagem o mais rápido possível para que possamos fazer uma avaliação das baixas e redigir o boletim de ocorrência,” disse a voz da Diretora Pike pelo rádio, junto ao

quadril de Cain, e ele se afastou bruscamente de mim como se tivesse se queimado ao tirá-lo do cinto.

“Entendido,” respondeu Cain, antes de empurrar o rádio para longe novamente e curar rapidamente a mordida no meu pescoço.

Ele me pegou nos braços sem dizer mais nada e saiu correndo da área de manutenção antes de subir para o isolamento, passar pelas portas de segurança e voltar correndo para o meu bloco de celas. Assim que entramos, ele me levou correndo até a minha cela, gritando no rádio para que a porta se abrisse para mim antes de me colocar lá dentro.

Cain sustentou meu olhar enquanto a porta gradeada se fechava entre nós novamente, e uma carranca surgiu em minha testa enquanto eu tentava entender o que diabos tinha acabado de acontecer entre nós. Ele se afastou rapidamente, me deixando em dúvida, e a voz de Roary me tirou dos meus pensamentos.

“Você está bem, filhote?” Ele chamou da cela.

“Nunca estive melhor,” concordei, jogando-me na cama e banindo os pensamentos de vampiros com olhos escuros e segredos profundos. Eu tinha assuntos mais importantes para resolver de qualquer maneira. “Uma hora, Roar,” acrescentei, falando sobre quanto tempo teríamos antes que o Beloriano viesse caçar.

“Será suficiente?” Ele perguntou.

“Espero que sim.”



O sangue pulsava forte e rápido em minhas veias. Eu ainda sentia o gosto de Rosalie na língua e sentia a magia que eu havia absorvido dela fervilhando dentro de mim. Eu estava chapado com ela. Mas também estava furioso pra caralho.

Minhas presas ainda estavam afiadas na boca enquanto eu disparava pelos corredores, descendo as escadas correndo em direção a academia. Estava tudo em silêncio quando reduzi a velocidade do lado de fora da porta e estalei o pescoço antes de abri-la, ouvindo gemidos e ganidos vindos de algum lugar próximo.

Bati em um escudo de ar sólido que bloqueava meu caminho e xinguei, batendo a mão contra ele.

“Ei, Nixon! Você está aí?” Rosnei, lutando para disfarçar a raiva na minha voz.

A porta do vestiário se abriu e Nixon saiu mancando, com as calças queimadas até a virilha e as mãos cobrindo o bumbum frito.

“A-ajude-me,” ele gaguejou e o escudo de ar caiu na minha

frente. “O Beloriano apareceu e eu tive que lutar contra ele. Só consegui me curar pela metade e agora estou sem magia.”

“O que aconteceu?” Caminhei em sua direção em um ritmo lento, minha voz baixando uma oitava enquanto eu saboreava sua dor. Eu queria ver se ele admitiria o que tinha feito, se eu precisava adicionar mentira à lista de crimes pelos quais iria puni-lo.

“Aquela putinha designada a você... a garota Lobo, Doze, ela me atacou,” disse ele apaixonadamente, com raiva nos olhos. “Precisamos puni-la, Cain. *Destruir* ela por isso.”

O resto da minha determinação desapareceu num piscar de olhos e eu disparei em direção a ele como um borrão, jogando-o com força através da porta, fazendo-o cair de bunda no vestiário enquanto eu o perseguia e chutava a porta para fechá-la.

Ele ofegou alarmado, erguendo as mãos para me conter, mas nenhuma magia saiu. Seu membro carbonizado apareceu e eu levantei o pé, batendo a bota em sua virilha e esmagando seu pau e bolas sob meu calcanhar, fazendo-o gritar como um bebê. Estalei os dedos, levantando uma bolha silenciadora para que o resto de seus gritos permanecesse contido enquanto eu pressionava meu peso com mais força, meu lábio superior retraído em um sorriso irônico.

“Minta pra mim de novo,” rosnei, o monstro dentro de mim assumindo o controle. “Eu te desafio.”

“Mason, *pare*,” grasnou ele, como o sapo que era. O cara raramente dirigia uma palavra a mim ou eu a ele. Não éramos amigos. Eu não ia sentir pena dele. E se ele estava apelando para a minha boa natureza, estava prestes a descobrir que eu não

tinha uma.

Torci meu tornozelo, esmagando seu membro com mais força enquanto pensava nele tentando abusar de Rosalie.

“O que você está fazendo?!” Ele gemeu, agarrando minha perna enquanto tentava me repelir. Mas com sua magia esgotada e minha força de Vampiro pulsando poderosamente em minhas veias, ele não podia fazer absolutamente nada para me impedir. Exceto se transformar em sua forma de Ordem. Mas se transformar em um Sapo não me impediria de estrangular o filho da puta, e eu poderia causar ainda mais dano se pisasse nele naquela forma.

Agarrei seu pescoço, tirei o pé da virilha e o levantei, jogando-o contra a parede acima de mim com uma das mãos, fazendo com que seus pés se sacudissem e se afastassem do chão. Dei um soco forte no rosto dele, e depois outro para reforçar a mensagem, saboreando a sensação dos meus nós dos dedos se partindo com o golpe.

“Se você tocar em Rosalie Oscura de novo, eu te mato. E se quiser falar com a diretora sobre a minha ameaça, então eu vou pedir um interrogatório Ciclope para provar o que você fez com ela e o que tentou fazer com ela. Você me entendeu?”

Ele estava ficando azul enquanto minha mão apertava mais forte seu pescoço grosso e o cheiro do seu pau eletrocutado fazia meu nariz torcer de desgosto.

Sua pele começou a se encher de uma gosma espessa e verde, um dos dons da Ordem liberando a gosma pungente que poderia me envenenar se entrasse em contato com a minha pele. Soltei-o antes que me tocasse, e ele caiu no chão, amassado, aos meus

pés. Ele enrolou-se como uma bola, coaxando debilmente enquanto a gosma cobria sua cabeça calva, numa tentativa de protegê-lo melhor. Ele era patético pra caramba.

“Por que você se importa com ela?” Ele gaguejou, e notei que ele não havia me respondido.

O fogo ganhou vida em minhas mãos e eu me inclinei, agarrando seu rosto em minhas palmas, que ainda estava limpo do lodo de sapo, e forçando-o a olhar para mim enquanto ele gritava mais uma vez, se debatendo e lutando enquanto meu poder queimava a carne de sua pele.

“Responda-me!” Berrei, desesperado para matar aquele rato, aquela *escória*. Ele a agarrou, a forçou a se ajoelhar debaixo dele como se fosse uma prostituta de rua comum. Ela era uma deusa, uma rainha do caralho. Não me lembro quando percebi isso, mas eu sabia no fundo da minha alma e não deixaria aquele merda escapar impune por desrespeitá-la.

Dei um chute forte na lateral do corpo dele e ele foi jogado para o outro lado do chão, se encolhendo e batendo em uma fileira de armários. “N-n-n-n-não vou tocar nela.”

“Ela não existe para você,” eu disse friamente. “Você não a vê, não a toca, nem pensa nela, porra.”

Ele assentiu, segurando o rosto ensanguentado enquanto choramingava de dor, e eu agarrei seu braço, mantendo minha mão presa em sua manga enquanto o arrastava até a pia e enxaguava sua mão da gosma antes de segurá-la com força.

“Jure pelas estrelas que não vai falar sobre isso,” exigi.

“Não vou contar a ninguém,” ele disse com voz rouca e medo,

e a magia ecoou entre nós.

Soltei a mão dele e o deixei sofrer por mais alguns instantes, saboreando sua agonia enquanto pensava no que ele tentara fazer com a minha garota. Porra, *minha* garota? Desde quando ela era minha garota? Ela não era nada para mim. Ela me odiava. Ela me amaldiçoou. Ela estava acasalada com o maldito Shadowbrook.

Percebi que a marca da maldição vibrava em sincronia com o meu pulso, e um calor se espalhava dela, como um raio de sol líquido percorrendo minhas veias. Parecia ela. Parecia tudo o que eu senti falta a vida toda. Mas não podia ser isso. Porque ela não me pertencia e nunca pertenceria.

Agachei-me diante da criatura patética abaixo de mim, com as presas à mostra. O cheiro do sangue dele era como mijo em comparação com o de Doze. Não havia em mim nenhum desejo de prová-lo. Mas eu queria derramar mais. Tudo. Pintar todo o quarto de vermelho com a morte dele e fazê-lo sofrer tanto que ele sentiria dor mesmo além do Véu.

Respirei fundo, observando-o se contorcer sem nenhum pingo de piedade. Eu não sentia nada além de nojo e raiva, as duas emoções se acumulando em uma tempestade dentro de mim. Mas eu não podia me deixar levar por isso. Eu precisava manter a calma. Matá-lo não era uma opção. E eu também não podia entregá-lo a Pike. Ela interrogaria Rosalie, faria um Ciclope verificar a veracidade de suas palavras e, se vissem suas memórias, também poderiam me ver nelas. Ver todas as regras que eu havia quebrado, ver a maneira como eu a toquei, a mordi.

Bile inundou minha língua enquanto eu me perguntava se eu era tão repugnante quanto o cretino encolhido diante de mim. Eu

também merecia o destino dele por tocá-la eu mesmo? Ela me encorajou, não era como se eu tivesse tirado algo dela que ela não quisesse. Mas eu estava em uma posição de poder. Eu deveria ser melhor. Mas eu também nunca aleguei ser. Eu mordi detentos fortes por anos antes dela chegar. Só que com ela nunca senti que estava fazendo isso só para tirar seu sangue e puni-la. Eu ansiava pela pressão do corpo dela contra o meu também. Eu deixava minhas mãos vagarem, eu ansiava por sua boca, ansiava por sentir meu pau dentro dela. Era errado. E isso me fazia gostar *dela*.

Estendi a mão e pressionei a ponta dos dedos em um espaço limpo na nuca de Nixon, permitindo que a magia de cura fluísse para ele. Eu precisava esconder a evidência agora, mesmo que curá-lo me deixasse doente. Mas não havia outro jeito.

Levantei-me quando terminei e ele me encarou, ofegante, com os olhos arregalados. Virei-lhe as costas, caminhando até a pia e enxaguando o sangue das mãos, o insulto de um Vampiro lavando-o o suficiente para fazê-lo ofegar. Então, virei-lhe as costas e saí de lá, deixando a porta se fechar atrás de mim e dissolvendo a bolha silenciadora no caminho.

Eu ainda não tinha terminado de tirar sangue hoje. Meu monstro estava solto, então era hora de usá-lo.



A meia-noite chegou e passou, e eu saí do alojamento dos guardas de uniforme. Não era meu turno, mas eu o usava para me proteger caso alguém me visse. Ninguém nunca me

questionou por fazer horas extras. Era um hábito que a maioria das pessoas esperava de mim. Além disso, o único que se importava com o que eu fazia era Hastings, e ele estava enfiado na cama para passar a noite.

Passei a noite sozinho depois do meu turno, sem que minha raiva tivesse diminuído nem um pouco. Não parava de pensar em Nixon tocando Rosalie, e a raiva queimava cada centímetro de mim novamente. Eu queria aniquilá-lo por aquele único ato. A possessividade que eu sentia por ela era um inferno por si só. Eu não sabia o que fazer com todos esses *sentimentos*.

Eu estava acostumado a ficar com raiva, mas não com ciúmes. Quando a vi lá embaixo na Sala do Destino com Shadowbrook, Night e o maldito Wilder, eu quis arrancá-la de todos eles e nunca mais deixá-la chegar perto deles. Mas isso tinha que parar. Eu não a possuía. Eu não tinha o direito de impedi-la de ficar com quem ela quisesse. Especialmente alguém com quem ela estava acasalada. Pelas estrelas, como a lua poderia ter acasalado aqueles dois? Eles eram inimigos jurados e não só isso, mas era o fodido Ethan Shadowbrook. Eu o desprezava. Invejava-o. Queria arrancar o coração dele e segurá-lo para a lua para mostrar a ela o que eu pensava do seu maldito vínculo de companheiros. Mas eu não podia fazer isso. Rosalie não era minha e nunca seria.

Então por que eu ansiava tanto para que ela me quisesse também? Por que eu não conseguia parar de pensar em maneiras de ficar sozinho com ela, de tentar consertar toda a confusão entre nós? De fazê-la ver que eu era capaz de ser bom com ela. Que eu me arrependia profundamente de tê-la deixado no buraco todo aquele tempo.

Mas talvez ela estivesse só voltando à minha cabeça. Talvez fosse só mais um joguinho dela. Talvez eu fosse mesmo um idiota que foi dominado por uma boceta que eu nunca tive. Talvez ela tivesse se infiltrado na minha pele de novo e estivesse manipulando tudo o que eu fazia, tudo o que eu *sentia*...

Mas quando falei com ela no nível de manutenção, tive certeza de que ela tinha dito a verdade pela primeira vez. Eu conseguia sentir a diferença, tinha certeza dessa vez. Mas talvez eu fosse mesmo um idiota vivendo de um sonho.

Esfreguei os olhos enquanto descia o elevador para o oitavo andar. A violência ajudaria a acalmar essa criatura indomável dentro de mim esta noite. Então, amanhã, eu acordaria e estaria de volta ao controle. Eu seria capaz de lutar contra essas emoções estranhas e enterrá-las bem fundo. Doze não era para mim. Mas, por enquanto, tínhamos um objetivo em comum e eu queria me aprofundar nele. Por mim, por ela. Por cada detento que foi arrastado para a Psiquiatria e acabou queimado no incinerador por isso depois. Queimado por *mim*.

Eu tinha participado do que quer que estivesse acontecendo ali embaixo. Cumpri o meu dever. Queimei os corpos que eram dispostos para serem destruídos toda semana. Não era um trabalho bonito, mas os cadáveres Fae tinham que ser queimados, ou então seu poder permanecia em seus ossos e aquela magia poderia ser roubada se caísse em mãos erradas. Parte de mim sempre pensou que essa era a única maneira de muitos dos infelizes idiotas deste lugar se libertarem, lançados por uma chaminé para o céu.

Eu poderia aceitar queimar os corpos daqueles que morreram

por causa de outro detento ou de um acidente mágico, mas nunca me inscrevi para destruir as evidências daqueles mortos pelos funcionários daqui. E eu não ia continuar seguindo ordens cegamente e encobrindo qualquer merda obscura que eles estivessem aprontando.

Caminhei pelo corredor vazio em direção à ala da Psiquiatria, conferindo o relógio antes de me esconder em um nicho e me encolher nas sombras. Eu era um predador à espera de sua presa, com a respiração acelerada enquanto a emoção da caçada acelerava meu pulso. Demorou apenas alguns minutos até que uma porta se abrisse no final do corredor e eu esperasse meu alvo passar.

Janice Cunning era uma das médicas-chefes da Psiquiatria e, se alguém tinha certeza de tudo o que acontecia lá, era ela. Eu sabia a agenda dela de cor. Já tinha vindo aqui várias vezes, tentando entrar, tentando descobrir mais informações. E hoje à noite eu não ia me conter. Era hora de revelar a verdade.

O som dos saltos dela batendo no chão fez meus dedos formigarem com magia e minhas presas se alongarem. Mas eu não a morderia. Eu tinha comido uma refeição hoje que nenhuma outra poderia igualar. E Janice Cunning não me agradava.

Ela passou por mim com seu jaleco branco de médica e eu saí correndo do meu esconderijo, tão silencioso quanto o vento, correndo atrás dela, cobrindo sua boca com a mão e a levantando do chão. Corri com ela enquanto ela se debatia e chutava, seu grito abafado contra minha palma. Suas asas se soltaram de suas costas e rasgaram sua roupa enquanto ela tentava se transformar em sua forma de Harpia. Xinguei enquanto ajustava meu braço

em volta dela, prendendo suas asas enquanto ela lutava furiosamente. Ela era forte, mas eu era mais. Mais raivoso. Mais determinado. Ela não me repeliria.

Cheguei ao nono andar e chutei a porta da pequena sala de tortura de Quentin, jogando-a no chão. Ele se lançou sobre ela com um grito de alegria, enfiando uma máscara de gás em seu rosto enquanto ela se debatia e eu pulei para frente para ajudar a mantê-la imóvel. Suas asas se dissolveram em nada enquanto ela xingava e chutava, o Supressor da Ordem roubando sua capacidade de se transformar e, quando Quentin prendeu duas algemas de bloqueio mágico em seus pulsos, ela ficou totalmente incapacitada. Ele sabia que eu estava chegando; eu havia comprado o silêncio dele.

Eu a levantei e a joguei na cama do hospital no centro do quarto enquanto ela gritava.

“O que você está fazendo?!” Ela implorou, com os olhos azuis arregalados enquanto me encarava com reconhecimento, confusão e medo. Ajudei Quentin a prendê-la na cama, apertando as correntes até ela gritar.

Quentin lançou uma bolha silenciadora, rindo demoniacamente para si mesmo enquanto se movia para trancar a porta. Ele olhou para mim, umedecendo os lábios enquanto seus olhos brilhavam de excitação. Ele tinha quase metade da minha altura, suas costas eram curvadas, seus olhos vermelhos e brilhantes e seus dentes afiados em pontas, todas as características que ele havia alterado por magia. Porque ele gostava de ser um filho da puta assustador, eu imaginei. E funcionou. O cara me arrepiava pra caramba, mas eu precisava

da ajuda dele e ele concordou. Eu sabia que ele não seria capaz de perder a chance de torturar alguém. Esse era exatamente o tipo de aberraçãozinha pervertida que ele era.

“O dinheiro?” Ele ronronou e coloquei a mão no bolso, tirei um rolo de auras e joguei para ele.

Ele lambeu os lábios novamente enquanto colocava o rolo de lado e então subiu em um degrau ao lado da cama, de modo que pudesse olhar para Janice.

“Você vai contar todos os seus segredinhos, Janice,” ele cantou com sua voz nasalada e muito aguda.

Encostei-me a um balcão repleto de todos os tipos de dispositivos mágicos de tortura, e alguns não mágicos também, como brocas, lâminas e serras de osso. Eu não era melindroso, mas havia pago Quentin por serviços específicos ali. Eu não estava querendo assistir a um de seus shows de terror. Era puramente comercial. Claro, isso não significava que ele não fosse machucá-la.

Tirei meu Atlas do bolso e o configurei para gravar enquanto Quentin lançava um feitiço sobre os lábios de Janice e os selava, silenciando seus gritos.

“Shhh, jovem Janice,” ele sussurrou e ela piscou para conter as lágrimas, olhando para mim com medo e acusação.

Mas talvez ela não devesse ter sido uma psicopata tão suspeita e eu não teria que recorrer a isso. Ela se recusou a falar comigo várias vezes e agora que Doze tinha visto o que estava acontecendo em sua casa de diversões, eu não me sentiria mal por entregá-la a Quentin. Era preciso muito para me fazer sentir mal por qualquer coisa, e isso não estava na lista.

“Você vai parar de gritar agora,” disse Quentin. “Não vai?”

Janice assentiu enquanto uma lágrima escorria por seus cabelos e eu cerrei o maxilar, faminto para que a verdade saísse de seus lábios. Quentin abriu a boca dela e ela respirou fundo, trêmula.

“O-o que você quer?” Ela gaguejou enquanto os dedos longos de Quentin acariciavam seu pescoço.

“Queremos saber exatamente o que você está fazendo na Psiquiatria,” ele disse quase em tom tranquilizador, e ela ficou tensa.

“E-eu não posso,” ela disse asperamente. “Não tenho permissão para...”

“Você vai falar, passarinho,” Quentin a interrompeu. “Você vai me contar todos os seus segredos.”

“*Não*,” ela rosnou, se livrando das amarras enquanto Quentin descia do degrau e cantarolava baixinho enquanto se movia até um carrinho cheio de ferramentas mais perto da cama. Ele se abaixou para pegar algo, pegando um pequeno pote de metal, e eu franzi a testa. *Que porra é essa?*

Janice olhou para mim em desespero. “Você não pode fazer isso comigo. Por favor, me *ajude*.”

Fiquei em silêncio, sem dizer absolutamente nada que me incriminasse naquele vídeo. Eu não era burro o suficiente para achar que essa merda não me levaria para a prisão com os detentos que eu vigiava o dia todo. Mas eu ia conseguir a minha confissão dela, custe o que custar.

Quentin voltou para o seu degrau, abriu o casaco dela e

puxou a blusa dela para cima antes de colocar o pote sobre a barriga nua dela. Franzi a testa enquanto ele abria a tampa, sem saber o que esperar. Então, montes de Lesmas Ácidas de Fogo, finas e pretas, rastejaram para fora e imediatamente começaram a se enterrar em sua carne como se estivessem famintas. Janice gritou enquanto elas deslizavam por todo o seu corpo e eu cerrei o maxilar enquanto observava, esperando que seus gritos se transformassem em palavras e que ela começasse a nos contar tudo. Porque. Foda-se. Essa. Merda.

"Não, por favor, pare!" Ela implorou enquanto as pequenas criaturas monstruosas começavam a comê-la com dentes afiados.

"Conte-nos o que você faz lá embaixo, Janice," pediu Quentin, parecendo estar chapado com a dor dela enquanto a observava se contorcer e gritar.

Pequenas poças de sangue estavam se formando por todo o corpo dela, onde algumas das criaturas tinham desaparecido, e ela parecia prestes a desmaiar enquanto olhava para elas também.

"Não vou," ela ofegou e gritou novamente, jogando a cabeça para trás. "Eu nunca vou te contar!"

Quentin sorriu como se estivesse satisfeito com a recusa dela, e eu franzi os lábios, impaciente. Ele bateu no pote com o dedo e uma luz azul-escura brilhou antes que todas as lesmas começassem a deslizar de volta para dentro. Elas saíram da carne dela e retornaram ao pote. Então, Quentin fechou a tampa e as colocou de volta em seu carrinho de instrumentos de tortura.

Observei enquanto ele tentava método após método para fazê-la falar, curando-a depois de tê-la feito sangrar repetidas vezes.

Uma camada de suor se formou em sua testa enquanto ela se machucava de maneiras indescritíveis, mas mesmo assim ela não desistia da resposta.

“Bem, então,” Quentin ronronou por fim, olhando para mim. “Parece que o interrogatório do Ciclope é a única saída, oficial.”

Poderia parecer que a tortura era desnecessária, já que tudo o que ele realmente precisava fazer para buscar respostas na mente dela era usar seus dons da Ordem, mas, na verdade, para a maioria dos Ciclopes, eles não conseguiam simplesmente romper os escudos mentais de outro Fae e roubar todos os seus segredos. Havia alguns Ciclopes particularmente fortes, como aquele canalha do Gustard, que conseguiam fazer isso, mas para a maioria de sua espécie, como Quentin, eles precisavam enfraquecer a mente da vítima antes de entrar nela, se quisessem obter as informações que estavam sendo escondidas.

Realmente seria bom ter um Ciclope mais forte trabalhando aqui, mas eles eram raros e nenhum deles se contentava com o salário baixo e as longas horas ali embaixo no escuro, então tínhamos que aturar o Quentin. Pelo menos ele era criativo em seus métodos de tortura, então eu tinha quase certeza de que ele era capaz de quebrar os escudos mentais da maioria dos Fae antes de entrar em suas mentes com seus dons. Sempre havia a chance de que os presos mais fortes ainda conseguissem esconder informações dele, mas era o melhor que podíamos fazer.

Desliguei a câmera e coloquei meu Atlas no chão com um grunhido. “Ela precisa dizer isso em voz alta.”

“Talvez, quando virmos a verdade em sua mente, ela fale mais livremente,” sugeriu Quentin, e eu suspirei, passando a mão pelo

cabelo. Eu precisava daquele vídeo como prova. Se ela não admitisse a verdade em voz alta, eu não teria como enviar o FIB para investigar. Quentin estava usando um feitiço de ocultação que o impedia de ser identificado no vídeo; se ela simplesmente admitisse, eu poderia expor o segredo sujo de Darkmore e acabar logo com isso. Mas havia mais em jogo ali, impedindo-a de dizer as palavras. E eu precisava confirmar minhas suspeitas.

Caminhei até Quentin, oferecendo-lhe a mão para que ele me mostrasse as memórias enquanto usava os dons da Ordem nela. Não gostei que o canalha me tocasse, mas era o menor dos sacrifícios que eu estava fazendo para obter respostas.

Seus dedos finos agarraram os meus e seus olhos se estreitaram lentamente até se tornarem uma só coisa, uma grande entidade no centro do seu rosto. Então, ele estendeu a mão para Janice, cujos olhos estavam cheios de medo enquanto ela se desvencilhava das amarras mais uma vez. Mas não adiantou. E quando a mão de Quentin pressionou sua testa, ela ficou imóvel por um instante antes que minha mente escurecesse.

Eu não estava mais ali, naquele quarto, mas pairando num abismo enquanto memórias desconexas me atravessavam a cabeça. Tentei entendê-las e senti o poder de Quentin moldá-las lentamente em ordem, reproduzindo-as na minha cabeça como se fossem minhas próprias memórias. Bastava direcionar minha mente para uma delas e eu conseguia visualizá-la como se estivesse lá, vendo-a através dos olhos de Janice.

Ela apertou a mão da diretora, com a magia brilhando entre as palmas antes de assinar um contrato em sua mesa. Então, a lembrança mudou e ela estava vestindo um uniforme hospitalar,

entrando em um consultório entre outros médicos e enfermeiros.

Ela olhava para um homem amarrado a uma mesa, que se contorcia contra as amarras, o peito aberto enquanto a luz jorrava dele para um grande jarro de vidro, canalizada para lá por um estranho objeto de metal que brilhava com uma magia sombria e sinistra. A náusea apertou meu estômago quando aquela luz foi arrancada do corpo do homem pelo bisturi enquanto Janice o cortava, arrancando a matéria estranha e etérea que a conectava a ele. À sua alma. Ao seu próprio ser. Então, assim que o jarro foi selado, ele começou a convulsionar e todos na sala correram para curá-lo, seu peito se costurando, mas ele ainda se contorcia e seus olhos reviravam enquanto ele gritava. E finalmente, ele caiu mortalmente imóvel.

Janice afastou as mãos dele com um palavrão, virando-se para anotar a perda numa prancheta. Um número foi riscado. Trezentos e Oito.

Então ela acenou com a mão e o homem foi levado para fora da sala antes que outro fosse trazido.

A lembrança se dissipou mais uma vez e eu fui atraído para outra enquanto Quentin me guiava para dentro dela. Eu estava olhando através dos olhos de Janice para uma câmara de vidro onde uma garota de cabelo rosa estava amarrada a uma cadeira. Meu estômago se apertou ao reconhecê-la como uma das detentas que haviam enlouquecido naquele lugar recentemente. Mas ela não parecia louca agora, apenas parecia... ausente. Seus olhos estavam vazios e eu podia dizer que uma parte vital dela estava faltando. Fosse lá o que fosse aquela luz que havia sido tirada do homem que morrera, ela também havia sido tirada dela. Ela podia

ter sobrevivido, mas não parecia que sua alma tivesse permanecido intacta.

Uma raiva feroz me invadiu ao ver uma enfermeira entrar no quarto com um frasco de luz nas mãos. Janice a seguiu até o quarto e se posicionou diante da garota de cabelo rosa, fitando seus olhos sem vida.

“O que ela era antes?” Perguntou Janice à enfermeira que verificou um Atlas em sua palma.

“Uma Vampira,” ela respondeu e meu maxilar ficou tenso.

Janice assentiu, pegou um bisturi de um carrinho ao lado da detenta e começou a fazer cortes finos e superficiais nos pulsos, na curva dos cotovelos, no pescoço, nas têmporas e nos tornozelos. Então, pegou o frasco da enfermeira e o colocou no colo da garota, girando-o firmemente para abrir a tampa. A luz imediatamente se infiltrou como se fosse um ser vivo com vontade própria; ela se movia, se contorcia e parecia procurar algo enquanto flutuava pelo corpo da garota. Ao atingir os cortes, deslizou lentamente para dentro dela, e a garota ofegou, seus olhos brilhando enquanto sua cabeça se inclinava para trás.

“É isso,” insistiu Janice, esperançosa. “Aceite a nova sensação. Você é uma Lobisomem agora. Consegue sentir a mudança?”

A menina apenas gargarejou e o choque me percorreu quando percebi o que estava acontecendo. O que eram aqueles potes. O que tinham feito com aquela menina.

Pelos se espalharam por sua pele e ela gritou enquanto sua boca e nariz se estendiam em um focinho e dentes afiados como navalhas enchiam sua mandíbula. A mudança foi lenta e parecia

torturante enquanto ela lutava contra isso, os pelos se retraindo novamente enquanto ela balançava a cabeça e soluçava.

“Não sou eu. Não sou eu,” implorou ela. “Por favor, tire isso daqui.”

“Aceite, pare de brigar,” rosnou Janice, pegando uma mecha do próprio cabelo e puxando sua cabeça para trás. Eu podia sentir sua expectativa, sua esperança, seus pensamentos correndo pela minha cabeça. Os experimentos deles nunca tinham chegado tão longe antes. Sempre falharam até agora.

A menina começou a gritar de um jeito que fez meu coração apertar. Ela balançou a cabeça, convulsionando e ficando mole na cadeira.

“Estabilizem-na!” Janice ordenou e a enfermeira correu com uma seringa, injetando-a no pescoço da menina.

Mas ela não parou de se contorcer, suas mãos se transformaram em patas, seus olhos se arregalaram, então sangue escorreu de seu nariz e ela parou de convulsionar. Seus olhos fitaram Janice sem vida. E a cadela apenas estalou a língua.

“Tentaremos de novo amanhã,” ela rosnou, então as visões desapareceram completamente e, de repente, eu estava de volta àquele quarto, meus olhos se encontrando com os de Quentin. Janice estava inconsciente enquanto Quentin a mantinha sob seu feitiço, e o sujeito normalmente inabalável olhou para mim com a cor desaparecendo do rosto.

“Eles estão... tirando as Ordens dos internos?” Ele sussurrou, e eu assenti rigidamente, com a garganta queimando e o estômago embrulhado. Soltei sua mão, recuando e passando a

palma da mão no rosto enquanto tentava processar o que tinha visto.

Pike era a responsável por isso. Ela havia organizado tudo. Contratou Janice. Ela devia saber o que estava acontecendo lá embaixo esse tempo todo. Que eles estavam arrancando as Ordens das pessoas e tentando forçá-las a aceitar outra que não era a delas. Isso desafiava as estrelas. Desafiava todas as leis Fae. Era repugnante, vil.

Quentin vomitou e olhei para ele, surpreso. De todas as coisas doentias que ele fez naquele quarto, aquela era a primeira vez que o vi incapaz de suportar.

"O que você vai fazer?" Ele me perguntou enquanto minha respiração se tornava irregular. Meus pensamentos se fixaram em Rosalie enquanto o medo abria caminho através do meu peito. Ela tinha ido lá embaixo, correu o risco de ser pega. E se a tivessem encontrado? E se tivessem feito isso com ela? Exterminado a loba dela? Forçado outro Fae a fazer isso e tentado fazer dela algo... diferente. Rosnei ferozmente, andando de um lado para o outro, lutando contra a vontade incontrolável de arrancar a cabeça de Janice. Mas eu precisava manter a calma. Precisava descobrir.

"Ela não vai dizer isso diante das câmeras," eu finalmente disse, percebendo. Janice tinha feito um acordo estelar com Pike. Se ela dissesse a verdade em voz alta, seria amaldiçoada com sete anos de azar. Pike sentiria o acordo se rompendo. E eu tinha a sensação de que minha chefe era muito mais perigosa do que eu jamais imaginei. Contrariá-la não terminaria bem. A resistência de Janice à tortura de Quentin provava isso. Ela preferia sangrar ali do que acabar à mercê de Pike.

Respirei fundo pelo nariz e caminhei até o armário de remédios do outro lado do quarto, onde Quentin guardava seus venenos.

“O que você está fazendo?” Ele perguntou enquanto eu encontrava o que queria, pegando a poção apagadora de memórias. Abri-a, caminhei até Janice e abri seus lábios para despejá-la.

“Espere,” disse Quentin com urgência, segurando meu braço, e rosnei em advertência. “Ela vai vomitar quando acordar.”

Assenti, grunhindo irritado e recuando para que ele pudesse libertá-la de seu poder, seus olhos se fechando por um instante enquanto fazia isso. Ela se levantou, vomitando no chão, e Quentin pegou uma mangueira, jogando a água no ralo que ficava embaixo da cama, estranhamente silencioso enquanto trabalhava.

Janice piscou algumas vezes, olhando entre nós com horror ao perceber o que sabíamos.

Caminhei em sua direção, agarrando seus cabelos loiro-escuros com minha mão e puxando sua cabeça para trás com força.

“Por favor!” Ela implorou. “Não me mate.”

“Você merece a pior morte que eu possa imaginar,” rosnei na cara dela, meu lábio superior repuxado para revelar minhas presas. “Eu cortaria todos os seus membros e te jogaria para os psicopatas deste lugar para terminar o serviço.”

“M-mas você não vai, né?” Ela perguntou trêmula e eu praticamente pude sentir o gosto do seu medo.

Deixei uma longa pausa se estender entre nós para extrair o

terror dela e então balancei a cabeça.

“Não,” concordei. “Hoje não. Mas sua morte está chegando. Eu prometo.”

Puxei sua cabeça para trás com mais força e levei a poção para apagar memórias aos seus lábios, despejando uma quantidade generosa em sua garganta, o que destruiria algumas horas de memória, o suficiente para que ela não se lembrasse de ser trazida aqui por mim.

Seus olhos ficaram atordoados e Quentin apareceu, pronto com um sedativo enquanto enfiava a agulha em seu pescoço. Ela me xingou enquanto desmaiava e eu a deixei cair de volta na cama, com vontade de limpar as mãos depois de tocar naquela vadia vil. Quentin destrancou as algemas mágicas em seus pulsos, respirando pesadamente.

Virei-me para ele e ele recuou ao ver a decisão em meus olhos, balançando a cabeça.

“Eu te servi bem!” Protestou ele, derrubando o carrinho ao tentar escapar. Mas disparei nele com a minha velocidade, prendendo minha mão em seu pescoço e forçando sua cabeça para trás antes de despejar a poção goela abaixo também. Seus olhos ficaram vazios e eu o empurrei para o outro lado do quarto, disparando para longe dele e desprendendo Janice da cama, jogando-a por cima do meu ombro.

Peguei meu Atlas e o dinheiro que havia pago a Quentin ao sair do quarto e corri de volta para a ala da Psiquiatria. Deixei-a no corredor, onde ela já estava se mexendo, a dose de sedativo obviamente baixa o suficiente para não a ter deixado completamente inconsciente. Eu já tinha ido embora antes que

ela abrisse os olhos, todas as evidências do que eu havia feito destruídas, exceto o vídeo no meu Atlas. Apaguei-o prontamente ao subir as escadas. Não me serviu. Só a verdade presa em sua cabeça servia. Mas, a menos que eu conseguisse convencer o FIB a investigá-la ou a um dos outros idiotas que trabalhavam lá embaixo, mesmo esse conhecimento era inútil.

Ao entrar no meu quarto e tirar o uniforme para tomar um banho, fui tomado por uma vontade inabalável de ir até Rosalie. Para ver se ela estava bem, ainda dormindo profundamente em sua cama. E quando terminei de me lavar, a marca de maldição no meu braço latejava como se me implorasse para atender a essa necessidade. Mas eu não tinha nenhum bom motivo para ir até o bloco de celas dela e entrar correndo. Os outros guardas pensariam que eu tinha enlouquecido e eu não precisava chamar atenção para mim.

Suspirei, me enxugando e vestindo uma cueca boxer enquanto voltava para o meu quarto. Estava frio e vazio, e parecia o último lugar no mundo onde eu queria estar. Mas sempre me senti assim ali. E o problema não era o quarto. Era estar sozinho comigo mesmo.

Ao cair na cama, tentando lutar contra o enjoo causado pelo que aprendera naquela noite, a maldição se voltou contra mim mais uma vez. E fui arrastado para um sono profundo e repleto do meu passado, voltando a encarar o homem que me criou como um monstro. Meu pesadelo pessoal. Benjamin Acrux.



Sentei-me na terapia de grupo, morrendo de tédio enquanto Sparkle, do outro lado do círculo, contava sua história enquanto segurava o Bastão da Verdade. A Sra. Gambol o havia apresentado com um floreio no início da sessão de hoje, alegando que era um galho de uma árvore-Fae e que havia sido abençoada com um feitiço da verdade por Faerial, o Grande. Como eu tinha oitenta por cento de certeza de que Faerial, o Grande, não passava de uma história de ninar para crianças, tive minhas dúvidas. Se ele tivesse existido, eu também acreditava firmemente que ele era um idiota, porque a história de sua morte sempre me irritou profundamente, mesmo que um monte de outras coisas que ele supostamente fez fossem bem impressionantes.

Resumindo a história, Faerial, o Grande, era uma Fênix que viveu algumas centenas de anos atrás e, durante sua vida, foi responsável por inventar todos os tipos de feitiços e criar inúmeros artefatos mágicos. Ele supostamente usou seu Fogo da Fênix de maneiras nunca antes experimentadas, além de usar sua magia elemental para coisas que ninguém jamais havia considerado antes. O homem era um gênio - presumindo que ele realmente fosse responsável pela descoberta de metade das coisas

que lhe eram atribuídas - mas, como aconteceu com muitos grandes Fae, ele claramente começou a acreditar demais em si mesmo.

Eu havia lido vários livros sobre ele, adquirindo uma espécie de obsessão por ele depois de descobrir que eu era uma Loba da Lua, porque as Fênix também tinham muitos dons estranhos e eu não conseguia encontrar muita coisa sobre a minha própria espécie para estudar. Mas Faerial havia feito algo tão estúpido que eu tive que questionar seriamente a sanidade das pessoas que ainda o aclamavam como um dos maiores Fae de todos os tempos. Ele havia viajado ao mundo mortal usando poeira estelar e viajado por aí, buscando os mitos e lendas que os mortais acreditavam serem verdadeiros sobre as Fênix, antes de retornar ao reino Fae e tentar encontrar evidências de que eles estavam corretos.

Ele havia dedicado dez anos de sua vida tentando provar que as lágrimas de Fênix podiam curar qualquer coisa, especialmente feridas que nenhuma outra magia de cura conseguia combater ou doenças fatais dos Fae que nenhum curandeiro conseguia curar. Mas ele estava errado. Só Deus sabe quanto chorou e quantos desgraçados desesperados tiveram que beber suas lágrimas/ter suas lágrimas borrifadas sobre si/dançar nelas e inúmeras outras bobagens que ele tentou, mas eventualmente ele teve que admitir que eram apenas lágrimas. Sem milagres incluídos. Nesse ponto, eu teria presumido que ele simplesmente aceitaria que os mortais realmente não tinham a mínima ideia do que estavam falando quando se tratava de poderes dos Fae, mas era claro que ele não tinha.

Ele ficou obcecado com a ideia de que poderia se tornar

imortal, acreditando de todo o coração que poderia renascer em chamas. Então, depois de anos de estudo, teorias e testes, Faerial, o Grande, convocou uma corte de mais de quinhentas pessoas para vê-lo morrer e renascer. Ele lançou uma enorme pira de Fogo da Fênix e então ficou ao lado e enfiou uma lâmina de aço solar direto em seu próprio coração. Bem, ele morreu, sim. E então ele caiu de volta nas chamas que ele tinha certeza que lhe dariam vida novamente... e elas queimaram seu corpo até ficarem crocantes. Acontece que Fênix mortas podiam queimar e tudo mais. Foi lamentado como uma perda trágica em nome da ciência, mas tudo o que me disse foi que ele tinha sido louco e queria acreditar em contos de fadas demais. Não havia cura mágica para a morte, mesmo em um mundo com magia, e mesmo se você fosse uma Fênix durona. Era horrível, mas a vida era uma merda e não havia saídas fáceis, eu aprendi isso da maneira mais difícil.

Dito isso, até agora o Bastão da Verdade vinha arrancando verdades realmente tediosas dos meus colegas de cela, então talvez houvesse algum mérito na magia que ele continha, apesar de sua história duvidosa. Imagino que ele tenha conseguido algumas coisas antes de enlouquecer.

“Isso realmente me fez lembrar de como eu me sentia quando criança, sabe?” Disse Sparkle, com os olhos marejados de lágrimas brilhantes enquanto olhava fixamente para a Sra. Gambol.

Estava quente naquela sala e Sparkle tinha optado por amarrar os braços do macacão na cintura, revelando suas tatuagens coloridas para todos na sala. Eu soltei uma risada quando vi uma de um cara nu de cabelo loiro cacheado, curvado enquanto um Pegasus rosa enfiava seu chifre em seu cu e ele

agarrava seu pau duro com uma expressão de êxtase no rosto. As palavras "*Tesão por Chifre"* estavam pintadas abaixo em letras coloridas do arco-íris e eu tive que me perguntar o que Caleb Altair teria pensado se tivesse visto e ri mais alto antes que eu pudesse me conter.

Todos os olhos na sala se voltaram para mim e levei um momento para perceber que eu claramente tinha rido de um momento ruim na história de Sparkle.

"O quê?" Perguntei, olhando para a Sra. Gambol.

"Enurese noturna é algo perfeitamente normal em situações estressantes. E essas sessões devem ser um espaço seguro para nossos membros falarem livremente sobre suas experiências," ela criticou.

"Sparkle está molhando a cama?" Perguntei, contendo outra risada enquanto virava meus olhos para a Pegasus em questão.

"Eu estava contando uma história da minha *infância*," ela retrucou, rangendo os dentes. "Não estou falando sobre como eu molhei a cama *agora*."

"Você estava se preparando para isso?" Perguntei, erguendo as sobrancelhas enquanto lançava um olhar nada sutil para a virilha dela, procurando por manchas molhadas. "Porque eu não queria interromper."

"Essa foi uma vez!" Sparkle gritou, batendo o pé antes de ofegar horrorizada com o que tinha dito e tapar a boca com a mão enquanto eu caía na gargalhada junto com metade dos outros membros do grupo.

"Ai, céus, isso é bééééssimo," murmurou a Sra. Gambol.

Sparkle encarou o Bastão da Verdade em sua mão antes de lançá-lo em mim com um grito de raiva. Consegui pegá-lo apesar das lágrimas escorrendo pelo meu rosto e quase não percebi que Sparkle estava me atacando com a cabeça baixa enquanto eu uivava de tanto rir.

Eu me levantei, mas um momento antes que ela pudesse colidir comigo, Cain disparou para o centro do círculo, agarrou Sparkle pela gola e a puxou para longe.

"Você precisa de um tempo, Trinta e Dois," rosnou ele enquanto ela relinchava em protesto, tentando me agarrar enquanto eu sorria para ela e me afastava. Cain a arrastou até a porta e a passou para o Oficial Nichols, que estava do lado de fora. "Leve-a de volta para o bloco de celas dela, e você pode garantir que haja um plástico protegendo o colchão da cama dela também?"

Sparkle começou a gritar ameaças de morte e eu desmoronei enquanto me jogava de volta na cadeira, com o ridículo Bastão da Verdade solto em minhas mãos, com suas fitas coloridas escorrendo pela minha perna.

"Não sei por que você parece tão feliz, Doze," disse Cain em voz alta, forçando o resto do grupo a se acalmar enquanto me encarava, mas jurei que ele também pareceu se divertir por meio segundo. "Porque parece que é a sua vez com esse pedaço de pau."

Em vez de voltar para seu pequeno assento no canto, Cain ocupou o lugar de Sparkle, bem à minha frente, e me encarou com um olhar que dizia "*te peguei.*" Mas que se dane. Eu não ia deixar nenhum maldito pedaço de pau forçar a verdade dos meus

lábios, embora estivesse começando a desconfiar de quem tinha conseguido encontrar aquele artefato mágico para a Sra. Gambol usar. *Idiota.*

"Ah, sim, essa não é uma béééssima ideia," disse a Sra. Gambol e eu franzi os lábios enquanto olhava para o bastão idiota que vibrava com um poder suave em minhas mãos.

"Ótimo," concordei, dando-lhes meu sorriso de torta de cereja enquanto girava o pedaço de pau entre meus dedos e me perguntava como funcionava.

"Vamos relembrar algo da sua infância," sugeriu Cain. "Algo que nos permita saber mais sobre como era crescer no colo do Clã Oscura e dos Lobos maus."

Abri a boca para tentar lhe dar alguma besteira, mas minha língua estava pesada na boca e parecia lutar contra as palavras até que eu as sufocasse. *Porra*.

Cain me deu um sorriso arrogante e todos os outros presos me olharam com fome, como se esperassem que eu oferecesse um pedaço da minha alma a eles ali.

Cerrei os dentes quando a Sra. Gambol começou a tomar notas, apesar de eu não ter dito uma palavra sequer.

"Isso vai ser bééésimo," ela disse por baixo da respiração e eu grunhi de frustração.

Não quero contar a eles a minha verdade. Implorei mentalmente ao universo para me salvar dessa merda e, quando estava prestes a abrir a boca novamente, um calor pareceu irradiar pelas pontas dos meus dedos. Olhei para baixo e encontrei aquela luz suave e cintilante que aparecia quando eu

utilizava meus dons de Loba da Lua, deslizando pelos meus dedos por um instante antes que o chamado do bastão da verdade me abandonasse completamente. Ninguém mais pareceu notar o brilho etéreo e, de repente, eu era apenas uma garota, sentada em uma sala cheia de *stronzos*, segurando um bastão com fitas amarradas.

"Tá..." eu disse lentamente, abaixando a cabeça enquanto lutava para esconder o sorriso. *Que legal, lulu.* "Então, quando eu tinha uns oito ou nove anos, minha avó adoeceu," eu disse, girando o Bastão da Verdade entre os dedos como se estivesse perdida nos horrores do meu passado.

"Vai lá," sussurrou a Sra. Gambol, e eu assenti, erguendo o olhar para ela e mordendo o lábio inferior enquanto lágrimas sinceras brotavam dos meus olhos. Droga, eu adorava interpretar esse papel, fisgá-los e fazê-los morder o grande e suculento verme de mentiras que eu estava oferecendo.

"Então, minha família é bem grande, mas muitos de nós moramos bem perto uns dos outros, todos próximos a esta enorme área de floresta," expliquei. "E a casa da minha avó ficava do outro lado da floresta em relação à nossa, então minha mãe preparou uma cesta de ingredientes para uma poção que a ajudaria a se recuperar e me pediu para levá-los até ela. O único problema era que, naquela época, as guerras de gangues estavam acontecendo em Alestria..."

Vários murmúrios ao redor do grupo diziam que as pessoas se lembravam bem daqueles tempos sombrios, e eu assenti enquanto Cain me encarava como se estivesse absorvendo tudo aquilo, e um arrepio percorreu minha espinha enquanto eu lhe

lançava uma careta, como se estivesse brava por ele me fazer compartilhar isso antes de continuar.

“Então, mamma me avisou que havia avistamentos de um lobo desconhecido nos arredores de nossas terras, que ela tinha quase certeza de ser um espião Lunar. Ela me disse para ficar de olho no lobo e correr para a casa da minha avó o mais rápido possível, só por precaução. Era inverno, então peguei minhas luvas e capa, fiz o que ela pediu e corri pela trilha em direção à floresta. Em pouco tempo, comecei a ter a sensação de que alguém estava me observando, então acelerei o passo e continuei correndo. Um uivo desconhecido soou nas árvores em algum lugar atrás de mim e, claro, eu pirei completamente...”

“Isso é béééssimo,” Gambol murmurou e eu assenti enquanto soltava um suspiro como se estivesse me preparando para contar algo horrível a eles.

“Eu estava com tanto medo que me transformei, rompendo minhas roupas e agarrando a cesta de ingredientes entre os dentes enquanto disparava em minha forma de loba, embora, felizmente, minha capa vermelha permanecesse presa em meu pescoço enquanto eu corria. Os uivos desconhecidos me perseguiram por entre as árvores até que eu tive certeza de que uma matilha inteira estava se aproximando de mim, e eu juro, nunca senti tanto medo. De alguma forma, consegui chegar à casa da minha avó, mas as proteções mágicas que a protegiam estavam desativadas e, ao entrar, encontrei o lugar na escuridão. Transformei-me novamente em minha forma Fae, fechando a porta atrás de mim e correndo escada acima enquanto chamava minha avó, me envolvendo firmemente com a capa enquanto subia.”

“Ahhh, é bééésssimo,” Gambol suspirou.

“O quarto dela estava escuro, mas quando vi o contorno do seu corpo na cama e o som profundo da sua respiração preenchendo o quarto me alcançou, relaxei, presumindo que a tivesse encontrado dormindo para se recuperar da doença. Mas quando ela se sentou e me chamou para mais perto, eu gritei...”

“O que era?” Gambol insistiu, digitando furiosamente. “Foi bééésssimo?”

“Eu simplesmente não conseguia acreditar...” meu olhar se voltou para Cain e eu tirei a máscara de terror enquanto meus lábios se curvavam em um sorriso malicioso. “Que olhos grandes ela tinha.”

“O quê?” Gritou Cain, e a ficha finalmente caiu.

“E que orelhas grandes ela tinha,” acrescentei, meu sorriso irônico se alargando ainda mais. “E que dentes grandes...”

Os braços de Cain envolveram minha cintura e ele me içou da cadeira e saiu correndo pela porta antes mesmo que eu percebesse o que estava acontecendo. Disparamos pelo corredor e entramos em um pequeno escritório com duas poltronas e uma mesinha. Ele me empurrou contra a porta e rosnou na minha cara, lançando uma bolha silenciadora sobre nós.

“Me conta como você fez isso?” Ele rosnou. “Como você superou a magia do Bastão da Verdade?”

“Você fica bravo quando eu minto, chefinho?” Provoquei, movendo o Bastão da Verdade entre meus dedos até pressioná-lo contra as costas da mão dele, onde ele agarrava um pedaço do meu macacão.

“Você sabe que sim,” ele rosnou.

“E isso te excita também?” Provoquei.

“Mais do que eu jamais admitiria,” ele disse em uma voz profunda que fez o calor percorrer minhas coxas antes que eu pudesse me impedir de reagir.

Demorou um momento para ele perceber o que tinha dito, e ele olhou para o Bastão da Verdade que eu ainda segurava em sua mão antes de gritar de raiva e arrancá-lo de minhas mãos, jogando-o contra a parede.

O Bastão da Verdade quebrou em dois pedaços que quicaram no carpete e eu sorri para ele em triunfo.

“Como você conseguiu mentiu desse jeito enquanto segurava o bastão?” Ele perguntou, ainda me prendendo à porta.

“Talvez eu não estivesse mentindo. Talvez a minha vida simplesmente se assemelhe a contos de fadas muitas vezes. Quando furei o dedo numa roca de fiar, doeu pra caramba. E preciso dizer que não havia nada de encantador naquele príncipe que me beijou para me acordar... ele me dedilhou com tanta força que eu ainda senti o gosto uma semana depois.”

“Pare,” ordenou Cain.

“Além disso, se formos honestos, eu realmente não deveria ter tido medo do Lobo Mau quando ele me disse que sua boca era muito melhor para me comer. Recentemente, deixei um Lobo Mau me comer e foi tão gostoso que nem tenho palavras para descrever.”

Cain apenas olhou para mim como se não soubesse se perdia a cabeça ou ria, e eu sorri para ele enquanto esperava para

descobrir em qual lugar ele cairia.

“Você é impossível,” ele murmurou, seus lábios se contraindo um pouquinho.

“Acho que a palavra que você está procurando é insaciável,” respondi.

Cain gemeu e eu arqueei uma sobrancelha enquanto ele inclinava a cabeça para trás. “Podemos começar nossa sessão individual agora. Sente-se,” ele murmurou, me soltando e dando um passo para trás.

Era tão... não-Cain, que não consegui evitar estreitar os olhos em desconfiança.

“É só isso?” Perguntei, movendo-me lentamente para sentar na cadeira à sua frente, com a mesa nos separando.

“Você pode me dizer como impediu que aquele Bastão da Verdade funcionasse?” Perguntou Cain, mas de um jeito que demonstrava que ele sabia que eu não contaria.

“Não sei,” respondi, o que era verdade. Meus dons de Loba da Lua pareciam aparecer quando eu mais precisava deles. Na maior parte do tempo, eu nem sabia o que eles fariam, muito menos entendia como os acessava, apesar de estar sob a influência do Supressor de Ordem.

Cain me olhou por um longo momento e então assentiu em aceitação.

“Eu lidei com o Nixon. Ele não vai te incomodar mais,” disse ele, fechando o punho ao se lembrar e revelando os nós dos dedos rachados. Não havia motivo para ele não ter curado aquela merda, mas um olhar em seus olhos me disse por que não o fez.

Ele saboreava a dor daqueles ferimentos porque a lembrança de tê-los sofrido era boa demais e ele não queria se livrar dela ainda.

“O que você fez com ele?” Perguntei, lambendo os lábios enquanto imaginava o Cain dando uma surra naquele canalha. Mas será que ele realmente teria feito isso por mim? Provavelmente era mais uma questão de princípio, mas de qualquer forma, era muito excitante. Mesmo que ele fosse um babaca.

“Digamos que, se eu não o tivesse curado, ele não estaria mais respirando. A questão é que ele não vai mais chegar perto de você. Mas se chegar, então me diga e eu acabo com ele.”

Meu coração disparou diante da sinceridade daquela declaração e eu apenas encarei aquele homem que eu tanto odiava, tentando entender por que ele se importava tanto. Então, minha mente vagou para ele bebendo meu sangue e me perguntei se aquela era a minha resposta. Cain não havia me reivindicado oficialmente como sua Fonte, mas era algo que Vampiros poderosos costumavam fazer quando gostavam do sabor do sangue de um Fae em particular. E, nesse caso, eles protegeriam sua Fonte com uma espécie de propriedade furiosa para defender o que consideravam seu. Devia ser isso, porque eu sabia com certeza que Cain não gostava de mim, certamente não o suficiente para me defender se não houvesse nada para ele.

Quando não disse mais nada, Cain passou a mão pelos cabelos escuros e me encarou.

“Eu também descobri o que eles estão tirando daqueles Fae na Psiquiatria,” ele disse em voz baixa, a carranca em seu rosto dizendo que ele não tinha certeza se deveria me contar isso e eu

me animei imediatamente.

“Oh?”

“Mas antes que você se anime, saiba que não há nada que eu possa fazer a menos que consigamos, de alguma forma, provas do que descobri aqui. A diretora está envolvida e minha fonte não vai falar de novo por vontade própria. Não temos nem o suficiente para fazer o FIB abrir uma investigação, mas acho que você pode ser a única pessoa por aqui que se importa com isso, então...”

“Você vai me contar?” Perguntei surpresa.

Cain me olhou por um longo momento, depois tirou o bastão de choque do coldre e o colocou sobre a mesa, apontando para mim. Com a outra mão, ele estendeu a mão e segurou o controle remoto no pescoço, me observando por um longo momento antes de usá-lo para desativar minhas algemas.

Arfei quando a magia correu para a ponta dos meus dedos e a vontade de usá-la me percorreu como uma onda. Antes que eu pudesse, a mão de Cain pousou na minha e ele chamou minha atenção de volta para si.

“Juro lhe contar a verdade se você jurar manter esse segredo entre pessoas em quem podemos confiar,” ele rosnou.

“Eu juro,” respondi concordando, o olhar em seus olhos me incentivando a obedecer. A magia estalou entre nossas palmas quando o acordo foi fechado e, num piscar de olhos, ele me soltou e reativou minhas algemas antes de voltar a se sentar.

Fiquei amuada por não ter conseguido usar minha magia mais do que isso, mas quando Cain começou a falar, esqueci que estava irritada.

“Eles estão roubando as Ordens das pessoas,” rosnou ele, olhando para a porta, mesmo que ela estivesse trancada e sua bolha silenciadora ainda nos envolvesse. “Eles descobriram como removê-la cirurgicamente... embora todo o processo leve horas e seja uma agonia total para o indivíduo. Muitos Fae morrem de choque por tê-la roubada, que foi o que aconteceu com sua amiga Toupeira.”

“Ela tinha um nome,” rosnei. “Sook era uma boa pessoa.”

“Bem, ela é uma pessoa morta agora. E pelo que parece, é para o melhor. Os Fae que sobrevivem ao processo vivem uma vida precária, meio enlouquecidos, completamente fodidos e abandonados para apodrecer em gaiolas. Até agora, eles não conseguiram descobrir como dar as Ordens a outra pessoa. O objetivo deles é claramente descobrir como dar múltiplas Ordens aos Fae.”

“Mas se isso se tornasse possível... eles começariam a fazer isso cada vez mais. Roubar Ordens dos Fae e vendê-las para *stronzos* ricos que querem ser algo mais poderoso do que nasceram,” ofeguei.

“Tem um monte de rico, filho da mãe malvado, que sempre vai querer mais do que tem na vida, não importa o quanto já tenha. Basta olhar para o Lionel Acrux,” murmurou Cain, mas eu apenas balancei a cabeça, sem querer me distrair falando daquele desgraçado malvado.

“O que podemos fazer?” Sussurrei, inclinando-me para a frente e apoiando os braços na mesa.

“Vou continuar tentando obter provas sólidas que eu possa entregar ao FIB. Enquanto isso, evitem qualquer um agindo de

forma maluca. Como o Oitenta e Oito, por exemplo. Você não quer ser arrastada para baixo por associação."

"O que foi, chefinho? Você não gosta que eu ande com o Incubus gostoso?" Provoquei, e o queixo do Cain se contraiu.

"Só estou tentando te dar um conselho."

"Anotado. Então, você vai me contar por que decidiu se abrir comigo sobre tudo isso?" Perguntei.

Cain cerrou o maxilar e esfregou o pulso do braço esquerdo onde estava a marca de maldição que eu havia colocado nele.

"Imaginei que se eu esperava honestidade de você, então eu poderia lhe oferecer o mesmo," ele disse entre dentes.

Franzi os lábios enquanto pensava nisso e então me levantei, pulando na mesa e deslizando sobre ela antes de balançar as pernas para o outro lado e sentar na frente dele.

"Deixe-me ver," eu disse, colocando meus pés na cadeira, de cada lado das pernas dele, e estendendo minha mão para segurar seu braço.

"Por quê? Você vai me xingar de novo?" Ele perguntou friamente e eu sorri para ele.

"Deixe-me ver e eu te dou algo de verdade," eu disse. "*Giuro*," acrescentei em voz baixa, pintando uma cruz sobre meu coração. *Juro.*

Os lábios de Cain se repuxaram como se ele realmente não acreditasse em mim, mas ele desabotoou a manga e a enrolou para revelar seu antebraço musculoso antes de apresentá-lo a mim mesmo assim.

Sua pele estava quente com a presença de sua Magia de Fogo

sob sua pele enquanto eu segurava seu braço entre minhas mãos, virando-o para inspecionar a marca de maldição que agora se estendia até seu cotovelo e desaparecia sob a manga enrolada de sua camisa preta.

"*Maledizione della luna*," sussurrei enquanto estendia a mão para passar os dedos sobre a marca. Sua carne estremeceu sob meu toque e a marca pareceu brilhar com o mesmo brilho etéreo de quando canalizei meu dom para criá-la.

"O que seria necessário para você remover essa maldição de mim?" Rosnou Cain, e olhei para ele, meus dedos parando de se mover sobre a marca.

"Sou uma Loba da Lua," respondi, mantendo o olhar nele. "A lua oferece o uso desses dons quando e como bem entender. Eu não os entendo melhor do que você, apenas sigo o que a lua me incita a fazer. Eu não conseguiria remover a maldição mesmo se quisesse."

"E você não quer?" Ele perguntou, com um tom mortal enquanto cerrava o punho.

Inclinei a cabeça para o lado enquanto o observava e decidi contar-lhe uma verdade sobre mim que pudesse lhe dar uma pequena sensação de compreensão.

"O homem que me deu as cicatrizes passou anos tentando me forçar a me tornar uma criatura implacável criada por ele," murmurei. "E quando eu falhava nos testes que ele me impunha, ele me punia de todas as maneiras. Uma delas envolvia me trancar sozinha no escuro por dias a fio. Ele tinha um buraco no quintal, um vão sob a escada da frente e um armário minúsculo, que eram seus lugares favoritos para mim, e eu nunca sabia

quanto tempo ficaria presa lá depois que ele me jogasse lá dentro. As paredes pareciam se fechar sobre mim e a escuridão sussurrava todo tipo de horrores em meus ouvidos."

Algo sombrio brilhou nos olhos de Cain ao ouvir minhas palavras, como se elas tivessem causado nele uma fúria real, e eu zombei dele enquanto pressionava meu polegar na primeira marca de maldição que eu tinha feito nele.

"Quando salvei sua vida, você me puniu da mesma forma, me trancando no escuro por muito mais tempo do que ele jamais fez, com nada além das minhas lembranças dele para me fazer companhia. E se você ainda não percebeu, minhas lembranças não são um lugar onde eu gosto de residir," eu disse, meu olhar endurecendo ao me lembrar exatamente de como a traição dele me machucou. "Então, não, chefinho, eu não quero remover a maldição. E se eu pudesse te dar outra, eu faria isso num piscar de olhos."

Os olhos de Cain escureceram, mas, desta vez, não pareceu ser de raiva de mim. Aliás, se eu tivesse que chutar, diria que era arrependimento. Mas era tarde demais para que isso fizesse qualquer diferença. Ele poderia ter vindo e me tirado daquele inferno a qualquer hora que quisesse, mas escolheu me deixar apodrecer.

Bom, a vingança era realmente uma vadia. E ela não chegava nem perto de Rosalie Oscura.

Levantei-me quando o sinal tocou para o início do jantar e fui até a porta sem dizer mais nada. Cain se levantou e destrancou a porta para mim, segurando meu braço para me impedir de abri-la no último segundo.

Olhei para cima e esperei para ouvir o que ele tinha a dizer, mas ele apenas cerrou o maxilar e abriu a porta, me deixando passar. E eu fui embora sem olhar para trás.



Tomei banho a alguns metros da minha matilha, deixando Harper ficar perto de mim, mas não podia deixar que ela me lavasse. Eu não suportava as mãos dela na minha pele por muito tempo e acabaria brigando com ela se ela tentasse e depois contaria a verdade. Ela esfregou os dreadlocks escuros e meu olhar se fixou na crescente prateada tatuada atrás da orelha dela. Até eu fiquei com raiva de ver, sem falar no que estava fazendo com Rosalie. Porra, eu odiava isso. Odiava ter que escondê-la, odiava brigar com ela o tempo todo. Um cara como eu precisava do seu sono de beleza e eu estava me virando com um sono abaixo da média, ruim como um porco. Jurava que nesse ritmo eu ia ter rugas antes dos trinta. E isso seria uma farsa para o meu rosto perfeito.

Minha matilha terminou de se lavar e mandei Harper atrás deles enquanto eu roubava alguns momentos sozinho sob o jato d'água. Os chuveiros estavam esvaziando e eu queria apenas ficar lá e não ter que voltar para o meu bloco de celas, onde uma noite compartilhando minha cela com Harper me esperava. Eu a fiz dormir em outro beliche, o peso da culpa de compartilhar minha cama com uma mulher que não fosse minha companheira era

demais para mim. Jurei que o vínculo de companheiro estava ficando mais forte, implorando para que eu fosse até Rosalie, para compensá-la. E eu queria, eu realmente queria. Eu só sabia que não havia como ela me aceitar em sua vida a menos que eu a proclamasse minha companheira para minha matilha, para toda a porra da prisão também. Ela precisava disso de mim, e eu não podia fornecer.

Mas como ela poderia esperar isso? Em Darkmore, nossas gangues estavam tão ferozmente divididas. Eu seria ridicularizado, rejeitado. Podia até ser morto por tamanha traição à Irmandade Lunar. *Talvez seja isso que ela queira...*

Rosnei, saindo da água e fiquei de queixo caído ao encontrar Rosalie parada ao lado dos armários com uma toalha enrolada no corpo, o cabelo pingando, os olhos cheios, redondos e famintos enquanto se abaixavam para apreciar meu pau. Fiquei excitado por ela instantaneamente e ela riu baixinho, curvando um dedo para me chamar. Lancei um olhar para a porta, mas todos já tinham ido embora e não havia guardas ali. Eu não tinha motivo para não ir até lá e reivindicar minha companheira de tirar o fôlego.

Caminhei em sua direção enquanto ela mordia o lábio inferior carnudo e eu rosnei, ansioso para fazer o mesmo. Mas então pisquei para sair do meu estupor, estreitando os olhos com desconfiança. Ela me odiava. Por que estava ali me tentando? Principalmente quando ela deixou claro que tinha a escolha de machos Alfa para foder. Embora eu jurasse pelas estrelas, se ela estivesse falando sério sobre transar com eles, eu os faria sangrar. Eu só precisava de provas concretas antes de agir.

Desacelerei, peguei minha toalha do banco e a prendi na cintura, o que não ajudou muito a esconder minha ereção, considerando que o material estava esticado ao redor dela.

Olhei para ela com uma careta, cruzando os braços com força sobre o peito enquanto lutava contra o fascínio do seu corpo. Das gotas de água deslizando sobre sua pele perfeita, me tentando a me aproximar e lambê-las.

“Ei, garotão,” ela ronronou, com um sorriso nos lábios. “Você não vai se aproximar?”

“A gente não se odeia de novo? Não consigo acompanhar, querida,” eu disse, mantendo a voz calma e fria.

“Seu pau diz que você gosta de mim,” ela provocou, piscando aqueles cílios longos e eu me vi chegando mais perto.

Longe de mim rejeitar Rosalie quando ela estava com vontade de me comer. Eu sabia que isso não faria o ódio e a raiva dela desaparecerem, mas, para ser sincero, só tornava o sexo mais quente. E eu estava louco por ela. Dia após dia, eu tinha que ficar sem ela, enquanto a observava flertar com outros homens e agir como se eu não existisse. Era excruciante. Então, por que eu não deveria reivindicá-la e saciar essa necessidade em mim? Só por um tempinho...

Estendi a mão para acariciar sua bochecha e ela se inclinou ao meu toque, me fazendo rosnar em aprovação. Deslizei meus dedos em seus cabelos molhados, segurando-os em meu punho enquanto diminuía a distância entre nós e meu pau pressionado contra sua barriga tonificada através da toalha.

Eu odiava toda aquela tensão entre nós e estava farto de reprimir tudo o que sentia, as emoções ardentes que me

atormentavam dia após dia, desesperadas para serem extravasadas. Eu só precisava dizer. Mesmo que não mudasse nada. Ela precisava saber. “Sinto sua falta todos os dias. Acho que a dor de estar longe de você vai me matar.”

“Então você sabe o que fazer, homem sombrio,” ela murmurou e eu não questionei aquele apelido estranho porque eu meio que gostei.

“Não posso contar para a minha matilha, você sabe disso. Mas, amor, não consigo mais ficar longe de você. Tem que haver um meio-termo que possamos fazer?”

Ela não disse nada e eu temi perdê-la novamente, então pressionei minha testa na dela e um sorriso se formou em seus lábios.

“Eu sofro por você no escuro e anseio por você na luz. Não há um momento, dia ou noite, em que eu não te queira. É mais do que desejo, acho que é ainda mais do que amor. Porra, Rosalie, se você não fosse uma Oscura, se houvesse outro jeito...”

“Mas eu *sou* uma Oscura. Nada vai mudar isso. Então, o que você vai fazer, cachorrinho?”

“Eu não sou um cachorrinho,” rosnei e seu sorriso só aumentou.

“Sim, você é. Você é um cachorrinho perdido que quer ir para casa, mas não se deixa ir porque não é o lugar que você imaginava. Ceda, Ethan. Quem se importa se a sua casa não está onde deveria estar? Ainda é o seu lugar.” Ela pressionou a mão no meu coração, com o olhar sério. “Eu daria qualquer coisa para pertencer a algum lugar.”

“Eu pensei que você...”

Ela enfiou a mão entre minhas pernas, agarrando meu pau através da toalha com um sorriso malicioso, fazendo minhas palavras saírem mortas dos meus lábios.

“O que eu vou fazer com você?” Rosnei, puxando seus cabelos para que ela inclinasse a cabeça para trás. Ela estava me deixando assumir o controle pela primeira vez, e eu realmente gostei disso. Fiquei tão duro que a cabeça do meu pau latejava de desejo, e o jeito que ela o acariciava dificultava a concentração. *Nossa*, os dedos dela eram habilidosos.

“Primeiro você vai me beijar,” disse ela sedutoramente, aproximando-se na ponta dos pés e me olhando nos olhos, a boca entreaberta enquanto esperava que eu encurtasse a distância. E sim, eu estava com tesão.

Inclinei-me, afundando minha língua em sua boca, e ela me beijou de volta com movimentos lânguidos e lentos, como se estivesse gostando de mim. Tirei a mão dela do meu pau e a puxei com firmeza contra mim pelos quadris, esfregando minha ereção em sua carne e tirando sua toalha, que caiu no chão.

Minhas mãos percorreram suas costas macias e aveludadas e agarrei sua bunda com força, apertando-a contra mim. Franzi a testa ao sentir algo duro pressionando minha coxa, mas não questionei muito quando sua mão deslizou entre nós, puxando minha toalha para que nossas peles se encontrassem em todos os lugares. Eu me afastei bruscamente quando aquela coisa dura na minha perna pareceu definitivamente um...

“Que porra é essa?!” Eu gritei enquanto olhava para baixo e via um enorme pau perfurado, orgulhoso e duro entre suas coxas.

Rosalie sorriu para mim, então sua mão se fechou em volta do meu pescoço enquanto a outra se fechava em punho e batia na minha lateral. A dor me cortou enquanto ela repetia isso repetidamente, e eu vi a ponta afiada de uma escova de dentes em sua mão enquanto cambaleava para trás, com sangue escorrendo pela minha pele enquanto eu assimilava o que ela tinha feito.

"*Por quê*?" Implorei, o pânico me percorrendo. Ela me queria morto? Seria esse o jeito dela de lidar com um companheiro que nunca pediu? Como ela poderia me machucar com nosso vínculo estabelecido? Não deveria ser possível.

De repente, ela se transformou diante de mim e não era mais para a minha companheira que eu estava olhando. Era Sin, nu como o inferno e coberto de tatuagem, com um sorriso enorme no rosto. *O quê? Como isso é possível?*

"*Filho da puta*," eu disse asperamente enquanto agarrava os ferimentos profundos, minhas costas batendo nos armários enquanto eu ficava tonto, o sangue jorrando quente e rápido de mim e se acumulando aos meus pés. Como ele tinha se transformado? Como isso podia estar acontecendo?

Sin girou casualmente a faca ensanguentada na mão e a enfiou na própria barriga, uma e outra vez, quase sem estremecer. Aquele babaca era louco pra caramba. Ele ia nos matar, e por quê?

"Guarda!" Consegui gritar, minha mente se aguçando por um segundo e Sin jogou a escova de dentes no chão, chorando junto comigo.

"Guarda!" Ele implorou, e eu não sabia o que estava acontecendo, só sabia que eu estava sangrando e agora ele

também. Ele me lançou um olhar, pressionando o dedo contra os lábios. “Confie em mim, homem sombrio. Você vai ficar bem.”

Mas eu não estava bem, estava escorregando para o chão, o sangue se espalhando cada vez mais. E a raiva me consumia por pensar que eu ia morrer ali, nu, aos pés de Sin Wilder. Um peso me consumia a alma e, quando duas grandes sombras entraram correndo no cômodo, meus olhos se fecharam e pensei em Rosalie. E em como eu nunca conseguiria consertar as coisas entre nós.



Minha mente lentamente deslizou em direção à consciência e a voz de Sin encheu meus ouvidos em algum lugar próximo.

“... não sei, Brenda, tudo o que vi foi um homem louco correndo para o chuveiro e esfaqueando o Shadowbrook. Tentei ajudar, porque ele estava gritando como uma menina. Gritando e gritando pela mamãe, era muito triste. E então o cara veio para cima de mim enquanto eu tentava salvá-lo e consegui dar um soco nele, mesmo sem nem ter visto direito o rosto dele. Ele me esfaqueou algumas vezes, mas eu obviamente o assustei. Não sei quem era, acho que a adrenalina me fez pensar apenas no Shadowbrook. Eu não diria que sou um herói nem nada, mas...”

“Baps em um bagel,” Madre Brenda sussurrou e abri os olhos, fazendo uma varredura mental do meu corpo, que felizmente parecia bem. Eu deveria saber que ficaria bem. Ethan Shadowbrook não morreria sangrando no chão de um maldito banheiro. “Isso deve ter te assustado pra caramba.”

“Sim, senhora,” concordou Sin, sério, e virei a cabeça, avistando-o sentado numa cama de hospital em frente à minha, com as pernas dobradas e um pirulito na boca. *Ele está brincando comigo agora?* “Eu caguei pelo menos três coelhinhos.”

Madre Brenda riu, ajeitando seu uniforme de enfermeira enquanto dava tapinhas no braço dele como se fossem amigos.

Pigarreei, chamando a atenção deles, e os olhos de Brenda se arregalaram enquanto ela se aproximava apressadamente. “Como você está se sentindo? Precisei te dar uma poção de regeneração de sangue, ela pode causar um pouco de náusea por causa dos vermes que contém.”

Torci o nariz. “Estou bem.” Meus olhos se voltaram para Sin novamente, com acusações jorrando de mim. Mas eu não era nenhum delator, não ia contar a verdade, mesmo que o babaca quase tivesse me matado.

“Sorte que Sin estava lá para lutar contra aquele Caio Covarde que atacou você,” disse Madre Brenda, lançando um sorriso caloroso para Sin como se ele fosse meu salvador.

“Sim,” respondi entre dentes. “Muita sorte.”

“Acho que ele precisa de um pirulito, Brenda,” disse Sin firmemente e ela riu, concordando com a cabeça antes de correr até sua mesa e abrir a gaveta de cima.

“Morango ou Cola?” Ela me perguntou, e desviei o olhar de Brenda, que acenava com um de cada para mim. Por que diabos ela ainda guardava aqueles dois ali? Não havia crianças em Darkmore. Exceto o canalha tatuado e psicótico de 100 quilos sentado à minha frente, aparentemente.

“Morango,” escolhi, porque recusar uma guloseima rara como aquela na prisão era idiotice. Eu ainda estava bravo quando ela me passou, mas desembrulhei e enfiei na boca mesmo assim. *Puta merda, isso é bom.*

Revirei o que tinha acontecido no chuveiro e minha raiva voltou a se intensificar. Como diabos ele tinha se transformado na minha garota? Como ele tinha usado a Ordem dele? Por que diabos ele tinha me atacado? E depois a si mesmo?

“Vocês, rapazes, podem se divertir um pouco,” Brenda piscou. “Preciso preencher um relatório para a diretora.”

“Se divertir?” Murmurei enquanto ela saía e a trancava.

“Ela quis dizer tempo de descanso, obviamente,” disse Sin, como se falasse fluentemente “louco”. E, ah, sim, ele falava mesmo.

“Por que diabos você fez isso? E *como* você fez?” Rosnei, falando em volta do meu pirulito enquanto deslizava para fora da cama e percebi que estava com um roupão de hospital que se abria nas costas, deixando uma brisa fresca gelar minha bunda nua. Sin estava usando um macacão limpo e havia outro me esperando na ponta da cama com uma cueca.

“Fiz isso pela Rosalie,” disse ele, sem muita convicção. “E acabei roubando uma dose do antídoto Supressor da Ordem que o Plunger estava usando para poder me transformar. Não foi tão difícil assim. Os efeitos já passaram. Gostou do que viu?”

“Você deveria estar na Psiquiatria. Não sei por que deixam malucos como você ficarem na pop-gen.” Coloquei as meias e peguei a cueca boxer no momento em que Sin apareceu por trás de mim e falou no meu ouvido, o cheiro de pirulito de cola vindo

da boca dele me alcançou.

“Eu não vestiria essa boxer ainda, gatinho,” ele ronronou, e eu joguei o cotovelo para trás para fazê-lo se afastar de mim. Não havia câmeras ali, mas ficaria bem óbvio quem tinha atacado o Sin se eu o atacasse. Mas, pelas estrelas, ele estava marcado. Ele não ia escapar impune do que tinha feito comigo.

“Que diabos você está planejando?” Rosnei.

“Bem, eu não estava planejando fazer uma excursão para ver a lua do topo do Cânion Buttcrack,” disse ele. “Mas a lua está definitivamente brilhando e parecendo um pêssego esta noite.” Ele deu um tapa na minha bunda e eu me virei, jogando as palmas das mãos em seu peito com um rosnado furioso.

“Você está morto,” sibilei. “Acha que pode simplesmente esfaquear o líder da Irmandade Lunar e se safar? Você deveria ter cortado mais fundo, Wilder, porque eu ainda estou vivo e isso significa que sua morte está escrita.”

“Calma, Lassie,” disse ele, sorrindo enquanto usava a língua para rolar o pirulito de um lado para o outro na boca. “Não é como se eu tivesse empurrado o pequeno Timmy em um poço.”

“Que porra você está falando?” Eu gritei, pegando minha boxer novamente, mas Sin se lançou para frente, tirando-a das minhas mãos e enfiando-a dentro do macacão.

“Seu filho da puta...”

Ele falou por cima de mim: “Eu não tentei te matar. Só precisava nos trazer aqui para podermos ajudar a Rosalie.”

Cerrei os dentes, esperando que ele se explicasse, mas ele apenas se virou e foi até um armário de remédios e passou um

cartão-chave em um painel ao lado, fazendo o armário abrir.

“Onde você conseguiu isso?” Perguntei, ofegante.

“Roubei da Brenda. Ela vai pensar que deixou aqui.” Ele jogou o cartão no balcão, ajoelhou-se e começou a vasculhar o armário como se tivesse todo o tempo do mundo.

Olhei para a porta, ansioso, e então atravessei a sala para ajudá-lo. “O que você está procurando?”

Sin abriu uma bolsinha de linho e tirou uma ameixa Nevercot, cuja casca roxa cintilava levemente à luz. Ele olhou para mim com uma expressão séria. “Você precisa enfiar isso na sua bunda.”

Meu queixo caiu e a raiva me percorreu. “Foi por *isso* que você me trouxe aqui?” Rosnei enquanto ele se levantava, trancava o armário e começava a jogar a ameixa para cima e para baixo na mão.

Ele jogou a bola mais alto, quicando no cotovelo e pegando-a de novo. “Sim. Quer uma mãozinha, gatinho? Vire-se.”

“Não,” sibilei furiosamente. “Rosalie nem se importou que eu lhe dei aquele cristal. Por que diabos eu traria qualquer outra coisa para ela?”

“Para que você acha que servem todos esses itens, querido?” Ele ronronou, arqueando uma sobrancelha. “Para a fuga, é claro. Ela precisa dos ingredientes para neutralizar o tanque de Supressor de Ordem.”

Meus lábios se abriram e meu coração bateu mais forte. Porra, ela realmente precisava disso.

“Então faça *você*,” insisti. “Mal sou necessário aqui.”

“Não posso, gatinho, eles sempre me revistam nu.”

“Besteira,” retruquei, me aproximando do rosto dele enquanto chupava meu pirulito com força. “Você não foi revistado quando saímos da Sala do Destino e estou de olho em você desde então. Eles não te revistam sem roupa, assim como não me revistam.”

Ele deu uma risadinha baixa. “Pego.”

A fechadura da porta se abriu com um clique e Sin arrancou minha cueca do macacão dele, enrolou a ameixa nela e a colocou na minha mão no momento em que Brenda voltava para o quarto.

“Estou tão feliz que você esteja bem,” Sin ronronou, passando o polegar pelos meus lábios para esconder o motivo de estarmos ali juntos, e eu me afastei dele, assentindo rigidamente enquanto tentava disfarçar minha raiva.

“Obrigado,” murmurei, voltando para a cama.

Brenda correu até o balcão, pegou seu cartão-chave e olhou de um para o outro enquanto agíamos com indiferença. Quando Brenda não estava olhando, Sin fez um “O” com o indicador e o polegar e, em seguida, enfiou o outro indicador nele, lançando-me um olhar penetrante.

Engoli um grunhido, vestindo minha cueca por baixo do vestido e segurando a ameixa na mão.

“Tem chance de outro pirulito, Brenda?” Perguntou Sin, virando-se para ela. “Um para a viagem?” Ele jogou o palito do pirulito que tinha acabado na lata de lixo e ela balançou o dedo para ele.

“Menino travesso, você é atrevido como uma baleia de férias,” ela me repreendeu. “Só dessa vez.” Ela se virou para a mesa,

abriu a gaveta e Sin olhou para mim, enfiando o dedo naquele “O” furiosamente de novo, como se eu não o tivesse entendido da primeira vez. Olhei para ele com raiva, um rosnado se formando na minha garganta.

Eu realmente odeio Sin Wilder.

Enfiei a ameixa entre as bochechas, inclinando-me um pouco para a frente e enfiando-a no cu, porque, aparentemente, eu colocaria qualquer coisa ali pela Rosalie. Ou talvez fosse porque eu queria escapar mais do que tudo agora. De qualquer forma, era melhor que aquela fosse a última coisa a entrar ali. Ou eu ia pirar.

Quando terminei, caminhei com passos lentos e desajeitados para tentar me acostumar com a carne dura da ameixa em um lugar que ela nunca deveria ver na vida, então tirei o vestido e vesti minha regata e macacão. Quando me vesti e Sin tinha outro pirulito saindo do canto da boca, Brenda nos conduziu até a porta.

O Oficial Hastings ficou do lado de fora e nos revistou antes de olhar o pirulito na boca de Sin.

“Me dá isso,” ele instruiu, estendendo a palma da mão, e Sin rosnou como um cachorro. “Aqui. Agora.”

Sin segurou o palito e puxou com força antes de ouvir um forte estalo quando ele esmagou o pirulito entre os dentes e então depositou o palito na palma da mão de Hastings.

“Estragou a diversão,” Sin murmurou e Hastings franziu os lábios enquanto nos direcionava para a frente.

“Por que você está andando desse jeito?” Ele me perguntou

bruscamente, e eu imediatamente me endireitei, trocando um olhar com Sin.

“Eu esmaguei as bolas dele há um minuto,” disse Sin casualmente.

“Por quê?” Hastings hesitou.

“Ele gosta,” respondeu Sin, suave como manteiga, e eu mordi a parte interna da minha bochecha para conter minha irritação.

“Por que você quer algo assim?” Hastings me perguntou alarmado.

“Eu simplesmente... gosto,” eu disse, fingindo entusiasmo. “Nada como uma joelhada nas bolas ou um punho apertando-as até eu quase desmaiar.”

“Pelas estrelas,” murmurou Hastings, torcendo o nariz para mim, e acrescentei isso à lista de razões pelas quais desprezava Sin Wilder.

Além do fato de que ele estava potencialmente fodendo com minha companheira escolhida pela lua, e de todos os itens que ele me encorajou a colocar no meu rabo, eu só queria que houvesse algo nesta prisão que alguém pudesse inventar como vantagem contra ele. Mas talvez eu nem precisasse disso mesmo. Se saíssemos daqui logo, nada o protegeria da minha ira. E ele descobriria o que acontecia com as pessoas que me traíam. Porque não importava quanto tempo demorasse, elas *nunca* escapavam impunes.



Eu sentei no refeitório, torcendo a colher no mingau de aveia enquanto fazia beicinho, desejando que fosse panqueca, rabanada ou chocolate. Sim, eu poderia ter comido chocolate com cobertura de chocolate agora mesmo. Mas o único chocolate que tinham no refeitório era nojento. Sério, eu tinha quase certeza de que tinham feito alguma coisa para deixar com gosto de detergente ou algo assim. Tinha um gosto meio floral nojento que te deixava com a sensação de ter mastigado sabão depois de comer e não valia nem um pouco as fichas que custava. Eu ia ter que implorar para o Roary fazer o irmão dele me dar um pouco escondido, passando pelos guardas, na próxima vez que ele viesse me visitar.

Eu estava tão entretida em meu beicinho que a única razão pela qual notei Gustard se aproximando foi porque todos os meus Lobos começaram a rosnar e se levantar ao meu redor.

Sonny mostrou os dentes e se levantou em toda sua altura ao meu lado enquanto Gustard parava na minha frente e eu arqueei uma sobrancelha irritada para o psicopata com rosto tatuado.

“Precisamos falar com você, pirralha,” Gustard ronronou e, num piscar de olhos, todos os Lobos na mesa estavam de pé, com os dentes à mostra e rosnando enquanto se lançavam entre mim e

aquele pedaço de merda.

Meu estômago revirou ao ouvir aquele velho apelido em seus lábios e, com uma pontada de vulnerabilidade, percebi que ele tinha ido além de apenas descobrir sobre mim, Ethan e nossos planos de fuga quando saqueou meu cérebro em busca de informações. Ele sondou os cantos mais sombrios da minha psique e também trouxe à luz as memórias do meu pai. Ele sabia. Cada momento profundo, sombrio e cheio de medo da minha infância estava em suas mãos, e o sorriso arrogante que ele me deu enquanto eu latia uma ordem para meus Lobos se retirarem dizia que ele achava que me possuía por isso. Eu mataria esse filho da puta antes de deixá-lo vir conosco quando escapássemos.

“Não consigo imaginar que seja tão importante assim,” eu disse a Gustard, encarando-o com um olhar fulminante.

Ele talvez tivesse a chave para os meus medos mais profundos, mas eu havia aprendido há muito tempo a segmentar minhas emoções e arquivá-las, sem nunca encará-las de frente. Não importava se ele conhecia o medo que eu sentia das mãos do meu pai quando filhote ou a negligência que eu sentia das mãos da minha mãe. Essas coisas não me definiam. Eu havia escapado delas e daquela vida. Eu havia ressurgido das cinzas e me transformado em alguém temido e respeitado em toda Alestria e no resto de Solaria.

O medo sabia meu nome e o sussurrava na brisa. Eu não ia me tornar brinquedo de um vermezinho patético como ele.

“Fale comigo desse jeito de novo e posso acabar soltando a língua num momento inoportuno,” disse Gustard com uma voz maliciosa que fez Sonny rosnar enquanto ele se sentava

relutantemente na cadeira ao meu lado.

“Basta dizer uma palavra e vou dobrar esse filho da puta como um pretzel e enfiar um palito de coquetel no cu dele só para garantir,” Sonny ofereceu, e eu não me preocupei em esconder minha diversão enquanto o resto dos meus Lobos riam ao meu redor, fazendo os olhos de Gustard brilharem de raiva.

Levei um tempo girando a colher no mingau antes de levá-lo aos lábios e dar uma mordida enorme. Gemi alto e irritantemente, fazendo Gustard esperar enquanto eu terminava a tigela e então me levantei bem devagar.

“Então anda comigo, *stronzo*, vamos ouvir o que você tem a dizer,” eu disse, parecendo mais do que um pouco desinteressada enquanto os olhos de Gustard se estreitavam e Esme abotoava os botões de cima do macacão como se estivesse tentando defender os peitos dele. Parabéns para ela, aqueles peitos eram fabulosos demais para alguém como ele.

Fui em direção à porta sem esperar para ver se Gustard estava me seguindo e saí para o corredor antes que ele começasse a andar ao meu lado.

“Não vou tolerar sua atitude comigo em público desse jeito de novo,” ele rosnou enquanto começávamos a caminhar em direção ao ponto de coleta de correspondência, onde não havia muitos presos por perto, já que não estava aberto no momento.

“Bem, eu não vou ficar rindo feito uma vadiazinha para você, *stronzo*, então tente intimidar alguém mais fraco da próxima vez. Seria estranho pra caramba para a minha matilha se eu fizesse isso, e não estou levantando suspeitas para ninguém. Além disso, eu nunca vou me curvar para você nem ser intimidada a fazer

nada por ninguém. Eu sou Rosalie Oscura, não uma vagabunda desleixada pronta para se abaixar e chupar seu pau só para você não me machucar. Encontre outro jeito de se masturbar."

Gustard riu como se eu o estivesse divertindo e então se inclinou para perto como se fôssemos dois melhores amigos compartilhando um segredo. "Eu não ia querer sua boca imunda e nojenta perto do meu pau, sua putinha de rua metida. Se eu quisesse me masturbar por sua causa, eu encontraria uma lâmina de aço solar e te amarraria a uma mesa enquanto eu terminava o trabalho de te cortar em pedaços como seu pai começou." Sua mão roçou meu flanco, onde minhas cicatrizes estavam sob meu macacão, e eu me virei para ele, minha mão se fechando em volta de sua garganta enquanto eu jogava meu peso sobre ele e o jogava contra a parede.

Gustard mostrou os dentes para mim num sorriso arrogante e baixou a voz para que não houvesse chance de suas palavras serem ouvidas, apesar de estarmos sozinhos ali.

"Vou levar outra pessoa conosco quando sairmos deste lugar," ele disse, parecendo não se importar enquanto eu esmagava sua traqueia com mais força e rosnava para ele com a morte prometida em meus olhos.

"Só por cima do meu cadáver," rosnei. "Você não manda aqui, *stronzo*. E se você acha mesmo que pode me dizer o que fazer, então deve estar iludido pra caramba."

"Por favor, papa," disse ele com uma vozinha patética que eu sabia que era uma zombaria de mim. "A toca não. Está nevando e estou com tanto frio, por favor, não me jogue lá fora."

Estremeci um pouco quando ele jogou essa lembrança na

minha cara e era claramente a oportunidade que ele estava esperando quando ele enfiou a mão entre nós e algo atingiu meu estômago com um soco de dor tão profundo que um grito de agonia escapou de mim.

Eu me afastei dele e ele torceu a arma na mão, rasgando-a para o lado antes de arrancá-la e o sangue jorrou do ferimento em um fluxo.

Apertei minhas mãos contra ele, cambaleando para longe dele enquanto lutava contra a agonia em meu corpo e muito sangue tentava escapar dos limites da minha carne.

Gustard me observava com um calor profundo e potente no olhar, lambendo o lábio inferior lentamente enquanto eu rosnava para ele em fúria, mantendo um olho na arma em sua mão enquanto me preparava para tentar lutar contra ele se ele voltasse a me atacar. Ele sabia do meu plano. Estaria tentando se livrar de mim para poder executá-lo sozinho? Mas se ele sabia, então sabia que eu também estava contando com Jerome e Dante, e não havia como ele envolver qualquer um deles sem mim, muito menos tentar substituir suas habilidades.

De alguma forma, seu macacão não tinha uma gota de sangue, apesar de muito do meu corpo estar jorrando, acumulando-se no chão.

“Não se esqueça de quem está no comando agora,” disse ele, com os olhos brilhando de fome enquanto olhava para minha barriga e para o sangue escorrendo entre meus dedos, onde eu os apertava contra o ferimento. Eu não podia nem tentar lutar com ele enquanto sangrava tanto, ou provavelmente sangraria até a morte no momento em que parasse de pressioná-la.

"*A morte e o ritorno*," rosnei para ele, cuspindo o lema da minha família na cara dele e prometendo que ele morreria pelas minhas mãos em breve.

Um dos lacaios de Gustard apareceu na esquina, erguendo as sobrancelhas como se não esperasse ver aquilo quando chegou ali, mas mesmo assim ele claramente havia sido convidado, pois não fez nenhum comentário e apenas esperou em um dos lados do espaço como se estivesse esperando alguma coisa.

"Você é minha garota," disse Gustard, aproximando-se de mim, com os olhos arregalados de excitação e meu coração bateu descompassado, porque aquilo soava muito parecido com as palavras que meu pai me dissera antes de enfiar aquela lâmina de aço solar na minha lateral e começar a me despedaçar. "Minha cachorrinha," continuou Gustard, confirmando meus medos ao citar o homem que eu mais odiava no mundo, como se o admirasse pra caralho ou algo assim. "*Minha vadia*. E você sempre será assim, não importa o que aconteça."

Com um grunhido de fúria, cerrei os dentes, bloqueei a dor no meu corpo e me lancei contra ele com nada além de dentes e garras para me defender.

O fluxo quente e úmido do meu sangue escorrendo pela minha barriga dentro do meu macacão atraiu um centímetro da minha atenção, mas eu ignorei e preferi arrancar a cabeça desse filho da puta do seu corpo.

Os olhos de Gustard se arregalaram por meio segundo antes que seu pequeno fantoche se chocasse contra mim, me jogando para longe de seu chefinho e eu caísse no chão sob ele com um grito de agonia. Ele me deu um soco na barriga e eu gritei antes

de me levantar e dar uma cabeçada em seu nariz.

No momento em que ele caiu para trás, segurando o rosto machucado, consegui colocar minhas pernas entre nós e o chutei o mais forte que pude, lançando-o para longe de mim, em direção a Gustard.

Rolei para o lado, apoiando-me nas mãos e nos joelhos, meus dedos escorregando pela poça de sangue embaixo de mim, no momento em que vi Gustard entregar a faca para o pequeno ninguém e se afastar de mim.

Eu me esforcei para ficar de pé, com uma mão na barriga, pois esperava que o cara viesse para cima de mim novamente, mas ele apenas ficou lá, sorrindo para mim, até que o som de passos chamando minha atenção para o corredor além dele.

Hastings e o Oficial Rind surgiram na esquina e eu fiquei aliviada quando meu pequeno menino do coro correu para frente com um palavrão e conseguiu me segurar antes que minhas pernas cedessem.

Rind jogou o homem do Gustard contra a parede enquanto gritava: “Eu fiz isso! Eu odeio a vadia e queria que ela morresse!” E eu rosnei para o filho da puta conivente. Aquele filho da puta iria para o buraco no lugar de Gustard com uma confissão dessas e ninguém se daria ao trabalho de checar a história dele. Eu me perguntava o que Gustard havia prometido para ele assumir a culpa, mas não importava. A questão era que o homem errado estava sendo pego. Ele segurava uma arma coberta com o meu sangue e tinha sido encontrado aqui sozinho comigo antes de fazer uma confissão. A única maneira de mudar isso era dedurar o Gustard e eu morreria antes de dedurar.

Hastings estava me dizendo algo e levei um momento para perceber, piscando através da névoa do meu cérebro enquanto ele me abaixava para me sentar contra a parede e abria meu macacão.

“Eu posso consertar isso,” ele disse, com os olhos arregalados de preocupação, e eu não pude deixar de sorrir para o meu pobre e doce menino do coro.

Ele tinha uma aparência tão inocente, com aquele cabelo loiro desgrenhado e olhos azuis brilhantes. Jurei que ele provavelmente achava que havia muita coisa boa neste mundo fodido, se você soubesse onde procurar. Provavelmente acreditava que havia algo de bom em mim também.

O fluxo quente da magia de cura percorreu minha pele e ele fez um trabalho rápido e preciso de curar o dano em minha carne enquanto eu apenas deitei e o deixei fazer o que queria.

Eu estava ofegante pela descarga de adrenalina e um pouco tonta pela perda de sangue, mas um ciclope psicótico não iria me abalar.

Eu tinha quase certeza de que tinha acabado de ver Gustard, o psicopata meticuloso que torturava garotas até a morte. Eu tinha visto aquela fome em seus olhos e sabia que ele estava sentindo mais prazer em me provocar com minhas piores lembranças do que com o ferimento que havia infligido. Ele gostava de cortar as pessoas profundamente, dos dois lados, e vê-las sangrar. Isso o excitava, o deixava duro. Ele queria me fazer voltar aos meus pesadelos e usá-los como instrumento de tortura tão completamente quanto qualquer arma.

Foda-se ele.

Ele não sairia vivo daquela prisão. Eu não dava a mínima para as provas que ele tinha prontas para me afogar. Não significava nada depois que saíssemos dali. Gustard respiraria uma única lufada de ar fresco fora daquele lugar antes que eu o esfaqueasse com tantos buracos que ele pudesse ganhar um concurso de sósia de queijo suíço.

Oficial Rind arrastou aquele sujeito insignificante para longe de mim com promessas de passar um tempo no buraco e eu suspirei aliviada quando Hastings roubou a dor do meu corpo com sua magia de cura.

"Merda, Rosalie," murmurou Hastings, e tirei minha mente de todos os caminhos deliciosamente sombrios que ela estava trilhando e levantei meus olhos para ele. "Todo aquele sangue... por um momento, tive medo de que fosse tarde demais..."

"Até o diabo sabe que não deve mexer comigo, *ragazzo del coro*," ronronei, erguendo a mão para segurar seu rosto. "Não precisa se preocupar comigo."

"Se eu tivesse perdido você, eu..." ele se interrompeu, mas quando seu olhar pousou em minha boca, percebi para onde sua mente estava indo e uma leve pontada de culpa me atingiu.

Hastings era doce e ingênuo, do jeito mais estranhamente fofo que existia. Eu até gostava do cara, gostava do seu otimismo e da sua crença inabalável no que era certo e errado. Só esperava que isso não fosse abalado demais quando eu fugisse dali e ele percebesse que eu estava brincando com ele o tempo todo.

"Nada a perder," assegurei-lhe, oferecendo um sorriso muito mais doce do que eu e me levantando.

"Preciso levar você ao médico," insistiu Hastings, mas eu o

dispensei.

“Estou bem, sinceramente,” assegurei-lhe. “Estou acostumada com mordidas de Vampiro, então uma pequena perda de sangue não me preocupa.”

“Sério?” Ele perguntou franzindo a testa e eu percebi meu erro.

Droga, talvez eu precisasse mesmo de um exame médico. Mas tínhamos tarefas de trabalho pela frente e eu não podia perder a hora na biblioteca só para ter uma sessão de regeneração sanguínea. Gustard estaria lá e eu precisava ter certeza de que ele não estava aprontando mais nada.

“Hum, é,” eu disse, mordendo o lábio inferior e fingindo ser tão inocente. Quer dizer, falando sério, você pensaria que ele saber que eu estava aqui por causa de um assalto enorme, além de uma acusação de assassinato, seria o suficiente para me fazer enxergar, mas meu pequeno menino do coro só queria ver o lado positivo das pessoas. “Antes de vir para cá, eu tinha um namorado Vampiro e ele gostava de me morder quando a gente estava... sabe?” Corei. Juro por tudo, eu não sabia onde encontrava sangue para fazer minhas bochechas esquentarem, mas com mais do que alguns pensamentos imundos sobre as coisas que Sin tinha feito comigo lá na jaula do Beloriano, consegui.

“Ah,” Hastings respirou fundo, piscando várias vezes enquanto dava um passo para trás. “Eu... não queria me intrometer. Eu não sabia que você tinha namorado.”

“Não,” respondi, toda tímida e charmosa pra caramba. Sério, eu teria me apaixonado por mim mesma se não soubesse que era

merda de Pegasus que estava saindo da minha boca. “A gente terminou antes de eu vir para cá. Eu gosto muito de sexo anal e ele não, então...”

Abençoadas sejam as meias de algodão dele! Os olhos do Hastings quase saltaram das órbitas. Era fofo demais. Queria poder tirar uma foto.

“Posso ir me trocar antes que meu grupo de trabalho comece?” Perguntei quando as palavras pareciam não querer vir até ele, e ele balançou a cabeça como se tivesse acabado de se lembrar de onde estávamos e do que estava acontecendo.

“Não precisa,” ele disse, dando um passo à frente e segurando meu macacão manchado de sangue entre os dedos e usando sua Magia da Água para extrair todo o meu sangue e colocá-lo em um globo com o que havia derramado no chão.

“Você vai colocar isso num copo e dar para o Oficial Cain?” Provoquei, e Hastings deu uma risada.

“Talvez eu devesse,” ele concordou, embora eu não achasse que ele estivesse falando sério. Eu queria que ele estivesse falando sério, mas a cara daquele sujeito quando ele receberia uma comida para viagem direto da veia que ele escolheu não teria preço.

“Quem guarda, tem,” ronronei, e Hastings deu de ombros, olhando para o globo rodopiante do meu sangue como se estivesse realmente pensando em entregar comida para viagem ao chefinho, e eu realmente esperava que estivesse. “Obrigada por me salvar, *ragazzo del coro*,” disse suavemente, invadindo o espaço pessoal de Hastings e me aproximando na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha.

Eu me afastei de novo antes que ele pudesse me repreender ou se aproximar ou qualquer coisa que um menino do coro faria em uma posição comprometedora, e o calor em suas bochechas dizia que ele nem sabia o que fazer comigo.

Antes que ele pudesse perceber, eu me virei e fui embora, balançando os quadris enquanto caminhava em direção à biblioteca.

O refeitório estava ficando vazio quando cheguei lá e me misturei à multidão enquanto todos se dirigiam para as escadas, deixando que me levassem até lá.

Mas, ao descer o primeiro degrau, a tontura me invadiu a mente como uma onda novamente e tropecei, quase caindo. E se não fosse pela mão que me agarrou pelo braço para me impedir, eu provavelmente teria ido de bunda para baixo até o sétimo andar, onde o Beloriano poderia rir de mim por ser uma idiota.

“O que diabos aconteceu com você, amor?” Ethan rosnou em voz baixa e quando virei a cabeça para olhar em seus olhos, percebi que estavam tomados pelo pânico.

“Merda, baby, você se importa agora?” Perguntei, com os olhos arregalados e inocentes, enquanto a enxurrada de detentos continuava a passar por nós e atraímos olhares curiosos. O Rei Lunar e a Rainha Oscura nunca deveriam ser vistos juntos, afinal... a pobre gente comum se cagaria nas calças. Não podia tolerar isso.

“Não me venha com brincadeiras,” sibilou ele, me puxando até chegarmos ao andar de baixo e me arrastar um pouco pelo corredor para ganhar um pouco de privacidade. “Eu estava tendo a alegria de uma busca aleatória na cavidade porque *alguém*

avisou os guardas que eu estava contrabandeando uma faca para o meu cu quando senti sua dor como um soco no estômago. Apertei os dedos do Nichols com tanta força que estou surpreso por não tê-los quebrado."

Não consegui evitar o riso diante daquela cena, e Ethan retribuiu o sorriso. Por um instante, foi como se não nos odiássemos. Como se pudéssemos ser o que a lua quisesse que fôssemos um para o outro.

Mas deve ter sido só a perda de sangue falando, porque o brilho desapareceu rapidamente e suas sobrancelhas se franziram como se ele tivesse me visto batendo a porta do meu coração na cara dele.

"Rosalie, por favor, eu..."

"O que está acontecendo?" A voz profunda de Roary chamou minha atenção por cima do ombro de Ethan e meu coração se contorceu de uma forma quase culpada, definitivamente dolorosa, enquanto eu olhava entre os dois homens pelos quais eu havia jurado não sentir dor e sentia como se estivesse sangrando no chão por eles, ainda mais do que havia sangrado lá em cima.

Meus lábios se entreabriram para dizer a verdade, mas eu a contive. Se soubessem o que Gustard tinha feito, iriam direto para lá e o espancariam até a morte, talvez até o matassem, e não podíamos nos dar ao luxo disso. Eles poderiam acabar no buraco se fossem pegos e, se não, aquele cristal de memória seria entregue ao FIB e tudo o que estávamos fazendo ali seria em vão. Eu poderia lidar com Gustard sozinha. Não precisava que nenhum deles arriscasse nada por mim.

"Não é grande coisa," eu disse, com desdém, contornando

Ethan e indo para o lado de Roary. Ele me puxou para debaixo do braço e eu o deixei, mesmo sabendo, no fundo, que não deveria. Mas eu precisava do contato reconfortante de um membro da minha matilha... não que Roary fosse realmente minha matilha, mas às vezes parecia que era. Ele me lembrava de casa e me fazia sentir segura de uma forma que não tinha nada a ver com me proteger de psicopatas assassinos.

Ethan rosnou enquanto se movia para o outro lado, acompanhando nosso ritmo enquanto descíamos as escadas, mas ele parou com as perguntas, percebendo claramente que não obteria nenhuma resposta.

Com o braço de Roary em volta de mim, não tropecei novamente, mas definitivamente não me senti na melhor forma.

Entramos na biblioteca e encontramos o chefinho nos esperando, com o cabelo ainda molhado do banho e o uniforme impecável e limpo. Imaginei que ele tivesse acabado de começar seu turno, mas quando seus olhos pousaram em mim e se iluminaram com uma fúria ardente, imaginei que ele também tivesse ouvido falar do meu pequeno incidente lá em cima.

Meu olhar ficou fixo nele por tanto tempo que levei um tempo para notar a nova adição à nossa equipe, mas quando o fiz, respirei fundo, horrorizada.

“Duzentos acabou de voltar de sua temporada no buraco,” disse Cain, lançando-me um olhar que demonstrava que ele também não estava nada satisfeito em me colocar num cômodo com aquele filho da mãe Dragão. Então, por que diabos ele tinha? “A diretora acha que seria bom para ele trabalhar ao lado do Oitenta e Oito para que vocês dois possam superar seus

problemas e a prisão possa voltar a ser um lugar feliz."

"Eu fui para o buraco por um assassinato que ele cometeu," rosnou Sin ferozmente, apontando para Christopher em acusação. "Você não pode pensar seriamente que vamos simplesmente resolver uma merda dessas?"

Porra, ele era gostoso quando rosnava e ainda mais gostoso quando mentia. Merda, quase acreditei nele, e fui eu quem plantou a arma do crime em Christopher, o Dragão pervertido, para livrar o Sin da responsabilidade. Bem, tecnicamente, Roary tinha feito isso, mas fui eu quem foi buscar a arma secreta dele para que pudéssemos plantá-la no desgraçado e deixá-lo apodrecer no buraco. Embora eu pessoalmente não achasse que ele tivesse apodrecido por tempo suficiente. Peguei três meses porque o Cain deu um chilique e ele pegou cinco por assassinato. Como diabos isso funciona?

"Estou-me cagando se vocês vão resolver isso ou não," disse Cain lentamente. "Francamente, espero que tentem se matar e que eu volte aqui e encontre um corpo esperando no final do turno de vocês. Aí posso me livrar de um de vocês de vez e mandar o outro apodrecer no buraco de novo. É um ganho para todos, para mim e para o mundo como um todo."

Sin sorriu como se tivesse acabado de receber um passe livre e eu mordi o lábio enquanto o fodia com os olhos com tanta força que fiquei surpresa por ele não ter gozado nas calças. O olhar sujo que ele me lançou dizia que ele com certeza sabia o que eu estava pensando, e eu esperava seriamente que ele cumprisse logo aquela promessa em seus olhos.

"Preciso falar com você, Doze," rosnou Cain, atraindo meu

olhar de volta para ele e, no meu estado ligeiramente excitado, talvez eu tivesse que dar uma olhada nele também. Sim, Cain serviria se não fosse tão *stronzo*.

"Claro que sim," murmurou Roary enquanto Cain caminhava em minha direção e lançou ao Leão um olhar sombrio e cheio de ódio antes de pegar meu braço e me puxar em direção às estantes na lateral da sala.

"O resto de vocês, mãos à obra," gritou Cain, e os outros se dirigiram para o fundo da biblioteca, como ordenado, embora eu pudesse sentir os olhos em mim enquanto me afastava.

Continuamos andando até que as câmeras não puderam mais nos ver e Cain jogou uma bolha silenciadora sobre nós também.

"Hastings acabou de me contar o que aconteceu," rosnou Cain, olhando para mim com olhos sombrios e uma promessa que eu realmente esperava que ele cumprisse.

"Não tenho certeza do que você está falando," eu disse casualmente.

"Eu vou matar aquele vermezinho, Cinquenta e Três, por ter tocado em você."

"Vai, é?" Ronronei, arqueando uma sobrancelha. "Por que você se importa tanto, chefinho?"

As narinas de Cain se dilataram e ele se inclinou para falar no meu ouvido: "O que te faz pensar que eu me *importo?* Sou seu agente penitenciário. É meu trabalho cuidar de você."

Eu ri, jogando meu cabelo por cima do ombro e voltando para a parte central da biblioteca, virando as costas para ele sem me importar que isso fosse um grande insulto.

“O que você quiser dizer a si mesmo. Mas talvez você devesse ter certeza de que está indo atrás do Fae certo antes de começar uma missão de vingança,” ronronei enquanto me movia para ir embora, mas ele se lançou na minha frente, me fazendo estremecer, o que por sua vez fez minha cabeça girar e eu tropecei de volta contra uma estante de livros, xingando.

Cain agarrou minha cintura e me puxou para cima com um rosnado, colocando a mão no bolso e me oferecendo um pequeno frasco de poção azul.

“O que é isso?” Resmunguei, tentando me livrar dele, mas ele não me soltou.

“É uma poção de regeneração,” disse ele. “Vai ajudar seu sangue a voltar ao normal.”

“Que fofo,” arrulhei, pegando-o e olhando-o com desconfiança. Minha família tinha muitos inimigos e sempre fomos cautelosos em aceitar bebidas de estranhos, mas naquele lugar eu não podia ser muito exigente. “Acho que você está preocupado que não vai ter sangue suficiente para você beber se eu não voltar ao normal logo.”

Desenrosquei o frasco, ignorando a carranca que Cain me lançou, demonstrando que estava levemente ofendido com a sugestão. Mas o que ele esperava que eu pensasse? Que ele tinha me dado aquela poção sem outro motivo além de seu cuidado incansável com a minha saúde? Por favor. Eu acreditaria nisso quando ele conseguisse manter os dentes longe de mim por um mês. Ele certamente cedeu rápido o suficiente quando eu ofereci. E mesmo que ele conseguisse não me morder novamente, eu provavelmente ainda teria dúvidas.

Eu virei o conteúdo do pequeno frasco e então sorri docemente para ele.

“Se Cinquenta e Três não foi quem te atacou, então por que ele foi encontrado com a arma e por que ele confessaria?” Perguntou Cain, e eu revirei os olhos.

“Usa a cabeça, *stronzo*. Não vou te contar nada, então resolve ou para de me fazer perder tempo.”

Cain estreitou os olhos para mim. “De qual gangue o Cinquenta e Três faz parte?” Perguntou.

“Antes de hoje, eu nem sabia que *stronzo* existia,” respondi com desgosto.

Cain parecia querer me arrancar a resposta, e então seus olhos brilharam como se ele tivesse descoberto alguma coisa. “Você é amiga do Leão e o Um é seu companheiro. O único outro líder de gangue que veio atrás de você e ainda não está morto é Gustard.”

Dei de ombros como se não tivesse ideia do que ele estava falando, mas pisquei quando ele franziu a testa, o que o fez hesitar. Imaginei que ele estivesse se perguntando por que eu estava deixando o Gustard se safar daquela merda, mas duvidava seriamente que ele algum dia fosse capaz de descobrir.

“Então, chefinho, me diga o que você quer que eu faça para pagar por essa gentileza,” perguntei, entregando-lhe o pequeno frasco de poção para distrair sua mente curiosa do assunto em questão.

“Vai se foder, Doze,” ele disparou. “Nunca me faça parecer aquele filho da puta do Nixon. Essa é a última vez que te faço um

favor.”

Eu zombei, mas ele já estava indo embora, me deixando com um gosto amargo na boca, como se eu devesse alguma coisa *a ele*. Mas que se dane. Eu simplesmente pagaria por um dos dias em que ele me deixou na miséria. Mais oitenta e nove favorzinhos como aquele e estaríamos quites. Até lá, o Oficial *Stronzo* que se danasse.

Quando cheguei ao resto do nosso grupo de fugitivos, vi Ethan parecendo que ia arrancar a cabeça de Christopher enquanto Roary e Sin se aproximavam atrás dele como se também quisessem dar uma volta.

“Como é que o Gustard contou a ele sobre os nossos planos?” Rosnou Ethan, olhando para mim como se eu quisesse o estuprador canalha no time conosco. Imaginei que, na minha ausência, Gustard tivesse deixado claro que pretendia trazer o *stronzo* do Dragão conosco. “Você fez todo mundo jurar que não contaria, não é?”

“Esqueça,” respondi bruscamente, lançando um olhar de desgosto entre Gustard e Christopher. Eu mal conseguia explicar toda a chantagem que estava acontecendo com Gustard naquele momento e, de qualquer forma, não lhe devia nenhuma resposta. Aquele stronzo se recusara a criar um vínculo estelar, prometendo não compartilhar nosso segredo quando tentamos fazê-lo, e claramente era porque ele estava planejando essa merda. “Temos trabalho a fazer.”

“Oooooh, sim.” Plunger começou a tirar o macacão e estremeci antes mesmo de vê-lo mudar. Se eu nunca mais visse aquela carne enrugada e transformada dele, parecendo um saco de bolas,

ainda seria cedo demais.

Todos foram para seus locais de trabalho designados e relaxei um pouco enquanto Christopher e Gustard caminhavam em direção à frente da sala para 'ficar de vigia' e ficar sentados enquanto trabalhávamos.

"Pudding, preciso fazer uma ligação," eu disse em voz baixa, indo em sua direção e torcendo para que ele tivesse o que eu precisava em mãos.

"Preciso de mais potes de pudim, cão," avisou ele enquanto entregava um transmissor. Ele os construiu dentro dos potes velhos e, como as outras coisas que usava para fazê-los poderiam facilmente ser consideradas lixo, ele podia simplesmente carregá-los sem que os guardas percebessem. Se fosse parado para uma revista, simplesmente esmagava o pote com o punho e ele parecia lixo. E ninguém nunca o questionou por carregar potes de pudim, porque era só isso que ele fazia. Era realmente genial. "Não dá para continuar fazendo sem as lascas mágicas. E as lascas mágicas estão nos potes de pudim."

Agora que ele teve que fazer transmissores para cada membro da equipe, além de alguns para eu manter Dante atualizado sobre nossos planos, estávamos lutando para atender à demanda por chips, mas eu faria isso acontecer.

"Entendido," concordei, fazendo uma nota mental para lembrar a matilha sobre isso e aceitando o pote de pudim que continha o transmissor antes de chamar a atenção de Roary e ir para as pilhas enquanto todos os outros começavam a trabalhar.

Abrimos caminho pelas prateleiras e eu tentei imaginar como diabos eu lidaria com essa questão do Gustard. Ele já estava me

pressionando além dos meus limites, mas enquanto ele tinha aquele maldito cristal de memória nas mãos do advogado, não havia muito que eu pudesse fazer a não ser me deitar e aceitar o que ele quisesse me dar. Mas isso simplesmente não era da minha natureza e eu estava quase matando o esquisito e torcendo para que ele estivesse mentindo.

“Calma, filhote,” disse Roary em voz baixa, passando um braço em volta da minha cintura, mas eu imediatamente me afastei antes de me virar para ele.

“Sabe, quando você me chama assim, eu não gosto nem um pouco,” retruquei. “E sinto que você só faz isso para se lembrar de que sou mais nova que você, mas não me importo muito com os seus motivos. Tenho 24 anos... a mesma idade que você tinha quando foi preso aqui. Diga-me, você se considerava uma criança naquela época?”

“Isso não tem nada a ver com nada,” disse Roary, encontrando meu olhar com seus olhos dourados e se recusando a recuar diante da minha raiva.

Mas eu não estava com humor para essas merdas agora e talvez eu só estivesse procurando uma saída para minha raiva, mas ele precisava parar com essa besteira de criança.

“Você acha que eu sou doce e inocente, Roar? Está com medo de me corromper ou algo assim?”

“Rosa...” Roary franziu a testa para mim e então rosnou baixinho como se não quisesse ter aquela conversa.

“Tanto faz,” bufei, voltando minha atenção para o transmissor e conectando o fio dental ao pedaço de chiclete de mirtilo, como Pudding tinha me mostrado, para fazê-lo funcionar. “Mas espero

que você perceba que eu já transei com caras mais velhos que você. Mais safados também. Então não pense que eu sou uma doce e pequena virgem ou algo do tipo."

O rosnado que ele soltou após essa declaração me fez sentir um arrepio na espinha e meu coração disparou ao ver o olhar em seus olhos enquanto eu erguia meu olhar para ele.

"Rosalie? É você?" A voz de Dante soou pelo fone e eu levei o pote de pudim ao ouvido enquanto a tensão pairava no ar entre mim e o *stronzo* Leão, que me olhava como se quisesse arrancar minha cabeça ou fazer algo muito mais interessante.

"Sim. Você já conseguiu encontrar o outro cristal?" Perguntei, encarando Roary com minha melhor cara de cadela e adorando o jeito como seus olhos brilhavam de raiva, o que fazia minha pele arder.

"Desculpa, *cugina*, não sei como esse *stronzo* está fazendo isso, mas ele se escondeu melhor que um rato no ninho. Não consigo encontrar nem um vestígio dele, muito menos continuar torturando-o para obter informações sobre o paradeiro daquele cristal. O desgraçado que o enviou está te causando problemas?"

"Ele quase me estripou no corredor há pouco," resmunguei, mexendo no buraco que o babaca tinha feito na frente do meu macacão, e os lábios de Roary se abriram em confusão, seu olhar se voltando para minha barriga enquanto tentava juntar as peças sozinho. Ele puxou minha mão para o lado e rosnou ao avistar o buraco, mas eu continuei com a conversa. "Não se preocupe. Vou bolar um plano para tirá-lo do meu pé. Se eu conseguir mandá-lo para o buraco no dia em questão, nem precisaremos nos preocupar com ele nos acompanhando."

Dante deu uma risadinha sombria e fechei os olhos para poder ouvir o som enquanto as crianças começavam a gritar ao fundo.

“Papai, papai! Você tem que vir ver o que ele está fazendo agora! Ele subiu na macieira e disse que não descerá a menos que a mamãe lhe dê um presente especial, mas não sabemos o que ele quer.”

“É a RJ?” Perguntei, sorrindo enquanto abria os olhos novamente e percebi que o olhar de Roary se suavizava ao ouvir a menção da minha sobrinha. Fiz um gesto para que ele se aproximasse e ele se inclinou enquanto eu segurava o transmissor para que pudesse ouvir também. As crianças começaram a rir enquanto Dante as repreendia por interrompê-lo com o tom menos convincente que o homem conhecia. Se seus inimigos soubessem que o rei do Clã Oscura era mole como manteiga para seus bebês, provavelmente teriam muito menos medo dele.

“Diga olá para sua *cugina*,” chamou Dante e as crianças começaram a gritar olá a plenos pulmões enquanto eu ria.

“Vocês, filhotinhos, estão sendo bonzinhos para o papai?” Perguntei a eles, sorrindo ao me lembrar de suas bochechinhas gordinhas e ansiosa para vê-los de verdade o mais rápido possível.

“Eu não sou um filhote,” anunciou RJ em voz alta. “Vou ser um Leão e rugir mais alto do que qualquer um em todo o reino.”

“Bem, eu vou ser um ninja,” respondeu Luca em tom superior. “Que também pode se transformar em um Dragão, um Basilisco e um Rato Tiberiano.”

“Não acho que é assim que funciona,” eu ri.

“É sim. Eu vi no Late Night Weird and Wonky com o papai outro dia,” protestou ele.

“Acho que esse programa é inapropriado,” respondi. “Tenho certeza de que vi uma Fae lá que era uma Medusa, mas conseguiu fazer cobras se formarem em seus... cabelos, não na cabeça, por... motivos inomináveis.”

RJ e Luca caíram na gargalhada quando Dante protestou que não os deixaria assistir àquele programa nunca mais, e eu me vi sorrindo para Roary enquanto escapávamos daquela prisão subterrânea por um tempo, em meio às risadas deles.

“Está ensolarado hoje?” Roary perguntou em seu tom profundo e estrondoso.

“Zio Roary, é você?” RJ perguntou animado.

“Como você soube?” Ele perguntou em resposta.

“Porque você *sempre* pergunta se está ensolarado.” Ela começou a rir de novo e eu sorri para ele enquanto ele revirava os olhos.

“Ha, ha, vamos todos rir do velho e bobo Leão trancado no subsolo,” ele brincou e as crianças riram ainda mais alto, como se aquilo fosse realmente engraçado.

“Vou te manter atualizada sobre aquele cristal de memória, Rosa,” interrompeu Dante, e imaginei que nosso tempo estava prestes a acabar. A magia durava apenas alguns minutos, e cem deles não teriam sido suficientes.

“Tudo bem,” respondi com um suspiro. De qualquer forma, era uma aposta arriscada. “Eu consigo tirar o Gustard da jogada. Não tenho intenção alguma de deixá-lo escapar deste lugar.”

“Adeus, Rosa. *Ti amo*.”

“*Ti amo*, Dante. *Ti amo*, crianças,” gritei, mas quando eles começaram a gritar uma resposta, a magia morreu e suas vozes foram cortadas.

Suspirei, deixando meus olhos se fecharem enquanto esmagava o pote de pudim em meu punho, transformando-o de volta no lixo do qual foi feito, enquanto tentava me agarrar às notas finais de suas risadas e amarrá-las firmemente em volta do meu coração.

Os braços de Roary se fecharam em volta de mim e eu suspirei enquanto o deixava me puxar para perto do seu peito, inalando o rico aroma de sândalo dele enquanto ouvia as batidas do seu coração sob meu ouvido e tentava me convencer de que não queria mais nada dele.

“Quando te vejo, não vejo um filhote, Rosa,” disse Roary em voz baixa, voltando à discussão que tínhamos antes daquele telefonema. “Vejo uma Fae que vale a pena respeitar, temer e seguir. Vejo uma das únicas coisas boas aqui e um pedaço de lar que nunca ousei acreditar que teria novamente. Não acho que você seja uma filhote idiota. Acho que você é a única coisa de que eu precisava mais neste lugar. Esperança.”

Eu não sabia o que dizer, então apenas enrolei meus braços em volta da cintura dele e o segurei perto de mim pelo máximo que meu coração dolorido aguentou sem se partir por ele.

Quando me afastei, dei-lhe um sorriso forçado e voltei para a parte principal da biblioteca, onde o trabalho estava em andamento.

Quando saímos do corredor em que estávamos, quase

esbarrei em Gustard e estremeci um pouco, estreitando os olhos para ele enquanto ele sorria quase agradavelmente.

“Problema?” Desafiei, observando aquele brilho presunçoso em seus olhos, como se ele guardasse todos os meus segredos e estivesse apenas esperando o momento certo para revelá-los.

Gustard lançou um olhar avaliador para Roary, sua boca se curvando no canto como se estivesse tentado a revelar meus sentimentos por ele, mas em vez disso, ele apenas deu de ombros inocentemente.

“Não há problema algum com o qual eu não possa lidar, filhote,” ele disse, e um arrepio de advertência percorreu minha espinha enquanto meus dons se arrepiavam diante da ameaça em sua voz.

Ele se afastou de nós e estreitei meus olhos para ele.

“Você não acha que ele estava nos ouvindo, acha?” Murmurei quando tive certeza de que ele estava fora do alcance da voz.

Roary franziu a testa enquanto refletia e então deu de ombros. “Se estivesse, acho que teria dito algo, nos lembrado de sua influência.”

“Sim,” concordei, deixando que ele me afastasse de Gustard enquanto franzia a testa.

Mas aquela sensação de inquietação não ia embora. Mas se Gustard achava que podia me enfrentar e vencer, ele tinha razão.

“Mas se você não o matar quando sairmos daqui, eu mesmo farei isso, Rosa. Ninguém te machuca e sai impune enquanto eu ainda respiro,” rosnou Roary, e apesar de todos os motivos que eu tinha para me preocupar, não pude deixar de sorrir para mim

mesma com aquela declaração.



Saí da sala de processamento, curando os arranhões no braço causados pelo novo interno que eu acabara de enviar para Darkmore. Meu turno estava terminando e eu não estava ansioso pelas horas sozinho no meu quarto. Acenei para Lyle, que estava sentado na sala de segurança, separado de mim por uma parede de vidro.

“Shifter Tigre Ombriano, hein? Não vejo muitos desses agora,” ele comentou, e eu dei de ombros.

“Acho que não,” eu disse, guardando meu Atlas no bolso, prestes a sair, mas ele continuou falando.

“Meu tio-avô Neville era um Leão de Nemeia branco,” disse ele, pensativo. “Tenho uma bela pelagem vermelha, mas não é tão rara. Existem tipos raros de Vampiros?”

“Não sei,” eu disse, caminhando em direção à porta.

“Imagino que não haja nada de raro em um Vampiro, presas que brilham talvez,” ele riu.

“É, talvez,” resmunguei, e então me perguntei se era por isso que eu não tinha amigos.

Não era como se a maioria dos guardas ali não fossem Fae decentes. O problema é que eu não era. E que eu havia perdido o desejo de me conectar com as pessoas há muito tempo. Depois que a única pessoa com quem eu me importava foi arrancada deste mundo, decidi não criar o hábito de me importar com as pessoas novamente. Esse tipo de ferida não cicatrizava direito. Ela estaria sempre lá, e a maldição da lua sob a qual eu estava gostava de me lembrar disso com ainda mais frequência do que antes.

Meu olhar deslizou para as telas de CFTV atrás da cabeça de Lyle enquanto ele começava a falar sobre seu tio Nigel ou qualquer que fosse o nome dele, e meus olhos se fixaram na parte de trás da cabeça de uma garota enquanto ela entrava na academia. A maioria das pessoas provavelmente não seria capaz de dizer quem ela era, mas eu sabia que era Doze só com aquele olhar e descobri que não conseguia desviar os olhos dela, observando-a passar pela única câmera na academia que mostrava apenas uma pequena seção logo após a entrada. Ela desapareceu além do alcance da câmera e uma onda de aborrecimento me percorreu, seguida por uma onda de dor subindo pelo meu braço a partir da marca da maldição. A videira de rosa prateada havia alcançado meu ombro agora, envolvendo-o e me prendendo ainda mais fortemente a ela. Para a minha morte iminente.

Eu tinha lido o livro sobre magia da lua sem parar e não havia mais nenhuma informação sobre como quebrar aquela maldição. No ritmo em que se espalhava, eu não sabia quanto tempo levaria até que eu sucumbisse completamente a ela. Minha raiva de Rosalie por me amaldiçoar não havia diminuído, mas infelizmente

eu entendia por que ela tinha feito aquilo agora. Depois que descobri o que o pai dela tinha feito com ela, me senti um completo babaca. Eu tinha errado em tantos níveis quando a coloquei no buraco. Eu tinha feito algo indizível com ela. Algo que ela jamais poderia perdoar. E agora eu estava pagando o preço pelo meu egoísmo de querer mantê-la longe da vista, longe da mente. Eu deveria saber que ela daria um jeito de me punir por isso.

"Então, você está terminando o expediente?" Perguntou Lyle, interrompendo meus pensamentos enquanto a dor se intensificava em meu braço.

Resmunguei, olhando para o relógio. Faltavam dez minutos. Podia encerrar o dia... ou podia ir até a academia ver a Doze. Não que eu fosse falar com ela nem nada. Não era como se eu quisesse ficar me exibindo para ela enquanto ela malhava, embora eu não estivesse exatamente negando a mim mesmo o quão excitado isso me deixaria. Basicamente, eu só queria vê-la. Ver como ela estava. E a maldição no meu braço pareceu concordar com isso, a dor diminuindo até que a magia zumbisse intensamente contra minha carne... *foda-se a lua e seus costumes.*

"Sim, em breve. Boa noite, Lyle," murmurei, e ele acenou para mim enquanto eu saía pela porta.

Peguei o elevador e desci até o quinto andar, disparando por ele até a academia. Era quase hora do confinamento e, ao entrar correndo, encontrei o lugar vazio. Franzi a testa ao parar perto do ringue de boxe, aguçando os ouvidos ao ouvir o som de um chuveiro ligado vindo dos vestiários. Talvez ela tivesse percebido que não havia tempo suficiente para malhar e voltado para o seu

bloco. E talvez eu fosse um idiota por me importar com onde ela estava. Mas eu ainda estava chateado por não tê-la encontrado.

Virei-me para sair, mas um grito abafado me fez virar. Foi pouco mais que um pio, mas eu sabia que vinha dela, lá do fundo da minha alma. Atravessei o cômodo o mais rápido que pude, empurrando a porta do vestiário e voando por ela em direção aos chuveiros no final. Um macacão laranja estava encharcado na água que preenchia o espaço à minha frente, com o número doze me encarando, manchado de sangue. Meu estômago se contraiu como uma bola.

Os vestiários eram em forma de U, então corri para uma das extremidades e virei a esquina, com o coração disparado e o medo fazendo cada músculo do meu corpo se contrair em antecipação. *E se eu chegar tarde demais? E se alguém a tiver machucado? A tiver matado?*

Meus olhos pousaram nos dez presos que cercavam minha garota enquanto ela lutava pela própria vida. Tentaram imobilizá-la, com sangue escorrendo de um lábio cortado e um corte profundo no braço direito. Duzentos estava nu, com as costas peludas apontadas para mim enquanto ele gritava ordens para os outros a segurarem contra a parede, enquanto seu braço em movimento me indicava que ele estava acariciando o próprio pau.

Eu assimilei tudo isso em três segundos e, nesse tempo, me tornei nada mais que um animal cruel e sanguinário, sem limites, sem regras que me segurassem, nada além da necessidade primária de proteger a garota que eles queriam machucar.

Eu não vi vermelho. Eu vi o fogo do inferno queimando por toda parte, flamejando em cada canto da minha mente. Minhas

presas se alongaram e eu mergulhei em direção aos meus inimigos com toda a força da minha Ordem, quebrando dois pescoços antes que os outros sequer percebessem que eu estava lá. Arranquei a garganta de uma garota que segurava o braço de Rosalie e os olhos da minha garota se arregalaram por um momento antes que ela soltasse o outro braço e se juntasse à briga. Alguns deles tentavam escapar. Mas nenhum deles o faria. Eu não podia deixar nenhum deles sair daquele lugar. Eu destruiria todos, faria a água correr vermelha pelo que tentaram fazer.

Eu estava cego pela minha necessidade de matá-los, rasgando a garganta de Noventa e Quatro antes de abrir um buraco no peito de Quatrocentos e Dez. O sangue jorrava, misturando-se à corrente de água quente que caía dos chuveiros acima, formando um redemoinho ao redor dos meus pés. Mas isso não me satisfazia. Não ficaria até que todos os seus gritos fossem silenciados para sempre.

Agarrei um punhado do cabelo de um cara quando ele ia sair, girando-o rapidamente e jogando-o contra a parede com tanta força que seu crânio se estilhaçou.

A adrenalina se misturou com a sede de sangue dentro de mim, meus olhos ficaram afiados enquanto eu observava cada movimento ao meu redor.

Doze lutava contra Duzentos enquanto seus punhos enormes a golpeavam, e eu rugi de raiva, correndo em direção a eles. Um idiota tentou bloquear meu caminho, e eu arranquei sua garganta com os dentes antes de me jogar sobre ele e arrancar Duzentos de Rosalie. A última garota que ainda estava de pé correu para a

saída, e Rosalie a atacou, derrubando-a no chão e torcendo sua cabeça até ouvir um estalo alto.

Joguei Duzentos contra a parede, o monstro em mim abrigando cada pedaço da minha carne naquele momento, enquanto eu começava a socá-lo repetidamente. E talvez fosse quem eu realmente era. Talvez não fosse uma parte de mim, mas todo o meu ser era essa escuridão, esse mal. E enquanto eu fosse a fera de Rosalie, eu não queria esconder isso. Eu derramaria alegremente o sangue de seus inimigos repetidas vezes até que não houvesse mais nenhuma criatura na Terra que ousasse tocá-la.

Não matei Duzentos imediatamente, parei de bater em sua carne e o prendi de volta à parede pelo pescoço, minhas presas à mostra enquanto eu parava e o deixava ver sua morte em meus olhos. Ele tremia como uma folha e um tilintar aos meus pés me disse que ele tinha acabado de se mijar. Fiz uma careta, enojado por aquela coisa imunda que dizia ser Fae. Ele não chegava nem perto disso, não passava de um sanguessuga, sugando a vida de qualquer um que pudesse. Ele vivia nas sombras, cercado por ratos inúteis como ele, e juntos eles se tornavam poderosos. Mas sozinhos, eles não eram *nada*. E eu estava feliz em lembrá-lo disso.

“Mas você deveria nos proteger,” ele gaguejou enquanto eu apertava sua garganta com mais força.

“Não,” eu disse com uma voz fria e distante. “Muitos Fae neste lugar erram nisso, Duzentos. Estamos aqui para garantir que vocês não escapem. E para usar a força necessária contra vocês se quebrar as regras.”

“Eu não quebrei nenhuma regra!” Ele ofegou. “Eu não tentei escapar.”

“Não,” eu disse num tom sombrio e faminto. “Você não quebrou nenhuma regra. Mas cometeu um erro ao pensar que *eu* sigo as regras.”

“Mas v-você é um guarda,” ele engasgou.

“E você é um estuprador nojento. Mas principalmente, Christopher,” sussurrei, inclinando-me para perto para que minhas palavras fossem apenas para ele, que tremia sob meu abraço. “Você é um homem morto.”

Não senti nada enquanto agarrava sua cabeça entre minhas mãos, rasgando, rasgando e rasgando, enquanto seus gritos de dor se transformavam em gritos de medo absoluto e excruciante, implorando, suplicando. A bela voz de Rosalie preencheu o cômodo, dizendo meu nome enquanto eu rasgava músculos, ossos e carne, e eu me deleitei no momento em que a luz se apagou em seus olhos. Arranquei sua cabeça e seu corpo se desfez sob mim como o saco de merda que era.

O sangue me cobriu enquanto eu jogava sua cabeça para o lado, o chuveiro não estava ligado naquela extremidade da unidade, então eu permaneci pintado em sua morte, meus ombros subindo e descendo enquanto eu respirava lentamente para trazer meu coração de volta ao ritmo normal.

A marca de maldição no meu braço enviou ondas de calor através de mim. Um calor que parecia quase conectado à minha garota lobo, como se viesse diretamente das veias dela para as minhas. Absorvi aquela sensação, fechando os olhos enquanto absorvia a proximidade consumidora dela. Era inebriante. *Ela* era

inebriante.

De repente, sua mão pressionou minhas costas e eu me virei, encontrando-a ali, de calcinha, me olhando com o lábio sangrando e o longo ferimento em seu braço pingando vermelho na água a seus pés. Estendi a mão, curando o corte antes de pressionar meu polegar contra seu lábio ferido.

“Mason,” ela sussurrou, com os olhos arregalados e sem piscar. Meu nome era a desfeita do feitiço furioso e monstruoso que me prendia. E eu não tinha mais fome de morte, eu tinha fome dela. Eu estava desnudado. O que eu tinha feito era admitir o que sentia por ela mil vezes mais alto do que palavras jamais poderiam.

“Eu...” antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela pulou em mim, entrelaçando as pernas em volta da minha cintura e sua boca se chocou com a minha. Eu não tinha curado o ferimento em seu lábio, então seu sangue imediatamente correu pela minha língua e eu gemi, me virando e empurrando-a contra a parede.

Empurrei minha língua em sua boca e ela correspondeu ao meu beijo com movimentos famintos, um rosnado lupino a deixou, o que fez meu pau endurecer como ferro. Suas unhas rasgaram minhas costas bem na hora em que o sinal soou para o início do confinamento. Eu não me importei e não parei, beijando-a mais profundamente, saboreando sua doçura de mel e molhando-a com o sangue de Duzentos, que estava espalhado pela parede. Ela gemeu, suas coxas apertando minha cintura e me puxando para perto de seu corpo, então eu senti o calor entre suas coxas queimando contra minha barriga.

Xinguei enquanto ela agarrava meu cabelo, puxando com força para interromper o beijo. Observei o cabelo úmido grudado em suas bochechas, sua boca ofegante e seu peito arfante, e me senti perdido. Pronto para desistir de tudo, perder meu emprego, minha casa, tudo para ter essa garota. Eu a desejava desde o primeiro momento em que a vi, e esse desejo havia se transformado em uma necessidade. Uma necessidade que desafiava todas as regras, transcendia todos os bons motivos que eu tinha para largá-la e ir embora.

“Não ouse fugir,” sibilou ela enquanto o sino continuava a tocar. Era como se o destino estivesse se manifestando, exigindo que eu atendesse ao seu chamado.

Estávamos em meio a um banho de sangue de prisioneiros que eu havia matado selvagemente. Não havia como disfarçar isso, e eu nem ousava pensar no mundo que me aguardava além daquela câmara da morte. Apesar da realidade aterrorizante do que eu havia feito, eu também estava em meio à minha fantasia mais sombria. Rosalie me enroscava, ansiando por mim enquanto o cômodo ficava vermelho de sangue ao nosso redor. Era o sonho molhado de um Vampiro, e nunca imaginei que fosse acontecer de verdade. Mas, porra, lá estava eu. E não havia chance de eu ir embora. Fiquei surpreso por ela não conseguir ver aquela decisão nos meus olhos. Mas talvez isso só provasse o quão pouco ela confiava em mim. E desde quando eu comecei a confiar nela também?

Sua mão deslizou entre nós e ela agarrou meu pau dolorosamente duro através das calças do meu uniforme, arrancando um rosnado desesperado dos meus lábios.

“Cansei de fugir dos meus problemas,” eu disse e ela zombou.

“É isso que eu sou para você? Um *problema*?” Ela apertou meu pau com força suficiente para doer e mostrei minhas presas para ela, só ficando mais duro.

“É, coração,” bati suas costas contra a parede com força suficiente para deixá-la roxa, colocando minha mão entre nós e afastando a dela enquanto sentia sua umidade quente me esperando, encharcando aquela calcinha feia de prisioneira. “Você é meu...” soltei meu pau da calça, “...problema...” rasguei sua calcinha, “...*imundo*.” Alinhei-me com sua entrada escorregadia e ela ofegou, prendendo os tornozelos atrás das minhas costas enquanto tentava me puxar para frente, dizendo que queria isso tanto quanto eu. “E acho que finalmente encontrei uma solução.”

Eu me enfiei dentro dela e ela inclinou a cabeça para trás com um grito de êxtase que fez meu ego disparar. Lancei uma bolha silenciadora, mal conseguindo me concentrar com as paredes de sua boceta apertando meu pau e me fazendo esquecer de tudo, menos dela. Eu a prendi contra a parede, tomando-a com força e rapidez com estocadas furiosas dos meus quadris enquanto suas unhas raspavam meu pescoço. Ela enfiou as mãos sob minha jaqueta protetora, forçando-a para fora dos meus ombros antes de puxar minha camisa pela cabeça. Gemi ao sentir suas mãos em minha pele nua, seus dedos percorrendo meus músculos, absorvendo tudo de mim como se ela tivesse sonhado com meu corpo tanto quanto eu sonhava com o dela.

Roubei um beijo de seus lábios carnudos e meu pau engrossou dentro dela enquanto eu arrancava seu sutiã do peito, precisando sentir mais da pele dela na minha enquanto nossos

corpos se esfregavam. O sinal tinha parado de tocar e eu sabia o que isso significava, embora fosse muito difícil pensar em qualquer coisa além de quão boa era a boceta dela apertando meu membro sólido enquanto eu o bombeava para dentro e para fora dela. Mas estávamos ficando sem tempo antes que a contagem terminasse e alguém percebesse que ela estava faltando. Então, tínhamos que ser rápidos. E como Vampiro, esse era meu nome do meio.

Recuei, levantando-a de cima de mim, fazendo-a cair no chão. Ela agarrou minha garganta com um rosnado, tentando assumir o controle, e eu ri sombriamente enquanto a girava pelos quadris, usando minha força da Ordem para dominá-la. Ela sibilou como um lince quando inclinei seus quadris para trás, parando um momento para apreciar a redondeza perfeita de sua bunda. Então, dei uma palmada forte nela enquanto a penetrava novamente com uma estocada firme, e ela apoiou as mãos na parede com um gemido de prazer ao ceder às minhas exigências.

Eu a penetrei mais algumas vezes e, sem dar nenhum aviso, comecei a usar minha velocidade de Vampiro para reivindicá-la. Seus gritos crescentes eram música para meus ouvidos enquanto ela se apertava em volta do meu pau pulsante, e eu lutava para não gozar dentro dela enquanto me aproximava de seu corpo perfeito, agarrando um de seus seios fartos com força suficiente para marcá-la enquanto ela se esticava para cravar as unhas no meu braço e me lembrar o quanto ela era animalesca. E eu gostava disso pra caralho.

Coloquei a outra mão no clitóris dela e comecei a circular meus dedos sobre aquele ponto sensível com a velocidade da minha Ordem, passando a língua sobre seu ombro exatamente no

lugar que eu estava com fome de morder.

"*Puta merda,*" ela ofegou ao gozar em segundos e eu a puxei de volta para mim, mordendo-a com força, meus dedos ainda trabalhando seu clitóris em movimentos rápidos como um raio, prolongando seu orgasmo. "*Mason,*" ela gemeu enquanto eu continuava a acariciá-la, querendo sentir sua boceta me agarrar novamente, e ela se contorceu como se mal pudesse aguentar, sua pele hipersensível enquanto meus dedos ásperos a levavam a outra explosão.

"Goze pra mim, Doze," usei seu nome de detenta, fazendo-a rosnar com raiva, e eu sorri como um babaca, curtindo tê-la daquele jeito. Ela não conseguia escapar, tudo o que conseguia fazer era gozar no meu pau e gritar como uma boa menina, quando na verdade queria ser uma má.

Bebi o sangue dela em goles profundos, minha mente zonza enquanto a euforia afogava todas as preocupações que eu deveria ter sobre o que estava fazendo. Que eu tinha matado dez detentos. E o que aconteceria depois que tudo aquilo acabasse. Mas, porra, ela era gostosa demais. Seu corpo era mais macio, mais molhado, mais apertado do que minha imaginação jamais poderia ter imaginado. Eu já tinha me masturbado por ela tantas vezes que perdi a conta e nem cheguei perto de imaginar a realidade.

Quando ela gozou de novo, uivou, jogando a cabeça para trás, e, porra, só esse som já me deixou quase louco. Mas eu já tinha fantasiado o suficiente daquele momento para saber como queria que aquilo acontecesse. Agarrei seus cabelos, forçando-a a olhar para mim por cima do ombro, querendo ver o quão desfeita ela

estava por mim.

Mas quando seus olhos encontraram os meus, ela sorriu como se estivesse no *controle*, como se tivesse todas as cartas do destino e me entregasse as minhas como quisesse. E isso era de alguma forma mais quente do que eu possuí-la, muito mais quente. Gozei forte, minhas bolas apertando enquanto eu tinha o orgasmo que ansiava por meses. O prazer me percorreu em espiral enquanto eu olhava para as profundezas de seus olhos escuros e misteriosos, me derramando profundamente dentro dela enquanto ela me observava desmoronar por ela. E me *apaixonar* por ela ao mesmo tempo. Porque eu era um caso perdido. Arruinado para caralho por essa garota. Ela me torturou, me amaldiçoou e agora ela me reivindicou também. E eu não dava a mínima mais em tentar parar de desejá-la. Eu possivelmente tinha jogado fora tudo que já tive por essa garota. Eu poderia acabar em uma cela em Darkmore pelo que fiz aqui hoje. E descobri que não me importava com isso tanto quanto deveria.

Eu saí de dentro dela e ela se virou, com aquele sorriso satisfeito ainda no rosto, enquanto ela estendia a mão e guardava meu pau para mim.

O sorriso logo se transformou em preocupação, e seus dedos percorreram minha bochecha por um segundo antes dela pegar minha mão e me puxar para a água que ainda corria de um dos chuveiros. Ela se aninhou em mim enquanto a água nos banhava, e eu apenas encarei, e encarei, aquela deusa nua que agora me possuía. E de quem eu ainda não possuía um pedaço em troca.

Curei o corte no lábio dela, a mordida no ombro e os hematomas que a marcaram enquanto ela lavava o sangue do

meu corpo e começava a me olhar de forma diferente. Não com nojo ou ódio, mas com algo próximo à gratidão. Talvez algo próximo à simpatia. Mas eu provavelmente estava apenas alimentando minhas esperanças. Eu ainda era o babaca que a jogou no buraco, mesmo que ela me desejasse.

"Você me salvou, chefinho," disse ela, piscando os cílios enquanto me olhava de um jeito que, pela primeira vez, pareceu sincero. Minha garganta se contraiu enquanto eu tentava responder. Aparentemente, eu não conseguia formar palavras, então apenas grunhi, sem confirmar nem negar. "E agora estamos encrencados. Você pode... nos tirar dessa?" Ela mordeu o lábio enquanto olhava entre os cadáveres que nos cercavam, e eu passei o braço em volta da sua cintura, puxando-a para perto, até meus lábios roçarem sua orelha.

"Você não precisa se preocupar com nada," prometi, e senti a marca da maldição vibrando alegremente, e aquela merda começou a brilhar, chamando a atenção dela enquanto me reivindicava mais profundamente. Enquanto *ela* me reivindicava mais profundamente.

Seus dedos roçaram as videiras prateadas que se estendiam por meu ombro, mas não tivemos tempo para discutir. Minha mente estava finalmente se aguçando, voltando da euforia de assassinar dez Fae e depois me perder para a garota mais linda e cativante que eu já conheci. E havia uma verdade que soava mais clara em minha mente do que qualquer outra. *Estou muito ferrado.*

Olhei ao redor para a carnificina enquanto Doze observava sua calcinha rasgada flutuando na água com uma expressão

preocupada. Tracei um plano mental e então me afastei dela do vestiário para a academia, pegando alguns dos pesos mais pesados e uma barra de peso antes de voltar correndo para o chuveiro com Rosalie. Seus lábios estavam entreabertos e o medo brilhava em seus olhos.

Porra, ela achou mesmo que eu a tinha abandonado?

Atirei em sua direção, encostando minha testa na dela por meio segundo, um tempo que eu não precisava desperdiçar. Mas, para apagar aquela suspeita dos seus olhos, eu o faria.

“Eu tenho você,” xinguei, e ela franziu a testa, confusa, antes de eu sair em disparada, molhando os pesos com sangue e enfiando uma das pontas da barra nas costas de Duzentos. Alguns dos presos mais fortes poderiam ter causado esse tipo de massacre com armas. Não pareceria muito suspeito.

Queimei o que sobrou da calcinha dela e então peguei o macacão da Rosalie e meu uniforme. Usei minha Magia de Fogo para secá-los rapidamente antes de jogá-la por cima do meu ombro enquanto ela engasgava de surpresa. Corri para o vestiário, colocando-a no chão e usando minha Magia de Fogo para secar seu corpo enquanto ela descansava as mãos em meus ombros nus. Eu me sequei também e a vesti com seu macacão, praticamente jogando-a por cima do meu ombro novamente, já que não a deixei ajudar, fazendo isso em menos de um segundo. Quando ela estava diante de mim, seca com um sorriso brincando em seus lábios, vesti minhas próprias roupas, abotoando apressadamente os botões da minha camisa e curando quaisquer marcas que ela tivesse deixado na minha pele. Rosalie deu um passo à frente quando terminei, alisando meu cabelo enquanto

mordia o lábio inferior.

“Tem certeza de que não vou me meter em encrenca, chefinho?”

“Tenho certeza,” rosnei. Quando corpos apareciam mortos em Darkmore, não havia muitas perguntas a serem feitas se não houvesse testemunhas óbvias. E eu, com certeza, não ia deixar que ela parecesse culpada. “Então, como vamos sair daqui sem sermos flagrados pelas câmeras de segurança?”

“Eu consigo me mover mais rápido do que as câmeras conseguem gravar,” eu disse, e um sorriso provocador surgiu em seus lábios.

“Eu sei o quão rápido você se move,” ela ronronou e minha garganta se fechou. Eu era idiota por pensar que ela não contaria aos outros guardas o que eu tinha feito? Ela poderia destruir minha vida com algumas palavras para a diretora. Tudo sobre o meu futuro estava em suas mãos. E não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Mas eu não teria desfeito uma única gota do sangue que derramei, mesmo que fosse possível. Aqueles monstros nunca mais colocariam as mãos nela e isso era algo pelo qual eu nunca me arrependeria.

“Os Oscuras vão levar a culpa por isso,” disse ela, olhando para os cadáveres. “Gustard tem me atacado publicamente, então não será surpresa que as gangues tenham se desentendido. Há mais de cem Lobos na minha alcateia, então tudo o que preciso fazer é sussurrar em alguns ouvidos sobre como esmagamos esses desgraçados e eles vão presumir que foram outros membros da alcateia que deram o golpe, enquanto eles levam a culpa como grupo. Eles nem vão perceber que a ostentação é mentira.

Gustard também vai acreditar. Contanto que você jure que nenhum dos meus Lobos será punido por isso."

Por um momento, só consegui encará-la, surpreso por ela ter me feito aquela oferta depois de tudo o que eu lhe fiz. Nem parecia que ela estava se oferecendo para me possuir, embora eu achasse que ela poderia usar esse segredo sobre mim agora. Mas ela já vinha guardando segredos que poderiam, no mínimo, me levar à demissão, e nem os revelou quando a deixei no buraco. Eu não sabia por quê, mas confiava em Rosalie Oscura.

"Eles não serão punidos," jurei. "Se alguma evidência aparecer, posso me livrar dela facilmente."

"Parece que eu peguei você também, Mason," ela ronronou e minha garganta fechou com aquela declaração.

Apesar de toda a esperança de que pudéssemos encobrir isso, ainda havia uma chance enorme de tudo isso explodir na minha cara. O que significava que este poderia ser meu último momento a sós com Rosalie por um bom tempo. Segurei sua nuca e esmaguei seus lábios nos meus, provando-a uma última vez para que, se minha vida fosse por água abaixo, pelo menos eu tivesse boas lembranças do porquê de ter feito aquilo. Ela gemeu contra minha boca e aquele som foi um pecado carnal que fez meu sangue pulsar no meu pau novamente. Eu tinha fodido minha rainha em um mar de sangue e não queria nada mais do que continuar a adorá-la, mais devagar da próxima vez, fazendo-a implorar por mais de mim. Eu nunca quis me ajoelhar para nenhum Fae. Mas ela tinha mais poder sobre mim do que as próprias estrelas. E eu queria entregar tudo o que eu era a ela naquele momento.

Despedi-me com um agridoce abraço e a joguei por cima do ombro antes que ela pudesse dizer uma palavra, saindo da sala a toda velocidade, sem me conter nem um pouco, enquanto corria pela prisão mais rápido do que jamais havia me movido na vida. Logo contornei o corredor de celas, disparando para a frente do Bloco D no momento em que Hastings estava prestes a fechar a ponte.

Plantei Rosalie no chão e seus olhos se encheram de alívio. “Estávamos prestes a soltar o Beloriano,” disse ele, ansioso, olhando para minha garota com olhos sonhadores que me deram vontade de dar um soco na cara dele.

“Fiquei presa debaixo de uma estante caída na biblioteca,” mentiu Rosalie, enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos enquanto fingia inocência. Por que vê-la mentir para outra pessoa era tão excitante? Tive que me virar um pouco para que Hastings não visse o quanto eu estava duro ou percebesse a fúria do meu coração. “O Oficial Cain me encontrou.”

“Seu turno não acabou?” Hastings me perguntou e eu dei de ombros. “Você realmente precisa descansar mais.”

“Sim, é,” murmurei. “Tranque-a bem,” lati e corri em direção aos elevadores, sem olhar para trás, porque, se olhasse, ia querer me virar e dar um jeito de passar mais alguns segundos com ela.

Subi as escadas, atravessei correndo os aposentos dos guardas até o meu quarto e fechei a porta ao entrar. Uma risada escapou dos meus pulmões e eu não conseguia me lembrar da última vez que ri daquele jeito, enquanto simplesmente desabava e pressionava a cabeça contra a porta.

Meu mundo inteiro poderia ir para o inferno em breve quando

aqueles corpos fossem encontrados. Mas eu tinha que torcer para que fossem descartados como um incidente de gangue e ficasse por isso mesmo. Passar um tempo em Darkmore era conhecido por ser uma possível sentença de morte de qualquer maneira, era o que tornava este lugar tão aterrorizante. E nem mesmo a própria diretora reprimiria assassinatos com tanta força, porque assim os Fae fora deste lugar teriam menos a temer, menos impedimentos para cometer crimes.

E por mais louco que fosse, mesmo que Pike descobrisse a verdade, mesmo que ela arruinasse minha vida por causa de Rosalie Oscura, pelo menos não havia nenhuma outro Fae em Solaria por quem eu preferisse ser arruinado.



Com aquele doente do caralho do Christopher morto e minha matilha espalhando boatos por toda a prisão sobre a forma como os Oscuras lidaram com os Watchers em uma escaramuça de gangues, a suspeita foi desviada do chefinho e voltei a não lhe dever absolutamente nada. Que era a única razão pela qual eu o ajudei, era claro. Ele poderia ter dito que lidaria com isso por mim, mas eu sabia que a única coisa que realmente explicaria a bagunça que ele fez com aqueles cadáveres era uma guerra de gangues, o que significava que os vencedores precisavam se gabar. Eu não ia arriscar que nenhuma suspeita recaísse sobre ele e tinha sido simples o suficiente colocar meus Lobos no plano. Eles nem sabiam que era besteira... eram tantos que todos presumiram que foram outros membros da matilha que fizeram isso. Embora talvez eu devesse ter deixado Cain ser pego como pagamento por me jogar no buraco, mas, ao contrário dele, eu levava uma dívida de vida a sério e não o deixaria apodrecer por me salvar.

Eu sentia o olhar de Cain em mim enquanto atravessava o Complexo Mágico, e isso me arrepiou, como se eu fosse um rato sob o olhar de um falcão. Mas eu não era um rato.

Parei abruptamente e me virei para olhar diretamente para o meu agente penitenciário, que estava patrulhando a borda externa da cerca que cercava o complexo. Seus olhos cinzentos estavam fixos em mim e seu olhar era cuidadosamente vazio, mas havia algo na maneira como ele me observava que indicava que algo havia mudado entre nós agora. Eu não o imaginaria como o tipo de pessoa que fica sentimental depois do sexo, mas lá estava ele, me observando como se eu pudesse pertencer a ele. *Improvável, stronzo.*

Com passos firmes, fixei meu olhar no dele e atravessei o complexo, observando como suas pupilas se dilatavam à medida que eu me aproximava e como suas narinas também se dilatavam. Ele não pareceu particularmente satisfeito em me ver chegando. Ou talvez estivesse satisfeito demais. Eu ainda não tinha certeza.

“Algum problema, chefinho?” Ronronei, torcendo os dedos no ar e envolvendo-me com uma bolha silenciadora por trás, que subia até a cerca que nos separava e permanecia aberta para que ele me ouvisse.

Cain estalou os dedos para fazer uma bolha silenciadora do seu lado da cerca também, e eu não pude deixar de sorrir ao ver o toque de pânico em seus olhos enquanto ele cruzava os braços e seu maxilar tremia.

“Sem problemas, Doze,” ele resmungou.

“Merda, eu adoro quando você me chama pelo meu número. Me deixa tão excitada saber que não sou nada para você e que você pode me trocar por outra a qualquer momento,” eu disse com uma voz sedutora que fez aquela veia em sua têmpora pulsar.

Provocar o Cain era realmente meu novo jogo favorito.

“Você tinha algo a me dizer?” Ele perguntou com a voz rouca, os olhos se movendo de um lado para o outro como se achasse que alguém pudesse nos ver. E, droga, eu tinha acabado de perceber que tinha me tornado o segredinho sujo de outra pessoa. Que porra era essa?

“Eu não, chefinho. Mas você estava me olhando com tanta força que eu praticamente conseguia sentir seu pau dentro de mim de novo, então presumi que você queria que eu fosse até aí.”

Um som estrangulado escapou dele e eu sorri largamente enquanto ele lutava contra a vontade de me atacar, tentar me colocar no meu lugar e talvez... rir. Humm, quem diria que Cain tinha senso de humor escondido por trás de toda aquela rabugice.

“Eu... qual é o seu plano então? Quer me impor isso? Usar para me fazer quebrar as regras para você? Foi tudo só uma armadilha que você estava armando para mim e esperando que eu tropeçasse?” Ele rosnou.

“Rude,” comentei, erguendo uma sobrancelha. “Você sempre acha que as pessoas com quem transa estão atrás de alguma coisa ou você simplesmente anda com muitas prostitutas?”

Aquela veia pulsou novamente e eu pude ver uma guerra acontecendo dentro de seus olhos.

“Não estou dizendo que você é uma... você tem que entender que na minha posição, se isso viesse à tona...”

“Por favor, *stronzo*, como se eu fosse querer me gabar de ter transado com você de qualquer jeito. Embora fosse engraçado ver Ethan mandado para o buraco por bater na sua cabeça se ele

descobrisse.” Ignorei a pequena torção no meu estômago que dizia que eu não queria que o Ethan fosse para o buraco porque aquela vadia era fraca, e enrolei uma mecha do meu cabelo no dedo.

“Se você se importa tanto com seu companheiro, então por que...”

“Tenho que ir,” eu disse com um sorriso. “Então, a menos que você queira tirar as bolas da bolsa e simplesmente cuspir o que quer que você realmente queira dizer...” comecei a recuar e Cain deu meio passo para mais perto antes de se deter com um rosnado frustrado.

“Não estarei por perto tanto esta semana,” disse ele, e inclinei a cabeça para ele, me perguntando por que ele achava que eu me importaria com isso. “A diretora está instalando um novo campo de força de biodetecção ao redor da prisão e eu terei que supervisionar a equipe quando eles vierem instalá-lo, então...”

“Quando?” Perguntei, doce como uma torta, mantendo a máscara bem apertada sobre o rosto, porque, puta merda, estaríamos ferrados se aquela coisa entrasse em ação. Eu não tinha previsto isso. Quem sabia do que ela seria capaz de fazer? Eu não tinha como pesquisar, descobrir como contorná-la ou algo assim. Meu pulso de repente começou a bater forte nos meus ouvidos e o pânico dançava alegremente no meu peito. Mas não deixei nada disso transparecer no meu rosto.

“Não tenho certeza. Eles esperam terminar a instalação e colocar tudo em funcionamento até domingo da semana que vem, mas essas coisas nunca cumprem o cronograma. A questão é que, se o pessoal do Gustard vier atrás de você de novo, talvez eu não esteja por perto para...”

Dei uma risada sombria, jogando o cabelo para trás. “Por favor, me diga que não está preocupado comigo, chefinho?” Provoquei. “Acha que não consigo me virar aqui sem você? Ou é mais porque você está preocupado em não ter tempo para enterrar seu pau em mim de novo tão cedo? Porque você realmente não deveria ficar tirando conclusões precipitadas sobre mim ou o que eu quero de você.”

Cain franziu a testa e eu me senti um pouco culpada por aquele golpe baixo, mas que se foda. Alguns orgasmos não me fariam esquecer que ele me deixou no buraco por meses. E quem se importava se ele tinha salvado a minha vida? Eu salvei a dele há pouco tempo e não recebi nenhum agradecimento por isso.

“Eu só pensei que você deveria saber,” ele resmungou e eu revirei os olhos.

“Anotado.”

Virei as costas para ele, indo embora sem dizer mais nada e me obrigando a manter o passo lento enquanto procurava Roary no meio da enorme multidão de detentos.

Como se sentisse minha necessidade, meu lindo Shifter Leão se esgueirou por entre a multidão e se aproximou de mim, franzindo a testa de um jeito que eu duvidava que alguém além de mim notasse. Mas eu sempre notava tudo sobre Roary. Era a minha maldição. Mas eu também não conseguia me obrigar a me livrar dela.

“E aí, filh… Rosa?” Ele perguntou, quase conseguindo desviar da provocação e ganhando um ponto extra.

Apertei minha bolha silenciadora ao nosso redor e peguei sua mão enquanto o conduzia ao redor da parede que dividia o centro

do Complexo Mágico e me movi para me encostar nela, puxando-o para perto para que ele ficasse de pé diante de mim.

Eu tremia, a adrenalina inútil correndo pelas minhas veias enquanto eu ansiava por fazer algo para consertar aquela merda, mas era forçada a ficar ali como se nada tivesse acontecido e me comportar bem. Cain ainda estaria me observando, embora eu tivesse ganhado um tempinho circulando o muro para que ele tivesse que dar a volta na parte externa do complexo para me ver novamente. E como eu estava disposta a apostar que ele não se atiraria por aí correndo o risco de chamar atenção, eu teria que garantir que isso bastasse.

“Beije-me, Roar,” ordenei, meu coração saltando, mesmo que fosse só para disfarçar, mas a ideia da boca de Roary Night na minha sempre me excitaria.

Ele não me questionou, entendendo que algo estava errado, enquanto se aproximava de mim, segurando minha bochecha com a mão e inclinando meu queixo em direção ao dele.

Não toquei nele, em vez disso, torci meus dedos em padrões complexos de cada lado de nós e fiz com que a grama alta crescesse através do concreto aos nossos pés para criar uma barreira para nos escondermos.

Roary aproximou tanto a boca da minha que não consegui conter o suave gemido que escapou, implorando para que ele parasse de brincar comigo, apenas me beijasse e fizesse tudo no mundo ficar bem novamente.

A grama cresceu e cresceu enquanto eu jogava meu poder nela e em poucos instantes, estávamos escondidos dentro dela.

Os lábios de Roary ainda não haviam encontrado os meus e,

agora que não havia necessidade disso, ele parou de se aproximar de mim.

Porra, por que doeu tanto quando ele fez isso? Sinceramente, eu preferiria levar aquela facada na barriga cem vezes do que ter que sentir essa fissura sendo aberta dentro do meu coração.

“Conte-me o que aconteceu,” ele murmurou, com a testa pressionada na minha e as mãos ainda em volta da minha cintura.

Eu deveria tê-lo empurrado. Deveria ter dito para ele sair de cima de mim. Deveria ter me afastado. Mas eu estava presa em seu feitiço, presa nessa necessidade insaciável por ele da qual eu não conseguia me livrar, por mais que tentasse.

“Cain acabou de me dizer que vão instalar um novo campo de força de biodetecção ao redor da prisão na semana que vem. Não podemos combater isso, Roar. Não tenho planos para isso, nem como fazer. Se não sairmos daqui antes que eles o instalem...”

“O que foi que você me prometeu quando chegou aqui, Rosa?” Roary rosnou, prendendo-me em seu olhar dourado e se recusando a me deixar desviar do olhar intenso em seus olhos.

“Que eu ia libertar você,” sussurrei.

“E eu acredito em você,” disse ele com firmeza, sem margem para negociação. “Vamos sair daqui e encontrar aquela ilha deserta para viver e...”

Comecei a rir e ele fez uma pausa, sua boca se curvando no canto enquanto ele apertava minha cintura com força entre suas mãos grandes.

“Você não vai estar enjoado de mim até lá?” Perguntei. “Você

não vai querer ficar enclausurado em algum lugar sozinho comigo assim."

"Você é a única pessoa com quem eu poderia imaginar ficar confinado sozinho desse jeito e amar cada segundo disso."

Meus lábios se separaram e eu franzi a testa para ele, porque não entendia isso. Ele não me queria. Ele não queria me ter de todas as maneiras que importavam. Então, por que diabos ele iria querer ficar sozinho comigo pelo resto de nossas vidas?

Balancei a cabeça em desdém e tentei não me encolher enquanto forçava as próximas palavras. "Você vai sair por aí e encontrar um harém de lindas Leoas," provoquei. "Você vai esquecer completamente aquela filhote de Lobo irritante que te mandou para a prisão e depois veio te dar uma surra de novo."

"Não seja ridícula," ele rosnou.

"Por mais que a ideia de passar o resto dos meus dias em seus aposentos de hóspedes me atraia, acho que faria mais sentido simplesmente voltar para minha família," continuei.

"Eu pensei que *fôssemos* uma família?" Ele perguntou e eu soltei um longo suspiro.

"Somos, Roar. Os Night e os Oscura são tão unidos quanto ladrões. Sempre." Baixei o olhar para o peito dele e um rugido de frustração o percorreu enquanto ele rosnava para mim.

Ele não respondeu, mas moveu as mãos sob a bainha da minha camisa, pressionando sua pele contra a minha e sua magia bateu contra as barreiras da minha pele em uma clara exigência. Eu não era forte o suficiente para negá-lo, então derrubei minhas próprias barreiras e deixei seu poder me inundar com um gemido

de euforia.

Eu me senti como um recipiente sendo preenchido com a força de uma tempestade enquanto a energia bruta e turbulenta de sua magia aquática atravessava meu corpo e meu coração saltava e batia forte de uma forma que me fazia ansiar por mais. A Terra precisava de água dessa forma profunda e intrínseca, e minha magia ansiava pelo toque dele como se ansiasse por usá-lo para a criação.

Roary gemeu quando levei minhas mãos até sua barriga e as deslizei para baixo de seu tanquinho, a magia ficando mais poderosa à medida que encontrava mais lugares para passar entre nós.

Ele recuou de repente e a chuva começou a cair sobre nós, as gotas grossas e quentes como aquela chuva primaveril perfeita, onde cada gota era revitalizante e pura ao beijar a pele. Ele tirou os braços do macacão e puxou a regata pela cabeça, jogando-a no chão ao nosso lado e se movendo para tirar o meu macacão dos meus braços também.

Fiquei tão chocada ao ver Roary Night tirando minhas roupas que, por um momento, tudo que consegui fazer foi olhar para a perfeição de sua pele dourada sobre aquele abdômen definido e ombros largos.

No momento em que meus braços se soltaram, Roary se aproximou de mim novamente, suas mãos empurrando para baixo a parte de trás da minha regata enquanto eu envolvia meus braços em volta do seu pescoço e deslizava meus dedos por toda a sua pele. Sua testa pressionou a minha novamente e, com tantos pontos de contato entre nós, nossa magia combinada pulsava e

vibrava nesse ritmo inebriante e feliz até que pareceu encontrar o equilíbrio perfeito e, em vez de nos apalparmos, ficamos imóveis, banhados pela sensação dela fluindo por nossos corpos.

A chuva continuou a cair sobre nós e flores rosas também caíram enquanto a magia encontrava uma saída e nós criamos esse pequeno canto de liberdade dentro dos muros da prisão.

"Tenho fé em você, Rosa," ele sussurrou quando o sinal tocou para sinalizar o fim da sessão e eu cerrei os dentes enquanto tentava conter minha pequena e estúpida hesitação. Ele tinha razão. Isso não era ruim... só precisávamos nos apressar e sair dali antes que aquela coisa fosse instalada.

"Certo," concordei, recuando para me encostar no muro, minhas mãos deslizando para baixo até pousar em seu peito enquanto eu o olhava. "Então vamos ter que nos apressar," falei com firmeza. "Isso tem que acontecer esta semana, ou não vai acontecer de jeito nenhum. Plunger está se aproximando da sala de manutenção com o primeiro túnel, e Sin e Ethan conseguiram o que preciso para neutralizar a bomba, de modo que o Supressor de Ordem fique fora de ação. Não consegui descobrir uma maneira de contornar as algemas, a menos que queiramos forçar um guarda a nos libertar delas, mas acho que isso pode ser mais arriscado do que vale a pena. Todos teremos acesso às nossas Ordens, então poderemos nos mover rápido. Dante e Jerome têm seus próprios papéis a desempenhar e tenho certeza de que conseguiremos sair daqui sem precisar da nossa magia. Depois, só precisamos garantir que Plunger e Gustard não consigam escapar, seja incapacitando-os ou matando-os e correndo para salvar nossas vidas. Daremos um jeito de tirar as algemas quando estivermos livres. Se eu tiver que cortar minhas mãos e recolocá-

las, aceito a troca."

"Merda, você é mesmo uma fodona, né?" Provocou Roary. "Só falando de assassinato e desmembramento como se fosse uma terça-feira qualquer."

"Você me conhece, Roar, já passei por isso, já fiz isso, tenho a camiseta. Falando nisso, vou queimar esses macacões de merda quando estivermos livres. Podemos pedir para o Sin construir uma pira para todos nós dançarmos em cima."

Ele começou a rir no momento em que um fogo de verdade queimava a grama alta que nos cercava e minha pele se arrepiou quando me endireitei, puxando a magia para as pontas dos meus dedos um momento antes dela ser bloqueada e minhas algemas brilharem em azul novamente.

Relaxei contra a parede quando percebi quem tinha vindo estragar nossa festa e voltei meu olhar para Cain enquanto ele olhava furioso entre mim e Roary, observando cada lugar onde estávamos nos tocando, assim como o peito nu de Roary.

Não consegui evitar sorrir para Cain, pois ele parecia estar lutando contra a vontade de explodir, e Roary rosnou baixinho diante da interrupção.

"Se vocês dois, pombinhos apaixonados, não derem o fora daqui nos próximos trinta segundos, vou tirar seus privilégios de jantar," rosnou Cain, apontando para a saída por onde a maioria dos outros presos já havia saído do complexo.

"Estamos apaixonados, Roar?" Perguntei, sorrindo para ele e piscando meus cílios dramaticamente "Coisas mais estranhas já aconteceram," ele ronronou em resposta, abaixando-se para pegar sua regata e colocando-a de volta enquanto eu sorria para Cain

por cima do ombro dele.

“Existe alguma razão pela qual você não gosta dessa ideia, chefinho?”

“Entrem logo,” ordenou Cain. “A biblioteca não vai se reformar sozinha, e se eu descobrir que vocês dois andam transando lá dentro, talvez eu tenha que começar a supervisionar vocês enquanto trabalham.”

Roary ficou um pouco tenso, mas eu apenas apertei sua mão para tranquilizar e passei por ele para caminhar ao lado de Cain.

“O senhor gosta tanto assim de mim?” Perguntei em um tom baixo, mas que definitivamente foi ouvido. “O senhor quer passar horas lá embaixo comigo, me observando empilhar prateleiras em todos os cantos escuros e esquecidos daquela grande e velha biblioteca?”

“Claro que não,” retrucou Cain, com os olhos ardendo em advertência, mas também havia um certo calor neles. “Só se certifique de manter o trabalho em dia e não teremos problemas.”

“Juro por Deus,” xinguei seriamente, aproximando-me dele o suficiente para roçar meu braço no dele.

Roary me observava com o canto dos olhos enquanto caminhávamos, e Cain rosnou mais um aviso para eu recuar. Mas eu simplesmente não era do tipo que aceitava um não como resposta, então, quando passamos pela porta para sair do complexo e Cain fez menção de me seguir, parei tão abruptamente que ele esbarrou em mim e, com a mão atrás das costas, acariciei seu pau por cima da calça.

Um grunhido de surpresa escapou dele, mas eu já estava indo

embora, caminhando ao lado de Roary e sorrindo por cima do ombro para meu agente penitenciário enquanto ele me encarava e ficava para trás.

Agora todos estavam indo para suas tarefas de trabalho ou de volta para suas celas, então Roary e eu fomos até a biblioteca, no final da multidão.

“O que você está aprontando com Cain?” Ele murmurou, quando tivemos certeza de que o Vampiro em questão havia escolhido não nos seguir.

“Eu?” Perguntei inocentemente, fingindo choque. “O que te faz pensar que tem alguma coisa acontecendo?”

“Porque eu te conheço, Rosa, e sempre tem alguma coisa acontecendo.”

Ri levemente, ignorando-o enquanto me perguntava o que ele pensaria se eu contasse que o Cain tinha me comido num chuveiro cheio de cadáveres na noite passada e que eu tinha adorado cada segundo quase tanto quanto odiado. Mas, como estávamos prestes a ficar presos com o Gustard pela próxima hora, parecia uma má ideia contar esses detalhes a ele naquele momento. Eu precisava tentar controlar a situação antes que saísse do controle.

Quando entramos na sala, sem surpresa, Gustard estava me esperando com uma cara de espanto.

“Onde está Christopher?” Ele perguntou, com os olhos brilhando de raiva e acusação. Tinha sido divertido evitá-lo a manhã toda, mas eu sabia que isso ia acontecer.

“Quem?” Perguntei docemente, lembrando-me de como o

sangue daquele filho da puta havia manchado as paredes.

“Você sabe quem é. Christopher. E o resto do meu pessoal. Você os viu na academia ontem à noite e agora correm boatos de que todos eles foram mortos e...”

“Merda, isso parece ruim,” eu disse, arregalando os olhos e entrelaçando minha mão na de Roary. “Mas não entendi o que você quis dizer sobre eu tê-los visto ontem à noite. Eu mal estava na academia.”

“Besteira,” sibilou Gustard. “Eu conheço sua rotina minuto a minuto.”

“Conhece?” Perguntei curiosamente, mas isso não me surpreendeu nem um pouco.

“Bem, ontem à noite ela não seguiu a rotina porque estava comigo,” disse Roary em um tom entediado, cobrindo minha bunda com a mesma facilidade com que respirava.

“Você espera que eu acredite nisso?” Gustard zombou.

“Eu também estava lá,” interveio Sin, saltando de uma prateleira acima de nós e fazendo todo mundo pular. “Estávamos perto da gaiola do Beloriano, fazendo um bom e velho churrasco no espeto. Vai me chamar de mentiroso também?”

Gustard fez uma careta, parecendo seriamente incrédulo, e Roary lançou um olhar meio enojado, meio grato, para Sin.

“História real,” disse Sin casualmente, cruzando os braços enquanto se recostava em uma estante. “Eu estava contando ao Roary como nossa garota consegue fazer garganta profunda como ninguém que eu já conheci, e ele não conseguia acreditar que ela conseguiria levar meu pau monstruoso até a base.”

“Ele tem razão,” concordei com um sorrisinho presunçoso enquanto me cumprimentava mentalmente. “Sou uma loba da lua, então...”

“O que ser uma loba da lua tem a ver com isso?” Roary perguntou confuso, desviando-se do assunto da história.

“Ah, qual é, você nunca foi até o amanhecer no eclipse lunar?” Sin perguntou com um sorriso malicioso que dizia que ele definitivamente tinha ido e não acreditava nem por um segundo que Roary não tivesse ido.

“A lua é super excitante, Roar. E eu nasci com Vênus no meu mapa, então...”

“Certo.”

“É por isso que somos tão bons juntos, garota selvagem. Ambos nascemos com uma afinidade natural para transar como animais,” ronronou Sin.

Gustard deu um passo à frente de repente, seus olhos escuros fixos nos meus como se quisesse poder ficar com um olho só e arrancar a verdade da minha cabeça como um Ciclope. *Lembrete: garantir que esse filho da mãe fique bem longe de mim no Pátio da Ordem.*

“Não sei como você fez isso,” sibilou ele. “Mas vou fazê-la pagar pelo sangue que derramou ontem à noite. Christopher era meu amigo há...”

“Escute aqui, *stronzo*,” rosnei, deixando de lado qualquer indício de que eu estava vagamente achando graça naquele momento, porque já era hora dele esclarecer algumas coisas sobre mim. “Não sou uma cachorrinha para você empurrar e ameaçar.

Não sou alguém que você possa intimidar ou chantagear para se submeter. Sou uma verdadeira Alfa que conquistou meu lugar no topo da hierarquia com sangue, suor e lágrimas. Então é melhor você entender algumas coisas. Seu pequeno cristal de memória lhe trouxe uma coisa comigo, e apenas uma. Uma passagem para fora deste lugar. Não há carona grátis para seus amiguinhos *stronzos*. Não há privilégios especiais para você, você não é o chefe, você não está me assustando. Este plano não funciona sem mim. Você pode saber tudo o que preciso fazer para nos tirar daqui, mas não pode fazer com que Jerome faça a parte dele por você, e se você acha por um segundo que poderia convencer o Dragão da Tempestade, Rei do Clã Oscura, a aparecer sem mim ali, em pé, na frente e no centro, além destas paredes, então você está querendo ser assado com um raio. Então, cansei de ouvir suas besteiras. Cansei de deixar você pensar que pode me esfaquear ou mandar seu grupinho de lacaios irracionais sempre que achar que pode me pegar sozinha. Prometi tirá-lo daqui e é isso. Então, o acordo é o seguinte. Cale a boca e faça a sua parte. Da próxima vez que você ou um dos seus vierem atrás de mim, declararei guerra à sua gangue. E tenho quase certeza de que Ethan e Roary vão se juntar a mim também. Quanto tempo você acha que os Watchers sobreviverão se os Oscuras, a Irmandade Lunar e os Shadow vierem atrás deles de uma vez? E quando cada um do seu povo estiver morto aos seus pés, quão durão você acha que será? Você virá para cima de mim, Fae contra Fae? Ou vai se deitar no canto como a vadiazinha que você é?”

Gustard parecia prestes a surtar, mas eu simplesmente lhe dei as costas e fui embora. Eu já tinha parado de bancar a boazinha. Eu não caí por acaso na minha posição de líder do

bando e não ia deixar essa merda continuar nem mais um segundo. Sem dúvida, ele estaria tramando minha ruína com a mesma certeza que eu tramava a dele agora. Mas ele podia fantasiar sobre me amarrar a uma mesa e me torturar como meu pai fazia. No fim das contas, seria ele quem acabaria sangrando aos meus pés.

Atravessei a biblioteca em direção ao fundo da sala, onde Sonny, Brett e Esme estavam ocupados pintando paredes e repondo prateleiras. Olhei em volta para o trabalho que tínhamos concluído até então e mordi o lábio inferior enquanto repassava as últimas coisas que precisávamos para executar este plano.

“Quem está no túnel com o Plunger?” Perguntei, mas como Ethan era o único de nós que estava desaparecido, era bem óbvio.

“Seu garoto me disse para descansar hoje, gatinha,” ronronou Sin, aproximando-se de mim e me abraçando pela cintura. “Ele está começando a gostar de lugares apertados e escuros, se é que você me entende.”

Mordi o lábio para conter a risada. Quando Sin me contou sobre ter enganado Ethan fazendo-o pensar que era eu no chuveiro, juro que ri o dia inteiro... depois de dar um soco nele por esfaquear meu companheiro e me fazer sentir a dor dos ferimentos, era claro. Até acordei no meio da noite rindo disso. Aliás, gosto bastante da ideia de ver como eu ficava com um pau, aposto que conseguiria fazer funcionar.

“Você é um babaca,” repreendi, dando um tapa no braço dele para que ele me soltasse enquanto Roary estreitava os olhos para nós. “Ajude a mover algumas caixas enquanto eu desço e vejo como está tudo. Precisamos ir mais rápido agora e quero ter

certeza de que o Plunger não está relaxando."

"Tudo bem," disse Sin, suspirando dramaticamente ao me soltar. "Mas quero que você seja bem mandona comigo da próxima vez que estivermos sozinhos. Acho que eu adoraria ser dominado por você, garota selvagem."

Eu ri, me afastando dele e indo em direção à estante no fundo da sala, que escondia o túnel. Assim que me esgueirei para trás dela, Roary pegou minha mão e me puxou de volta para que eu pudesse encará-lo.

"Diga que isso foi só besteira para o benefício do Gustard," ele disse em voz baixa, olhando nos meus olhos como se realmente esperasse que fosse.

"Que parte?" Perguntei.

"A parte sobre você e Sin."

"A minha falta de reflexo de vômito? Não, *stronzo*, eu não mentiria sobre isso. Tem coisas que são sagradas demais para se falar besteira. Por que você se importa, afinal?"

"Eu pensei que você fosse acasalada com o Ethan?" Ele rosnou, apertando meu pulso com mais força e suspirei.

"E daí? Ele não é meu dono. Ele nem me quer. Por que isso significa que sou fiel a ele? Além disso, Lobos são poliamorosos, então não é tão difícil de entender."

"Os Lobos são poliamorosos até encontrarem seu verdadeiro companheiro," protestou Roary.

"Sim, bom, eu sou uma loba da lua, o que significa que as mesmas regras não se aplicam a mim. Então talvez eu planeje formar uma matilha de companheiros. Leões fazem a mesma

coisa, então por que isso seria tão chocante para você?”

“Não é,” disse ele lentamente, soltando meu braço e parecendo menos irritado, embora eu não soubesse o que poderia ter dito para justificar isso. Mas eu não ia olhar os dentes de um Pegasus de presente, então aceitei a vitória e desci para o túnel.

Respirei fundo o solo úmido que me cercava enquanto me movia para a escuridão e apoiava as mãos nas paredes de cada lado. Havia algo de calmante em estar entre a terra e as pedras ali embaixo. Algo que chamava aquela parte mais profunda da minha alma, onde meu elemento estava conectado a mim. A terra era minha amiga, meu signo de Touro estava ligado aos caminhos sólidos e inabaláveis do Elemento, mas eu também estava sempre disposta a crescer e mudar. Meu signo podia ter me tornado teimosa, possessiva e intransigente, mas também me tornou paciente, prática e dedicada às coisas com as quais eu me importava, e era por isso que eu tinha tanta certeza de que esse plano daria certo no final.

Não demorou muito para que a luz fraca da biblioteca fosse roubada e eu mergulhasse na escuridão completa e absoluta, com nada além do som da minha respiração e passos preenchendo o espaço frio ao meu redor. Se eu realmente pensasse no peso de toda a terra acima de nós, acho que deveria estar surtando, mas eu já tinha feito mais do que a minha cota de túneis subterrâneos com minha magia, então não era tão incomum para mim. Embora, como eu não podia usar minha magia no momento, talvez devesse ter sido, porque se o túnel desabasse na minha cabeça, não haveria nada que eu pudesse fazer para me salvar. Nossa, eu realmente queria que não tivéssemos perdido nossa maldita chave de algema e que todas as malditas algemas não

tivessem sido trocadas.

Enquanto descia os quatro andares em direção ao nível de manutenção, o som da escavação do Plunger me alcançou e acelerei o passo. O túnel era íngreme e minhas botas escorregavam um pouco na terra, mas consegui me manter de pé enquanto me aproximava.

“Como vão as coisas?” Perguntei quando tive certeza de que estava bem perto deles e, ao dobrar uma esquina, o brilho vermelho do nariz de Plunger preencheu o espaço e eu mal conseguia distinguir sua silhueta à minha frente.

“Tem uma parede bem na minha frente,” respondeu Plunger, com a voz estranha e nasalada por causa daquela situação horrível de nariz de estrela. “Posso usar um estrondo ultrassônico para soltar a argamassa, mas você provavelmente vai querer se afastar um pouco e tapar os ouvidos, querida. Vai ser um estrondo enorme que vai penetrar em tudo... esse é o meu método.”

Uma mão encontrou a minha no escuro e meu coração disparou quando o cheiro de Ethan me envolveu e sua outra mão se enrolou em minha cintura. Um som profundo e canino escapou de seus lábios e ele se aninhou em mim em cumprimento, um leve arranhão de barba por fazer em seu maxilar arranhando meu pescoço enquanto ele enterrava o rosto em mim. Não pude deixar de ceder aos meus instintos e o acariciei de volta, minha mão deslizando por suas costas e se enfiando em seus cabelos enquanto o puxava para mais perto.

“Senti sua falta, amor,” ele sussurrou tão baixo que eu só consegui ouvi-lo porque sua boca estava roçando minha orelha.

Ele começou a me levar para trás, para longe de Plunger, e eu o deixei me mover enquanto o puxava para mais perto, a dor no meu peito diminuindo enquanto eu cedia à atração entre nós e deixava o vínculo de companheiro ter o que tanto desejava.

“Eu estava sonhando com você,” murmurei quando viramos uma esquina e Ethan rosnou de forma possessiva e satisfeita enquanto entrelaçava seus dedos nos meus e apertava minha mão com força.

“Que tipo de sonhos?” Ele perguntou, movendo sua boca para depositar beijos ao longo do meu pescoço e causando arrepios na minha pele.

“Do tipo em que você se levanta e diz ao mundo inteiro que é meu,” respondi ofegante.

Ethan rosnou de frustração, afastando-se um pouco até que eu pudesse sentir o roçar dos seus lábios nos meus.

Um ruído agudo começou a surgir ao nosso redor e eu tampei os ouvidos enquanto Ethan fazia a mesma coisa meio segundo antes do estrondo ultrassônico de Plunger destruir a parede.

A adrenalina correu por mim e meu coração disparou de excitação. Era isso. O plano estava se concretizando e sairíamos dali muito em breve.

Ethan me beijou e eu o deixei me envolver na excitação do que estávamos fazendo, sua língua deslizando entre meus lábios da maneira mais deliciosa enquanto ele dominava os movimentos de nossas bocas juntas, e eu o deixei porque era bom demais para protestar. Havia tantas palavras não ditas naquele beijo, saudade, promessas, sofrimento e tristeza, e eu não sabia se doía ou se preenchia um vazio em mim que eu ansiava desesperadamente

por ver preenchido novamente.

“Deixe-me te seguir quando você correr, Rosalie,” murmurou Ethan, fazendo meu coração bater como as asas de um beija-flor. “Vamos sair daqui e descobrir como fazer isso funcionar. Não consigo continuar sem você. Está destruindo meu coração.”

“Você me seguiria de volta para minha família?” Questionei, desejando poder vê-lo para avaliar algo pela sua expressão.

Ethan hesitou por um longo momento e eu sabia que ele não queria isso.

“Acho que eu te seguiria até a lua agora,” ele suspirou.

Aproximei-me na ponta dos pés para saborear seus lábios mais uma vez, depois me afastei e corri pelo túnel para encontrar Plunger novamente. Eu não sabia o que fazer com as declarações de Ethan. Ele sempre parecia achar muito mais fácil fazê-las no escuro, onde ninguém podia nos ver. Mas o que realmente aconteceria quando estivéssemos sob a luz do sol novamente?

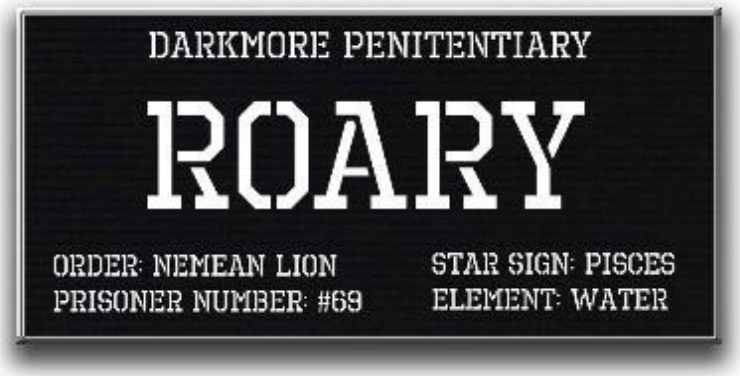
“Os tijolos estão tão frouxos quanto a tanga de um duende,” anunciou Plunger orgulhosamente, e o som de pedra rangendo seguiu um momento antes que ele puxasse um dos grandes tijolos para fora da parede e a fraca iluminação vermelha do nível de manutenção se espalhasse para iluminar a escuridão.

Mantive meu olhar firmemente longe da pele solta e dobrada do cara nu ao meu lado e olhei para fora com o coração batendo forte e um grande sorriso no rosto.

Eu conseguia distinguir a bomba à esquerda do buraco que tínhamos feito e, com as instruções que Dante tinha me enviado, junto com os ingredientes que Sin e Ethan tinham conseguido, eu

tinha tudo o que precisava para contaminar o tanque e neutralizar o Supressor de Ordem para o motim quando chegasse a hora de agirmos.

Aquilo estava mesmo acontecendo. Em poucos dias, faríamos as malas e sairíamos da Penitenciária Darkmore para sempre, e eu, por exemplo, nunca mais olharia para trás.



Fizemos um progresso significativo na biblioteca esta semana. Plunger estava trabalhando no túnel para a superfície, avançando metro após metro, e o humor de todos estava nas alturas à medida que nos aproximávamos do dia da fuga.

Eu estava pintando a parede perto do buraco onde Plunger estava cavando. Uma estante de livros a bloqueava, mas eu ainda sentia uma onda de adrenalina toda vez que estávamos ali. Eu estava animado. Extasiado pra caralho. Eu queria tanto sair de Darkmore e, desde que Rosa tinha aparecido aqui, eu sentia como se tivesse ganhado uma nova vida. Eu não estava mais sozinho. E agora eu tinha um futuro de verdade me esperando além daquele túnel. Eu só sabia que havia algumas pontas soltas para amarrar. Principalmente quando se tratava de Gustard. Tínhamos que lidar com ele. Não havia como sairmos dali e soltar aquele maldito assassino em série pelo mundo. Eu não podia deixar isso acontecer. E eu e Rosa tínhamos discutido maneiras de lidar com ele até tarde da noite. Se conseguíssemos garantir que ele não fosse embora conosco, seria ainda melhor. Porque a opção mais arriscada era ter que lidar com ele durante a fuga. E embora eu não quisesse molhar minhas mãos em sangue novamente, eu

faria isso para livrar o mundo de Gustard e para garantir que ele pagasse por tudo que fez com Rosa também.

De qualquer forma, ele não sairia dali. Mas um psicopata inteligente como ele não podia ser subestimado. Havia um motivo para ele ter um número tão alto de corpos além daqueles muros, e esse motivo era seu planejamento meticuloso. Eu não ficaria surpreso se houvesse muito mais corpos no subsolo do que aqueles pelos quais ele havia sido condenado, sem nunca serem descobertos.

Ethan rastejou para fora do túnel, esticando as costas e encontrando meu olhar. O túnel se alargava mais para dentro, permitindo que pudéssemos sair dali a pé, mas agora tínhamos um limite de tempo. Plunger estava focado em cavar o máximo que pudesse antes da noite em que escapássemos, para que não ficasse tão largo quanto mais adentrássemos. Ele ainda teria que cavar algumas centenas de metros até a superfície quando corrêssemos, mas teria feito a maior parte do trabalho. Seus dons da Ordem o ajudariam a evitar os detectores no solo para que pudéssemos simplesmente navegar até o mundo livre. Agora que o túnel estava em manutenção, ele estava se esforçando ao máximo para chegar o mais longe possível antes da hora do show.

“Quer trocar de lugar por um tempo?” Perguntou Ethan com uma careta. “Não aguento mais olhar para o cu peludo daquele cara. Ele precisa mesmo ficar pelado enquanto trabalha lá embaixo?”

Torci o nariz e balancei a cabeça. “Talvez devêssemos colocar uma cueca boxer nele. Vi um grampeador perto da recepção. Podemos garantir que ela fique no lugar.”

Ethan deu uma risadinha sombria e eu me vi sorrindo um pouco. Não que eu gostasse do cara nem nada. Mas, para esconder o saco do Plunger, eu estava disposto a me juntar a ele.

“Eu vou.” Rosa apareceu na esquina, prendendo o cabelo num coque para não atrapalhar. “Vocês dois podem terminar de pintar esta parede juntos.” Ela sorriu docemente, pegando um pincel e colocando-o na mão de Ethan antes de desaparecer no túnel.

Nossos olhos observaram sua bunda redonda desaparecer no túnel e eu me amaldiçoei internamente por nunca conseguir parar de olhar.

Ethan me lançou um olhar de soslaio como se não tivesse planejado ficar perto de mim, mas agora que ela tinha colocado um pincel em sua mão, ele teria que admitir que não queria ficar perto de mim se quisesse ir embora. Eu com certeza também não queria ficar perto dele, mas não ia parar o que estava fazendo. E eu tinha a sensação de que Ethan não ia admitir que minha companhia o incomodava o suficiente para fazê-lo ir embora.

Passei o rolo pela parede e Ethan suspirou, ajoelhando-se sobre o revestimento no chão e começando a pintar nos rodapés. Não importava se nossos macacões respingassem, eles nos davam novos quando voltávamos para as celas. E não fazia muito sentido nos darem roupas de operário, porque era basicamente o que estávamos vestindo desde o começo.

O silêncio se estendeu entre mim e Ethan por tanto tempo que se tornou ensurdecedor. Eu sabia que ele significava algo para Rosa, mesmo que ela nunca admitisse. A companheira do meu irmão era o mundo dele, a atração que ele sentia por ela era incomparável a qualquer outra força na Terra. Então, se Rosa

estava sofrendo como eu suspeitava por causa de Ethan, então ele devia estar no mesmo barco.

“Então... qual é o seu plano quando sair daqui?” Perguntei, decidindo me esforçar pelo bem da Rosa. Não que eu tivesse certeza do porquê de querer fazer exatamente isso, principalmente porque ela nem admitia que gostava dele. Mas eu tinha dito a mim mesmo que queria o melhor para Rosa. Um companheiro que se importasse com ela e a protegesse. Então, se ela estava presa a esse cara, talvez fosse melhor eu descobrir se ele era digno do lugar que a lua lhe havia dado.

Eu vinha de uma família de Leões e fui cercado pela influência das minhas três mães e do meu pai durante toda a minha vida. Eu conhecia o poder dos laços de companheiro. E era mais profundo do que apenas um ser celestial forçando-os a ficarem juntos. Em algum nível, eles foram feitos um para o outro. E por mais que eu não gostasse, eu tinha muito mais consciência do que Rosa de que Ethan não iria a lugar nenhum. Ela podia pensar que seus dons lunares poderiam quebrar o vínculo entre eles, mas eu discordava.

Apesar disso, passei muito mais tempo do que gostaria de confessar invejando Ethan por seu vínculo com Rosa. Eu ainda estava furioso com ele por não ser Fae o suficiente para reivindicá-la de uma vez. Não que eu quisesse que a atenção dela fosse roubada por outro homem ou algo assim. Mas ela mesma disse que não era como os outros Lobos Alfa. Ela não queria um único companheiro. *Ótimo, então ela pode acasalar com um monte de outros Fae e você pode ser seu “amigo” solidário, cujas bolas ficam tão azuis que caem.*

“Vou para casa ficar com as minhas irmãs,” disse Ethan. “Todas elas tiveram filhotes que eu nunca conheci, e a maioria delas tem homens casados que eu nunca examinei.”

Soltei um suspiro de satisfação e então me concentrei na única coisa que tínhamos em comum. “Eu também não conheci meus sobrinhos. E da última vez que vi meu irmão, ele estava torcendo para que a esposa estivesse grávida de novo. Se eles tiverem outro antes de eu sair daqui, vou surtar.”

Ethan olhou para mim do chão com a testa franzida. “É uma merda, né?”

“É,” murmurei. “Mas acho que os veremos em breve.”

Ele sorriu, com esperança brilhando nos olhos. “Eu nunca fui feito para ir para a prisão,” suspirou. “Mas eu faria qualquer coisa pela minha família.”

“O que você fez?” Perguntei despreocupadamente, mas eu sabia o peso daquela pergunta ali. A maioria das pessoas não compartilhava seus crimes, a menos que os usasse para assustar os outros, fosse notícia de primeira ou você fosse simplesmente burro.

“Eu não fiz nada,” ele admitiu, me surpreendendo. “Eu acobertei alguém que amo.”

Minhas sobrancelhas se arquearam diante disso e, embora meu instinto me levasse a dizer que era mentira, eu conseguia ver a verdade em seus olhos e não havia motivo para ele mentir. Virei-me para encarar a parede enquanto a pintava.

“Estou aqui por causa de alguém que eu também amo,” eu disse a ele, e quando a palavra *amor* escapou, eu odiei a forma

como meu coração batia descontroladamente. Porque eu queria dizer isso como família, mas eu sentia como algo muito diferente disso. Se eu pensava em Rosa como família, então aparentemente isso significava que eu queria transar com meu irmãozinho e meus pais também. Mas era claro, eu estava apenas mentindo para mim mesmo, como sempre. Rosa era família, mas não como os meus parentes. Ela era o tipo de família que eu queria fazer gemer meu nome enquanto beijava cada centímetro da sua carne. O tipo em quem eu queria me perder todas as noites, construir uma vida, um lar. Eu nunca, jamais queria perdê-la agora que a tinha de volta. Mas ela também era o tipo de família que eu nunca poderia tocar porque eu era apenas um Leão decadente que costumava ser alguém e agora não era ninguém, e eu não tinha absolutamente nada para oferecer a ela. Então, sim, qualquer que fosse o tipo de família distorcida que fosse, ela era.

"Eu ouvi a sua história," disse Ethan com um sorriso irônico na voz. "Todo mundo em Solaria ouviu, porra."

"Bem, você não rouba um Alto Conselheiro sem que o mundo inteiro saiba, eu acho," eu disse, com um sorriso nos lábios. Eu ainda não me arrependia do roubo em si. Tecnicamente, eu ainda tinha conseguido. Só que meu irmão tinha escapado com a mercadoria e eu tinha sido pego. Rosa estava conosco, o que foi uma ideia estúpida, pensando bem. Mas precisávamos de alguém pequeno que pudesse entrar em uma abertura e passar por um feitiço de detecção mágica. Como sua magia não estava Desperta na época, ela era a pessoa perfeita para o trabalho. Foi só quando estávamos tentando fugir que tudo virou um inferno. Eu poderia ter escapado. Mas Rosa estava em apuros e eu não a teria abandonado por nenhum prêmio roubado em Solaria. Ela era

mais valiosa do que qualquer coisa que eu já tivesse roubado. E ela sempre seria.

“Por que você fez isso?” Perguntou Ethan, curioso. “Só pela emoção? Ou você estava atrás de algo específico?”

Dei de ombros, sem lhe dar essa resposta. Havia um motivo para termos escolhido Lionel Acrux, mas não era meu segredo para contar.

“Vamos lá, cara, eu sei que a imprensa distorceu a história dizendo que todos os pertences do Lionel foram devolvidos a ele. Mas seu irmão também deve ter participado desse trabalho, quem mais poderia ter pegado o dinheiro quando você foi pego? Você não está me dizendo que o Leon Night não embolsou alguma coisa?” Zombou Ethan.

Olhei para ele com um sorriso malicioso nos lábios. “É, não vou dizer isso. Mas também não vou te contar o que ele pegou.” Pisquei e ele franziu a testa. Mas antes que pudesse me pressionar para mais detalhes, o som de Gustard assobiando estridente me alcançou. Meu coração disparou ao sinal de um guarda se aproximando, e não tivemos tempo de nos preparar quando a porta da biblioteca se abriu com estrondo e um vento varreu a sala, devido à velocidade com que viajavam, o que me indicou que um Vampiro tinha acabado de chegar. *Merda.*

“Contagem!” A voz de Cain ecoou por toda a biblioteca e meu sangue congelou.

Larguei o rolo de pintura, mergulhei em direção ao buraco e enfiei a cabeça nele, procurando por Rosa, mas sem ousar chamá-la, caso Cain me ouvisse e viesse correndo para cá. Ela não estava lá. Nem por perto. O túnel estava fundo agora e não

havia chance de tirá-la de lá rápido o suficiente.

Troquei um olhar com Ethan, que uivou de repente, inclinando a cabeça para trás para que Rosa ouvisse, então agarrou a estante e eu corri para levantar a outra extremidade. Nós a colocamos no lugar, cobrindo o buraco, e um segundo depois, Cain apareceu de repente, parando bem na nossa frente.

“Que porra vocês estão fazendo? Eu disse, contagem de pessoas. Vão para a frente da biblioteca *agora*,” ele disparou, e meu coração disparou quando assenti e passamos por ele pelo corredor. Não resisti a olhar para trás e vi o intrometido inspecionando o que estávamos fazendo. Troquei um olhar ansioso com Ethan enquanto dobrávamos a esquina, indo nos juntar a todos perto das portas da frente.

Sin franziu a testa ao ver minha expressão enquanto nos aproximávamos e se aproximou de mim, inclinando-se e respirando em meu ouvido para que suas palavras não fossem captadas por Cain. “Onde ela está?”

“No túnel,” eu disse sem emitir som, e seus olhos se arregalaram quando ele deu um passo para trás, com um brilho de medo neles.

Todos os outros pareceram entender e uma onda de ansiedade percorreu o grupo enquanto esperávamos a lâmina do destino cair sobre nossas cabeças. Cain disparou de volta para a nossa frente, olhando de um rosto para o outro com uma carranca estampada na testa.

“Onde estão Doze e Vinte e Quatro?” Ele rosnou perigosamente.

“Eles estavam trabalhando conosco no canto mais distante,”

disse Sonny imediatamente, apontando para o lado oposto da biblioteca onde ficava o buraco.

“Não, cão estava comigo. Mas talvez tenha sido um pouco antes dela se juntar a você. Ou talvez tenha sido depois...” Pudding apontou para outro canto da sala, longe do túnel, e a carranca de Cain se aprofundou.

“Plunger também estava empilhando livros daquele lado,” disse Claud, concordando.

“Doze! Vinte e quatro!” Berrou Cain. “Venham aqui, agora! Vocês têm cinco segundos. Cinco, quatro, três...”

“Lá é muito abafado, as vozes não chegam a ser ouvidas,” Sin o interrompeu e todos concordaram com a cabeça.

“Não carrega nada,” disse Gustard.

“Talvez haja um feitiço de abafamento naquela área da biblioteca,” disse Pudding, pensativo.

“Não existe tal coisa,” sibilou Cain, olhando feio para todos nós, mas então disparou em direção ao canto mais distante.

Eu estava correndo antes que pudesse me conter, e Ethan estava ao meu lado enquanto corríamos de volta para onde tínhamos parado antes. Sin começou a cantar Sex Bomb, de Tom Jones, a plenos pulmões, abafando o barulho dos nossos passos enquanto corríamos em direção à estante.

Acenei para Ethan enquanto pegava uma ponta e ele pegava a outra, e nós a balançamos uns quinze centímetros para fora. Rosalie e um Plunger completamente nu saíram de dentro dela, e rapidamente a colocamos de volta no lugar. O canto de Sin ficou ainda mais alto e os outros começaram a provocá-lo, mandando-o

calar a boca, de modo que suas vozes encheram a biblioteca inteira.

Plunger pegou um pincel, espalhando um pouco sobre a pele nua, abandonando o macacão dobrado ao lado da estante enquanto corríamos de volta para a porta da frente. Agarrei a mão de Rosa na minha, apertando com firmeza, e ela apertou a minha de volta antes que eu a soltasse novamente. Dobramos a esquina e paramos no momento em que Cain disparou de volta para a nossa frente, e suas sobrancelhas se franziram ainda mais ao avistar Rosa e Plunger parados atrás de mim e Ethan.

“Cala a boca, Oitenta e Oito!” Gritou Cain para Sin, que ficou quieto, sorrindo maliciosamente.

Cain abriu caminho no meio do grupo, seus olhos percorrendo Rosa antes de se voltarem para a pele nua e peluda de Plunger.

“Por que diabos você está nu?” Ele perguntou.

“É assim que expresso minha criativi-dade interior,” disse ele inocentemente. “Preciso estar livre de roupas quando pinto, é o meu jeito, senhor.”

Cain fez uma careta e olhou para Rosa enquanto o medo me percorria. Se ele descobrisse que algo estava acontecendo, estaríamos ferrados.

“O que você estava fazendo? Esse pessoal disse que você estava ali,” ele rosnou, apontando para a parte da biblioteca que acabara de revistar.

Rosa piscou. “Fui ver como o Plunger estava. Ele está atrapalhando o nosso trabalho tentando usar o pau dele como pincel.”

Plunger deu de ombros como se aquilo não fosse um comportamento incomum. “É o jeito da minha criativi-dade.”

“É criatividade,” rosnou Cain, irritado, enquanto olhava de um para o outro e se virava para encarar o resto de nós. “Vocês tiveram bastante tempo para terminar este trabalho. Por que está demorando tanto?”

Rosa correu e segurou o braço dele, lançando-lhe um olhar sério. “Posso falar com você? Eu e o Roary precisamos te contar uma coisa.” Ela me olhou e eu franzi a testa, mas rapidamente controlei minhas feições quando Cain olhou em minha direção e assenti, combinando com a expressão dela.

Um músculo se contraiu no maxilar de Cain enquanto ele refletia sobre isso e finalmente assentiu, o que me fez sentir aliviado, mesmo sem ter ideia do que ela havia planejado. Rosa seguiu em direção às estantes e eu também, com Cain a reboque, até ficarmos fora do alcance dos outros.

“O que foi, Ro... Doze?” Ele se corrigiu de última hora, e arqueei uma sobrancelha. Ele me lançou um olhar que dizia que arrancaria minha língua se eu mencionasse.

“É o Plunger,” ela sussurrou, franzindo a testa comigo. “Ele trabalha com calma e tem seus próprios métodos estranhos... com os quais a maioria das pessoas aqui não se sente confortável. Então, eu e Roary concordamos em ficar de olho nele, e em alguns outros também. Não o deixamos trabalhar sozinho, e quando você chegou aqui, eu estava discutindo com ele sobre ele trabalhar nu, então não ouvi você de imediato.” Ela deu de ombros inocentemente e eu pude ver que, tecnicamente, tudo o que ela dissera provavelmente era verdade.

Assenti para reforçar a história dela. “Basicamente, nos revezamos para garantir que ele esteja pelo menos usando as ferramentas e não o pau para pintar as paredes.”

Cain torceu o nariz um pouco e finalmente assentiu. “Bem, se ele não é adequado para este trabalho...”

“Ele é surpreendentemente bom quando controlado,” disse Rosa rapidamente, dando-lhe um sorriso de lado. “Acho que terminaremos o trabalho até o final da semana, contanto que ele esteja se esforçando.”

Meu pulso pulsava forte nos ouvidos enquanto eu concordava com a cabeça. Até o final desta semana, teríamos terminado o trabalho sem problemas. E, com sorte, deitados em alguma praia com sorrisos presunçosos no rosto enquanto o mundo falava sobre os condenados que conseguiram fazer o impossível. Eu estava bem animado para colocar meu nome no mapa novamente. O que meu pai pensaria se eu conseguisse isso?

“Tudo bem, mas se isso durar mais de uma semana, vocês estão acabados. Vou mandá-los serem realocados e trazer uma nova equipe para cá,” disse Cain com firmeza, e nós concordamos.

Ele disparou de volta para os outros e eu o ouvi gritando com Plunger sobre usar roupas enquanto Rosa se jogava em mim, me abraçando forte. O doce aroma dela tinha um cheiro melhor do que a liberdade jamais poderia ter, e eu a abracei forte enquanto a porta batia e Cain saía.

“Só mais alguns dias, Rosa,” ronronei em seu ouvido e ela estremeceu em meus braços. Eu não sabia se era por minha causa ou pelo que eu tinha dito, mas o babaca dentro de mim esperava que fosse a primeira opção.

“Estou pronta, Roar,” disse ela, animada, afastando-se e olhando para mim com o mundo inteiro me encarando. “Está quase na hora de cumprir a promessa que te fiz.”



Tudo estava se encaixando e eu começava a sentir como se houvesse um fio desencapado constantemente faiscando sob minha pele. Eu era uma bola vibrante de energia, ansiando por uma saída e pronta para explodir.

Voltamos para perto dos outros e, quando tive certeza de que Cain já tinha ido embora, fiz sinal para que todos se aproximassem, subi em uma das mesas e sentei lá com as pernas cruzadas.

“Escutem!” Gritei, meu olhar percorrendo cada membro daquela equipe nada convencional enquanto procurava por qualquer sinal de elos fracos. “Plunger está terminando o túnel na superfície e precisamos estar prontos para agir assim que terminar. O plano é simples. Em dois dias, uma rebelião vai acontecer novamente na hora do jantar, e eu vou dosar o tanque de Supressor de Ordem no nível da manutenção com os ingredientes necessários para transformar o gás que sai das aberturas da prisão principal em um antídoto. Então, todos aqui em cima só precisam respirar fundo algumas vezes pelas aberturas e poderão se transformar à vontade. Isso deve ser mais do que suficiente para causar uma carnificina e encobrir nossa

fuga. Supondo que continuem como fizeram da última vez, teremos uma hora entre o início da rebelião e a libertação do Beloriano."

"O pobre bichinho deve estar ansioso para correr livre outra vez," interrompeu Sin, piscando para mim, e parei, estreitando os olhos para ele.

"Para deixar claro, não queremos que o Beloriano fique solto o máximo de tempo possível."

"Ouvi você alto e claro, garota selvagem," disse Sin, me dando outra piscadela e eu rosnei, ficando de pé e caminhando em sua direção enquanto todos os outros assistiam com diferentes níveis de confusão.

"Sin Wilder," eu disse em voz baixa e cautelosa, aproximando-me dele e pressionando um dedo em seu peito. "Repita comigo: não queremos que o Beloriano seja libertado."

"Não queremos que o Beloriano seja libertado," ronronou ele, agarrando meu pulso e levando meu dedo à boca antes de mordiscá-lo de brincadeira. "Entendi." Ele piscou novamente e eu me irritei.

"Se você soltar esse monstro enquanto estamos tentando escapar, eu vou te dar uma surra e te fazer pagar o triplo do preço que o Jerome está pagando para orquestrar tudo isso. E acredite, são muitas auras."

"Não ia querer isso," ele respondeu com uma risadinha e eu estreitei os olhos, esperando para ter certeza de que ele não piscaria de novo. *Incubus maluco.*

Em vez de piscar, Sin investiu contra mim, agarrou meu rosto

entre as mãos e me beijou com força na frente de todo o grupo.

Ethan soltou um rosnado furioso e eu me afastei um segundo antes dele colidir com Sin e os dois caírem no chão.

Ethan caiu em cima, montando no Incubus e dando socos furiosos com abandono enquanto Sin uivava de tanto rir abaixo dele.

“Está tudo bem, gatinho, tem bastante de mim para todos. Prometo enfiar algo na sua bunda de novo mais tarde,” disse Sin em voz alta antes de Ethan prender as mãos em volta do seu pescoço e começar a sufocá-lo.

“Pelo amor da lua,” rosnei enquanto Sin tentava falar com sua traqueia esmagada e Ethan parecia inclinado a realmente matá-lo.

Avancei e joguei meu peso no lado de Ethan, derrubando-o de Sin antes de pular em cima dele e rosnar para ele.

“Você tem algum problema para compartilhar com o grupo, *stronzo*?” Perguntei em voz alta, encarando-o enquanto ele mostrava os dentes, parecendo meio tentado a me atacar em seguida.

Sonny, Brett e Esme começaram a gritar e uivar de excitação ao me verem prendendo o líder da gangue Lunar no tapete, e seu olhar se voltou para eles quando ele pareceu perceber que estava prestes a revelar seu vínculo comigo na frente de todo o grupo.

Inclinei a cabeça enquanto o observava e praticamente conseguia ver as engrenagens da sua mente girando enquanto ele tentava decidir se o seu segredo valia mais do que o seu orgulho. Ele era um Lobo Alfa, ver outro Fae tocar na sua companheira

seria o suficiente para deixar qualquer Alfa em parafuso, todos os seus instintos provavelmente gritavam para ele me arrastar de volta para a sua caverna e me foder até eu esquecer que existia mais alguém, logo depois de matar o Sin, claro. E descobri que, na verdade, queria que ele seguisse esses instintos. Quer dizer, ele não ia matar o Sin, mas se ele se levantasse agora e dissesse a todos que eu era dele e ele era meu, eu tinha quase certeza de que concordaria com ele. E eu não gostava da dor no meu peito que dizia que eu queria tanto aquilo porque sabia que significava que ele tinha algum poder sobre mim. Ou pelo menos sobre a forma como eu me sentia.

"Esqueça," Ethan resmungou, se mexendo para sentar e me empurrando para trás.

Fiquei de pé, travando o maxilar e levando meio segundo para deixar a dor daquelas palavras me invadir, meus olhos ardendo por um breve segundo antes de eu dar um sorriso irônico no rosto e dar as costas para o *stronzo*.

"Alguém mais precisa desabafar?" Perguntei, no momento em que cruzei o olhar com Roary.

Seus olhos dourados estavam cheios de fúria e ele deu um passo em direção a Ethan, atacando-o tão rápido que eu mal vi o golpe vindo.

A cabeça de Ethan se moveu para o lado quando ele levou um forte soco no queixo e ele fez um movimento para atacar Roary em seguida, mas eu me coloquei entre eles.

"Chega!" Exigi no meu tom de Alfa, empurrando os dois para trás e rosnando para mim mesma enquanto esperava para ver se eles iriam obedecer ou não. "Posso acabar com isso facilmente, se

for preciso."

Por um segundo, pensei que uma briga ia começar com força total e Sin começou a entoar "briga, briga, briga" baixinho. Mas quando voltei meu olhar para Ethan, ele bufou, parecendo perceber que eu estava a cerca de três segundos de dizer a todos que estávamos acasalados, e ele se virou e foi embora, sua postura repleta de fúria.

"Não vá embora," gritei para ele. "Ainda não terminei de repassar o plano."

Ethan rosnou, mas parou de recuar e se virou para olhar para mim, a raiva enchendo seus olhos enquanto ele se encostava em uma estante e cruzava os braços.

"Certo," comecei, pulando de volta para sentar na mesa e agindo como se não tivesse havido nenhuma interrupção enquanto Sin se limpava e vinha para trás de mim. Ele começou a massagear meus ombros e foi meio gostoso, então eu permiti enquanto continuava. "Então, quando a rebelião começar, todos nós precisamos vir para cá. Mas não sejam tão óbvios e certifiquem-se de que os guardas não estejam observando vocês. Jerome vai hackear os sistemas da prisão e bloquear os alojamentos dos guardas. Isso significa que os guardas que não estão de plantão não poderão sair de lá para ajudar a acalmar a carnificina e deve significar que a rebelião vai durar ainda mais. Isso é bom, porque queremos ter o máximo de tempo possível antes que eles possam fazer a contagem. Quando isso acontecer, eles estarão atrás de nós, então precisamos ser rápidos. Chegamos aqui e seguimos Plunger pelo túnel que ele está cavando até a superfície."

“E se um de nós for detido pelos guardas?” Perguntou Brett e eu dei de ombros.

“Não é problema meu. Quem não aparecer vai ficar para trás. Os únicos que não sairemos sem somos eu, Sin e Roary.”

“O que torna vocês três tão especiais?” Gustard zombou e revirei os olhos para ele.

“Jerome não vai ajudar a trancar os guardas e bloquear as ligações para o FIB a menos que consigamos libertar Sin. Dante não vai derrubar a cerca a menos que me veja e Roary. E essa é a barreira final. A cerca externa é letal ao toque e se esconde no subsolo, cercando toda a prisão em uma cúpula. O único portão é bem guardado demais para tentarmos escapar por ele, então, em vez disso, temos um Dragão da Tempestade de prontidão para fritar a cerca.”

“E se ele não conseguir?” Gustard perguntou lentamente. “E se a gente for até a cerca e descobrir que ele não consegue derrubar?”

“Se você duvida do poder do meu primo, fique à vontade para ficar, *stronzo*,” ronronei. “Eu realmente não me importo se você duvidar.”

“O que faremos quando a cerca cair?” Perguntou Sonny, com os olhos brilhando de excitação.

“Transformem-se e corram,” eu disse com um sorriso. “Precisamos nos afastar uns dois quilômetros para que seja seguro para o Dante pousar, e ele estará nos esperando lá com poeira estelar. Ele nos levará para um local secundário e, nesse momento, desejarei tudo de bom a todos e desaparecerei de suas vidas para sempre.”

“Estaremos por conta própria?” Perguntou Esme, nervosa.

“É mais seguro assim,” eu disse em voz baixa. “Mas se você for para Alestria e encontrar os Oscura, tenho certeza de que um dia nos encontraremos. Mas, inicialmente, vou embora com meu primo, Sin e Roary.” Meu olhar se voltou para Ethan e sua testa se franziu, mas, sem surpresa, ele não protestou.

“Você vai nos dizer onde fica esse local secundário?” Perguntou Gustard, irritado. “Nem todos nós temos Ordens que podem se transformar em uma criatura capaz de correr longas distâncias.”

“Bom, isso não é problema meu,” respondi, dando de ombros. “Prometi te tirar daqui, não arrastar o caolho de volta para a casa da sua mãe. Tenho certeza de que você vai dar um jeito.”

Ele rosnou para mim, mas eu o ignorei. Eu não tinha a mínima intenção de levá-lo tão longe, de qualquer forma. E eu ia contar a todos os outros exatamente onde ficava o local secundário, em particular, para que pudessem combinar encontros. Pudding já tinha feito transmissores suficientes para que eles fizessem as ligações e acertassem os preparativos, sem chance dos guardas ouvirem.

“Certo, já perdemos tempo suficiente, então voltem ao trabalho,” ordenei, ficando de pé e fazendo Sin me soltar.

Observei Gustard se afastar para ficar de guarda perto da porta, como o preguiçoso bastardo que era, e Sin seguiu Plunger até o túnel enquanto o resto do grupo continuava com as reformas para nossa cobertura.

Ethan foi buscar algumas caixas de livros e eu corri atrás dele, pegando sua mão e puxando-o para longe de todos, para as

estantes. Tínhamos coisas para resolver e eu já estava farta de brincar de esperar com seus medos.

“Você está transando com o Incubus?” Ele rosnou enquanto eu o puxava, e eu bufei com desprezo antes de me virar para ele.

“Você ainda tem aquela sua falsa companheira dormindo na sua cela?” Perguntei.

O grunhido de frustração de Ethan era resposta suficiente e rosnei de irritação antes de empurrá-lo contra uma das prateleiras.

“Diga-me, bonitinho, você está feliz que a lua me escolheu para você? Ou quer que eu tente quebrar esse laço entre nós?” Perguntei com um ronronar mortal, sem revelar um único vestígio dos meus sentimentos sobre o assunto.

“Eu quero você,” ele rosnou instantaneamente, sem nenhum sinal de hesitação no tom. Eu não queria admitir o quão bom era ouvi-lo dizer isso de forma tão simples, tão honesta, mas, porra, acho que se ele tivesse me dito que queria que eu quebrasse o vínculo, eu teria simplesmente desmoronado.

“Certo. Então você quer vir comigo quando eu voltar para a minha família?”

Ethan estremeceu como se a ideia o machucasse fisicamente. “Para o coração do Clã Oscura? Devo cuspir nos túmulos da minha família enquanto estou nisso?”

“Talvez. Eles eram uns bastardos particularmente desagradáveis? Se você tem motivos para odiá-los, então cuspa.”

“Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.”

“Então me esclareça,” sugeri.

Ethan mexeu o maxilar, olhando para mim enquanto eu pressionava minha mão sobre seu coração disparado e olhava em seus olhos azuis.

“Você quer que eu simplesmente dê as costas para a minha família?” Ele perguntou com uma voz derrotada.

“Não. Só quero que você pare de odiar a minha sem motivo.”

“O Dragão da Tempestade me odeia. Você sabe que eu estava na Aurora Academy com ele, não sabe? Eu estava lá quando Ryder…”

“Não se trata do que aconteceu com Ryder,” rosnei. “E acredite, Dante não te odeia. Duvido que ele sequer se lembre de você. Desculpe, *stronzo*, mas ele está ocupado demais para guardar rancor de um filho da mãe Lunar que foi levado para Darkmore. Você nem é mais um jogador no tabuleiro. E mesmo que fosse, mesmo que fosse o pior dos piores, ele me ama. Se eu disser a ele que você é meu e eu sou sua, ele não vai ficar no nosso caminho.”

“Você diria isso a ele? Simples assim?” Perguntou ele, incrédulo.

Eu zombei do jeito que ele estava me olhando, como se ele realmente duvidasse da influência que eu tinha no meu Clã.

“Você está fora há muito tempo, bonitão. Não existe mais apenas um Alfa comandando o Clã Oscura… existem dois. Dante não me questiona. Ele me ama. Então essa é a minha oferta. Venha comigo quando fugirmos e conte ao mundo que encontrei meu par em você. Ou não, e farei qualquer acordo com a lua que for preciso para cortar o cordão que nos une. Porque um igual a mim não tem medo de nada nem de ninguém, então, se você me

quer, é hora de se levantar e me reivindicar."

Afastei-me dele e o deixei ali pensando nisso. Eu já estava farta de esperar que ele descobrisse o que queria. O tempo estava passando e ou sairíamos dali juntos ou eu o deixaria em algum lugar deserto sem nunca olhar para trás.



Era o dia anterior à fuga e eu estava empolgado. Como um urso polar com uma passagem para lugar nenhum, eu estava pronto para cavalgar. E enquanto subia de elevador em direção ao Pátio da Ordem, eu sabia exatamente para qual Ordem eu iria me transformar primeiro. Eu passei alguns anos da minha juventude ativamente captando os desejos de todo e qualquer Fae de quem eu pudesse me aproximar. E quando você ia a clubes famosos de Ordem, como o Black Hole em Alestria, ou a Dirty Venus em Daylight City, um Incubus podia detectar todos os tipos de desejos estranhos e maravilhosos de qualquer um que desejasse Fae em suas formas de Ordem. Então, hoje em dia, eu podia me transformar em praticamente qualquer Ordem e em um monte de Ordens cruzadas, como Dragões fofinhos, Pegasus de bolso e Basiliscos que pareciam pênis gigantes. Todos os favoritos da família.

Mas hoje eu ia encarnar aquele urso polar com passagem para lugar nenhum. Saí do elevador e arranquei meu macacão no caminho, jogando-o para trás com uma risada selvagem antes de tirar minha boxer, meu pau batendo entre as pernas enquanto eu ia. Então, pulei para frente, a pele ondulando pela minha carne,

meu corpo dobrando, depois triplicando, quadruplicando, quintuplicando de tamanho até que eu me tornasse um enorme Urso Polar, rugindo na cara de uma pequena Cervo Experiano. Ela guinchou, fez cocô e então saltou para longe de mim, para a floresta nos esperando.

Respirei o ar fresco e corri para a mata, cortando para a esquerda e para a direita entre as árvores enquanto minhas patas enormes deixavam marcas gigantescas no chão. Ao chegar a um penhasco com uma cachoeira enorme caindo, não parei: pulei da borda e me transformei em um Shifter Borboleta rosa brilhante, me deixando cair em direção ao rio abaixo antes de me retorcer com a brisa e soltar uma risadinha de borboleta.

Flexionei minhas asas, fazendo-as crescer enquanto me transformava em uma Águia Caucasiana, minhas enormes asas batendo forte enquanto eu voava para cima, para cima, para cima em direção ao céu tentador lá em cima. Quase derrubei alguns Pegasus do céu enquanto disparava através de seu rebanho e eles relincharam indignados para mim enquanto se endireitavam e voavam em direção ao arco-íris brilhando no céu. Havia nuvens falsas na cúpula hoje e a chuva começou a cair em gotas gordas e grossas contra meu rosto. Voei através das nuvens, cada vez mais alto até que atravessei o espaço estranho no topo da cúpula acima das nuvens, onde a magia crepitava ao meu redor no ar e a cúpula estalava ameaçadoramente acima. Além disso, era o porquê eu tinha voado para lá. O céu real. Muito além do campo de energia que nos abrigava aqui, havia um lindo dia azul brilhante, o sol batendo em mim, aquecendo minhas costas.

Soltei um grito lamentoso enquanto circulava aquele espaço, notando alguns Grifos fazendo o mesmo na extremidade oposta

da cúpula. Então, um uivo soou bem abaixo de mim, e se meu bico pudesse sorrir, sorriria agora mesmo. O uivo era humano, então ela ainda não havia se transformado.

Dobrei minhas asas, caindo como uma pedra enquanto mergulhava de nariz em direção à terra. Vi-a correndo para fora do prédio pelos elevadores, com o macacão caindo aos seus pés. Aterrissei na frente dela, me transformando novamente em um homem pelado e sorrindo na sua cara enquanto ela tirava a regata, ficando só de calcinha.

Soltei um assobio baixo enquanto meu pau ficava em posição de sentido, meus olhos absorvendo seu corpinho firme antes que ela colocasse a mão no quadril e franzisse a testa para mim.

“Saia da minha frente, Sin, estou prestes a te atacar como uma loba.”

“Não, gatinha. É hora de outro encontro,” eu disse, mostrando os dentes demais enquanto sorria, então provavelmente parecia que eu queria comê-la no almoço. E, ei, não era uma má ideia.

Suas sobrancelhas se arquearam e um sorriso surgiu em seus lábios carnudos. “O que você tinha em mente?”

“O que você acha de montar num Dragão?” Perguntei, arqueando as sobrancelhas. “Uma vez conheci uma garota que adorava Lionel Acrux em sua forma de Dragão.”

“Merda, sério?” Seus lábios se abriram.

Recuei alguns passos, virando-lhe as costas e saltando para a frente, transformando-me num enorme dragão verde-jade, do tamanho de uma casa. Vários Fae correram gritando da encarnação de Lionel Acrux que apareceu ali, e isso dizia muito

sobre os meus dons. Infelizmente, a garota que se sentira atraída por ele também gostara da ideia dele poder soprar bolhas em vez de fogo. Então, quando soltei um rugido, uma torrente de bolhas coloridas jorrou dos meus pulmões em vez de fogo do dragão, e Rosalie caiu na gargalhada.

"É isso que atrai alguém?" Ela retrucou.

Levantei a perna para que ela visse o pau monstruoso, verde e escamoso, entre minhas coxas, que ainda brilhava com meus piercings. Eu não costumava tirar o pau de mim com frequência, porque meu lindo pau era a única coisa perfeita em mim. Mas, para que Rosalie se desmanchasse em gargalhadas, valeu totalmente a pena.

"Sério? Onde alguém colocaria isso? Eu precisaria de um cu do tamanho de um caminhão de lixo para aproveitar isso."

Soltei uma gargalhada e então abaixei minha asa para formar uma ponte sobre minhas costas, sacudindo minha cabeça para atraí-la para mim.

Seus lábios se abriram e ela se aproximou com um sorriso. "Sinto falta de cavalgar o Dante. Você devia vê-lo em sua forma de Dragão da Tempestade. Ele é tão grande quanto isso, suas escamas são da cor do oceano mais profundo e quando ele lança uma tempestade no céu é como... *magia*," ela sussurrou e eu inclinei a cabeça em um gesto interrogativo. "Magia," ela traduziu.

Ela se moveu para a frente, subindo nas minhas costas e se acomodando na base do meu pescoço. Passou as mãos pelas minhas escamas, e um leve suspiro de espanto a abandonou. "Pelas estrelas, da última vez que estive tão perto da forma de Dragão do Lionel, ele estava me caçando por roubá-lo. O irmão do

Roary o atraiu... foi, porra... aquela noite sempre me assombrará."

Soltei algo próximo a um ronronar apaziguador, o melhor que pude oferecer a ela naquele momento, e ela acariciou meu pescoço com movimentos suaves. Hoje, eu mostraria a ela a extensão dos meus poderes. Eu finalmente realizaria seus desejos. Eu a observava atentamente e tinha algumas ideias do que ela desejava. Então, eu me tornaria seu sonho molhado perfeito e ela derreteria como um boneco de neve no micro-ondas quando eu terminasse de agradá-la. Mas agora, era hora de assustar algumas pessoas e dar a Rosalie a viagem da sua vida antes de eu dar a ela, bem, a viagem da sua vida.

Decolei rumo ao céu e Rosalie se agarrou a mim com um grito de excitação enquanto eu subia mais alto antes de navegar pela floresta, batendo as asas enquanto caçava algum Fae para assustar. Quando avistei Ethan e sua matilha, sorri e mergulhei em direção a eles com asas silenciosas enquanto corriam pela campina. Minha sombra os cercou e Ethan olhou por cima do ombro, latindo furiosamente para alertar sua matilha. Um bando deles olhou para mim, choramingando em alarme e ganhando velocidade enquanto eu soltava um rugido que fazia bolhas dispararem por todos eles, estourando em seus pelos. Ethan diminuiu o passo, estreitando os olhos como se tivesse descoberto exatamente quem eu era, e estalou as mandíbulas para mim enquanto sua companheira ria nas minhas costas.

Comecei a dar uma volta completa por todo o Pátio da Ordem, desde a tundra fria até o deserto aquecido onde os Leões de Nemeia descansavam. Roary olhou para nós em sua forma dourada de Leão, sua juba escura e seu tamanho enorme o destacando dos outros. Havia Leoas limpando todos os Leões,

menos ele. Ele estava sentado sozinho, em uma pedra ao sol, e quando nos viu passar, juro que seu rostinho de gato franziu a testa.

Voei até as colinas rochosas onde os Ursos gostavam de ficar entre as Ordens escavadoras, como as Toupeiras e os Coelhos, e então voei de volta para a floresta. Aterrissei pesadamente no penhasco com vista para a cachoeira e Rosalie deslizou das minhas costas. Me transformei em uma Harpia, a pele da parte inferior do meu corpo revestida por uma armadura de bronze para que eu não ficasse totalmente nu, e dobrei minhas asas igualmente de bronze atrás das costas. Tirando isso, eu era eu mesmo. Mas não por muito tempo.

“Isso foi incrível,” disse Rosalie, animada, movendo-se para sentar-se na saliência rochosa com vista para a piscina espumante lá embaixo. Sentei-me ao lado dela, peguei sua mão e a levei à boca. Chupei cada um de seus dedos, depois entrelacei os meus entre eles e apoiei nossas mãos no meu joelho.

Ela riu levemente, olhando para mim. “Por que você fez isso?”

“Porque você tem gosto de Natal. E Halloween. E Páscoa. E Ano Novo. Todos os feriados, na verdade. Mas principalmente o Natal. É o meu favorito. Embora... eu nunca tenha comemorado de verdade. Quer dizer, já comemorei, mas não da maneira tradicional. Uma vez me pagaram para invadir uma casa no dia de Natal e matar o cara que morava lá. O lugar inteiro estava enfeitado como a gruta do Papai Noel e, depois que matei o cara na cama dele, abri todos os presentes da família dele e imaginei como seria ser uma criança acordando na manhã de Natal. Foi um dia incrível.”

“Pelo sol, Sin,” Rosalie ofegou. “E a família dele?”

“Bem, por uma feliz coincidência, a esposa dele o havia deixado na noite anterior e levado as crianças com ela. Eu sabia disso porque fiquei esperando do lado de fora a noite toda para os guardas trocarem de turno, então tive uma oportunidade de entrar. Ele estava vendendo crianças para homens corruptos em reinos distantes. Então...” dei de ombros.

“Gosto que você só matou Fae maus,” ela disse e eu sorri.

“É, o Jerome escolheu para mim, mas eu reconheço animais cruéis quando os vejo. Eu reconheço os da minha espécie, gatinha,” ronronei, e ela mordeu o lábio, inclinando-se para mais perto de mim. *Ah, minha gatinha gosta disso, né?*

“Eu sou sua espécie?” Ela perguntou curiosamente e eu franzi a testa, balançando a cabeça.

“Não, querida, você é melhor que a minha espécie. Melhor que a maioria. Você é o melhor tipo de espécie que existe, na verdade.”

Ela molhou os lábios, olhando para a cachoeira e, ah, foda-se meus peitos na lua, era um rubor em suas bochechas? Eu me inclinei para frente, passando a língua em sua bochecha para sentir o calor em sua pele, e ela riu baixinho.

Quando me afastei, ela se virou para mim e passou a língua quente pela minha bochecha também, depois levou a boca até meu ouvido. “Eu gosto do seu estilo de loucura. Você gosta do meu?”

“Sim,” respondi com a voz rouca, já duro como pedra para ela, meu pau tão reto quanto uma flecha saindo do olho de um morto. “Quer fazer uma torta maluca comigo? A receita inclui dois Fae

gostosos, uma cachoeira e meu dedo na sua bunda."

"Sin," ela bufou.

"O quê? Você gostou da última vez." Eu sorri e ela sorriu de canto, virando-se para admirar a vista novamente e soltando um longo suspiro. A expressão dela me deu um nó no coração como um cadarço apertado demais, e eu franzi a testa enquanto tentava entender o que ela estava sentindo naquele momento. Eu normalmente nunca me importei com o que as pessoas sentiam. Não me afetava de verdade. Mas Rosalie me afetava. Eu tinha passado muito tempo observando suas feições, imaginando como estava seu humor, por que ela estava rindo, fazendo beicinho ou franzindo a testa. "Às vezes, tenho vontade de me transformar em um besouro e rastejar pelo seu ouvido até o seu cérebro para descobrir o que está acontecendo lá dentro," murmurei.

Ela soltou um suspiro divertido. "Você pode simplesmente perguntar, sabe?"

Pensei nisso e assenti. "Ok, estou perguntando."

Ela não se virou para me olhar, continuando com aquela carranca contemplativa que despertava todo o meu interesse. "Estou pensando que... esta é provavelmente a última vez que viremos aqui. Amanhã, estaremos em algum lugar livre. E estou tentando decidir para onde quero ir primeiro. Depois de ver minha família, claro. Não tenho certeza se quero ver as montanhas ou a praia primeiro."

"Conheço um lugarzinho em Sunshine Bay de onde você pode ver as montanhas *da* praia," sugeri e ela sorriu.

"Isso parece perfeito."

Levantei-me, recuando alguns passos, pois imaginei que seria um bom momento para fazer o que eu vinha planejando. Eu havia praticado isso da última vez que estive no Pátio da Ordem, inspirando-me nos desejos que já havia experimentado nela para tentar criar o Fae perfeito para ela. Deixei minha forma de Harpia desaparecer e deixei meu cabelo crescer longo e espesso até os ombros, em uma juba ondulada. Em seguida, trabalhei no meu rosto, ajeitando meu nariz para combinar com a linha fina de Ethan e os olhos dourados do Leão, depois ajeitei minha boca na linha raivosa e plana de Cain.

Tornei meu corpo musculoso, mas não tão grosso quanto o meu, ficando em algum lugar entre os três homens pelos quais eu sentira a luxúria dela. E, finalmente, deixei meu peito inchar até que os seios de sua companheira de matilha, Esme, se assentassem esculpidos e fartos sobre o meu. Não sobrou nada de mim, exceto minha única característica perfeita. Meu pau ficou longo, grosso e orgulhoso, duro como um pirulito para ela, enquanto eu esperava que ela se virasse e me visse. Isso tinha que funcionar. Desta vez, ela iria derreter em uma poça e se perder em seu desejo perfeito. Porque eu tinha certeza de que finalmente havia descoberto o que essa garota procurava. Ela desejava mais de uma Fae naquela prisão. E eu agora era o equilíbrio de todos eles, reunidos e prontos para fazê-la gritar.

Ela se virou e gritou na hora. Embora não tenha sido o grito de prazer que eu esperava.

Ela se levantou de um salto, observando minha nova forma com os olhos esbugalhados e o queixo caído. Estendi meus dons para sentir sua luxúria, mas não estava lá e rosnei irritado.

“São os peitos, não é?” Bufei, segurando-os nas mãos e balançando-os para cima e para baixo. “São demais. Droga, vira de novo e me dá outra chance.”

“Sim,” ela ofegou, balançando a cabeça. Então, começou a fazer o impensável. Ela riu, desmoronando, agarrando a barriga enquanto lágrimas escorriam pelo rosto.

Demorava muito para me irritar, mas quando eu surtava, surtava com força total. Voltei a ser eu mesmo, correndo para frente e agarrando sua garganta, empurrando-a para fora da cachoeira e mostrando os dentes em seu rosto enquanto ela gritava de surpresa. Ela se agarrou aos meus braços enquanto eu a estrangulava com as duas mãos, a fúria percorrendo cada centímetro de mim. Eu odiava ser motivo de piada. Eu não era um palhaço de merda. Eu era um assassino que infundia medo no coração de todos os Fae que ouviam meu nome. Que sabiam o que eu tinha feito.

Ela rosnou, arranhando meu braço, e eu arreganhei os dentes antes de puxá-la de volta para cima e jogá-la no chão. Que se dane. Eu estava farto de tentar ser desejável para ela. Nunca descobriria o que ela queria. Seus poderes de loba da lua deviam estar me bloqueando. E agora meu orgulho estava ferido e eu não queria mais que ela olhasse para essa versão imperfeita de mim. Pulei sobre a cachoeira, ouvindo-a chamar meu nome pouco antes de atingir a água e afundar em suas profundezas frias. O mundo ficou abafado enquanto eu afundava na escuridão, uma corrente de ar escapando dos meus lábios enquanto eu berrava minha raiva.

Outro corpo surgiu à minha esquerda enquanto eu nadava em

direção à superfície, chutando as pernas até atravessá-la. Rosalie surgiu ao meu lado um segundo depois, com uma expressão furiosa no rosto.

“Não fuja de mim, Sin Wilder,” ela retrucou, nadando em minha direção.

Eu ia me virar, mas ela chegou primeiro, me envolvendo com as pernas e segurando meu rosto com as palmas das mãos. “Seu idiota de merda,” ela rosnou, e eu me vi envolvendo meus braços em volta dela, incapaz de resistir à tentação dela enquanto eu me mantinha na água para nos mantermos à tona.

Ela era a minha própria versão da perfeição e eu a desejava como nunca havia desejado nada nem ninguém. Eu só queria poder dar a ela tudo o que ela merecia. Queria que ela me deixasse ler o que precisava de mim, porque sem os meus dons, eu não era nada.

Algo próximo à náusea me invadiu o estômago com o que eu tinha feito com ela e tentei me virar novamente. Eu sempre seria essa criatura sombria que não conseguia funcionar como um Fae normal. Eu vivia e respirava violência e sexo. E essas duas coisas eram tudo o que eu poderia fazer.

“Desculpe, Rosalie,” eu disse por cima do barulho da cachoeira quebrando, que levantava ondas espumosas ao nosso redor.

“Desculpa por ter me estrangulado ou por ter gostado?” Ela arqueou uma sobrancelha e um sorriso irônico surgiu na minha boca.

“A primeira,” eu disse, sorrindo agora, incapaz de evitar quando ela me olhava daquele jeito. Mas então me lembrei dela

rindo de mim e minha raiva retornou como uma faca em brasa cortando meu peito. “Diga-me o que você deseja, garota selvagem. Deixe-me ser seu maior desejo. É tudo o que eu quero. É a minha natureza. *Preciso* ser isso para você.”

Uma veia se formou entre seus olhos enquanto ela acariciava minhas bochechas com os polegares. “Eu já te disse antes, não existe uma versão ideal do que eu quero. Mas existem algumas, Sin. E você é uma delas. Exatamente como você é, sem asas, sem escamas, sem um pau gigante de dragão, sem peitos.” Ela abaixou a mão para apertar um dos meus peitorais e eu sorri novamente, caindo em seu feitiço. “Nada além de você. Como você é. Assim.” Ela moveu a mesma mão sobre meu ombro, depois para o meu bíceps, suas unhas arranhando levemente minha carne.

“Sem modificações?” Franzi a testa, tentando entender aquilo.

“Nenhuma,” ela jurou, seus olhos brilhando como o luar por um instante. “É assim que eu te quero.” Ela olhou nos meus olhos e eu vi uma verdade ali que nunca esperei ver de nenhum Fae. Ela me queria. Como eu era. *Exatamente* como eu era. Ela estava me dando uma de Sr. Darcy agora e eu era Bridget Jones com minhas calcinhas de vovó, exposta para ela ver, e ela gostou. Ela *gostou pra caralho.*

Ela me soltou, mergulhando na água, e seus lábios de repente envolveram a cabeça do meu pau. Gemi alto enquanto sua língua tocava meus piercings e ela lambia meu eixo como uma especialista, me levando até o fundo, apertando os lábios e chupando meu pau como se fosse um bocal de oxigênio.

Foda. Me.. Nunca tinha sido chupado como quando ela fazia.

Geralmente era eu quem dava prazer, não quem recebia em troca. A maioria das pessoas ficava tão envolvida na fantasia que eu lhes apresentava que se concentrava apenas em se divertir. Eu raramente me divertia assim, como se eu fosse o centro do desejo dela e não o contrário. Mas Rosalie, *porra,* minha linda garota selvagem estava chutando minha libido repetidamente nas bolas.

Ela soltou meu eixo de sua boca quente antes de subir para respirar e eu mal a deixei respirar antes de enfiar minha língua em sua boca, guiando-a para trás pela água em direção à borda da piscina espumosa. Meus pés pisaram no cascalho e empurrei meus dedos nele, arrastando-a comigo até chegarmos à margem, então a levantei pelos quadris e plantei sua bunda para sentar nela. Arrastei sua calcinha por suas pernas, jogando-a na grama além da água e colocando minhas mãos na parte interna de suas coxas. Abri-a bem para mim e ela empinou os quadris, seus dedos se enroscando em meus cabelos exigentemente.

Eu a deliciei como se fosse o melhor pudim da minha vida, mergulhando minha língua em seu meio quente e cremoso, depois lambendo até a cereja no topo, que devorei lentamente com movimentos dos meus dentes e chupadas dos meus lábios. Ela ofegou meu nome e eu juro que estava mais duro do que o penhasco rochoso da cachoeira enquanto a comia lentamente, minha língua se movendo, torcendo e se cravando em seu buraco apertado enquanto eu a devorava. Abri ainda mais suas coxas para mim, minha língua deslizando para sua bunda e depois de volta para sua boceta, fazendo-a tremer, ofegar e me arranhar. Eu era um filho da puta safado e ela estava tão envolvida que não percebeu o quão suja ela se tornou para mim em troca.

“Você tem gosto de morango, Coca-Cola e ecstasy na minha

língua.”

“Sin,” ela rosnou necessitadamente enquanto eu enterrava meu rosto nela novamente.

“Desculpa, gatinha, mas precisava ser dito,” rosnei em seu calor úmido.

Ela estava prestes a gozar e enfiei minha língua nela para senti-la se desfazer, seu corpo se apertando em volta de mim enquanto ela gozava e eu prolonguei seu orgasmo enquanto a fodia com minha boca melhor do que a maioria dos homens conseguiria fazer com seus pênis.

Seu corpo ficou mole quando ela soltou meu cabelo e gemeu de satisfação, caindo de costas na margem enquanto recuperava o fôlego. Saí da água, empinando-me sobre ela e alinhando meu pau com sua boceta recém-comida. Ela agarrou meu queixo antes que eu a penetrasse, apertando com força para que eu a olhasse. “Tome-me para o seu próprio prazer, Sin,” ordenou. “Use-me como todos os Fae que você já fodeu te usaram.”

“Não, docinho. O seu prazer *é* o meu prazer.” Sorri, empurrei os quadris e me enterrei nela com força, fazendo todo o seu corpo arquear sob mim. Cravei as mãos na lama ao lado da cabeça dela, rolando os quadris e transando com ela com toda a minha força.

Enganchei uma das pernas dela na minha cintura e enrolei a mão em seu pescoço, apertando até ela gemer, seu corpo firme apertando meu pau novamente enquanto ela gozava. Minha garota selvagem gostava que eu fosse bruto, e esse era meu estilo favorito de transar. Talvez fôssemos um casal feito pelas estrelas, afinal.

Eu estava prestes a gozar, meu prazer contido por uma

represa prestes a estourar em meu corpo quando ela me forçou a rolar para que ela estivesse montada em mim. Rosalie me cavalgou como uma verdadeira Alfa e eu coloquei minhas mãos atrás da minha cabeça, apreciando a vista enquanto seus seios balançavam e eu arrancava seu sutiã para poder assistir ao show em HD. Ela colocou uma mão no meu peito, me mantendo para baixo enquanto sua boceta fazia milagres no meu pau. Ela se abaixou sobre mim apenas o suficiente para que meu piercing púbico esfregasse contra seu clitóris e quando ela gozou novamente com um uivo de Lobo, agarrei seus quadris para mantê-la no lugar, gozando profundamente dentro dela e inclinando minha cabeça para trás para uivar com ela.

Meu peito arfava com a respiração ofegante enquanto ela se afundava sobre mim, derretendo-se sobre meu corpo enquanto apoiava a cabeça no meu ombro. Envolvia com as mãos, aninhando-me em seu pescoço de um jeito que nunca tinha feito com nenhum Fae antes. Ela era um bolinho de mirtilo mergulhado em molho apimentado. Minha Fae favorita em Solaria. Meu desejo perfeito. E ela gostava de mim pelo que eu era.

Ela virou a cabeça para me beijar e eu me inclinei para o beijo, acariciando sua língua em movimentos lentos enquanto sentia uma conexão com ela que abalou os alicerces do meu ser. Eu seria despedaçado e refeito por ela. E eu queria conhecer a nova versão de mim. Porque eu tinha a sensação de que ele seria mais feliz do que o antigo jamais fora.

Ela finalmente deslizou para fora de mim e entrou na água, e eu a segui, beijando seu ombro enquanto lavava seu corpo. Então, beijei seu pescoço, sua orelha e logo encontrei sua boca

novamente. Eu sabia que ela era a companheira de outro homem, mas ele teria que lutar comigo até a morte por ela, ou a lua teria que abrir espaço para outro companheiro em sua vida. Porque eu não deixaria minha garota selvagem ir embora. Mesmo que todos os seres celestiais no céu ordenassem. Eu lutaria contra todos eles com dentes, punhos e garras para mantê-la.



Esta noite, escaparíamos da Penitenciária de Darkmore e nunca mais olharíamos para trás.

Essas palavras eram como um mantra repetindo-se sem parar na minha cabeça enquanto eu conferia e revisava cada detalhe do plano e tentava procurar brechas que não existiam. Estava impecável. Eu tinha certeza disso. As únicas coisas que poderiam dar errado agora seriam imprevisíveis, e eu não podia me preocupar com isso, a menos que acontecessem. Tínhamos que superar o dia de hoje. O que, por enquanto, significava suportar mais uma emocionante sessão de terapia em grupo.

“Isso é béééssimo,” disse a Sra. Gambol timidamente. Sim, como uma ovelha, porque ela era uma Shifter Ovelha Rustiana, eu acho, mas parecia que ela brincava muito com isso.

Embora eu achasse que estava sempre rosnando, uivando e tudo mais, algo nela me irritava. Talvez fosse porque ela era uma Ovelha e eu era uma Loba, e eu tinha uma afinidade natural para caçá-la e devorá-la. Mas, olhando para os cotovelos nodosos dela, não consegui dizer que iria gostar muito daquela refeição. Então, talvez ela fosse só irritante pra caramba.

Bocejei sem me dar ao trabalho de cobrir a boca enquanto Pudding contava uma história sobre ter se perdido em uma fábrica de porcelana quando era criança, em busca do bule perfeito. Quer dizer, ele claramente não estava mais perdido, então tive que presumir que tudo deu certo no final. Não era exatamente algo fascinante.

“Havia bules azuis, vermelhos, amarelos, três tipos de verde. Verde-oliva, verde-floresta, verde-menta...”

Ignorei Pudding, lutando contra a vontade de jogar a cabeça para trás e gemer como uma criança cansada.

Meu olhar percorreu lentamente o círculo de presos ao meu redor e então caiu sobre o guarda que nos observava.

Cain me observava como sempre, com um olhar faminto e penetrante. Minha pele corou com a atenção e desabotoei casualmente alguns botões do meu macacão antes de tirá-lo dos braços e amarrá-lo na cintura.

Lentamente, puxei meu cabelo preto sobre um ombro, passando os dedos até as pontas e acariciando meu seio enquanto sustentava seu olhar.

O maxilar de Cain se contraiu e eu mordi o lábio para conter um sorriso antes de desviar o olhar dele novamente.

“Rosalie?” Perguntou a Sra. Gambol, e percebi que era minha vez de compartilhar.

Considerei minhas opções, dando preferência a Bela e a Fera, Rapunzel ou até mesmo Tarzan para minha história do dia, mas todos já estavam acostumados com isso e eu estava pronta para jogar um jogo mais interessante.

“Certo. Acho que gostaria de compartilhar a história do primeiro ménage à trois do qual participei e que realmente me levou aos limites,” eu disse, com um sorriso no canto dos lábios ao me lembrar disso. “Tenho uma queda por Alfas e me pergunto se isso é uma parte natural de quem eu sou ou se é apenas algum tipo de símbolo das coisas que estão quebradas em mim.”

“Béééé, pode ser,” concordou a Sra. Gambol. “O que há nessa incursão em particular que você considera relevante para a sua passagem de vida?”

“Bem, acho que foi a primeira vez que percebi como era bom cavalgar dois paus ao mesmo tempo. Aliás, os dois eram bem famosos, embora eu provavelmente não devesse dizer quem...”

“Estou com a agenda apertada hoje e preciso terminar a sessão individual com Doze logo, então temo que essa historinha terá que esperar por outro dia,” disse Cain em voz alta, levantando-se e me lançando um olhar furioso enquanto me apontava para a porta.

Suspirei dramaticamente, me levantando do assento e me afastando à frente dele. Havia um sorriso malicioso no canto da minha boca enquanto eu balançava um pouco mais os quadris e segui pelo corredor até o nossa sala individual sem me dar ao trabalho de esperar por ele.

Claro, com sua velocidade de Vampiro, ele estava respirando fundo no meu pescoço num piscar de olhos, permanecendo em silêncio, furioso e muito perto enquanto me perseguia até a pequena sala. Cain lançou uma bolha silenciadora sobre nós e trancou a porta enquanto eu me afastava para sentar na minha cadeira.

“Essa história em particular era para me beneficiar?” Ele perguntou com um rosnado e eu sorri para ele.

“Por quê? A ideia de eu transar com dois caras ao mesmo tempo te excita?” Provoquei. “Ou você estava desesperado para descobrir a identidade deles para poder vender a história para a imprensa?”

“Como uma garota do Clã Oscura iria parar numa situação em que estava saindo com alguém famoso?” Ele zombou, como se não acreditasse em mim.

“Eu joguei Pitball pelo meu time da Aurora Academy e fomos para a Zodiac Academy jogar contra eles,” respondi tranquilamente. “Na verdade, eram dois Herdeiros Celestiais, como você está tão desesperado para saber.”

“Besteira,” ele rosnou, mas meu sorriso só aumentou. Muitas das minhas histórias eram mentira, especialmente para ele, mas não esta. “Quais Herdeiros?” Ele perguntou depois de alguns segundos, e eu ri alto, fingindo fechar os lábios e jogar a chave fora.

“Assinei um acordo de confidencialidade,” falei, dando de ombros. Uma completa besteira, claro. Eu poderia cantar aos quatro ventos sobre transar com os dois e vender minha história para a imprensa, se quisesse. Mas eu não queria. Por mais estranho que parecesse para Cain ou qualquer outra pessoa no local, eu realmente considerava os antigos Herdeiros meus amigos. Mas ainda assim.

“Sente-se,” Cain rosnou, deixando pra lá, embora eu pudesse ver a curiosidade em seus olhos.

Foi o que fiz, recostando-me na cadeira como se não desse a

mínima e o mundo fosse meu, o que hoje eu tinha que admitir que parecia ser o caso.

“Por que tanta raiva, chefinho?” Perguntei, fazendo beicinho. “Já está entediado comigo agora que conseguiu o que queria?”

Os olhos de Cain voltaram-se para a porta e ele balançou a cabeça. “Acho que nunca vou conseguir me cansar de você, Rosalie.”

Meu coração disparou ao ouvir meu nome, e o jeito como ele ergueu uma sobrancelha para mim indicou que ele tinha ouvido, mas eu disfarcei isso com uma risada.

“Então por que não fazemos isso de novo em vez de termos essa conversa emocionante?” Provoquei, sentindo minha pele formigar só de pensar nele me reivindicando naquela mesinha minúscula com todos aqueles guardas vagando para cima e para baixo no corredor lá fora.

Ele sustentou meu olhar por um longo momento, avaliando a ousadia em meus olhos enquanto eu lambia os lábios e o esperava. Cain empurrou a cadeira para trás lentamente, seu olhar sombrio nunca deixando o meu antes de atacar.

Uma risada estridente e excitada me deixou quando ele pulou a mesa num movimento rápido, me arrancou da cadeira, fazendo-a cair no chão antes de me empurrar contra a parede e me beijar com tanta força que roubou meu fôlego.

Gemi contra seus lábios, atraindo a fera dentro dele para brincar comigo enquanto eu alcançava seu cós e colocava a mão dentro da sua calça.

Meus dedos encontraram seu pau duro enquanto sua língua

roçava a minha, suas presas roçando meus lábios com a mais deliciosa promessa do que estava por vir.

Recuei com um gemido quando sua mão se moveu por baixo da minha blusa e dentro do meu sutiã, seus dedos encontrando meu mamilo e puxando-o de um jeito perfeito para me fazer gritar por ele.

No momento em que inclinei minha cabeça para o lado para ele, suas presas cravaram em meu pescoço e eu gemi ainda mais alto quando comecei a trabalhar seu pau grosso em minha mão e ele gemeu de necessidade e desejo.

Eu mal notei o som da porta sendo destrancada, mas meus olhos se abriram de repente quando a porta foi aberta e meu olhar estava fixo em Hastings.

“Que diabos está acontecendo aqui?” Ele perguntou, seus olhinhos inocentes se arregalando de choque enquanto Cain congelava, arrancando os dentes de mim e se afastando o suficiente para olhar nos meus olhos com horror preenchendo seu olhar.

“Posso ter dado um soco na cara desse *stronzo*,” menti, tirando a mão da calça do Cain e deixando seu pobre pau duro e desejoso. “Então o filho da puta me mordeu.”

“Você estava fora de controle, Doze,” Cain rosnou, percebendo rápido o suficiente e tirando a mão de debaixo da minha blusa enquanto Hastings ainda não conseguia ver exatamente o que estávamos fazendo.

Quando ele recuou, minha visão de Hastings foi bloqueada e eu sorri para o chefinho com a emoção de quase ser pega antes de empurrá-lo e correr até Hastings.

“Ele tem permissão para fazer isso comigo?” Perguntei, fazendo beicinho enquanto olhava para o meu menino do coro e, caramba, aposto que parecia que eu estava quase chorando.

“Bem... sim, se um preso atacar um de nós, podemos usar nossos dons da Ordem para nos defender,” explicou Hastings, lançando-me um olhar compreensivo. “Então, talvez não dê um soco nele da próxima vez e ele não precisará.”

Dei um suspiro de aceitação e Hastings me lançou um olhar de pena antes de estender a mão para curar a mordida.

“A diretora achou que seria uma boa ideia eu participar dessas sessões,” explicou Hastings enquanto Cain contornava a mesa em disparada, voltando para seu assento e se sentando com um grunhido de irritação. Eu ia apostar que o pau dele ainda estava duro para mim e que a mesa era a única coisa escondendo as evidências naquele momento.

“Tudo bem,” concordou Cain. “Vá pegar uma cadeira em outro cômodo. E bata na próxima vez, em vez de simplesmente destrancar uma porta trancada. Se você tivesse chegado alguns minutos antes, ela estaria em pânico e poderia ter fugido.”

“Sim, senhor,” concordou Hastings antes de sair da sala em busca de uma cadeira.

“Ou alguns minutos *depois*, ele poderia ter encontrado suas bolas bem no fundo de mim,” sussurrei, deixando-me cair na cadeira e ajeitando-a novamente.

Estendi a mão para pegar uma gota de sangue no canto da boca de Cain enquanto ele rosnava, pressionando-a entre os lábios com um sorriso provocador.

Recuei quando o som dos passos de Hastings se aproximou do corredor, me ajeitando e chutando minha bota para baixo da mesa.

“Eu estava quase terminando de revisar o progresso da Doze,” disse Cain, tirando seu Atlas do bolso e ligando-o. “E precisamos atribuir a ela algumas áreas para melhorar.”

“Eu poderia ser mais generosa,” sugeri, inclinando-me para a frente e levantando o pé por baixo da mesa para colocá-lo no joelho de Cain. Ele se encolheu com o contato, mas não conseguiu me impedir enquanto eu deslizava o pé entre suas coxas e o apoiava na cadeira, com os dedos acariciando seu pau.

“Como assim?” Perguntou Hastings.

“Acho que não faço boquetes o suficiente. Sou bem egoísta, sempre querendo sentir um pau bem fundo dentro de mim em vez de ficar me enrolando nas preliminares, sabe?”

Hastings pigarreou e Cain rosnou.

“Mentiras,” disse Cain com firmeza.

“Você acha que eu estou mentindo?” Perguntei inocentemente. “Você acha que eu secretamente adoro chupar...”

“Acho que precisamos trabalhar sua inclinação para distorcer a verdade,” disse Cain em voz alta, interrompendo-me.

“Mas onde está a graça da vida sem um pouco de enfeite?” Provoquei. “Além disso, todo mundo mente. Aposto que você tem alguns segredos sujos guardados no armário, não é, chefinho?” Flexionei os dedos dos pés sobre a ereção dura do seu pau enquanto dizia isso, e ele grunhiu.

Hastings não pareceu notar, porém, ficando ali sentado e

balançando a cabeça como se estivesse assimilando tudo aquilo e realmente considerando.

“Talvez pudéssemos providenciar um pouco de material de leitura para você no seu quarto? Pode ajudar a saciar sua fome de entretenimento. Sei que geralmente não permitimos que os internos peguem mais de um livro da biblioteca ao mesmo tempo, mas com sua paixão pela leitura...”

“Que paixão pela leitura?” Interrompeu Cain. “Ela me disse que odeia livros antigos.”

“Então por que você concordou em dar a tarefa da biblioteca para ela?” Hastings perguntou confuso, e eu me recostei na cadeira, rindo como se tudo aquilo fosse uma grande piada, enquanto Cain estreitava seu olhar desconfiado para mim novamente. *Foda-se.*

“Alguns livros no meu quarto seriam ótimos, *ragazzo del coro,*” disse eu com um sorriso caloroso para Hastings, circulando meu pé sobre o traseiro de Cain para que ele se distraísse completamente daquele ponto. Mais um dia e eu já estaria longe, de qualquer forma.

“Você me disse que odiava livros porque queria um trabalho na biblioteca?” Perguntou Cain, com um olhar penetrante.

“Se eu tivesse dito que os amava, você teria me dado outra coisa por despeito,” respondi dando de ombros, esperando que ele presumisse que meu coração estava acelerado por causa do que eu estava fazendo com ele debaixo da mesa, em vez de ter qualquer suspeita real sobre o porquê de eu querer receber um trabalho na biblioteca.

“É porque você não está aqui para se divertir. Você está aqui

para ser punida," rosnou Cain.

"Anotado," respondi. "Sou uma menina má. Vou me esforçar para lembrar disso."

"Bem... nenhum dano foi causado," Hastings interrompeu, me dando um pequeno sorriso que dizia que ele estava do meu lado nisso.

Cain resmungou como se não concordasse, mas também não insistiu no assunto.

"Então por que você não nos conta algo real agora?" Perguntou Cain. "Prove que você é capaz disso."

Franzi os lábios enquanto pensava e um pensamento louco, tolo, provavelmente insano, me ocorreu. Depois daquele dia, eu nunca mais veria Mason Cain. Eu o amaldiçoei com meus dons e iria sumir noite adentro e deixá-lo sofrer qualquer que fosse o destino que isso implicasse. Mas e se eu não precisasse? E se eu pudesse dizer a ele onde ele poderia me encontrar quando eu saísse dali, para que ele pudesse vir me procurar se quisesse quando eu fosse embora? Quer dizer, eu ainda o odiava, mas tinha que admitir que algo havia mudado entre nós e, por mais estranho que fosse, eu não gostava da ideia de nunca mais vê-lo.

"Sinto falta de passar a lua cheia com a minha família," disse eu honestamente, tirando o pé do colo de Cain enquanto me recostava na cadeira. Eu queria que ele ouvisse cada palavra, só por precaução, e ele não precisava que eu o distraísse. "Todo mês, nós nos reuníamos e corríamos juntos ao redor da fortaleza Oscura. Há uma montanha lá chamada Monte Lupa e subíamos os caminhos íngremes em nossas formas de lobo, com o Dragão da Tempestade voando acima, e chegávamos a este lindo lago na

metade do caminho, onde o luar refletia em uma perfeita camada prateada sobre a superfície da água. Quando eu sair daqui, essa será a primeira coisa que farei assim que a lua estiver cheia novamente. Correr montanha acima com mil Lobos Oscura atrás de mim, enquanto todos uivam pelo retorno de sua rainha."

Sorri enquanto os dois assimilavam minha história e Cain me ofereceu algo que era o mais próximo de um sorriso que eu já tinha recebido dele.

Era o melhor que pude fazer por ele. Nem faria diferença se ele contasse essa história ao FIB. Toda aquela montanha e as terras ao redor, por quilômetros, eram propriedade dos Oscura. Eles não podiam entrar naquelas terras sem um mandado e, se conseguissem um, nossos espiões entre eles nos avisariam muito antes de chegarem perto de mim.

Então, se Cain quisesse me encontrar lá, teria que vir sozinho e se oferecer à mercê do Clã Oscura. Mas pelo menos ele sabia onde procurar. Era tudo o que eu podia oferecer a ele, e provavelmente mais do que deveria.

O sinal tocou para marcar o início do almoço e eu me levantei.

"Seu turno acabou, não é?" Hastings perguntou a Cain. "Eu posso levar com ela se você quiser ir embora?"

Cain pareceu inclinado a protestar e meu coração apertou desconfortavelmente quando percebi que era isso. Adeus. E ele não tinha a menor ideia.

"Obrigado. Acho que te vejo quando seu turno acabar, então." Cain me lançou um olhar que me arrepiou e então saiu correndo.

Fiquei olhando para o corredor por onde ele tinha ido, com o

coração disparado e uma sensação angustiante de perda seguindo-o para fora do quarto.

“Ouvi dizer que chegaram um novo carregamento de laranjas ontem à noite,” disse Hastings, conspiratório, e tentei sorrir para ele, mas o sorriso não foi bem recebido. “O que houve?”

Eu estava prestes a dispensá-lo quando percebi que aquela era, na verdade, a oportunidade que eu esperava. Íamos fugir hoje e eu não tinha a mínima intenção de levar uma dupla de psicopatas conosco. Precisávamos que o Plunger ficasse conosco até estarmos na superfície, mas Gustard era um peso morto. E embora eu tivesse considerado caçar o filho da puta e garantir que ele tivesse um fim trágico bem antes da hora de partirmos, pensando bem, decidi deixá-lo ali para apodrecer. Mais especificamente, eu queria que ele apodrecesse no buraco.

“Não é nada que eu não consiga lidar,” murmurei, dando um sorriso triste para Hastings enquanto começávamos a andar pelo corredor.

Contei mentalmente os segundos até que ele desistiu e pediu mais informações. “Você está preocupada com alguma coisa?”

“Eu só... às vezes é difícil estar no topo do pelotão, sabe? É um drama constante, principalmente aqui com as gangues rivais. Sempre tem alguma coisa pra lidar, desde brigas de gangues até boatos e ameaças de morte que recebo. Mas tenho certeza de que não é nada.”

“Você tem recebido ameaças de morte?” Hastings perguntou com um rosnado que me disse que ele não gostou do som daquilo.

“Como eu disse, não é nada que eu não consiga lidar. Já levei uma pancada na barriga, então o que poderia ser pior do que

isso?”

“Eles podem vir com mais força desta vez,” disse ele, segurando meu cotovelo enquanto subíamos a escada e me virando para encará-lo enquanto estávamos sozinhos. “Só me diga quem está te ameaçando. É algum dos outros líderes de gangue?”

Mordi o lábio inferior, mas não disse nada. Também não neguei, e Hastings assentiu como se já esperasse por isso.

“Sei que você é próxima do Sessenta e Nove, então quem é? Shadowbrook? A Irmandade está querendo começar outra guerra?”

“Não, não é o Ethan,” eu disse rapidamente, depois balancei a cabeça e me afastei dele. “Eu não deveria estar te contando nada. Só de mencionar isso já seria o suficiente para me matar. Nem minha própria matilha toleraria que eu chegasse tão perto de um guarda.” Lancei-lhe um olhar como se estivesse envergonhada por ter acabado de admitir aquilo e ele agarrou meu braço, me puxando para que eu o encarasse mais uma vez.

“É Gustard?”

Eu não disse nada, mas certamente parecia culpada, o que era o mais perto que alguém ali chegaria de admitir algo para um guarda, e seus olhos brilharam com compreensão.

“Talvez eu devesse pular o almoço e aí não teremos que nos preocupar com isso.” Tentei me afastar, mas ele me puxou de volta.

“Não vou deixar ninguém te machucar, Rosalie,” ele rosnou, seus olhos azuis brilhando com uma promessa tão doce que me deu dor de dente.

“Não preciso de ninguém para me proteger, *ragazzo del coro*,” respondi tristemente, estendendo a mão para acariciar sua bochecha antes de me afastar como se soubesse que não deveria ter feito aquilo.

“Rosalie, eu...” Hastings investiu contra mim, olhos fechados, lábios franzidos, todo de um jeito louco e idiota. Teria sido fofo se não fosse tão ridículo.

Recuei com um arquejo, colocando as mãos em seu peito para detê-lo. “Hastings, não podemos,” sussurrei, como uma verdadeira dama com moral e constituição sensível. “Você pode se meter em tanta encrenca e me destruiria se isso acontecesse.”

“Desculpa,” ele gaguejou, queimando tão vermelho quanto o sol ao recuar e me soltar, passando a mão pelo rosto. “Não sei o que deu em mim. Só de pensar em algo acontecendo com você...”

“Está tudo bem,” assegurei-lhe, colocando a mão em seu braço. “Mas eu preciso ir. Tenho certeza de que não estava me preocupando com nada mesmo.”

Dei-lhe um sorriso forçado, fui na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha, depois me virei e desci as escadas correndo, sorrindo como uma babaca. E eu provavelmente deveria ter me sentido pior por brincar com os sentimentos do Hastings, mas era tão fácil fazê-lo dançar conforme a minha música que não consegui evitar.

Fui até o refeitório para almoçar e vi Gustard dando as ordens no canto dos fundos da sala com seus Watchers.

Sorri para mim mesma e fui me juntar à minha matilha, que começou a uivar e latir de excitação ao me ver, passando as mãos por todo o meu corpo até que eu os implorei para pararem e me

deixaram sentar com minha refeição. Como Hastings havia prometido, havia uma laranja suculenta e saborosa me esperando na bandeja, e eu sorri para ela enquanto me posicionava em uma boa posição para vigiar as portas.

Banjo ficou todo animado e começou a cantar uma música em minha homenagem, o que eu tolerei, porque ele literalmente ficou andando por aí como um cachorrinho chutado o dia todo da última vez que eu disse não, e eu não conseguia não me sentir culpada. Além disso, era a última vez que eu ouviria qualquer uma das músicas dele, então ele poderia muito bem me dar uma despedida sem querer.

"Havia uma garota tão bonita que eu escrevi uma cantiga e o nome dela era Rosalieee. Ela era forte e corajosa, gostava de se comportar mal e um dia ela me notou. Era um lugar solitário com a minha queda em desgraça, mas ela fez tudo ficar bem. E eu a amo tanto, preciso que ela saiba, para que ela nunca vá embora."

Olhei para Sonny, que deu de ombros para a escolha da letra da música, mas imaginei que fosse apenas o que rimava, não que Banjo tivesse alguma ideia do que estávamos fazendo.

Eu provavelmente deveria estar me sentindo mal por deixar tantos dos meus companheiros de matilha aqui, mas eu sabia o que cada um deles tinha feito para ganhar seu lugar em Darkmore, e era um fato lamentável que a maioria deles merecesse isso. Eu não era Robin Hood sentada entre os Homens Alegres. Eu era uma líder de gangue cercada por assassinos e filhos da puta doentes, e eu não iria soltar uma praga deles pelo mundo.

Avistei Hastings no momento em que ele entrou no refeitório e

seu olhar caiu sobre mim por um breve momento enquanto ele me dava um aceno firme antes de se virar e caminhar em direção à mesa de Gustard.

Peguei minha laranja e pulei, andando pela sala e chamando a atenção de Roary antes de ir até a mesa para me juntar a ele, onde teríamos uma boa visão do drama se desenrolando.

Pulei para me sentar na frente dele, empurrando a bandeja de comida pela metade para o lado e ganhando um rosnado por tocar em sua refeição. Leões não compartilhavam comida e tudo mais. Revirei os olhos e enfiei um gomo da minha laranja na boca dele para me desculpar, e o som que escapou dele enquanto chupava meu polegar entre os lábios foi um rosnado totalmente diferente.

"Eu sabia," sibilei, apontando para ele em tom de acusação. "Você gosta quando as pessoas fazem merda para você. Mesmo dizendo que não quer usar seu Carisma para ganhar um bando de escravos para te alimentar, você gosta quando eu faço!"

"Talvez seja só porque é *você*, Rosa," ele disse em tom brincalhão enquanto se inclinava em minha direção e abria os lábios pedindo mais.

Eu ri como uma idiota e então joguei meu cabelo para trás porque eu já tinha ido longe demais, oferecendo a ele outro pedaço antes de pegá-lo de volta e comê-lo eu mesma.

Roary rosnou novamente, agarrando meus joelhos e me puxando para mais perto da borda da mesa, de modo que minhas pernas ficaram penduradas em ambos os lados dele enquanto ele abria a boca para mais.

Mas antes que eu pudesse atendê-lo, um grito veio da mesa de Gustard e eu olhei para cima a tempo de ver Hastings

empurrando-o contra a parede enquanto o revistava.

Roary se virou para olhar também, sua mão deslizando do meu joelho até minha coxa enquanto ele fazia isso e fazendo meu pulso disparar enquanto eu tentava não pensar muito sobre isso.

Oficial Nixon se aproximou para ajudar Hastings e eu não me preocupei em esconder meu sorriso malicioso para o pervertido enquanto Hastings começava a revistar os bolsos de Gustard.

“Você fez aquilo?” Sussurrei, estendendo a mão para passar os dedos pelos cabelos sedosos de Roary, e ele gemeu ao se inclinar em direção ao contato.

“É claro que sim,” ele disse arrogantemente, como se fosse um insulto eu perguntar.

“Por que diabos você está carregando isso aí?” Hastings perguntou em voz alta, jogando para Nixon um plug anal azul brilhante com uma expressão de desgosto. Nixon ergueu uma sobrancelha e o guardou no bolso, me fazendo estremecer ao ter a sensação de que ele planejava ficar com ele.

“Isso não é meu!” Gustard rugiu e Roary riu baixinho.

“É surpreendentemente fácil contrabandear brinquedos sexuais,” explicou Roary, soltando uma risada.

“É mesmo?” Perguntei, bagunçando seus cabelos com uma mistura de irritação e brincadeira, enquanto me perguntava quando ele havia descoberto aquilo pela primeira vez.

“Bem, só a variedade chata e sem magia, mas é. Eu pedi e o Leon atendeu.”

A próxima coisa que saiu dos bolsos de Gustard era um par de prendedores de mamilos, seguido por uma calcinha de renda.

“Ei,” sibilei, abaixando a boca até o ouvido de Roary para garantir que não fôssemos ouvidos. “Se você poderia conseguir uma calcinha legal para mim, por que diabos eu estou usando essas merdas horríveis há meses?”

“Você queria que eu te desse uma calcinha bonita?” Ele perguntou, desviando o olhar do show e me lançando um olhar que me fez corar, enquanto seus olhos dourados pareciam queimar como metal derretido.

“Bem, dã,” respondi, recusando-me a recuar. “E sutiãs. As coisas que eles fornecem aqui deveriam ser ilegais. Na verdade, talvez sejam, e elas também estejam cumprindo pena aqui.”

“Eles não ficam tão mal em você,” ele estalou a língua e meu rubor aumentou.

“Bem... você nunca me viu usando algo vermelho e transparente, então não tem nada com que comparar,” eu disse, e ele rosnou novamente, o barulho fazendo tudo ao sul da fronteira se contrair deliciosamente. *Merda, eu não tinha esperanças para aquele homem.*

Felizmente, fomos salvos de continuar a conversa quando Hastings finalmente encontrou uma arma no bolso de Gustard, o que era o suficiente para concretizar nosso plano.

“Vamos, Quarenta e Seis, você vai para o buraco,” rosnou Hastings e Gustard começou a xingar enquanto era arrastado em direção à porta.

Seus olhos caíram sobre mim e eu não pude deixar de sorrir como uma bastarda presunçosa, amando a fúria em seu olhar quando ele percebeu exatamente quem tinha acabado de pegá-lo.

“Preciso fazer uma ligação!” Ele gritou, mas Hastings o ignorou e eu sabia que não havia chance disso acontecer.

Comecei a rir, jogando a cabeça para trás e uivando de excitação, desencadeando uma reação em cadeia na minha matilha que fez meu sangue bombear.

Para minha surpresa, Ethan inclinou a cabeça para trás e uivou também, sua matilha se juntou a ele logo em seguida e nossos olhares se encontraram por um momento, em solidariedade, através da sala lotada.

“Vou dar uma olhada no Claud, para ter certeza de que não há nenhum boato de que precisamos saber,” disse Roary, ficando de pé, e eu fiz beicinho, decepcionada.

“Você está me abandonando, Roar?”

“Nunca,” ele discordou, mas mesmo assim me abandonou.

Bufei para mim mesma enquanto terminava minha laranja, pensando no que fazer durante a próxima hora antes de termos que ir para o Complexo Mágico. Tínhamos combinado de evitar a biblioteca hoje porque não queríamos correr o risco de chamar atenção agora que estávamos prontos para nos mover. Não íamos correr riscos hoje. Tudo tinha que seguir as regras.

Enquanto eu procrastinava meu último gomo de laranja, Ethan se levantou da mesa e me encarou, deixando a matilha para trás e caminhando em direção à porta. Coloquei a fatia de laranja na boca e franzi a testa enquanto mastigava.

O vínculo de companheiro vinha me incomodando incessantemente nos últimos dias, e o calor nos olhos dele deixava claro que ele também estava sofrendo com isso. Eu tinha

sonhado com ele a noite toda e estava louca para simplesmente me levantar e correr até ele, gritar para o mundo ir se foder e beijá-lo até ficar sem fôlego.

Claro que eu não ia fazer isso, então roubei outra laranja de um Fae que estava passando por mim com sua bandeja de comida e então o olhei feio quando ele tentou protestar.

Ele recuou rápido o suficiente e eu descasquei meu prêmio com um sorrisinho presunçoso enquanto começava a mastigar a fruta deliciosa.

Meu olhar foi atraído novamente para Ethan enquanto ele atravessava as portas e, no momento em que saiu para o corredor vazio, ele se virou e me chamou. *Chamou*. Como um bastardo convencido que achou que eu iria correndo. Quem diabos ele pensava que eu era?

Ele sorriu para mim e eu jurei que praticamente pude ouvi-lo dizendo: *vamos, amor, submeta-se*.

Que se foda. Era ele quem iria se submeter.

Ethan virou à esquerda e foi embora, e eu continuei comendo minha laranja com raiva enquanto a marca idiota atrás da minha orelha começou a queimar e um nó de frustração sexual se apertou em meu estômago, sussurrando coisas como*: "Apenas faça uso dele* e *você poderá colocá-lo em seu devido lugar."*

Comi o último gomo da minha laranja e me levantei com um rosnado enquanto saía da sala para encontrá-lo. *Nossa. Ele era um babaca.*

Virei à esquerda e segui pelo corredor de visitas. As salas usadas para as visitas com nossos entes queridos estavam todas

trancadas, então não havia ninguém ali, mas quando encontrei Ethan encostado em uma porta no final do longo corredor, ele me lançou um sorriso e a abriu.

“Como?” Perguntei, caminhando em sua direção e me perguntando quem ele havia subornado para usar aquele lugar e quanto isso lhe custara.

“Trabalho na Parede Velada, querida,” ele ronronou. “Paguei um monte de fichas de cantina, mas imaginei que não vou precisar delas agora mesmo. E o que eu preciso *mesmo* é de você.”

“É mesmo?” Perguntei, inclinando a cabeça para ele. “Porque não gosto de ser convocada.”

“Bom, eu não posso te ligar exatamente, querida, não tenho seu número.” Ele sorriu para mim, acenando novamente enquanto inclinava a bunda para trás e sentava na beirada da mesa, me esperando como se tivesse certeza de que eu iria.

Fiquei tentada a escalá-lo como uma árvore e forçá-lo a ficar embaixo de mim antes de montá-lo até que ele não aguentasse mais provar quem de nós estava no comando, mas tive a estranha sensação de que ele queria isso. Maldito seja ele e sua besteira controladora de macho alfa. Eu precisava vencer ali, mas já estava no espaço dele, à sua disposição e praticamente ofegante de desejo por ele. Talvez tivesse sido mais fácil ceder e deixá-lo ter o que queria. Mas isso era tão contra a minha natureza que eu não conseguia me forçar a fazer isso.

“Tem espaço para alguém pequeno?” A voz profunda de Sin nos interrompeu enquanto ele batia os nós dos dedos na porta e sorria para nós.

“Não há nada de pequeno em você, Sin,” zombei, mas também

estava sorrindo, porque parecia minha passagem de volta ao poder.

“Vai se foder,” rosnou Ethan. “Preciso de um tempo sozinho com minha companheira.”

“Mas isso parece meio ridículo,” disse Sin, dando de ombros, entrando e fechando a porta atrás de si, enquanto se movia para ficar atrás de mim. “Você se sente ameaçado pela concorrência? Preocupado em não conseguir acompanhar uma criatura feita para o sexo?”

Ethan rosnou indignado, seus olhos brilhando de ódio e Sin apenas riu enquanto colocava sua boca no meu pescoço e começava a me beijar.

Ethan se levantou de um salto, caminhando em direção a Sin como se pretendesse expulsá-lo à força, mas antes que pudesse alcançá-lo, Sin me agarrou pela cintura e me empurrou para seu caminho.

Eu sabia exatamente o que Sin queria que eu fizesse e fiquei mais do que feliz em entrar no jogo dele. Segurei o rosto de Ethan entre as mãos e o beijei com força, pegando aquela fúria que ele sentia e fazendo com que ele a usasse em mim.

“Vou só observar,” disse Sin, rindo baixinho atrás de nós. “E quem sabe te dar umas dicas.”

Eu acreditava nisso tanto quanto acreditaria que Sin era virgem, mas não ia denunciá-lo porque esse era um jogo que eu estava ansiosa para jogar.

Ethan interrompeu nosso beijo e rosnou com raiva. “Você quer que ele nos observe?” Perguntou ele, com o fogo queimando

em seus olhos indicando que ele não era totalmente contra a ideia, por mais que quisesse esmagar a cabeça de Sin por ele estar tão perto de sua companheira.

“Você quer mostrar a ele o quão alto você consegue me fazer gritar?” Perguntei em resposta, mordendo o lábio enquanto começava a desabotoar meu macacão.

“Claro que sim,” disse Ethan no momento em que Sin gemeu.

“Oh, garota selvagem, acho que encontrei minha alma gêmea em você,” Sin ronronou.

Ethan me beijou novamente antes que eu pudesse responder, e eu o abracei enquanto sua língua pressionava meus lábios, e eu gemia de desejo. Beijá-lo era como costurar minha alma, consertar um erro terrível e alimentar todas as partes vazias de mim com algo que eu ansiava mais do que gostava de admitir.

Sin se aproximou de mim, seu pau duro pressionando minha bunda enquanto ele me alcançava e desabotoava o resto dos botões do meu macacão, permitindo que Ethan deslizasse as mãos por dentro e por baixo da bainha da minha blusa. Sin puxou as mangas para baixo e eu soltei Ethan para que ele o tirasse de mim.

Ele desceu o macacão até meus tornozelos e então se abaixou para desamarrar minhas botas.

Ethan puxou minha blusa para cima e sobre minha cabeça, seguido rapidamente pelo meu sutiã antes de abaixar a boca para tomar meu mamilo e chupar com força suficiente para me fazer gemer.

Eu não tinha ideia de como Sin conseguiu tirar minhas botas

tão rápido, mas me vi ali, vestindo apenas a horrível calcinha da prisão, que rapidamente tirei também.

Sin passou a língua pela parte de trás da minha perna, pela curva da minha bunda e depois direto pelo centro da minha coluna enquanto ele se levantava, e um arrepio perseguiu seus movimentos quando o ar frio do cômodo encontrou minha carne nua.

Ethan enfiou a mão entre minhas coxas, rosnando possessivamente enquanto acariciava minha boceta, seus dedos deslizando pela umidade que ele encontrou esperando por ele antes de começar a circular minha abertura com movimentos lentos e provocantes que fizeram minhas mãos agarrarem seus cabelos enquanto eu ansiava por mais.

Eu o arrastei para me beijar novamente e Sin se pressionou atrás de mim mais uma vez, o calor do seu peito nu me encontrando e me deixando saber que ele tinha tirado a regata também.

Enquanto Ethan brincava com meu clitóris em uma mão e meu mamilo na outra, os braços de Sin envolveram minha cintura e ele estendeu a mão entre mim e Ethan, desamarrando os braços do macacão de Ethan onde estava amarrado em sua cintura.

Eu gemi na boca de Ethan enquanto segurava a parte de trás da sua blusa e a puxava para cima, forçando-o a parar de me provocar enquanto eu a puxava sobre sua cabeça e revelava sua linda carne tatuada para mim.

Minhas mãos percorreram seu corpo enquanto a boca de Sin começou a beijar meu pescoço mais uma vez e Ethan recuperou meus lábios com um rosnado possessivo.

Quando minha mão encontrou o cós da cueca de Ethan, os dedos de Sin encontraram os meus e ele riu baixinho contra meu pescoço enquanto me ajudava a tirar a cueca de Ethan para revelar o comprimento grosso de seu pau duro.

Peguei seu pau na minha mão e os dedos de Sin se fecharam em volta dos meus enquanto ele começava a guiar os movimentos que eu fazia para cima e para baixo no eixo de Ethan. Meu companheiro rosnou para o Incubus sem muita convicção, mas quando Sin me encorajou a começar a mover minha mão em um movimento de saca-rolhas, o gemido que escapou de Ethan pareceu neutralizar qualquer protesto que ele pudesse estar abrigando.

Assim que fiz esse movimento, a mão de Sin deslizou da minha até que ele estivesse acariciando as bolas de Ethan e no momento em que ele as apertou suavemente, meu Lobo enfiou seus dedos profundamente dentro de mim.

Gemi alto, faminta, minha boceta apertando seus dedos enquanto ele começava a mexê-los para dentro e para fora, e Sin empurrava os quadris contra minha bunda, fazendo-me me movimentar na mão de Ethan no ritmo mais delicioso. Eu sentia seu pau pressionando com força através do macacão, mas ele continuava vestido, negando-me a sensação de sua carne nua contra a minha.

Ethan continuou enfiando os dedos dentro e fora de mim, adicionando um terceiro quando a mão livre de Sin encontrou meu clitóris e eu engasguei com a sensação dos dois trabalhando juntos para me destruir.

Com um grito de prazer, gozei sobre eles, inclinando a cabeça

para trás e interrompendo meu beijo com Ethan enquanto Sin me incitava a avançar, fazendo todos nós nos movermos em direção à mesa no centro da sala.

Ethan tirou o resto da calça e se sentou na mesa, tirando os dedos de mim com um gemido carente enquanto eu continuava a brincar com seu pau e Sin levou a mão à base do seu membro. Sin pegou a mão de Ethan e a levou à boca, chupando os dedos que tinham acabado de entrar em mim e rosnando como uma fera selvagem ao soltá-lo.

Ethan parecia dividido entre estar irritado com o envolvimento de Sin e gostar demais da contribuição dele para reclamar enquanto nós dois massageávamos seu pau e ele gemia de prazer. Ele se ajeitou na mesa e Sin se moveu para agarrar meus quadris, me levantando facilmente e me fazendo montar em meu companheiro.

Soltei o pau de Ethan, agarrando seus ombros e olhando em seus olhos enquanto ele segurava minha bunda e me puxava para baixo em sua direção.

Sin se aproximou de mim novamente, sua excitação clara através do material de suas calças enquanto ele me alcançava e segurava o pau de Ethan novamente, fazendo-o xingar enquanto dava algumas estocadas firmes antes de guiá-lo para minha abertura.

Ethan me puxou com força e eu gritei quando seu pau grosso me preencheu com uma estocada forte. Eu estava tão molhada que ele deslizou para dentro com facilidade, e a sensação plena dele possuindo meu corpo fez meu coração apertar de prazer enquanto o vínculo de companheiro vibrava alegremente como

uma corda sendo puxada entre nós.

Comecei a montá-lo e ele usou a pegada em meus quadris para me fazer ir mais rápido, mais forte, penetrar cada centímetro dele repetidamente enquanto ele subia e penetrava em mim.

Sin segurou meu queixo e virou meu rosto para o dele, me beijando profunda e lentamente e fazendo Ethan me foder ainda mais forte enquanto ele rosnava de raiva e ciúme.

“Vamos, garotão, faça-a gritar,” Sin ordenou enquanto nos observava com fome nos olhos e meus gritos encheram o pequeno cômodo, mas aparentemente isso não era bom o suficiente para ele.

Comecei a me mover mais rápido, montando em Ethan enquanto lutava para assumir o comando e pressionando minhas mãos contra seu peito para ter uma posição melhor para controlá-lo.

Sin se afastou para nos observar, a sensação dos seus olhos na minha pele me deixou ainda mais excitada enquanto eu movia meus quadris para cima e para baixo para poder sentir todo o comprimento do pau de Ethan entrando e saindo de mim, e ele gemeu quando eu o empurrei para mais perto do limite.

Sin agarrou meus ombros e me puxou para trás, fazendo-me inclinar tanto para trás que eu só conseguia manter a posição porque ele estava me segurando ali. Mas quando Ethan enfiou seu pau em mim novamente, ele atingiu meu ponto G com tanta força que eu vi estrelas.

Sin riu da maneira mais safada que o homem conhece enquanto me segurava naquela posição, me obrigando a aguentar as estocadas punitivas do pau de Ethan enquanto eu gritava por

eles, ofegando os nomes dos dois entre os xingamentos que saíam dos meus lábios. Quando gozei novamente, quase apaguei, esqueci de respirar, e meu corpo inteiro ficou rígido de tensão enquanto eu me pressionava de volta nos braços de Sin. Ethan gozou comigo, minha boceta apertando em volta do seu eixo e o fazendo rosnar enquanto ele enfiava fundo e se derramava dentro de mim, seus dedos cravando na minha bunda com tanta força que eu sabia que ficaria com hematomas.

Sin me beijou de uma forma quase carinhosa enquanto me colocava de pé novamente, suas mãos deslizando pelos meus cabelos e Ethan se recostou na mesa abaixo de nós.

Sin soltou meus lábios e Ethan me puxou para beijá-lo, segurando meu cabelo possessivamente enquanto sua língua se enroscava na minha.

“Diga que você é minha, companheira,” ele exigiu, o calor e a necessidade em seus olhos azuis eram inegáveis.

“Sou sua,” concordei, porque era verdade. Não importava a merda que tivéssemos passado entre nós, não importava o quanto ele me deixasse brava ou frustrada, esse vínculo entre nós era real. E não era apenas uma magia tentando nos forçar a ficar juntos. Eu realmente acreditava que ele era o meu destino. A lua não teria nos acasalado só porque transamos debaixo dela. Ela sabia tão bem quanto nós dois que éramos um par perfeito e que isso seria sempre inevitável, por mais difícil que fosse.

Ethan afastou meu cabelo do rosto e me beijou novamente enquanto se sentava, me levantando e me colocando de pé novamente. Seu olhar se voltou para Sin e eu me virei para encará-lo também, seu peito nu e seu pau pressionando contra

suas calças com a necessidade desesperada de ser saciado.

“Você o quer também?” Ethan me perguntou, com a voz dura, mas com um leve resquício de luxúria ali também.

“Sim,” sussurrei, porque não podia negar. Meu corpo formigava de satisfação e eu estava dolorida de todas as maneiras certas, mas olhar para Sin me fez querer mais. Eu queria agradá-lo também e senti-lo se curvar ao meu desejo como Ethan havia feito.

“Bem, é meu trabalho manter minha companheira feliz,” disse Ethan, e eu me virei para encará-lo, surpresa, me perguntando se ele realmente falava sério. Mas ele poderia ter mandado Sin embora assim que chegou e, em vez disso, o deixou ficar, observar, até participar um pouco.

“Você realmente quer dizer isso?” Perguntei, arqueando uma sobrancelha.

“Só há um jeito de descobrir,” respondeu Ethan sombriamente, levantando-se e levantando o queixo para chamar Sin para mais perto.

O Incubus não precisou de mais incentivo do que isso e me agarrou, me empurrando contra a parede enquanto me beijava novamente e eu gemia por ele, minhas mãos percorrendo seu peito nu até encontrar sua cintura.

Ethan se aproximou de nós, puxando meu queixo para interromper meu beijo com Sin antes de roubar meus lábios para si.

Sin virou a cabeça e beijou o queixo de Ethan antes de levar a boca até seu pescoço, e eu gemi enquanto os observava, meu

coração batendo forte de excitação.

Sin levantou minha perna e a enrolou em volta do seu quadril, seu pau pressionando contra minha abertura da maneira mais excitante possível antes de enfiá-lo fundo e devagar, certificando-se de que eu sentisse a passagem de seus piercings por todo o caminho.

Ethan rosnou enquanto se afastava para nos olhar, e eu estendi a mão para segurar seu pau endurecido, desejando que ele participasse daquilo. Sin começou a rebolar os quadris, fazendo seu piercing púbico roçar no meu clitóris, e eu ofeguei enquanto o prazer percorria minha pele supersensível.

Sin agarrou o queixo de Ethan e o puxou para perto, beijando-o enquanto ele me fodia, enquanto eu começava a movimentar minha mão para cima e para baixo em seu eixo. Era tão gostoso. Acho que nunca fiquei tão excitada em toda a minha vida.

Ethan interrompeu o beijo com Sin em meu favor e meus lábios se abriram para sua língua enquanto eu estava sobrecarregada de sensações.

A mão de Sin se moveu sobre a minha, me ajudando a trabalhar Ethan e nós três começamos a empurrar e nos esfregar juntos em uma sincronia perfeita, o que definitivamente estava sendo ajudado pela afinidade natural do Incubus por sexo.

Seu piercing esfregou contra meu clitóris e me fez gemer, implorar e balançar meus quadris contra ele cada vez mais forte até que meu corpo inteiro foi tomado por um frenesi de desejo e necessidade.

Com uma estocada profunda de seus quadris, Sin me forçou a

ter outro orgasmo, enfiando seu pau em mim enquanto eu surfava na onda repetidamente até que ele gozou também e forçamos Ethan a se juntar a nós em nosso êxtase, e ele mordeu meu lábio enquanto rosnava um palavrão.

Nós nos encostamos na parede em um emaranhado de membros ofegantes e suados, e eu não consegui evitar rir enquanto me pressionava contra a fria parede de pedra atrás de mim.

“Bem, isso certamente me ajudou a lidar com a tensão que eu estava sentindo,” provoquei.

“Tinha que haver uma boa razão para eu estar no time de fuga, garota selvagem,” Sin riu e Ethan também soltou uma risada.

“Tenho quase certeza de que deveria estar chateado com isso,” murmurou Ethan, com um sorriso malicioso nos lábios.

“Quem disse isso, *stronzo*?” Provoquei. “A lua me escolheu para você e ela sabia muito bem que eu não sou do tipo que se doma facilmente. Talvez ela tenha nos enviado o Sin também.”

“É, eu senti a lua, sim,” concordou Sin. “Ela estava brilhando no meu pau e sussurrando seus nomes para ele. Eu diria que a vagabunda sabe o que está fazendo.”

“Vai se foder,” Ethan xingou, revirando os olhos, mas quando seu olhar encontrou o meu, o calor neles revelou que ele não estava nem um pouco irritado. Ele tinha gostado daquilo tanto quanto eu.

Nós nos afastamos e pegamos nossas roupas, vestindo-as em um silêncio carregado de lembranças do que tínhamos acabado

de fazer, e eu mordi o lábio para não sorrir como uma *stronza* apaixonada.

"Bem, obrigado por complementar minha magia com toda essa luxúria deliciosa," provocou Sin enquanto se dirigia à porta primeiro e agarrava a maçaneta. "Vejo vocês dois mais tarde na biblioteca. E talvez da próxima vez que fizermos isso seja bem onde a lua possa nos observar e aproveitar o espetáculo."

Eu ri dele e ele se afastou, assobiando alegremente e saltitando. Ele poderia muito bem estar gritando para a prisão inteira ouvir que tinha acabado de transar, mas eu não tinha coragem de me importar. Havia uma escuridão em Sin Wilder que se escondia sob a superfície de seus olhos com muita frequência, e eu estava simplesmente feliz por ter colocado um sorriso em seu rosto.

A porta se fechou atrás dele e Ethan passou por mim, estendendo a mão para abotoar meu macacão enquanto eu penteava meu cabelo.

"Eu vou com você, amor," disse ele com a voz áspera. "Vou mergulhar direto nas profundezas do Clã Oscura e confiar em você para garantir que eu não caia de cara no chão quando chegarmos lá. Mas nem importa se eu cair. Tentei ficar sem você, tentei negar meu próprio coração, mas não consigo mais. Eu não quero. A única coisa que eu quero é você, amor. Então, se você também me quer, por que não fugimos em direção ao pôr do sol e tentamos esquecer que este lugar existiu?"

"Gostei do som disso," concordei, inclinando-me para beijá-lo uma última vez. "Então acho melhor a gente não estragar tudo."

"O plano é perfeito, amor. *Você é* perfeita. O que poderia dar

errado?”



A tensão nos meus músculos durante o jantar poderia ter alimentado uma bomba Fae. Meus olhos percorreram os rostos da minha matilha, que eu estava deixando para trás, com uma pontada de culpa no estômago. Harper tinha sido uma boa Beta, e meus outros Lobos me serviram bem. Mas eu ainda não conseguia me sentir totalmente mal por deixá-los para trás, sabendo que eu não havia cometido o crime que me trouxera até ali, e eles sim. E eu não estava disposto a passar mais quinze anos naquele lugar.

Se eu fosse pego, o que seriam mais dez anos ou mais de pena nesse ritmo? Eu arriscaria qualquer preço pela liberdade. Mas, mais do que isso, arriscaria qualquer preço pela liberdade com minha companheira. Eu planejava reivindicar Rosalie por completo assim que ultrapassássemos esses muros. Foda-se todo o resto. Eu poderia anunciá-la como minha para o mundo além de Darkmore. E então eu enfrentaria o que viesse depois disso, aceitaria com naturalidade por ela.

Era diferente aqui. Havia mais consequências por trair minha gangue. Como ter meu corpo cortado em dez pedaços por me tornar um traidor da Irmandade Lunar. A coisa que eu jurei

acima de tudo quando fui arrastado para Darkmore foi que eu não iria morrer nesse lugar. O suficiente da minha vida já tinha sido jogado no ralo, eu com certeza não iria acabar queimado no incinerador por causa de uma decisão tola. Se Rosalie pudesse ver isso, então poderíamos ter resolvido as coisas há muito tempo, nos vendo em segredo. Mas, como nós sairíamos daqui de qualquer maneira, eu tinha que me agarrar ao sonho de que, além desta prisão, ela me reivindicaria de volta, contanto que eu a reivindicasse abertamente e dissesse ao mundo que ela era minha. Acasalada comigo pela lua. E era exatamente isso que eu planejava fazer.

Abracei Harper, sabendo que era um adeus, mas que ela sairia dali em alguns meses, então não era um adeus para sempre. Meu olhar se dirigiu para Rosalie, do outro lado da sala, que estava no meio de uma pilha de cachorros. Seus olhos se encontraram com os meus e eu jurei que pude sentir seu desejo por mim tão intensamente quanto o meu desejo por ela. A conexão que eu tinha com ela era diferente de tudo que eu já havia conhecido e eu planejava honrá-la adequadamente em poucas horas, quando não houvesse mais motivo para me afastar dela.

Sin comia sozinho, um sorriso se formando em sua boca enquanto ele engolia o ensopado como se fosse seu doce favorito. Eu ainda estava meio em choque com o ménage à trois que ele me dera. Eu não deveria desejar nenhum outro Fae, mas de alguma forma, com ele ali, me senti bem. Eu tinha gostado das mãos dele em mim, ainda mais porque Rosa parecia tão excitada com isso. Agradar minha companheira estava incutido em mim desde a lua, e se Sin a agradava, talvez eu tivesse que me acostumar com a

orgia ocasional com minha companheira. Contanto que ela fosse minha no final das contas, eu imaginava que aguentaria.

Sin tinha mais duas tigelas enfileiradas como se estivesse comendo para uma maratona naquela noite. Eu também tinha enchido bem a barriga, sem saber de onde viria a próxima refeição. Eu sabia que levaria um tempo até que eu pudesse ir até minha irmãzinha e saborear as delícias de sua cozinha novamente. Assim que o alerta fosse dado, o FIB iria direto para as casas de qualquer pessoa conectada a nós e, ao contrário de Rosalie, minha família não seria capaz de me esconder, mas eu tinha meios de contatá-los. Contatos que o FIB jamais poderia vincular a mim.

Eu não planejava me tornar um líder entre os Lunares quando saísse daqui. Não, depois de tanto tempo em Darkmore, minhas prioridades haviam mudado. Eu queria me mudar para algum lugar longe das cidades e encontrar minha própria matilha para governar ao lado da minha companheira. Eu só precisava convencê-la a se juntar a mim nesse sonho quando escapássemos. E eu ainda não tinha descoberto como conseguiria.

Pudding e Claud conversavam do outro lado da sala e a excitação percorreu minha espinha quando olhei para Rosalie novamente e ela jogou o cabelo, o sinal claro. Era hora.

Mas antes que eu pudesse abrir a boca, as portas do refeitório se abriram e o Oficial Nichols escoltou Gustard para dentro da sala, fazendo meu estômago embrulhar como uma pedra. Olhei de volta para Rosalie, cujo rosto empalideceu quando ele foi solto na multidão, ajeitando a manga onde o guarda o segurava antes de

lançar um largo sorriso para a minha companheira. Aquele filho da puta. Aquele pedaço de merda. Ele tinha encontrado uma saída. Eu deveria saber que aquele babaca suspeito encontraria um jeito de estar aqui esta noite. Ele se moveu para se sentar entre sua gangue e eu engoli o nó na garganta, compartilhando um olhar intenso com Rosalie. Ela cerrou o maxilar e então deu de ombros infinitesimalmente para mim. E eu sabia que não havia nada que pudéssemos fazer sobre Gustard, porque era hora de ir embora.

Uivei furiosamente, pulando do meu assento no mesmo instante em que Rosalie pulou na dela, nós dois correndo juntos e puxando nossas matilhas atrás de nós. Levei Rosalie para o chão enquanto nossos Lobos colidiam de cada lado, sem questionar nossas razões, apenas nos seguindo cegamente para a guerra. Os gritos e relinchos, os lamentos e guinchos que irrompiam pela sala me indicavam que o resto da nossa equipe estava começando suas próprias lutas, e os guardas rugiam ordens para que parássemos.

Abaixei minha boca até o ouvido de Rosalie enquanto ela me socava com mais força do que o necessário e eu a esmagava no chão. “Te vejo em breve, querida.”

Ela sorriu por meio segundo e uma parte idiota de mim considerou pedir um beijo dela, com medo de que fosse o nosso último se tudo isso fosse para o inferno. Mas eu não podia arriscar. Eu tinha que me controlar mesmo agora. *Só mais um pouquinho.*

Afastei-me em meio à confusão de corpos, abrindo caminho sutilmente para Rosalie chegar à porta. Seus dedos apertaram os

meus por um breve instante e então ela desapareceu, deslizando pela confusão como um fantasma.

Sorri, uivando antes de dar um soco no rosto de um dos companheiros de matilha dela e me jogar sobre ele enquanto ele caía aos meus pés. A multidão de corpos era cobertura suficiente, e ajudou o fato da luta já estar se espalhando pelo corredor.

Sparkle avançou pela multidão com sua manada de Pegasus atrás, relinchando furiosamente enquanto derrubava pessoas e elas eram pisoteadas. Eu corri além dela, chutando a parte de trás dos seus joelhos enquanto passava, e ela relinchou furiosamente enquanto caía.

Passei correndo por Pudding, que atirava cadeiras em uma manada de grifos, derrubando-os um de cada vez com uma precisão assustadora. Dei um tapa em suas costas enquanto corria, lançando um último olhar para minha matilha em luta por cima do ombro e me despedindo silenciosamente. Minha companheira estava me esperando. E toda a minha vida também. Eu ia rever minha família, conhecer meus sobrinhos e sobrinhas, exercer meu status de Alfa sobre meus cunhados e me tornar o lobisomem macho mais infame de Alestria.

Bati em um corpo sólido e caí no chão em cima do Oficial Nichols. Seus olhos estavam arregalados quando ele arrancou o cassetete do quadril e eu não hesitei, agarrando seu pulso e quebrando seu braço com um giro furioso da minha mão. Ele rugiu de dor quando eu pulei e o chutei no queixo antes de sair correndo. *Desculpa, mano.*

Sin voou pelas portas à minha frente com algo amarelo embrulhado nos braços, mas não consegui identificar o que era

enquanto ele desaparecia na briga. Roary soltou um rugido de Leão perto de mim e olhei para ele e seus Shadow destruindo um grupo de Medusas.

Gustard estava recuando enquanto seus filhos da mãe UnFae matavam os Fae em dez a um. Plunger já tinha ido embora, mas, ao passar pelo meu tatuador Alvin, inconsciente e com um cocô no rosto, tive a sensação de que ele era o responsável. Só Plunger era tão nojento assim.

Passei pelas portas, entrando na escada, evitando socos pesados enquanto me abaixava, mergulhava e ziguezagueava pelo tumulto. Fui jogado para todos os lados e levei cotoveladas no estômago, mas não diminuí o ritmo, abrindo caminho até a escada e, de repente, me libertei da multidão e desci correndo os degraus, três degraus de cada vez, rumo ao sexto andar.

Eu estava ofegante e cheio de adrenalina quando cheguei às portas congeladas e entrei.

Esme, Sonny e Brett estavam lá, dando tapinhas nas costas uns dos outros enquanto contornavam o corredor em direção ao túnel. Continuei correndo, passando por eles e observando o grupo parado ali. Rosalie contava as cabeças, seus olhos iam de uma pessoa para a outra, e o alívio tomou conta de seus olhos ao me ver. Plunger estava ao lado dela, tirando o macacão e se preparando para entrar no túnel. Eu estava entre os primeiros a chegar e esperava que todos os outros se apressassem.

Virei-me quando passos soaram atrás de mim e Gustard chegou com três de seus homens a reboque, todos enormes e musculosos. Um tinha uma tatuagem nos lábios que parecia pontos, e outro tinha as sobrancelhas tatuadas como se fossem

uma só, sabe-se lá por que motivo.

“Quem diabos são eles?” Rosalie perguntou bruscamente e Gustard sorriu, alisando um vinco em seu macacão.

“Dificilmente vou sair daqui sozinho, filhote. Escolhi a dedo meus homens mais fortes para nos ajudar a sair daqui. E vou precisar de uma carona quando chegarmos à superfície, então escolhi Ordens que podem me carregar.”

Rosalie arreganhou os dentes em fúria e balançou a cabeça. “Tudo bem, faça o que quiser,” sibilou.

Por mais irritado que eu ficasse ao vê-lo ali com seus *amiguinhos*, era tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito; tínhamos que seguir o plano e aproveitar a oportunidade, porque outra não viria se estragássemos tudo.

Roary entrou correndo com Claud atrás dele e Rosalie suspirou aliviada, sorrindo para ele. Só faltavam Pudding e Sin chegarem.

“Vamos embora ou não?” Perguntou Gustard, caminhando em direção ao túnel, e Rosa endireitou as costas, bloqueando o caminho dele.

“Precisamos do Sin ou não iremos embora,” ela rosnou.

“Ele estava na minha frente.” Franzi a testa. “Ele já deveria estar aqui.”

A preocupação percorreu o grupo e Sonny gemeu enquanto olhava para Rosalie em busca de orientação. Seus olhos se encontraram com os de Roary, comunicando um medo silencioso, e eu senti esse terror nela tão intensamente como se fosse meu.

“Vou procurá-lo,” anunciei enquanto uma conversa

preocupada começava e todos olhavam para mim.

Rosalie ergueu as sobrancelhas enquanto me olhava, avançando com esperança nos olhos. “Você faria isso?”

“Você precisa ir para a manutenção e Plunger precisa cavar o resto do túnel,” eu disse com firmeza. “Vou garantir que Sin esteja aqui quando você voltar da neutralização do Supressor de Ordem.”

Um sorriso se abriu em suas bochechas e um calor se espalhou pelo meu peito.

“Obrigada,” ela disse seriamente e eu assenti, me afastando dela e correndo em direção à saída no momento em que Pudding entrava pesadamente pela porta com uma linha de sangue na bochecha, mas um sorriso no rosto.

“Anda logo, Pud!” Gritei para ele e ele riu baixinho.

“Estou a caminho, cão,” ele gritou para mim e eu empurrei as portas, ouvindo gritos e berros dos guardas lá em cima.

Se Sin estivesse em apuros, eu tinha que encontrá-lo e garantir que ele voltasse para cá a tempo de escapar. Não havia nada que eu não fizesse por Rosalie. Mesmo que eu estivesse colocando minha própria liberdade em risco. E eu me perguntava quando o vínculo de companheiro havia se tornado muito mais do que apenas uma força além do meu controle e se transformado em um tipo profundo de amor que superaria o vínculo mesmo que ele não existisse mais. Por ela, eu faria qualquer coisa. Então, por Deus, onde diabos estava Sin Wilder?



Meu coração batia forte de medo enquanto eu observava Ethan partir e eu tentava me convencer de que estava tudo bem. Eu tinha dito a todos que as únicas pessoas sem as quais eu não sairia dali eram Sin e Roary, mas quando ele me deixou para trás, eu soube que isso não era verdade. Eu e Ethan tínhamos problemas, mas eu não o deixaria naquele lugar. Ele era meu. Minha alma gêmea. *La mia anima gemella*. Aquele que a lua havia escolhido para mim. E por mais que aquele ser celestial em particular gostasse de escolher caminhos estranhos do destino para eu seguir, eu realmente acreditava que ela nunca havia me enganado antes. O que significava que eu precisava que meu companheiro viesse conosco quando escapássemos daquele lugar, ou eu também não iria embora.

Engoli em seco ao admitir isso para mim mesma e tentei entender quando diabos aquela mudança de atitude tinha acontecido. Mas talvez eu já estivesse me sentindo assim há muito tempo e simplesmente não quisesse aceitar porque eu era uma teimosa e um taurino nunca se desviava do seu caminho. Mas eu estava começando a achar que precisava aprender a me comprometer pelo menos um pouco. Só desta vez. Eu precisava

porque ansiava por Ethan Shadowbrook ser meu agora e para sempre, e eu não ia deixar nada nos impedir de reivindicar esse destino.

"Todos precisam começar a entrar nos túneis," gritei, virando as costas para a porta e erguendo o queixo enquanto usava meu tom de Alfa com todos. "Vou ligar para o Jerome e garantir que ele tranque os aposentos dos guardas. Cain está lá em cima, então não precisamos nos preocupar com um Vampiro se aproximando de nós. Sigam Plunger, fiquem juntos e esperem que eu, o Sin e Ethan os alcancemos antes que vocês irrompam na superfície."

Gustard me olhou com um sorriso malicioso e xinguei baixinho, me perguntando se a lua poderia me dar o dom da maldição para que eu pudesse amaldiçoa-lo de verdade. *Vamos lá, só uma maldiçãozinha para um bastardo nojento. Por favor?*

A lua não parecia estar de bom humor, então desisti da ideia e me forcei a esquecê-la por enquanto. Roary me seguiu enquanto eu aceitava dois transmissores de Pudding e usava o primeiro para conectar uma ligação para Jerome.

"Olá, linda, minha carga está pronta para ser enviada?" A voz sedosa de Jerome soou pelo transmissor quando o levei ao ouvido e soltei um suspiro de alívio ao ouvir que ele estava lá, esperando.

"Você conhece o Sin, ele está nos mantendo alerta," admiti.

"Bem, não cometa o erro de sair desse lugar sem ele," respondeu ele em tom mordaz. "Ele pode ser um desastre e um verdadeiro problema, mas é meu irmão e eu o quero fora daí. Se você o deixar para trás, acho que não precisa que eu explique o que isso significaria para você."

"Não precisa me ameaçar, *stronzo*, estou nesse trabalho há

meses. Dificilmente vou executar o plano sem o ator principal a reboque. Você ainda não me pagou os honorários, afinal."

Jerome riu baixinho e, mais uma vez, nos tornamos melhores amigos. Ele era um canalha malvado com qualquer um que fosse tolo o suficiente para enfrentá-lo, mas também era um Fae de palavra, e eu confiava que ele cumpriria sua parte nisso.

"Você trancou os aposentos dos guardas?" Perguntei com urgência.

"Não se preocupe, linda. Tudo será feito conforme solicitado e a magia será colocada em ação para bloquear qualquer linha de comunicação de Darkmore nos próximos cinco minutos. Então, se você tiver alguma outra ligação para fazer, é melhor fazê-la agora. Depois disso, não ouviremos mais nada de Darkmore pelas próximas três horas por telefone, transmissor, e-mail ou mesmo pombo-correio."

"Três?" Rosnei. "Você me prometeu seis!"

"Bem, acontece que as interferências deles vão ser muito mais difíceis de bloquear do que eu esperava. Vou te dar todo o tempo que puder, mas não quero prometer mais do que três horas. Quando você chegar ao seu primo e à poeira estelar, não precisará se preocupar com o FIB atrás de você de qualquer maneira. E vou aumentar sua taxa para cobrir o risco extra envolvido."

"Nossa, valeu," eu disse sarcasticamente, e ele riu como se tudo aquilo fosse uma grande piada. O que eu imaginei, quando você estava sentado na sua cobertura hackeando alguns sistemas, provavelmente parecia ser verdade. Deixa pra lá nós, gente pequena, presos num buraco no chão e abandonados aqui

embaixo para apodrecer para sempre, se tudo desse errado.

“Te vejo lá fora, linda. Tente não ser pega.” A linha caiu e eu xinguei, amassando o pote de pudim na mão enquanto a magia acabava e o joguei de lado.

Virei-me e vi que quase todos já estavam entrando no túnel atrás de Plunger, mas Roary estava me esperando, com os braços cruzados e a boca firme.

“Tudo bem?” Ele perguntou.

“Praticamente,” concordei. “Acabei de receber um lembrete firme de que, se eu não tirar Sin daqui, todas as nossas cabeças estarão na tábua de corte. Ah, e as seis horas que deveríamos ter sem interferência do FIB acabaram de virar três. O que significa que precisamos nos apressar.”

“Você consegue, Rosa,” ele disse firmemente, segurando meu olhar enquanto esperava que eu confirmasse que eu também acreditava nisso.

“Claro que sim, Roar,” respondi com firmeza. “Só preciso ligar para o Dante antes que as comunicações externas sejam bloqueadas.”

Ele assentiu e eu peguei o segundo transmissor de pote de pudim do meu bolso, conectei o fio dental à goma de mirtilo para iniciar a magia e então o levei até meu ouvido.

“É você, Rosa?” Chamou uma voz animada, e levei um momento para reconhecer o irmão de Roary, pois uma série de interferências atrapalhou o som.

“Leon?” Perguntei, franzindo a testa. “Você está com o Dante? Aconteceu alguma coisa?”

“Está tudo bem, pequena *lupa*,” ele gritou. “Estou montando nele enquanto falamos!”

“Presumo que você queira dizer na forma de Dragão?” Provoquei, e Leon deu uma risada.

“Nunca se sabe. Talvez eu finalmente tenha domado a fera e a tenha feito se contorcer debaixo de mim em êxtase enquanto agarra os lençóis e implora por mais.”

Um dragão rugiu ao fundo e eu ri quando um trovão ecoou após seu protesto.

“Tudo bem, tudo bem, estamos voando pelas nuvens, preparando uma tempestade para você e Roary, para que possamos destruir aquela cerca com o raio dos sonhos.”

“Perfeito,” eu disse com um sorriso. “Só preciso neutralizar o Supressor da Ordem e a revolta vai começar com força total. Metade dos guardas está trancada em seus alojamentos e vamos sair daqui rapidinho.”

“Então te vejo em breve, pequena loba!” Leon caiu na gargalhada e Dante rugiu novamente, fazendo meu coração disparar de ansiedade quando a ligação caiu e eu me virei para sorrir para Roary.

“Meu irmão também está lá em cima?” Ele perguntou, seus olhos dourados brilhando e eu assenti.

“Isso está mesmo acontecendo, Roar. Mais um pouquinho e você e eu estaremos deitados na praia tomando sol enquanto o mundo tenta nos caçar.”

“Vamos andando então,” disse ele, a empolgação evidente nele, me fazendo querer pular e gritar como uma criança no

Natal. “Vou com você até a manutenção.”

“Você não pode,” discordei. “Plunger vai começar a cavar assim que chegar ao outro lado daquele túnel. Ele não pode romper a superfície até que estejamos todos com ele, e não confio que Gustard nos espere. Mas se todos eles acabarem na superfície antes que Dante esteja pronto para derrubar a cerca quando estivermos todos lá, os guardas nas torres de vigia podem avistá-los. Preciso de alguém em quem eu confie para cuidar deles e garantir que esperem que eu, Sin e Ethan os alcancemos.”

“Pudding e Sonny podem...”

“Não, Roar,” exigi, agarrando sua mão e puxando-o para que se virasse para mim. “Eu não confio neles. Não confio em ninguém aqui. Ninguém além de você.”

Seus lábios se separaram quando ele olhou para mim e meu pulso acelerou ao ver como seu olhar dourado parecia estar me absorvendo. Por um momento, meu próprio olhar caiu sobre sua boca e a necessidade dolorosa, ansiosa e lancinante que eu sentia por esse homem surgiu em mim com tanta força que eu tinha certeza de que me afogaria nela.

“Toma isso,” sussurrei, tirando do bolso uma haste que eu tinha feito usando um suporte de parede quebrado de uma das estantes na semana passada. “Gustard é perigoso e imprevisível. Se alguma coisa acontecesse com você, Roar, eu morreria. Eu não posso...”

Roary agarrou a frente do meu macacão e me puxou em sua direção, sua boca encontrando a minha em uma labareda de fogo que era poderosa o suficiente para me consumir.

Eu engasguei quando a haste caiu dos meus dedos e por um

momento eu nem o beijei de volta, eu apenas desmoronei em seus braços, cada parede e barreira que eu tentei construir ao redor do meu coração despedaçado para mantê-lo fora caindo como se fosse feito apenas de areia.

E então meus lábios se abriram para sua língua e um gemido de pura necessidade e desejo escapou de mim enquanto eu era destruída por ele da melhor maneira possível, envolvendo meus braços em volta de seu pescoço e colocando minhas mãos em seus cabelos enquanto ele segurava meu rosto entre suas mãos grandes.

Uma dor profunda e sem fim surgiu dentro de mim, apenas para ser preenchida por ele e por tudo que eu sempre desejei e sonhei que ele seria para mim.

Foram tantas palavras trocadas entre nós naquele beijo, tantos momentos que deveríamos ter compartilhado e que prometemos compartilhar agora. Todas as coisas que sempre fomos destinados a ser um para o outro.

Roary se afastou, levantando meu queixo para que eu pudesse olhar para ele e eu quase estremeci, esperando que ele me dissesse para não interpretar mal aquilo, que não significava nada e que eu ainda era apenas uma criança burra, ou...

“Eu te amo, Rosa. Eu te amo de todas as maneiras que achei que não deveria e estou farto de ter medo disso. Estou farto de te querer e não te ter. De precisar de você e não te possuir. Eu falei sério quando disse que queria fugir para uma ilha deserta com você. Mas eu ficaria em Darkmore pelo resto da minha vida se este fosse o único lugar onde você também estivesse.”

“Roary,” eu sussurrei, meu coração batendo tão rápido que

fiquei surda enquanto a energia saltava e vibrava através dos meus membros e eu tentava descobrir o que diabos eu deveria dizer sobre isso.

“Está tudo bem,” ele rosnou. “Não estou pedindo para você dizer isso. Eu só precisava parar de mentir para mim mesmo, para você. Eu precisava te contar caso...”

“Sou apaixonada por você desde os meus quatorze anos, Roar,” eu disse, rindo de como aquilo me fazia parecer idiota. “Quando eu era só uma garotinha boba que te irritava e você era essa força vital irresistível que me atraía com cada coisa que fazia. Eu costumava olhar para você e dizer a mim mesma que um dia você me veria, que eu pararia de ser uma garotinha boba e talvez você olhasse na minha direção e visse...”

“Tudo,” ele completou, inclinando-se e me beijando novamente. “Eu vejo tudo, Rosa. Só não tenho certeza se mereço tanto assim.”

Os outros já tinham ido para os túneis e o tempo estava passando e não importava o quanto eu quisesse ficar ali naquele momento para sempre e absorver a maneira como ele estava me olhando e realmente me vendo, eu sabia que tínhamos que nos mover.

“Você precisa ir, Roar,” sussurrei, deslizando as mãos de volta pelo seu peito enquanto tentava encontrar forças para me soltar dos seus braços. Mas eu tinha esperado tanto tempo para estar ali que nem sabia se conseguiria sair agora.

“Corra rápido, Rosa,” ele rosnou. “Não vou deixar nenhum desses babacas fazer nada até você chegar.”

Eu sorri para ele e ele me beijou uma última vez, punitivo, de

tirar o fôlego, de fazer a terra tremer antes de me soltar e pegar a haste.

Eu estava sorrindo como uma *stronza* quando me virei e rastejei para dentro do túnel, mas nem me importei. O fodido Roary Night tinha acabado de dizer que me amava. Não havia nada neste mundo que pudesse estragar meu humor agora.

Rastejei para dentro da escuridão e peguei o caminho da direita que fazia uma curva em direção ao nível de manutenção, levantando-me conforme o túnel se alargava e olhando para Roary enquanto ele se virava para seguir os outros até o túnel que levava à superfície.

"Cuide-se, Rosa," ele ordenou com um rosnado baixo que fez meus dedos dos pés se curvarem e eu ri enquanto me virava e corria para a escuridão.

Estava frio nos túneis e eu tentava não tremer enquanto me movia mais rápido. Era isso. Eu só precisava dosar a bomba Ipump 500 com os ingredientes que Sin e Ethan tinham conseguido para mim e, em vez de bombear supressor para dentro da prisão, o tanque começaria a bombear antídoto. Aí, todos os filhos da puta malvados daquele lugar poderiam se transformar e causar o caos que quisessem, enquanto os guardas se esforçavam para fazer alguma coisa a respeito.

Continuei descendo andar após andar até chegar à parede que levava ao nível de manutenção, onde fiquei parada, prendendo a respiração enquanto ouvia para ter certeza de que não havia nenhum som vindo do outro lado.

Um baque suave chegou aos meus ouvidos, seguido pelo que pareciam passos se afastando, e eu congelei, com o coração na

garganta, enquanto esperava para ver se havia alguém por perto ou não. Podíamos estar na reta final, mas se eu fosse pega agora, todo o plano iria por água abaixo em questão de instantes.

Contei até trinta, mas não havia mais som algum além do muro e não tínhamos tempo a perder.

Mordi a língua, fechei os olhos e cuidadosamente procurei pelas aberturas na borda da argamassa que cercava o tijolo à minha frente.

Eu o puxei de volta para mim, encolhendo-me ao som dos tijolos rangendo uns contra os outros, apesar de quão devagar eu estava me movendo.

Quando ele finalmente se soltou, coloquei-o no chão perto dos meus pés e fui espiar pelo buraco com o pulso acelerado.

A sala de manutenção estava fracamente iluminada em vermelho, como sempre, e parecia completamente vazia. Eu também não conseguia ouvir nada além do zumbido constante das máquinas.

Soltei um longo suspiro e comecei a tirar mais tijolos da parede, movendo-me cada vez mais rápido enquanto trabalhava para fazer um buraco grande o suficiente para eu passar.

Um baque surdo soou à distância, como uma porta se fechando, e eu congelei por um momento antes de me apressar novamente quando não ouvi mais nenhum barulho.

Pulei pela abertura assim que ela ficou grande o suficiente, pousando suavemente no chão de pedra dentro da câmara de manutenção e olhando ao redor. Eu não tinha como saber que horas eram, mas precisava me mexer se quisesse aproveitar ao

máximo a interferência de Jerome no FIB. Assim que o Departamento de Investigação Fae estivesse em nosso encalço, precisávamos fugir através da poeira estelar ou nunca escaparíamos. E como o protocolo para fugitivos de Darkmore era atirar primeiro e perguntar depois, eu não tinha intenção de deixá-los nos alcançar.

Contornei o cômodo escuro e rapidamente me dirigi à bomba Ipump 500. O desgraçado que tentou estragar tudo. *Nos reencontramos meu velho amigo.*

Obriguei-me a me concentrar enquanto abria o painel de controle e começava a digitar os comandos necessários para burlar o sistema de segurança e destrancar a entrada de ar. Eu vinha estudando as informações que Dante me enviava no verso de suas cartas dia e noite, até que comecei a sonhar com elas. Eu era uma especialista em bombas de vácuo.

Um *bing-bong* profundo soou da máquina em confirmação ao meu comando e eu pulei da minha pele enquanto me virava para verificar se havia algum sinal de alguém que pudesse ter ouvido aquele barulho.

A calha se abriu lentamente enquanto eu ficava ali, temendo pela minha vida, e tirei os ingredientes do meu bolso com dedos trêmulos antes de colocá-los na máquina, um por um, o mais rápido que pude.

A bomba foi ligada quando a calha se fechou novamente, o som do motor girando e misturando tudo ficou mais alto e deixou minha boca seca conforme comecei a me afastar dele.

No momento em que começou a bombear novamente, tive que lutar contra a vontade de gritar de excitação e, em vez disso,

saciei essa vontade pulando e agradecendo silenciosamente às estrelas.

O som de passos se aproximando interrompeu minha comemoração e eu ofeguei enquanto disparava para longe da bomba e corria para as sombras além dela, com meu coração batendo forte contra minhas costelas.

Em seguida, ouvi o zumbido característico de estática do rádio de um guarda, e pressionei minhas costas contra a lateral de outra máquina e prendi a respiração enquanto os passos se aproximavam.

“Detentos causando distúrbios no refeitório. Todas as unidades preparadas para responder se a situação piorar,” a voz de Lyle veio pelo alto-falante.

Mas o guarda apenas bufou com desdém e continuou andando, seus passos se aproximando cada vez mais do meu esconderijo, enquanto eu era forçada a prender a respiração e rezar para tudo em que eu sempre acreditei pedindo ajuda. Porque se me encontrassem ali agora, nenhum de nós sairia da Penitenciária Darkmore.



Eu estava no terceiro andar, perto do Complexo Mágico, escondido nas sombras enquanto segurava uma penca de limões nos braços. Planejava dar alguns para Rosalie e o resto das Anacondas Destemidas, mas não os vi depois que a briga começou e sabia que precisava agir rápido. Eles já estariam na biblioteca. Joguei a maioria no chão e guardei dois no bolso enquanto esperava passos vindo em minha direção, o silêncio pressionando meus ouvidos.

Vamos, gatinha. Cadê você, minha linda?

Um rádio estalou e uma voz masculina ecoou, mas eu não estava prestando atenção ao que diziam. Um guarda atendeu ao chamado e eu desci até a ventilação atrás de mim, respirando fundo, inalando aquele gás e torcendo para que minha garota selvagem já tivesse chegado ao tanque de Supressor de Ordem. Conforme o guarda se aproximava, inalei o ar com os lábios franzidos, tentando apressadamente despertar o Incubus dentro de mim e recuperar meu poder.

Eu podia sentir que ele me dava o que eu precisava e engoli uma risada maníaca quando minha linda e sexy Ordem foi

devolvida. *Bem-vinda de volta, querida.*

O Oficial Rind passou por mim e eu pulei atrás dele como um fantasma na noite, arrancando seu bastão de choque do quadril e batendo com tanta força em sua cabeça que ele caiu aos meus pés. Sorri sombriamente enquanto ele gemia, batendo novamente para garantir que suas luzes estivessem bem apagadas antes de pegá-lo pelos braços e me apressar para arrastá-lo pelo corredor, cantarolando a música tema das Anacondas, que eu estava trabalhando enquanto caminhava. Ouvi o som de mais passos vindo em minha direção e me calei, meu zumbido morrendo no meio da música.

Eu estava com um prazo apertado agora, e por mais de um motivo. Então, eu precisava me apressar se quisesse que isso desse certo. Minha garota selvagem estava contando comigo e não tinha como eu decepcioná-la.

Continuei a música tema na minha cabeça para me ajudar a me concentrar. *Flash bang! É uma sucuri na sua cara. Flash bang! Eles vão sair daqui. Flash bang! Tem uma cobra na grama. Flash bang! Ela vai te morder na bunda.*

Arrastei Rind pela esquina enquanto mais passos se aproximavam e ordens eram gritadas entre eles. Cheguei ao elevador do guarda, levantei a mão de Rind e a bati contra o scanner, beliscando-o na dobra do cotovelo e fazendo-o disparar alguns lampejos de magia na palma da mão. O elevador apitou ao abrir e eu o arrastei para dentro, tirando meu macacão quando as portas se fecharam e trocando minhas roupas pelas dele.

Quando ele se deitou aos meus pés com meu macacão amassado no peito e um pênis desenhado na cara com a caneta

que eu tinha encontrado no bolso, me transformei no Oficial Cain e sorri sombriamente. Segurei minha bunda com as palmas das mãos, apertando suas nádegas musculosas como eu pensava toda vez que ele passava por mim com uma de suas carrancas sérias. *Mmm, é, Cain malhava e eu estava lá para isso.*

Enfiei um limão no bolso e alonguei minhas pequenas presas de vampiro antes de dar uma mordida no outro, o suco escorrendo pelo meu queixo. Rosalie não era a única que desejava Cain naquele lugar. E eu mesmo já tivera um ou dois sonhos obscenos com ele, então assumir sua forma era tão fácil quanto tirar nozes de um Shifter Esquilo... bastava dar uns tapas neles e eles as entregavam.

Digitei o número do Nível Sete e comecei a descer pela prisão, esfregando o suco de limão em qualquer pele exposta que eu tivesse antes de me abaixar e enfiar o limão meio comido na boca de Rind.

"Delicioso, obrigado, Oficial Cain," imitei sua voz com um sorriso irônico, depois me levantei e juntei as mãos atrás das costas, de maneira formal.

Quando as portas se abriram, apertei o botão dos aposentos dos guardas para enviar Rindipoo até seus amigos e caminhei pelo corredor, admirando a bela vista à minha frente. A porta da jaula do Beloriano.

Dei um sorriso largo, caminhando em direção a ela como um babaca convencido, deleitando-me com a sensação de ser um homem grande naquela prisão. Era bom. Não me surpreendia que os guardas andassem por ali como se suas bolas fossem de ouro maciço, já que se sentiam tão poderosos o tempo todo.

“Olá, fera,” ronronei na porta, a excitação me percorrendo enquanto me preparava para usar minha força de Vampiro para me divertir e arrancar aquela coleira do seu pescoço.

Rosalie e eu tínhamos nossa própria linguagem secreta. E ela claramente queria mais caos esta noite para manter os guardas ocupados. Fiquei mais do que feliz em suprir isso, especialmente quando ela me pediu para fazer isso tão abertamente. Um não dela era um sim secreto para mim. E ela realmente deixou claro o quanto precisava de mim para fazer isso. É, não sairíamos de Darkmore sem a minha ajuda. Não, senhor.

Peguei o rádio de Rind do meu quadril, girei-o entre os dedos antes de levá-lo à boca, pigarreei e apertei o botão de chamada. “Código marrom! Soltem o Beloriano! Soltem-no agora!”



Saí do meu quarto de moletom e camiseta, pensando em pegar algo para comer e dormir cedo. Eu tinha feito dois turnos seguidos e, embora isso me ajudasse a me distrair da maldição, eu era apenas um Fae e precisava dormir um dia. Desci para a área de recreação e franzi a testa ao descobrir que algum preguiçoso tinha deixado o bastão e o rádio na mesa de centro. Seria tão difícil assim guardá-los de volta no armário?

"Repita a ordem, Cain, há estática na linha," a voz de Lyle soou frenética pelo rádio.

Que porra é essa?

"Eu disse código marrom! Soltem o Beloriano, soltem-no agora mesmo!" Minha própria voz soou em resposta e eu me transformei em pedra, tentando entender como aquilo era possível. E que porra estava acontecendo. *Código marrom? Não havia código marrom.*

Peguei o rádio da mesa com o coração disparado e apertei o botão. "Mantenha a ordem," gritei para Lyle.

"Senhor?" Sua voz ecoou do outro lado da linha. "Quer que eu

segure?”

“Sim,” respondi bruscamente, mas minha voz não saiu, pois o outro filho da mãe que se passava por mim manteve o botão de chamada pressionado e a linha aberta do outro lado, me excluindo.

“Sim, solte, solte!” Ele exigiu, soando muito animado para realmente ser eu, mas ele estava fazendo uma imitação e tanto ou... ou...

“Solte-o!” Ele implorou novamente.

“*Porra*,” eu gritei, segurando meu próprio botão de chamada enquanto tentava parar Lyle antes que fosse tarde demais. “Não solte!” Mas eu não estava conseguindo, o filho da mãe ainda estava bloqueando a linha.

O medo tomou conta de mim, espalhando-se por todos os ossos do meu corpo.

Xinguei e corri pelos corredores até o escritório de segurança, abrindo-o e encontrando Lyle sentado em frente às telas de CFTV na parede.

“Lyle?” Gritei. “Não era eu no rádio.”

“Não era?” Ele engasgou.

“Não, por favor, me diga que você não libertou o Beloriano,” rosnei, mas a palidez em seu rosto me deu a resposta antes mesmo que ele a dissesse.

“Desculpe, acabei de soltar,” ele gaguejou, com suor escorrendo pela testa.

“Então use a coleira para mandá-lo de volta!” Exigi.

Lyle rapidamente começou a digitar comandos no console à sua frente, mas quando ele apertou o botão de execução, uma mensagem apareceu na tela.

Sinal perdido. Não foi possível concluir o comando.

"Pelo céu, que porra está acontecendo?" Eu assisti ao tumulto se espalhando por metade da prisão pelas câmeras, respirando pesadamente enquanto eu absorvia o caos que acontecia lá embaixo. *Puta merda.*

Meu coração afundou como uma rocha de cinquenta toneladas enquanto os Fae, em todas as câmeras, começavam a se transformar, com suas Ordens transbordando de suas carnes, seus macacões rasgados em tiras aos seus pés. Meu pior pesadelo estava se materializando diante dos meus olhos e eu estava paralisado pelo problema monumental que me encarava.

"Não," eu disse ofegante, minha mente lutando para compreender e descobrir uma solução para o caos absoluto que se desenrolava diante de mim.

Meus olhos se fixaram em um guarda subindo as escadas apressadamente, para longe da cela do Beloriano, com um sorriso largo estampado no rosto. *Meu* rosto. O quê? Como? Quem?

A compreensão me atingiu como um soco no estômago.

Aquele pedaço de merda!

"Sin Wilder," sibilei, apontando para ele. "A Ordem dele está livre e ele está se passando por mim."

"Ai, meu Deus," Lyle suspirou enquanto observava a

carnificina, os guardas usando força mágica para tentar controlar a multidão, mas com todas as suas Ordens à solta, estávamos em total desvantagem numérica. Eles invadiriam Darkmore em menos de uma hora se não agíssemos rápido.

“Aconteceu alguma coisa com o Supressor de Ordem,” rosnei, encontrando-me procurando Rosalie na multidão, mas havia pontos cegos por toda a prisão. Ela poderia estar em qualquer lugar. E por que meu instinto me dizia que ela estava, de alguma forma, no centro de tudo isso?

A marca da maldição latejava em meu braço enquanto a raiva que sentia por ela me percorria. Eu não sabia como, mas tinha certeza de que ela era a culpada por parte daquilo. Onde havia problemas, aquela garota parecia residir. E enquanto minha mente se fixava naquele pensamento, a maldição me punia por isso, e eu podia sentir as videiras crescendo em meu peito, tomando conta de mais partes do meu corpo. A dor me dilacerava e pisquei com força, tentando contê-la, precisando lutar contra ela agora mais do que nunca.

Consegui me conter enquanto respirava fundo e recuava em direção à saída, enquanto Lyle continuava a olhar boquiaberto para as câmeras, aparentemente chocado demais para fazer qualquer coisa além de encarar aquela loucura.

“Preciso descer até o tanque de Supressores de Ordem. Continue tentando mandar o Beloriano de volta para a jaula.” Voltei correndo para o corredor, correndo em direção ao elevador aberto do outro lado.

Meu coração disparou quando avistei o corpo de Rind no chão, com um pênis desenhado no rosto inconsciente e um limão

enfiado na boca. Eu sabia, sem sombra de dúvida, quem o havia colocado ali; o mesmo cara andando por aí com um uniforme de guarda e usando a minha pele de estrela.

Antes de entrar no elevador, uma veneziana de metal fechou com tudo, bem na minha cara. Eu colidi com ela, incapaz de diminuir a velocidade a tempo, e cambaleei para trás, xingando. Era a única saída dali, e essa veneziana só deveria fechar se um código de cancelamento fosse inserido em uma emergência.

Porra!

Minha cabeça girava enquanto a maldição ressurgia e pesadelos passavam pela minha cabeça, a dor explodia em meu crânio.

Eu estava meio consciente dos meus joelhos batendo no chão enquanto a escuridão descia sobre mim e lutei para permanecer acordado, desesperado para não sucumbir ao seu poder naquele momento crucial. A diretora não estava aqui esta noite. O que significava que eu estava no comando.

Então eu tinha que me levantar.

Restaurar a ordem.

Encontrar Rosalie...

Mas a maldição me dominou e eu caí num mar de dor enquanto era punido pela garota que machuquei no pior momento possível. A escuridão me invadiu quando desmaiei e fui forçado a abandonar o mundo ao meu redor.



Eu voltei para o andar de cima, vasculhando cada andar, xingando enquanto o tempo passava. Mas Rosalie não podia ir embora sem Sin, e eu, com certeza, não podia ir embora sem Rosalie. Então, para onde aquele maldito Incubus tinha ido?

Cheguei ao terceiro andar, onde ficava o Complexo Mágico, abrindo caminho por entre um bando de detentos e correndo em direção a um Urso enorme que lutava ferozmente com um Centauro. Quase fui pisoteado pelos cascos do centauro enquanto ele investia contra o urso, e lutei contra a vontade de me transformar também, pois sentia meu lobo vivendo livremente em meu peito agora. Rosalie tinha conseguido, o Supressor de Ordem não estava mais bombeando para dentro da prisão. Minha linda e inteligente companheira ficaria famosa por isso.

Eu não ia decepcioná-la com a promessa que fiz. Ela havia investido sangue, suor e lágrimas neste plano, e Sin não ia estragar tudo.

A enorme pata com garras do Urso avançou para trás, quase me pegando por acidente, e eu rosnei com raiva.

Juro pelas estrelas, Wilder, se eu morrer aqui em cima nessa

confusão enquanto estou te procurando, vou te assombrar para sempre.

Tive que me abaixar em uma alcova quando o centauro foi jogado em uma manada de grifos que batiam as asas indignados. Meu coração batia forte enquanto o tempo passava e eu não estava mais perto de encontrar aquele babaca. Tentei me mover novamente e meu pé escorregou em algo redondo. Olhei para a pilha de limões ali com a testa franzida.

“Mas que... ah, porra, não!” Percebi com o coração disparado. Eu tinha visto Sin saindo correndo do refeitório com algo nos braços. Ele já tinha feito isso antes. E eu sabia que o Beloriano odiava limões, então peguei um e o enfiei no bolso.

Balancei a cabeça, praguejando entre dentes enquanto corria pelo corredor de volta por onde viera e para a escada. Passei por um bando de Leões e atravessei o caos que se espalhava rapidamente por todos os andares da prisão.

“Pare!” Gritou um guarda atrás de mim e uma videira agarrou meu braço, me fazendo parar.

Virei-me e avistei o Oficial Kato ali, erguendo a outra mão para lançar magia. Agarrei a videira em volta do meu braço, tentando soltá-la, recusando-me a ser pego. Eu tinha que voltar para Rosalie. Eu tinha que sair dali. Eu não ia abrir mão da minha liberdade por nada.

Outra videira veio em minha direção, depois outra e mais outra, me jogando contra a parede enquanto Kato tentava me incapacitar. Mordi uma das videiras com os dentes enquanto arrancava outra do meu corpo, enquanto mais e mais vinham em minha direção. Rosnei em fúria, preparando-me para me

transformar, mas antes que eu precisasse, um Minotauro rebelde subiu as escadas correndo, com a cabeça chifruda abaixada, e deu uma cabeçada em Kato, fazendo-o cair de costas. Arranquei as videiras restantes, agradecendo à minha estrela da sorte antes de descer as escadas a toda velocidade enquanto Kato pedia socorro.

"Sin?" Gritei ao chegar ao Nível Seis. Eu estava me aproximando da jaula do Beloriano, na esperança de chegar lá antes que aquele monstro fosse solto.

Um uniforme de guarda rasgado e um limão estavam juntos nos degraus que levavam ao temido andar onde o monstro vivia. Diminui o passo, movendo-me silenciosamente pelos degraus com o coração disparado no peito.

Um rosnado gutural fez minha pele arrepiar e pressionei as costas contra a parede enquanto me aproximava da beirada da escada. Lancei um olhar ao redor da parede e vi uma visão aterrorizante. Não um, mas *dois* Belorianos estavam ali, parecendo se comunicar com estalos de dentes. Seus corpos eram cinzentos e lisos, e suas seis pernas se estreitavam em garras afiadas que poderiam cortar um homem ao meio. Uma grande coleira jazia quebrada no chão entre eles e meu coração vacilou ao ver a única coisa que poderia devolver aquelas criaturas à gaiola.

Não havia sinal de Sin, então me virei, tentando me afastar silenciosamente, sem ousar respirar. Mas, ao me afastar dois passos deles, uma gargalhada ecoou em algum lugar à minha frente e meu coração disparou.

Alguns caras apareceram, suas peles brilhando com escamas

revelando suas Ordens de Sereia.

“Eles nunca vão nos encontrar aqui embaixo, Colin!” Gritou um deles, e um rugido soou atrás de mim, o que fez meu coração saltar até a garganta.

Comecei a correr, o som daquelas criaturas se aproximando fez com que o medo percorresse minha carne.

Empurrei Colin e seu amigo, precisando ir embora o mais rápido possível.

“Uau, qual é a pressa, mano?” Um deles gritou para mim, mas os gritos que vieram em seguida me disseram que eles tinham visto exatamente o motivo da pressa.

Eu sabia o quão rápido aquelas coisas se moviam e, porra, eu não ia perder um segundo sequer para fugir. Pulei passo a passo, o som das Sereias correndo atrás de mim seguido por outro rugido.

Que se dane. Eu precisava voltar para a biblioteca. Talvez Sin já estivesse lá. Talvez eu estivesse correndo atrás dele em círculos e arriscando meu próprio pescoço por nada. Mas eu não podia levar aquele monstro até lá, então passei pelo Nível Seis com um xingamento, planejando me esconder no Nível Cinco da academia até que o Beloriano se afastasse antes de retornar à biblioteca.

Alguém colidiu comigo e fui empurrado da escada para o quinto andar. Rosnei quando a Sereia avançou à minha frente e meus joelhos bateram no chão. Levantei-me quando a outra Sereia passou voando por mim e olhei para trás, dando de cara com dois Belorianos, com as mandíbulas molhadas de veneno e os rostos sem olhos fixos em mim.

O da esquerda soltou um grito agudo, correndo para a frente, e eu dei meia-volta e fugi, a adrenalina me percorrendo enquanto eu corria para salvar a minha vida em direção às portas do ginásio. O outro Beloriano passou por mim, me deixando à mercê de seu amigo enquanto caçava as duas Sereias.

"Vamos, Colin!" Rugiu um dos caras, mas Colin foi derrubado no chão por um golpe violento nas patas dianteiras do Beloriano. Seus gritos de terror foram interrompidos quando uma boca de dentes serrilhados se fechou sobre sua cabeça, e o vômito me revirou o estômago.

Eu não morrerei assim. Não assim!

O Beloriano que me perseguia tentou me atingir na cabeça da mesma forma que seu companheiro acabara de fazer com Colin, e eu me abaixei, deslizando pelo chão para escapar. Garras afiadas cravaram-se no chão perto da minha perna, cortando meu macacão e me prendendo no lugar. Eu me virei, tentando rasgar a perna do meu traje quando outro pé com garras caiu na minha frente, me prendendo entre suas pernas. Tirei o limão do bolso, mas o Beloriano o derrubou da minha mão antes que eu conseguisse cortá-lo.

Um rosnado profundo escapou de seu corpo e, de repente, a fera me agarrou entre as patas dianteiras, esmagando-me contra seu corpo gelado. Eu soquei, chutei e me debati, esperando que os dentes encontrassem minha carne a qualquer momento e me matassem. Mas a fera se virou e começou a correr em direção às escadas, soltando grunhidos baixos enquanto se movia. Continuei lutando pela minha vida, meu medo tornando cada soco poderoso, mas não o suficiente para ferir a carne impenetrável

daquela criatura vil. Eu não desistiria, no entanto. Eu *não* seria o jantar daquele monstro nojento enquanto minha companheira estava me esperando. E uma vida inteira nos esperava.



Eu prendi a respiração enquanto os passos do guarda se afastavam, agradecendo e xingando Sin pelo caos que ele estava causando lá em cima ao libertar o maldito Beloriano novamente. Porque eu sabia que tinha sido ele. Desde o momento em que ouvi Cain soando animado no rádio do guarda, eu soube exatamente quem estava lá em cima soltando o Beloriano. Mason Cain nunca esteve e nunca estaria animado um dia em sua vida. Eu ia dar uma surra naquele filho da puta quando o visse e depois beijá-lo pra caralho por distrair o guarda que quase me encontrou enquanto eu me escondia nas sombras por tanto tempo que perdi a conta. E esse era um tempo que não tínhamos de sobra.

Contei até trinta e então saí do meu esconderijo, abraçando as sombras ao lado da sala enquanto me abaixava sob um cano grosso que saía da lateral da bomba Ipump 500 e enviava o Supressor de Ordem - ou antídoto, como era o caso agora - para a prisão principal. Infelizmente para mim, não havia dutos de ventilação lá embaixo, no andar de manutenção, porque prisioneiros não deveriam estar lá embaixo, então fiquei presa na forma Fae até poder voltar para a biblioteca e resgatar minha Loba interior.

Desviei da máquina enorme, pulei sobre uma caixa de produtos de limpeza e me joguei do outro lado, mas, ao pousar, minha bota bateu em um balde de metal e a maldita coisa caiu no chão com um estrondo.

Meu coração pulou na garganta e congelei por meio segundo antes que a voz do guarda soasse, enchendo a enorme câmara.

“Quem está aí?” Ele perguntou e meu pulso acelerou ainda mais quando reconheci aquele velho pervertido, Nixon.

Não esperei que ele me encontrasse, me virei e corri pela sala o mais rápido que pude, com a mente fixa no túnel. Se eu conseguisse entrar, talvez conseguisse colocar os tijolos de volta no lugar antes que ele me encontrasse. Ou eu poderia simplesmente correr e torcer para que desse certo. De qualquer forma, eu não conseguiria lutar contra um guarda com a magia dele pulsando nas veias enquanto a minha estivesse trancada bem no fundo de mim.

Pulei em uma esquina, avistando o túnel do outro lado de outra máquina e comecei a correr em sua direção, mas antes que eu pudesse alcançá-lo, Nixon avançou em meu caminho com seu bastão de choque levantado.

“Você!” Ele rosnou, empurrando a arma para mim e apertando o botão com o polegar, de modo que mil volts de eletricidade atingiram meu corpo e eu fui jogada para longe, caindo no chão como um monte.

Arfei quando a dor ricocheteou pelo meu corpo e Nixon veio em minha direção com uma risada profunda e rouca. Um golpe daquela coisa deveria ter sido suficiente para me paralisar por vários minutos, mas eu era Rosalie Oscura; fui criada com dor e

treinada com um Dragão da Tempestade para esse cenário exato, e nada me manteria à mercê daquele babaca.

“Olha só o que eu encontrei aqui embaixo, onde ela não deveria estar. Uma vagabunda que passou dos limites. Se você tivesse me dito que já estava chupando o pau do Cain para se proteger, eu poderia ter inventado um...”

Girei minha perna no segundo em que ele chegou perto o suficiente de mim, um grito de raiva escapou dos meus lábios enquanto eu atacava a parte de trás dos seus joelhos e ele caiu de costas com uma maldição de fúria.

Eu pulei imediatamente, aproveitando minha vantagem enquanto me lançava sobre ele, jogando meus punhos em seu rosto com um rosnado furioso enquanto o prendia embaixo de mim e ele lutava para me empurrar.

O bastão de choque me atingiu novamente, a eletricidade percorrendo meu corpo e me derrubando do *stronzo*, fazendo minha cabeça bater na máquina ao nosso lado.

Nixon xingou quando a eletricidade o chocou também, mas ele não recebeu um golpe forte o suficiente para incapacitá-lo por meio de mim.

Cerrei os dentes e me coloquei de quatro por um momento antes de sua bota colidir com meu estômago e o ar ser forçado para fora dos meus pulmões enquanto a dor percorria meu lado.

Nixon lançou o bastão de choque em mim novamente e eu o ataquei com um uivo de fúria, minhas mãos o agarrando no momento em que ele lançou o choque e ele atingiu meu corpo novamente.

Eu segurei firme com um rosnado de pura e crua determinação e os olhos de Nixon se arregalaram em descrença quando a força do golpe diminuiu e eu consegui arrancar o bastão de suas mãos.

Golpeei o lado do joelho dele com toda a minha força e Nixon gritou de dor quando algo quebrou e ele cambaleou para trás.

Em poucos instantes, eu estava de pé novamente, levantando o bastão e mirando em sua cabeça, mas antes que eu pudesse acertar o golpe, ele estendeu a mão em minha direção e fui atingida pelo poder de um tornado quando ele me atingiu com uma rajada de Magia do Ar que me levantou do chão.

Fui jogada para o outro lado da sala, o bastão de choque foi arrancado da minha mão e lançado para longe um momento antes de minhas costas baterem na parede e a dor percorrer minha espinha.

Desabei no chão, um gemido de dor escapou de mim antes que eu pudesse contê-lo e me forcei a ficar de pé novamente com um palavrão.

Não consegui ver Nixon além das máquinas no meio do enorme espaço, então virei para a esquerda e saí o mais rápido que pude.

Meus passos ecoavam pelo chão de pedra e eu rosnei de frustração baixinho ao perceber que não conseguia mais ouvi-lo. Ele devia estar usando uma bolha silenciadora para esconder os próprios movimentos, e tive a terrível sensação de estar sendo caçado ali embaixo, no escuro.

Abaixei-me para a esquerda e para a direita, desviando de todas as máquinas que conseguisse alcançar enquanto tentava

voltar para a entrada do túnel. Era minha única esperança. Eu precisava fugir dali, dele, voltar para os túneis e subir, subir, subir, até a liberdade.

"Para onde você está correndo, boneca?" A voz de Nixon veio de algum lugar à minha direita e eu ofeguei quando me virei, encontrando-o pairando perto do teto enquanto ele usava sua Magia do Ar para se erguer acima de tudo e me encontrar.

Seus lábios se curvaram em um sorriso cruel e predatório, e eu nem tive a chance de gritar antes que outra rajada de vento me atingisse e me jogasse contra um tanque de água no canto da sala.

A pressão da magia aumentou à medida que me empurrava contra o tanque e, não importava o quanto eu me contorcesse e lutasse contra ela, eu não conseguia me libertar do controle que ela exercia sobre mim.

Nixon usou sua Magia do Ar para se abaixar até o chão na minha frente, sorrindo para mim com os olhos semicerrados enquanto seu olhar percorria meu corpo.

"Acho que deveríamos continuar de onde paramos da última vez que te coloquei em uma situação como essa," ele ronronou.

"Vai se foder," rosnei.

"Você deveria dizer '*sim, Nixy*'," ele disse com uma risada.

"Vou te matar," jurei. "Vou arrancar seu rosto com minhas próprias mãos, rasgar seu peito, arrancar seu coração pulsante do seu corpo e enfiá-lo na sua boca para você se engasgar."

"As palavras que você está procurando são '*sim, Nixy*'," repetiu ele, ignorando minha ameaça como se eu nem a tivesse

feito. “Que tal a gente jogar um joguinho? Você vai se desculpar pela grosseria que fez por me atacar. E vai me mostrar o quanto está arrependida me dando prazer do jeito que eu gosto.” Ele passou a mão na virilha e lambeu os lábios daquele jeito de Sapo que entregava sua Ordem enquanto me observava.

“Vá se foder,” sibilei. “Eu não tocaria no seu pau rançoso nem se fosse a chave para minha liberdade deste lugar.”

“Você vai aprender a amar o meu pau,” respondeu Nixon, balançando a cabeça. “Você vai aprender a amá-lo, implorar por ele e ronronar *‘sim, Nixy’* para mim, quando quiser. Você vai fazer isso ou eu vou contar para a diretora que te encontrei aqui embaixo mexendo no tanque de Supressor de Ordem bem quando o resto da prisão de repente teve acesso ao seu animal interior. Quantos anos você acha que ela vai acrescentar à sua sentença por isso?”

Uma sensação de enjoo surgiu na minha boca quando ele se aproximou e meu lábio superior se contraiu em desgosto.

“Eu levaria dez vidas neste inferno antes de deixá-lo me tocar,” eu sibilei.

“Na minha experiência, os briguentos geralmente perdem toda aquela bravata quando estou dentro deles,” disse ele, aumentando a pressão de sua Magia do Ar enquanto me prendia contra o tanque. “Vamos descobrir se você também vai?”

Nixon avançou para me agarrar e eu fiz a única coisa que me restava ao meu alcance: comecei a gritar e gritar. Nunca na minha vida precisei de ajuda como precisava naquele momento, mas faria o que fosse preciso para garantir que aquele filho da puta nunca encostasse em mim.

O punho de Nixon colidiu com meu rosto e sua Magia do Ar me libertou, fazendo com que eu pudesse cair no chão com o gosto de sangue cobrindo minha língua.

“Você vai implorar por isso,” disse ele em um tom baixo e perigoso. “Você vai dizer *‘por favor, Nixy’* antes que eu te dê.” Sua bota acertou minha barriga e eu gritei de dor enquanto rolava para longe dele novamente.

“Vá se foder.” Eu pulei e tentei correr, mas colidi com um escudo de ar sólido antes que pudesse dar mais do que alguns passos, e o punho de Nixon acertou meu queixo quando me virei para encará-lo.

Aquele filho da puta me prendeu aqui com ele e, enquanto eu me recuperava do golpe que ele me deu no rosto, eu sabia que teria que lutar com ele se quisesse escapar daqui.

Eu pulei nele com um uivo assassino e ele sorriu quando meu punho colidiu com outro escudo de ar que ele havia colocado ao redor de si, enviando estilhaços de dor através da minha mão, o que me fez ter quase certeza de que eu havia quebrado alguma coisa.

Nixon me deu outro soco enquanto eu tentava me recuperar e então me jogou para longe com a força de sua Magia do Ar antes de eu colidir com o escudo que me prendia mais uma vez e cair no chão com um grito de dor.

Eu não conseguiria lutar contra ele sem magia. Eu era tão inútil quanto uma mosca batendo as asas contra um pote de vidro. Mas eu não desistiria. Eu não cederia. Eu era Rosalie Oscura e não havia implorado para morrer nas mãos do meu pai, então certamente não faria isso por aquele canalha.

“*A morte e ritorno*,” rosnei, uma promessa em minhas palavras ainda mais forte do que eu jamais havia dito antes.

“Só diga,” ele insistiu, com um olhar que dizia que tinha certeza de que eu diria no final. “*Por favor, Nixy.*”

Cuspi sangue da minha boca, meu peito arfando enquanto eu ofegava, e abri meus lábios em outro grito, recusando-me a ceder a ele. Eu morreria primeiro. Mas eu estava começando a achar que ele também estava bem com essa opção.



A dor queimava minha carne e eu me perguntava a que inferno eu estava sendo submetido agora, enquanto o Beloriano corria comigo em seus braços. Talvez seu corpo tivesse sido projetado para infligir dor, canalizando-a para dentro de mim. Talvez eu estivesse morrendo. Porque minha cabeça girava e eu me sentia como se estivesse sendo socado e chutado e...

"Sou eu," grunhiu o Beloriano e eu gritei, debatendo-me com mais força, certo de que havia enlouquecido. Um de seus espinhos venenosos devia ter me cortado e agora eu estava nas garras da morte, para nunca mais ver minha linda companheira. Ele ia me levar para algum canto escuro da prisão e me sugar até secar como uma mosca na garra de uma aranha.

A fera entrou em um corredor e me jogou de costas, inclinando-se na minha cara com cem dentes afiados brilhando para mim.

"Argh!" Rugi, dando um soco furioso na parte carnuda acima de suas mandíbulas abertas e jurei que fez um barulho como *ai.*

O monstro se moveu acima de mim e de repente eu estava deitado sob as pernas abertas de um Sin muito nu e com uma

aparência muito presunçosa.

“Ei, cara!” Ele gritou alegremente e eu estremeci quando ele se abaixou e me ajudou a ficar de pé. Minha mente levou um momento para compreender o fato de que eu não estava mais prestes a ser devorado, embora a agonia em meus membros persistisse.

“Sin?” Eu respirei fundo, sem saber que porra eu tinha acabado de testemunhar.

“Me transformei na fantasia sexual do Beloriano para que ele não me comesse.” Ele sorriu radiante. “Hora de ir.” Ele me pegou pelo braço, me arrastando por duas portas de vidro fosco, e percebi que estávamos de volta à biblioteca. “Vamos, não podemos nos atrasar.”

“Por que diabos você deixou essa coisa sair?” Rosnei furiosamente enquanto ele me arrastava pelo corredor entre as prateleiras que levavam em direção ao túnel.

“Eu e Rosalie tínhamos um plano secreto,” ele disse com um sorriso irônico.

“Não,” respondi bruscamente. “Não havia nenhum plano. Ela te disse para não soltar.”

Ele só riu como se eu fosse o louco e eu tentei me concentrar nos aspectos positivos enquanto chegávamos ao túnel. Eu tinha Sin. Ele estava bem. Maluco pra caramba, mas ainda bem. E eu poderia dar uma surra nele por essa besteira mais tarde. Por enquanto, tínhamos que correr para salvar nossas vidas.

Entramos no túnel lado a lado, levantando-nos quando ele se abriu e a passagem se bifurcou diante de nós. Um caminho levava

à superfície e o outro, ao nível de manutenção. Apesar de toda a adrenalina ainda correr em minhas veias por quase pensar que eu era um homem morto, um sorriso surgiu em meus lábios. Era isso. Estávamos saindo.

Mas, ao dar um passo para dentro do túnel que levava à nossa liberdade, um grito de gelar o sangue ecoou da passagem que levava à manutenção. A dor percorreu meu corpo novamente e eu me curvei para a frente com uma percepção repugnante. Sin não havia me machucado em sua forma Beloriano; eu sentia a dor dela o tempo todo. Como pude ser tão estúpido?

“Rosalie precisa de nós,” eu disse ofegante em meio à dor.

Antes que eu pudesse pensar, eu estava tirando a roupa e correndo em sua direção com Sin Wilder ao meu lado e uma causa comum nos unindo. *Estou chegando, Rosalie!*



Eu ofegava com a dor do que eu tinha certeza que eram costelas quebradas no meu lado direito enquanto me arrastava para longe de Nixon e seu olhar zombeteiro, e minha mente girava com a necessidade desesperada de algum tipo de plano, mas eu estava sem ideias e começando a pensar que realmente poderia morrer ali nas mãos daquele pedaço de merda covarde.

Se eu tivesse a minha magia na ponta dos dedos, ele estaria sangrando aos meus pés no momento em que tudo começou. Mas, do jeito que estava, eu me sentia como um mortal brincando de guerra contra um deus.

“Se você tivesse que me enfrentar, Fae contra Fae, você estaria engasgando com seus próprios intestinos agora mesmo, seu *pezzo di merda*,” rosnei enquanto me afastava dele e conseguia me levantar novamente.

Eu estava ensanguentada e machucada, mas nunca quebrada. Não havia chance disso acontecer. Eu precisava me afastar dele, precisava escapar daquele lugar e nunca olhar para trás.

Nixon fez beicinho, triste, enquanto me perseguia. “Pense em

como será bom quando eu for carinhoso com você,” ronronou. “Pense em como eu posso te curar depois que você fizer Nixy feliz.”

Recuei novamente, mas ele usou sua Magia do Ar para me impedir, lambendo os lábios enquanto me olhava com uma expressão pensativa.

“Talvez quando começarmos você perceba o quão bom pode ser virar minha amiga?” Ele sugeriu, e vômito honesto pelas estrelas subiu pela minha garganta.

Minha pele começou a brilhar com a luz pálida da lua enquanto meus dons de loba da lua surgiam em meu corpo diante da necessidade desesperada de escapar e, no momento em que a mão de Nixon tentou se fechar em meu braço, seus dedos simplesmente passaram por mim como se eu nem estivesse ali.

Seus lábios se separaram em choque e confusão e eu sorri triunfantemente por meio segundo antes de avistar um enorme monstro cinza atrás dele, com seis pernas e uma mandíbula escancarada cheia de dentes afiados como navalhas, e um grito de terror absoluto escapou dos meus lábios.

Nixon se virou quando o Beloriano bateu suas garras contra o topo de seu escudo de ar com um grito assassino e eu pulei para longe dele, mesmo com a magia conseguindo resistir.

Nixon praguejou, usando todo o seu poder para tentar manter o monstro afastado enquanto se afastava de mim e eu congelei enquanto olhava para ele, o medo me paralisando por um momento.

Um uivo baixo e profundo me tirou do meu pânico momentâneo enquanto o Beloriano continuava a bater suas

garras contra o topo do escudo de ar e eu agarrei a parte de trás do cabelo de Nixon antes de bater sua cabeça contra o tanque de água ao nosso lado com toda a minha força.

Nixon gritou e seu escudo se estilhaçou, permitindo que o Beloriano investisse contra nós com um grito de fome.

Eu pulei para longe, correndo com a esperança de que o animal fosse atrás de Nixon primeiro e de repente fiquei cara a cara com um enorme Lobo preto.

Ethan latiu um cumprimento antes de pular sobre mim, e eu me virei para olhar para Nixon e o Beloriano. Só que não era mais um Beloriano. Era um Sin Wilder pelado que segurava o guarda pelo pescoço enquanto tentava arrancar a vida dele.

Nixon se virou e jogou as mãos no peito de Sin, então o Incubus foi jogado para longe dele por sua magia, voando pelo ar acima de mim, onde ele se transformou bem acima de mim em um Pegasus roxo com um pau enorme balançando entre suas pernas.

Alívio tomou conta de mim ao encontrar os dois ali e fiquei tão feliz em vê-los que nem me importei com o enorme pau de cavalo quase me atingindo na nuca enquanto Sin mergulhava em direção ao chão novamente e investia contra Nixon com a cabeça abaixada, um chifre prateado brilhante apontado direto para a bunda do guarda.

Ethan atacou Nixon com os dentes arreganhados, mas outra rajada de Magia do Ar jogou os dois para trás antes que pudessem alcançá-lo.

Nixon arrancou o rádio do cinto e o levou à boca. “Preciso de ajuda!” Gritou. “Estou no chão...”

Sin se transformou em um homem com cabelos brancos como gelo e dois pênis, jogando a mão em direção a Nixon e disparando um raio de eletricidade da ponta dos dedos que perfurou o escudo de ar antes de atingir o rádio e destruí-lo.

Corri para frente com um grito ao perceber a oportunidade de derrotá-lo e senti Ethan correndo atrás de mim também. Que se dane lutar contra Fae contra Fae. Esse *stronzo* era covarde demais para vir até mim com minha magia, então eu iria até ele com meus homens atrás de mim e mostraria exatamente com quem ele estava se metendo.

Nixon estendeu a mão e eu consegui me esquivar antes que a rajada de vento passasse por cima do meu ombro, mas o uivo de fúria de Ethan revelou que ele havia sido jogado para trás mais uma vez.

Sin mudou novamente, transformando-se em algo tão pequeno que eu nem conseguia mais vê-lo, e a atenção de Nixon se voltou para mim.

Dei um soco na cara dele antes que ele agarrasse meu cabelo e me jogasse contra a caixa d'água. Pisei forte no peito do pé dele e ele xingou alto antes de me jogar para longe com outra rajada de vento.

Caí pesadamente, batendo em uma caixa de ferramentas que se espalhou por todo lugar ao meu redor, e meu olhar se fixou em uma chave de fenda que rolava pelo chão na minha frente.

Ethan avançou furiosamente em direção a Nixon e eu agarrei a chave de fenda enquanto me levantava e corri atrás dele também.

Nixon lançou ar em nós novamente, mas era pouco mais que

uma brisa forte e seus olhos saltaram das órbitas quando ele percebeu que estava exausto.

Eu gritei em vitória quando Ethan atacou e Nixon gritou, jogando as mãos para cima e expelindo uma última rajada de ar que conseguiu derrubar Ethan novamente.

Sin de repente se materializou atrás dele, passando um braço grosso em volta do pescoço de Nixon e imobilizando-o por um momento antes de eu enfiar a chave de fenda em seu peito.

Eu gritei enquanto o esfaqueava repetidamente, sangue voando e minha fúria completa por esse monstro me preencheu por alguns momentos de absoluta sede de sangue que pareceu me consumir completamente.

Soltei a chave de fenda enquanto ela ainda estava alojada em seu peito, cambaleando para trás com um uivo no momento em que Ethan reapareceu ao meu lado e voltou à forma Fae.

Nixon ainda se debatia nas garras de Sin, com os olhos arregalados ao ver a morte se aproximando em asas velozes, e Ethan arrancou o controle remoto da algema da corrente em volta do pescoço. Observei enquanto ele apertava rapidamente alguns botões e agarrava a mão de Nixon, forçando-o a pressionar o dispositivo para liberar sua assinatura mágica.

A luz das minhas algemas se apagou um segundo antes delas caírem completamente dos meus pulsos e eu gemi de prazer quando minha conexão com minha magia retornou como uma inundação do mais maravilhoso êxtase.

Sin riu alto, mudando a pegada de Nixon e arrancando a chave de fenda do seu peito antes de usar sua Magia de Fogo para derreter o metal e transformá-lo em uma lâmina. Nixon gritou um

momento antes de Sin passar a lâmina pela garganta e sangue espirrar para todos os lados enquanto Sin o jogava no chão entre nós.

Fiquei sem fôlego ao olhar para os dois homens nus e ensanguentados à minha frente e percebi que lhes devia a vida. Mas eu queria dar-lhes isso e muito mais. Queria torná-los meus de todas as maneiras possíveis. E eu tinha quase certeza de que aquele tinha sido o primeiro passo para selar esse destino para nós.

“Há alguma chance de termos tempo para uma transa de vitória?” Sin sugeriu com um brilho esperançoso nos olhos que dizia que não era uma piada completa.

“Acho que seria melhor a gente dar o fora daqui e deixar isso para depois, ok?” Sugeri com uma risada trêmula, e Ethan sorriu para mim enquanto dava um passo à frente e me puxava para seus braços.

“Você me deu um verdadeiro susto, amor,” ele murmurou enquanto se aninhava em mim e a loba dentro de mim abanava o rabo como uma cachorrinha satisfeita ao sentir a carne dele contra a minha.

“Eu sabia que você viria me salvar,” respondi suavemente, percebendo que havia verdade naquelas palavras. Ethan sempre viria quando eu precisasse dele, assim como eu iria por ele. As estrelas nos deram esse presente.

Uma magia de cura fluiu dele para mim e eu gemi quando todos os ferimentos que eu havia sofrido foram curados enquanto eu roubava um momento nos braços do meu companheiro.

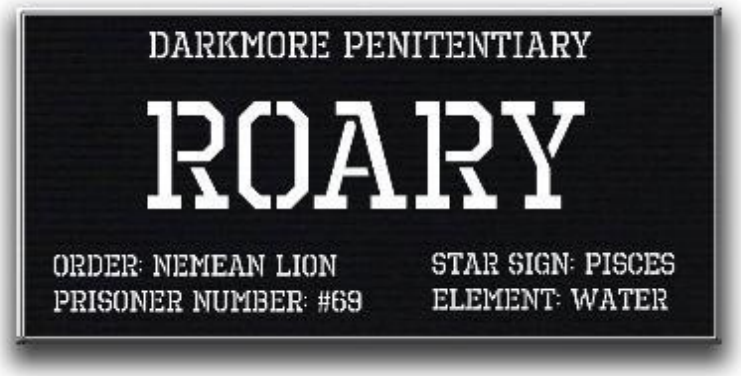
Sin também nos abraçou e aninhou-se em meu cabelo do

mesmo jeito que Ethan fez e, de alguma forma, isso fez esse momento parecer ainda mais doce.

“Só uma punheta rápida, então?” Sin sussurrou e eu ri, dando um tapa em seu peito para repreendê-lo.

“Acho que essa é a parte em que corremos,” lembrei-o e ele gemeu como uma criança que tinha acabado de ouvir que não podia comer doces no café da manhã.

“Então tá. Vamos dar o fora daqui.”



Corremos pelo túnel, subindo cada vez mais em direção à superfície, mas ele se estreitava novamente nessa extremidade até que fomos forçados a rastejar. Plunger não tivera tempo de tornar essa parte da passagem alta o suficiente para mais nada, mas Claud conseguiu se mover ao meu lado enquanto seguíamos Plunger, tentando evitar olhar diretamente para sua bunda nua na nossa cara. Estava escuro como breu ali, mas o nariz esquisito de Plunger, de toupeira, brilhava vermelho como o do Rudolph, então eu conseguia ver o suficiente.

"Por aqui, siga meu rabo," gritou Plunger. "Quase lá."

Virei-me e olhei para Gustard, que vinha logo atrás de mim, com os olhos brilhando de entusiasmo enquanto nos aproximávamos da liberdade. Brett, Sonny e Esme seguiam sua equipe, com Pudding na retaguarda. Ainda não havia sinal de Rosalie, e meu estômago se contraiu mais à medida que avançávamos. Ela já deveria ter nos alcançado com Sin e Ethan. Onde diabos eles estavam?

Eu temia o que aconteceria se chegássemos à superfície antes que eles nos alcançassem. Eu não iria a lugar nenhum sem

Rosalie, e ninguém mais.

“É melhor ela se apressar,” disse Gustard baixinho.

“Teremos que esperar antes de subir,” rosnei pela centésima vez e Gustard me respondeu com o silêncio de sempre.

Mas Dante não ia fritar a cerca até conseguir ver sua prima, e eu não ia deixar Gustard tomar nenhuma decisão estúpida e arruinar toda a operação. Se chegasse a hora, eu garantiria que ele e seus amigos psicopatas nunca vissem o luar nos esperando na superfície. De qualquer forma, não tínhamos intenção de deixá-los escapar. A haste que Rosalie tinha me dado pesava no meu bolso, e o peso dela me fez sentir muito melhor por ter aquele merda me apoiando.

“Ah, aqui estamos,” anunciou Plunger, mas não parei a tempo e minha bochecha colidiu com a pele flácida de sua bunda quando ele parou de se mover.

“Pelo amor de Deus,” rosnei, recuando um pouco, mas Gustard estava tão perto de mim que não havia para onde ir.

“Ela vai alcançar,” murmurou Claud, percebendo claramente meu humor, e acenei para ele.

Ele sorriu calorosamente, mas havia um brilho de preocupação em seus olhos. Eu não achava que nenhum de nós conseguiria relaxar até estarmos bem além das cercas e voando para outra parte de Solaria. Eu, com certeza, não conseguiria, de qualquer forma. Eu queria Rosalie em meus braços e pretendia nunca mais sair do seu lado. Estar separado dela agora, neste momento crucial, era uma agonia.

“Qual é o problema?” Gustard disparou.

“Chegamos ao fim do meu túnel, querido,” respondeu Plunger. “Preciso voltar a cavar nessa terra úmida.” Sua bunda balançava para frente e para trás na minha frente e eu recuei de nojo.

Plunger começou a cavar com suas garras curvas, engolindo a terra à medida que avançava, e o túnel se abriu surpreendentemente rápido à nossa frente. Seguimos em ritmo constante, subindo mais alto enquanto Plunger usava todo o corpo para apalpar as paredes, a pele grossa de sua forma deslocada perfeita para bater na lama e mantê-la no lugar. Totalmente nojento, mas extremamente eficaz.

“Mmm, consigo sentir o gosto do solo da superfície,” anunciou Plunger. “Estamos quase lá.”

Eu me arrastei atrás dele, olhando constantemente por cima do ombro ou aguçando os ouvidos em busca do som da voz de Rosalie, mas ela nunca veio. *Onde você está, querida? Depressa.*

“Nossa, tem um formigamentozinho na rocha aqui em cima,” gritou Plunger.

“O que você quer dizer?” Perguntei, mas também senti isso ao passar por um anel de rocha escura e um arrepio percorreu minha pele. “O que é isso?”

“Podemos estar perto de uma fonte elétrica,” disse Plunger, mas ele não parecia convencido.

Franzi a testa enquanto continuávamos, cada vez mais fundo na escuridão. Eu não gostava da sensação de estar tão confinado ali embaixo, especialmente porque o túnel estava se estreitando e meus ombros estavam ficando largos demais para o espaço. Claud teve que ficar para trás de mim e eu rosnei para Plunger, irritado.

“Faça-o mais largo,” exigi.

“Alguns de nós são muito maiores que um pequeno Rato-Toupeira,” gritou a voz de Pudding do fundo do grupo.

“Sim, são,” murmurou Plunger. “Demora mais se eu alargar.”

“Bem, temos tempo, ainda estamos esperando por Rosa,” eu disse firmemente e Plunger balançou a bunda em resposta, mas começou a alargar o túnel novamente enquanto nos movíamos.

Um leve tremor soou em algum lugar no chão e eu franzi a testa para o teto de lama acima de mim, rezando para que ele não desabasse sobre nossas cabeças.

O tremor aumentou e engoli a bola que subia na minha garganta.

“Tem certeza de que esse túnel é seguro?” Sibilei para Plunger.

“Seguro?” Ele estalou a língua. “Claro que é seguro.”

“Então que barulho é esse?” Rosnei enquanto outro tremor percorria a terra abaixo de mim.

Plunger parou de se mover, virando a cabeça para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, seu nariz de toupeira se contraindo enquanto tentava localizar a fonte do barulho.

Outro tremor percorreu a parede à minha esquerda e eu jurei que havia algo se movendo no chão. Mas isso não podia estar certo.

“Oh, Deus me livre,” Plunger sussurrou, parecendo assustado, e meu pulso acelerou.

“O que foi?” Perguntei.

Um barulho como o de uma explosão irrompeu pelo túnel atrás de mim e virei a cabeça enquanto terra era jogada sobre mim. Além de Gustard, um corpo enorme, rastejante e semelhante a uma cobra, cortava nosso túnel, abrindo caminho no meio de nós com sua boca escancarada e cheia de dentes. Um grito de medo se alojou na minha garganta enquanto eu observava a criatura monstruosa e, de repente, percebi que a umidade que cobria minha pele não era terra. Era sangue.

"Andem!" Gustard rugiu e a criatura verme desapareceu de volta no chão, com a cauda balançando atrás de si, permitindo que eu visse os outros membros da nossa equipe novamente através de uma névoa de destroços. Um dos homens de Gustard estava desaparecido e os outros dois gritavam, tentando se virar enquanto o pânico iluminava seus olhos. Minha respiração estava ofegante enquanto eu tentava descobrir o que fazer. A única coisa que *podíamos* fazer.

"Plunger! Vai!" Gritei, e o Shifter Toupeira mergulhou para frente, começando a cavar mais rápido do que nunca.

Eu rastejei atrás dele em ritmo acelerado e alguém conseguiu fazer os homens de Gustard seguirem atrás de nós também. Não havia outro lugar para ir a não ser em frente. Precisávamos sair dali.

Outro tremor fez meu coração disparar e Plunger de repente saltou para trás, pouco antes de um enorme verme cortar o caminho à sua frente, abrindo um enorme túnel no chão.

Plunger saiu cambaleando para o grande espaço que havia deixado para trás, conseguiu se levantar e então correu na direção de onde veio com um grito de medo, deixando todos nós

na escuridão total e impenetrável.



Eu acordei no chão, gemendo ao voltar a mim, liberto de um pesadelo do meu passado enquanto tudo lentamente se recompunha em minha mente. Havia um pesadelo mais importante para o qual eu precisava retornar, um em que eu era um homem e não um garoto com mãos ensanguentadas e um coração dolorido. Levantei-me de joelhos com um grunhido, a dor no braço causada pela marca da maldição diminuindo, mas ainda me incomodando. Mas desta vez parecia diferente, como se estivesse me incitando a me mexer.

Levantei-me, rosnando ao ver a barreira ainda me impedindo de chegar ao elevador, e meus ouvidos zumbiram com o som distante de um alarme zumbindo. Tudo voltou à minha mente de uma vez.

O Incubus.

O motim.

O maldito Supressor de Ordem.

Virei-me, disparando pelo corredor em direção à sala da diretora e jogando o ombro contra ela, quebrando a fechadura

enquanto forçava a entrada. Ela não estava trabalhando naquela noite, o que significava que eu estava oficialmente no comando e não ia ficar preso ali sem poder ajudar. Eu precisava descer até o andar de manutenção para descobrir o que havia acontecido com o gás Supressor de Ordem, e só havia uma maneira de fazer isso agora.

Corri até a mesa perfeitamente organizada da diretora e bati no painel lateral, abrindo a entrada do código de emergência. Cliquei no botão para o túnel de fuga. Era um segredo bem guardado pelos guardas e uma medida de segurança caso ocorresse exatamente esse tipo de situação.

Digitei o código e ouvi um barulho atrás de mim em algum lugar na parede, mas antes de me virar para a escotilha aberta, meus olhos pousaram em um bilhete escrito à mão sobre a mesa.

Sujeito para Projeto OTIF

12: Rosalie Oscura

Franzi a testa, sabendo que não tinha tempo para pensar nisso, mas não gostei de ver o nome de Rosalie naquele bilhete. No final, havia palavras rabiscadas que me fizeram sentir um aperto no estômago.

A transferência está na fase final de testes. É necessário um hospedeiro forte.

Cerrei o maxilar, forçando-me a desviar o olhar daquele bilhete e seguir em direção à escotilha que se abrira na parede.

Subi no pequeno espaço e desci por uma escada de metal até o túnel, caindo no chão com um som metálico. O longo túnel estava iluminado por uma luz azul suave, guiando o caminho à frente, e não perdi mais tempo. Disparei por ele com minha velocidade de Vampiro, usando a passagem para atravessar toda a extensão da prisão.

Encontrei outra escotilha na parede do outro lado de Darkmore e girei a roda de metal em sua superfície para abri-la. Empurrei-a para fora e coloquei a cabeça para fora no poço do elevador que dava acesso à prisão. Ninguém usaria o elevador naquela noite, então estendi a perna para a escada ao lado da escotilha, lançando um olhar para a escuridão infinita lá embaixo antes de começar a descer.

Usei minha velocidade para descer rapidamente, adentrando as profundezas da prisão, de olho nos números na parede que marcavam cada andar. Quando cheguei ao oitavo andar, estendi a mão para a escotilha, girei a roda e a abri completamente. Entrei em um vão que levava a outra escada, e desci por ela os dois últimos andares até a manutenção. Abri a escotilha sob meus pés e baixei a escada extensível do teto até o andar de baixo, correndo para a sala de manutenção.

Tudo estava quieto, o som familiar de canos zumbindo e máquinas zumbindo enchia meus ouvidos.

Atravessei o labirinto de equipamentos e reduzi a velocidade em frente ao tanque de Supressor de Ordem, olhando para o painel frontal. A palavra '*aviso*' piscou em letras vermelhas brilhantes na tela e franzi a testa, digitando um código para acessar o controle manual. Precisaria ser liberado, mas esse

processo poderia levar horas. E não tínhamos horas. Havia detentos correndo por toda a prisão e não demoraria muito para que eles sobrepujassem os guardas. Xinguei, sem escolha a não ser apertar os botões para iniciar o processo de reinicialização. Ainda tínhamos nossa magia e eles não. Se eu conseguisse bolar um plano e fazer os guardas trabalharem juntos, talvez pudéssemos reuni-los no Pátio da Ordem.

Uma poça de algo escuro e vermelho vazou de um corredor à minha esquerda. Respirei fundo ao ver o sangue correndo pela esquina, e meus olhos pousaram em um guarda mutilado no chão.

“Porra,” xinguei, correndo e o virando de costas. Os olhos sem vida de Nixon me encararam, suas feições ainda contorcidas pela dor da morte.

Fiz uma careta, soltei-o e me levantei, sem me importar com a possibilidade daquele babaca deixar este mundo. Que se danem as coisas ruins. Mas meu coração ainda batia forte, porque alguém tinha feito aquilo. Alguém tinha estado ali, matado um guarda e mexido com o tanque. Um grito distante me chamou e franzi a testa, confuso, disparando pela sala na direção de onde vinha, me encontrando em frente a uma parede, com um dos tijolos saindo dela em um ângulo estranho. Estendi a mão, puxei-o e um monte de tijolos caiu aos meus pés.

Meus lábios se abriram em choque e eu me inclinei para dentro do buraco que foi revelado, olhando para um túnel que desaparecia na escuridão.

“Puta merda!” Xinguei, empurrei mais tijolos para o lado e subi na passagem, usando minha velocidade de Vampiro para

perseguir o culpado.

Quem quer que tenha feito isso, claramente tinha um plano. Conseguiram construir este túnel, e daí se foram além? E se alguém estivesse tentando fazer o impossível e escapar de Darkmore?

Minhas presas ficaram afiadas e eu rosnei enquanto os caçava.

O sangue de Nixon ainda estava quente. Então eles não podiam estar longe. E jurei pelas estrelas que pegaria o babaca que achou que ia se safar dessa e lhe daria uma lição que ele não esqueceria.



“É estranho eu estar nu e no subsolo?” Perguntou Sin, com a voz ecoando enquanto subíamos pelo túnel a partir do nível de manutenção e tentávamos subir o mais rápido possível a ladeira íngreme no escuro. “Já estive nu em praticamente todos os lugares que você possa imaginar, mas nunca no subsolo como este. É uma sensação de safadeza, como se eu fosse um ladrão de túmulos e vocês fossem dois zumbis imundos que vieram me devorar.”

“Bom, eu não estou pelada,” lembrei-o. “Então Ethan vai ter que te devorar.”

“Estou bem com isso, contanto que você esteja assistindo, garota selvagem,” Sin ronronou e eu mordi o lábio para conter o riso, não me importando nem um pouco com a ideia.

“Continue sonhando,” rosnou Ethan. “Você vai ser quem vai chupar meu pau nessa situação. Eu sou o cara nesse ménage à trois que a gente tem.”

“Ah, eu gosto disso,” disse Sin. “Eu posso chupar seu pau enquanto você chupa a boceta da nossa garota e ela chupa o meu. Vai ser uma espécie de círculo... ou um triângulo, eu acho...

talvez se ela estiver sentada na sua cara e eu..."

"O que foi isso?" Sibilei, interrompendo-o quando um tremor percorreu o túnel ao nosso redor e nós três ficamos imóveis.

"Não ouvi nada além desse babaca tagarelando, amor," disse Ethan depois de um momento, pegando minha mão no escuro. "O que você acha que ouviu?"

"Foi mais como se eu tivesse sentido," sussurrei, aguçando os ouvidos enquanto colocava minha mão livre na parede do túnel e tentava ver se conseguia sentir de novo.

Usei minha Magia da Terra para alcançar a parede, procurando por qualquer sinal de que o túnel pudesse estar desabando ou algo do tipo, mas a estrutura parecia sólida.

Um grito distante chegou aos meus ouvidos enquanto nós três estávamos ali escutando e eu respirei fundo.

"Quem era?" Sibilei.

"Provavelmente só alguém envolvido nos tumultos," murmurou Ethan. "Não se esqueça de que esse idiota libertou o Beloriano."

"Falando nisso, vou chutar sua bunda quando sairmos daqui, Sin," rosnei e começamos a nos mover novamente.

Precisávamos estar perto da biblioteca e, quando chegássemos lá, só precisávamos nos apressar pelo outro túnel para encontrar os outros, cavar para sair dali, evitar os guardas de patrulha nas torres de vigia, torcer para que Dante realmente conseguisse derrubar uma cerca projetada para ser indestrutível, atravessar correndo um campo que provavelmente estava cheio de ainda mais armadilhas e ciladas e encontrar meu primo para dar

o fora daqui. Fácil.

“Vou cobrar isso de você, garota selvagem,” Sin disse animadamente e eu o xinguei baixinho.

“Talvez eu também não chupe seu pau nessa situação de triângulo que você está imaginando,” acrescentei, já que ele claramente não estava preocupado com o chute na bunda.

“Merda, qualquer um pensaria que você não queria o Beloriano solto!” Ele rosnou como se eu fosse a única irracional ali e um rosnado de frustração saiu dos meus lábios.

“Não. Eu te disse isso claramente,” insisti. Quando dobramos uma esquina e a luz da biblioteca finalmente iluminou o túnel à frente.

“Sim, mas você me lançou aquele olhar secreto de novo,” ele protestou.

“Não há olhar secreto, Sin,” sibilei, mas todos ficamos em silêncio quando um rugido profundo e gutural soou de algum lugar à nossa frente.

Lancei uma bolha silenciadora ao nosso redor enquanto meu coração disparava de medo e Ethan passou por mim, lançando gelo com a ponta dos dedos até formar uma parede de gelo à nossa frente, fina o suficiente para ver através. Ele encheu o ar ao nosso redor com cristais de gelo, fazendo a temperatura despencar e um arrepio percorreu minha pele.

Nós avançamos lentamente com Ethan movendo a barreira de gelo à nossa frente e calafrios que não tinham nada a ver com a temperatura percorreram minha espinha.

Quando chegamos ao buraco na parede onde a entrada da

biblioteca se abria diante de nós, Ethan se abaixou e pegou seu macacão do chão, jogando a cueca para Sin enquanto o vestia. O Incubus revirou os olhos, claramente sem se importar em guardar o pau, mas a coisa era uma distração e tanto, então eu concordava com Ethan nessa escolha.

Enquanto eles vestiam suas roupas, eu me agachei e rastejei em direção à abertura onde Ethan havia colocado a barreira de gelo e espiei o cômodo bem iluminado.

Respirei fundo quando o Beloriano passou correndo bem ali fora e recuei de repente, colidindo com as pernas de Ethan com um palavrão.

"Não se preocupe com o pobre bichinho," disse Sin, abaixando-se para dar uma olhada também. "Ele só está com fome, com tesão e solitário. Eu estava pensando que poderíamos levá-lo conosco, mas os túneis podem ser um pouco apertados..."

"Tem algo muito errado com você," rosnou Ethan, e eu mordi o lábio quando a criatura reapareceu, virando a cabeça lentamente como se estivesse procurando por algo. Procurando por *nós*.

"Ele não consegue ver o calor do nosso corpo através desse gelo, né?" Sussurrei, embora a bolha silenciadora ainda estivesse escondendo qualquer som que fizéssemos, mas falar em alto volume na frente daquela criatura me pareceu uma péssima ideia.

"Peguei você, querida. Essa coisa não pode nos ver," Ethan xingou e eu assenti enquanto permanecia onde estava, me perguntando se eu deveria simplesmente ceder essa parte do túnel para garantir que ela não pudesse nos seguir enquanto eu olhava para a passagem que levava à superfície.

No momento em que olhei naquela direção, um grito de gelar o sangue ecoou até mim e meus olhos se arregalaram de medo enquanto mais gritos o seguiam.

“O que...” comecei, mas antes que pudesse completar o pensamento, um corpo duro colidiu em mim e fui eu quem gritou enquanto era levantada do chão e carregada direto para o buraco que levava de volta para a biblioteca.

O cheiro familiar de Cain me envolveu meio segundo antes de atravessarmos a parede de gelo que Ethan havia construído e cairmos no chão, entre as estantes do outro lado.

“Mason!” Gritei, lutando para me libertar enquanto ele me derrubava e me prendia embaixo dele.

“Eu devia saber que seria você!” Ele rosnou na minha cara, com os olhos furiosos enquanto Ethan e Sin começavam a gritar atrás de nós.

“Você tem que sair de cima de mim,” rosnei. “O Beloriano...”

“Não me diga o que eu devo ou não fazer!” Berrou Cain. “E pensar que eu realmente acreditei que você...”

Um enorme pé com garras o atingiu, lançando-o para longe de mim, e eu gritei de terror quando o Beloriano o arremessou para longe, através da sala, antes que seu rosto sem olhos se virasse para mim.

Levantei minhas mãos, uma gaiola de espinhos crescendo para me cercar segundos antes do Beloriano se lançar sobre mim e um grito escapou dos meus lábios novamente quando seus dentes afundaram nos galhos espinhosos e começaram a arrancá-los em seu desespero para chegar até mim.

“Ei, garotão, lembra de mim?” Sin gritou de algum lugar atrás de mim e o ataque do Beloriano parou quando ele girou a cabeça e eu o vi se transformando na versão monstruosa de um sonho molhado pouco antes da coisa se afastar de mim e Sin decolar com o que eu jurava que era a versão monstruosa de uma risadinha sedutora enquanto ele a fazia persegui-lo.

Ethan apareceu acima de mim um momento depois, uma camada de gelo caindo sobre nós dois enquanto ele usava sua magia para gelar nossa carne e eu rapidamente desfiz a gaiola de espinhos que me cercava e o deixei me puxar para ficar de pé.

“Precisamos ir, amor,” ele rosnou, me puxando em direção ao túnel enquanto eu olhava por cima do ombro para ver onde Sin tinha ido parar.

Deixei Ethan me puxar em direção ao buraco na parede novamente, mas antes que déssemos mais do que alguns passos, Cain disparou na nossa frente e se colocou em nosso caminho, com chamas se enrolando em seus braços.

“Não ouse dar mais um passo,” ele rosnou, a fúria em seus olhos era algo selvagem e assustador.

“Mason,” sussurrei, abrindo caminho entre ele e Ethan enquanto meu companheiro formava duas adagas de gelo em suas mãos e mostrava os dentes de forma ameaçadora.

“Não seja idiota, Cain,” rosnou Ethan. “Você não pode esperar vencer nós três com nossa magia e Ordens intactas. Afaste-se, a menos que queira morrer em uma tentativa inútil de alcançar o impossível.”

Cain se irritou com a sugestão de que não poderia nos vencer e meu coração disparou quando vi o demônio em seus olhos, que

ele havia libertado contra Christopher e os outros para me proteger.

“Só nos deixe ir,” implorei. “Não queremos machucá-lo.”

O fogo ficou mais forte e um rugido de fúria ecoou pela sala vindo do Beloriano enquanto Sin começou a xingar em algum lugar atrás de nós, claramente de volta à sua forma Fae.

“Você sempre planejou isso, não é?” Perguntou Cain, com o olhar fixo em mim e cheio de traição. “Toda vez que estávamos no nível de manutenção. Toda vez que você sussurrava coisas no meu ouvido e tentava me fazer contar como este lugar era administrado...”

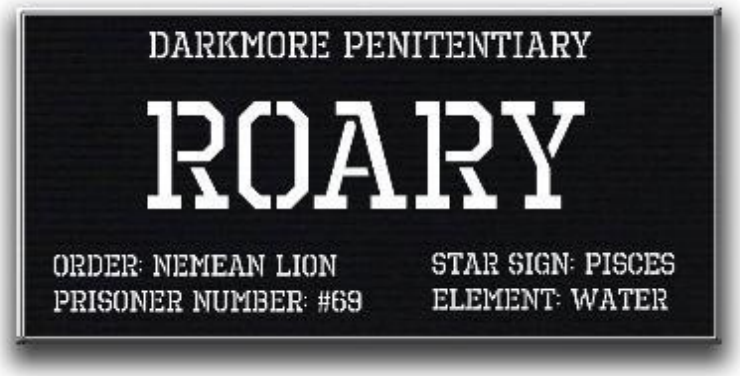
“É claro que ela estava te enganando, seu idiota,” rosnou Ethan. “O que mais você achou que era? Não pode ter pensado seriamente que ela *gostava* de você?”

Abri a boca para protestar, mas antes que eu pudesse, o Beloriano gritou atrás de nós e se lançou direto em direção a Cain, que atirou uma enorme bola de fogo para longe de si em retaliação.

Ethan rugiu em desafio enquanto atirava uma de suas adagas na fera, seguido por uma enxurrada de água.

Sin gritou como um louco e um tornado devastou a biblioteca ao seu comando, derrubando prateleiras enquanto toda a magia combinada colidia com a força de um tsunami e me derrubava.

Fui levada por um mar de vento e água e gritei de medo quando perdi todos de vista na carnificina.



Corri por um dos túneis criados pelos vermes sanguinários com Claud ao meu lado e gritos ecoando pela minha cabeça. Os túneis eram instáveis e todo o chão parecia tremer enquanto a terra caía do teto sobre mim. Eu não conseguia enxergar nada e corria com uma mão encostada na parede enquanto tentava encontrar uma saída. Mas a única maneira de sairmos dali era se encontrássemos o caminho de volta para o túnel de onde viemos. Eu simplesmente não sabia como conseguiríamos isso, cegos como morcegos sem a luz de Plunger para nos guiar.

“Continue, Roary,” Claud sussurrou, encorajando-o, com a voz um pouco trêmula. “Nós vamos conseguir. Só precisamos continuar.”

“Vamos. Temos que viver, porra,” eu disse, concordando.

Meu coração quase doeu no peito enquanto mais gritos vinham atrás de nós, mas não diminuí o passo, seguindo o túnel em que estávamos enquanto ele fazia uma curva acentuada para a direita. Eu tinha quase certeza de que estava indo na direção certa, então acelerei o passo, puxando Claud comigo enquanto o medo me percorria a espinha. Tentávamos ser o mais silenciosos

possível, sem saber como aquelas coisas caçavam, mas cada passo que dávamos soava tão alto quanto um tiro em meus ouvidos.

Uma luz vermelha fraca apareceu à minha frente e corri em sua direção com esperança no coração, certo de que devia ser Plunger.

"*Ei*," sibilei para tentar chamar sua atenção, mas ele não diminuiu o ritmo, abrindo um túnel na parede à nossa frente para tentar escapar.

Gustard surgiu de repente de uma passagem à minha direita, aberta pelos vermes, com seu macacão perfeitamente passado, agora respingado de sangue e o cabelo bagunçado que caía sobre seus olhos. Um de seus homens estava em seu encalço, mas não havia sinal do outro.

"Aquelas coisas comeram o Ronaldo," praguejou Gustard. "Você e sua puta vira-lata me levaram para a morte." Ele investiu contra mim, dando um soco na minha barriga e eu rosnei, empurrando-o um passo para trás no momento em que um forte tremor soou por perto.

Afastei-me cambaleando de Gustard, arrastando Claud para o outro lado do túnel enquanto os estrondos aumentavam. Meu coração disparou quando um daqueles vermes horríveis irrompeu pela parede à minha frente. Ele parou, seu rosto nada mais que dois olhinhos brancos com um nariz achatado que sugava o ar acima da boca larga, e tive a sensação de que ele sabia que estávamos todos ali. Cheirava a ovos podres e eu lutei contra a bile que subia pela minha garganta enquanto seu hálito nos inundava.

Tirei cuidadosamente a haste do bolso, pronto para me defender com tudo o que tinha, se fosse preciso.

Virou o rosto para Gustard e rezei para que se ocupasse em devorá-lo para que pudéssemos fugir. Plunger ainda estava se enterrando em seu próprio túnel, a luz de seu nariz se apagando lentamente enquanto ele tentava fugir.

De repente, o verme soltou um grunhido e se lançou sobre Gustard. O desgraçado agarrou seu próprio homem, girando-o à sua frente, e o verme o devorou com um som de sucção e sorção, enquanto o sujeito ainda gritava de dentro enquanto eu fugia com Claud nos meus calcanhares.

Cheguei ao túnel que Plunger havia feito, empurrando Claud à minha frente e seguindo-o enquanto tínhamos que rastejar para dentro dele. O som de alguém me perseguindo me disse que Gustard havia escapado da morte e estava bem atrás de mim. Cerrei os dentes de irritação, movendo-me cada vez mais rápido à medida que o túnel começava a descer abaixo de nós.

A luz vermelha à nossa frente iluminou de repente um espaço maior, e Claud se levantou com dificuldade antes de agarrar meu braço e me puxar para cima atrás dele. Se eu não me enganava, estávamos no túnel de antes, mas muito mais abaixo. Não havia como chegar à superfície agora. Eu sabia disso em meu coração e minhas entranhas afundaram como uma pedra enquanto todos nós começávamos a correr pela passagem o mais rápido que podíamos. O som de passos à nossa frente me encheu de alívio e olhei por cima da cabeça de Plunger, avistando Esme, Brett e Sonny correndo juntos. O túnel era pequeno demais para qualquer um de nós mudar, nossas formas de Ordem muito

maiores que nossas formas Fae, e eu temia que pudéssemos derrubar o teto inteiro sobre nossas cabeças se tentássemos.

Tremores sacudiam as paredes ao nosso redor enquanto corríamos, nos movendo o mais rápido possível para tentar voltar para a prisão.

Eu não ia morrer ali, em algum buraco no chão. Eu precisava voltar para Rosa. Eu havia aberto meu coração para ela. E eu não deixaria este mundo até reivindicá-la como minha.

O túnel fez uma curva acentuada para a esquerda e Claud de repente se virou e me empurrou para trás, fazendo-me escorregar na lama úmida sob meus pés, com a bunda batendo no chão. Um verme o atacou por trás, sua boca monstruosa se fechando em volta de suas pernas. Ele gritou descontroladamente e gritei de horror, mergulhando para frente e agarrando sua mão, largando a haste em meu desespero para salvá-lo.

“Não me solte!” Ordenei, e outro grito estrangulado escapou dele enquanto o verme o sorvia e o sugava cada vez mais fundo nas profundezas de sua boca horrível.

Chutei a fera, recusando-me a soltar meu amigo, mas a cada centímetro que eu avançava, o verme o tomava cada vez mais. Eu estava perdendo-o e praguejei e lutei para tentar me segurar enquanto ele continuava a gritar de agonia.

Um corpo pesado se chocou contra mim e as mãos de Pudding se fecharam sobre as minhas, tentando se agarrar a Claud, emprestando-me sua força enquanto o lançávamos para trás juntos. O verme chicoteou sua enorme cabeça feia para o lado, arrancando as mãos de Claud de nossas mãos e, com um som horrível de gorgolejo, engoliu meu amigo e seus gritos foram

silenciados para sempre.

“Não!” Rugi.

Ele era a única pessoa em quem eu realmente confiava naquele lugar desde que cheguei. Ele tinha uma família esperando por ele além de Darkmore, uma vida. Porra. Não, não, *não.*

A criatura veio em nossa direção e eu tateei em pânico em busca da minha arma, mal conseguindo ver alguma coisa enquanto a luz vermelha além do verme ficava cada vez mais fraca enquanto Plunger nos deixava para morrer.

Uma pedra roçou minha palma em vez da haste, e eu a agarrei, jogando-a com força na cara feia do verme, fazendo-o gritar de dor. Pudding percebeu, pegando suas próprias pedras e conseguindo jogar uma bem no olho dele.

O verme se virou, cambaleando em direção à parede oposta e abrindo um buraco nela, fazendo todo o túnel tremer enquanto ele deslizava para dentro da lama. Levantei-me com a respiração trêmula e Pudding avançou lentamente, olhando cautelosamente para o túnel em que havia desaparecido. O teto acima de nós tremeu e a terra começou a cair pesadamente sobre nós, fazendo-me sentir apavorado.

“Corra!” Gritei para Pudding, empurrando-o para a frente, e ele se moveu mais rápido do que eu já o tinha visto se mover enquanto o túnel começava a desabar atrás de nós.

Nós corremos para baixo, para baixo, para baixo, perseguindo o brilho fraco do nariz de Plunger no escuro, sem ter ideia de para onde os outros tinham ido ou se eles também tinham sido comidos enquanto a morte nos perseguia, o forte estrondo de

pedras e lama nos seguindo a um fio de cabelo atrás das minhas costas.

Pensei em Rosa e corri com passos firmes. Eu voltaria para ela. Eu precisava. Porque ela era dona do meu coração e da minha alma, e eu mal tivera tempo de merecer o amor que ela me oferecera. Tínhamos tanto tempo perdido para recuperar. O destino certamente não me tiraria dela agora.



Alguém gritava meu nome, mas minha cabeça zumbia devido ao impacto que tinha sofrido na parede e levei alguns instantes para reconhecer quem era.

“Vamos logo,” exigiu Ethan enquanto agarrava minha mão e me ajudava a me levantar. “Quando estivermos no túnel, use sua Magia de Terra para bloquear a entrada e ele não conseguirá nos seguir de qualquer maneira.”

Assenti, pressionando uma mão na têmpora por um momento enquanto curava o dano do ferimento que estava me deixando tonta e meus pensamentos rapidamente se aguçaram.

Estávamos em uma cúpula de gelo que Ethan havia criado para nos esconder do Beloriano e eu me virei enquanto olhava através da estrutura de vidro, procurando por Sin.

“Precisamos do Sin,” eu disse com firmeza. “Jerome vai nos matar e a todos que amamos se sairmos daqui sem ele.”

Não que essa fosse a única razão pela qual eu estava determinada a tirar o Incubus dali conosco, mas era a maneira mais simples de deixar claro para Ethan que isso não era assunto para nenhum tipo de discussão.

“Vamos encontrá-lo então,” Ethan concordou, acenando com a mão para dissipar o gelo ao nosso redor e então pegando minha mão para que ele pudesse usar sua magia para diminuir a temperatura dos nossos corpos.

O Beloriano rugiu em algum lugar além das pilhas de livros à nossa direita, e eu puxei a mão de Ethan enquanto estendia a minha mão livre à nossa frente e construía uma escada de madeira que se elevava do carpete para que pudéssemos subir. Corremos por ela até ficarmos no mesmo nível do topo das estantes, e eu construí uma ponte para atravessarmos entre elas.

Fiquei imóvel quando avistei o Beloriano perto da porta com Sin correndo para longe dela, lançando um halo de fogo acima de sua cabeça para atraí-lo em sua direção.

“Que diabos ele está fazendo?” Perguntei.

“Acho que ele está tentando tirar isso de você, amor. Você tem um jeito de fazer os malucos gostarem de você.”

Prendi a respiração quando o monstro saltou sobre ele e Sin se transformou, tornando-se de repente a versão feminina da criatura num piscar de olhos e sacudindo a bunda antes de sair correndo pelas portas da biblioteca com o Beloriano logo atrás dele.

“Sin!” Gritei, mas antes que eu pudesse ir atrás dele, um borrão de movimento veio em minha direção e Cain me arrancou dos braços de Ethan, me jogando para fora da ponte que eu havia criado e me fazendo cair no chão.

Estendi a mão e fiz uma cama de folhas para nos segurar enquanto caíamos, lutando descontroladamente sob Cain enquanto ele lutava para me prender nelas.

“Deixe-nos ir,” implorei, não porque achasse que ele poderia me impedir, mas porque eu realmente não queria machucá-lo.

“Por que diabos eu faria isso? Você me enganou, me usou, me fodeu como uma prostituta e ia sumir noite adentro sem nem pensar em mim de novo,” rosnou ele, furioso.

“Isso não é verdade,” rosnei. “Eu disse onde você poderia me encontrar. Queria que você viesse ao Monte Lupa.”

A testa de Cain franziu em confusão por um breve momento e seu aperto em mim afrouxou um pouco antes de Ethan atingi-lo com uma onda de Magia da Água que o fez cair de cima de mim.

Eu ofeguei enquanto me levantava com dificuldade, saltando na frente de Ethan enquanto ele forjava uma lança de gelo e a erguia na mão, pronto para arremessar.

“Deixe-o,” ordenei, com um tom de voz Alfa o suficiente para fazer meu companheiro parar.

“Ele não vai parar de vir atrás da gente, amor,” ele protestou, seu braço ficando tenso para o golpe e Cain aproveitou a chance para correr.

“Pegue Sin,” ordenei. “Eu posso lidar com Cain.”

Ethan hesitou por meio segundo, seu olhar cruzando com o meu por um instante antes de assentir uma vez e correr em direção às portas.

Cain correu pela sala e xinguei enquanto invocava chicotes feitos de videiras em minhas mãos.

Ele se atirou em mim, atirando um punhado de chamas em minha direção e eu me abaixei antes de chicotear meu braço em sua direção e atirar uma videira atrás dele.

Ele desviou para a esquerda e disparou mais fogo em minha direção enquanto saltava sobre a videira, desta vez tornando a bola de fogo tão grande que bloqueou minha visão. Mas eu conhecia aquela fera bem o suficiente para saber seus movimentos agora, e enquanto ele perseguia a bola de fogo diretamente em minha direção, cerrei os dentes e me mantive firme, erguendo um escudo de terra entre nós para absorver o golpe e deixando minhas videiras caírem no chão, esquecidas.

O fogo explodiu sobre minha cabeça e Cain atravessou meu escudo, espalhando terra sobre mim um momento antes de colidir comigo e me jogar contra a parede às minhas costas.

Ele rosnou para mim, com as presas à mostra, fúria e traição brilhando em seus olhos enquanto eu não fazia nenhum movimento para lutar contra ele, meus braços pendurados frouxos ao lado do corpo e seus dedos apertando minha cintura.

“Não era mentira,” eu disse com a voz áspera, fazendo-o parar apenas o tempo suficiente para que eu me inclinasse e pressionasse meus lábios nos dele, deixando-o saborear a verdade daquelas palavras e todas as coisas confusas e fodidas que eu não deveria sentir por ele no movimento da minha boca contra a dele.

Suas mãos apertaram minha cintura enquanto ele me empurrava contra a parede, rosnando enquanto me beijava, e uma única lágrima escorreu do meu olho, escorrendo pela minha bochecha e caindo contra seu queixo.

Cain se afastou quando sentiu, franzindo a testa para mim, confuso, antes de tentar levantar a mão para me tocar e perceber que não conseguia.

As videiras que eu havia enrolado em suas mãos eram firmes

e impenetráveis. Elas imobilizavam cada um de seus dedos e bloqueavam sua magia, tornando-a inútil.

Cain rosnou em fúria enquanto tentava quebrar as videiras com força bruta, usando sua força de Vampiro para arrancá-las do chão onde eu havia cultivado raízes profundas e fortes. Não adiantou. O Rei do Clã Oscura me ensinou a imobilizar um inimigo. Ninguém poderia romper aqueles laços a menos que eu os libertasse.

“Puta!” Rugiu Cain na minha cara, com o rosto marcado pela mágoa e pela traição.

“Eu só quero ser livre,” respondi, com outra lágrima escorrendo pela minha bochecha. “Eu não queria que isso acontecesse. Mas não estou triste por isso ter acontecido.”

Cain abriu a boca para responder no momento em que a porta se abriu com estrondo e Sin gritou de excitação enquanto corria de volta para nós com Ethan ao seu lado.

“A fera está dando um banquete com os Watchers,” gritou Sin. “Ele está tão feliz quanto uma arma biológica num churrasco!”

Afastei-me de Cain enquanto ele me olhava como se eu fosse uma estranha. Uma estranha que ele odiava com mais fúria do que eu jamais conhecera, mesmo nele.

“Preciso ir,” sussurrei enquanto ele me olhava feio.

Ethan e Sin apareceram entre as prateleiras, e Sin riu com uma excitação sombria e aterrorizante ao avistar Cain paralisado, indefeso e à nossa mercê. Ele acendeu chamas gêmeas nas mãos e seus olhos dançaram com sombras enquanto caminhava em direção ao guarda com a intenção assassina estampada no rosto.

“Não,” ordenei, me colocando em seu caminho. “Se você machucá-lo, Sin Wilder, eu te mato.”

Os lábios de Sin se abriram em choque e, na mesma hora, fizeram beicinho. “Eu sei que você quer transar com ele, garota selvagem, mas aquele desgraçado vai nos caçar até os confins da Terra se o deixarmos vivo.”

Levantei o queixo, encarando-o e avisando para recuar. “Talvez eu goste da caça.”

Ethan balançou a cabeça como se não soubesse o que fazer comigo, então agarrou minha mão e me puxou em direção ao túnel no fundo da sala.

“Precisamos nos apressar, amor,” ele insistiu e eu assenti, lançando um último olhar para Cain enquanto corria ao seu lado.

O maxilar de Cain estava se mexendo furiosamente e parecia que ele tinha algo a dizer, mas não tivemos tempo de descobrir o que era.

“Você nunca vai sair daqui!” Ele gritou no momento em que eu me abaixei para rastejar no buraco atrás da estante.

“Só fique nos observando, seu babaca,” Ethan respondeu com desdém.

“É sério,” rosnou Cain. “Ligamos a nova arma biológica hoje. Há um campo de força mágico subterrâneo cercando toda a prisão. Se você passar por ele, morre.”

“O quê?” Ofeguei, virando-me bruscamente com o coração na garganta e o encarei. “Que tipo de arma biológica?”

Cain apenas olhou para mim, mas que se dane.

Corri de volta para ele e dei um soco o mais forte que pude,

fazendo sua cabeça girar para o lado e seu lábio se abrir.

“O homem que eu amo está naquele túnel,” rosnei, com um medo percorrendo meu corpo como nunca havia sentido antes. “Então você vai me dizer do que diabos está falando, ou eu vou arrancar a verdade de você com as minhas próprias mãos.”

Cain me encarou com o lábio repuxado, parecendo que aquela declaração o havia machucado mais do que meu soco. “Amor? Não tem homens suficientes aqui entre nós três para você? Que outro pobre coitado você já enganou para cair nas suas mentiras? Se é assim que é ser amado por você, então sinto pena dele, porque você não passa de uma mentirosa egoísta e manipuladora. Não acredito que você seja capaz de sentir algo próximo do amor por alguém além de si mesmo.”

A loba dentro de mim levantou a cabeça e mostrou os dentes enquanto eu me preparava para ir com tudo naquele *stronzo*, no momento em que um grito ecoou pelos túneis e eu me virei de volta para ele.

Ethan se afastou do buraco na parede no momento em que Esme caiu e começou a soluçar enquanto ela se afastava.

“O que foi?” Ofeguei enquanto corria em sua direção e Sonny e Brett se lançaram direto em sua bunda.

“Vermes gigantes com dentes fodidos,” Sonny engasgou, com os olhos arregalados enquanto agarrava o braço de Brett e o puxava para longe do buraco. Eu nunca o tinha visto fugir de uma única coisa em todo o tempo em que o conhecia, e aquele horror em seus olhos fez todos os meus instintos explodirem em alerta.

“Onde está Roary?” Perguntei, sentindo um medo diferente de

tudo que eu já havia sentido antes, enquanto avançava na direção deles, e os três balançavam a cabeça, desesperançados.

"Todo mundo morreu," Sonny engasgou. "Aquelas coisas os comeram."

"Eles foram *comidos*!" Esme gritou novamente, agarrando os seios enquanto recuava ainda mais, como se temesse pela segurança deles.

"*Não*," sibilei, porque não era verdade. Não era. Roary não estava morto. Não havia a mínima chance do destino ser tão cruel a ponto de roubá-lo de mim depois de tudo que eu já havia sofrido na vida. Depois de tudo que *ele* havia sofrido. Eu não acreditaria. Não conseguia. Se eu sequer cogitasse a ideia, eu me quebraria em mil pedaços e definharia até virar nada.

Meu coração pulou e bateu num ritmo assassino enquanto eu balançava a cabeça em negação, tentando entender como diabos isso tinha acontecido, o que diabos tinha acontecido.

"Você me disse que eles só iam ligar o novo sistema no domingo," rosnei, virando-me e apontando para Cain enquanto tentava entender o que diabos estava acontecendo e como iríamos consertar. Porque tinha que ter conserto. De jeito nenhum eu consideraria outra alternativa. Roary estava bem e sairíamos dali hoje à noite para recomeçar nossas vidas. Não tinha acabado. Eu não conseguia aceitar que aquela noite terminasse assim. Depois de todas as promessas que fiz a ele. Não foi assim que aconteceu. Eu mesma reorganizaria as estrelas para salvá-lo, se fosse preciso.

"*Até* domingo. E não é como se eu tivesse motivo para te manter atualizada," Cain retrucou, amargamente. "Talvez você

devesse ter me contado sobre esse seu planinho, se ia depender tanto da minha ajuda."

"Vá se foder," Sin rosnou, caminhando em sua direção, mas eu lhe lancei um olhar de advertência enquanto disparava em direção ao túnel.

"Vou tirar o Roary daí," eu disse desafiadoramente enquanto me aproximava, minha Magia da Terra ondulando sob minha pele. Eu conseguiria encontrá-lo usando-a, rastrear sua localização usando as vibrações de seus passos e...

Uma figura apareceu no túnel antes que eu pudesse entrar, e meu coração se encheu de esperança antes de se despedaçar novamente quando Gustard se jogou para fora do buraco, seguido rapidamente por Pudding. Era claro que a barata havia sobrevivido, embora parecesse completamente abalado e estivesse coberto de sangue que não parecia ser dele.

"Onde está Roary?" Perguntei e Gustard riu amargamente.

"Morto. Junto com todo mundo. Graças a você e ao seu plano idiota." Ele investiu contra mim com fúria, mas Ethan o atacou antes mesmo que ele chegasse perto, seu punho colidindo com a bochecha de Gustard e o derrubando de bunda.

"Não," recusei novamente com um rosnado furioso, porque não era verdade. Eu não deixaria que fosse verdade. Se Roary estivesse morto, eu também estaria. Meu coração pertencera a ele por tanto tempo que simplesmente não havia a mínima chance de ainda estar batendo se não fosse por ele.

Um estrondo profundo veio do túnel e eu ofeguei esperançosa enquanto olhava para trás em busca de um sinal do homem que fez meu coração disparar com nada mais do que um pensamento.

Mas em vez de vê-lo correndo pelo túnel de volta para mim, um verme enorme irrompeu da escuridão, uma boca escancarada cheia de dentes afiados investindo diretamente contra mim enquanto eu estendia minhas mãos e direcionava minha magia contra ele com um grito de medo.

O túnel tremeu ao redor da criatura, as laterais dele desabaram enquanto eu reduzia toda a estrutura a nada, cerrando meus punhos com um grito quando o túnel desabou e eu o selei com uma camada da pedra mais grossa e afiada que consegui criar, cortando o monstro em dois antes de enterrá-lo.

"Não," ofeguei, me levantando de um salto enquanto Ethan agarrava meu braço e me puxava de volta com um puxão forte. Lágrimas escorriam pelo meu rosto quando a realidade do que eu tinha acabado de fazer me atingiu e percebi que Roary tinha ido.

"É tarde demais, amor," Ethan rosnou enquanto eu lutei contra ele, chutando e gritando enquanto me recusava a aceitar que meu Leão não voltaria para mim.

Eu gritava tão alto que minha garganta estava rasgando. Eu não conseguia aceitar. Como isso poderia ser verdade? Eu tinha vindo até aqui para salvá-lo. Eu só tinha aceitado esse trabalho por causa dele. O Leão que roubou meu coração antes mesmo de saber que eu existia e se tornou muito mais do que uma fantasia perfeita para mim. Ele era a pessoa neste lugar em quem eu podia confiar desde o primeiro dia, minha rocha, meu coração, minha alma. Se ele estava morto, então eu também estava. A dor era demais para suportar. Era demais para caralho...

Um estrondo ensurdecedor soou atrás de nós e a força dele quase me derrubou quando um pedaço da parede foi destruído e

um Plunger muito nu e muito nojento caiu no quarto com Roary caindo logo atrás dele.

Ethan me soltou enquanto eu soltava um suspiro surpresa e eu me lancei em direção a Roary com um grito de alívio enquanto pulava sobre ele, envolvendo meus braços e pernas em volta dele e apertando-o com tanta força que eu estava em perigo de quebrar ossos.

“Achei que tinha te perdido,” ofeguei, agarrando seu rosto entre as mãos e beijando-o com força e exigência enquanto ele me puxava para perto. Meu corpo inteiro tremia de dor, alívio e medo, mas ele me segurou com força suficiente para que isso não me consumisse.

“É muito mais difícil me matar do que isso, filhote,” ele provocou enquanto batia sua testa na minha e eu não consegui nem repreendê-lo por me chamar de filhote, porque ele estava bem ali, onde pertencia, e meu coração batia forte de alívio por tê-lo por perto novamente, e eu estava pintando as linhas de seu rosto com meus dedos enquanto me certificava de que ele estava bem.

“E agora, garota selvagem?” Sin perguntou casualmente, como se aquele fosse um dia normal e todo o nosso plano de fuga não tivesse dado errado.

Roary me colocou no chão e eu tentei fazer meu cérebro funcionar, para pensar em alguma coisa, qualquer coisa que pudéssemos fazer para salvar essa carnificina total que tinha sido o plano perfeito.

Passei a mão no rosto enquanto olhava ao redor para a devastação que havíamos causado ali, pensei no corpo do Nixon

na manutenção, sem mencionar o meu agente penitenciário, que ainda estava pregado no chão, observando tudo o que fazíamos. Estávamos ferrados. Sem sombra de dúvida.

Cain me encarou com um olhar amargo e odioso que fez meu sangue gelar. “Então é isso? O plano incrível da grande Rosalie Oscura? Parece que tudo o que vocês fizeram aqui foi uma bagunça e ganharam uma sentença de prisão perpétua neste inferno. Sem mencionar vários meses no buraco,” ele zombou, e eu me levantei, puxando Roary para perto de mim enquanto olhava entre os Fae aos quais eu havia prometido liberdade e lia a decepção em seus olhos. A aceitação. Mas que se dane.

“Quanto tempo temos antes que o FIB invada a prisão à força?” Perguntei, aproximando-me de Cain com o queixo cerrado.

“Desista agora. Vamos pegar leve com você. Mas não muito,” ele rosnou de volta.

“Responda-me, chefinho. E não se esqueça de que sou a única coisa entre você e a morte neste momento, então talvez seja melhor ser educado.”

O Cain mostrou as presas para mim e eu retribuí com um sorriso presunçoso que eu sabia que só o irritaria ainda mais. Mas eu não estava presunçosa. Eu estava me afogando. Tudo o que eu tinha feito, todos os meus melhores planos, tinham ido por água abaixo. E se eu não conseguisse inventar uma maneira milagrosa de consertar isso, eu realmente acabaria presa neste inferno por anos e anos enquanto minha vida passava.

O olhar de Cain percorreu meu rosto e o ódio se dissipou de seus olhos, dando-me um vislumbre da dor que o habitava. Eu havia arrancado o coração dele, e houve um tempo em que eu não

me importaria com isso. Mas agora doía tanto quanto se eu também tivesse arrancado o meu.

"Quanto tempo?" Sussurrei novamente só para ele, e seu maxilar pulsou como se ele estivesse considerando me responder ou não.

"Três dias," respondeu ele finalmente, num tom abafado. "A partir do momento em que o FIB for informado sobre a revolta, eles darão aos guardas três dias para resolverem a situação nós mesmos, desde que os atualizemos regularmente. Depois disso, eles vão encher o lugar com tantos agentes do FIB que vocês não vão conseguir se mexer por eles. E acredite, se você acha que os guardas são ruins, você realmente não viu nada comparado ao que aqueles desgraçados vão fazer."

Sorri e me afastei dele para me dirigir ao resto da sala. "Ouviram isso, pessoal? Parece que temos três dias sem guardas e a prisão inteira para executar o plano B e subir. Mais alguém acha que isso parece fácil demais?"

Ethan cruzou os braços. "A prisão está fechada, o Beloriano está solto, todos os psicopatas aqui têm acesso a sua forma de Ordem, ainda há pelo menos cem guardas rondando o lugar querendo nos trancar de novo, sem falar *nesse* filho da puta que literalmente sabe o que estamos planejando fazer e vamos ter que mantê-lo preso de alguma forma... supondo que você não mude de ideia sobre matá-lo. E a organização federal mais implacável do mundo está a caminho para nos prender e nos jogar no buraco em três dias," apontou ele com a testa franzida. "E você acha que sair daqui vai ser fácil, querida?"

"Você está delirando, Doze," rosnou Cain, olhando de um para

o outro. “Como diabos você espera sair daqui? Este lugar foi construído para manter monstros como vocês presos pelo resto da vida.”

“Simples, *stronzo*,” ronronei, virando-me para encará-lo e sorrindo abertamente para a fúria pura e penetrante em seus olhos enquanto Sin ria daquele jeito deliciosamente sombrio dele. “Você acabou de se tornar a nossa passagem para fora daqui.”

NOTA DAS AUTORAS

Oiiii, pessoal, como foi? Vocês estão bem? O final ficou um pouco intenso, não é? Mas não se preocupem, nós nunca mataríamos o Roary... no livro 2. É mais uma morte de fim de série, não acham? Não que estejamos dizendo que faríamos isso, claro, mas nunca diga nunca, né? Vocês estão chorando pelo Claud? Talvez estejam se perguntando se lembram dele do livro 1 ou não? Mas foi meio ruim para ele, deve ter sido uma morte horrível ser devorado por vermes com dentes, eu acho.

Podemos ter uma salva de palmas pelo fato de não termos estragado bolos para ninguém neste? Na verdade, eu acredito que nenhum alimento foi prejudicado na produção deste livro! (uhuu!!) Ah... teve Plunger colocando pelos pubianos na aveia, mas agora que penso nisso, ah, e a experiência dele no passado em que ele mergulhou a concha em sorvete de chocolate. Mas tudo bem, porque tenho certeza de que nenhum de vocês come nenhuma dessas coisas regularmente ou algo assim, então você definitivamente não vai ficar se perguntando se tem um fio de cabelo grisalho e cacheado nadando nele ou não na próxima vez que estiver comendo seu café da manhã ou sobremesa. Aliás, quem fez um pedido aos pelos pubianos? Se fez, o desejo era que não esmagássemos sua alma com este? Ele se realizou? Acho que este foi bem baixo em termos de esmagamento de almas na maior parte. Pelo menos deixamos vocês com esperança. Quer dizer, não é muita esperança, mas com certeza há um fio ali.

Muito amor,

Susanne e Caroline xxx

Notas

[←1]

Trecho da música Do Like to Be Beside the Seaside escrita por John A. Glover-Kind. Tradução: Ah, eu gosto mesmo de estar à beira-mar!

[←2]

Estou morrendo, estou morrendo e vocês são todos tão estúpidos.